

UNESP - Biblioteca - Assis

Class.: 0R050

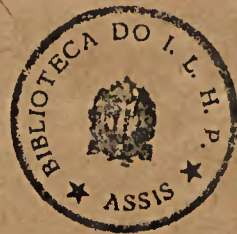
Tombo/Tit.: 1084

REVISTA
DO
BRASIL

VOLUME VI

SETEMBRO-DEZEMBRO DE 1917

ANNO II



PROPRIEDADE DE UMA SOCIEDADE ANONYMA

S. PAULO - BRASIL

20292



DIRECTORES:

L. P. BARRETTO,
JULIO MESQUITA,
ALFREDO PUJOL.

REDACTOR-CHEFE:

PLINIO BARRETO.

SECRETARIO-GERENTE: J. M. PINHEIRO JUNIOR.

50525



REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

JORGE DE LORENA	Defesa Nacional	3
MÁRIO PINTO SERVÁ	Os partidos políticos e a vida nacional	24
ALCEU AMOROSO LIMA	O exodo	30
SOUZA BANDEIRA	Figuras mortas.	40
ALBERTO DE OLIVEIRA.	Sonetos.	51
JOSÉ MARIA BELLO	Helena B...	54
MÁRIO MELLO.	Fernando de Noronha	63
GODOFREDO RANGEL	Vida ociosa (romance).	68
COLLABORADORES	Resenha do mez	83

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 21 · ANNO II

VOL. VI

SETEMBRO, 1917

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ — Liga Nacionalista — Bibliographia — Portugal e Brasil — A situação nacional (discurso de *Ruy Barbosa*) — Os jornalistas da Independencia (*Basilio de Magalhães*) — *Notas de Sciencia*, O pão com agua do mar — O passaro-sapato, — Helios Seelinger (*Monteiro Lobato*) — Carlos Peixoto (*João Luso*) — S. Paulo no seculo XVI (*A. E. Tainay*) — Sobre a lingua portugueza (*Celso Vieira*) — Um pintor de elegancias — A Amazona — Baudelaire — Os amores de Augusto Comte e Clotilde de Vaux — Os prisioneiros de guerra — As caricaturas do mez. ILLUSTRAÇÕES: *Caravela*, *Cavalllos marinhos*, *Paizagem* e *Sereia*, quadro de Helios Seelinger.

As assignaturas começam em qualquer tempo
e terminam em Junho ou Dezembro

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO
ALFREDO PUJOL SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS PARA 1917:

ANNO	15\$000
SÉIS MEZES	8\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recbe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que descjarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecera talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correlo 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medea especialmente das crianças — Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIAES:

O SEGUNDO TABELLIXO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commerlo, 7 — Teleph. 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio: Travessa do Commerlo 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Comercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Central) — Rua Alvares Penteadó — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107. — Rio: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 881. — S. Paulo: Rua Boa Vista, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. Telegrammas: "Belli", Genova (Italia), Piazza Seuole Pio X — Casella 1.459. End. tel. "Bellico".

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO — Emilio Rocco — Novidades em case-mira ingleza. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 5151 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, caudelas de casas de penhores e do Monte de Socorro de S. Paulo

— A CASA MARCELLINO compra e paga bem. — Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

CASA PAULISTA, de Moysés Gandellman — Moveis, eamas de ferro esmaltado, colchões, tapetes, etc., a dinheiro e a prestações. Rua Barão de Itapetininga, 14-A — Tel. 3046 Central. S. Paulo.

Joallierie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 de NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes et Marbres

d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à PARIS - 30, RUE DROUOT, 30

Loteria de São Paulo

PARA 5 DE OUTUBRO

40:000\$000

POR 3\$600

**Os bilhetes estão á
venda em toda a parte**

DEFESA NACIONAL

CARTA A MARIO DE ALENCAR

Da Europa — 15 de Fevereiro de 1917.

Quando, ha mais de tres annos, appareceu, meu querido amigo, o teu livrinho, tão elegante como original e sincero, *Se eu fosse politico*, foi grande o interêsse com que o li. Não só o li, mas o ponderei, e o discuti commigo mesmo, e contigo ainda, em longas paginas que, por motivos diversos, ficaram até hoje entre os meus papeis. Admirei-o a um tempo como trabalho de publicista e como obra de arte, sem que um dos aspectos prejudicasse nunca o outro. Fructo de uma noite de insomnia o definias tu; insomnia singularmente lucida e fecunda. Tu a passáras, não no encalço de imagens extravagantes e inconsistentes, mas no exame attento dos factos e dos seus corollarios. Tal cunho traziam todas as tuas ideas vasadas nesse estylo limpido, sereno, equilibrado, de attica sobriedade e aristocratica distincção, que encanta em qualquer assumpto que trate, e surprende, pela raridade do caso, em materia politica. Pois quem negaria, por exemplo, aos teus projectos sobre a distribuição dos poderes e o orçamento geral, dotes de bello e harmonico desenho, e quem se poderia justificar de não os levar em conta, não digo como objecto de applicação immediata, mas como materia de deferente meditação? Havia, entretanto, no teu escripto alguns pontos, em que, sem me dissimular a importancia dos teus argumentos, eu divergia e continuo a divergir de ti.

A carta que recentemente dirigiste ao senhor Presidente da Republica (nas columnas do *Jornal* de 25 de Dezembro) dá uma renovação de actualidade a esses argumentos, que nella reproduzes, e as impressões que em mim despertaram. Acresce que do declínio de 1913 para cá, muitas cousas mudaram, a vida assumiu, para a humanidade em geral, e para cada nação em particular, aspectos muito mais graves, e quanto a nós, brasileiros, os problemas que já naquella época eram urgentes se tornaram urgentissimos. Acresce ainda que a preocupação d'esses problemas, já então existente, mas, por assim dizer, vaga em cérebros esparsos, acabou por formular-se em designios concretos, praticos, mercê da boa vontade de um grupo de patriotas, que accendera em zêlo a eloquencia persuasiva de Olavo Bilac.

Na carta citada, é em parte contra o rumo por elles tomado, que te manifestas, reconhecendo-lhes embora a autoridade moral, a pureza e a nobreza das intenções. A regeneração nacional é o programma d'elles, é o teu, é o nosso; profundo, complexo e arduo programma. Quantos elementos abranja, em quantos capitulos se divida, o tempo se irá incumbindo de mostrar. Triplice, porém, sabemos desde já que ha de ser: intellectual, civico e economico. Nisto estamos todos de accordo; e quão fortemente sentirás tu tal necessidade, tendo, como poucos, o conceito synthetico da patria, unidade ethnica e historica, immutavel na consciencia da propria identidade atravez das vicissitudes da sua evolução!

Mas, por um extranho phenomeno, esquecendo, acaso, que a grande maioria do nosso povo dormita ainda em chronica apathia, que a impede de valorisar e até de perceber as suas não communs potencialidades nativas, pareces confiar a sua transformação, após quatro séculos de experiencia, ao occulto e espontaneo labor physiologico do seu somno, e esperar que d'esse somno reparador o Brasil surja de repente habil, agil e alacre para todas as tarefas e todas as luctas! Não posso explicar de outro modo o reproche, que fazes aos fundadores da Liga da defesa nacional, de se guiarem por impulso "de poesia imaginosa, de philosophia abstracta e de patriotismo alarmado", e "assentarem o seu programma sôbre dados théoricos e preconceitos, com que se lhes affigura facil a transformação radical de todo um povo, pelo effeito da vontade, pela catechi-

sação cívica, pelo exercício militar, e pela adequação forçada dos indivíduos ao seu mister de expoente social”.

Ponderemos juntos agora os argumentos que oppões a esses planos; discutamol-os, com aquella cordial franqueza propria da nossa existencia quasi inteira de intimidade espiritual, e de genuina fraternidade affectiva. Divergencias em tal caso, e quando ha de ambos os lados sincero desejo de acertar, só podem ser fecundas. Nem te desagradará, seguramente, que eu busque ambiente mais vasto que o da correspondencia privada. Sem me demorar na consideração da minha pouco ou nenhuma autoridade, reflecto simplesmente estar aberto um debate, em que é, não só licito, mas vantajoso, falar quem quer que tenha alguma cousa a dizer. Nenhuma voz, por mais obscura, é importuna, ou apenas inopportuna, quando, sem presumir demasiado de si mesma, se sente docil instrumento da razão.

Tu acoimas de chimericos os fundadores da Liga da defesa nacional, mas, para começar, lhes oppões uma idea, a meu ver, bem chimerica, no que chamas direito de ignorancia, corollario, affirmas, da liberdade espiritual — sem determinares, aliás, por quem tal direito deva ser exercido. Pelas crianças? Não o pretenderás tu proprio. Pelos paes? E haverá paes que, adequadamente informados do que fazem, ousem carregar com tamanha responsabilidade? Para a aquisição da graça divina, a religião catholica estatue uma tacita delegação de poderes dos recém-nascidos aos padrinhos, que em nome d'aquelles recitam a profissão de fé no acto do baptismo. Chegados á idade do discernimento, os antes baptisados a renovam com seus proprios labios. A idade do discernimento começa, observemol-o de passagem, aos sete annos, segundó a doutrina da Egreja. e esta, entretanto, não permittiria aos paes que até lá differissem o baptismo, sob o pretexto de não quererem ligar prenatamente a consciencia de seus filhos. Ora, para os effeitos da instrucção, as regras da boa hygiene moderna fixam como época inicial a idade mesma do discernimento; mas trata-se de um discernimento calculado nos seus minimos termos, e, de resto, cousas bem diferentes são a capacidade da graça e a capacidade civil. A idade da vadição determinada pela impossibilidade de conceber as normas do dever e a seriedade da vida se estende, para muitos, até os vinte e um annos! E como ha de ser coercivel se não pela autoridade paterna? Aos vinte e

um annos, como aos quarenta, aos sessenta, o peccador pode ser tocado de subito pela graça; mas será um pouco tarde para que o ignorante, que tal se conservou pela culposa desidia dos seus naturaes conselheiros e guias, comece a travar conhecimento com o abc. De resto, são, sob esse aspecto, realmente menores os mais d'elles, na nossa população de quasi oitenta por cento de analfabetos, e cabe sem duvida alguma ao Estado a funcção de tutor commum.

Não; não existe na realidade o direito de ignorancia; ou seria uma forma de individualismo a todo o transe, incompativel com a boa ordem social. Não existe, por que a ignorancia é, *sempre*, uma inferioridade, e tal inferioridade do maior numero redundaria em inferioridade da nação; ora, desde que por muitas e complexas circumstancias seria vão esperar da iniciativa privada que a eliminasse, é o Estado quem deve enérgicamente trabalhar para que o nosso paiz não continue a ser chamado com desdem paiz de ignorantes, como chamado foi, por muito tempo, paiz de escravos.

Não é que eu repute a instrucção primaria, ou mesmo a instrucção mais ampla, uma especie de panacéa móral. Tu um dia zombaste, com aguda justeza, d'aquelle engano da era romantica, decorado com o titulo de "idea nova". Sim, foi essa uma illusão éphemera; outras muitas desabrocharam naquelles annos, em que, após a vasta sangueira da Revolução franceza e das campanhas napoleonicas, parecia renascer a juventude, ou a infancia, do mundo... Então se dizia que, onde se abria uma escola, se fechava um carcere. Victor Hugo construiu sôbre essa base uma das suas solemnes e formidaveis antitheses poéticas. As letras do alfabeto foram comparadas ás estréllas (e, entre parentheses, a comparação é bella e acertada, que com esses pequenos signaes se têm composto palavras eternas, divinas, tão altas e luminosas como os astros na cupola nocturna)... Estamos de accordo; foi uma tollice presuppor na escola publica um instrumento de regeneração universal.

Mas não caíamos — que seria peor — no excesso contrario, sustentando que a instrucção, mesmo rudimentar, é um mal. O saber, em qualquer proporção e em qualquer género, é sempre, em si e por si, um bem. E não argumentemos com o abuso que de todos os bens se podem fazer, por que, então, des-

cambaríamos, logicamente, na negação integral da vida, no puro nihilismo.

Allega-se que a experiencia demonstra não haver diminuição na criminalidade, antes haver augmento, desde a diffusão geral do ensino primario. Mas pensa-se bastante no erro tão commum: *post hoc, ergo propter hoc*? A nossa época é a das estatisticas apressadas; de apressadas a tendenciosas, vae um passo apenas. Quantos outros elementos, e tão notorios, terão contribuido para o augmento da criminalidade? E' a composição inteira do nosso tempo, de desequilibrio economico, de concorrência feroz, de irreligião e de nevrose, que a favorece e incita.

Mas tu pareces appellar para um contraste entre o saber e a fé, que, com o fito de dar a esta a primazia, na realidade a deprimira, para quem, interpretando-te erradamente, concluisse que o seu ambiente natural é a ignorancia. Tu dizes: "Não sei de doutrina, não sei de livro que levante mais o espirito, que galvanise mais a coragem, que enfibre mais o caracter, que prepare mais a virtude, do que a simples e pura fé; e a fé não precisa do vehiculo da letra de fórmula, não é apanagio dos sabedores logicos; é a sabedoria do sentimento ingenuo, é filha da inspiração, é reflexo da intuição creadora". Da intuição creadora de qualquer homem, ou de alguns raros homens privilegiados, que têm o dom de communicar-a aos outros? E não existem acaso os livros da fé? não existem os livros por excellencia, reunidos sob o titulo geral de *Biblia*, que significa precisamente os livros? não é d'essas obras escriptas que brotam as exhortações oraes, das quaes se alimenta, em todo o orbe christão, a crença dos que não sabem ler?

Tu citas o exemplo do Christiauismo, que "nasceu num recanto obscuro da terra, germinou em corações ignorantes, e esgalhou no esplendor do heroismo e do martyrio entre a plebe miseravel das catacumbas de Roma". Isso teria valor de prova, se o Christiauismo, por tendencia e indole, houvesse parado ahi. Bem outras eram, porém, as suas nobres ambições, e bem outro foi o seu destino. Que importa, pois, as origens humildes? O primeiro nucleo de Roma foi um covil de foragidos no Palatino. Roma, porém, d'elle saiu bem depressa, alastrou-se pelas seis restantes collinas, pelo Lacio, pela peninsula, pelo continente, e assim foi que conquistou o mundo. Semelhante-

mente, o Christianismo partiu de Jerusalem, da Palestina, invadiu a Asia Menor, a Grecia, o Egypto, a Italia, a Europa, obedecendo os seus pregoeiros ao mando do Mestre: *Ite, docete omnes gentes*. Ja nos seus primeiros dias o prodigio das linguas de fogo chammejando sôbre as cabeças dos apóstolos reunidos assignalava o seu roteiro universal; ainda tomado como um mero symbolo, symbolo é sempre de maravilhoso alcance. A necessidade da propaganda escripta se faz tão cedo sentir, que a vida do Fundador fica logo exarada nos Evangelhos. Pedro, Thiago, João traçam as suas epistolas, e Paulo, o ultimo chegado, nas que compõe por sua vez, revela mais que os outros o dominio universal a que a nova religião aspira. A Urbe, o centro, ou, como diziam os romanos, o *caput mundi*, iustintivamente attrae os christãos da geração apostolica, por que de lá é que se irradia poderosos todos os movimentos capazes de convulsar ou aquietar o orbe.

Pouco a pouco, maré subterranea, o Christianismo ascende da sombra soturna das catacumbas ás casas dos patricios, dos letrados, dos philosophos, ao palacio dos Césares. Assimila das ideas do tempo o que é conciliavel com a sua estructura original, formula nos tratados dos Padres do Oriente e do Occidente, de um Athausio, de um Jeronymo, de um Agostinho, e mais tarde, na *Summa* de Thomaz de Aquiuo, a sua concepção do mundo natural e sobrenatural; influe preponderantemente pela acção dos Papas e dos Concilios na reorganisação da Europa sôbre as ruinas do Imperio devastado pelos barbaros; cria uma jurisprudencia propria, imprime o seu euho na poesia, na eloquencia, na pintura, na esculptura, na architectura; proclama seu, como faz até hoje, um direito de tutela sôbre todas as disciplinas em que se exerce o engenho humano, intervem activamente no estudo e na solução das questões sociaes; em fim, visando antes de tudo, por certo, o aperfeicoamento moral do homem, não só ao coração lhe fala, mas simultaneamente á intelligencia, á imaginação, á totalidade do seu ser. E nisto está o segredo da sua superioridade incomparavel...

Contraste entre o saber e a fé não deveria existir; se existe, é parcial e provisório, mas produzido por um estadio da civilisação, que temos de atravessar forçosamente. Quererias tu salvaguardar d'elle e dos seus perigos a "gente brasileira do interior", que consideras não inferior ua moralidade "á gente



lida das nossas cidades littoraneas"? Comprehando; mas um tal salto da infima insciencia á suprema cultura é, humanamente, impraticavel. Referindo-se á feliz condição dos seus comprouvianos da Bretanha, e confrontando-a com a meia instrucção dós camponezes e dos obreiros dos arredores de Paris, diz d'estes ultimos o poeta Brisenx, no prologo de *Marie*: "*Ils n'on plus l'ignorance qui retient dans le bien; la science qui vous y ramène, ils ne l'ont pas encore*".

Se hoje pndesse voltar á sua Bretanha, encontral-a-ia o mavioso cantor dos seus antigos costumes ingenuos e patriarchaes no estadio intermedio que deplorava nos suburbios da grande Capital. Por que a civilisação traz muito de bem e muito de mal; mas se ainda não se achou modo de rejeitar-lhe o mal só lhe aceitando o bem, muito menos o ha de impedir-lhe a marcha. Não se passa da candura da infancia ao equilibrio sereno da madurez se não atravez das paixões, dos erros e dos excessos da juventude.

De resto, não é por saberem ler e escrever, por versarem livros e discutirem problemas de economia politica, de metaphysica ou de esthetica, seguramente, que certos homens publicos são maus cidadãos, maus administradores, maus magistrados, ou maus pais de familia. Não demos a culpa nem ás escolas, nem ás bibliothecas, quando ella cabe a outros elementos, que nada têm de commum com a legitima vida do espirito. E parallelamente, reconhecendo embora que "na gente brasileira do interior" reside em germe uma grande esperanza para o futuro da patria, não nós embalemos na illusão de que ella a possa jámais realisar conservando-se tal como se acha, dominada pela indolencia, pelo empirismo, pela superstição, e por outros defeitos, que são fructos precisamente da ignorancia em que vegeta. O medo systematico nunca salvou ningnem de nenhum perigo; e pois que, sob pena de suicidio diante da concurrencia de populações estrangeiras mais progredidas, que hão de forçosamente entrar por essas regiões do nosso paiz para arroteal-as e exploral-as, ella tem de prestar-se á obra da civilisação, preparemola desde já virilmente para recebela, premunindo-a, pela instrucção e pela educação, na medida do possível, contra as *crises de crescimento*, que nenhum povo, como nenhum homem, logra evitar de todo.

Pela instrução e pela educação, acabo de dizer; porque uma deve sempre acompanhar a outra. E' a instrução divorciada da educação, e não a instrução em si, a causa dos muitos males que lamentas. E aqui toco, eu, creio, no ponto central e capital do teu escripto; no ponto, tambem, mais difficil de resolver. A quem ha de competir, entre nós, o dever de educar? ao Estado? Sigamos attentamente a tua argumentação.

Tu sustentas que a imposição do ensino primario ao povo acarreta para o Estado a obrigação de restabelecer a censura inquisitorial das producções da intelligencia; ou, em outros termos, que o Estado, obrigando os cidadãos a saber ler e escrever, assume a responsabilidade das suas leituras e dos seus escriptos. Não. O Estado, nessa materia como em outras muitas, fica na sua categoria de fornecedor em grande escala. O Estado não é responsavel pelo uso, nem sequer pelo abuso, que se possam commetter dos objectos não perigosos em si proprios, que colloca á disposição do publico. A não ser assim, devera-se decretar a censura permanente sôbre os telegraphos, por exemplo, e até abolir a inviolabilidade da correspondencia; por que esta e aquelles prestam incontestavelmente valioso auxilio á combinação de actos delictuosos, e a toda especie de tentativas de corrupção. Objectarás: O uso dos telégraphos e da correspondencia não é obrigatorio, é só permittido. Para o Estado como tu pareces concebê-lo, formador, fiscalizador e árbitro das consciencias, não ha moralmente differença alguma entre permittir e obrigar.

Mas tal não é, parece-me, a função do Estado. O Estado, assim como prohibe a venda das substancias venenosas, pode e deve prohibir a de escriptos pornographicos, ou que ensinem, digamos, a roubar. Crês tu, aliás, que a giria dos gatunos e assassinos, e a precoce explicação dos mysterios sexuaes, se transmitam por escripto? Bem sabes que se transmittem pela tradição oral, como outr'ora as rhapsodias homéricas.

Mas — observas ainda — temos certos jornaes, redigidos por gentes da qual não se exige documento algum de preparação intellectual, nem de respeitabilidade, e tão inçados, esses taes, de noções falsas, de erros crassos, de narrações e insinuações escandalosas, que constituem verdadeira peçonha para os espiritos simples, incultos, apenas versados no alphabeto, que, entretanto, fazem d'elles o seu alimento habitnal. E' uma cala-

midade, sem duvida. Mas então, logicamente, o Estado não se deveria limitar a deixar facultativo o ensino primario; deveria prohibilo com energia implacavel, para que ninguem pudesse ler jornaes... ou, pois que, segundo a nossa Constituição é aos não analfabetos que compete, por si ou pelos seus eleitos, governar o paiz, deveria supprimir os jornaes!

Não; o remédio d'essa chaga social não está na restricção do ensino primario; tanto mais que, de facto, os que não sabem ler, sabem ouvir, e sempre encontram quem lhes leia os jornaes. Não vemos a cada passo, nos suburbios e na roça, populares assentados á roda do barbeiro da localidade, que lê em voz alta as folhas do dia? A educação, só a educação, é que pode modificar pouco a pouco as preferencias do publico, levando-o a abandonar os maus jornaes pelos bons; que os ha ainda, e crescerão em numero á medida que lhes fôr crescendo a clientela.

Essa educação, porém, não pode, parece-me, caber *directamente* ao Estado, como, em épocas de maior simplicidade psicologica, na Israel de Moysés, em Esparta e Athenas, na Republica romana, ou ainda na idade média, quando, aliás, já a Igreja tomou ao Estado essa tarefa. Então, os principios em que se compendiava a formação humana eram poucos, solidos, aceitos por todos ou quasi; havia na immensa maioria da gente a docilidade de espirito necessaria para observar os limites que a autoridade resolvesse impôr ás discussões, e até ás pesquisas. Hoje os problemas moraes são e cada vez se tornam mais complexos; as divergencias entre os homens não se contam; a unidade espiritual está rôta ha muito. O Estado não é uma entidade abstracta; encarna-se em indivíduos e corporações, que têm a seu serviço a força armada e outros recursos coercivos, cuja posse os partidos se disputam com o aspero exclusivismo que lhes é proprio. O que, pois, a Igreja, por exemplo, pode fazer, em concorrência com outras confissões e com as varias escolas philosophicas, por que identificada com uma grandiosa construcção doutrinal, singularmente prestigiosa embora, mas á qual ninguem é coagido a pertencer, não o pode fazer o Estado, por que tenderia fatalmente á gradual absorpção das consciencias, á rapida destruição da liberdade espiritual. Ultimamente, o Estado educador, em toda a extensão do termo, deu, na França, onde a raça é critica e essencialmente *frondeuse*, a tyrannia instavel do jacobinismo governando contra a

vontade e a incessante rebeldia de parte consideravel da nação; deu, na Allemanha, onde o povo nutre o respeito quasi supersticioso da autoridade, uma organisação burocratica e militar, que, a não ter sido perturbada no seu desenvolvimento pela guerra actual, reproduziria dentro em poucos annos (amalgamado com um pouco de China pela consagração do mandarinismo universitario) o typo de um d'aquelles colossaes imperios da Assyria on da Persia, cuja resurreição ninguem teria julgado possivel em pleno século XX.

A missão educativa deve, pois, caber aos particulares, aos paes e ás mães entre os muros domésticos, nos collegios aos mestres, na imprensa e sob todas as formas da publicidade aos cidadãos distintos on eminentes, a quantos saben fazer da palavra e da penna vehiculos persuasivos das proprias ideas. Mas não com o preceito, apenas; com o exemplo sôbre tudo; com o exemplo, que, multiplicado, persuade gradualmente a opinião do dever de separar o joio do trigo; de estimar e apoiar os honnestos, de desprezar e combater os improbos.

Isto, porém, não annulla o direito do Estado nas consas de necessidade publica; e uma das mais essenciaes é precisamente a obrigatoriedade do ensino primario. E o é por que, como já disse, só por meio d'ella poderá o povo brasileiro conservar a sna preponderancia entre os elementos estrangeiros que cada dia mais invadem o nosso territorio, só por meio d'ella conquistar uma situação de relêvo entre os povos modernos. Considerada a lucta crescente e nos principaes paizes triumphante contra o analphabetismo, a instrucção primaria deve ser classificada entre os instrumentos de uso commum e indispensaveis, cuja falta constitue, repito, uma inferioridade evidente. Não é exacto que, hoje, sem saber ler e escrever, se possam adquirir os conhecimentos necessarios á vida pratica; os principios da contabilidade, por exemplo, as noções technicas concernentes, seja ao trabalho das fabricas, seja aos processos racionaes de exploração agraria, acham-se em manuaes concisos e precisos; os lavradores e operarios capazes de os ler serão preferidos naturahmente aos incapazes, e do mesmo modo quem saiba escrever correctamente uma carta ou uma conta mais facilmente encontrará emprêgo. Haja vista o recente *bill* promulgado na União norte-americana contra a *undesirable* immigração dos analphabetos. E, mirando mais alto, como triumphará



das infiltrações e mesclas estrangeiras a soberania da cultura nacional? A tradição oral tem valor onde a escriptura não existe; mas d'esta sentem necessidade todos os povos apenas se approximam da civilisação. Que poderia aquella contra a força de expansão da escriptura importada? Trata-se, pois, de salvar a personalidade intellectual e politica do Brasil. E quererias que o Estado ficasse indifferente, de braços cruzados, diante d'este que é o maximo dos seus deveres?

Razão analogá justifica e recommenda a obrigatoriedade do serviço militar. Não discutamos agora se ella representa, moralmente, um progresso ou um retrocesso para a humanidade. Tu desejarias esta melhor do que é, e quem tal não a desejará? Mas temos de tomá-la como é, e sem pretendermos — empresa vã — destruir-lhe as paixões congénitas, cabe-nos, com santa astúcia, extrair d'ellas o maior bem possível, como de certas plantas venenosas se extraem optimos productos therapêuticos. E' este o metodo dos grandes moralistas. Por vezes, ao ler-te, tenho a impressão de estar lendo Rousseau, com as suas illusões magnanimas sobre a bondade inicial do género humano, estragada pela civilisação. Illusões explicaveis no declinio do século XVIII, quando a vida e a arte nas cidades attingira o ange do maneirismo. Mas hoje, depois que rigorosos inquéritos nos têm illuminado sobre os costumes authenticos das populações ruraes, em grande parte do orbe?

Se o mundo foi felicitado, na sua aurora primeira, pela idade de ouro que já Hesiodo rememorava com sandade, nem se sabe quando isso aconteceu, nem se divisam symptomas de proximo regresso. De resto, no *Genesis*, ella se reduz a um brevissimo idyllio no Eden; teria sido o preludio da historia do género humano. Mas já no seguinte capitulo vemos perdido o Eden em punição de uma especie de revolta contra a censura official exercida por Jehovah em pessoa; e no capitulo immediato se narra o primeiro fratricidio que manchou a terra. Como devia parecer vasta, então, a terra! mas o lavrador Caim entenderam que ella não bastava para o exercicio simultaneo da agricultura e do pastoreio... E por toda a extensão do Antigo Testamento, que cópia de tristes espectaculos: de violencias, de fraudes, de traições, de estupro, de incestos, de assassínios em massa! Poucos justos, e pouquissimos d'elles sem alguma nodoa, emergem da multidão dos scelerados. De modo que não

se pode deixar de exclamar: Como foram maus, desde o começo, os homens! E quando se chega a um d'esses rarissimos episódios, onde tudo é bondade, lealdade e doçura, como o de Ruth e Booz, tem-se a impressão de penetrar num oasis celeste... E os poemas homéricos? os vetustos documentos da India e do Egypto? Tal é o testemunho das literaturas primitivas.

Vamos lá: podemos sustentar sem jactancia que a civilização não nos peorou; ao contrario. Não é em vão que ha perto de dois millennios estende sêbre ella seus ramos a arvore fecunda do Christianismo. Mas como estamos longe, ainda, d'essa condição ideal em que o emprêgo da fôrça se tornaria superfluo! Quando as paixões individuaes ou collectivas attingem o paroxismo, a fera primitiva que dorme, e ruins sonhos sonha, dentro de cada um de nós, desperta rugindo tão furiosa e perigosa, que os melhores argumentos nem os ouve ella sequer... Acresce, quanto ás relações entre partidos ou entre povos, que ainda não se logrou submeter ao regimen da moral commum a chamada razão de Estado, e actos que praticados nas relações privadas seriam tidos geralmente por infanantes, valem titulos de gloria se dictados, no interesse da patria, pela necessidade que não reconhece leis...

Significa tudo isto, meu querido amigo, que os fracos estão sempre mal, por melhores que sejam os seus argumentos, quando os fortes se propoem esmagal-os. Esta é verdade universal e eterna, que tem sobrenadado e sobrenadará a todas as vicissitudes da historia. Digo: no terreno positivo dos factos. No dominio da moral pura?... mas ahí as religiões têm de appellar para o juizo divino, para as compensações do outro mundo. Nós, por enquanto, devemos viver neste mundo. "*La justice sans force, et la force sans justice: malheurs affreux!*" exclama Joubert. O moralista pode ficar nessa constatação desolada. Nós, homens praticos, devemos armar de fôrça a justiça.

A conscripção geral, quaesquer que possam ser os seus inconvenientes, corresponde ao caracter das guerras modernas. As de outras épocas eram de ordinario provocadas por conflictos de interesses dynasticos, sendo, pois, natural que, ao lado da nobreza, associada ao throno, os defendessem corpos especiaes de milicias, ainda estrangeiras, como foram as tropas suissas por varios séculos. Hoje, desenvolvido até a sua plenitude o sentimento da nacionalidade, chegada por outro lado



ao extremo a pressão da concorrência entre os grandes paizes, têm os povos a consciencia de bater-se pelas razões mais intimas da propria independência e da propria vida. É justo que todos defendam o que a todos pertence.

Mas, ainda considerado em si mesmo, o serviço militar obrigatorio não pôde, a meu ver, nem excitar perigosamente, nem corromper, nem transviar de qualquer modo a nação brasileira. Ao contrario, quer sob o aspecto moral, quer quanto a influencia civica, só vantagens me parece devam provir de tal reforma corajosamente legislada e corajosamente aceita.

Seria uma escola magnifica de disciplina — virtude, entre nós, das menos communs. Ahi se aprenderia a obedecer e se aprenderia a mandar, não havendo, dado o nosso temperamento, o minimo risco da arrogancia dos officiaes e da subserviência dos inferiores, que são a miseria de alguns exercitos; antes, o escólho a evitar fôra o da excessiva camaradagem entre uns e outros. Escola magnifica seria de educação physica — nem é preciso demonstral-o. Escola ainda de solidariedade nacional, pela convivencia que, com opportuna e prudente mescla, se estabeleceria entre os brasileiros das varias regiões do territorio; e nesse sentido collaboraria com identica influencia da Universidade, instituida, como sabiamente propões, na capital do paiz. Exemplo eloquentissimo deste bom resultado admiramos na Italia, onde o serviço militar obrigatorio, com os deslocamentos de tropas que implica, tem concorrido de maneira admiravel para tornar effectiva a unidade nacional, domando e eliminando os contrastes regionaes tão profundos, tão poderosos, que a historia alli criara. Ainda não ha cincoenta annos, os naturaes de Albano e os de Ariccia — duas communas do Lacio, que distam uma da outra meio kilometro — se chamavam reciprocamente *forestieri*. Hoje, estamos constatando com que fraternidade de enthusiasmo patriotico piemonteses, lombardos, venetos, toscanos, romanos, napoletanos, sicilianos, lutam lado a lado contra o inimigo commum.

O militarismo? mas se o entendemos como dominio abusivo de uma casta, que antidoto mais seguro contra esse mal do que a identificação virtual do exercito com a propria nação, e que melhor base, aliás, para o legitimo prestigio daquelle, ao qual cada familia brasileira se sentiria ligada por alguns dos seus membros? De resto, em quasi todos os paizes da Eu-

ropa vigora ha muitos annos o serviço militar obrigatorio, e em quantos delles se tem produzido o phenomeno do militarismo? Na Allemanha e na Austria, regida por elementos e processos allemães, multiplas causas étnicas e historicas o explicam. Mas na França, por exemplo, nação celebrada pela bravura innata, e, ontr'ora, pelas tendencias bellicosas? Se alguma conclusão se poude tirar da famosa questão Dreyfus, um dos acontecimentos mais relevantes da terceira Republica, foi por certo a derrota completa do militarismo no terreno judiciario e politico. Essa, aliás, não impedin o portentosamente rapido resurgimento das virtudes militares ao primeiro appello do perigo, e entre ontras proezas soberbas, aquella maravilhosa epopéa de Verdun. Que traços de militarismo deparamos na Suissa laboriosa e hospitaleira, cuja gente foi, por seculos, das mais batalhadoras da Europa, guerreando, por conta propria ou alheia, quasi de continuo? E na Italia, onde a propaganda dos socialistas contra as chamadas despesas improductivas, se mfluiu de algum modo na relativa incuria dos governos pelos problemas technicos concernentes a defesa nacional, nunca logrou obstar a regular observancia da conscripção geral obrigatoria? Não falo da Russia, colosso ainda semi-amorpho, mas posso falar do Japão, onde o militarismo não existe, apesar do seu formidavel préparo militar. E se existe talvez em pequenos paizes balcanicos, como a Bulgaria e a Servia, deve-se attribuir ao atrazo social em que se acham. Quanto á Inglaterra, notorio é que, rompendo com as mais ciosas tradições de liberdade individual, já lá aceitam como principio a obrigatoriedade do serviço militar, e estão decididos a decretal-a apenas o julguem necessario. E na União norte-americana vae-se já preparando a opinião para identica medida, caso o voluntariado não forneça um exercito de ao menos meio milhão de homens.

Dirás: A nossa situação é outra? Dirás: Nada temos a re-
cear? Nada temos a reear? Não, meu querido amigo; seria
essa, uma palavra imprudente. A nossa situação é outra? Neste
momento, a nossa situação está ligada por muitos fios, nem
todos por ventura visiveis, mas todos fortissimos, ao desenlace
da crise mundial; e amanha, qual será ella? Como fazer pre-
visões diante de um conjunto de acontecimentos, que têm des-
mentido as mais autorisadas? Como fazer previsões, em espe-
cial, sobre nós mesmos, quando a nossa historia, certamente



logica e harmonica no fundo, é tecida em grande parte, na apparencia, de golpes de surpresa? Uma coisa, porém, podemos affirmar: que temos um territorio vastissimo e riquissimo, com nma população absolutamente desproporcionada da sua extensão. Na realidade, seria melhor para nós que o Brasil fosse menos vasto; mas tal como é, não podemos ceder delle um palmo. A nossa população não basta para valorisal-o de prompto; basta, entretanto, bem armada e municuada, para defendel-o, como é seu dever de honra.

A diplomacia? os tratados de arbitramento? o consenso das nações? Perdoa-me, se, depois de certos factos a que temos assistido, eu não posso professar por esses veneraveis objectos a fé que tu demonstras. Nem, por mais respeito que me mereçam — e merecem-me immenso — a magestosa eloquencia e a excepcional doutrina de Ruy Barbosa, eu acreditarei que a opposição de um grande espirito, interprete dos principios mais inconcussos da moral e do direito, tenha o poder de contrabalançar os planos de conquista de um Governo aparelhado para realisal-os, ou de immobilisar um exercito em marcha. E penso que o eminente orador me dará razão neste ponto. Um dia, o Papa Leão Magno, apresentando-se rodeado da sua côrte a Attila, que galopava com as proprias hordas a caminho de Roma, salvou da invasão e do saque a Cidade Eterna. O barbaro antigo era, evidentemente, mais impressionavel e mais ingenuo que os barbaros modernos. Mas, quasi para explicar pela intervenção do milagre successo tão prodigioso, unico talvez na historia, a legenda ajunta que, pairando no ar, sobre a cabeça do glorioso Pontifice, dois vultos formidaveis, os apostolos Pedro e Paulo, ameaçavam o rei dos Hnnos com as suas espadas de fogo. Nem alli faltavam, válido complemento, as espadas...

Para a defesa, unicamente para a defesa, no nosso caso. A indole, conciliadora por excellencia, do povo brasileiro, e a propria extensão do territorio nacional, excluem desde já quaesquer velleidades aggressivas de nossa parte, assim como essa "intoxicação militarisante", que receias. Devemos ser, e seremos sempre,

la race courageuse et pourtant pacifique,
que nunca se exporá por delictuosos caprichos, mas só por motivos de honra e de segurança propria, ás terriveis desgraças

da guerra. Longe de nós os seus fanaticos adoradores, os levianos ou sadicos sophistas, que a propugnam, incondicionalmente, como escola regeneradora dos valores humanos. Nem nestes lugubres dias que atravessamos, elles se têm calado na Europa; epigonos retardatarios de Nietzche, do louco funesto, embora genial, que tantos cérebros e tantos corações envenenou. A guerra foi, é, será sempre, um dos males mais atrozes da existencia. Mas, pois que em certas circumstancias se torna inevitavel, cumpre-nos olhal-a face a face, com serena firmeza, e, esgotados todos os recursos para a esconjurar, cumpre-nos varonilmente acceital-a. Então, na perseverança da luta, na resistencia aos sacrificios, como, antes, na longanimidade do conselho, se podem elevar a grau altissimo as virtudes humanas, e nas dôres da guerra combatida por uma causa justa, como em quaesquer outras dôres christanmente supportadas, attingir, por uma gradual purificação da propria alma, o fastigio do heroismo. Só nesse sentido a guerra pôde chamar-se uma grande escola moral.

Dens affaste do Brasil a necessidade de cursal-a! Mas condição essencial para isso é que nos respeitem. Contribuamos nós para assegural-a, assegurando-nos o respeito geral pela dupla garantia da justiça irmanada com a força.

Devemos sem duvida, como opiñas, zelar com particular esmero a defesa naval, robustecendo a nossa esquadra, construindo navios de typo adequado á vigilancia do nosso longo littoral, e o alvitre, que propões, de annexar toda a frota do Lloyd á marinha de guerra parece-me dos mais praticos. Mas não acho que isso nos dispense da formação de um exercito permanente de cincoenta mil homens ao menos, e da instrucção militar de todos os cidadãos válidos. Sem querer comparar o Brasil á Inglaterra e á União norte-americana, que, possuindo, esta, uma já formidavel marinha de guerra, e aquella, a mais formidavel de todas, sentem agora a necessidade de numerosas tropas, limito-me a observar que o nosso territorio pôde ser invadido, não só pelo littoral do Atlantico e pelas margens dos grandes rios, mas ainda por suas fronteiras terrestres.

E não sei se não é esta ultima fórmula de aggressão a que maiores cautelas deve inspirar aos poderes publicos.

Quanto ás allianças, cujo valor com muita razão relevas, penso tambem que seremos levados a adoptal-as, e é provavel



que em proporções mais consideráveis do que se imagina geralmente. Se a guerra actual terminar, como prognosticam alguns, por uma sorte de esgotamento das grandes nações europeas, dali derivará para nós um meio seculo que eu chamaria de *tolerancia*, durante o qual poderemos, immunes de toda ameaça imminente, crescer tranquilos em saude, em vigor, em prosperidade, e attingir, ao cabo desse periodo, a plenitude do desenvolvimento, que constituirá por si mesma a garantia perpetua da nossa segurança. Ai de nós, se, fiados temerariamente na constancia da nossa boa estrella, o deixarmos escoar-se infructifero! Taes fortunas não se repetem na historia de um povo. Se, porén, a esta guerra sobreviverem designios e potencialidades de conquista, é de presumir um alargamento necessario do circulo das nossas allianças. Ora, allianças entre nações não se concebem unilateraes nem gratuitas. Se, nas relações de individuo a individuo, difficilmente se comprehende a amizade se não entre iguaes, muito mais verdadeiro é tal criterio na esphera internacional. Onde falta a paridade — relativa, entenda-se, como é tudo neste muudo — as allianças chamam-se, da parte dos mais fortes, tutelas e protectorados.

O caso da Italia é typico. Se ella, apenas sávida das fatigantes lutas da independencia e da unificação, tanto desenvolveu o seu exercito e a sua esquadra, com despesas que não poucos averbavam de ruinosas para as suas finanças, foi em primeiro logar por estar amarrada na Triplice Alliança com a Allemanha e a Austria, e não lhe permittirem nem os seus interesses, nem o seu amor proprio, resignar-se nessa combinação ao papel de Cinerella. As finanças, aliás, não se lhe prejudicaram por isso, e ella se achou válida e prompta no dia em que teve de voltar as suas armas contra as antigas alliadas, na realidade inimigas sempre. E a Belgica? Pensas tu que gozaria, entre os seus aliados actuaes, do subido conceito em que é tida, que seria, não a pequena Belgica, mas, na feliz expressão do Cardeal Mercier, a grande Bélgica, se não houvera apparelhado a tempo a defesa estreita da sua neutralidade? Nem a heroica resistencia aos invasores teve só immenso alcance moral; immenso foi tambem o estratégico, pois de encontro ás muralhas de Liège e Namur se esboroou o plano primitivo do Estado maior allemão; e isso mudou toda a physionomia da guerra. Foi domada a resistencia das tropas (não a das almas,

que continua intacta) ? foi esmagada a Bélgica ? Sim ; mas o Governo e o povo puderam cumprir até o fim a sua missão, e entre as condições da paz futura, segundo o programma da Quadruplices, o primeiro e o mais sagrado dos compromissos é a reconstituição do reino belga com as indemnisações e compensações necessarias ; premio merecido pelas armas e pelo sangue dos seus filhos, não meramente outorgado pela liberdade alheia...

Na maioria das Republicas da América latina se está cuidando sériamente da educação militar ; e em algumas, como a Argentina, o Chile, a Bolivia, o Peru, a conscrição geral é já obrigatoria, com patente prejuizo do caudilhismo chronico. Por que havemos nós de ficar isolados no pacifismo a todo o transe, apenas admissivel no paraizo da Utopia, de que ninguem sabe a longitude e a latitude fóra dos cérebros de alguns visionarios ? Pacificos sejamos ; pacifistas, não. E que nenhum cidadão, nenhum, se creia oprimido por jugo servil, mas antes se sintam todos honrados por um appello ás suas mais altas qualidades moraes, quando a lei a todos disser : " Tanto deveis amar a patria, que pôr ella deis a propria vida, se preciso fôr para sua defesa".

Com este " imperativo categorico " encerro as minhas observações, sem entrar em pormenores técnicos, que exorbitam da minha competencia. E sem desconhecer nem dissimular os pesados encargos financeiros, que do serviço militar obrigatorio derivarão para o Estado, concluo com esta reflexão, pareça ella embora demasiado simplicista : Se ficar provado ser esse um elemento essencial, imprescriptivel, da nossa segurança, não de se achar os recursos necessarios. O instincto da conservação é de todos o mais forte, nos homens e nos povos : e nenhum milagre lhe é vedado.

Applando com enthusiasmo os teus argumentos sôbre a mudança da Capital. Acho como tu que bastaria esse dictame de sabedoria politica para fazer perdoar á nossa Constituição muitas disposições, chiméricas ou prematuras, nella consignadas, sobretudo os excessos da autonomia federativa, que a mudança da Capital para o centro do territorio corrigiria ou attenuaria. O valor estratégico, não menos que o economico, d'essa medida é incontestavel, é intuitivo. Não sei se tão facil será actual-a como se te affigura, mas é certo que, emquanto ella não fôr uma realidade, a geographia politica do Brasil terá uma configura-

ção innatural e contrária aos interêsses do paiz. Eis ainda um inteuto, que cumpre recommendar á propaganda da Liga da defesa nacional, assim como a creação, que tambem propugnas, de uma Universidade digna da nossa cultura, na cidade que ha de surgir, modesta embora e ponéo mais que buroeratica a principio, numa das regiões mais salubres do mundo. A affluencia de gente e de mercadorias, que lhe hão de levar as estradas de ferro, espalhadas e ramificadas desde ella para todos os pontos do paiz, a transformarão dentro de meio século num grande centro de negocios e de actividade intellectual.

Tornemo-nos instruidos, tornemo-nos fortes, tornemo-nos emprehendedores e ricos; triplíce problema que tudo nos ajudará a realisar, se tivermos o que até agora não nos têm sobrado talvez: juizo. Não que se nos possam exprobar grandes loucuras, muito menos cousas deshonorosas; mas imprevidencia, sim, e confiança demasiada na propria boa estrêlla, e indolente abandono dos nossos mais vitaes interêsses. Se estes não raro têm sido mal administrados, é que nos succede o mesmo que aos partienlares, que entregam de olhos fechados a gestão dos seus haveres a procuradores de escassa austeridade e ainda menor diligencia. Não queremos dar-nos o trabalho de examinar as contas correntes, e de vetar as transações temerarias, ou illicitas.

O abstencionismo eleitoral, por exemplo, é impressionador. Os proprios Chefes do Estado têm sido eleitos por meio milhão de votos ou pouco mais, ainda em pleitos pouco disputados (lembra-me que o Presidente Affonso Penna, o mais suffragado até então, reuniu cêrca de seiscentos mil); isto num paiz que conta seguramente para cima de tres milhões de cidadãos com direito de suffragio. Ansencia systematica, por tanto, de quasi oito décimos do eleitorado. Não tenho aqui dados preeisos sôbre os pleitos legislativos e municipaes, mas sei que nelles se revela a mesma inenria. E depois queixam-se das fraudes frequentes; mais ainda; invocam-nas para justificar o abstencionismo, que é d'ellas aeaso o principal factor! Não percebem que um corpo eleitoral numeroso, vigilante e disciplinado, com vontade propria, adquiriria em pouco tempo a fôrça de impedil-as, assim como a de persuadir os mandatarios a cumprir mais pontualmente as promessas e os bons propositos exarados nos respectivos manifestos.

Uma lucta esclarecida e perseverante contra essa perniciosidade renuncia a um dos maximos direitos, e, simultaneamente, dos maximos deveres dos cidadãos, é de desejar entre no programma da Liga da defesa nacional.

E quantas outras noções urgentes, quantas outras verdades inadiaveis é mister dizer ao paiz! dizer-lh'as com insistencia e com método, usando de todos os recursos da propaganda! A propaganda é instrumento moderno por excellencia. O livro, o opusculo, o jornal, a conferencia, o cartaz multicolor ou luminoso que, reproduzido em milhares de cópias, prende pelas ruas os mais esquivos olhares, o minuscuro quadradinho de papel, com um conselho bem redigido ou uma estatistica bem deduzida, que se insinua em cada lar entre as cartas e os postaes, para ser lido, em cinco minutos, no tempo de saborear uma chicara de café ou de fumar um cigarro... todos estes meios estão a seu serviço, e de todos deve ella utilizar-se para os seus fins. Propaganda de bom senso, propaganda de economia, não estreita nem timorata, mas activa e frutuosa, propaganda de trabalho, propaganda de cultura, propaganda de solidariedade, propaganda, em summa, de são e corajoso patriotismo!

Que o patriotismo existe, sim, por si mesmo, em todas as almas normaes, é nellas, como egregiamente affirmas, sentimento normal e espontaneo. Mas não devemos, porventura, educal-o, estimulal-o, como os outros bons sentimentos? não devemos desenvovel-o, quando embryonario, despertal-o, quando entorpecido, guial-o, quando incerto, corrigil-o até, quando transviado, pois os seus desvairamentos e erros não são menos frequentes na historia que os seus fastos de legitima ufania? E' isso que procuram fazer os illustres fundadores da Liga nacional; e não é o que procuras fazer tu mesmo intervindo dignamente no debate com a leal e animosa maifestação das tuas ideas?

Nada se consegue hoje sem o concurso da opinião. Influamos sóbre ella; conquistemol-a. Levenos a todos os recautos da terra brasileira a luz — a luz pura da nossa razão, da nossa consciencia, do nosso amor. Conduzamos a nossa gente, com palavra benévola, persuasiva e fraterna, a penetrar a razão da sua existencia, a formar a consciencia do seu valor, a nutrir o amor de si propria e da humanidade a travez de si. Louvemos-lhe as qualidades, sem calar-lhe os defeitos; celebremos-lhe as glorias, sem occultar-lhe as fraquezas; apontemos-lhe a altura esplen-



dente da sua meta, a soberana belleza da sua missão no mundo, sem dissimular-lhe as difficuldades e provações com que terá de medir-se para attingil-a. Habituemol-a a estimar-se, a contar comsigo, sem desprezar os outros, sem negar ingratamente o que aos outros deve; a crear e organisar assim a sua personalidade definitiva, eterna, não pelas miragens de um nativismo jactancioso e aggressivo, por que pusillanime no fundo com os seus ares de athleta de circo, mas pelo contacto livre e continuo com todas as fôrças vivas do mundo, que é a mais tonificante das aguas lustraes para o baptismo da originalidade e da independencia dos que verdadeiramente as possuem.

A ti, homem sincero e desprendido de toda ambição no exercicio do teu pensamento "declaradamente posto ao serviço do interêsse publico"; a ti, espirito lucido e autonomo, de cultura varia e solida não menor que a riqueza nativa, espirito, em summa, simultaneamente brasileiro e universal, cabe sem duvida parte relevante na obra commum encetada com ardente fé e alvorogada esperanza por alguns homêns de boa vontade. Se d'elles diverges em alguns pontos, não elimina isso a concordancia no essencial do programma, que é a regeneração da patria, nem obsta a necessidade do teu brilhante concurso. Não deixarás enferrujar no ocio o fino aço luminoso da tua penna, quando a voz imperativa do destino nacional chama a postos todos os que podem contribuir com o seu trabalho para a dignidade, a prosperidade e a grandeza do Brasil. Teu, de alma e coração,

JORGE DE LORENA.



OS PARTIDOS POLITICOS E A VIDA NACIONAL

O desenvolvimento social, economico e politico do paiz exige a todo momento o esforço, o estudo e acção combinada de todos os cidadãos, tendo em vista a grandeza da Patria e a evolução nacional.

O historiador que estudar a evolução politica do Brasil no periodo republicano deparará, entretanto, com um espectáculo unico na historia dos paizes civilisados — a inexistencia de partidos politicos. Na politica federal como na politica dos Estados não ha um ideal, um programma em torno do qual se reuna um grupo de homens publicos e de eleitores.

Não seguimos na politica os grandes expoentes do pensamento nacional, as grandes projecções da mentalidade collectiva. Não nos arrastam ou fascinam os principios propugnados, por acreditarmos que elles realizam o bem patrio. Como abyssinios ou cafres seguimos e obedecemos aos chefes, cujas idéas em politica muitas vezes desconhecemos completamente, quasi sempre porque não as têm.

E' um phenomeno de teratologia social cujas causas são complexas. Sejam quaes forem estas, o facto é que a nossa situação actual por essa forma demonstra que não ha no paiz pensamento politico, não ha organização politica, isto é, vivemos na phase primitiva que antecede a vida organisada e constitucional.

A historia do regimen imperial no Brasil é, em suas grandes linhas, a historia dos partidos conservador e liberal.



Não fossem essas duas organizações com todos os seus defeitos, e o regimeu iuperial não teria sido uada menos que o patriarchado ou o caciquismo.

E' o que se dá actualmente com a Republica. Nós vivemos num regimeu chaotico no qual só prepondera a vontade dos que sabem manejar as consciencias plasticas e os interesses e ambições das chamadas classes politicas, que de politicas, no verdadeiro sentido, nada têm, porque a politica se propõe contruir alguma cousa de accôrdo com um programma preestabelecido.

Hoje na Republica só temos o partido dos que seguem o poder. Ninguém mais ousa ter opiuiões, nem apregoal-as, nem desfraldal-as em um labaro, nem aggregar em torno dellas outros cidadãos de eguaes convicções.

O presidente da Republica, assim como todos os mais altos depositarios do poder, entre nós, não vai executar nunca um programma elaborado pelas assenbléas e organizações partidarias, pela opinião publica, pelo pensamento collectivo: elle vai executar um programma por elle concebido, por elle pensado, por elle dictado ao paiz, programma que, bom ou máu, é imposto por individuo que muitas vezes pode não interpretar bem as idéas collectivas, e que vai ser executado por outros individuos da escolha daquelle, escolha tambem sem interferencia da opinião publica.

Podemos continuar a viver dessa forma?

Dizia ainda ha pouco o Presidente da Republica Argentina, em mensagem presidencial:

"A estabilidade dos partidos é o que produz a estabilidade das instituições. Os partidos dão ás instituições vida, acção e efficaacia e tendem a elevar a educação politica das massas populares."

Suggeria o Presidente da visinha Republica a necessidade não só da reconstrucção dos velhos partidos argentinos como a conveniencia de se formarem outros novos, com tendencias definidas, para que a opinião publica tivesse ampla representação no pleito eleitoral.

Propugnava o mesmo chefe de Estado a reconstrucção dos partidos tradicionaes da Argentina para que esses partidos, com os seus principios, sua acção e efficiencia encaminhassem o paiz ao seu progresso, na ordem das instituições politicas e uado desenvolvimento economicó, afin de que, inspirados nos mes-



mos ideaes e tendencias, continuassem a sua acção benefica para o engrandecimento da Republica.

Effectivamente a organização dos partidos com programmas é a unica forma por que um povo démonstra o preocupar-se com os negocios, forçando a solução dos problemas nacionaes de accôrdo com as aspirações collectivas.

Só não ha partidos quando o povo não cogita absolutamente do seu progresso social, moral e politico, deixando-se musulmanamente conduzir ao accaso da vontade dos seus mandões.

Na Republica dá-se um phenomeno teratologico unico no mundo moderno: depois de escolhidos é que os candidatos aos grandes cargos nacionaes dão a conhecer os seus programmas.

Entretanto, só a agitação partidaria conduz um paiz á sua evolução social, economica e politica, movimentando as idéas no meio collectivo, apressando a realização das reformas, produzindo um ambiente de elaboração activa de idéas e de lucta pelo aperfeiçoamento collectivo.

Em todos os povos modernos as reformas sociaes, politicas e economicas são conquistas obtidas pelas agitações partidarias, pelo trabalho e pela lucta desenvolvida sem treguas, tendo em vista o progresso social.

Onde não ha partidos politicos organizados, a politica não passa de uma industria rendosa ou meio de vida, porque não exige nem estudo, nem programma, nem ideaes, nem competencia nas classes politicas, só preocupadas com a manutenção das posições e vantagens inherentes.

Assim a educação politica do povo brasileiro está por ser feita.

Entretanto desde os primórdios da nossa independencia a opinião nacional se definira em todos os matizes no Parlamento Nacional. Conservadores, liberaes, federalistas e radicaes, desde o inicio da vida independente do paiz se organizaram ás forças politicas, triumphando por vezes, como se deu em 1830, os radicaes e federalistas.

Com a renuncia de D. Pedro I, appareceram na arena de combate os partidos restaurador, republicano e liberal, propugnando o primeiro a volta do antigo imperador, pretendendo o segundo a abolição da monarchia e sustentando o terceiro a necessidade da reforma da Carta Constitucional, conservada a forma monarchica.



Posteriormente, com o advento de D. Pedro II, o equilibrio politico do paiz resultou da acção dos dous partidos — conservador e liberal. O primeiro se propunha a defesa do pacto constitucional, sustentando a centralisação politica e propugnando toda a força e autoridade, com leis de compressão contra as aspirações anarchicas para que se mantivesse a paz, a ordem, o progresso pautado e reflectido, guardando-se a unidade do imperio sob o regimen monarchico e representativo, que, ao seu parecer, exclusivamente conseguiria fazer a nação prosperar e engrandecer-se.

Os liberaes, ao contrario, enunciam um programua de reformas largas, sociaes e politicas, trazendo-as desde logo ao plenario parlamentar, supportando embora as accensações de precipitados e indisciplinados.

Por volta de 1862 surgiu na Camara numerosa e activa opposição sob a denominação de partido progressista, propugnando: a reforma da Constitnição politica; a eleição directa; a descentralisação; a regeneração do systema representativo pela sincera execução e amplo desenvolvimento do dogma constitucional da divisão dos poderes para não serem uus absorvidos pelos outros; a realização pratica da liberdade individual, em todas as suas relações; a defesa dos direitos e interesses locaes da provincia e do municipio; a representação das minorias; e a reforma e sincera execução da lei eleitoral de modo que as qualificações fossem verdadeiras e as eleições a expressão real da vontade nacional.

Desse partido dizia Campos Salles:

“Era o partido das reivindicações, cheio de vigor e de esperanças, que entrava na arena para protestar contra a apostasia e lançar o merecido estygmia sobre os apostatas. A mocidade liberal, esse poderoso elemento que nos periodos das grandes e fecundas evoluções mais se avautaja pelo ardor da sua caracteristica combatividade, acolheu com enthusiasmo a nova aggreiação politica, a cuja freute se achavam alguns espiritos fortes e esclarecidos, que haviam exercido consideravel e justa influencia no seio do velho partido liberal.”

Quando no poder o partido progressista, em 1868, surgiu no Parlamento o partido liberal radical propugnando no seu programma as seguintes reformas: a descentralisação; o ensino livre; a policia electiva; a abolição da guarda nacional; o seu-

do temporario e electivo; a extincção do poder moderador; a separação da judicatura da policia; o suffragio directo e generalisado; a substituição do trabalho servil pelo trabalho livre; os presidentes das provincias eleitos pelas mesmas; suspensão e responsabilidade dos magistrados pelos tribunaes superiores e poder legislativo; magistratura independente, incompativel e a escolha dos seus membros fóra da acção do governo; e prohibição dos representantes da nação de acceitarem nomeação para empregos publicos e egualmente titulos e condecorações.

Por ultimo tivemos na historia monarchica o partido republicano, cujas hostes aguerridas deram por terra com o throno imperial.

E assim é a vida politica em toda a parte do mundo. Em qualquer momento da vida dos povos ha um sem numero de reformas que se impõem, de melhoramentos que se fazem mister, sob pena de paralyzar-se o progresso.

Os partidos cumpre agital-as na imprensa, na tribuna das conferencias e por todas as formas de propaganda, reunindo proselytos, disputando eleições, vencendo as forças da inercia e da apathia que dominam o meio.

Sem isso a vida se paralyza nas sociedades, o marasmo ataca as instituições, os politicos se corrompem, o mercantilismo invade a administração publica, os costumes se depravam, a moral publica perece, a rotina prepondera esmagadora, abafando todo estímulo de progresso.

Não ha na historia de povo algum reforma nenhuma que não tenha sido o fructo de um longo batalhar, de uma lucta constante em que se empenha a força organizada das aggremações partidarias, que são a força dynamica das sociedades.

No nosso paiz a abolição dos escravos, as reformas liberaes obtidas no tempo da monarchia, a proclamação da Republica, tudo isso foi o resultado de uma longa lucta em que se empenharam os partidos organizados para esses fins.

No momento historico que ora atravessamos ha uma série enorme, complexa de problemas prementes que no Brasil estão a exigir soluções radicaes. Entretanto, não surge na arena de combate nenhum grupo de pelejadores, ningnem desfalda ao vento um laburo que a mocidade combativa possa seguir no empenho de servir a Patria, trabalhando para o futuro nacional.



Nós só teremos vida civilisada quando as eleições forem disputadas por partidos degladiantes, quando cada eleitor fôr á urna votar num programma partidario, isto é, em candidatos que se proponham um programma definido de reformas, disputando a eleição para realizar determinados melhoramentos sociais.

Nada disso se dá actualmente no Brasil. O espectáculo que offerecemos ao mundo é o mais deprimente possível. E' assim, entretanto, que desmoronam as instituições, quando não são vitalisadas pelo espirito nacional. Tambem em a Roma da decadencia, para suster o choque do christianismo que vinha do oriente, na velha sociedade latina, carcomida pela corrupção, não havia senão pedantes saturados de sophismas, philosophos utilitarios, constructores de systemas convencionaes, ivestigadores de espirito especializado e fragmentario, politicos obcecados pela rotina e corrompidos pelas aberrações do poder, reformadores sem convicção, classes dirigentes extenuadas pelo scepticismo e pelas preocupações egoisticas e sensuaes. E' o quadro da sociedade brasileira actual.

Ha momentos assim em todas as sociedades, momentos em que os ideaes morrem, os caracteres se desvirilisam, em que os impulsos physiologicos governam exclusivos, sem freio, e em que a Patria perece e se transforma num ajuntamento de mercadores e charlatães a illudirem a credulidade publica, locupletando-se á custa da massa popular ingenua e ignara.

MARIO PINTO SERVA.



O EXODO

As condições de vida dos povos vão soffrer, uma vez mais, profunda remodelação. A guerra é, sem duvida, o principal factor dessa effervescencia no planeta. Já não ha hoje nações alheias a ella. As que não tomam parte effectiva no embate, deste recebem uma acção reflexa, que lhes interessa a existencia, em todas as suas manifestações. A vida das idéas não escapa a essa influencia. E' cedo demais para se formularem os ensinamentos, decorrentes do cataclysmo; mas a lição dos factos já nos vae sendo proveitosa.

Dois assertos, parece-me, não pódem soffrer contestação: a precariedade da existencia das nações fracas, e a necessidade de viver cada nação sobre si. Donde é forçoso concluir, que o primordial problema brasileiro deve ser a investigação das causas de nossa fraqueza assim como dos meios de a remediar, e estímulo á mais ampla iniciativa nacional; o que tudo se resume em — *viver fortemente pela máxima independencia* —. Para isso, não podemos prescindir do aphorismo de um patriota francez contemporaneo: "saibamos pensar nossa acção e agir nossas idéas." Através de inevitaveis vicissitudes, não ha duvida que marchamos para uma mais forte cohesão nacional. Estamos sós na America, e a consciencia desse isolamento é a melhor garantia de nossa unidade. Sejamos nacionaes para vivermos!

No decorrer de nossa historia, sob varios aspectos se nos depara o nacionalismo patrio. Nascido com João Ramalho, nos campos de Piratininga, recebeu o baptismo do sacrificio nos

cannaviaes de Pernambuco. Os holandezes consagraram, sem o querer, a idéa nacional incipiente. Nacionalismo de independência, ainda, o que moveu os liberaes de 1817, floresceu em 1822, fructificando em 1831. Desse nasceu, naturalmente, um nacionalismo literario. Já muito de antes, no sec. XVII, dominára em nossa literatura o nativismo, que a emancipára do Reino. Só a primeira geração romantica, porém, foi que encorodou em sua lyra o sentimento patriotico. O indianismo veiu a ser a maior expressão desse falso nacionalismo literario, ainda embaciado de vaidade e romantismo.

Em nossos dias, libertou-se a literatura daquelles atavios; a feição nacional das *letras* é hoje uma necessidade da intelligencia e não um esforço do sentimento.

Outro aspecto do senso nacional brasileiro é o nacionalismo militar. Nascido, por assim dizer, com as lutas do Prata, fortificado com a guerra do Paraguay, teve elle, talvez, seu symbolo, na figura legendaria de Rio Branco. Esse feitio do nacionalismo patrio, attingindo, actualmente, o *zênith*, vae entrar em declinio. Estamos ás portas da grande guerra, mas temos, no sangue, o amor da paz.

Seja como fôr, já se nos antolha, hoje, uma nova face do movimento nacional: — o nacionalismo agrario. O amor á terra nunca deixou de ser apanagio do character luso, transplantado consecutivamente para aquem-mar. Jámais, porém, apresentou symptomas tão accentuados de um movimento que abrange todas as classes, que interessa todas as intelligencias e reflúe sobre a vida brasileira em seus intimos refólhos. Symptoma animador de fortalecimento nacional! Começamos, ao que parece, a comprehender a successão logica dos elementos vitaes de uma nação. Um paiz se constrúe como uma casa. Se nesta, concentrando a nossa attenção extreme sobre os ornatos, despresarmos os alicerces, pouco durará a obra da vaidade. Desbravar primeiro o terreno sobre que se vae erguer o edificio, adaptal-o á obra, alicerçar ou estaquear as paredes mestras, é dever primordial de um architecto avisado. O trabalho do pedreiro no enrocamento precede, naturalmente, ao do decorador na ornamentação das salas. O Brasil é um edificio em projecto, ou, quando

muito, em inicio de construcção. A alguns de nós cabe a obrigação de architectos, a quasi todos a de pedreiros, a muito poucos a de decoradores. A obra anonyma dos pedreiros do Templo de Salomão e da Cathedral da "Isle de France" perpetuou, pelos tempos em fóra, a gloria dos humildes. As nacionalidades, como os templos, assentam sobre o esforgo obscuro. Só elle permite a abastança, e sómente esta póde florescer em Belleza, razão de ser da Vida, ideal supremo dos ephemeros habitantes da terra, e, provavelmente, dos de todos os planetas.

E' um factó observado na Historia que a grandeza militar e economica dos povos precède a sua grandeza moral e artistica. Salamina permittiu o milagre grego, como a civilisação romana, mais tarde, era levada na ponta das lanças. A Edade Média, tão mal julgada, foi um periodo de longa construcção economica, que preparou o Renascimento. E no sec. XII, ainda, a maravilha franceza poude desabrochar graças a Colbert e Louvois. Tudo leva a crêr que, dentro em tres seculos, o centro intellectual do mundo seja Boston.

Em campo mais restricto, se percorrermos a historia das manifestações mentaes no Brasil, veremos que o centro da vida intellectual do paiz sempre se deslocou, acompanhando as flutuações da sua riqueza. Quatro têm sido esses fócios, e já um novo se desenha no horizonte: Olinda, S. Salvador, Villa-Rica, Rio de Janeiro, e amanha S. Paulo.

E' certo que houve, no Maranhão, contemporaneo ao movimento romantico fluminense, no sec. XIX, a eclosão do chamado — grupo maranhense —, com Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, João Francisco Lisboa e outros. Foi isso, uma justa consequencia da vida autonoma daquellas paragens do Norte, desde principios do sec. XVII, com a criação de um governo independente do resto do Brasil, e a colonisação açoriana, que tanto incremento ia dar á terra maranhense. Confirma-se a lei da historia; é de espantar, sómente, que tão tardio fosse o fructo.

Colonisado o Brasil, a capitania de Pernambuco ás outras se avantajou. Já em meados do sec. XVI, graças á avisada administração de Duarte Coelho, exportava a capitania, annual-



mente, no dizer de um contemporaneo, duzentas mil arrobas de assucar e pau-brasil no valor de 20.000 cruzados. Era então Olinda a unica parte do Brasil onde existia um simulacro de vida social. Em 1601, surgia o fructo dessa prosperidade — a Prosopopéa, de Bento Teixeira, apregoando a arraiada da litteratura nossa.

Com os tempos, e graças, em parte, ao estabelecimento do governo geral, S. Salvador foi retirando a Olinda e Recife a primasia economica na Colonia. Já nos fins do seculo da conquista a cidade do Salvador augmentára consideravelmente os seus cannaviaes e algodoades, e importava muito gado de Cabo Verde. Com a fartura, viera a largueza no viver, e então “qualquer peão andava com calções e gibão de setim ou damasco, e as mulheres não vestiam senão seda”, na phrase de um chronista. Nada menos de 62 egrejas já erguera nos terrenos da capital a devoção bahiana! O ocio, filho do esforço nos engenhos e fazendas, produziu então o primeiro Grupo Literario do Brasil, com Gregorio de Mattos, Botelho de Oliveira, Marques Pereira, Rocha Pitta, Domingos Barbosa, Gonçalo França, Eusebio de Mattos, e alguns outros, criando, simultaneamente, as primeiros academias literarias.

As descobertas dos paulistas, seguindo o exemplo dos primeiros ousados povoadores da capitania de Porto-Seguro, as bandeiras de Furtado de Mendonça, Antonio Dias e Borba Gato, abrindo o territorio das Minas á ambição de colonos e reinóes, deslocaram, uma vez mais, o centro da vida colonial. No seculo XVIII cabe o sceptro, sem contestação, a Villa Rica. A Cidade do Ouro offusca, então, a qualquer outra, em riqueza, ostentação e luxo. As barras preciosas derivam, em torrente, para o Reino. “Era o Senhor D. João V reputado pelo Principe da Europa que abundava em mayor cópia de ouro”, escrevia o chronista Francisco Xavier da Silva. O ouro da Colonia permittia ao rei comprar ao Papa o titulo de “Magestade Fidelissima”, e chegava a Portugal em tal quantidade, que levou um outro escriptor portuguez, de então, a escrever: “a extracção do ouro da Capitania de Minas Geraes é a fonte d’onde manão as riquezas que fazem opulento o real erario.”



Villa Rica, por maior que fosse a ganancia do "real erario", desfructava o proveito de sua situação, encravada no territorio dos thesouros de alluvião. A' prosperidade material seguiu-se, como sempre, um movimento de cultura, que produziu a Inconfidencia, e legou á nossa historia literaria obras como o poema de Villa Rica, Marilia de Dirceu, o Uruguay, o Caramurú e tantas outras.

Abria-se, porém, o seculo XIX, e com elle se esgotavam as riquezas alluviaes, enterrando-se o ouro na terra, em veios profundos, de difficil exploração. Dava-se por essa época, a invasão de Portugal, e o embarque da familia real para o Brasil. A cidade que recebesse a Córte ia ser, forçosamente, o centro da Colonia. Abertas as competições, disputaram a honra de hospedar o Regente S. Salvador e o Rio de Janeiro, talvez Villa Rica; quiz a sorte aquinhoar a cidade de Estacio de Sá. O dia 7 de Março de 1808 ia mudar, ainda de uma feita, o centro da vida nacional.

Uma série de actos avisados de D. João VI, entre os quaes se destaca a libertação e protecção das industrias, assim como a criação do Banco do Brasil e da Junta do Commercio, foram de incalculaveis consequencias para o progresso da cidade. Esta, em 30 annos, triplicava de população, passando de 50.000 habitantes em 1790 a 150.000 em 1820. Para se ter uma idéa do augmento da fortuna publica e particular, é de recordar que só em um anno a hucharia real despendeu mais de 6 milhões de cruzados! Os fructos dessa fartura não tardaram em surgir. A imprensa, cujo primeiro ensaio em 1740 fracassára pela carta regia de Julho de 1747, mandando apprehender e remetter para o reino os typos e os impressos, a imprensa resurgiu, tambem, com o principe portuguez, nas paginas da "Gazeta do Rio de Janeiro", o primeiro jornal brasileiro. O "Patriota", a "Minerva", o "Guanabara", o "Nitheroy" divulgavam as primeiras velleidades literarias dessa época de acção. Proclamada a independencia e fortificada a nossa maioridade, ia surgir o fructo de uma arvore, cujas raizes talvez tocassem a França, mas cujo tronço era fluminense: o romantismo. Graças a 1808 tinhamos 1836, graças a D. João VI, Gonçalves de Magalhães. O Rio



de Janeiro foi o centro do grupo romantico, tendo ahi nascido ou residido os proceres desse movimento, Magalhães, Porto-Alegre, Teixeira de Souza, Pereira da Silva, Joaquim Norberto, Manuel de Macedo, José de Alencar, Manuel de Almeida, etc.

Até nossos dias, continuou a capital do Imperio, e depois da Republica, a ser o centro economicó e literario do Brasil. O visconde de Mauá e Machado de Assis são bem a expressão dessas duas forças gêmeas, que por todo o seculo XIX glorificaram as margens da Guanabara.

Hoje, o mesma lei de historia, que tem encontrado entre nós, como vemos, confirmação plena, nos autõrisa a prevêr que o futuro movimento intellectual no Brasil vac irradiar de S. Paulo. Vivendo em pleno germinar da idéa regionalista, desfructando metade da fortuna nacional, possuindo uma aristocracia da terra, tendo herdado os seus filhos a altivez e o bom senso dos "paulistas" de Piratininga, prepara-se S. Paulo para a realeza na Republica. Não é casa de invejas pequeninas; esforçemo-nos, sómente, por que o regionalismo, em vez de abafar o nacionalismo, lhe insuffle novo vigor.

O seculo XVI pertenceu a Pernambuco, o XVII á Bahia, o XVIII a Minas Geraes, o XIX ao Rio de Janeiro; o seculo XX é o seculo de S. Paulo.

Dessa diversão pela nossa historia literaria se conclúe que os povos precisam ser livres para ser ricos, e ricos para ser intelligentes. Tal deducção, aliás, confirma o ensinamento que nos fornece a historia do mundo, e consignamos ao iniciar deste artigo: — viver fortemente, pela maxima independencia.

A' vida do Brasil se apresentam, portanto, tres etapas — a independencia, a abastança e a cultura. Não podemos ser um paiz culto se não alcançarmos a abastança, e, portanto, a força. E para sermos ricos e fortes, precisamos viver emancipados. Este ultimo é o ideal immediato a attingir; os outros se lhe seguirão logicamente. Põde-se, pois, dizer que, hoje, o trabalho util ao paiz é o que tender a tornal-o cada vez mais livre. Eis a pedra de toque pará julgarmos dos homens e dos actos brasileiros. Multiplas fórmias pôde apresentar essa acção pela liberdade. Fazer leis uteis, fundar industrias novas, abrir as intelli-

gencias, rasgar estradas e desvendar o paiz, assegurar a paz e o commercio no estrangeiro, de mil maneiras póde cada um de nós trazer a sua pedra ao Templo. Acima, porém, de todas essas manifestações de vontade ou de tendencia, ha um typo de esforço nacional, que a todos me parece levar a palma — o trabalho sobre a terra.

Seria difficil, e fastidioso, investigar, com minucia, os beneficios que á nacionalidade pódem provir da investida aos campos do interior. De relance se pódem determinar os máis immediatos e proveitosos: augmentar a producção nacional, e portanto a independencia nacional; apurar o typo da raça; permittir a formação de grandes familias; conjurar, no berço, a guerra de classes.

A producção de um paiz é um factor capital de sua independencia. Para nós, paizes novos e ainda em crise de crescimento, desprovidos de força para nos garantir, a producção é o factor basico da independencia. No desenvolvimento dessa producção, como em tudo, ha que considerar o seu encadeamento logico. Attender primeiramente ao consumo interno, procurando tirar da terra tudo o que se gasta dentro das fronteiras, de fórma a libertar o mercado nacional de sujeição a extranhos. Nesse estagio da producção não é a riqueza que se procura, mas a normalisação das funcções nacionaes, a independencia economica. Um paiz só deve importar o superfluo, e no Brasil, de territorio immenso e possibilidades tão variadas, já se póde tentar a empresa. Asseguradas ás necessidades locais, cumpre, só então, procurar os mercados estrangeiros. Estes nos trarão a riqueza, a cuja aspiração nos permittira a independencia.

Pois bem, é intuitivo que o desbravamento cada vez maior da terra augmentará a nossa producção. O terreno ali está, rude mas dilatado, á espera do braço que o rompa. Ao governo cabe impedir a especulação que sobre elle começa a tripudiar, em detrimento do interesse nacional do maximo aproveitamento do sólo. Tanto mais homens partirem para os campos, tanto mais intelligencia se empregar no cultivo destes, quanto maior será o fruto do nosso capital natural. Já as estatisticas das sa-



fras de 1917-1918 prevêm para esse periodo uma das maiores produções, se não a maior, de que ha noticia em nossa historia economica. Se a causa indirecta desse facto é a procura dos mercados europeus e norte-americanos, a razão immediata é o augmento da area cultivada, e portanto o emprego de um numero sempre maior de braços. Tanto em um como em outro caso, devemos esse resultado á Guerra, que ésgotou o terreno e o trabalho europeus e nos obrigou a uma observação introspectiva. A logica, leva-nos, ás vezes, a conclusões bem duras!

Na situação actual, não precisamos ainda cuidar do rendimento do nosso sólo; basta, por óra, logramos o seu aproveitamento.

— Outro beneficio relevante que nos póde trazer o impulso para a terra é o aperfeiçoamento da gente. No Brasil, onde já tanto se fala em selecção de raças animaes, não é fóra de proposito encarar a apuração da raça humana. Um criador intelligente do Sul pedia, ha pouco, que o governo, em vez de reproductores, lhe dêsse homens. E' de homens que carecemos; de individuos conscientes e viris, que saibam querer e realizem sua intelligencia. Sobra-nos sensibilidade, temos intelligencia, e começamos de affeiçoar a acção. Mas, da mesma fórmula que do cimento, da areia e da pedra nada se fará sem a agua, que completa a liga, preparando o coucreto resistente, com a sensibilidade, a intelligencia e o gosto theorico pela acção nada ganharemos, se nos faltar, como nos falta, uma qualidade que, daquelles elementos, fórnica o character — a perseverança no esforço.

Se quizerdes vêr uma imagem do que somos, considerae um tocador de violão. Toma do instrumento com volupia, achega-o ao peito numa caricia, afina-o com presteza admiravel, e começa a correr as cordas em ponteados sem fim. São accordes que se não realisam, escalas que se evolum incompletas, sons que se succedem mima doçura sem nexo. Apenas, de quando em vez, lhe escapa uma pequena composição, um samba ou uma canção, toda repinicada de floreios, como que apressada em permittir a volta á volupia do ponteado. Eis a imagem do nosso character: amamos de longe a acção, pensamol-a com uma fantasia radian-

te, queremos tudo, mas tudo se perde em minucias, extasiamonos ante os nossos proprios actos, e a energia se nos escôa em ponteados de imaginação. No Brasil, somos todos um pouco Ricardo Coração dos Outros!

Quando digo que é mistér vencer essa tendencia dispersiva de nossa indole, é porque tenho que o podemos fazer, e me lembram todas as possibilidades, já attestadas, de nossa gente — todo o animo do bandeirante, a ambição do seringueiro, a resistencia do caboclo, a astucia do jagunço, a bravura do gaúcho. Feita de tal argamassa, não podemos descrêr da nacionalidade!

E' a terra que nos vae fornecer o elemento physico da raça futura, a refluir poderosamente sobre o elemento moral. Só a vida rude do escampado permittiu as virtudes dos nossos varios typos nacionaes; a cidade apura a intelligencia mas o campo enrija o corpo. E só uma raça sadia pôde ser uma raça superior.

Formando, portanto, com os elementos brasis a base physica da liga, fazendo da sensibilidade luso-africana o seu perfume moral, e caldeando o todo com a intelligencia e a tenacidade arianas, teremos forjado o nosso sinete nacional. Só então nos será dado começar a contar na historia.

— Obtido um typo brasileiro, de razão e de acção, será necessario fixal-o, e isso só o conseguirá a formação de grandes familias, de grupos estaveis e tradicionaes. Esses grupos, para terem uma fixidez no tempo, requerem uma fixidez no espaço, isto é, uma séde, um centro de cohesão e continuidade. Tal centro será a propriedade territorial, a Fazenda. A terra, em toda parte, ha sido o ninho da verdadeira nobreza, aquella que se illustra pela irradiação de virtude e grandeza, e não a que se celebra pela comedia ironica dos titulos. No Brasil, não deixou tambem de ser assim, embora em minima escala. Entre nós, apenas duas nobrezas houve — a pernambucana, dos senhores de engenho, que decahiu, e a paulista, de senhores de café, que subsiste. Floresceu, tambem, no Estado do Rio, um nucleo de familias nobres, mas cujo brilho logo se empanou com o esgotamento das terras fluminenses. Se a prosperidade do

município de Campos se prolongar por dois seculos, teremos nessa cidade o brazeiro de uma nova nobreza fluminense.

A formação de grandes familias, nucleos de cohesão nacional, só pôde nascer da volta á terra. As familias sem ninho se dispersam. No Rio de Janeiro não ha sociedade estavel, desde a ruina das fazendas circumvizinhas. Já se não dá o mesmo em S. Paulo, onde as familias possuem nos campos os elementos de sua permanencia. E' um novo feudalismo que se prepara, de grande utilidade para o nosso futuro, se leis sabias impedirem a formação de immensas fortunas individuaes, de fórma a dar a esse feudalismo uma feição como que patriarcal. A aristocracia brasileira, isto é, a flôr da raça ha de ser, e só pôde ser, uma aristocracia rural.

— O ultimo dos effeitos, visivelmente uteis, da realização do nacionalismo agrario é, como dissemos, conjurar no berço a guerra de classes. Na Europa, tem caminhado a questão social, a passos agigantados, para uma solução radical. Das ruinas da rajada infernal, que desola os campos europeus, só um triumphador óra apparece: o proletario. A Autoridade triumphou na guerra, a Anarchia triumphará da guerra. A menos que a paz se faça sem demora. E' uma lei de historia, divulgada por Ferrero, e amanha apoiada por novos exemplos, que as grandes reformas sociaes acompanham as grandes guerras. A revolução social, que se prepara, não poderá senão reagir fracamente em nosso meio, de condições bem outras que na Europa, onde as classes são um facto e não uma designação, como entre nós. Tendo o exemplo europeu mostrado que a formação de classes, com interesses e objectivos inteiramente diversos, redundna na guerra entre as mesmas, é do mais claro bom senso impedir que, no Brasil, alcancem ellas uma persónalidade tão forte, como attingiram no velho continente. O meio promptamente accessivel de se chegar a esse resultado parece ser a distribuição mais equitativa das riquezas, evitando a miseria que, graças a determinadas circumstancias, não existe ainda entre nós.

Pois bem, a vida do campo, a exploração de propriedades territoriaes é relativamente inapta á formação de graudes for-

tunas individuaes, quasi todas de origem industrial ou fructo da especulação nas cidades. O luxo, na terra, é sempre muito commedido, requeimando os costumes maior simplicidade. A vida corre numa quasi identidade de interesses e objectivos entre senhores e empregados, e as paixões não chegam a sazonar. E' a atmospheria das fabricas, o ar viciado das minas, o calor da fôrnalha das machinas que esgota a saúde e irrita as ambições comprimidas. E' o spectaculo do luxo citadino, do vicio e da miçeria que lança os homens uns contra os outros. Já no labor campesino se não dá o mesmo. O colono tem uma parte nos lucros, ou explora o seu terreno arrendado; forceja ao ar livre, num trabalho sadio, que lhe desanuvia o animo, e tem presente, nos patrões, o exemplo da vida singella e patriarcal, sem arrogancias nem imposições. Já passou o regimen do feitor. Os patrões, por seu lado, sentindo a communitade de aspirações, que os liga á sua gente, perdem a possivel aspereza da indole, tomam interesse pelos humildes, que lutam, arroteando a sua terra, preparando a sua colheita, permittindo sua prosperidade. Um operario está muito mais alongado do director da fabrica, ondê trabalha, do que o colono do seu patrão, e é isto justo e natural, porque este dirige o que é seu e aquelle o que é de muitos.

Se a exploração de latifundios impede a formação de grandes fortunas, tem ainda a vantagem de prender as riquezas ao sólo. E' uma observação commum que todo fazendeiro ama a sua fazenda, com esse sentimento de propriedade carinhoso, que tem muito do verdadeiro amor. Por isso, só lhe interessa augmentar as colheitas, apurar os rebanhos, conservar ou replantar as matas, com o que se não dispersa a maior parte da renda do sólo, voltando ao seio da terra sob a fórma de machinismos, de reproductores, de novos braços para o amanho do terreno. As fortunas mais uteis á economia de um paiz são, portanto, as fortunas ruraes, leutamente adquiridas, estaveis e fecundas. Entre nós, a essa soberba vantagem se accrescenta, como vimos, o incalculavel bem da conservação de nossos habitos tranquillos e francos, impedindo o furor de lutas fratricidas.



Limitei-me a consignar os effeitos mais apparentemente beneficos que trará ao Brasil a emigração para o interior. São innumerables as consequencias secundarias desse movimento: o augmento da população, sendo a prole, nos campos, uma fórma de riqueza; o descortino e o combate de novas molestias, de mi-crobios novos; o desenvolvimento das estradas de penetração; a catechese dos ultimos indios; a instrucção do povo asperrimo dos sertões; a descoberta de novas madeiras, novas minas, energias e riquezas novas; a conservação da lingua; a lucta, pela inercia, contra o cosmopolitismo; a mudança da capital para o interior e o consequente apuro da administração; a formação do gosto nacional, e portanto de uma architectura, e, mais tarde, de uma arte originaes e synthonicas com o meio; o estudo dos problemas nacionaes sob a base da experiencia e não da inagi-nação, e mil outras.

O Exodo dos grandes centros, repetindo o do seculo XVIII, já não é uma figura de rhetorica. A machina poz-se em movi-mento, e lentamente vae realisar o seu destino. Já nos bafeja a figura uma aragem viril, nascida nos campos livres do interior. A valorisação dos terrenos é uma prova do que se affirma. E' mistér, sem duvida, uma adaptação. Não conviria, embora pos-sivel, que o littoral em massa se transportasse para o sertão. O desequilibrio seria fatal. As funcções de uma nacionalidade em marcha, são infinitamente complexas, e a sua variedade ne-cessaria. Não faço mais do que accentuar os beneficos de uma dellas, em nosso caso, a mais importante dellas. Não caberá, talvez, á nossa geração mais do que o inicio dessa Cruzada ao Sertão, mas cumpre, ao menos, transmittirmos a nossos filhos, sob a fórma de herança, a nostalgia da terra, herdada dos la-vradores alemtejanos, nossos avós, e a ambição da terra, for-jada pelo nosso "eu". Nem todos lograrão libertar-se da Cidade e do Estado. Cada um que ousar fazel-o póde gloriar-se de que bem mereceu de sua Terra.

Rio — 1917.

ALCEU AMOROSO LIMA.



FIGURAS MORTAS

Quem, no meio de uma festa ruidosa e banal, enfasiado do convívio fictício das salas, se refugia em algum deserto terraço, onde não cheguem nem os sons da orquestra que faz bailar os convidados, nem o murmurio das conversas, si, num momento de silencio, ouve os tons longinquos de um *adagio* de sonata, quéda-se, absorto, a escutar os distantes écos, e a procurar na trivalidade dos barulhos que o cercam, sons que se lhe assemelhem.

Assim, volvem de espaço, em tenuíssimas sombras, as reminiscencias da minha infancia, de envolta com innumeradas figuras desaparecidas, que, do fundo da minha memoria, me estendem os braços, como as estatuas do palacio em que nasceu a Mignon de Goethe. Muitas dessas figuras eu não terei visto, mas, por um phenomeno natural nas crianças, se me tornaram familiares ao espirito, á força de ouvir falar dellas em casa.

Conhcei, por vaga tradição os velhos amigos de meu pae, e os seus condiscipulos, fallecidos ou ausentes ao tempo da minha infancia, e, reunindo o que, sobre elles, li ou ouvi depois, posso, mais ou menos, lhes reconstituir as figuras. A todos sobressae o famoso Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, o *Carapuceiro*, mestre e protector de meu pae, que lhe dedicava grande amizade e gratidão, por lhe dever os primeiros passos na vida publica. E' muito pouco conhecida dos nossos contemporaneos a figura curiosa desse pamphletista philosopho, monge desfradado, politico militante, mundano elegante, orador sagrado e tribuno popular, sacerdote liberal, que se póde consi-



derar um dos mais característicos homens representativos do seu tempo. Padre Miguel morreu em 1852, e, ainda em 1854, em carta com que A. Charma, remetia a meu pae varios trabalhos seus, juntava duplicatas para lhe serem entregues.

Francisco José Furtado, collega de anno de meu pae, assim como Fabio Alexandrino de Carvalho Reis, antigo deputado pelo Maranhão, e Antonio Borges Leal Castello Branco, antigo Presidente de Pernambuco, e alguns outros a quem não conheci, foram meus amigos até os ultimos dias. Destes destaquei o Marquez de Paranaguá, tambem seu collega de anno, e cuja amizade se não esmaeceu nem pela ausencia nem pelo tempo, pois se correspondiam constantemente, e conservaram vivas as recordações da antiga convivencia. Possuo um exemplar da obra de Le Chambray, *Philosophie de la Guerre*, a cujo respeito falou-me uma vez o Marquez, dizendo que meu pae lho offercera um dia "para quando fosse Ministro da Guerra". Por morte do Marquez, o seu digno filho Conde de Paranaguá teve a bondade de fazer-me presente do livro, onde se acha pregado um cartão com as seguintes palavras: "Recordação do dia 14 de Outubro de 1846. 4 de Março de 1876." A data recordava o dia da formatura de ambos, e a do offercimento é posterior aquella em que Paranaguá foi pela primeira vez Ministro da Guerra (7 de Outubro de 1866), e anterior áquella em que o foi pela segunda vez (19 de Outubro de 1879).

Esfumam-se num nimbo vaporoso as minhas recordações do que contava meu pae sobre as figuras da sua mocidade. Eutram vagamente nessas recordações os seus antepassados que foram rebeldes de 1817, do que muito se nfanava, os antigos condiscipulos, poucos dos quais pessoalmente conheci, e as personagens pernambucanas com quem conviveu na sua mocidade. Lembra-me de que falava com muita gratidão do antigo Bispo de Olinda D. João da Purificação Marques Perdigão, fallecido em 1864, que revoltado contra os volumes francezes que elle lia em sua mocidade, e de que se fez propagandista, dizia somente ter confiança em livros de capa de couro. Tambem por tradição conheci meu tio, o Padre Bernardo Raymundo de Souza Bandeira, Conego da Sé de Olinda, onde morreu em 1856, vitima da epidemia do colera morbus, deixando grande

nome de sacerdote illustrado e piedoso. (Padre Lino do Monte Carmello Luna. Memoria Historica e Biographica do Clero Pernambucano, pag. 128).

A gente, porém, de que sempre lhe ouvi falar com afeição e saudade era principalmente o grupo interessante dos velhos liberaes historicos. Frequentava-lhe a casa o velho Abreu e Lima, o famosô *General das Massas*, fallecido em 1869, a quem não conheci pessoalmente, mas de quem sempre o ouvi falar com grande estima e admiração. Este antigo *condottiere* da democracia sul-americana é um dos typos mais curiosos da formação do nosso paiz. Ligado aos mais importantes movimentos da emancipação nacional, viu tragicamente executado na Bahia seu pae o Padre Roma, rebelde de 1817. Evadido da prisão, viaja pela Europa e Estados Unidos, passa a Caracas, alista-se entre os libertadores de Venezuela e da Colombia, torna-se amigo de Bolivar, Santander, Paez, Sucre, e os mais caudilhos da independencia dos povos hispano-americanos. Bate-se heroicamentê em Rio Hacha, Boyacó, Puerto Cabello e Carabobo, e conquista o posto de general do exercito venezuelano. Voltando ao Brazil em 1832, tem os seus postos e honras confirmados no exercito brasileiro por acto da Assembleia Geral, e torna-se, na tribuna e na imprensa o ardente propagandista da democracia e do livre pensamento. Polemista ardente, e espirito de larga cultura, bate-se no Rio de Janeiro e no Recife, por todas as ideas que então apaixonavam os espiritos liberaes: — nacionalisação do commercio a retalho, eleição directa, descentralisação das provincias, liberdade de cultos, casamento civil. Versado em estudos de critica religiosa, sustenta nma tremenda discussão com os mais illustres membros do clero sobre a questão das Biblias falsificadas. E, tendo incorrido em excommunhão maior, ainda depois de morto, finda a sua vida accidentada e tumultuosa provocando uma formidavel luta religiosa a respeito da sua sepultura, que a Igreja prohibiu fosse aberta em logar sagrado. O grande chefe praielro Urbano Sabino Pessoa de Mello foi amigo particular de meu pae. Igualmente o foi Nascimento Feitosa, a cujo lado estava na Camara dos Deputados em 1864, quando precedido de grande fama de orador, (certamente merecida), ao pronunciar o seu

primeiro discurso, perturbon-se por tal fôrma que fez o mais formidavel fiâsco de que até então resavam as chronicas do parlamento. De Nunes Machado falava com a sympathia que devia ter inspirado aos seus contemporaneos aquella captivante personalidade. Vinha constantemente nas suas conversas a lembrança de Borges da Fonseca, typo completo do demagogo romantico, individualidade interessante e original que ainda espera o estudo que merece por parte de algum subtil investigador de psychologia historica. Que pena não se ter Euclides da Cunha dedicado ao estudo das revoluções pernambucanas!

Algumas figuras sobrenadaram e poderam ser ainda observadas pela insaciavel curiosidade da minha infancia. Assim, lembro-me muito menino ainda, do secco e anguloso Monseuhoir Muniz Tavares, glorioso sobrevivente das Cortes de Lisboa e da Revolução de 1817, mirrado como um pergaminho, palido, curvado, a presidir, com a Gran Cruz de Christo ao peito, uma sessão do Instituto Historico Pernambucano.

Recordo-me quando, vindo do sen Consulado de Barcelona, chegou ao Recife, e alli morreu, Felix Peixoto de Brito, o antigo revolucionario e fogado jornalista. Bella cabeça enquadrada por uma linda barba branca, olhos vivos, gesto elegante mas audaz, falava com ardor dos tempos antigos e recordava os dias da sua prisão em Fernando de Noronha. A sua morte subita, pois na vespera eu tinha acompanhado meu pae em uma visita que lhe fizera, enchen-me de profunda surpresa.

Lopes Netto, que conheci mais de perto, era tambem uma reliquia das revoluções, um daquelles a quem a linguagem jacobina do tempo chamava *Os Martyres Pernambucanos*. Trocou depois o bloco de conspirador pela farda de diplomata, e fazia grande cabedal de ser considerado amigo pessoal de Sua Magestade O Imperador. Homem de espirito, intelligencia culta e viajada, seria de uma conversação muito agradavel si não tivesse o prurido de fasel-a girar quasi exclusivamente em torno á sua pessoa, aliás muito interessante. Recordo-me perfeitamente do assombro que me causou quando, ao receber benevolamente uma visita que lhe fiz, predeu-me horas esquecidas a mostrar-me os seus retratos, no Cabo Norte ao lado do Rei da Suecia, nas ruinas de Carthago ao lado do Bey de Tunis, junto ás Pyramides

do Egypto ao lado do Khediva, e na Exposição de Philadelphia ao lado de D. Pedro 2.º e do Presidente Grant, parecendo-me que fazia mais questão da vizinhança das illustres personagens do que da significação historica e bellesa natural dos sitios em que se retratara. Naquelle mesma noite offuscou os meus olhos atonitos com todas as condecorações que lhe esmaltavam o peito. Como ultimo traço, lembra-me ainda de que, na Bibliotheca Provincial de que meu pae era Director, fez-me procurar e leu-me todo o seu celebre discurso em 1865 contra a Liga, em que se dirigiu ao velho Nabuco com as palavras de Racine: *Soyons amis. Cinna, c'est moi qui t'en convie*. Muitos anos depois, encontrei-o no Rio de Janeiro, em um bonde, a ultima vez que veio ao Brazil. Como viesse ao seu lado, dei-me a conhecer, lembrei-lhe as nossas antigas relações e falamos de coisas do passado. E porque eu me tivesse adiantado em lhe pagar a passagem, contrariou-se com isso, e exclamou em voz alta, com aquelle ar sarcastico que sabia ter: — “Pagar um meio de condução em um vehiculo publico é um costume selvagem que só se vê em um paiz atrazado como o Brasil”. Este traço fez rirem á minha custa todos os passageiros do bonde.

Ao velho grupo dos liberaes historicos, os *chimangos* de 1832, os *praieiros* de 1848, conservou-se meu pae irreductivelmente fiel, e si bem que não militasse ativamente em politica, manteve-se nessa attitude até deixal-a definitivamente. As suas idéas politicas eram imbuídas do mais puro liberalismo, e reclamavam a eleição directa como a expressão do voto popular e o unico meio de fazer deste uma verdade. Foi sempre estrenuo propagandista da eleição directa, e em 1862 reuniu em livro diversos escritos de J. J. de Moraes Sarmiento, José Antouio de Figueiredo, Pedro Autran da Matta e Albuquerque, Silveira de Souza, Feitosa, e General Abreu e Lima, punindo todos pela abolição da eleição de dois graus. Escreveu para o livro um prefacio em que, depois de fazer o historico de todas as transformações por que tinha passado a lei eleitoral em 38 annos que tinha o Brasil de nação independente, mostrava que o unico meio de restabelecer a verdade do systema representativo, era a eleição directa. (Reforma Eleitoral. Eleição directa—Collecção de diversos artigos sobre a eleição directa e precedida de uma intro-



dução pelo editor o Bacharel Antonio Herculano de Souza Bandeira — Recife — 1862). Pelos nomes citados, vê-se que a reforma tornou-se a bandeira do partido praieiro de Pernambuco, para depois sel-o de todo o partido liberal do Imperio, somente se vindo a realizar em 1881, com a Lei Saraiva.

Em 1863 foi meu pae eleito Deputado geral na legislatura de 1864 a 1866, e figurou com os velhos amigos da *Praia*, Urbano, Lopes Netto, Feitosa, Figueiredo, Godoy, Silvino Cavalcanti, Epaminondas de Mello e outros. Na Camara encontrou antigos amigos, e formou novas amizades entre a gente do Sul que cutão conheceu, como os dois Ottonis, Martinho Campos, Pedro Luiz, Affonso Celso, Octaviano, Joaquim Manoel de Macedo, Fleury e tantos outros, com quem de então em diante as suas relações foram mais ou menos seguidas, apesar da distancia.

Nunca, porém, foi extremado em politica, e apesar de ser firme nas suas convicções, conservava as melhores relações pessoais com os seus adversarios, não sómente da fracção do seu partido denominada progressista, como do partido couservador. Contava que, quando em obediencia á orientação do seu partido, concorreu com o seu voto para derrubar em 1864 o Ministerio Zacharias, este, ligado a elle por velhos laços de amizade que datavam de Ólinda, ao encontral-o nos corredores da Camara, exclamou em tom de amigavel reproche: — “*Tu quoque, Brute*”.

Desde que me euteudi, vi a nossa casa frequentada por tudo o que havia de mais notavel em Pernambuco, no mundo social, intellectual, e politico de ambos os partidos.

Tenho ainda presente ao espirito a figura glabra de Mon-senhor Pinto de Campos, alto, de nariz adunco, tez morena, recémchegado da Terra Santa, a nos ler com enphase espectacular, um capitulo do seu livro sobre Jerusalem, que então estava imprimindo, com o seu sotaque arrastado, nasal e sibilante de sertanejo de Pajehú de Flores.

Era intimo da nossa casa o velho José Soares de Azevedo, educador uotavel, espirito de larga cultura, poeta romantico ao gosto do tempo, vivo, sciutilante, espirituoso, e sabendo conservar na velhice o encanto da mocidade.

Conservo bem viva a memoria do velho educador João Estanislau da Silva Lisboa, cujo passado romantico se cercava aos

meus olhos de uma aureola de mysterio. Nascido exoticamente em Calcuttá, não sei por que voltas do destino, tornou-se notavel na sua mocidade pelo assassinato de uma jovem, pertencente a uma das melhores familias da Bahia, que esquecida de antigas promessas de casamento, ficara noiva de outro, o qual veio a occupar depois posição saliente na magistratura e na politica do Imperio. Processado e condemnado, cumpriu sentença, e na Cadeia da Bahia, a mocidade do seu tempo ia procural-o para lhe ouvir as sabias lições. Homem de largo descortino, erudição variadissima, historiador, geographo, conhecendo a fundo e falando todas as linguas cultas, depois de cumprida a sentença, abriu um collegio onde se educaram os filhos das principais familias bahianas. Ao acompanhar ao Recife os seus alumnos destinados á matricula na Faculdade de Direito, frequentava assiduamente a nossa casa e entretinha a minha curiosidade infantil com lindas narrativas em que se misturavam a Historia e o maravilhoso. Falleceu em Paris, em 1878, e uma das mais fortes impressões da minha infancia é a sua singular figura, sempre vestido de branco, nervoso, agitado, e cheio de indizível encanto na conversação. Lembra-me do cuidado com que meus pais evitavam na conversa qualquer allusão, que lhe pudesse avivar a lembrança do terrivel drama da sua mocidade. Si, por acaso isso acontecia, mudava de côr, perturbava-se, e bem mostrava que lhe continuava presente, tantos annos depois, o sinistro momento do seu desvario. Que differença da sobranceira com que os assassinos de hoje, graças á impunidade do jury, arrostando a sociedade, como que se pavoneando dos seus crimes!

Quando algum dos velhos amigos de meu pae, de passagem para a Europa ou para o Norte, tocava em Pernambuco, nunca deixava elle de procural-o, dando-lhe ás vezes hospitalidade em casa. Quantas vezes foi nosso hospede, de caminho para o Ceará ou para a Côrte, o Senador Pompen, figura respeitavel de sacerdote, chefe politico, escriptor e pae de familia! O Conselheiro Padua Fleury, homem fino, intelligente e amavel, de cuja phisionomia irradiava uma doce e communicativa sympathia. O Conselheiro Gomes de Castro, que muito lhe sobreviven, baixo, de pequenos olhos scintilantes, vivo, conversador, amigo de contar historias na sua voz nasal e de falsete. O Barão de Mamoré, de



uma affabilidade um tanto reservadá, gestos lentos, maneiras de fidalgo do velho regimen, nunca deixava de procurar a nossa casa quando passava pelo Recife. Aquellas passagens de homens illustres, eram uma grande festa para a minha curiosidade juvenil, que circundava os nossos hospedes de uma aura de magico prestigio, e exultava de vel-os assim ao meu alcance, na intimidade da nossa modesta sala de visitas.

Assim se passou a minha adolescencia, na convivencia carinhosa de um nobre e modesto espirito, cuja vida se pautou pela pratica do bem, pelo culto do dever, pelo amor da patria, da liberdade, e pelo gosto das coisas intellectuaes. Combalido pela tristeza da viuvez, sentindo-se cada vez mais isolado no mundo, do qual iam desapparecendo os seus companheiros, morreu em 30 de Novembro de 1884, victimado aos 72 annos por uma congestão cerebral.

Era por occasião da famosa eleição de 1884, durante o Gabinete Dantas. Joaquim Nabuco, candidato pelo 1.º Distrito do Recife, fazia a sua propaganda eleitoral por meio de conferencias á maneira ingleza, em que inflamava as massas com a sua palavra formosa e ardente. A eleição era disputada palmo a palmo, em todo o paiz, em toda a provincia, e com formidavel ardor, nos dois districtos do Recife.

Realisou-se o pleito em 1.º de Dezembro, exactamente no dia do enterro. Houve em S. José um grande conflicto, que convulsionou a cidade inteira, resultando varias mortes, entre as quaes a do celebre Bodé, cabo eleitoral do partido conservador. A ordem publica alterou-se, reinava uma atmospheria de terror, e alguns chefes politicos de nota tiveram de homisiar-se.

Pois os partidarios os mais exaltados de ambos os grupos suspenderam um momento as hostilidades para acompanharem os restos do homem a quem tanto estimavam. Destacavam-se no enterro quatro pessoas, hoje mortas, então adversarios irreconciliaveis, que no meio de uma luta ardente e rancorosa, travada precisamente naquelle dia e naquelle momento, cumpriam o dever piedoso de levar á sepultura o amigo commum, que sempre lhes dera o exemplo do desprendimento e da tolerancia. Eram os quatro eandidatos cuja sorte se decidia então, nos dois districtos da Capital da provincia. Joaquim Nabuco, em pleno vigor da



sua bella mocidade, elegante, polido, seductor e aristocratico, sobressahindo a todos pelo seu porte varonil de *gentleman*. Manoel Portella, grave, sentencioso, carregando a custo o peso da sua responsabilidade de homem notável. Theodoro Machado, fino, sympathico, educado e culto, verdadeiro typo do fidalgo bondoso e estimavel. José Marianno, irrequieto, turbulento, revolucionario, glorioso de ter nas veias o sangue rebelde dos Carneiro da Cunha de 1817 e 1824. E, unico vivo desta galeria de mortos, Sancho Pimentel, então Presidente da provincia, espirito de escol, cuja amisade cultivou ainda hoje como um dom precioso, e que então perpetuava a longa tradição de uma amisade que já vinha de outra geração, deixou um momento as terriveis responsabilidades que lhe pesavam, para prestar á memoria de meu pae a triste homenagem do seu comparecimento.

Eis como, apenas saído da adolescencia, vi dispersar-se a velha casa da Rua da União, seguindo cada um de nós o destino que lhe estava traçado na vida!

(Capitulo do livro "Evoções")

SOUZA BANDEIRA.



SONETOS

ALTO DE SERRA

*Effunde a urna de Aquario a espaços o chuveiro,
Que as flores lava, os brotos abre, o ar purifica.
Bebo-te, ó sação forte, a seiva agreste e rica
Neste cheiro de chão de serra, que é o teu cheiro.*

*Já seu nevado véo de rendas o espinheiro
Sólta; do ingá polpudo a arvore fructifica;
No alveo de areia e pedra e piseas de ouro e mica
Fartas rolam cantando as aguas do ribeiro.*

*Um dia novo a tudo acaricia e banha.
Que bom fôra já ter morrido, para agora
Vêr-me esparso em crystaes, aguas, effluvios, lumes!*

*Para sorrir no sol, que doura esta montanha!
Para chorar no tom, com que este rio chora!
Para elevar-me aos céos em nevoas e perfumes!*

O LIVRO DO CEO

*Livros, em que minh'alma dessedento
Na avidéz de saber, que a invade e inflamma,
Ficæ-vos, que outro livro me reclama
Empregue nelle agora o pensamento.*

*Esse — é aberto, lá fóra, o firmamento,
Em que ora a noite sombra e luar derrama.
Suas eternas paginas de ehamma
E escuridão vou meditar attento.*

*A luz, que em vós deslumbra e move espanto,
Na fonte de onde nasce, no infinito,
Resplandecendo em sóes, deixæ-me ir vê-la,*

*Lendo o poema da mão de Deus escripto,
Onde em concerto é cada esphera um canto,
E é uma estrophe de fogo cada estrella.*

FIAPO DE LÃ

*Era um fiapo de lâ, que ia sósinho,
Desprendido de um manto, ao vento leve.
Alguns momentos no ar, ineerto, esteve,
Sem saber dos espaços o caminho.*

*Toma-o, passando, ao bico um passarinho;
(A noite cae. Sopra a nortada e ha neve).
Vae voando com o que vóa. Vae. Em breve
Baixa, com azas que baixam, sobre um ninho.*

*E ao ninho dando e ás pennas almo e suave
Calor, toda a humidade enxuga e some
E em quentura se expande e enche de zêlos...*

*Que aos sem lar e sem pão — homem ou ave,
Qualquer migalha vil lhes mata a fome,
Qualquer fiapo de lâ podê aquecêl-os.*



FIM...

(Perspectiva lunar)

*(Noite que desce. Alvor de lua
Entre nevoas. Deserto illimitado.
Longe, em estrada immensa e nua,
Vão duas sombras lado a lado.)*

Primeira sombra:

Sós, como em nossa noite de noivado!

Segunda sombra:

E' que o noivado continúa...

Primeira sombra:

Olha estas brumas...

Segunda sombra:

Niveo cortinado...

Primeira sombra:

Dize — mortalha que fluetua...

Vê as nossas cabeças que branqueam...

Segunda sombra:

E' que as pratêa o luar, do espaço...

Primeira sombra:

Chega-te a mim... A solidão me assombra!

*(Hesitam, pavidas ancêm,
E conehegadas num abraço,
Fundem-se as duas sombras numa sombra.)*

1917.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

HELENA B...

Meu caro amigo.

Pela terceira vez v. me pede que lhe conte toda a historia de mademoiselle Helena B... que tão profunda impressão, diz em verdade, causou a mim e aos quatro amigos communs que, um anno inteiro, gosámos o encanto do seu trato intimo. Resisti sempre ás suas solicitações. Helena era, de algum modo, o nosso mysterio; instinctivamente guardamos a maior reserva sobre tudo que lhe dizia respeito. Instinctivamente, escrevo bem, porque não saberia explicar, quanto a mim, ao menos, os motivos de semelhante discreção. Pudor, einme, egoismo? Tudo isto, e mais do que tudo isto, um quê de superstição mystica. Eu que nunea fui romantico, que nunea fiz versos, nem mesmo na idade heroica dos vinte annos e na delicia deste paiz de poetas, encontrei, afinal, esta scentelha de romantismo e poesia.

Hoje, entretanto, cedo ás suas insistencias. Faz um anno que Helena se partiu, e, ai de mim! para nunca mais, nunea mais... Posso, pois, ser indiscreto, sacrificando-a e o meu pudor, á sua curiosidade. V. é romancista; nessas pobres regras que lhe envio, sem artificios nem preoccupações literarias, na tristeza das minhas saudades, encontrará, talvez, o esbôço de um perfil feminino. Presto assim ás letras indigenas este pequeno serviço que, desgraçadamente, é o unico que lhes posso prestar — entregar a v., mestre incontestado, homem subtil e profundo, um curioso motivo de arte. Leia attentamente o que lhe vou dizer, advinhe o que a minha penna não conseguiu exprimir, e é possivel que Helena B... se lhe torne um typo de romance futuro. Um instante mesmo, fieo a pensar com inveja no seu exito, o mais grato dos exitos, que é o que se consegue entre as mulheres. Se tivesse a coragem de escrever, creio que não troearia o applauso dos quarenta daqui, e cousa seria, até da França, por um sorriso, um simples sorriso de uma mulher intelligente e bella...

Mas v. me permittirá que lhe não dê noticias da vida de Helena. Sainte-Beuve, aquelle velho amigo das mulheres, que é um dos santos do nosso culto commum, escreveu que as mulheres não têm biographia, fêla palavra para uso dos homens, a rescender a seus estudos e pesquisas grosseiras. Somente a um botânico pode interessar a origem das rosas e seu destino; a nós outros, basta que "vivam o espaço de uma manhã", e tragam á tristeza e á fealdade do mundo um momento de graça e belleza.

Só posso contar-lhe a historia do espirito de Helena; da sua formosura, nem ousaria falar, no receio de repetir veias phrases do romantismo piegas. Allaz, v. a viu um dia, e eu sei, porque estava presente, do seu deslumbramento...

Se v. fosse capaz de polluir a penna encantadora que escreveu a "Cigarra" num desses grosseiros romances realistas, onde se narram a ascendencia dos heróes, as taras e vicios dos avós, não lhe diria nada, porque lhe não pôderia dizer tudo. Mas, felizmente, v. tem graça e gosto: não ha perigo de ver de futuro no dorso de um livro seu, este sub-titulo tremendo: historia natural de uma rapariga na Republica brasileira...

— Helena B... veio do ceu, ou antes, veio do seculo XVII ou do XVIII, brilhou algum tempo no Consulado e no primeiro Imperio, nos salões de Madame de Récamier, perdeu-se depois na sociedade aspera da nossa democracia. Era filha espiritual de madame de Maintenon, temperou a licença de Versailles na severidade da educação de Fénélon, foi hospede de madame de Chatelet, em Cirey, ao tempo de Voiture, esteve em Seeaux com a duquesa de Maine, conheceu Goethe na sua gloria de Weimar, e nas "Memorias" de "Saint-Simon", se v. procura bem, encontrar-lhe-á o retrato...

Faz dois annos que a conheci, por acaso, numa coincidência que julgo a maior ventura que a misericordia dos deuses me permittiu. Porque e como um barbaro, quasi um selvagem, vindo do fundo agreste de uma aldeia nortista, pôde penetrar na intimidade daquella exilada de Versailles?

Eis ali o grande orgulho da minha vida. Queimei-me, e é possível que ainda hoje me desespero no fôgo de todas as ambições. Aspirei as cousas vãs do mundo: dinheiro, posição, renome, gloria... Mas, creia v., que sacrificaria todos os meus sonhos por esta realidade vivida — **Deuses, conheci Helena...**

Eramos cinco rapazes de sua intimidade: L..., aquelle poeta, de barbas nazarenas, que nos lembra Anthero, M..., philosopho bergsoniano, espiritualista e complicado, D..., diplomata insolito que tem talento e maneiras, C..., politico e deputado, democrata e republicano feroz, pallido e cruel como Saint-Just, e este pobre homem de S. José da Corôa Grande... Duas ou tres senhoras secundarias, que se apagavam á sombra de Helena, completavam o nosso Décamerou...



Fui o mais assíduo, e se v. me concede um movimento de immodestia, o mais querido dos seus habituados. Mais do que aos outros, Helena distinguia-me com a sua afeição, e, de certo, porque em nenhum delles encontrou, tão viva, radical e absoluta, essa attitude de admiração, quasi de extase, em que vivi o anno todo e que, afinal, é grata ás mulheres, mesmo ás grandes mulheres...

Os meus companheiros eram homens da vida e do mundo. L... tinha e tem um grande nome, a palpitacão romantica de mil eoracões, femininos que lhe recitam os versos; M... e C... dividiam os seus cuidados entre a metaphysica e a politica; D... tem os salões, o orgulho das conquistas, e apesar do espirito, o da propria carreira. Eu fiquei completa e exclusivamente a serviço do seu culto...

Que me me importava o resto? Vivi longo tempo, v. sabe, no mundo de Racine, Cornelle, La Bruyère e Saint-Simon; guardava o que chamo absurdamente, em falta de outro nome, a saudade de Versailles. Eis que, no nosso meio prosaico, no Brasil republicano e egualitario de hoje, se me depara, num recanto de Copacabana, cutre o asphalto e a luz electrica, os jornaes e as eleições, uma miniatura de Rambouillet — a graça, a harmonia e o gosto incomparaveis, o encanto e a delicia de viver...

Julgue do meu deslumbramento; despi-me dos meus cuidados e mergulhei tranquillamente na felicidade que se me offerecia.

O Brasil agitava-se, então, numa grande lueta politica; as paixões partidarias dividiam o paiz como numa guerra civil. Que valia tudo isto? No dia em que as forças legaes bombardeavam marinheiros revoltados, e ia pela cidade desfeita um alarme de espanto e medo, llamos versos de Racine... A's portas da Revolução, Versailles divertia-se; é uma "émcute", pensava confiadamente o rel...

Depois, foi o horror dos dias idos e que parecem tão longinquos á nossa memoria curta: os assaltos, as violencias, os crimes, o periodo de megalomania e loucuras, que tão profundamente perturbavam o curso da nossa vida politica. Continuamos a ler Racine, a decifrar o tranquillo Descartes e a inquietação ardente de Pascal...

Não creia, entretanto, que a crise politica não interessava a nós todos; C..., o mais ardente revolucionario daquelles tempos, trazia-nos o éco das luctas do Congresso e das ruas e fazia vibrar em nós as proprias paixões. Demais, eramos brasileiros e tinhamos alli, ao vivo, uma experiencia social.

Porem, o nosso interesse era mais historico do que partidario; quasi scientifico, se ouso palavra tão grave.

Helena tinha a intelligencia muito viva e universal para se fechar a qualquer phenomeno da vida. A politica a interessava; lêra Rousseau, Voltaire, Mallet du Pan, Burke, alguns historiadores e escriptores politicos do seculo passado, Taine, Buckle, Prudhon, Tocqueville e, mais recentemente, Bryce. Os estudos politicos eram-lhe, pois, fa-



miliares. Não tinha, comtudo, paixões politicas e, claro, que não podia tel-as, principalmente no nosso paiz, onde ellas são tão estreitas, pes-soaes e mesquinhas. Conhecia os homens da Republica, as figuras ephemeras de momento, porque, pasme v., lia os jornaes indigenas. Certas figuras contemporaneas, o senador A..., o ministro B... despertavam-lhe um horror instinctivo; as suas melhores sympathias iam para S..., este forte temperamento de homem de Estado, cheio de talento, brilho e energia, que ella conheceu, mais do que conheceu, advinhou, e que a politica teima erminosamente em deixar á margem...

Vejo, meu caro amigo, que eu divago atravez das minhas impressões e das minhas saúdaes, sem lhe dizer precisamente quem foi Helena B... V. desejava que lhe traçasse um perfil ou, ao menos, um esboço. Difficil tarefa a que me exige! Esta noite, reli algumas paginas de Saint-Simon, alguns retratos femininos de Sainte Beuve, todo o La Bruyère, a ver se o geito me vinha. Inutil o meu trabalho, perdida a minha vigilia. Nem sei como começar... As minhas idéas e recordações despertam em tumulto, e não encontre melos de as por em ordem...

Deveria, talvez, como aconselhava Taine, proeurar na complexa figura moral de Helena B... a virtude dominante que a caracterisasse e definisse. Homem sensual, dirá v. consigo, que foi a extraordinaria belleza que nos prendeu e captivou. O resto seria secundario, phantasia das nossas paixões e das nossas saúdaes. La Bruyère disse: "um bello rosto é o mais bello de todos os espectaculos, e a harmonia mais doce é a voz daquella que se ama..."

Certamente, a belleza de Helena impressionou a todos nós. Não seria sincero, nem digno de sua confiança, se lhe não confessasse que todos tivemos o nosso momento de paixão. Ainda hoje, Helena é o meu modelo, a minha medida de belleza; não posso admittir que alguém seja bella, sem que me lembre o seu typo, sem que tenha a sua estatura mais que media, a suprema elegancia do seu corpo forte, a alvura immaculada da sua pelle, os mesmos olhos verdes, os mesmos cabellos louros, a bocea, entre grave e ironica, e, sobretudo, a doçura incomparavel da sua voz e a graça unica dos seus gestos. Mas os nossos sentidos se aquietavam; o laço eterno que nos prendeu, vinha do seu espirito, da sua intelligencia, a mais lucida, a mais penetrante intelligencia que tenho conhecido.

Nenhuma mulher conseguiu inspirar paixões mais vehementes, amidades mais profundas; as paixões ella as tornava ephemeras; as amidades ficavam. Posso jurar-lhe que Helena não amou homem algum. Era incapaz deste sentimento de que vocês, romancistas e poetas, vivem a contar e cantar eousas tremendas, e que, afinal, eu crelo bem, é o grande negoelo da vida. O amor absorvente, feroz e destruidor, parecia-lhe um sentimento selvagem; não o comprehendia ja-



mais. Ninguem melhor do que ella, poderia adoptar, como divisa, aquelle verso, supponho, de Tennyson, que Machado de Assis cita algures:

“I cannot give what men call love”

Conhecia apenas a amisade e ninguem soube ser mais amiga. Estimava os homens com a mesma liberdade e franqueza com que estimaria as mulheres, e estou que, no intimo, preferia o nosso commercio ao do seu sexo. Invejamos menos e somos menos perfidos... Foi uma dessas raras mulheres que poderiam desmentir o profundo La Bruyère: “as mulheres vão mais longe no amor do que a maior parte dos homens, mas estes a vencem na amisade...” Eu não saberia definir o genio de sua affeição; possuia todos os tons: suavidades de amor de irmão, toques commoventes de affecto maternal. Era naturalmente dócil e boa; Sainte-Beuve diria della que, como Arethusa, poderia atravessar impunemente a onda amarga. Inspirava um não sei quê de confiança tranquilla, a que todos nós nos abrigavamos das luctas, dos desesperos da vida; era a confidente incangada das nossas magoas, tantas vezes ridiculas e infantis. E note v., psychologo e romancista, que os seus melhores amigos foram os seus apaixonados mais ardentes. Quê sciencia de tacto, de subtilidade e graça, possuia para converter a ferocidade egoistica das paixões na serenidade das affeições frateruaes, não sei; posso apenas verificar o phenomeno. Em toda a sua vida, não houve um drama, uma gota de sangue, um Werther sequer.

— Contei-lhe na ultima vez que estivemos juntos os extremos da paixão do nosso commum amigo M..., o philosopho. Parece-me que chegou a perpetrar versos de amor, o que constituc, em verdade, o mais grave dos peccados para tão grave philosopho. Pois bem, M... veio a ser um dos seus habituados fiels, um dos seus bons amigos.

Nós, a principio, pensavamos que Helena era um moustro, uma estatua de belleza, sem palpitações humanas, como dizia L..., pois muito custa ao homem admittir uma mulher que não ame. Nossos yelhos instinctos de fera, nossos habitos seculares de orgulho e predomínio difficilmente perdõam a resistencia das prezas. Eva, não a creou Deus, para a delicia e o desespero dos homens? Imaginavamos cousas romanticas e absurdas, casos de arripiar: um grande amor infeliz que a tivesse tornado immune de paixões novas, falhas, monstruosidades psychologicas... Somente a sua intimidade quotidiana couseguiu curar-nos, alargando-nos a intelligencia e o coração. Convencemo-nos todos de que, afinal, era possivel uma mulher que não fosse um “bibelot” ou machina de amor, porque era simplesmente a inecontestada rainha da graça e do espirito. O proprio D..., com a sua elegancia perfeita, as suas tradições mundanas, a sua petulancia e ousadia, recuou em tempo...

Ente phantastico! As mulheres conhecem diversas maneiras de fugir á impertinencia atrevida dos homens: uma virtude que se offen-



de, grita e esbraveja; um desdem superior e orgulhoso; o simples recato ingenuo, que se offende e não sabe gritar. Helena defendia-se de outra forma. Não gritava, não desprezava, não se humilhava. Domava, convertendo as fêras sedentas em cordeiros. Madame Récamier, segundo conta Sainte-Beuve, era mais ou menos assim, mas ainda ia até a promessa, deixando sempre que ardesse no coração dos homens uma esperança longinqua e vaga. Helena, não; não promettia nunca, revelava-se logo na franqueza e lealdade dos seus sentimentos. Jamais, nenhum de nós descobriu, neste assumptô amargo para o nosso desespero, um grão de malicia, um segundo pensamento.

Creio que as outras mulheres não a comprehendiam bem. Julgavam-n'a "coquette". A uma senhora, ouvi uma vez esta palavra nacional e grosseira — namorada — Traguel calado a affronta. Que quer? Se lhe tentasse a defesa, compromettel-a-ia mais. Já ouvi um litterato profissional dizer que não conhecia Goethe, e que Machado de Assis era um pobre diabo... A gente ouve essas cousas resignadamente, desconta depois alguns peccados, e faz jus ao ceu...

— Helena era rica, muito rica mesmo. Descendencia de uma dessas raras familias ruraes do Brasil, que conservam a fortuna antiga e os habitos tradicionaes de fidalguia e distincção. Foi educada e viveu longo tempo na Europa. Sabida de um collegio em França, percorreu lentamente alguns paizes do Velho Mundo: dois ou trez annos na Inglaterra, longas excursões á Italia, Grecia, Suissa, Allemanha, acredito mesmo que á Russia e á Scandinavia. Digo — acredito —, porque raramente falava nas suas viagens. A sua finura e o seu tacto conheciam o ridiculo dos "parvenus" e caixeiros viajantes, que, a todo proposito, encontram meios de recordar as cidades que visitaram: uma noite, em Stockolmo... um dia, em Athenas...

As viagens deram-lhe ao espirito curioso e culto a camada final de brilho e elegancia. Procurava estudar a civilisação de cada paiz, os aspectos caracteristicos, a vida economica, a sociedade e a politica. Se não cultivasse toda vida o bom gosto de não escrever, sobretudo, impressões de viagem, estou que poderia dar-nos da Russia, Inglaterra ou Allemanha, analyses tão penetrantes quanto as de Madame de Staël. Mas sempre combatera o habito máu que nós outros adquirimos — de nos derrarmos prodigamente atravez das linhas complacentes do papel. Escrevia pouco; a sua correspondencia, tão interessante, que eu talvez collija um dia, se reduzirá a umas vinte cartas, dirigidas a algumas amigas da Europa e a nós, os seus fideis adoradores.

Das nossas raras palestras sobre viagens, conclui que a Inglaterra lhe era o paiz predilecto. Parecer-lhe-á um tanto estranho, como sempre me pareceu, que um espirito todo francez, nas virtudes classicas da raça, na penetração, no brilho e na graça, não scutisse que a França era a sua patria. Tentaria uma explicação, lembrando phrases e opiniões ouvidas: a França que admirava era uma França que



dizia não existir mais — espiritual e requintada, de Versailles e dos salões — que não confundia a “blague” com o espirito, sem jacobinos e radicaes, sem “boulevards” e “cabarets”. A Inglaterra seria, na democracia universal, o ultimo recanto do mundo, onde existem ainda distincção e nobreza, uma “élite”, que sabe viver fina e honestamente.

Aliaz, Helena amava sobre todos os paizes, o seu paiz natal. O seu patriotismo era sincero e profundo. As nossas tristezas e infelicidades affligiam-n'a como as de uma pessoa querida. A sua alma tão doce e piedosa, revoltava-se até o desespero contra os erros e a maldade dos nossos dirigentes. Julgava-nos bons, cheios de virtudes, inteligentes e vivos, generosos até a prodigalidade, doces até a submissão. Todo mal provinha dos politicos que mantinham o paiz inculto e quasi miseravel para o explorar á vontade. Entretanto, o nosso futuro inspirava-lhe confiança; haviamos de veneer um dia, despertando da nossa profunda indolencia.

O Rio era a festa eterna dos seus olhos. Não havia um recanto pitoresco da bahia que deseonhecesse, uma ilhota perdida, uma perspetiva de montanhas, uma angra, uma enseada. Pereorrera os pontos mais ignorados da Tijuca e da Gavea, as praias maravilhosas que se estendem de Copaeabana a Jacarépaguá, as florestas de Santa Thereza e do Coreovado. A paysagem tocava-a profundamente, maximé, a paysagem maritima. Pintava, e sem ser propriamente uma artista, por lhe faltar talvez a technica do officio, tinha sentimento e gosto. Ha algumas marinhas suas que julgo perfeitas. Dedicava uma paixão quasi physica á curva que vae do Leme á Igrejinha; muitas vezes, reproduziu-a nos seus estudos, e se nelles falta a poesia melancolica das manchas de Castagnetto, ha em compensação um sentimento mais intimo da paysagem, maior vivacidade de cores, maior riqueza de luz. Ninguem traduziu com mais alta emoção a alegria das madrugadas e a tristeza dos erepusculos. Creio que, durante os tres annos em que habitou a “Villa” da Avenida Atlantica, com o seu terraço sobre o mar, não perdeu um poente sequer — o espectro solar todo, desde o vermelho sanguineo ao roxo de quaresma, que tomam o mar e o ceu ao pôr do sol; os occasos melancolicos dos dias de chuva, os desesperos dos dias de temporal e vento sul, quando o ceu desee, eseuo e fechado, e o mar brame e ameaça tudo, e o vento convulsiona a areia da praia e varre o asphalto e grita nos telhados.

A musica não lhe despertava a mesma paixão. Parece-me que a excepção de alguns classicos — Schubert e Chopin, principalmente — a musica deixava-a um pouco indifferente. Os tangos barulheutos e as valsas lascivas irritavam-lhe os nervos. Julgava-os manifestações de arte sensual e primitiva.

A sua outra grande paixão foi a litteratura — muito mais a prosa do que a poesia. Perfeltos o seu criterio literario e a sua sensibili-

dade artistica. Não conheci mais alto prazer do que ouvir-a diseorrer sobre essas velhas e eternas questões literarias. Com que penetração e finura julgava um livro e adivinhava o temperamento de quem o eserevera! Não havia uma grosseria, uma expressão difficil e dura, um erro de analyse, um anachronismo que lhe escapasse. As suas meliores cartas, as mais interessantes são aquellas em que resume para um de nós um livro novo ou traduz impressões de leituras antigas.

A literatura moderna causava-lhe certo desgosto; achava-lhe um tom geral de banalidade. Guardava o culto dos classicos francezes, do genio de Montaigne, do "esprit" de Voltaire, da nobreza de Racine, da perfeição de Fénelon e La Bruyère. Dos modernos, é excusado dizer, Anatole France era-lhe o escriptor predilecto, pelo que tem de classico, de Voltaire, de "exquis", embora não lhe perdoasse, como não perdoava a Voltaire, certas licenças de linguagem, expressões de velho libertino que lhes maculam a prosa incomparavel. Dentre os nossos escriptores, é tambem oeioso dizer-lhe, Machado de Assis e Joaquim Nabuco foram os cleitos do seu espirito, o primeiro muito mais do que o segundo. Eram os unicos talvez ao seu ver, que tinham verdadeiro gosto literato, idéas, finura e graça, o sentido intimo da medida e da harmonia. O sr. Ruy Barbosa, com a riqueza verbal que Deus lhe deu, cantava-a — julgava-o derramado e excessivo, monotono na grandeza e eloquencia habituaes, que a flor de um sorriso não perfuma nunca.

Amava alguns poetas: Castro Alves, cujo entusiasmo juvenil a commovia, Alvares de Azevedo, Raymundo Corrêa. Era um pouco injusta para com o nosso grande poeta nacional, o sr. B..., a quem fazia muitas restrições, sobretudo, á vulgaridade dos sentimentos. Parecia-lhe que o sr. B... amava e cantava as mulheres, com o sensualismo grosselro de um burguez provinciano. Em algumas das suas cartas ha analyses penetrantes de pensadores e philosophos, espeeciamente de Bergson e William James, que ella estudara, um pouco para servir á paixão de M..., todo bergsonianou todo pragmatista que era, e não sei se é ainda...

Entretanto, como de Fradique Mendes contava Eça de Queiroz, o melhor ouro do seu espirito espalhou-o prodigamente nas palestras daquelle pequeno salão de Copacabana, que foi o nosso encanto sem fim. Cem annos que visse, não esqueceria um momento aquelle recanto doce e tranquillo. Não tinha o luxo berrante de certos salões nossos, onde os quadros, os espelhos, as estatuetas, os movcis, se amontão como num armazem de "bric a brac". Era sobrio e distincto: mobilia ingleza, talvez um pouco pesada para o nosso clima, uma meia-luz que se coava atravez das cortinas e reposteiros, que não cançava os olhos e nos deixava neste tom dormente de erepusculo, tão grato para as longas e suaves palestras. O que não falavamos, o que não disentiamos então! Ella possuia a arte encantadora de saber ouvir, e mais ainda, de fazer brilhar o espirito alheio. Estudava o gosto, as inelinações de cada

um, para os servir melhor. Lia Bergson para discutir com M..., acompanhava a nossa política para ouvir e entender C..., estudava os nossos poetas para agradar L..., que os criticava e negava todos...

— Ha uma hora que lhe escrevo falando de Helena, e não lhe disse ainda dos seus sentimentos, da sua bondade divina, do seu caracter. Desconfiava bem das minhas forças. Como descrever a perfeição?

Eu me resumo: fez o bem que poudo. Não houve nunca uma obra de caridade que encontrasse a sua bolsa fechada, um pobre que batesse inutilmente á sua porta. A sua grande preocupação era que ninguém soubesse dos beneficios que fazia; por isto mesmo, v. não lhe lia o nome entre os dessas senhoras que fazem a caridade elegante, mais elegante do que caridosa, promovendo chás, concertos, espectaculos, para que a prosa ridicula e insultuosa das secções elegantes dos jornaes lhes descrevam as "toilettes"...

Aliaz, fugiu sempre da nossa sociedade. Julgava o nosso mundo falso e risivel. Um verão que passou em Petropolis e algumas festas que frequentou aqui no Rio, tiraram-lhe o desejo de continuar. Viu e observou tanta coisa...

Ah! meu amigo! Pensar que nunca mais a verei, que nunca mais contemplarei o seu rosto, ouvirei a sua voz, admirarei a riqueza e a graça do seu espirito... Porque se partiu? Porque não brillará mais entre as tristezas e as sombras da vida? Não encontro consólo para as minhas saudades.

Morreu em Paris, ha seis mezes, aos trinta annos, na completa florescencia do espirito e da belleza. Não sentiu o insulto da velhice, a melancolia dos occasos femininos. Caiu em plena gloria. Era tão perfeita, que, muitas vezes, fico a duvidar de sua propria existencia. Pergunto a mim mesmo, se Helena não foi uma simples phantasia de minha imaginação, que, aqui, alhures, andou a colher de entes reaes, aspectos perfeitos, para completar uma figura ideal, que não poderia viver, não poderia viver...

JOSÉ MARIA BELLO.



FERNANDO DE NORONHA

CURIOSIDADES DA TERRA E DA GENTE

Tudo em Fernando de Noronha é curioso, a começar pela própria formação geológica do archipelago. Vulcões extintos, em era anterior ao descobrimento do Brasil, despejaram lavas, originando o grupo de ilhas que ali existem. Ainda ha vestígios de tres crateras, na principal. E a maioria das pedras é de estructura basaltica.

O archipelago é composto duma ilha de légua e meia — *Fernando* — dontra de meia légua — *Rata* — e de várias insignificantes ilhas de pedra ao redor daquella, á qual estão ligadas por arrecifes submersos.

Como um grande marco a orientar de dia os navegantes, vê-se, desde trinta milhas de distancia, o célebre Pico. E' um Pão de Assucar de 320 metros de altitude e mais importante do que éste. A mais notavel balisa da América do Sul, na opinião do geólogo americano John C. Branner. Curioso, porque é formado de phonolitho ou pedra de sino, inacessivel, e ainda mais curioso porque em sua parte mais elevada ha semelhança com a face humana.

Tantas, são as curiosidades em Fernando de Noronha! O Mórro do Frade, é outra. E' uma grande pedra fincada no oceano a algumas centenas de metros da extremidade sul da ilha principal. Vista de longe, dá idéa dum frade, de habito talar.

Ainda outra é o Portão Grande — tunel que as vagas solaparam e abriram na parte sul da ilha de Fernando. Ha uma infinidade de grntas, uma das quaes, a da Janellinha, é vasto salão



com assentos naturaes de pedra é uma abertura em forma de janella, por onde penetra a-luz.

A que mais attrahe o visitante é a que existe na ilha Rata, onde residem apenas os pharoleiros e onde se encontram as maiores jasidas inexploradas de guano da America do Sul, segundo Orville Derby. Chamam-na Funil. A vaga penetra num labirintho de canaes subterraneos, ouve-se ruido, dá-se compressão, ás vezes estrondo e, por aberturas alem, a água esguicha, elevando-se até cem pés. Nos jactos, não raramente, são arremessados peixes e seixos.

No reino vegetal medra uma planta chamada *burra*. E' de extraordinario poder caustico. O leite queima a pelle dos animaes, a ponto de não crearem pêllo no lugar attingido! O contacto da fólha produz inflammação. A fumaça da madeira queimada, cega.

Chamam-na *burra*, pela semelhança das fólhas com a orêlha desse quadrupede. São verde-escuras, lustrosas, com peciolos purpurinos estreitos e succulentos.

Constitue castigo de que fogem os presidiários, cortar um galho de *burra* — tarefa de que o administrador incumbê os sentenciados de mau comportamento, especialmente os que estão no presidio ha pouco tempo.

Em menos de meia hora, o infeliz está inflammado da cabeça aos pés. O leite queima, abre em chaga; a approximação duradoura produz inchações, com especialidade no baixo-ventre. Durante dois ou tres dias fica o presidiario impossibilitado de trabalhar.

Curiosa anomalia com o cajueiro. Em outras partes só fructifica uma vez por anno; em Fernando dá fructo durante o anno inteiro. Nota-se sempre na arvore, em qualquer tempo, a floração, o maturo e o fructo.

No reino animal, não ha sapos, nem cobras nem urubús. Um casal desses abutres, para ali conduzido, levantou vôo e não regressou. As lagartixas têm as cabeças muito delgadas, dessemelhantes das do continente. Camarão, não o conhece o natural de Fernando. O carangueijo não habita os mangues; vive nas pedras, no mar; é famoso pelo tamanho. Ha grande quantidade de gatos bravios, outrora domesticados, mas fugidos para as furnas. E têm subsistencia assegurada pela grande quantidade de ratos — menos a curiosa especie de ratos brancos exterminada



pela exportação. As tartarugas (aruanãs) medem, ás vezes, dois metros. Existem duas curiosas especies de aves aquaticas: *rabo de junco* e *viuvas*. A primeira recebe aquella denominação pela grande cauda branca, muito recommendavel para enfeite de chapéus de senhoras. A outra é um palmipede mergulhador. Andam em bandos aos milhares e muitas vezes perseguem o caçador. Com os ovos de *viuvas*, eriam galinhas, na ilha Rata.

* * *

Fernando de Noronha foi descoberta mais ou menos ao mesmo tempo em que Pedro Alvares aportou a Santa Cruz. Viveu independente dos governos do Brasil até 1700, quando passou para o dominio de Pernambuco. No seculo XVII foi occupada pelos hollandezes e no seguinte pelos francezes.

Não se sabe ao certo desde quando o archipelago é presidio. Em 1612 o capuchinho De Abbeville encontrou portuguezes e índios desterrados pelos moradores de Pernambuco. Em 1645 os hollandezes, senhores da capitania, desterraram tres mulheres. Em 1825 foi para lá desterrado o republicano cearense Raymundo Alexandre Pereira Ibiapina, patriota da Confederação do Equador e em 1898 lá estiveram deportados o senador João Cordeiro, os deputados Barbosa Lima, Alcindo Guanabara, o barão Santanna Nery, o major Thomaz Cavalcanti e o sr. José de Albuquerque Maranhão, por crimes politicos.

Fernando de Noronha é hoje uma penitenciaría agricola, pertencente ao Estado de Pernambuco.

Alli estão cerca de mil prisioneiros de ambos os sexos, divididos em tres grupos: trabalhadores — com officio ou de campo, sargenteantes e criados. Estes servem aos libertos e passam vida relativamente folgada. Os sargenteantes são os mais intelligentes e de boa conducta. Os demais trabalham no campo ou nas officinas, sob a direção dos sargenteantes.

Ha outra classificação, quanto ás moradias: “aldeiados” — os que não tendo familia ou sendo de mau comportamento, devem dormir presos e “desaldeiados” os que têm residencia propria.

A's 4 horas as cornetas tocam alvorada. É o aviso para trabalhadores e sargentos. Devem levantar-se e cuidar do “bo-

de” — almoço que levam para o campo, num embornal a tiracolo.

A's 5 1/2 é dado o segundo toque de corneta e todos vem formar em companhias, na frente da administração.

Os sargentos procedem á chamada em suas companhias. Ao longe o éco repete a voz possante dos pregãos em alcunhas curiosas: *Mão de pacca, Farrambamba, Pelladô, Urubu chumbado, Mocotó, Papangú, Nove-boia, Engole-cobra, Peito-pardo, Penitente, Pombo-Roxo...*

Verificada a presença de todos ou a ausencia de alguns, os sargentos ordenam que os doentes saham da forma. Passam para a inspecção medica, enquanto os outros seguem para o trabalho.

A's 17 horas estão todos novamente formados no pateo da directoria. E' por um dos sargentos lido o detalhe do serviço para o dia immediato.

A's 20 horas a corneta toca silencio. Os “aldeiados” vão para o alojamento; os “desaldeiados” para suas residencias, sendo obrigados a silencio, com prohibição de luz acesa. A ordem é dormir, para evitar conciliabulos sobre fuga...

Visitei o presidio acompanhando o governador Manuel Borba, com intuito de escrever a geographia physica e politica do archipelago — o que realisei. Nesse tempo não havia systema presidiario. A vida era em commum, nũa liberdade relativa.

Os presos casados tinham sua habitação, residiam com a familia, plantavam e colhiam, formavam peculio, sendo ainda alimentados pelo governo.

A vida assim, dadas as difficuldades da classe pobre, era melhor ás vezes do que no “mundo”. Constituia mesmo um incentivo para o crime o excesso de liberdade. Não raros voltavam ao presidio, depois do cumprimento de penas, por culpas novas.

A sociedade, o meio é o que póde haver de peor. Alli ha bandido de toda a ordem, desde o mais perverso dos assassinos ao gatuno mais cynico.

Uns se arrependem do crime commettido em momento de impulsiva paixão, outros o relatam com o maior prazer. O ladrão tem revolta ao ser comparado ao assassino; este se col-



loca superior áquelle. Um julga indigna a especie de crime do outro.

Em verdade, parece que são os assassinos que se julgam mais dignos de compaixão.

Assisti a uma centena de pedidos de perdão. Uns se diziam innocentes; outros culpados arrependidos. Todos eram criminosos de morte.

Fni apresentado ao preso de melhor comportamento. Era um velho branco, de regular instrucção. Estava condemnado como ladrão de cavallos, pela terceira vez. Apenas se via solto no continente, entrava em funcções. Contam mesmo que no presídio, para *matar o vicio*, chegou a furtar um cavallo e escondel-o durante dias, tratando-o por sua conta, nas furnas. Resolveram o problema dando-lhe um cavallo, que elle trata com especial carinho nas horas de folga.

Fernando tambem tem o seu *argot*, patuá ou coisa equivalente. Ninguem diz Recife ou Pernambuco. E' *mundo*. Com essa expressão designam qualquer parte do continente, maximé a capital do Estado.

Outra é *irmão do Pico*. Antigamente se chamavam *irmãos do Pico* os condemnados a galés perpetuas. Como o grande rochedo, dalli não sahiriam mais. Hoje se consideram *irmãos do Pico* os que estão na ilha ha algum tempo.

Ha outras menos interessantes e communs sómente aos presidiarios, como *aurinha*, *linha branca*, *retroz* para designar aguardente; *molle*, objecto furtado; *mucaco*, objecto penhorado; *bode*, lanche.

Que mundo de lendas cria a fantasia daquelle povo supersticioso! Quasi todas se relacionam com thesouros encantados, dos tempos dos holandezes e francezes.

Uma dellas diz respeito ao Pico, em cujo ponto culminante vêem um fogo fátuo. E' a alma encantada de linda franceza que guarda um thesouro e alli está penando até que o desentrem.

Acrescentam mesmo que um pescador de anzol, ao lusco-fusco, perto da base do Pico, pescou a franceza, cuja cabeça ionra surgin á tona d'agua e ficou na praia maldizendo do sentenciado que temeroso fugira, deixando o canço...

MARIO MELLO.

VIDA OCIOSA

XIII

Faltava carne para o jantar; por isso, depois do café da uma hora, meus amigos piracoaras aprestaram-se para a ida á beira-rio. Estava prompto o samburá com os roletes de angú, debulhos de frango e milho para rapar na céva como chamariz. Couvidaram-me para participar da pescaria.

— Outro dia... respondi: Venho com tenções de pescar, e no entanto não me encorajo a arrostar sol e ladeira para satisfazer meu desejo. E a vida assim é que me parece rasoavel: um perpetuo aspirar, sem realizações.

— Tem graça, dr. Felix! aparteu siá Marciana. Acha mesmo que o melhor da festa é a espera?

— Sou assim, na verdade. E cá commigo julgo que é o mais logico meio de evitar desillusões. E' a causa de ainda estar solteiro. Não quero dizer que condemne o amor...

Perpassou-me aos olhos da memoria a estampa do tal ex-futuro-cunhado, de marreta engatilhada: "Ou casar, ou..." O desastrado espaventara-me uma vez por todas do-casamento, com grande consternação das amavcis pretendentes a sogra, pullulante especie que vive a tecer redes de agrados para que se lhes carregem as filhas do lar.

— Por exemplo: essa matta da outra margem, que não é como esta margem praguejada de caatingas e pastos, exerce sobre mim verdadeira fascinação. De contemplal-a a distancia embriago-me, perturbo-me, imprecando os fados que me fizeram nascer civilisado e homem. A verdadeira vida é a da floresta,



com os seus mysterios, emboscadas, emanações de humms millenario, empavezada de florações ridentissimas. Seu sileneio ha de segredar-nos cousas nunca ouvidas, que valem os livros de todos os poetas e philosophos. Porque a sabedoria nativa e a poesia humana estão nessas vozes eiciantes das brenhas, no exhalar de mysterios do seu chão balofo e troneos pennugentos... Eu desejaria ser indio, ser féra, ou o quer que seja que respira e sente entre a vida secular dos jequitibás, conversando o ermo, deus familiar sempre presente onde haja uma arvore frondejante ataviada de bromelias e entrelaçada de lianas. Viver a floresta, entrever-lhe a alma bruta! Mas... lá não vou. E' simples porquê. A desejal-a me inebrio; possuindo-a vermeia azoinado de pernilongos, ferretoado de formigas pretas, de sorte que o tempo da visita iria em esborrachar essas pequeninas pestes. Além disso, as orchideas não me pareceriam bem floreseidas, nem os eipós bem tramados, nem os jequitibás bem anchos, nem o perigo bem real. Não sei se estarei a plágiar um romaneista querido... Mas a verdade é que suas onças e queixadas já estão-se fazendo lendarias, sr. Prospero, mais as suas encorreadas antas. Já reparam que tudo que nos contam de bom e digno de ser visto, ou fica para muito longe ou se passou ha muito tempo? Esses escriptores que nos impingem suas maravilhas... Se fossem descrever uma pesca, mostrar-nos-iam dourados espadanejantes a abrir nagua remoinhos espumosos, reagindo á tracção da corda. Obrigassem-n'os, porém, a tomar do anzol para provar com feitos a parolagem, garanto que sómente, ajuntariam numa farpa de capim meia duzia de pratinhas anemicas, do porte de um dedo minguinho.

De pé, quedos e sorrindo, receberam os velhos o estirado discurso.

— De certo que o peixe não vem quando se quer, disse Prospero; mas ha dias felizes, e então o extraordinario visita-nos. — Diga-me: já viu peixes subirem eachoeira, aos milhares, aos milhões?

— Falaram-me nisso, respondi, sceptico.

— Pois quando as aguas crescerem, vou obrigar-o a dar um passeio a umas tres leguas daqui, para ver um pouco de maravilhoso.



— Tres leguas! exclamei horrorizado. E' como disse: ou fica muito longe ou foi ha muito tempo...

— Pois ha de ir longe, uma vez na vida. Estamos combinados? Encarrego-me da condução.

Resolvi mollemente que sim, que iria. Mal sabia, incauto que fui! o terrivel compromisso que acabava de assellar.

E, varas ao hombro, e o "coador" e a "desabusa" de desenroscar anzoes, samburá de iscas e demais utensis indispensaveis, lá se foram os dois velhos rumo do rio.

Ficando só, revolveram-se-me na memoria as ultimas narrativas de caçadas. E esperta pelo longo repouso, com suggestivo pabulo, teceu minha imaginação uma serie de romances heroicos em que eu era a personagem principal. Em poucos minutos abati um casal de sugaranas e uma bandeira de quinherfas queixadas, a tiro e á faca. Sahi com um ligeiro arranhão na perna e uma das mangas do paletó ligeiramente rasgada — cousa que com dois pontos e um pouco de arnica tinha concerto. Os despojos, carregados por uma caravana de burros, puzeram queixi-calidos meus jurisdicionados. Tinto de sangue como um magarefe, ia eu á frente do comboio triumphal. Das janellas espiavam todas as caras de minha implicancia: o advogado dos "provarás" esmiuçadores, o impulsivo, o meirinho cácate, um negociante que me não fiava, outro que me cobrava atrevidamente, todos corridissimos de sua inferioridade.

Exgotadas as sensações de triumpho, metti-me em empresas de pesca. Colhi num dia quinze duzias de lambarys, seguidas de tres dourados, um jahú, e, por fim, um peixe phenomeno que ia sabindo, sem fim, da agua. Eu a recuar morro-acima, e o monstro a deitar rabo: trinta metros, cincoenta, cem... A este ponto scandalizou-me o exaggero do romance e deixei, ainda com farta rabada nagua, o mirifico peixe, capaz de embuchar uma geração de Jonas.

No entanto, sem tener aquelle homem terrivel sentado na arca, a esfregadeira gata de siá Marciana, já esquecida e confiada, fazia evoluções pela sala, a negacear um pinto piador extraviado da mãe. Eu olhava-a com uma certa amizade, com a affeição tolerante e um tanto paternal dos poderosos e temidos, á victima inerme que já lhes soffreu o peso da colera.



Começava até a sympathizar com aquella figurinha de felino a fingir de onça. Na graça elastica do andar, no harmonioso de todos os seus movimentos, havia o garbo classico das grandes especies, o que lhe dava, por parentesco reinoto, uma certa nobreza. Como se as pernas das cadeiras figurassem rebeliras soturnas, encolhia-se entre ellas a preparar o salto; e, pé suspenso, escoltava depois occultamente os vaivens do extraviado, simulando, mais adeante, outro bote traigoceiro. Por fim a piadeira desolada do pinto perdido enervou-me; ouvindo palavras de despedida no commodo de negocio, para lá encaminhei-me, a assistir á partida do Discipulo, que era despachado mais cedo, em virtude do aeontecimento extraordinario de minha visita. De caminho um mio lancinante: pisara o rabo da oneinha.

— Fez fiaseo, sra. gata! Suas altas parentas têm mais cuidado com o nobre appendice... A especie degenerou, não ha que ver.

Segurando a alça dos livros cuidadosamente emmalados, o pretinho partia, com uma caneta de premio no bolso.

— Amanhan bem cedo, não se esqueça, José! recommendou-lhe Americo. Temos muito que recapitular.

— Sim senhor, sr. Mereco.

Da porta o professor olhava-o afastar-se; e revendo-lhe a linha de discipulo impecavel, saboreava-se em sua obra.

A certa distancia José agachou-se e encheu os bolsos de pedras.

— Que é lá isso?! bradou Americo alarmado, sahindo a apurar o caso.

O negrinho não se julgando observado, sobresaltou-se; e fazendo torcidas da aba do paletó, explicou, com vexame:

— E' que, o sr. sabe, os meninos por ali andam chamando-me Zé Correeto, e eu queria quebrar a cara de meia duzia.

— Não, meu filho! Não faça isso... A' voz da inveja devemos contrapor o orgulho de nossa superioridade. Desprese esses remoques.

E esvaziou á sua Obra os bolsos cheios de projecteis.

De regresso fez da mão sobre-céo, observando o sol.

— O dia está-se velando, dr. Felix — disse. Vamos ter, provavelmente, mudança de tempo.



Puz-me em defensiva, suspeitando os manejos conhecidos para a entrada em conversações scientificas:

— E'... E afinal, um pouco de fresca não seria mau. Se chovesse, ser-me-ia bom pretexto para dormir aqui. Prefiro não ver hoje meu pessoal da cidade, porque enforquei uma inquirição importante.

Mas, a sondar o céu, com a mão em pala, não aceitou Americo a desconversa; e com pausa e tranquillidade, como quem formúla a pergunta mais natural do mundo, começou:

— Sr. dr., com a capacidade calorifica que tem hoje o centro de nosso systema planetario, e dado o seu arrefecimento progressivo, qual o lapso de tempo necessario para a extincção completa da energia solar?

XIV

Numa transição inesperada, o dia começou de embruscar. A atmosphaera tornava-se dormente e abafada. A gente parecia mover-se num fundo oppresso de agua mórna.

— E os velhos! preocupou-se Americo. Entretidos na pesca, talvez nada vejam...

Ja grital-os; mas da janella das fuchsias, que meneavam os flexiveis caules inflorados, divisamol-os açodados, a vingar cansadamente a ladeira da horta.

Já os cabritos, salvando a cêrca, recolhiam. As bafagens do vento que levantava, encrespavam num sussurro as folhas do feijoa, embalançando as campanulas que sobrenadavam nas ondulações da verdura.

— Quantos dourados? gracejei, á fala com os velhos anhelantes, já entrados no terreiro.

Siá Marciana, o rosto quasi encoberto pelo chapeirão de palha desabado, tirou do cesto piriforme um peixe de palmo:

— Não caçóc, que aqui trago um dourado legitimo. Mas filhote muito novo.

A pesca fôra má, explicou Prospero. Talvez porque o ceveiro estivesse rondado por algum pirata dos poços profundos. Por seguro, lá ficara um anzol iscado com lambary vivo.

— E que seria esse pirata? indaguei.

— Talvez um dourado dos grandes, que breve terá o Americano de desenhar na parede. Não se trata, Deus louvado, do minhocão ou boi d'agua — sorriu o velho.

E disse-me do primeiro, que é crença ser enorme serpente que solapa as ribanceiras, mudando o curso aos rios; e muitos supersticiosos juravam já ter visto o boi d'agua, monstro que ama espaçar-se ao sol, fazendo seu pouso em lagedos ilhados no meio das correntes profundas; em avistando alguém, atifa-se no abysmo; a agua catadupeja e espirra, fechando-se em sorvedouro sobre seu gigantesco costado.

— Feche a janella! — interrompeu-se, a mim subito pegão de vento que revolveu a casa, despregando da parede velhos chromos de folhinha.

Fôra, a lufada assobiava numa cerquinha de bambús novos, arrancando-lhe uma assuada de mil silvos agudos e graves. Vastos turbilhões de folhas e poeira revolteavam no ar. De volta ao beiraes, andorinhas retardatarias luctavam com o vento; ás guinadas lançadas d'aqui p'r'alli, debatiam-se buscando o rumo; por momentos, perdido o equilibrio, descahiam, para rasteiras com o chão, recomeçarem o vôo e a lucta, numa afflicção d'asas que traduzia o aneio pelo ninho; e ás vezes, como vencidas, levava-as o vento, cousas incertes, espaço em fóra.

Pela porta do negocio, aonde eu fôra acudir a batidas urgentes, de envolta com a ventania embarafustaram aos gritinhos duas mulatas, meio cegas do pó, acolhendo-se do temporal. Uma dellas, papuda, trazia uma pequenita acavallada na cinta. A' minha vista acanharam-se.

— Siá Marciana?

— Entrem, disse-lhes, apoutando a portinha de comunicação.

Uma atraz da outra entraram. Observei-lhes o andar desengonçado, bambalcante, tão peculiar aos roceiros, e que é a adaptação do passo humano ás desigualdades do chão habitualmente trilhado.

A' tromba passou quasi instantanea, como viera. Mas o dia sombreou ainda mais. Da porta do negocio, onde me deixara ficar, inspecionei o arredor. A poeira erguida fluctuava inmota, toldando a perspectiva com a sua côr suja; e revoadas de

folhas, largadas na altura, desciam aos corropios, ou em lentos vaivens, juncando a estrada. Suava-se. A pelle, titilante, pedia o refrigerio d'uma affusão gelada, e o calmo espasmo das prolongadas immersões. Tudo gritava pela agua, anciava por agua-ceiro diluvial que abeberasse o solo calcinado, e em farta ablução abstergesse a natureza empoada pela comburencia dos meo dias estivaes. No abafo abochornado da hora, havia uma como concentração de expectativa. A terra voltava-se para o céo negro, num boquear generalizado de poros sequiçosos, supplicando a gotta d'agua de Lazaro; e nessa dilatação de secura e anccio, o bolcado dos campos parecia intumescer-se, para que mais facil a fresquidão os filtrasse e embebesse, restituindo aos colmos estanques de lympha, o alegre rugitar alvorogado da seiva.

As primeiras goticulas, ainda invisiveis, disseminaram-se escassas; depois esboçaram-se, menos espalhadas, em tracinhos finos cahindo. O céo mostrava-se taciturno, como fechado num rancor reconcentrado, rosnando. A subitas um estampido secco explodiu nas entranhas das nuvens; e em longo ecoar, uma cauda rumorosa de sons fez o circuito do horizonte, passeando pelas quebradas das montanhas seu rugido mordaçado.

Foi o signal. Grossos pingões precipitaram-se em atropello, empelotando a poeira, cerrando-se, premendo-se, a espipocar balefamente no chão; em pouco a bâtega despejava-se em ondas cheias. Columnas brancas corriam no horizonte, como batalhões de reforço succedendo-se num assalto. Despenhavam-se dos beiraeas as gotciras tensas, parellelas, estralando nas pedras da calçada; e formando um reticulado de innumeraveis veios, a agua confluia para o meo da estrada em enchurro barrento, que abria carreira morro abaixo.

Eu estava salvo. Não me lynchariam, aquelle dia. Fui logo avisar siá Marciana:

— A sra. tem hoje um hospede para pousar.

Os velhos ficaram encantados. Americo irradiou, antegostando longas horas da noite fecundas em sciencia pura! naturalmente eu seria seu companheiro de quarto.

Na varanda reinava penumbra, a que logo meus olhos se affizeram. Vi as duas mulatas sentadas na beira do estrado.



— O sr. deve sentir fome — disse siá Marciana. Vou buscar-lhe uma cousa de que gosta muito...

Suas chinellas arrastaram-se, encaminhando-se para a cozinha. Trouxe-me um pedaço de mogango coberto com uma poça de melação. Cada um teve o seu naco e sua colher. Fez-se na sala um silencio de mastigação. Fóra, as goteiras trapejavam, em abafado escachão. O feijoal, sôb a corda d'agua, abria um acachoeirado rumor, que nos chegava amortecido, através das janellas fechadas.

— Phenomeno curioso, um chuveiro assim repentino, murmurou Americo, cogitativo.

— O dr. não adivinha sobre que falavamos, disse siá Marciana noutro rumo, lançando um olhar malicioso á companheira da papuda.

— Não seja linguaruda! pediu a mulata, bufando de riso e escondendo a cara.

— Não é segredo, riu a velha. Diz a Clemencia que implica quando encontra qualquer pessoa, porque a primeira cousa que olham é a barriga della, e que o sr. foi mais delicado.

— Gente! A sra. diz tudo! torceu-se Clemencia, engasgada de riso. A falar verdade, pois decerto! é coisa que implica, porque não foi roubado. Ha creaturas que parece que nunca viram panga de mulher! Sabe, o só Gaspar? Trás-ant'hontem teve o desaforo de perguntar-me se comi muita abob'ra.

Olhei-lhe o abdomen, que de facto era um monumento notavel. Trázia sua possuidora as mãos enclavinadas sobre o embigo, talvez com a pretensão de dissimular-lhe o volume.

— Tem mesmo muita gente desaforado, grunhiu a papuda. Desde que fiquei com o pescoço grosso, é um gosto de reparar... Esta grossura...

Contou-lhe a historia desde remotos antecedentes, fugindo, com euphemismos, á propriedade da expressão. Ouvindo a conversa, a menina, ainda enganchada na ilharga, poz-se a brincar distrahida com o par de cabaças.

— Fica quéta, demoninho! — rugiu a creatura estortegando-lhe a nadega.

A pequenita confrangeu-se, largando os pendurelhos.

Siá Marciana entrou a perguntar sobre as conhecidas das bandas dellas. Miséria, docenças... Havia uma grande novidade: voltara de cumprir trinta annos na cadeia o Lourenço da Frederica. Lembravam-se? Da Frederica que andava com o Martinho, com quem fizera familia, de longos annos. Lourenço namorava-a. Num accesso de "canellagem" pica de faca um caboclo que deitara vistas cúpidas á mulata. Não houve appello nem perdão — gramou o tempo todo entre grades. Chegara aveilhucado, quietarrão, com inchação de membros, e arrastando de uma perna. Não sabiam que viera cheirar para alli. Estivera na casa da Frederica uma hora, e depois seguira p'r'as terras della, que, pelos modos, era além de Uberaba — cousa de leguas e leguas.

Interessei-me pelo caso e fiz perguntas. Nada sabiam... A Frederica era quem poderia contar.

— Ella mora no caminho da cachocira, dr. Felix — explicou Prospero. O sr. ver-lhe-á o rancho quando fizer a viagem planejada. Falar nisso — não póde ser na quinta-feira proxima?

Assenti, de corpo molle; como quizesse...

Continou a falar nesse passajo. Disse algo sobre cavallo arreado, e não sei que mais, o que ouvi desattento. Pois esse projecto pouco tentava-me a lsmnice. Eram castellos no ar, pensava.

A chuva ainda cantava na coberta, coando fino pulverisco pelo intersticio das telhas. Com a garôa rarefeita, a temperatura refrescava, no interior fechado. Já as projecções das cordas d'agua eram menos rumorosas. Cedía, o temporal. De gotciras aqui e alli, aparadas em latas, pingo-pingava a agua com mais espaço.

Com satisfacção attentaram as mulatas em seu declinio.

— Vae passar, sá Clemencia — resinungou a dos papos.

— Deixe chover, disse a velha. As senhoras estão em abrigo. Esperam a janta.

— Impossivel, sá Marciana! E' ida de muita urgencia... Precisamos estar logo na cidade.

Coisas de doença. O marido da Clemencia estava com febre e empachado. A barriga crescida roncava em borborygmas, mas "os ventos não tinham expedição".



— Será do logar... Porque estamos mudados de pouco tempo. E aquella morada não me está quadrando nada. E' na beira da estrada, e, na estrada, a sra. sabe, passa bom e passa ruim. Desde que fui p'r'aquella casa não tive um dia de alegria. Nem a gente pôde criar. Tenho uma paixão quando gavião come um pintinho meu, e lá já comeram oito, só esta sumana. E não combino com o novo patrão. Assim, a sra. vê — meu homem na casa, entregüe, e elle passa p'r'a lá e p'r'a cá e não vae lá nem uma vez perguntar se morreu, se viven.

E ainda insolencias, “ridiquices”...

— Mamãe, quero agua... — choramingon a pequenita.

— Fiea quéta, coisa ruim! — ralhou a papuda, com um repellão. Tu não qué agua nenhum.

— Vou busear, nenen... espere!

E siá Marciana, tomando um copo, apressou-se para o pote. Destapou e tirou agua com a caneca de borda repieada e eintada de furinhos sob as pontas — precaução para o asseio da bebida.

Mas ô tempo estiara. Só se ouvia o pingar lento das abas do telhado, e o rumor distante da enxurrada decrescida, afastando-se.

Perras de movimento as mulatas puzeram-se em pé, gemendo à preguiça.

— Bom, vacês até outro dia.

Despediram-se de um em um.

Pela porta que lhes deu sahida, entrou uma aragem fresca e a pallidez do dia emuevado. Abertas todas as portadas, a casa alegrou-se com a suave claridade exterior. Frouxeis de nuvens brancas tapetavam docemente o céo. Ouvia-se ainda um murmurejar de aguas remotas, perdidas ao longe. Escasqueada a paisagem de seu tisne poento, todas as côres se fixaram, lavadas, nitidas. O proprio som tinha um timbre mais claro e musical. Da terra, enfim saciada, brotava como um sorriso esparso, que easealhava, argéntino, nas surriadas dos caracarás pousados num sassafráz fronteiro, sorriso feito em frescor na aragem, em brando fremito nos pendões pennugentos dos campos, e em alvura cariciosa nas lentas vaporações que já despejavam do solo, acamando-se maciamente nos refólhos dos valles.

XV

Fechou-se a noite. Das margens empantanadas do rio sobe confusa vozeria de batrachios. Ha o tan-tan dos tanoeiros, encambalhado com silvos, grulhos, coaxos, ladridos de matilha solta respondendo-se de ponta a ponta dos atascadeiros, regougos graves, espaçados — vozes de experiencia e ponderação, guinchos, grunhidos, timbres innominaveis, bufidos extranhos, onomatopéas barbaras de todas as vozes animadas. E se se busca divisar, nos almargeaes alagados, as manadas sem numero de bestas apocalypticas, que em tal soada povoam os écos da noite, apenas se entrevê, fuscamente allumiado ao pallor do luar nevoento, o nivel palustre deserto e immoto, adormecido na calma da noite. Longe em longe vem da mata virgem um ulular soturno, voz de mysterio que coa nos nervos um arrepio de pavor. E' a vida nocturna que começa. Insulada a fazenda em terras despovoadas onde abatera a sombra, só, no desabrigo e no abandono, traz doce sensação de segurança e conforto o ver-se a gente nesse conchego amigo a taes horas avançadas. O velado da entoação das lentas phrases troçadas, o bruxoleio da lamparina empennachada de bulções de fumo negro, o ambiente de "lar", mergulham-me num sópôr agradável, propicio ás dispersões froxas do espirito.

Rodeavamos, na varanda, uma bacia com brazas; uns no estrado, outros nas cadeiras. Olhavamos todos fixamente o lume, como hypnotizados.

— Mais uma historia de caça, sr. Prospero — disse eu, quebrando o silencio.

O velho sorriu, já esperando o pedido; e reconcentrou-se, eabisbaixo, como quem puxa recordações e escolhe. A sua testa avincou-se, nessa introversão cogitativa. Via-se que seu espirito adejava longe. Levanton por fim a cabeça, e disse:

— Vou contar-lhe a historia da Pirata, a cadellinha onceira que tão tragicamente acabou. Uma figurinha de nada, pertencente ao Felício, nosso primo segundo. Tinha elle posses a um quarto de legua daqui, onde ainda se vêem, afundidos em ortiga, os restos dos alicerces da fazenda do Fundão.



Nesse tempo era a cidade meia duzia de ranchos esparsos. A mata inviolada alastrava por outeiros e gargantas, afogando as terras onde agora ondeia, na sazão das flores, o roxo furta-côr das invernadas. Onde se vê o rio escampo, aguas fluentes abertas ao céu que se remira nellas, era um trançado de retorsos troncos e galladas em abobada, tapando o azul. Na meia luz diffusa do bojo da matta, a corrente sombria colleava em meandros as aguas rebalsadas, que apenas esboçavam em seu espelho torvo os zigzagueantes elances das cordoalhas de cipós monstruosos, que se atiram em fugas loucas de rama em rama, espirrando de si esguichos de folhas tenras, e embalçando-se em sauefas emmaranhadas sobre o veio dormente. Havia alli écos claustraes, extranhas sonoridades de nave deserta, que se fizeram hoje no flebil marulho das aguas murmurillantes ao sol. A caça abundava. Onças vinham urrar á noite ás portas dos curraes. Certa vez appareceu morta, no Fundão, uma novilha, vítima de uma pintada. Felicio, exhaustinado de raiva, reuniu caçadores e camaradas para encalçar a féra. Os cachorreiros ajoujaram uma duzia de cães escolhidos dentre o melhor em várias fazendas. Promptos para a batida, Felicio guiou a matilha ao sitio onde se achava o corpo da novilha; e ali disse á Pirata, apontando a "carneça":

— Mataram minha novilha, Pirata! Descubra quem fez isso, Pirata!

A cadellinha fareja os restos, toma os ventos á roda, ensaia, affirma, e despede no cheiro da onça. Livre da tréla, a canzoada emenda após ella, em festiva alarida. Mal os seguem os caçadores. A féra está farta, pesada do cévo, venceu de certo pouca distancia. Mesmo assim, adentram-se muito na floresta, é um andar sem tregos o dia todo. A' tardinha a cachorrada assanha-se ao longe. Os caçadores precipitam-se, "estumando-a" aos bra-dos. Ganindo alto alguns cães retornam, fundamente alanhados das presas felinas. A' sua chegada, a onça, que ainda não trepou, embrenha-se para mais além, salvando pirambeiras e barrocaes impérvios. Como cae a noite, é tarde para rodearem caminho até ella. Chamam a Pirata e reúnem o resto da matilha. Houve dois cães de menos, que acham nas vizinhanças, ventres abertos alto a baixo, entornando os intestinos molles pela fenda. Mau

começo... Os camaradas armam rancho, onde todos pernoitam. Não vinham preparados para tanta demora; mas o espirito de aventura tinha-se lhes atigoadado de tal sorte, que, na ebridez da perseguição, pouco se lhes dava dos cuidados afflictos dos que esperavam. Fervia-lhes o sangue tumultuoso, e á noite foi o somno cortado de alertas somnambulicos. No outro dia a Pirata reacha o faro, e partem na abalada da caça. Vencem mais leguas penosas na matta sem termo. Já traz por fim causativa obsessão o varar de cabeça baixa espinheiros obstructos, o metter-se de hombros em cerradas redouças que travam a passagem e o desfilar repisado dos grossos troncos acabellados de musgo e orchideas ridentes, que em cachos pensos se premem a cada dispartimento de ramos. Topam a onça, não acnada, ao fim do dia. Escapa-lhes ainda. Quatro cachorros de menos. Rancho, pernoite. No terceiro dia foi liquidado o resto da matilha, menos a cadellinha. Os melhores cães eram feitos em tassalhos sanguejantes, alguns ainda trementes, num persistir de vitalidade soffredora, que movia dó. Acabavam-n'os os proprios donos, que mal conheciam naquellas fórmas espostejadas os seus onceiros favoritos. E o odio intumescia-lhes o coração, enerudecido ao ponto que, obstinados na batida, esqueciam familia e tudo. Tinham por pouco os soffrimentos que aturavam, de cansaço, contusões e fome. Porque um bocado para a bocca já montava a problema. E com a roupa em frangalhos, os pés tumentes rompendo o calçado, aprofundavam mais a selva, num entranhar-se desvariado e sem fim. Apenas, lépida e sagaz, sobrevivia a cadellinha. Sob as presas da onça era uma esquiva gotta de azougue, a sumir-se num prompto, e a tornar, buliçosa, incansavel, ubiqua, torturando o colosso como o moscardo da fabula. Não havia bote que a colhesse. — Sim... colheu-a afinal a féra. Os caçadores ainda a encontraram arfando, e a revirar para o dono uns olhos lastimosos, que pareciam dizer-lhe: "Vê? Fiz tudo o que pude. Não me culpe!" Já empedernidos pelo exaspero da perseguição baldada, os caçadores olharam-na indifferentes. Felicio teve-lhe raiva de ser tão fragil, tão nervos, tão rudimento de coisa, que uma nuhada canbestra bastava para levar-lhe o sôpro da vida: A noite amarrou-os alli. Nem conversavam, trancados em taciturnidade rancorosa, sentindo o queimôr interno



da impotencia em revolta. Um suggeriu: "Ha mais de tres dias a onça não come... Virá procurar a cadella..." Era uma idéa. Engatilharam duas espingardas sobre o sêvo que se confrangia na ultima contractura de musculos, presos a elle os pinguelos por atilhos de embira, e desandaram a arranehar longe. A insomnia teve-os muitas horas, febricitantes, o ouvido á escuta, naquelle lance supremo. Alta noite, detonação. Como foi tardio o alvorecer da manhan! Então, correm á armadilha. Lá estavam as espingardas, gatilhos cahidos, sobre a isca intacta. Mas ha nm rasto de sangue — a bicha tomara chumbo! Seguem os vestigios. Andam, pesquisam... e subito sae-lhes de cara, dum engrazado de taquary, uma deseconforme pintada. Ha nm grito de surpresa. O desenlace! Alçada sobre os pés trazeiros, as presas scintillando, a féra emite um rugido e investe contra Prospero. Prospero mette-lhe pela guela o cano da espingarda. "Atirem!" grita. No mesmo instante uma descarga trôa, chamuseando o zagaieiro improvisado, e a bicha, ainda alçando-se mais, num esgar de morte, bambeia e tomba pesadamente de costas. Afinal encerrava-se aquelle capitulo palpitante. Os homens, tornados em féras durante a perseguição, restituem-se a seres de pensar e sentimento. No coração desafogado canta-lhes o jubilo da victoria. Riem, rouquejam hurras, bebedos de alegria. E commovem-se então com a sorte da cadellinha, causa indirecta do successo. Querem mostrar ao cadaver a pelle da onça, pesada tunica felpuda. Voltam ao logar da armadilha, e defronte o corpo sacodem o trophéo sangrento. E Felicio, ehorando, toma a cadellinha nos braços, exclamando: "Pirata! minha Pirata! mesmo depois de morta soubeste ser boa!"

— Nesse momento todos soluçamos, concluiu Prospero; abalados como estavamos de cansaço e emoções, não era difficil passar rapidamente do riso ás lagrimas. E estas justificavam-se. Só uma alma de caçador, e numa conjunetura como aquella, pôde entender uma affeição assim absurda por um irracional. E alli mesmo, á roda do cadaver, juramos não caçar mais onças em dias de nossa vida. Verdade é que nem todos cumpriam o juramento... Creio mesmo que nenhum de nós, á exceção do dono da Pirata. Dalli, andando sem parar,



e tomando atalhos, levamos dia e meio para tornar a casa. Só á volta nos inquietamos em cuidados da familia. E eu com a "prima"... gorda, á espera qualquer hora... Por isso foi-me nna agonia o regresso. E, chegando á fazenda, encontro nascido o Americo.

O velho calou-se. Era, creio, a decima vez que me repetia essa historia. E, pela decima vez, todos mostravam os olhos marejados, commovidos da sorte da cadellinha, que vivia em snas recordações como creatura amada. Siá Marciana, como de costume, juntou então á narrativa a sua nota pessoal. Que interminavel angustia a dos cinco dias de espera! A demora alárnava a todos. As mulheres descabellavam-se, em desespero. Turmas de camaradas batiam as mattas derredor, tocando buzina e dando salvas. Afinal a chegada, os caçadores esfarpados, estrompados e semi-mortos de fome...

A recordação ainda fumegou, em volta do brazido, nna on nontra phrase solta, ao passo que as mãos instinctivamente se rentavam sobre as brazas veladas.

Fóra, uma harmoniosa serenidade baixava sobre a noite. Calára-se na matta o ulular mysterioso, voz lugubre de um ser extranho, que turbava, como uma ameaça de drama, a quietude universal. A matizada das rans se ensurdecia, como se as ganhasse o torpor da noite. Em torno, o descampado, o deserto. Só, ilhados no ermo, como era doce o conforto daquelle abrigo, daquelle rodinha de almas, banhadas pelos dubios clarões da lamparina! Dava nna calidez de ninho ao corpo e á alma. Também a matta silenciosa, com a somnolencia de suas grandes frondes immoveis, parecia um carinhoso conehego de ramas sombrias. Alli embaixo, era só a paz, a calentura das tocas acolhedoras, a placidez dos ninhos, a segurança da vida. A natureza dormia e sonhava florações feéricas, frutescencias opúnas; e o sonho dos brutos, adormecidos na paz, fluetnava brandaunente sob as copas, como uma exhalação de bruma...

(Continúa).

GODOFREDO RANGEL.



RESENHA DO MEZ

LIGA NACIONALISTA

Merece applausos incondicionaes a acção da Liga Nacionalista. Já sabem todos o que é essa Liga. A mocidade das nossas escolas superiores, orientada pelo espirito elevado do dr. F. Vergueiro Steidel, tomou a si a tarefa de propagar umas tantas idéas cívicas que, uma vez transformadas, em factos, assegurarão a grandeza do paiz, modificando por completo os nossos habitos politicos.

A propaganda, intelligentemente dirigida, vae-se fazendo por todos os processos capazes de actuar no espirito publico — pela escola, pela tribuna, pela imprensa e pelo exemplo — e abrange, em toda a sua complexidade, os differentes aspectos do nosso problema nacional.

A Liga não se limita a prégar o serviço militar nem a aconselhar a disseminação de escolas... Funda escolas, manda os seus membros para os exercicios militares, sugere medidas praticas aos poderes publicos, alista eleitores, pede ao Congresso uma lei que estabeleça o voto obrigatorio e outra que garanta o ensino do portuguez, da geographia e da historia patria nas escolas e collegios estrangeiros, além de uma infinidade de outras providencias, de maior ou menor vulto, tendentes todas ao mesmo fim patriótico. Nada escapa á sua visão percuciente e á sua actividade sempre álerta.

Dentre os seus actos felizes quere-

mos destacar um, especialmente: a commemoração que fez da nossa data maxima — o Sete de Setembro.

As nossas datas nacionaes passavam até agora numa indifferença glacial. Eram apenas pretexto para um feriado nas repartições publicas e para alguns *pic-nics* familiares.

Graças á Liga Nacionalista, o ultimo Sete de Setembro abriu excepção a essa regra. Em todo o Estado solennidades brilhantissimas o commemoraram e, nas principaes localidades, oradores, enviados desta capital, celebraram, em conferencias meditadas, o grande feito nacional e ao mesmo, aproveitando-se habilmente da occasião e do assumpto, fizeram uma propaganda, eloquente e efficaz, dos fins capitaes da Liga. Não sabemos de outra commemoração nacional, em nosso Estado, que so revestisse de igual entusiasmo e que tivesse uma significação tão alta e tão expressiva.

O facto dispensa encarecimentos. Commenta-se e impõe-se por si mesmo.

E' preciso agora que o movimento não esmoreça e que os directores da Liga não desanimem. A campanha em que se lançaram não ó das que se decidem por uma batalla; demanda uma lucta, continua e fatigante, de pequeninos combates diarios em que as meliores armas são a paciencia e a pertinacia.

Não é, porém, dessas campanhas cujo exito, seja qual fór o valor dos combatentes, offerça duvidas ou provoque apprehensões. Uma vez en-

cetada com a decisão que requer e conduzida sem desfallecimentos; o seu exito é seguro.

A Liga encetou-a admiravelmente. Tudo leva a crêr, e estes são os nossos votos, que a conduzirá com firmeza.

BIBLIOGRAPHIA

VERÃO, por Martins Fontes.

Martins Fontes decidiu-se afinal a reunir em volume as suas poesias. Já era tempo. Muita gente, que o não conhece de perto, indagava, entre curiosa e incredula, porque os seus amigos o consideravam um dos grandes poetas do paiz. Os amigos, d'ora avante, não precizarão abrir a bocca para responder e explicar: basta que, simplesmente, estendam ao interlocutor este volume de versos...

Um livro, o primeiro, o segundo ou o vigésimo, é que costuma dar notoriedade ao escriptor. Aqui é o contrario que se verifica: o escriptor é que dá notoriedade ao livro. O volume de Martins Fontes não é uma estrêa: é uma coroação. Não é o marco inicial de uma carreira duvidosa; é um tropheu de batalhas, já pelejadas e já ganhas.

Diante d'elle só ha duas attitudes possiveis: ou de uma admiração sem reserva ou de uma critica rigorosa. A da indifferença não é possível.

Sejam, porém, quaes forem as observações criticas que provoque — e muitas provocará naturalmente — todos que o lerem hão de concordar que é um livro forte — cheio de vida, de entusiasmo, de inspiração e de belleza.

NO'S, por Guilherme d'Almeida.

E' um livro de versos. O poeta é novo e os versos têm a frescura das coisas em que a mocidade põe a mão... De um lyrismo accentuado, a poesia do sr. Guilherme d'Almeida traduz-se numa fórma singela e corréntia, que é a fórma natural do lyrismo verdadeiro. Os themas não são novos (ha muitos seculos que já não existem no plane-

ta, segundo o testemunhou Salomão, themas novos...) mas a emoção esthetica não depende, como toda a gente sabe, da novidade do thema.

Os versos do sr. Guilherme d'Almeida, quando outros meritos não tivessem, teriam este, que não é para desprezar: têm poesia. E' quasi uma originalidade: hoje, como ninguém ignora, a maior parte dos nossos livros de versos tem tudo, menos poesia...

O poeta não deu, nem podia dar, um livro perfeito. Não se tem, aliás, o direito de exigir de um poeta novo obra perfeita. Tem-se apenas o direito de verificar a sua identidade, isto é, se, de facto, elle é um poeta ou um simples rimador — para acolhel-o com flôres ou com assobios.

A identidade literaria do sr. Guilherme d'Almeida fica bem determinada neste livro: Elle não precisa tapar os ouvidos para fugir aos assobios...

As flôres, a que tem direito, hão de levar, naturalmente, alguns espinhos. Não seremos nós, porém, quem os dispa das folhas ou das petalás em que vão envolvidos... Fique a tarefa para os criticos.

TORRE ENCANTADA, por Homero Prates.

O livro é de versos; o titulo conta-o logo. O que o titulo não conta, o isto é o principal, é que os versos são excellentes.

Homero Prates é poeta de raça e a sua poesia, alta e distincta, guarda uma linha de perfeita nobreza espiritual. Não se reparte em moedinhas reluzentes para o troco miudo de emoções da massa commum de leitores; aprimora-se em joias preciosas para o regalo de intelligencias cultas e sensibilidades finas. E' uma poesia de artista, feita para artistas.

Tudo nella traz o cunho de uma arte que bebe a sua inspiração em uma alma sensível ás mais delicadas e fugitivas expressões de belleza e que gradua os seus effeitos pelas

sugestões de um espirito, cuja lucidez natural o immunisa dos exaggeros e das bizarrias de fórma e de pensamento.

E' uma arte de traços firmes e sobrios, onde não ha logar para as demasias de colorido ou para as extravagancias de desenho. A emoção do artista nunca é desbordante nem barulhenta. Exhala-se com brandura, como se exhala um perfume, e move-se quasi imperceptivelmente, contida e disfarçada, com pudores de virgem que se despe aos poucos e que sempre arranja modo de não ficar inteiramente nua...

A SITUAÇÃO NACIONAL

A 19 do corrente effectuou-se, no Theatro Lyrico do Rio de Janeiro, a entrega da bandeira offerecida pelos bahianos residentes naquella cidade aos atiradores do seu Estado. Nessa festa, o sr. conselheiro Ruy Barbosa pronunciou o seguinte magnifico discurso:

Se não se tratasse de um acto de submissão, mas de um acto de vontade, não seria eu quem aqui viesse hoje com o encargo, que, em nome dos bahianos residentes nesta capital, me impoz uma comissão eleita dentre os seus mais eminentes membros, negando os ouvidos ao insistir das minhas escusas, e furtando os olhos á evidencia da minha impropriedade.

Num momento, como este, de effusões ardentes, não era esta a voz indicada para ecoar entre moços, ávidos do clangor das trombetas do futuro. Cordas gastas pelo rudo attriço da indignação e oxidadas á fria temperatura da severidade não vibram senão mal a seu grado, e dissonando, aos sopros do entusiasmo. Tições de brazeira apagada não tornam facilmente a revermelhar. De carvões cobertos pela cinza da experiencia não ó que se ha de reanimar a lareira extincta. O que ella estava hoje a pedir, era a madeira quente e resinosa, lenha requemante de seiva, braços do arvoredo opulen-

to, e não chamiço inutil, ou restos de borralha, para erepitar numa alvorada estridente, de contentamento, para resonar numa orchestra de energia, para arder numa labareda immensa de esperanza, -através de cuja claridade o auditorio, transportado nos surtos da eloquencia, tivesse, como nas miragens do colorido celeste, a visão da vida na exuberancia da sua plenitude.

Aos reflexos da palavra incendiada no calor das grandes emoções veríamos então desfraldar-se esta bandeira, e soltar-se aos ventos como as velas de um sonho alado, céos em fóra, rumo do futuro. Esta bandeira, senhores, que uma lembrança carinhosa dos seus conterraneos vem aqui entregar hoje aos Atiradores bahianos, emissarios do seu glorioso torrão natal nas festas de 7 de Setembro, nunca a empunharam meliores mãos do que estas, as mãos da Bahia, que, em toda a historia deste paiz, brilhou sempre á testa da vanguarda, sobresahindo nas horas mais criticas e nos mais prosperos dias, entre os primeiros na linha extrema do perigo, entre os maiores na ultima divisa da intelligencia, entre os summos na mais alta raia da autoridade, rainha entre as rainhas do espirito, da bravura e do poder, angusta destronada que se deixou despojar da sua corôa, mas não perdeu os titulos do seu principado, por haver consentido que lhes enterrassem numa dependencia immerceida os interesses de subserviencia, da mediocridade e da cobiça.

Porque sem que da condição de centro solar do systema desceu ella á de reflector da luz alheia, senão humilde satellite, para gravitar subordinadamente numa deslustrosa inferioridade? Que singulares transmutações no seu destino a reduziram a girar, silenciosa e apagada, na orbita que outros lhe traçam? Donde as influencias, que a condemnaram a esta opacidade, que a acomodaram com esta subalternidade, que a paralyzaram nesta insensibilidade?

Teria Deus, porventura, fulminado com a esterilidade aquellas entranhas poderosas e inesgotaveis, donde borbotava o genio, a eloquencia, a actividade, a riqueza? Ter-se-ha, por

acaso, desilluminado o seu firmamento, desoxygenado o seu ambiente, desfertilizado o seu solo, desenervado o seu povo, dessangrado o seu brio, desvivo a sua honra? Dar-se-ha que "a heroína dos seios titanicos" haja perdido a sua divina maternidade? que a genitrix de gigantes já não seja capaz senão de conceber pequenezas? que o leite donde se criaram patriotas, heróes e estadistas, degenerasse das suas esplendidas virtudes, e perdesse as suas excelsas qualidades?

Bem sabeis que não, senhores. A atmospheria de hoje é a mesma que a de outr'ora. A mesma a terra. A gente, a mesma. Os fructos do espirito luxuriam, alli, com igual profusão que os do entendimento. O viço borbulha com tanta intensidade nos cerebros, quanto nas pradarias, nas lavouras e nas selvas. Não se sabe onde mais reluz a opulencia do ouro fiuo e das gemmas raras, se nos veios do talento ou nos das minas inexauriveis, onde mais se multiplicam as maravilhas, se nas obras directas da creação divina, se nas da applicação humana. Nas suas escolas, nas suas faculdades, nas suas letras, no seu jornalismo se agita o calor, o movimento, a evolução da vida crescente. Um povo de uma sensibilidade extrema, de uma admiravel presteza na assimilação das idéas, de uma accessibilidade extraordinaria a todas as impressões generosas, um povo de idealistas e poetas, de oradores e escriptores, de missionarios e aventureiros, de homens de combate e homens de trabalho renova todos os dias o antigo thesouro de privilegios creadores e brilhantes, que foram, noutros tempos, a base do seu primado, e são hoje o desespero da sua preterição.

Não ha duvida que elle a sente, que elle a vê, que elle a reconhece, que elle a estranha, que elle a lastima, que elle a maldiz. Mas quem lh'a explicaria? E, se contra ella ainda é possível a reacção, quem lhe descobriria o seu segredo? Todos os vultos de quem prendou o Creador, ahi estão com ella intactos, desenvolvidos, augmentados: na população, na industria, no ensino, na liberdade politica, na expansão da cultura. Mas

onde o seu antigo prestigio? Onde a sua culminancia de outr'ora? Onde aquelle ascendente, de que, entre as suas irmãs, nenhuma se resentia, e que todas lhe acatavam? Onde a incognita desta contradição espantosa entre o seu valor de realidade e o seu valor de estima na politica nacional? Por que não melhora ella, nem mesmo quando o seu povo enriqueee? Por que não se desassombra sequer as suas finanças, nem ainda quando as suas rendas avultam, quando as arcas do seu thesouro se enchem, quando os "deficits" se lhe substituem por saldos? Por que será que com o seu renascimento economico ha-de continuar em contraste a sua situação descendente no governo do paiz? Por que será que, nas alturas onde se dispõe dos destinos do Brasil, ella se vae desgraduando todos os dias, ao passo que as suas antigas rivaes não cessam de ganhar na carreira ascendente? Estes graves problemas, quem os porá em equação pratica, e os acabará de resolver, restituindo o Estado da Bahia, neste regimen, ao lugar, á consideração, á dignidade, que, no regimen anterior, nunca cessou de ter a Provincia da Bahia?

Quem, senhores? A Bahia mesma. Ella só. Certamente ella, ella decididamente e inevitavelmente ella, no dia em que resolver tomar nas suas mãos a sua propria causa, e com a serenidade, a seguridade, a tenacidade, que deve, assentar em governar-se a si mesma, em passar de governada a governante.

O mal da Bahia, como, em geral, do Brasil todo, é isso a que, pela inconsciencia do uso, vamos dando, com irrisão, o nome de "politica". Não ha, no territorio brasileiro zona mais devastada por esse vicio corrosivo, mais esgotada por essa epidemia flagelladora. Politica, isso? Não. A politica afina o espirito humano, educa os povos no conhecimento de si mesmos, desenvolve nos individuos a actividade, a coragem, a nobreza, a previsão, a energia, cria, apura, eleva o merecimento. Não é esse jogo da intriga, da inveja e da incapacidade, a que entre nós se deu a alcunha de politicagem. Mas a palavra não traduz ainda todo o desprezo do

objecto significado. Não ha duvida que rima bem com "criadagem" e "parolagem", "afilhadagem" e "ladroagem". Mas não tem o mesmo vigor de expressão que os seus consoantes. Quem lhe dará com o baptismo adequado? Politiquice? Politiquismo? Politicaria? Politicalha? Neste ultimo o suffixo pejorativo queima como um ferrete, e desperta ao ouvido uma consonancia elucidativa.

Politica e politicalha não se confundem, não se parecem, não se relacionam uma com a outra. Antes se negam, se excluem, se repulsam mutuamente. A politica é a arte de gerir o Estado, segundo principios definidos, regras moraes, leis escriptas, ou tradições respeitaveis. A politicalha é a industria de o explorar a beneficio de interesses pessoases. Constitue a politica uma função, ou conjunto das funções do organismo nacional: é o exercicio normal das forças de uma nação consciente e senhora de si mesma. A politicalha, o envenenamento dos povos negligentes e viciosos pela contaminação de parasytas inexoraveis. A politica é a hygiene dos paizes moralmente sadios. A politicalha, a malaria dos povos de moralidade estragada.

Muitas vezes nas paragens onde se respiram esses venenos crueis, onde reinam esses agentes de morte, precisamente ahi é que a natureza nos atrahio com os sorrisos da mais amavel belleza, ou nos dá em rasgos da majestade mais grandiosa a impressão absoluta da sua innocencia e da sua pureza. Na belleza dos seus céos tudo é limpidez e diaphaneidade. Dir-se-hia que o sol o as estrellas acariciam com amor a resplandecencia do azul immaculado. Na doçura dos seus ares tudo é bondade e transparencia. No agazalho das suas terras, tudo abundancia e liberalidade. Valles banhados de rios. Montanhas cobertas de florestas. Planuras tapisadas de prados. Bastaria estender a mão para o crystal das fontes que cantam a flôr do sólo, para o mimo dos pomos que loirejam nas ramas do arvoredo, para as riquezas que extravasam do seio da terra á superficie do sólo. Nesse ambiente carinhoso, nes-

se meio privilegiado, não haveria se não que sorver a longos haustos a bomaventurança, aspirar sem cuidados a saude, o contentamento e a vida. Mas o miasma invisivel penetrou nesse Eden, e, no meio da felicidade que se exhala da natureza, o homem, condemnado á miseria pelo germen fatal que lhe circula nas veias, entristeccc, definha, agoniza, inerte, embrutecido, inutil. A margem, a amarrellidão, a cachexia, o hebetismo devoram alli á voutade as suas victimas, e uma raça valetudinaria, degenerada e repulsiva arrasta alli entre os esplendores da criação o aviltamento de uma existencia intoleravel.

Tacs, senhores, os povos, a quem coube a sorte de nascerem nas mais prodigiosas regiões do nosso planeta, e vegetarem, sob a apparencia das melhores instituições, devorados, em plena mentira constitucional, pelos vicios da corrupção da liberdade.

Esses males se remediavam, ou se previniam, quando as commuidades, ameaçadas ou invadidas não se resignam á fatalidade, e, antes de exhaustos os elementos da vida, se determinam a emprehender-lhes a regeneração. O mundo inteiro se está hoje reconstituindo para uma organização superior da justiça, da lei e da ordem, assim entre os Estados, como no seio de cada um delles. A Força desencadeou a guerra para engolir a civilização e a civilização extrahiu da propria guerra os meios de esmagar a força. O genio do absolutismo concebeu o monstruoso arrojio do ferir mortalmente a liberdade moderna nos seus centros vitaes, e, ao inesperado choque, as instituições liberaes surgiram armadas, para levar até ao coração dos invasores o principio, cuja eliminação elles conspiravam. O militarismo apparellhou-se durante meio seculo para ampliar a extensão dos seus dominios de oceano a oceano, de continente a continente. Mas da revolução, que elle encabeçou contra o direito, para o banir da superficie da terra, surgiu, torentosa e irresistivel, a democracia num impeto, a cuja caudal se alluem todos os diques, arrebatando como jognetes os thronos e sceptros millenarios dos czares, constringendo a direito divino dos

kaizers a cantar a palinodia constitucional, o amontoando encastelladas em torno dos imperios de sangue as vagas da conquista moral, que acabará carreando nas suas aguas, entre os destroços do maior dos naufragios humanos, os derradeiros restos das duas odiosas dynastias, com os seus sceptros, os seus orgulhos e os seus crimes.

Enganam-se muito mal enganados, senhores, os que cuidam que a esse movimento de profunda e irresistivel democratização, cujas ondas lavraram o imperio moseovita, submergindo o despotismo russo, não obstante a eternidade apparente dos seus alicerces, espraíram além pelo extremo oriente, sacudindo a immobillidade asiatica nos seus fundamentos, levaram as reivindicações populares até á China paradoxalmente republicianizada e estão revolvendo o mundo todo nas suas mais intimas profundezas, como se todo o systema humano do globo entrasse em fusão nos moldes mysteriosos da Providencia, e delles estivessemos para ver sahir, totalmente reconstituído, o regimen politico do universo; muito mal enganados estarão, senhores, torno a dizer, os que acreditarem que a essa preia-mar universal da conquista dos Governos pelos povos escapará indemne a America Latina e, com especialidade, o nosso Brasil.

Neste continente, como no outro, chegou, para a democracia, a hora inevitavel do seu triumpho contra as antigas usurpações que a esbulharam. Os Governos vacillam ou tergiversam. Mas o oceano cresce para elles e ha de acabar envolvendo os que lhe resistirem. A historia da nossa posição, como da dos outros Estados americanos nesta guerra, é uma série de hesitações. Hesitámos em protestar e perdemos, assim, a mais opportuna occasião do protesto; mas acabamos protestando. Hesitámos em romper a neutralidade e inutilisámos, de arte, o ensejo mais glorioso do rompimento; mas não tivemos remedio senão acabar, afinal, rompendo. Estamos agora hesitando em chegar ao termo necessario dessa evolução; e, para a ladear, creámos esta situação imprevisita até agora no direito

internacional, esta situação de meio termo entre a guerra e a neutralidade, que não é nem neutralidade, nem guerra, e não tendo as principaes vantagens de uma ou de outra, reúne quasi todas as desvantagens de ambas. Mas as circumstancias, hão de vencer, provavelmente, estas ultimas oscillações, como venceram as outras; e não tocaremos o termo desta campanha, sem que as outras republicas americanas vão até onde chegaram os Estados Unidos. Por menos que ellas comprehendam os seus verdadeiros interesses, mais poderá do que tudo a necessidade soberana dos acontecimentos; e então as republicas latinas deste continente não se verão reduzidas a assistir da galeria o congresso da paz, onde se liquidarão as contas da justiça nesta guerra, se traçará o futuro mappa do mundo e se estabelecerão as situações, a que vae obedecer, dahi em diante, a politica internacional.

Qualquer, porém, que seja a altura, a que chegemos, ou o atrazo, a que nos condemnemos na politica internacional, o que, nesse torreno, lograrem os nossos Governos, para evitar a solidariedade activa com os beligerantes, não o lograrão para alcançar que nos apartemos incolumes do vortice deste cyclone, que, dentre estas democraçias rejuvenescidas e estas autoeracias democratizadas, só o Brail se retire com a impudente falsificação da sua democracia illeza, com a sua Republica de oligarchias, mandões e caudillos intacta, com o mesmo regimen de cynica inconstitucionalidade, sem eleições populares, sem governos responsaveis, sem orçamentos reaes, sem orgão nenhum por onde respire a vida nacional, por onde se expanda a consciencia nacional, por onde a moralidade nacional se desaggrave, por onde a vontade nacional se declare e execute.

Essas correntes de ar ozonado, que, renovadas pelas descargas electricas da grande conflagração, percorrem hoje todos os paralelos e todos os meridianos do orbe terrestre, sem respeitar distancias, mares, nem montanhas, carregando, como palhas que o vento leva, monarchias, imperios e cartas, Constituições, Estados e na-

cionalidades, superstições, privilégios e tyrannias, esses desabridos tufões que lufam de toda a parte, varrendo em todos os sentidos a atmosphera, também aqui penetraram, daqui se não despedirão sem ter exercido alguma influencia, da que estão exercendo por toda a superficie da terra; e se nem as Siberias tenebrosas, nem as masmorras russas, nem as muralhas chinezas lhes embargaram o curso; se os solidos fundidos em granito e calçados na immemorialidade do tempo se esfarelam, ao martelar dessas rajadas do carpinteiro do Destino, como a poeira sacudida pelos vendavaes, — não seriam as nossas construcções politicas de areia movediça as que tivessem rosto a esse embate e lhe zombassem da violencia desusada.

Não incito, senhores, não aconselho, não desejo. Bem ao contrario, por isso mesmo que não desejo, antes me inquieto, receio e temo, é que, antevendo, previno, advirto. Não desejo, porque, num paiz onde não ha idéas assimiladas, onde não ha forças organisadas, onde não ha superioridades acatadas, uma commoção revolucionaria me inquietaria. Os exercitos do bem não estão constituídos. Mas as organizações do mal, os poderes sinistros da desordem estão alerta, para agarrar a occasião pelos cabelos, para arrastar a multidão pelas suas paixões e pelos seus soffrimentos, pelas suas ignorancias e pelas suas necessidades. O que eu presagio, e não ousou prognosticar, não é, pois, o que eu desejaria promover, mas o que eu envidaria tudo por evitar. Tudo, senhores, menos o silencio, menos a cumplicidade com os abusos, menos a transacção com os desatinos.

Gabam-se os republicanos muito mais do que lhes cabe da sua victoria contra a Monarchia. A Monarchia morreu pelas suas proprias mãos, da impenitencia do throno e da intransigencia dos monarchistas com as reformas liberaes. A Republica também poderia correr o risco de acabar do mesmo modo, não para lhe succeder a Monarchia, o que nunca mais será exequível, mas para lhe succeder a anarchia, o que seria infinitamente

peior. O exemplo da desorganisação moscovita é a peste do Oriente. Mas as pestes moraes circulam hoje o mundo com a rapidez da electricidade. O povo brasileiro não teria as energias do povo russo para se salvar da crise, de que este talvez se vac salvando. Mas, para cahir numa crise de caracter semelhante, sob a acção do fluido poderoso que está convulsionando o mundo contemporaneo, não lhe mingam elementos explosivos, que o poderão determinar inesperadamente, se os nossos politicos não se resolverem a deixar de ser politiquinhos e as nossas classes conservadoras não se decidirem pesar com todo o seu peso nos destinos da nação.

Não fiar no estribilho de que o povo é de carneiros ou muares. Também os rebanhos das alimárias mais soezgadas se allucinam, e, allucinados, podem passar por cima dos tropeiros desmontados.

Ainda não ha dois annos que o Brasil arruinado e villipendiado, via encerrar-se entre as demonstrações mais vehementes da colera e do desprezo popular um periodo administrativo, do qual se poderia dizer o que se escreveu da época de Luiz XV no auge da sua orgia: "Não é para a revolução que caminha á sociedade: é para o esgoto".

Se o sumisso desse governo, allivando-nos da sua presença, lhe desaparecesse de todo os vestigios e nos livrasse das suas obras, o dia que vimos ultimar esse funesto quadrienio teria sido uma data de gala e desassombro, consolação e triumpho. Mas, quando os espectros dessa calamidade nos desappareceram, pingando lodo e sangue, açoitados pelo clamor publico, direito, ordem, liberdade, administração, finanças, credito, honra, tudo se havia perdido, e nada, nada, nada se preservara. Em duas palavras se poderia pintar a situação nacional: miseria e ruina. De modo que, vendo passar os esquifes do sahimento de 15 de Novembro de 1914, teve o povo a impressão de assistir ao enterro das suas instituições, da sua dignidade, do seu futuro, e, nuni desses movimentos humanos a que se

não resiste, exprimiu com violencia a sua indignação, o seu nojo, o seu desespero.

Para que esse impulso, que só não estava com a natureza em se limitar á superficie de uma cidade, quando seria de esperar se generalisassem ao paiz inteiro, para que essa reacção do instincto nobre das multidões não fosse irreprimivel, seria mister que num daquelles ataques se achasse tambem pregada a consciencia da nação.

Essas erupções da sensibilidade humana persistentemente abafada assumem ás vezes proporções memoraveis, inolvidaveis, justamente quando se poderia imaginar que, graças á costumagem, dessas estiradas hibernações da consciencia dos povos, estivesse ella adormecida para sempre e já não houvesse estimulantes, com que a erguer do sopor incuravel, em cuja deshonra o habito das longas oppressões mergulha as nações resignadas.

Quando Luiz XIV, terminando os cincoenta e cinco annos do seu espantoso absolutismo, expirou, deixando as finanças publicas em destroços, e testando a França á regencia de um dos seus bastardos, o caminho de Versalhes a Saint Denis converteuse, para os restos mortaes do Rei Sol, numa via dolorosa de ultrages. A grande estrella daquelle destino, que fulgurara, deslumbrando tudo, nos campos de batalha, nas letras, nas artes, nos conselhos politicos da Europa, desaparecia agora num tumulto enlameado de bakões. O soberano, cujo reinado unificára a França, respandecera entre uma constellação de genios, o veio a dar o proprio nome ao seculo da sua passagem, não obtinha, no transito para a eternidade, a paz dos mortos. O povo que elle esmagara de tributos, entregara á ceifa das guerras e acabava deixando afogado na miseria, lhe cobrou, assim, em affrontas á beira da sepultura o prego do seu orgulho, da sua ambição, da sua intolercancia, da sua crueldade, da sua lascivia e da sua prodigalidade.

O carro funerario que o levava á derradeira jazida teve de sahir entre

lobo e cão, sobre a noite, abrigado ao escuro do lusco fusco, e, esgueirando-se sem rumor do pago régio, buscar rodeios e desvios, para ir ter, despresentido, á antiga basilica de Dagoberto, onde havia setenta e tres annos que o aguardava o seu predecessor.

Todas as classes receberam com exultação rejubilando, as novas do passamento do monarcha extraordinario, que, depois de se haver coberto de gloria e exalçado ao zenith do poder, vasquejara nas abandonadas horas da agonía, vendo batidos os seus exercitos, humilhados os seus marchaes, rôta pela invasão a cinta da defeza nacional e perdido o sceptro da politica européa.

Nunca se invertceu com uma transposição tão subitanea e uma reacção tão completa a corrente de um seculo inteiro. "O momento que a existencia de Luiz XIV se apagou como uma vela, foi o annuncio de uma revolução". A era, que o deslumbramento intellectual e artistico da posteridade viria a considerar, mais tarde, como a quadra mais esplendorosa das letras francezas, recebia nesses actos, ao expirar, do sentimento contemporaneo, a caracterisação cruel, com que a justificava a experiencia dos que a tinham atravessado, qualificando-a como "uma época de miseria e oppressão dolorosa".

A Côte abriu em torno desses despojos infamados o vasio da cobardia e da ingratição, com que validos e lacaios, creaturas da tyrannia, soem desferrar-se das mercês dos seus benefeitores. Nem mesmo os Príncipes do seu sangue, nem sequer a prole illegitima que elle erguera da bastardia ao principado, nem ainda um só dos pares de sua feitura, nenhum dos cortezãos que se lhe rendiam a tudo nas ante-camaras e não conheciam limites á baixaza nas abjecções da subalternidade, nenhum desses aduladores, desses instrumentos, desses nepotes de mais de meio seculo de incondicionalidade na subserviencia ao senhor de corpos e almas lhe estava de guarda ao caixão mortuario, desamparado pelo clero, pela nobreza e pela fami-

lia mesma ao tripudio e audacias da plebe.

Assim que se divulgou a noticia do trespasso Pariz entrou o doudejar de alegria, o povo bateu as palmas, retoçou em dansas e cantares, poz de luminarias a cidade, accendeu fogueiras. O cortejo funebre, que a policia não consentiu atravessasse as ruas da capital delirante, quiz ver, na derrota nocturna e calada, se se evadia á curiosidade parisiense. Mas a arrai-miuda, cujas turbas, de sobreaviso, acamparam em alvoroço na esplanada que separa da metropole o tumulto dos seus Reis, acompanhou, tumultuando, o sahimento até ás portas da Cathedral; e para que alli não derribasse o feretro e profanasse o corpo, que a morte já recebera gangrenado, foi necessario que a tropa lhe valesse. Mas o caixão baixou á tumba entre os insultos do populacho. As effigies reaes em pedra e marmore foram esborecinadas e mutiladas. As de brouze enxovalharam-se em cartazes injuriosos. Uma noite inteira a sedição posthuma bramiu alli os seus rancores, carpiu os seus opprobios, ullulou a sua vingança. Até ao amanhecer do outro dia durou a macabra saturnal. E quando, dahi a cincoenta e nove annos, os sarcophagos de Saint-Denis se abriram outra vez para agazalhar os despojos mortaes, já putridos tambem, do successor do grande Rei, abandonado, como este, a um sequito de pagons, amortalhado, sem aromas nem galas, nos lençoes onde a morte o colherá, carreado a furto através da cidade tresvairada, Pariz celebrou com uma explosão equal de jubilo aggressivo e tremendas affrontas, ao encerro "desse monturo humano" entre as cryptas do templo infestado.

Era sob a atmospherá do seculo dezoito, em pleno regimen absoluto, na ausencia total de instituições liberaes e instituições populares, que a capital do Reino dos Bourbons dava aos seus monarchas, aos dynastas da mais antiga monarchia européa essa lição atroz, que a vindicta publica se exercia, com essas fórmás horrendas, nas covas de dous reis, um dos quaes aureolado, apesar de todos os seus

crimes, com o nome de grande, — como extranhar que, duzentos annos depois, em pleno seculo vinte, em plena democracia, em pleno republicanism, a metropole de uma nação americana, mantenida nos fóros de livre por duas constituições carregadas de garantias, perca, de vez em quando, o equilibrio da sua resignação habitual, e submetta os tyranos de papelão democratico, os macaqueadores do arbitrio dos reis absolutos ao supplicio dos histriões, apedrejados no scenario das suas glorias de feira?

Oh! senhores, eu não sanciono, não subscrovo, não applaudo: registro, cotejo, moraliso. Não sou eu quem quero o povo com armas ou pedras na mão.

Da lei desejo eu que nunca se arrede o povo, e só com a lei esteja armado. Porque debaixo da lei devem todos estar, e, sobre todos, sobre todos os poderes, aquelle em quem deve residir o soberano manancial, donde ella procede.

Mas, senhores, se não é o povo quem faz a lei, desde que não elego os legisladores, ninguem se pôde admirar de que o povo lhe desobedeça. Um povo livre não está sujeito senão ás leis, que vote pelos seus representantes. Mas se, com a mentira eleitoral, esbulham o povo do voto, que é a soberania do povo; se, com as oligarchias parlamentares, barram o povo do Congresso Nacional, que é a representação do povo? se, com as delapidações orçamentarias, malbaratam a receita do imposto, que é o suor do povo; se, com as malversações administrativas, devoram a fazenda nacional, que é o patrimonio do povo; se, com o pretorianismo e a caudilhagem, annullam a defesa da patria, que é o grande lar commum do povo; se, com a postergação official das sentenças, destroem a justiça, que é o ultimo asylo dos direitos do povo; se, com a organização da incompetencia, do afilhadismo e da venalidade, excluem do serviço do Estado a intelligencia, o saber e a virtude, que são os elementos do governo do povo pelo povo e para o povo; se, em summa, escorcham, desangram

e envilecem o povo, subtrahindo-lhe tudo o que realmente distingue um povo de uma besta de carga ou uma besta de tiro; não nos espantemos de que, como aos mais lerdos muares, ou ás rezes mais mansas, esgotada um dia a paciência á cansada alimaria, junte os pés e num coreôvo, desses que nem o gaucho nem o cossaco se aguentam, voe aos ares sella, estribos, chilenas, rebonques e cavalleiros.

A ira dos pacientes, feita de incalculaveis accumulações de soffrimento comprimido, não tem limites e pôde raiar pelas divisas da loucura. E' não abusarem da fraqueza dos humildes e resignados, se não quem ter dessas surpresas, que desestribam os mais fortes, e dão em terra com os mais seguros.

Mestres da desordem, mestres da sedição, mestres da revolta são os que, do alto dos poderes da Republica, onde estão as grandes responsabilidades, e donde todos os exemplos, para o bem ou para o mal, são grandes, assoalharam o desprezo da lei, tiverem aberta a escola da violencia, desencadearam o contagio da immoralidade. Os escandalos que se desgalgam dessas assomadas, rolam com o peso da sua enormidade e da sua queda, arrazando a vergonha nas almas. As infiltrações que descem desses vertices elevados, contaminam penetrantemente, de camada em camada, toda a redondeza. As scenas, que se representam nessas eminencias, despertam a imitação, estabelecem a moda, e constituem, para a corrupção ou regeneração de uma sociedade, o mais efficaz dos ensinamentos. Os povos têm, é verdade, os governos que merecem. Mas tambem (e não o é menos) os povos reflectem, copiam e imitam os governos que têm.

Os demagogos não perdem nunca as lições de prepotencia e desordem, que os governos lhes dão com os seus actos. Uns e outros estão, nesse caso, fóra da lei, mas os governos mais indisculpavelmente do que as turbas populares. Os governos são corpos deliberativos, onde cumpre que reine a meditação, o estudo, o conselho e o senso da responsabilidade; ao pas-

so que as multidões são marés crespas, aguas vivas, dominadas por traiçoeriras correntezas, agitadas de ventos marulheiros. Um sopro as empolla, uma repentina marêta as engrossa, uma enchia as estende além da ourelada praia, um meteoro inesperado as sacode espumando contra os recifes. E em todas as costas de mundo o phenomeno é o mesmo. O engenho do homem ainda não inventou meio de conter e disciplinar esse elemento minaz e caprichoso, torvo e soberano. Dac-lhe a consciencia, e' é o maior dos poderes. Tiraç-lh'a, e será o mais formidavel dos perigos.

Essa consciencia é a que eu quero despertar, e por isso a invoco solenemente, ao entregar-vos esta bandeira, jovens atiradores bahianos. Todas as bandeiras são semelhantes no seu estofa, nos seus matizes, no seu destino convencional. O que as distingue, é a historia, o caracter, o vigor moral da consciencia collectiva, que cada uma dellas representa. A nossa já se pôde ensoberbecer de um passado lisonjeiro e inolvidavel nos campos de batalha. Mas a bandeira não é só o symbolo da guerra; é tambem o palladio augusto da paz na liberdade. Sua sombra se projecta sobre os lares, abriga as instituições, e guarda o sagrado culto da Patria. Não é, pois, um symbolo morto; é uma entidade viva, consagrada a uma função gloriosa: a de symbolisar o vinculo nacional e dar ao sentimento da honra commum uma expressão visivel a todos os cidadãos.

Mas essa expressão não é verdadeira, senão quando todos os cidadãos são livres. Numa comunidade cujos membros abandonaram os seus direitos, o estandarte nacional é a folha de parra da nudez da sua ignominia. Foi a excellencia da sua constituição, diz Thucydides, o que assegurou a Esparta o primeiro logar na Grecia e lhe deu a situação de cabeça dos confederados na guerra contra os Persas. Os Athenienses, com o alto senso politico do seu temperamento, em tal estima tinham a sua liberdade, que declaravam não a negociar nem mesmo a troco da salvação da sua terra. Cincoenta annos de prussianis-

mo fizeram da Allemanha o pavor do mundo. Mas a esses cincuenta annos de accumulacão de soberba insolencia e material homicida a Europa republicana e parlamentar oppoz o milagre da sua improvisacão militar; e as estupendas reservas de energias moraes enthesouradas nas grandes nações do occidente salvaram o genero humano da mais tremenda invasão barbara que nunca se viu ameaçar a civilisacão christan. Guardae indelevelmente em vós esta lição maravilhosa, para não vos esquecerdes jámais de que, se a defesa das nações precisa do poder militar, o poder militar ainda muito mais necessita do vigor, da grandeza, da liberdade das nações, e que, nas lutas entre potencias armadas, os povos ricos das virtudes civis que se nutrem do respeito á dignidade humana são os que têm segura a victoria contra a brutalidade cevada nas paixões da conquista.

Ide, senhores. Testemunhas do espectáculo grandioso e inolvidavel a que assististes, ide, senhores, dizer, nos vossos lares, a vossos irmãos, a vossos paes, a vossos companheiros que tivestes, nesta commemoracão da nossa Independencia, a visão do renascimento do Brasil ao sentimento dos deveres da defesa da nossa integridade e da nossa existencia entre as nações. Levae á nossa estremeçada mãe commum, a essa amavel e dadivosa terra da Bahia, as expressões da nossa ternura, da nossa devoção e da nossa saudade. Recolhei estas flôres, estes applausos, estas ovações, que lhe pertencem. Mostrae-lhes esta bandeira, que ella tantas vezes tem servido com esse impetnoso enthusiasmo da honra e esse calor de patriotismo, que são a gloria do seu caracter. Jurae-lhe sobre este symbolo augusto que sabeis corresponder aos reclamos da nossa Patria, no meio da transformacão geral, por que vae passar o mundo civilisado. Falae-lhe das galas e bellezas da metropole, que tendes admirado. Retende, enfim, no seio da alma, as emoções da vossa estada festival no coração do territorio brasileiro. Mas lembrae-vos de que este

coração, grande e anemico, está pedindo o sangue vivificante, que lhe mingua, sangue novo, sangue energico, sangue puro, e de que elle só lhe poderá vir dos membros deste grande corpo, onde se cultivar a regeneracão das qualidades, que a nossa rebaixada politica e a nossa preguiça moral deixaram desapparecer dos nossos costumes.

OS JORNALISTAS DA INDEPENDENCIA

O "primus inter pares" é, em tudo e por tudo, Hippolyto José da Costa Pereira Furtado de Mendonca, que nasceu em 1774 na Colonia do Sacramento, — quando esta pratica, por virtude do pacto de 1761, havia retornado ao dominio luso, de que em 1750 saíra pelo tratado de Madrid, e, portanto, era parte integrante do Brasil.

Formado em philosophia e leis pela Universidade de Coimbra, teve elle, desde cedo, a rara felicidade de poder expungir-se do ranço da cultura rotineira alli adquirida, substituindo-a pelos adeantados ideaes da educacão ingleza e anglo-americana.

Effectivamente, em 1798, por incumbencia de d. Rodrigo de Souza Coutinho, partiu para os Estados-Unidos, afim de estudar os processos agricolas mais em voga na grande Republica, onde se demorou cerca de dois annos, não se esquivando a professar numa loja maçonica de Philadelphia. De regresso ao reino em 1801, foi nesse mesmo anno mandado a Londres, ainda pelo conde de Linhares, a adquirir materiaes para a imprensa régia e obras para a bibliotheca nacional.

Foram duas verdadeiras viagens de instrucção, que illustraram e transfiguraram o talento e o caracter do moço brasileiro, fazendo-o amar ardentemente a liberdade, sem a qual não ha progresso que se realice e perdure, e fazendo-o nutrir o férvido anseio de ver logo independente e encaminhada pela mesma sonda florescente da grande Republica norte-

americana a bem-amada terra natal, cujo destino era a sua constante preocupação.

Sabedora a inquisição (ainda existia em Portugal, ao limpido arrebol do século das luzes, tão negregada e sanguinaria instituição!) de que Hippolyto da Costa se havia alistado entre os pedreiros-livres — quatro dias depois do seu retorno da capital ingleza, isto é, em Julho de 1801, recolheu-o ao carcere, torturou-o e manteve-o nas torvas e inomináveis angustias do ergastulo, até que, em fins de 1805, pudesse a maçonaria preparar-lhe a evasão.

Escapo ás garras sinistras do “santo-officio”, e depois de vencer innumeradas difficuldades, refugiou-se afinal em Londres, que sempre serviu de hospitaleiro abrigo a todas as victimas do despótismo, temporal ou espiritual.

O seu preparo scientifico e literario, as suas qualidades pessoais e o amparo da sociedade secreta, a que pertencia e pela qual soffrera dos Torquemadas lusos tão dolorosa perseguição, valeram-lhe as regalias de subdito inglez e o ser convidado para o cargo de secretario do duque de Sussex.

Assim, graças a todas essas circumstancias, — cerca de tres annos depois que se estabelecera em Londres e na mesma época em que se effectuava a “inversão brasileira”, — fez elle editar alli o *Correio Brasiliense*, revista mensal, cujo titulo desde logo palpabilizava que era consagrada á defesa dos interesses da vasta e prospera colonia luso-americana, onde Hippolyto da Costa tivera o berço e onde estava então residindo a monarchia portugueza.

Appareceu o primeiro numero daquelle organo de publicidade em Junho de 1808, — ao passo que a primeira folha volante que surgiu em nossa terra, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, sahida da Impressão Régia aqui installada logo após a vinda da familia bragantina, começou a 10 de Setembro de 1808. Em taes condições, Hippolyto José da Costa Pereira Furtado de Mendonça é, sem con-

testação possivel, o “Patriarcha do jornalismo brasileiro”.

Embora houvesse dado a lume, na capital ingleza, diversas traducções e alguns trabalhos avulsos, entre os quaes a extensa narrativa documentada do cruciante martyrio que lho infligira o “santo-officio”, — foi inquestionavelmente o *Correio Brasiliense* que lhe deu immensa celebridade nos dois hemispherios onde se lê e falla o idioma de Camões.

Não houve, nem no Brasil, nem em Portugal, por todo o primeiro quartel do século XIX, quem o sobrepujasse no jornalismo. Enquanto lá e cá a idéa ficava afogada sob a copiosidade das flores de rhetorica, sob os excessivos e futilissimos arreios do modismo classico então vigorante, além de que a censura mais draconiana constringia a franca expansão das intelligencias em principios adelantados, condiscuentes com a incorruptivel dignidade do pensamento, — Hippolyto, graças á feição peculiar que lhe imprimira no estylo a tradicional sobriedade britannica, sabia expôr com inexcedivel clareza, com invejavel simplicidade e com despejada liberdade (si bem que marcada de anglicismos a pureza do seu vernaculo) tudo quanto julgava convir aos supremos interesses da Patria.

Durante tres lustros, — pois só abandonou a clava de jornalista em dezembro de 1822, após ver realisada a sua maxima aspiração, isto é, a independencia do Brasil, — combateu, tenazmente e inexoravelmente, as muitas instituições aberrantes dos verdadeiros principios humanos ainda vigosos no reino luso, e propagou, luminosamente e perseverantemente, as idéas de emancipação economica e de libertação politica da terra natal.

E' facil comprehender a implacavel animosidade que a intrepida e vigorosa acção de Hippolyto da Costa provocou por parte dos dirigentes do reino portuguez, entre elles incluido o “santo-officio”, que teve como inglorios defensores frei Joaquim de Santo Agostinho e padre José Agostinho de Macedo. A regencia de Lis-



bôa, por aviso de 17 de Setembro de 1811, prohibiu que entrasse em Portugal e seus dominios o *Correio Brasiliense*, assim como "todos os mais escriptos do seu furioso e malevolento autor" (sic). Nova ordem, dada de 17 de Junho de 1817, foi expedida para a rigorosa e exacta observancia da anterior, com certeza em consequencia da sublevação do norte no Brasil, acaudilhada por Pernambuco, em começo daquelle anno, tanto mais quanto, desde logo se percebeu a comparticipação intellectual de Hippolyto da Costa na bem apparelhada revolução.

Tudo isso patenteia a efficacia da campanha patriótica do *Correio Brasiliense* e o medo que a penna scintillante do seu redactor inspirava ao obscurantismo portuguez.

A este nada adeantaram as prohibições despoticas acima referidas, pelo menos no tocante ao Brasil, como bem nos informa, em substancioso escripto, o venerando sr. barão Homem de Mello ("in "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", XXXV, p. 2.a, 214-215): — "A abertura dos portos, a crescente diffusão das luzes, o mesmo movimento dos espiritos, tornavam de todo improficuo esse derradeiro esforço, tentado contra a invasão das novas idéas politicas, que tendiam a transformar a face da Europa. O edital de prohibição era simplesmente transcripto na primeira pagina do periodico vedado, e este entrava e era lido com avidéz em todas as casas, naquelle tempo.

Pôde-se dizer, com segurança, que a educação politica da geração que no Brasil preparou e realisou a independencia foi feita pelo *Correio Brasiliense*.

Realmente, durante os quinze annos em que sustentou indefesso o seu organ de combate, — Hippolyto da Costa não perdeu aso algum de estimular a mocidade brasileira para a leva de broqueis de 1822 e para todas as mais conquistas de liberdade e de progresso, por que anceava a nossa Patria.

Si é certo, como bem pondera Varnhagen ("Historia Geral do Brasil", II, 1189), que até "as noticias do

Correio Brasiliense tendiam sempre a um fim certo, giravam todas na orbita que o illustrado redactor havia assignado ao Brasil"; si é certo que, "ao dar conta de uma instituição politica estrangeira, ao citar o exemplo da independencia deste ou daquelle Estado americano, Hippolyto tinha sempre na mente o Brasil, e a influencia, o effeito que para o seu fim convinha produzir": — não é menos certo que os seus mais energeticos esforços foram ainda especialmente votados a nortear os nossos compatrioticos daquelle tempo em tudo quanto dizia respeito á policia, á justiça, ás franquias municipaes, á agricultura, á colonização e até á abolição da escravidão africana, o que tudo arguia o espirito pratico de quem se havia profundamente abecerrado da educação ingleza.

Claro está que o erudito pensador não podia recorrer para tanto aos exemplos de Portugal, que a varios aspectos parecia ainda engolfado em plena idade-média, — e sim aos progressos que dia a dia opulentavam o patrimonio politico e social da Grã-Bretanha e aos adeantamentos febris e incomparaveis que observava na grande Republica norte-americana, notando-se apenas que esta conservara tambem, desgraçadamente, o nefando instituto da escravidão.

Sylvio Romero ("Historia da Literatura Brasileira" I, 474) assignalou bem quanto era de forte quilate e grandissimo valor a idéa de Hippolyto da Costa quanto á admissão de immigrants no Brasil: — "Queria, sim, concurso das actividades estrangeiras igualmente para todo o paiz, e queria-o em ordem e acertadamente; não aspirava pela invasão nem o consumia a vontade de vêr o povo brasileiro substituido por outro no sólo desbravado, affeiçãoado por nossos maiores". E Varnhagen (*op. cit.*, II, 1190-1192) encomia sem rebuços o plano, tracejado pelo redactor do *Correio Brasiliense*, para que a capital da nossa terra fosse installada definitivamente no interior, que não no Rio de Janeiro, afim de eximir-se ás nefastas influencias imperiosas de uma praça exclusivamen-

te mercantil e até aos pronunciamentos nos quartéis ou de coraçoados.

Os dois grandes escriptores que acabamos de citar olvidaram-se, contudo, de dizer que, tanto num como no outro caso, Hippolyto nada mais fazia do que transmittir aos seus patrios as lições que haurira nos Estados Unidos, onde não só a colonisação fôra sabiamente regulada, como tambem a séde do governo não foi posta na colossal e riquissima Nova York, mas na pequena e burocratica Washington.

Para darmos uma nitida amostra do estylo e das idéas que o valente jornalista puzera a serviço da causa da Patria, eis o que elle, em Maio de 1822, dizia pelo *Correio Brasiliense*: — “Será impossível que se não mantenham com firmeza as resoluções que têm adoptado o Rio, Minas, S. Paulo e mais o sul do Brasil; porque é mais que provavel, é quasi certo que Bahia e Pernambuco se lhes unam em sentimentos, e não vemos porque o resto deixe de seguir o mesmo, principalmente com o tempo, e se para isso se não usar coacção.”

E, sendo assim, *que parte da America apresenta mais elementos de prosperidade nacional? Serão sómente os erros do governo que poderão frustrar as esperanças, que os dons da natureza, distribuidos naquella paiz com mão tão liberal, incutem a quem nisso reflecte.*”

Este ultimo periodo, palpitante de verdade, foi uma prophécia que, ainda agora merece ser integralmente reproduzida e clamada constantemente aos ouvidos dos que nos dirigem, afim de chamal-os sem cessar ao cumprimento do seu alto e imprescriptivel dever.

No penultimo numero de sua revista, isto é, em Novembro de 1822, Hippolyto, que precedeu a José Bonifacio na organização de um projecto que visava a uma “gradual e prudente extincção da escravatura”, dava aos seus compatrios o previdente ensinamento contido nas palavras seguintes: — “Os brasilienses, portanto, devem escolher entre estas duas alternativas: ou elles nunca hão de ser um povo livre, ou hão

de resolver-se a não ter consigo a escravatura. Argumentar-nos-ão que os escravos são necessarios para a cultura dos campos e para lavrar as minas; e que, sem escravos, esses ramos essenciaes da industria do paiz deapparecerão, e com elles a riqueza do Brasil. Negamos redondamente, — e o provaremos quando fôr conveniente, — que o Brasil deixe de ser egualmente rico, quando não tiver escravatura; mas, raciocinando mesmo nesta hypothese, que não admittimos, perguntamos: — Que preferem os brasileiros? Ser pobres, mas ser homens livres, com um governo constitueional; ou ser ricos e submissos a governos arbitrarios, sem outra constituição politica que a que lhes preservar o despotismo? Da continuação da escravatura no Brasil deve sempre resultar uma educação, que fará os homens menos virtuosos e mais susceptiveis de submeter-se ao governo arbitrario de seus superiores; e nem se argumentará, para allegar como regra geral, com a energia e sentimentos nobres, que nesta crise têm mostrado os brasilienses; porque nas commoções politicas se desenvolvem extraordinariamente os talentos e as virtudes civicas; mas nós falamos do estado ordinario das coisas, da constituição permanente que deve reger os povos.”

Do projecto pensador, que em vão nos aconselhou a completarmos a independencia, derriscando do nosso privilegiado sólo a nodoa espuria da escravidão, e nos apontou tão clarividemente os males moraes dessa barbara herança portugueza, — era natural que um espirito avesso a encomios, qual o do visconde de Porto Seguro, assim proclâmasse, com tanto senso e tanta justiça (*op. cit.*, II, 1188-1189): — “Não cremos que nenhum estadista concorresse mais, para preparar a formação, no Brasil, de um imperio constitueional, do que o illustre redactor do *Correio Brasiliense*. Talvez nunca o Brasil tirou da imprensa mais beneficios do que os que lhe foram offerecidos nessa publicação, em que o escriptor se expressava com tanta

liberdade, como hoje o poderia fazer, mas com a grande vantagem de tratar sem paixão as questões de maior importância para o Estado..." E Sylvio Romero (*op. cit.*, 468), não menos caloroso e sincero no merecido elogio que tributa ao patriarcho do jornalismo brasileiro, depois de afirmar que elle "é um homem illustre e a quem o Brasil muito deve, por seu patriotismo, sua defesa de nossas liberdades, suas previsões, seus conselhos", depois de dizer que elle "foi um elemento de differenciação, de luta, de opposição entre brasileiros e portuguezes, em nome de sãos principios, em nome da justiça e da liberdade", assim conceituosamente conclue: — "Hippolyto fez tambem o seu poema, e de assumpto nacional. Cada um dos cantos desse poema é cada um dos bons artigos em que sua coragem civica arrostava as coleras da metropole apoucada em prol dos direitos do Brasil. Ainda hoje seria possivel, dentre a massa enorme do *Correio Brasiliense*, escolher vinte ou trinta desses artigos decisivos, publical-os em livro, e ter assim á mão o escoreço do poema do grande homem."

Ahi está um conselho digno de ser adoptado por quem se lembre de render a Hippolyto da Costa, quando se commemorar o primeiro centenário da nossa independência, o preito do inolvidavel reconhecimento nacional pela sua acção esclarecida, constante, vigorosa, intemerata e fecunda, na gestação da Patria autonoma, que os nossos antepassados nos legaram a 7 de Setembro de 1822.

Depois de Hippolyto da Costa, com o seu *Correio Brasiliense*, foram incontestavelmente Januario da Cunha Barbosa e Joaquim Gonçalves Léo, com o seu *Revérbero Constitucional Fluminense*, os mais solidos e ardorosos guieiros da nossa emancipação politica.

Nascidos ambos nesta capital, um em 1780 e o outro em 1781, — Léo por morte do pae interrompen os

estudos que fazia na Universidade de Coimbra, vindo exercer depois, aqui, o cargo de official-maior da Contadoria do Arsenal do Exército, ao passo que Januario, abraçando a carreira ecclesiastica, não tardou a ser nomeado pregador regio e professor de philosophia do Seminario Diocesano.

Achavam-se, pois, em plena madureza, quando, accudindo aos instantes reclamos do Brasil, resolveram consagrar-lhe o melhor da sua culta intelligencia e da sua assombrosa actividade.

Como, naquelle tempo, quasi todos os que aspiravam á liberdade da terra natal não viam melhor meio de trabalhar por ella do que nas sociedades secretas, — não vacillaram em filiar-se nas lojas maçonicas, das quaes resultou a 28 de Maio de 1822 a fundação do Grande Oriente do Brasil, que teve como 1.º Grande Vigilante a Joaquim Gonçalves Léo e, como Grande Orador o padre Januario da Cunha Barbosa e veiu a constituir-se o mais pujante foco de irradiação e a mais vigilante atalaia dos ideaes da independência.

Muito antes daquella data, porém, já haviam elles fundado o seu quinzenario destinado a dirigir a magna cruzada: — sahio o 1.º numero a 15 de Setembro de 1821, com o titulo *Revérbero Constitucional Fluminense*, com a declaração de que era "escripto por dois brasileiros, amigos da nação e da patria" (*sic*) e com a caracteristica divisa "*Redire sit nefas*".

Ao iniciar a peleja, e como que justificando o lemma que adoptara, clamava alto e bom som (*vide* "Patriarchas da Independência", por Tristão de Alencar Araripe, in "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", LVII, p. 1.ª, 171-172): — O Brasil já entrou no periodo da sua virilidade; já não precisa de tutela: a emancipação das colonias segue uma marcha natural e irresistivel, que jámais forças humanas podem fazer retrogradar!"

Em sua "Historia da Independência" (pagina 122), affirma Varnhaegen ter ouvido da propria bocca dos

dois jornalistas que "todos os artigos publicados no *Revérbero* foram obra de ambos collectivamente", isto é, "o que qualquer dos dois inicialmente escrevia era revisto e additado pelo outro". Nada impede que se reconheça a veracidade dessa asserção; mas não é menos certo que os artigos da lavra de Januario sempre se resentiam do inilludível sainete do estylo sermonistico, ao passo que os devidos a Léo requemavam maior lhanza e menor abuso da tropologia. Um e outro, comtudo sabiam fazer vibrar a corda sensível do povo, tanto que a folha, desde os seus primeiros nmeros, teve o raro condão de accender alvoroçoso entusiasmo em todas as classes sociais do Rio de Janeiro.

Ensejou-se-lhe logo prestar um relevante serviço á causa nacional, oppugnando vehementemente o decreto de 29 de Setembro de 1821, expedido pelas Côrtes portuguezas, pelo qual se ordenava ao principe D. Pedro que se retirasse do Brasil. Foi o *Revérbero*, em suas edições de Dezembro de 1821, quem não só saiu a campo contra os defensores da nossa recolonisação, personificados no *Semanario Civico* da Bahia, como ainda quem orientou os patriotas brasileiros no sentido de obstarem a partida do principe.

Após o "Fico", que teve como consequencia immediata o pronunciamiento da Divisão Auxiliadora, felizmente présto jugulado, — Januario e Léo, ainda bem não haviam sahido barra fóra as tropas de Avilez, levantavam a idéa de ser convocado nesta capital um conselho de procuradores das provincias. Para esse projecto, com que visavam a apertar os então frouxos laços existentes entre os suborganismos politicos da Patria, conseguiram a adhesão de José Clemente Pereira, do general Nobrega e de alguns patriotas de Minas. Léo foi um dos dois procuradores eleitos pela provincia do Rio de Janeiro; e, se aquella bem intencionada iniciativa se mallogrou, não resta duvida que della nasceu a convocação da Assembléa Constituinte Brasileira, o passo capital

para a conquista da nossa definitiva soberania.

Foram os co-redactores do *Revérbero* que escreveram a petição dirigida ao Senado da Camara do Rio de Janeiro, para que elle interpuzesse o seu valimento ante o regente do Brasil a favor da convocação de uma Constituinte nacional; e foi Léo quem redigiu e pronunciou perante D. Pedro a representação collectivas, que, além de outras phrases energeticas, encerrava as seguintes, sobremodo suggestivas: — "Ao decôro do Brasil, á gloria de Vossa Alteza Real, não pôde convir que dure por mais tempo o estado em que está. Qual será a nação do mundo que com elle queira tratar, enquanto não assumir um character pronunciado, *emquanto não proclamar os direitos, que tem, de figurar entre os povos independentes?* E qual será a que despreze a amizade do Brasil e a amizade do seu regente? E' nosso interesse a paz: *nosso inimigo só será aquelle que ousar atacar a nossa independencia.* Digne-se, pois, Vossa Alteza Real ouvir o nosso requerimento: pequenas considerações só devem estorvar pequenas almas..."

O principe não hesitou em attender a esse expressivo e formal pedido, com o qual se conformou o ministerio, e o decreto de 3 de Junho de 1822, por elle firmado e referendado por José Bonifacio, sabe-se com segurança que foi tambem redigido por Léo.

A viagem de D. Pedro á terra de Tiradentes, tres mezes após a sua desobediencia á ordem das Côrtes, havia-o "completamente naturalizado brasileiro", na conceituosa phrase de Varnhagen.

Para mais attrahil-o á causa da nossa emancipação politica, eis como insinuantemente se expressava o *Revérbero* de 30 de Abril de 1822, num artigo vibrante, que trahe o estylo de Januario, dispensando-o de ufanarse, como fez depois, de ser o autor exclusivo d'elle: — "Principe! Rasguemos o véu dos mysterios; rompa-se a nuvem que encobre o sol, que deve raiar na esphera brasileira;

forme-se o livro que nos deve reger, e, sobre as bases, já por nós juradas, em grande pompa seja conduzido e depositado sobre aras do Deus de nossos paes. Ah! deante do Altíssimo, que te ha de ouvir e punir, si fores traidor, jura defendel-a e guardal-a á custa de teu proprio sangue; jura identificar-te com ella; o Deus dos christãos, a Constituição brasileira e Pedro, eis os nossos votos, eis os votos de todos os brasileiros. Oh! dia da gloria! quanto és bello. até mesmo obrigado por entre as nevoas do futuro! Príncipe, só assim baquearão de uma voz os eem dragões que rugem o proeuram devorar-nos.

Não desprezes a gloria de ser fundador de um novo imperio! O Brasil, de joelhos, te amostra o peito, e nelle, gravado em letras de diamante, o teu nome. Não te assustem os pequenos principios... Ah! se visses como é pobre a nascente dos dois gigantes da America, e como depois levam aos maros mais guerra do que tributos! Príncipe, as nações todas têm um momento unico, que não torna quando escapa, para estabelecerem os seus governos. O Rubicon passou-se; atrás fica o inferno; adiante está o templo da immortalidade. *Redire sit nefas!*"

— Tendo sido unanimemente approvada, em sessão do Grande Oriente, uma proposta de Domingos Alves Branco Muniz Barreto, — de dar-se a D. Pedro o titulo de "Protector e Defensor Perpetuo do Brasil", — coube ainda a Januario e Léo a redacção do discurso com que José Clemente Pereira devia offerecel-o ao príncipe, a 13 de Maio de 1822. Aceitou-o o regente, com exclusão do nome de "Protector", allegando, muito bem inspiradamente, que o Brasil a si proprio se protegia.

Não parou ahi a acção dos co-redactores do *Revérbero*, particularmente de Léo, que foi, talvez, como assegura Blake, "principal inspirador de todas as manifestações populares em 1821 e 1822".

Entre o decreto de 3 de Junho e o grito do Ypiranga, os actos mais explicitos em favor da independen-

cia nacional foram os manifestos firmados por D. Pedro a 1.º e 6 de Agosto. Deste ultimo, endereçado ás nações amigas, inenmbiu-se José Bonifacio, enquanto Léo tomava a si o outro, dirigido aos brasileiros. Começava com a phrase inicial de uma proclamação celebre da época da Revolução Franceza, — "Está acabado o tempo de enganar os homens", — e, depois de justificar o "Fico", a acceitação do titulo de "Defensor Perpetuo" e a convocação da Constituinte, concluia com o seguinte apollo patriótico, que produziu em todo o paiz a mais acendrada emoção: — "Não se ouça entre nós outro grito que não seja — União! Do Amazonas ao Prata não retumbo outro éeo que não seja — Independencia! Formem todas as nossas provincias o feixe mysterioso, que nenhuma forcapóde quebrar! Desappareçam de uma vez antigas preoccupações, substituindo o amor do bem geral ao de qualquer provincia ou cidade!"

Não era, pois, sómente ás columnas do *Revérbero Constitucional Fluminense* que se adstringia a operosidade patriótica de Januario e Léo.

Propellido pelo magnifico resultado de sua excursão a Minas, resolveu o príncipe ir pessoalmente captar as boas graças dos paulistas, — pondo termo, ao mesmo tempo, ás velleidades dos retrogradados da quella provincia, — o a 14 do Agosto seguia para a terra dos bandeirantes.

Ainda antes que elle chegasse á Paulicéa, — Léo, prosidindo á assembléa geral do povo maçónico, em 20 de Agosto, fez sentir "a necessidade de se proclamar quanto antes a independencia do Brasil o a confirmacão da realzaa na pessoa do príncipe-regente" (*vide* M. J. de Menezes, "Exposiçãõ historica da maçonaria no Brasil", pags. 39 e segs.), cuja aclamação lembrou que se realisasse a 12 de Outubro, dia natalicio de D. Pedro; e, em nova assembléa assentada, feita tres dias depois, tambem por indicação sua, ficou deliberado que os maçons mais

influentes partissem para todas as provincias, afim de promoverem a adhesão delles á emancipação definitiva do paiz, sob o sceptro de D. Pedro. Januario, que era o Grande Orador do Grande Oriente, offereceu-se para ir a Minas, o que fez á custa propria e com o mais brilhante e seguro exito (*vide* "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", XI, 189).

A actividade politica de Januario e Léo estendeu-se muito aquem do 7 de Setembro de 1822, mas já transcede a orbita essencial desta ligeira palestra, tanto mais que nos levaria a tratar dos deploraveis dissidios de que se travaram elles com os Andradas. — lutas que, emtanto, não procediam de moveis inconfessaveis, e sim do desejo, que nutria cada qual dos dois grupos, de servir exclusivamente, ou um melhor do que o outro, á causa sagrada da Patria.

A exemplo do *Correio Brasilense*, que, cumprida a sua nobre missão, desapareceu da estacada em dezembro de 1822, — assim tambem o *Revérbero Constitucional Fluminense*, cujos vinte numeros equivaleram a outras tantas victorias a bem da soberania do Brasil, suspendeu a sua publicação um mez e um dia depois do grito de Ypiranga.

Os dois estrenos campeões da nossa emancipação politica falleceram com a mesma idade, Januario em 1846 e Léo em 1847, tendo aquelle continuado a pôr de manifesto uma admiravel capacidade de trabalho, quer ainda no jornalismo, quer no trato das Musas, quer, — e é esse um dos mais indeleveis estemmas da sua corôa civica, — na eriação deste antigo e benemerito gremio, dentre cujos fundadores foi *magna pars* o cantor de "Nitheróy", de quem disse acertadamente Silvio Romero (*op. cit.*, I, 293): — "E' por seu patriotismo, seus serviços á independencia, seu enthusiasmo pelos progressos intellectuaes do Brasil, que Januario da Cunha Barbosa será sempre lembrado."

Assim, os nomes de Januario da Cunha Barbosa e Joaquim Gonçal-

ves Léo ficaram para sempre gravados, pelos applausos dos contemporaneos e pelo reconhecimento inequivoco da posteridade, no altar augusto da Patria, de cuja independencia foram os paladinos mais illustres, mais abnegados e mais perseverantes, na imprensa de aquem Atlantico.

Em Dezembro de 1821, apparecia nesta capital o primeiro numero de uma gazeta redigida por Luiz Augusto May, que foi politico militante desde a alvorada do imperio e falleceu em 1850. Era homem de accentuada laboriosidade e até bastante sagaz na apreciação dos graves acontecimentos que se desenrolaram naquelle momento excepcional da nossa evolução historica. Mas o proprio titulo dado ao seu periodico, — *Malagueta*, — evidencia um caracter excentrico. Era-o, de facto, como se verifica tambem pelo testemunho dos coetaneos. A referida folha teve existencia sobresaltada e precaria, interrompendo-se a sua publicação em Junho de 1822, resurgindo em Julho do mesmo anno com a denominação de *Malagueta extraordinaria*, que deu apenas sete numeros até Julho de 1824, e só vindo a extinguir-se de todo em 1829. Não exerceu influxo consideravel na marcha ascencional das idéas emancipacionistas, precisamente por que a May faltava o imprescindivel equilibrio, que logra prestigio na opinião. Basta dizer que elle se oppoz tenazmente á convocação do conselho de procuradores das provincias, decretada a 16 de Fovereiro de 1822. Assim, a *Malagueta* não passou de um organ de agitação irregular, nem sempre util á causa da independencia nacional.

Por todo o anno de 1822 tambem se editou nesta capital o *Correio do Rio de Janeiro*, que annunciava como seu redactor ostensivo o portuguez José Soares Lisboa. Individuo de baixa extracção e de exigua cultura intellectual, foi o introductor do nefasto processo de detracção pessoal no jornalismo brasileiro. Taes

desmandos commetteu o *Correio do Rio de Janeiro*, que José Bonifacio se viu na dura necessidade do obter do príncipe o decreto de 18 de Junho de 1822 (in collecção Nabuco, III, 289), pelo qual se cohibiam os excessos de imprensa. Soares Lisboa, tendo sido logo depois condemnado a 10 annos de prisão, por culpa séria e provada, foi indultado por D. Pedro, com o prívio compromisso de deixar definitivamente o territorio brasileiro; mas, faltando á fé jurada, foi parar em Pernambuco, onde motou o *Desengano Brasileiro* e tomou parte na Confederação do Equador vindo a morrer em Novembro de 1824, no combate de Couro de Anta. Jactanciou-se o redactor do *Correio do Rio de Janeiro* de haver contribuido para a proclamação da nossa independencia. Mas, em verdade, elle, por uma série de factos insusceptíveis de contestação, não passou de um mau elemento da imprensa patriótica de 1822, infiltrando, além do mais, no jornalismo indigena, o ignobil emprego do "testa de ferro" e o detestavel habito das mofinas editoriaes.

Feitas estas succintas referencias a May e Soares Lisboa, — pois seria contrario ás boas regras da Historia o condemnal-o ás gehennas do olvido, — passaremos a tratar de frei Francisco de Santa-Tereza de Jesús Sampaio.

E' esta uma figura ainda muito mal conhecida, porque não mereceu até hoje dos cultores de nossas tradições o carinho de um estudo aprofundado.

Nasceu nesta capital em 1778 e expirou a 13 de Setembro de 1831.

Aos quinze annos, envervou a estampanha de franciscano, embrenhou-se nas cogitações da philosophia theologica, revelou grande talento e assignalada vocação para o pulpito, galgando, merecê desses dotes, os mais elevados postos da sua ordem.

Foi, por certo, antes de frei Francisco de Mont'Alverne, seu contemporaneo e irmão de habito, o maior orador sacro dos ultimos tempos do Brasil colonial: — á facilidade de expressão o aos tropos brilhantes,

tão ao sabor da época, juntava ouzios de fórmula inopinados, tudo servido por uma voz sonora o fôrte, consentanea com a sua constituição athletica.

Entretanto, esse homem, a quem a natureza liberalisara tanto vigor comporeo e intelligencia tão vivaz e tão seductora, — era, por lamentavel contraste, de pasmosa tibieza moral, descendo até á indignidade de curvar a cerviz ante os poderosos em prejuizo da causa da Patria.

O medo parecia nelle um caso de morbidez organica, pois nunca andava sósinho, muito menos de noite, tanto que, para poder assistir ás sessões da sociedade secreta em que se filiara, era preciso que fosse bem acompanhado por pessoas vigorosas e de reconhecida coragem, como Luiz Manoel Alves de Azevedo e Domingos Alves Pinto, pedreiros-livres, que moravam perto do convento de Santo Antonio, até cuja porta reconduziam o timorato tonsurado.

A exemplo de todos os espiritos liberaes daquela quadra procellosa, o padre-mestre frei Francisco de Santa-Tereza de Jesús Sampaio tambem se alistara na maçonaria, exercendo desde 1821 o cargo de orador da loja "Commercio e Artes", que no anno seguinte foi uma das tres metropolitanas constitutivas do Grande Oriente do Brasil.

Para que ao lado do *Revêrbero Constitucional Fluminense* se enfileirasse outro organ de combate, dirigido por penna habil e competente, a prol da independencia nacional, — o Grande Oriente, logo depois do definitivamente instalado a 28 de Maio de 1822, favoneou o apparecimento do *Regulador Brasilico-Luso*, a 29 de Julho daquelle anno, e que do n. 11 em diante, até extinguirse em 1823, passou a denominar-se *Regulador Brasileiro*. Tinha como redactores frei Sampaio e Antonio José da Silva Loureiro, sendo, porém, o franciscano, por sua superior cultura, o verdadeiro e unico director mental do famoso periodico.

A 7 do Março de 1822, num sermão proferido na capolla real, exclamara o eloquente prégador: — "Oh

Deus! Tu, que conheces que o meu interesse sobre a gloria do Brasil não nasce de pretensões nem de vistas particulares, e por isso é merecedor de tua approvação, dirige, portanto, as minhas idéas! Que ellas, saindo dos porticos do templo, se espalhem por todas as provincias deste continente e que vão ao longe mostrar os sentimentos do Brasil na época actual, *em que se fazem esforços para que elle retroceda da mocidade ao estado da infancia!...*"

Entretanto, logo num dos primeiros numeros do *Regulador*, montado exclusivamente para defender os vitales interesses da emancipação nacional, eram dadas á estampa "doutrinas aristocraticas, e que não se compadeciam com a liberdade constitucional por que o Brasil anholava" (*vide M. J. de Menezes op. cit., 40 o segs.*), pelo que frei Sampaio foi intimado a apresentar-se á sessão de 23 de Agosto do Grande Oriente, afim de explicar aquella sua extranha attitude, ao mesmo tempo que a assembléa maçonica lhe comminava a devolução collectiva da folha

Cumprindo a ordem que recebera, foi elle posto entre columnas e declarou em sua defesa o seguinte: — "Que a materia dos artigos em questão, insertos no periodico *Regulador*, não era de sua convicção, *mas lhe havia sido transmittida por pessoas a quem devia respeito e consideração, não lhes podendo, por isso, negar a inserção no seu periodico.* Que era verdade ter omittido a declaração de terem aquelles artigos provindo de correspondencia, mas que nunca fôra essa a sua opinião. Que chamava em testemunho do que dizia as doutrinas liberaes que tinha sempre propalado, até no pulpito, em seus discursos, apesar de promessas e ameaças contra a sua existencia, — opiniões que sempre manifestava entre nossos irmãos, quando se tratava da nossa regeneração politica. Que se havia abstitido de aceitar taes correspondencias, e no proximo numero do seu periodico, que já se achava redigido, mostraria qual era a sua íntima opinião. Que protestava á respeitavel assembléa, que o ouvia, de jámais tor-

nar a dar logar no seu periodico a escriptos desorganizadores e offensivos á liberdade constitucional, que a opinião publica tinha abraçado e so achava jurada pôr esta Augusta Loja."

Lédo, que presidia á sessão, por ausente o Grão-Mestre, disse, externando os sentimentos de todos, que — "não podendo uma tal deculpa de attenção, respeito e consideração para com poderosos ser attendida em nenhum homem de bem, menos o podia ser de justificação a elle accusado, que, como maçon, havia contrahido a obrigação de defender, por todos os meios ao seu alcance, a causa do Brasil e a sua independencia... e que, portanto, a respeitavel assembléa, não admittindo a deculpa como justificação, a recebia como uma satisfação, e de tanto maior agrado, quanto era attendivel o protesto, que elle fizera, de abandonar aquella perfida correspondencia e de escrever segundo os seus verdadeiros sentimentos em defesa da causa do Brasil." Para pôr condigno termo ao triste incidente, que revela o bellissimo character inamolgavel de Lédo, concluiu este convidando todos os maçons presentes a que, "esquecendo-se do escandalo que lhes havia causado o irmão Sampaio, so congratulassem perfeitamente com elle, dando-lho o abraço e o osculo fraternal, applaudindo esta agradável e desejada reconciliação com a bateria da ordem."

Frei Sampaio pareceu dali em deante obedecer á directriz inflexivel que lhe pretraçara o Grande Oriente a bem da emancipação da nossa Patria, orientando nesse sentido a linguagem do seu organo de publicidade. Além disso, em uma das sessões da loja "Commercio e Artes", da qual era orador, — isto logo após a efficaz reprehensão que soffrera, — appareceu espontaneamente, e, occupando o seu posto na tribuna, "recitou um pathetico discurso, agradecendo aos seus irmãos a maneira fraternal e urbana com que fôra tratado e admoestado pela publicação das doutrinas subversivas, a que por condescendencias e considera-

ções havia dado logar no periodico *Regulador*, que redigia, fazendo sentir que em qualquer tempo lhe seria muito sensível e penosa a eliminação daquella sociedade a que pertencia ha annos, e lhe seria insupportavel e afflictiva, quando a mesma sociedade tratava de realizar objectos tão ponderosos como a independencia do Brasil, sua reunião em um centro e a aclamação da monarchia na augusta pessoa do seu Defensor Perpetuo..."

Durante o tempo em que esteve assim sob a impressão do castigo a que escapara e sob a incansavel e atilada vigilancia da sociedade maçônica, o jornalista do *Regulador* prestou não pequenos serviços á campanha sagrada da independencia, que dentro de poucos dias plantava a sua bandeira victoriosa na terra dos bandeirantes.

Isso, entretanto, não impediu que frei Sampaio, logo depois do grito do Ypiranga, se constituísse em perfido delator dos seus companheiros do Grande Oriente, — quando contra Lódo, Januario e outros moveu José Bonifacio o celebre processo então vulgarmente chamado "A Bonifacia", do que parece ter tido mais tarde tanto arrependimento e tanta vergonha, que, recolhido á sua cella, de onde raramente sahia, ahí se deixou finir em lobrego isolamento e em quasi completo olvido.

Mas, apesar da sua frouxidão moral, os valentes artigos que deu a lume no *Regulador*, sob a inspiração do Grande Oriente e dos seus proprios ideaes de patriota que innegavelmente era, bastam para aureolal-o do mesmo resplendor que circumda a fronte dos outros imperterritos gonfaloneiros da independencia. (Basilio de Magalhães, Conferencia realisada no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, a 5 de Setembro de 1917).

NOTAS DE SCIENCIA

O PÃO COM AGUA DO MAR

Como é sabido, a preparação do pão exige uma quantidade de sal que

orça por um kilo e duzentas e cinquenta grammas para cem kilogrammas de farinha. Não ha ainda uma crise do sal, mas é interessante saber como se poderia economisar esse alimento. E' de crêr que a agua do mar seja um bom succedaneo do sal no preparo do pão. De resto, o uso da agua do mar no fabrico do pão não é novidade. Já ha muito tempo se tem falado das qualidades hygienicas e mesmo medicinaes do pão fabricado com a agua do mar. No Larousse encontra-se mesmo a seguinte informação: "Este pão passa por ter o gráu de sal que se quer; seria muito agradável e se conservaria fresco durante maior tempo do que o pão ordinario". Pães de 125 grammas têm, segundo se diz, se conservado frescos durante mais de oito dias. Numa travessia de cinco mezes effectuada do Havre a S. Francisco da California por um navio a véla que transportava 16 passageiros e 25 homens de equipagem, foi feito em 1872 o uso exclusivo do pão com agua do mar, não tendo havido um só caso de doença.

As affecções para as quaes o uso do pão com agua do mar tem sido aconselhada são: a dyspepsia, a tísica e a escrophulose. Na França, uma cidade pelo menos, Cherburgo, possui o privilegio de fazer uso da agua do mar no fabrico do pão. E todos quantos em Cherburgo têm feito uso desse pão são accordes em dizer que elle é de excellente qualidade.

Mas surge esta questão: como apañhar essa agua?

E' de notar-se que não podendo a agua ser tomada ao largo das costas, deve sel-o ao menos a seis metros de profundidade e num ponto bem escolhido, longe dos esgotos. A agua é então muito limpida, de grande pureza, sendo o pão com ella obtido mais branco do que o que provém da fabricação com o sal escuro do oceano. Os padeiros das costas da Mancha e do Oceano Atlantico podem empregar directamente a agua do mar para o preparo da massa, mas nó preparo do fermento devem usar de agua doce. Quanto aos do

Mediterraneo, onde a agua contém saes diversos, em dose sensivelmente mais elevada do que no Oceano Atlantico, embora o pão feito exclusivamente com agua do mar seja muito tragavel, parece recommendavel adicionar-se uma quantidade de agua doce para tres de agua do mar.

Merece ser generalisado o uso da agua de mar na panificação. O pão com ella fabricado é de boa conservação, o que se explica pelas propriedades hygroscópicas bem conhecidas do chlorreto de magnesio, que acompanha o chlorreto de sódio na agua do mar.

Do ponto de vista hygienico, pode-se mesmo dizer que o pão com agua de mar é mais completo e nutritivo do que o que ordinariamente comemos. Além do sal, das materias proteicas e hydrocarbonadas que contem todo o pão normal, elle encerra ainda diversas materias mineraes da agua do mar, que entram na constituição dos elementos cellulares do organismo. Util a todos, o pão com agua do mar deve ser particularmente recommendado ás creanças em via de crescimento, aos convalescentes e a todos quantos desejem reparar os damnos de uma existencia febril ou trabalhosa.

O "PASSARO-SAPATO"

Se o patrono dos sapateiros, S. Crispin, tivesse querido escolher um animalsinho symbolico para companheiro da sua sorte beatifica, certamente haveria adoptado o "shoe-bird". Desde o touro de S. Marcos ao cão de S. Roque, todos os animaes que têm um lugar no Paraiso, invejariam ao "shoe-bird" as condições que possui para ser companheiro de um santo. Os zoologos estudam actualmente a vida e os costumes de tão curioso exemplar, que é um dos grandes problemas do mundo dos naturalistas. Elle é conhecido tambem pelo nome de "cegonha de cabeça de baleia", pois tem alguma semelhança com a cabeça do colossal cetaceo; mas é innegavel que o seu bico desproporcionado e caricatural

é mais parecido com um sapato bastante estropiado pelo uso. Entretanto, a sciencia deu-lhe um nome que mais se conforma com o semelhante marinho: "baleniceps rex" se chama elle em latim.

O "passaro-sapato" é um dos mais notaveis e curiosos da passarada andante e volante. A opinião geral é que elle é parente proximo das cegonhas. Tambem se acredita que tem parentesco, mais ou menos de primo irmão, com o pelicano. E não faltam tambem autores que lancem sobre a garça a offensa de a considerar parenta do "shoe-bird".

Durante largo tempo se acreditou que o "shoe-bird" habitava sómente nas visinhanças de Kartum, no Sudão Egypcio. E para lá foram numerosos naturalistas, afim de ver o estranho passaro em plena liberdade.



Dopoiz chegou-se a saber que na região dos lagos Victoria e Nyanza abundavam os "passaros-sapatos". E ainda andam por lá muitos zoologos á caça de detalhes que nos dêem a biographia detalhada do interessantissimo pernalta.

Além do curioso bico que lhe deu o nome, apresenta outra particularidade rara: a de ter o corpo revestido de uma especie de cota de malhas, se assim se pode chamar a uma armadura de placas osseas que constituem uma magnifica defesa contra os innumeraveis inimigos que, como todo o ser vivente, esse passaro tem.

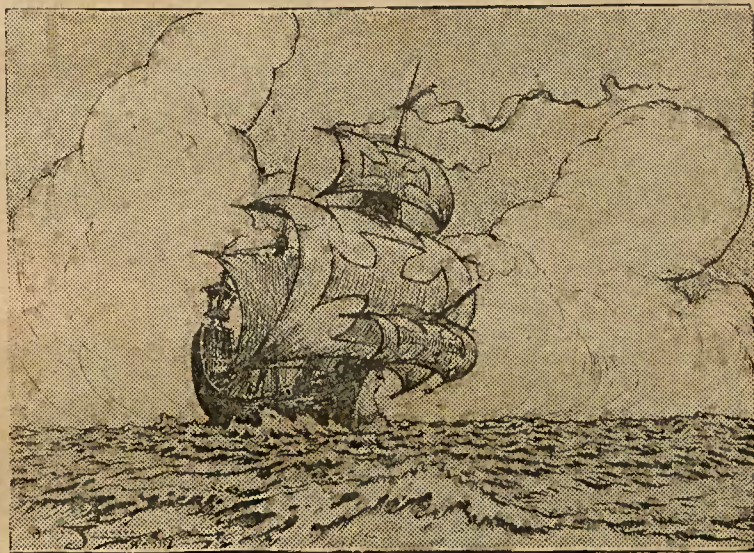
M. P.

MOVIMENTO ARTISTICO

HELIOS SEELINGER

Helios Seelinger expõe novamente em S. Paulo. Seus quadros conservam a feição antiga, symptoma de que a sua arte é sincera, filha legitima dum temperamento, e não exotismo burlesco tendido a boequiabrir os pascacios. Pinta o que vê. Entretan-

de poeticos arroupos. Abrirá um capitulo em separado na historia da pintura brasileira, e nesse capitulo ficará sosinho como Prospero na sua ilha, rodeado de toda a fauna do maravilhoso só visivel para quem traz na alma um sexto sentido em germen. São esses os companheiros de Helios, os duendes, Ariel, feiteiceiras, sylphos, fantasmas, centauros, egipans, sereias, nymphas, a bicharia capripede da Grecia engalhada no inferno, tudo quanto não existe, é



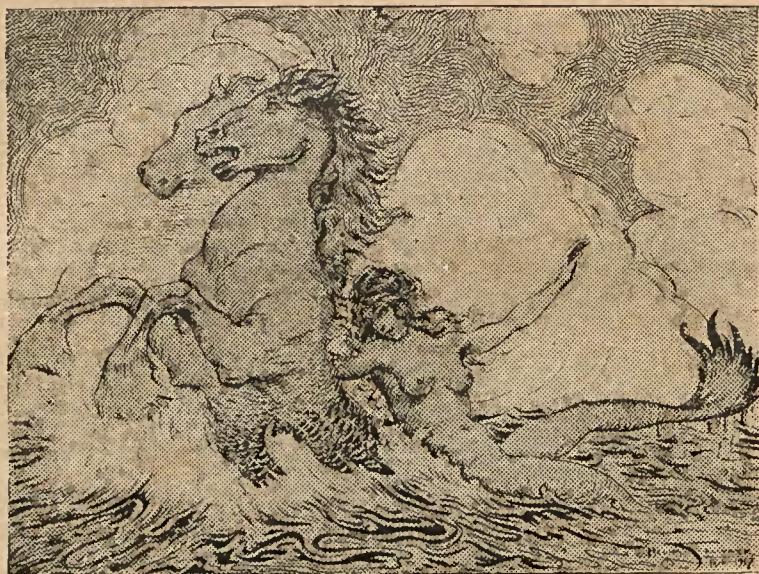
H. Seelinger — Caravella

to, como vê, introspectivamente, com os olhos da imaginação todo um mundo fantasmagorico de fadaria e diabolismo, o que são do seu pincel são paysagens e scenas dessa terra de sonho, de mysterio, de luar e duendes.

Helios é uma figura áparte em nosso mundinho artistico. Desgarra desassombadamente de pleno naturalismo copista, cuja expressão suprema é o maravilhoso photo-chromico Baptista da Costa, e paira por intermundios de sonho em deliquios

mentira, é fumo, é loucura, e, não obstante é todo encanto, perfume e poesia da vida. Eterna creança hysterica que é esta humanidade!

Helios é um intuspectivo. Recolhe-se para dentro de si, como o caramujo, e de lá extrai as télas visualizadas pela imaginação. Não depende dos olhos da cara para enxergar. E' uma especie rara. O commum dos artistas reduz a pintura a plantar-se o broxante em face dum cacho de bananas, tres maçans e meio melão. Pintado o quadro come o pintor o



H. Seelinger — Cavallos marinhos



H. Seelinger — Paizagem



H. Seelinger — Sereia

modelo, e vae para os cafés dissertar sobre o preraphaelismo, com a eloquencia interrompida apenas pelos borborygmas advindos dos modelos em digestão. Helios é um nocturno. Tudo quanto expõe revela este pendor. E' natural: nada propicia menos á imaginativa do que a plena luz do sol, erua até á estupidez. Só a noite, — quando no alto a lua substitue o olho d'Appollo, como a lampada substitue á fogueira incendiaria, e a sua luz apaga na terra a côr, e cria a sombra, — só a noite sabe abrir nestas almas aquella maravilhosa flôr de cactus que só desabrocha ao luar, para fechar-se de novo mal o gallo annuncia a aurora.

Parente de Chopin no sentimento da poesia, irmão de Pöe, de Hogarth e de todo o medievalismo na visualização do macabro, alma germanica, niebelungica, desgarrada na feira livre da modernidade naturalista, Seelinger, pintor de sonhos, é uma curiosissima individualidade artistica, cujo estudo apaixonava. Merece a sua exposição que a capital artistica desça de uns certos tamancos que ella supõe sandalias orientaes bordadas a ouro, desasnisasse da frevalice pacoiva, e vá travar conhecimento com um artista muito superior ao ineffavel Zago, o villa-marianico Rodin de S. Paulo, O', Cotia e adjacencias. Do que Helios expõe, muita coisa, e a melhor, prejudica-se pela exiguidade das dimensões. São télas que em ampliação ganhariam immenso. Não obstante, concentrou nellas o pintor o maximo possivel de poesia, de suggestão, de... desse "quid" indefinivel que é o segredo perturbador da obra d'arte.

Ha muito sonho e mysterio, muito encanto no "Caminho do sonho", no "Nocturno de Chopin", na "Salomé", nas caravellas de pannos bojudos, a todo o vento, por encapellados mares afóra. Ha ainda muito talento nas menores coisas e muito estudo, estudo sério e aturado da natureza real, que é a base de todo irrealismo em arte. Se S. Paulo deixar ás moscas a modesta exposição de Helios Seelinger, isto só deporá

contra S. Paulo. Porque tudo alli merece ficar.

MONTEIRO LOBATO.

PORTUGAL E BRASIL

E' um documento muito interessante a carta que o embaixador portuguez em França, d. Luiz da Cunha, dirigiu a Marco Antonio de Azevedo Coutinho para que este aconselhasse d. João V a que transferisse para o Rio de Janeiro a côrte de Portugal, e fizesse de Portugal e Brasil, unidos o "Grande Imperio do Occidente".

Eis alguns trechos dessa carta, revelados agora pelo dr. Bettencourt Rodrigues a proposito da falada Confederação Luso-brasileira:

.....
 "Parece que o Duquo de Medina Sidonia teve alguma noção do referido conselho que D. Pedro da Cunha deu ao Senhor D. Antonio (Priôr do Crato), pois que delle se serviu quando Felipe 5.º começou a desesperar de poder sustentar-se em Hespanha, pois que, na conferencia que se teve em Sevilha, propoz que o dito Principe passasse á Inda (Indias Occidentaes, America) e puzesse em Mexico a sua Côrte, de maneira que quando vi que os nossos Aliados nos haviam abandonado no Congresso de Utrecht, apezar das estipuladas vantagens com que entrámos na sua confederação, e que Felipe 5.º ficava sendo nosso vizinho, do quo se seguiu perdemos as esperanças de que a França fosse nossa alliada: que o dito Rei, de genio guerreiro e ambicioso, jamais nos perdoaria ser o nosso Tratado o unico, em que se estipulou tirar-lhe a Corôa, para pôr no Throno o Archiduque, quando o da grande alliança somente falava de procurar ao Emperador huma justa satisfação sobre as suas pretensões e que Felipe, conservando sempre hum excessivo numero de Tropas á proporção das nossas, lhe poderia vir hum dia á cabeça renovar o seu mau direito, conciliando-o com o peior da Rainha sua mulher, e Princeza de Parma, cujas idéas não eram menos vastas nem menos temerarias; tudo

Isto assim supposto, considero talvez visionariamente que Sua Majestade se acha em idade de ver florentissimo e bem povoado aquelle immenso continente do Brasil, se nelle tomando o titulo de *Emperador do Occidente* quizesse estabelecer a sua Córte, levando consigo todas as pessoas que de ambos os sexos o quizessem acompanhar, e não seriam poucas com infinitos Estrangeiros. Na minha opinião, o logar mais proprio da sua residencia seria a cidade do Rio de Janeiro, que em pouco tempo viria a ser mais opulenta que a de Lisbãa.

Não me fazia difficuldade a differença do clima; porque meu Irmão D. João, que nella esteve, vindo da India, me assegurou, que não sómente era muito saudavel, e parecido ao nosso, mas que o Paiz era tão bom proprio para nelle se cultivarem todos os frutos da Europa, tendo já os da Asia e Africa; além de que estando tão proximos das Minas de ouro e diamantes, seria mais facil prevenir os seus descaminhos, e cresceriam os seus descobrimentos, não só naquella e mais capitania, mas principalmente na do Maranhão, como deixo dito; a que se juntaria a facilidade de tirar mais Negros da costa de Africa e da Ilha de S. Lourenço, para cultura de todos os generos que o Brasil produz.

A mesma conveniencia teria Sua Majestade para sustentar o Estado da India, e os Estabelecimentos que tem na dita Costa de Africa, animando o commercio de Moçambique, da China, da Persia, do golfo de Bengala, e da Costa de Cromandel.

Mas neste caso me perguntaria V. S. que faria Sua Majestade do Reino de Portugal? Para responder a esta questão he necessario saber que coisa elle he, senão (como já considere) uma ourella de Terra, que dividida em tres partes, de qua, a primeira não é, ainda que o poderá ser, bem cultivada; que a segunda pertence ás Ordens Eclesiasticas, comprehendendo as Monasticas; e que a terecira produz um pouco de grão, que toda a forte via não basta para subsistencia de seus moradores, sem que lhe venha de fóra; tambem dá bastante

vinho, azeite e sal, generos que no Brasil se não achão, sendo tão necessarios ao sustento das vidas; mas quanto ao trigo, he constante que *em grande abundancia* cresce no Rio de Janeiro, e Colonia do Sacramento, cuja conservação ficaria sendo mais segura pela vizinhança da Córte, para ser soccorrida, além de que não seria necessario que a provizão deste genero fosse tão grande, como se pode imaginar, porque os moradores do Brasil vivem muito bem de Farinha de páu, como as provincias do Minho, e Traz-os-Montes e Beira, se sustentão de milho, cevada e centeio.

Pelo que toca ao sal, bem se sabe que elle se lavra na Capitania de Pernambuco, e quanto ao vinho, como no Brasil não faltão parreiras, *que fructificam duas vezes no anno*; pouco cuidado e trabalho bastaria para se poder fazer; não digo bem; mas que pelo tempo adiante o poderia vir a ser; pois que o do Cabo de Boa Esperança he hoje tão estimado; e pela mesma razão tão bem se daria o trigo, porque se acharia meio para se extinguirem as formigas, que o não deixão crescer. Finalmente: a pescaria das baleias dá o azeite, que sóbra, não só para o gasto ordinario, mas para com elle se fazer negocio com a Europa. He verdade que faltaria o regalo do beber com neve; porém não se ignorão os differentes modos de poder sem ella esfriar a agua; suppondo porém em uma palavra que na America faltam muitas coisas, que crescem na Europa; é constante que tão bem na Europa faltão muitas, e mais preciosas das que crescem na America; com esta industria, e applicação, porém não ha no Brasil se podem vir a ter com a industria, e applicação, porém não ha applicação, nem industria bastante para produzir em Portugal o que ha no Brasil; a saber, o ouro, os diamantes; sem ser possivel descobrir Minas de Prata da parte do Maranhão. A Divina Providencia permitiu esta mesma reciproca falta de certos generos, em hum e outro Emispherio, para que as Nações se communicassem, e se formasse a Sociedade da Republica universal.

Tão bem considerava o muito que se hiria estendendo o Evangelho, havendo mais homens Apostólicos, e mais obreiros para trabalharem nesta vinha do Senhor. Do Senhor, digo; porque as tapuezas do Brasil não são menos criaturas snas que as mais da Europa, que por tantos seculos viveu á cêga, e torpe idolatria, gemendo debaixo do Imperio do Demonio.

Seria, pois, o Brasil o entreposto de todas as mercadorias das outras três partes do mundo; e alli as virião buscar e trocar as Nações da Europa, pelo ouro, prata e diamantes, que taes, como já disse, se devem suppôr os ricos e preciosos frutos daquelle paiz.

Isto supposto: respondo á pergunta de V. S. que a disposição, que Sua Majestade poderia fazer do reino de Portugal, seria a de lhe dar um Vice-Rei, como dá ao Estado da India, que é bem mais dilatado, e quasi sempre em guerra com os seus vizinhos; porém, logo se offerecerião dois grandes inconvenientes: o primeiro que El-Rei de Castella se quereria aproveitar da occasião para conquistar a Portugal, o que com effeito faria, como deixo dito, por mais cuidado que o Vice-Rei puzesse em fazer as prevenções necessarias para o defender; e o segundo que a nobreza se costumaria muito mal a ser governada por hum Vice-Rei, como se viu, e a esperar de tão longe as mercês que pretendesse, ou a hir requere-las ao Brasil; e assim poderia contravir a sua devida fidelidade, pois que este foi já (entre outros) poderoso motivo prescindindo o da justiça, porque faltou a que tinha jurado ao Reis de Castella.

Quanto ao primeiro inconveniente creio que se poderia prevenir se as mais Potencias da Europa garantissem a sua Majestade a preservação do seu Reino, porque a nenhuma conviria, nem ainda á mesma França, que Hespanha com semelhante acquisição se fizesse mais poderosa; antes nenhuma deixaria de querer lison-

jejar Sua Majestade para que pelo mesmo Portugal, ou em direitura lhe permittisse negociar no Brasil; além de que El-Rei Catholico deveria reflectir que, no caso de invadir Portugal, poderia Sua Majestade estender na America o seu Imperio, fazendo-se Senhor do Continente da outra parte do Rio da Prata, e da Provincia do Paraguai.

E quanto ao segundo inconveniente, tãobem imaginava que a parte da Nobreza, que se estabelecesse no Brasil, seria caução da fidelidade da que ficasse em Portugal, a que se ajunta que quando bem não subsistisse a antipathia entre as duas Nações, sempre os interesses do Commercio farião a união dos dois Dominios Portuguezes, ainda que separados por tão vastos mares; mas seria absolutamente necessario prescrever certos limites aos dois Imperios Americanos (portuguez e hespanhol), por evitar as disputas, que poderião acontecer sobre os descobrimentos, que por huma e outra parte so fizessem, bem entendido que os Maritimos deverião ser o Rio Vicente Pensão mais ao Norte do das Amazonas, como está decidido pelo Tratado de Utrecht; e da parte do Sul, o Rio da Prata, conforme o sentimento dos nossos geographos, ainda que os Hespanhoes digão o contrario; e os limites terrestres poderião ser o Rio Paraguai, que nelle desagua, subindo por elle até ao Lago Xaraves ainda que o seu nascimento parece vir de mais longe, tirando delle huma linha para West por espaço de 100 leguas, segundo se vê no Mapa, até encontrar o Rio Madeira, que vae confundir a sua corrente com a do Rio Amazonas; mas enquanto não chegamos (nem espero que cheguemos) a esta extremidade, sempre nos deveríamos servir de todos os caminhos, e de todas as occasiões que se offerecessem, para estabelecermos os ditos Limites; porque os Jesuitas Castelhanos, que tem todas as suas Missões a Leste do Rio Paraguay, não são melhores nem mais zelosos missionarios que os Portuguezes, ou para melhor dizer, não fazem mais que uma só Nação;



como os judeus; sendo em toda a parte os mesmos, e com o mesmo caracter; além de que El-Rei Catholico sacrificaria, he verdade, hum grande Paiz pela sua extensão, mas que nelle não tem mais que o directo dominio; porque do util gozam in solidum os jesuitas; além de que se não achão Minas de ouro, ou de prata, nem outra alguma riqueza, como os mesmos Jesuitas mostram ter provado no seu 21 volume das Cartas edificantes. Com tudo o commercio da erva, que toma o nome do dito Rio Paragua, não lhes val pouco, porque tem notavel sahida para os Reinos do Peru' e Chili, etc.: e não sei porque aquelles bons homens, que de tudo se sabem aproveitar, não introduzem a dita erva, como a do Xá, na Europa; pois me lembra que, tomando eu della em Londres com o Doutor Fernandes Mendes da Costa, me disse aquelle grande Medico que era uma bebida sem comparação muito mais salutar, que a do Xá e Café, e he provavel que da mesma sorte que ella cresce a Leste do dito Rio, também cresceria da parte de West; e assim os Jesuitas, que fizessem as suas Missões daquella banda, não perderião o dito Commercio.

Mas chegando o fatal eazo, que algum Rei de Portugal queria hir ser Emperador do Occidente, e ter a sua Corte, no Rio de Janeiro, he certo que El-Rei de Castella temeria que podesse euidar em conquistar o Reino de Peru' athé o simo do Panamá, onde se termina o do Mexico; pois todos sabem que a dureza com que os Castelhanos tratão aquelles miseraveis naturaes, os tem sempre dispostos a saecudirem o jugo, que lhes he tão pezado, quando para este effeito se lhes desse a mão; pelo que não seria totalmente impraticavel o accomodamento de trocar o Reino do Chili, até ao Estreito de Magalhães, pelo Reino do Algarve, que convem muito aos Castelhanos pela commodidade dos seus Portos.

Bem sei que quando V. S. lê esta minha idéa se bemzerá, tendo-a por huma méra e pura visão, e que dirá que o ser tonto he um natural effeito da velhice, pois não sabe como pos-

sa vir á cabeça de hum homem, que conserva toda a sua razão, propôr que hum Rei de Portugal trocasse a sua residencia da Europa pela da America, cujos Povos, sem falar da differença dos climas, apenas tem os sentimentos de homens; ao que respondo que as cidades do Brasil não são povoadas desta miseravel gente, mas de muitos e bons Portuguezes, que della se servem, como em Lisboa nos servimos de Negros; além de que, segundo deixo dito, em anuito poucos annos serião tantos os Vassallos que hirião viver no Brasil, que não reconheceria a differença e; quanto aos Tapuyas do Certão, estou para dizer que não differem mais que na cor dos nossos rusticos das Provincias, e o que mais he, que os primeiros, depois de se deixarem doutrinar, são mais observantes dos preceitos da Igreja, que os nossos Paizanos, que logo lhe esquecem, ou não os guardão:

.....
.....
....."

REVISTAS E JORNAES

HOMENS
E COISAS NACIONAES

CARLOS PEIXOTO

... Carlos Peixoto tornara-se, com o tempo e por disciplina, superior e por assim dizer alheio ás pequeninas coisas que preoccupam a toda a gente. Reservava, com rara prudencia, a força e a lucidez do seu espirito para as questões grandes e sérias, de que pôde resultar um real inconveniente ou uma real utilidade. Evitava distrahir, desperdiçar as suas faculdades. Tinha horror das cogitações desnecessarias que tanto agradam e tanto tempo tomam á immensa maioria dos homens, mesmo intelligentes e cultos, do nosso tempo. Nas proprias palestras intimas, evitava prolongar qualquer discussão, destas em que tão frequentemente os melhores amigos se exaltam, chegam trocar palavras asperas e crueis — para, afinal, concluirem que defen-

diam, no fundo, a mesma convicção ou, da maneira mais insensata, debatiam tendências, sympathias, sentimentos puramente pessoas e irreductiveis. Por isso, talvez, a muitos elle se afigurava um "retrahido". Mas essa apreciação era, se não de todo errada, grandemente exaggerada. O que nelle se julgava retrahimento, provinha apenas da deliberação reflectida e methodica de não dissipar, em applicações estereis, os recursos do seu talento e da sua illustração; vivendo num meio de expansões desmedidas e interminarias palrarias, esse homem poupava avidamente os seus enthusiasmos e as proprias palavras, para fazer daquelles e destas melhor uso que o commum dos seus semelhantes. Retrahimento significa abstenção, indifferença; e como bem poucos elle se interessava pelo que realmente se devia interessar. Em vez, portanto, daquelle supposto defeito, o que se deve apurar na sua pessoa é a força de vontade e a comprehensão dos homens o das coisas, força e comprehensão que faziam com que elle se não tornasse um dispersivo.

Politicamente, Carlos Peixoto só cuidou de ser um cidadão util ao seu paiz. Não se aponta quem mais delicada, mais abnegadamente se esforçasse pela realisação desse programma que cabe numa linha e para cumprimento do qual, todavia, não basta a facundia de tantos e tantos servidores da patria, desenvolvida através de discursos e papeladas sem fim. Quando elle appareceu, no scenario da politica federal, logo se comprehendeu que a sua acção seria differente e seria ou tenderia a ser exclusivamente proveitosa. Carlos Peixoto surgia a meio de um systema de convenções, já com ar de tradições, sustentado pela arrogancia de dois ou tres que dominavam e a passividade accommodaticia de alguns centenares, que obedeciam. Quem não era mandão intransigente ou incondicional cumpridor de ordens, barafustava a torto e a direito, sem o menor resultado. Não se discutia e em rigor não se pensava: contra os tyrannos que punham e

dispunham ao sabor do seu capricho, só alguns homens se insurgiam e esses berrando, esbravejando, platonicamente, como se lhes bastasse o gozo de se ouvirem a si mesmos, admirando no espelho da sua vaidade os proprios gestos theatraes. São desse tempo os debates parlamentares a que fatalmente succediam, na rua, manifestações populares da mesma importancia e alcance patrioticos; o orador coberto de apartes e das observações da Presidencia da Camara que acabava retirando-lhes a palavra, vinha cá, para fóra receber a glorificação dos desordeiros e moleques ou as chufas de assalariados mais ou menos officiaes. Além dessas manifestações irrisorias de doutrinarismo politico, quasi nada se fazia senão respeitar servilmente os chefes e votar conforme elles determinassem. Carlos Peixoto, esse, trazia em si alguns solidos principios e algumas idéas proprias, mais caros ao seu temperamento que todos os interesses, todas as commodidades; e immediatamente o seu feito de convicção e de insubmissão se manifestou, entre a repulsa astuciosa dos que lhe temiam a influencia futura e a mofa cynica dos que não admittiam que elle assim podesse triumphar. A quem se tornara tão senhor dos assumptos em que havia de intervir, não era necessario falar muito nem em voz estridente. Como orador, Carlos Peixoto afastou-se inteiramente dos môdes de prolixidade e tonitruancia usuas na época; discorria sempre com imperturbavel calma e reflexão, como se pesasse e medisse as phrases, ajustando-as successivamente e dando á sua conjunção uma harmonia impecavel. Tratando das materias mais aridas, mais avêssas ao adorno literario, a sua palavra, a poder de clareza, precisão, equilibrio, adquiria uma indiscutivel elegancia. Era eloquente, com a simplicidade e a facilidade dos que sabem o que querem dizer e sabem dizer o que querem. E de cada vez que falava, mais victoriosamente accentuava o perfeito accôrdo do seu talento e do seu character.

Os dotes intellectuaes e moraes de



Carlos Peixoto assumiram a maior e a melhor evidência na allocução com que elle renunciou á presidencia da Camara — breves palavras proferidas; em alguns minutos, e sem a menor emphase, mas cada uma das quaes ia dando a quem as escutava a impressão dum juizo longamento meditado e levado, á sua expressão definitiva. Lembra-me como se fosse hontem o momento em que elle articulou essa meia duzia de periodos modelares. Varios jornalistas alheios ao serviço da Camara, e entre elles eu, lá tinham ido, para assistir ao solenne acto annuciado. Pelo recinto, notava-se uma especie de phrenesi, de febre; antes de aberta a sessão, os senhores deputados cochichavam pelos cantos, em grupos que se formavam se desfaziam, num continuo alvoroço, e nos quaes evidentemente se discutia ainda á ultima hora aquillo que, desde a vespera, todos sabiam infallivel, inevitavel. Carlos Peixoto subiu ao estrado, occupou a cadeira presidenciaal; e nunca esse homem me pareceu tão admiravel, tão superior como nesse momento de se confessar veneido. Em transe para outros tão agudo o afflictivo, a sua physionomia mantinha tal serenidade, que ehgava a parecer contente, e dalgum modo, com effeito, sorria. Na sala, estabeleceu-se um silencio aneioso; todos olhavam a mesa, para além da qual a figura de Carlos Peixoto se erguia, magnificia, na sua resolução, animada e inspirada pela certeza do dever a cumprir. A cerimonia formidavel reduziu-se, como já disse, a uma rapida declaração; nenhuma rhetorica, nem um só termo que exigisse do orador qualquer euidado declamatorio ou cuja intenção precisasse de ser sublinhada. As idéas mais limpidas na mais correntia das fórmias. E esse disurso ficou celebre, e os seus conceitos hão de sempre offerecer a definição duma phase politica e do homem que nella mais dignamente se salientou.

Veu dahi o tão falado afastamento de Carlos Peixoto das lutas partidarias. Foi outra renuncia dictada pela sua elevação de espirito,

pela sua integridade moral. Elle não viera para a politica, disposto a deixar-se entrar nesta ou naquella engrenagem organisaada. Tinha que se manter fóra dos circulos onde se combatia, não por afinidade de vistas collectiva ou identificação de crenças, mas por disciplina levada, quasi sempre, á completa alienação da personalidade, a um automatismo de attitudes regulada do alto, por quem puxava os cordeis da fantochada inconsciente. Não fóra de certo para imitar os outros magnatas que elle pensara em congregar praticamente esse grupo do homens novos, de nova orientação e novos ideaes, a que a propensão chocarreira do meio logo applicara a denominação collegial de "Jardim da Infancia". Carlos Peixoto não podia absolutamente aspirar a ser um chefe como os outros; nem á sua natureza combatente assentava qualquer chefia. O que elle desejava, era trabalhar e lutar ao lado do alguns que não estivessem ainda com o entendimento e as energias escravizados ás estreitas conveniencias rotineiras, fossem, como ello, homens capazes de dizer e fazer alguma coisa, por si mesmos, com independencia e desassombro. Conseguiu ello, por completo ou em grau apreciavel, o seu intento? Conseguiu, pelo menos e isso sem duvida, dar um magnifico exemplo. E bem examinados os factos e a posição por elle assumida e até final sustentada na politica do paiz, o que resalta é a coherencia irreprehensivel desse homem, a quem as mais brilhantes ou culminantes posições se offereciam se elle transigisse consigo mesmo, adoptando os processos por meio dos quaos, outros, de tão inferior merecimento, as haviam conquistado. (João Luso — *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro).

SOBRE A LINGUA PORTUGUEZA

O estudo facultativo da lingua portugueza, instituido oficialmente no curso secundario de Montevideu, leva-me a considerar o vago queixu-

me de todos os espiritos, que lhe deram vigor, claridade, harmonia: "esta lingua é' um sepulchro".

Talvez o seja, e rico de florões, emblemas, crespas allegorias neptunias, mas não fiquemos á porta do tumulo real, de Joelhos e carpindo, ou mirando-lhe só as imagens de epopéa, de historia, de novella, de sonho, esculpidas á beira-mar, outra ora, por cinzeis illustres. Não esqueçamos com a realidade numerica, desdizendo embora os mestres e apagando os cyrios, que vivem, trabalham, soffrem, pelezam dentro da vasta sepultura camoneana, espalhados em quatro continentes, á orla do Atlantico, do Indico, do Mar Meridional da China, trinta milhões, ou mais, de almas vinculadas pelo sangue ou pela força á Lusitania.

Quanta agitação lá dentro, quanta vitalidade nesses rumores de forja, de tear, de vapor, a despeito das nossas elegias, atiradas como sepaldas murchas ao vento que soprava na enxarcia dos galeões destemerosos. Em vez de corredores funebres, por onde se esgueirassem lumes e sombras, na ancia do Juizo Final, o templo sobre a collina, e veredas humanas através da selva, e largos caminhos esplendendo ao sol para marchas triumphaes, e longes maritimos com as suas velas, toda a amplidão etherea com os seus vôos... O' energia solar, transformada em canções de ceifeiros na messe, de soldados na trincheira, de marujos á prôa do barco! São acaso errantes lamurias de fantasmas ou podem sair de mausoléos trancados pelo destino, vozes tão claras, tão rijas, celebrando a vida abundante, coroada mythologicamente de espigas, ou a vida guerreira, que atravessa as edades com o mesmo clangor e o mesmo feixe de raios, ou a vida oceanica, entre nevoeiros e procellas, de espaço a espaço cortada por alguma Ilha dos Amores?

Mas, todas essas correntes navegaveis, todas essas ondas que se empolam como seios fartos á luz, todo esse fluxo de humanidade crescendo num estuario quasi immensuravel, tudo isso vemos estagnar-se, de-

compôr-se, lugubrememente perder o impeto, a fluidez e a côr, através do nosso espirito inductivo, se a produção e a cultura de outras raças dominantes nos vem á memoria. Desses trinta milhões de homens, que nasceram para dilatar, uns pela sua audacia, outros pela sua intelligencia, todos pelo seu amor, o sonoro e formoso reino verbal da lingua portugueza, duas terças partes não sabem lêr e escrever. O analfabetismo é o sudario que envolve a bella princeza adormecida, entre as legendas e os florões da sepultura modelada sobre a epopéa lusitana.

Para os vendedores phenicios de márfin ou para os industriaes norte-americanos do aço, historicamente, civilisação quer dizer iniciação em fórmas superiores de existencia, modalidades novas do conhecimento. Antes de Cadmus, no reinado sombrio do hieroglypho, a tradição oral foi quasi sempre a maravilhosa iniciadora dos povos. Della aprenderam os homens tudo quanto se fez necessario ao seu accrescentamento, como possuidores avidos de riquezas, ou á sua intelligencia, como espiritos amedrontados em face dos seres e das coisas: o amanho de boas terras e de terras hostis, o fabrico do vinho e a colheita do mel, os rudimentos de architectura, de tecelagem, de tinturaria, as primeiras lendas visionando o primeiro ideal super-humano, e a arte de lêr nos astros o que ainda não fôra concebido pelo tempo. Voavam, assim, de memoria a memoria, como de uma a outra geração, qual dellas mais attenta aos seus mestres illuminados, leis, poemas, chronicas, ensinamentos, Nebulosas da historia, indecisas e originaes civilisações analfabetas, ou melhor, ineffaveis civilisações em que os escribas pouco trabalhavam, se havia já escribas illustrando o lamentoso rebanho dos escravos, e por livros tinham os sabios alguns tijolos cobertos de hieroglyphos, e era talvez menor do que no Brasil o numero de leitores!

Depois, o invento de Cadmus, aperfeiçoado pelos gregos, facilitou aos homens a notação da realidade am-



biente. Vinculando povos da mesma lingua, habitantes do mesmo solo, culminou sem demora a omnipotencia do alphabeto para traduzir, perpetuar idéas e factos, interesses e sentimentos. Religião moral, direito, saber da natureza, longinquas vozes que as raças tentavam fixar mnemonicamente, chammas perdidas no oceano clamoroso, ardentias da onda sonora do verbo, passaram a brilhar como signaes indestructiveis ou elos inquebrantaveis. E a tradição escripta reergueu a lampada, reavivou a flamma que empallidecia; outra vestal iniciadora e pulchra veiu habitar o santuario.

Imaginae com os theosophistas orientaes, com a sacerdotisa Helena Blavasky ou a sacerdotisa Annie Besant, uma super-iniciação no mysterio universal: transpõem-se abysmos, rochedos, sacrarios, e então se abre a quinta porta, num deslumbramento, que é para o discipulo a gloria do Homem Perfeito — o simio deificado na substancia, mestre e redemptor! Sem provações ou extases, a iniciação alphabetica transporta o homem contemporaneo, dentro da vida planetaria, não direi á quinta e suprema porta, mas de certo á primeira, onde a mão invisivel e generosa do velho Cadmus lhe offerece a chave de todos os conhecimentos.

Sim, de todos, mesmo daquelles, tão numerosos, que a propria humanidade occidental, já instruida excellentemente no alphabeto, se habituara a distanciar da palavra escripta. Desde as *Georgicas* até aos manuaes de agronomia, quantos livros rodeando o sementeiro entre as couves da horta! E os constructores passam, carregando pedras e livros; o artilheiro, como o frade na cella, junto ao crucifixo, tem o seu breviario junto do canhão; até para esmurrar o vizinho, com effiçencia e garbo, folheia-se antes um compendio, mesmo um tratado de *box*. Livros de toda sorte, pompeando entre as colleções de leis e os dictionarios de flores, tantos como no sonho prodigioso de *A Cidade e as Serras*, através do qual o Padre Eterno lê um vetusto in-folio sobre uma nuvem!

A propria Salomé, resurgindo sem véus, pediria emprestado a Isadora Duncan... o seu manual de dansa.

Dentre os varios milhões de almas, nascidas para articular a consciencia do ser e do mundo em portuguez, duas terças partes desconhecem ainda o signo de Cadmus, o *in hoc signo vinces* deste começo de éra anti-christã. Que poderão ellas conhecer da humanidade, ou mesmo da altissima divindade, se o mauejo de todas as idéas e todas as forças depende hoje do invento de Cadmus, e, porque a Revelação necessite da graphia, até nisso manifestou S. Paulo o seu genio, cultivando nos primeiros dias da Igreja a fórma epistolar? Que sabem da terra, por onde rastejam, ou dos céos, para os quaes levantam os olhos ignorantes do universo mental?

Confinaram-se, dest'arte, num polo glacial, nem sequer visitado, a quando e quando, por magnificencias de auroras boreaes. E não só diante do mundo arrastam a sua desolada penuria, mas diante da propria lingua portugueza, que o amor soberano das majestades intellectuaes ainda exhuma e beija, e de perolas adorna, e carinhoso põe no seu throno, sob um vestido regio.

Ao campez da Bavaria ou da Irlanda trezentas palavras bastam, condensando as relações de uma existencia, em cujo bolotal se exprimem por um só grunhido todas as necessidades. Trinta mil não bastariam á condigna roupagem do pensamento de um Shakespeare ou de um Goethe. Com os seus thesouros dorme, dos seus filhos ignorada, a esvelta princeza camoneana, e em meio das joias rebrilha *Menina e Moça*, um espelho de prata, cofres reluzem, transbordantes de scintillações vaidosas, lampejam diademas tallhados pelo buril de velhos magos.

Se é tão grande o nosso descaso, tão rude o nosso desamor, nenhuma vassallarem podemos aguardar ou exigir do forasteiro á excelsa Musa adormecida. Na indifferença do mundo culto, ha poucos annos, só alguns calxeiros viajantes de Hamburgo aprendiam o portuguez. Um brasilei-

ro desterrado em Nova York tentou ganhar a vida como professor da sua lingua na escola Berlitz: á custa de annuncios, inclusive os annuncios luminosos, conseguiu elle figar um discipulo, que em tempo fôra mormon e pretendia vir como dentista ao Rio de Janeiro. Mas bem depressa teve a aula de portuguez tão vasia quanto o bolso de professor. E assim os teve porque o singular discipulo *yankce* recebera propostas mais vantajosas para exercer a arte dentaria em Hong-Kong. O brasileiro passou, apertado já pela fome, a ensinar violentamente o esperanto, com aula sempre cheia e os *dollars* pagos em dia.

Montevidéo, terra incomparavel das mulheres formosas, vae ter, com a sua cadeira de portuguez, uma belleza nova, menos admirada que as outras, mas por igual seductora e enleante. O gesto encantador fascina, e ha, todavia, nas fronteiras do Uruguay, certo paiz em que eu desejava ainda mais ardentemente louvar a expansão official das cadeiras de portuguez obrigatorio ou mesmo facultativo. Este paiz é o Brasil. (Celso Vieira. — *O Paiz*, Rio de Janeiro).

S. PAULO NO SECULO XVI

Era de esperar que a maior cópia de informes sobre a vida paulistana das primeiras óras se encontrasse nas "Actas" da sua edilidade, recentemente vindas á luz desde que, lançando mão de antiga autorisação do legislativo municipal, o sr. dr. Washington Luis — a quem tanto deve a historia de S. Paulo — fez publicar numerosos tomos de uma sério valiosa de documentos. E assim realmente succedeu.

Caso unico no Brasil, pôde a nossa capital, exemplo unico no Brasil, orgulhar-se da publicação das deliberações de sua Camara, desde a éra longinqua de 1562 até ao anno já relativamente proximo de 1743. Dentro de poucos annos terá provavelmente a collecção das "Actas da Camara

de S. Paulo" attingido ao limiar da nossa vida autonoma, entremeando-se aos seus grossos e nitidos tomos, os da collecção dos "Registos", rico repositorio de factos ineditos e interessantes que o criterio seguro do historiador de Rodrigo Cesar de Menezes igualmente offereceu ao estudo dos que amam as tradições patrias.

Não é muito o que as "Actas" nos contam, mas ainda assim revelam muito incidente pittoresco e fornecem muito documento psychologico.

Vae Portugal á guerra com d. Sebastião em Alcacer — e, no emtanto, em S. Paulo parece não haver repercutido o mais leve éco de tantas miserias e afflicções do mundo lusitano. O unico e curioso vestigio de solidariedade com a civilisação occidental, que nas Actas desso tempo se nos depara, é o da introdução do calendario gregoriano em terras de Piratininga. Mandavam os officiaes da Camara que as portarias relativas aos teceções fossem apregoadas "aos vinte e hũ dias do mez de hoitubro, hera de mill e quinhentos e hoitenta e quatro anos, por vertude de hũa provizão dell rei noso sôr, ê que mãda e decrara que desde mez e ano se tirem dez dias por vertude do sãoto papa de hum calamdrairo."

Não ha tambem nas "Actas" nenhuma allusão ao assalto e á tomada de Santos pelos piratas de Cavendish, que no emtanto estiveram senhores da villa durante dois mezes, em 1591. As "actas" são, pois, apenas o reflexo da vida immediata da villa paulistana, e sob este ponto de vista constituem um repositorio de dados e elementos psychologicos de insubstituivel valor.

Localizado, pelo excellente criterio jesuitico, em magnifica posição estrategica, no pequeno platô dominador da varzea e apenas accessivel de um lado, não poude, comtudo, o S. Paulo dos primeiros annos, prescindir dos anteparos que o puzessem a cõberto das aggressões inopinadas dos selvagens, seus vizinhos immediatos. Assim, desde os primei-

ro dias, cercou-se de muros e estaçada. E foram talvez estas taipas rudes e grosseiras que o salvaram quando guayanazes, carijós e tupys, as hostes confederadas e temerosas de Jagoanharo e Arary, lhe deram, a 10 de Julho de 1562, furibundo assalto. Dahi, a solicitude das Camaras pelos muros, amparo da villa.

A 5 de Novembro de 1562, requeria o procurador do concelho, Luiz Martins — casa roubada, trancas ás portas — “que se acabassem os muros e baluartes”, sendo então as obras a executar commettidas pela Camara a treze dos principaes paulistanos. O baluarte, a acropole piratiningana “que estava detrás das casas em que morava João Luiz”, foi então “coberto”. Quem se excusasse a tão premente obrigação, decretava a Camara, multado fosse em cinco tostões, marcando-se o prazo de quinze dias para a conclusão das obras.

A primeiro de Fevereiro seguinte, denunciava-se em vereança o facto de ainda se acharem por terminar uma guarita por trás do muro e a “cobertura das cercas da villa”. Pela cinta murada protectora do arraial, varias portas se abriam, como era natural, cuja guarda se entregava a pessoas de confiança. A 13 de Fevereiro de 1563, requeria o procurador Salvador Pires aos seus collegas de edilidade que so fechassem a cadeado duas dessas portas exteriores, cujo zelador era certo Pedro Dias. Corriam os annos e, como se não renovassem as ameaças do genio, renascera a confiança, de modo que se descurou a conservação das taipas protectoras. Em 1575, reclamava o procurador do concelho contra tal estado de coisas: “Joanne Annes, Domingos Roiz e Manuel Fernandes (aliás juiz ordinario da villa naquelle mesmo anno) haviam “aberto buracos nos muros e portas q. hera grande perjuizo cair os ditos muros”. Fossem, pois, intimados “q. hos tapassem dentro em serto tempo”. E assim so decidiu que num mez “tapacen as ditas taipas de taipa de pilão cõ pena de quinhentos réis para o cõselho”.

Facto mais grave do que esse da abertura dos buracos era o arruamento de portas. Chegara o ex-ve-reador Antonio Fernandes não só a fazel-o como a vender uma das taes portas a certo André de Burgos e por 250 réis! “o que se não podia fazer por ser coisa do concelho”, verberava o procurador Domingos Luiz. Citado foi o camarista velhaco a que restituisse a porta e o portal, sob pena de apprehensão e multa de 200 réis. Pouco depois, era por sua vez Joanne Annes intimado a tapar a abertura praticada no muro da villa, exactamente no baluarte! O mesmo quanto a Domingos Roiz, o que motivou pittoresca petição deste morador ao poder municipal, pois, como não obedecesse á intimação, fôra o serviço feito pela Camara, que agora lhe cobrava as despesas feitas. “Havia o baluarte cahido desde quatro annos, explicava o pobre diabo. Entaiparem-lhe agora a abertura seria condemnal-o a grande incommodo. Eram “a terra pobre e as necessidades delles muitas. Sua mulher, por ser pobre, ia á roça, com suas escravas, atravessando as derruidas fortificações. Se assim não fosse, precisariam dar enorme volta. A’ vista de semelhante inconveniente, pois, respeitosa mente supplicava o desolado emparedado “que lhe dessem licença, para que de novo abrisse a passagem, para que sua mulher e cunhadas e escravas pudessem della servir-se.”

Para Domingos Roiz, ao que parece, não existia a questão do “salus populi”. Queria as suas commo-didades esse egoista do seculo XVI. Deu-lhe o capitão-mór da capitania, Jeronymo Leitão, severa lição de patriotismo, quiçá sentindo obrigar as damas da familia Roiz á caminhar, que o terno o solícito Domingos pretendia poupar-lhes: “Não pôde ser provido o sop.te do q. pede acerca da porta per quãto ho necessaria ficar a vila cercada.” Amenizando o indeferimento formal, acrescentava ao despacho o representante do donatario que se suspendesse a execução em andamento contra o requerente, perdoando-se-lho

então a multa em que incorrera, dada a sua pobreza e o facto de já ter "o postigo tapado de taypa."

Ainda em 1575, a 5 de Dezembro, narrava o procurador aos seus collegas que individuos maleficos e desconhecidos haviam quebrado e queimado as guaritas abrigadoras das sentinellas da villa. Causava-lhe o facto o maior aborrecimento, pois a construcção de novos postos de guarda importaria em avultada somma, e isso quando as finanças da municipalidade estavam avariadissimas. Propunha, pois, que se sustasse a obra até que se pudesse tirar a limpo si tal despesa incumbia aos cobres da Camara, si aos do donatario, alvitre que a Camara aceitou jubilosa.

No anno seguinte, de 1576, constatavam os vereadores Affonso Sardinha e Lopo Dias e o procurador do concelho Lourenço Vaz, nas suas confabulações "pera bem e proll do povo", que os muros de S. Paulo "estavão denificados e estavão caindo". Cada um "vizinho acudice sua testade e reiparasse os ditos muros, até vir o capitão Jeronimo Lleitão, q. mandará reiparar e alleventar os muros q. estavão caidos." Quem não reparasse o cobrisse os ditos muros, cada qual a sua testada "dentro de oito dias da apregoação do edital fosse condemnado a uma multa de cem réis para o concelho". Não sabemos se realmente se cumpriram estas ordens e determinações; ficaram provavelmente letra morta. Varios annos decorreram sem que pensasse em concertar muros.

Em 1583 lança a Camara um protesto contra os jesuitas — até os jesuitas! — por haverem derrubado um pedaço de muralha, prometendo levar o caso ao conhecimento do seu visitador, quando a S. Paulo viesse.

Em 1590, é enorme o alarma na villa piratiningana; está imminente tremenda aggressão por parte dos indios do sertão ignoto e immenso.

Volta a questão dos muros a ter a maxima oportunidade. Cassandra, reencarnada na pessoa do procurador João Maciel, procura incutir aos of-

ficiaes da Camara o temor que lhe vae nalma e lhe gera as mais sinistras previsões, realisaveis dentro de limitado prazo. Aponta-lhes o estado ruinoso das fortificações de S. Paulo e consegue impressional-os. "Mandassem Suas Mercês prover sobre os muros que estavam cahidos e descobertos e cada passo que passa um anno tudo ia devolluto". Retorquindo-lhe ás jeremiadas diziam os vereadores "que proveriam o que fosse justiça".

Como cada vez mais se tornassem aterradores os boatos reuniu-se a Camara "ad instar" numa Junta de Salvação Publica para deliberar sobre a gravidade da situação. "Accordam os officiaes que se lance pré-gão que todo morador desta villa esteja prestes com as armas, e mantimentos para que sendo necessario acudam com diligencia e que se levantem os muros da villa cada um o que lhe couber em seus chãos".

Medida estrategica foi a retirada dos numerosos chiqueiros encostados ao longo das muralhas. "Por elles poderiam penetrar os contrarios" explicava a Camara, justificando a ordem expedida.

Os graves receios de assedio e assalto nos ultimos annos do seculo, que provocaram o estabelecimento de postos avançados como "um forte e tranqueira na Embuaçava, para remedio, amparo e vigia dos inimigos, dizendo-se: "vem a nós os indios do sertão desta capitania", estes terrores provocaram a reedificação e consolidação dos muros antigos de Piratininga.

Assim pois surgiu S. Paulo, pelo seculo XVII a dentro, murado de toscas e rudes taipas como se uma praça de guerra, medieval, fóra. E' que realmente constituia um posto avançado da civilisação e da conquista do Brasil, primeiro marco fixo e inabalavel da entrada para o oeste infindo que á nossa patria dilataria pelas terras immensas do continente, umas legitimamente lusas, outras não, á fé das bullas e tratados. (A. d'Eseragnolle Taunay — *Correio Paulistano*, S. Paulo).

HOMENS
E COISAS ESTRANGEIRAS

UM PINTOR DE ELEGANCIAS.

Ha alguns dias conversava eu com a condessa de Noailles sobre os varios retratos della que têm feito alguns pintores modernos:

— Quanto a La Gandara, conclue a poetisa illustre — supponho que pintou o meu retrato por causa de uma esmeralda que trazia no dedo.

Immediatamente revi a sala da exposição veneziana, onde esse retrato havia sido exposto, e onde a bella joia esplendia com uma côr singular, entre os tons vivos das vestes e os tons neutros do fundo. Porque, na verdade, Antonio La Gandara, cuja morte inesperada os jornaes agora annunciam — foi um daquelles pintores da moda que atravez dos seculos se comprazem em reproduzir todos os caprichos e todas as extravagancias do vestir. Nascido na capital franceza, ha 54 annos, sendo seu pae hespanhol e sua mãe ingleza, elle representava verdadeiramente o typo ideal do parisiense contemporaneo, exclusivamente cosmopolita e transplantado. E na sociedade onde vivera sempre, a altivez aristocratica da Hespanha e o snobismo inglez o haviam feito procurar as formas preciosas e as complicações da elegancia moderna. No fundo, como todos os pintores da sua época, elle procurou fixar o caracter mais representativo das figuras contemporaneas. Mas emquanto este caracter num Toulouse Lautrec, fidalgo de raça, consistia nas mais depravadas figuras do "bas fonds" parisiense; emquanto Steinlein o via nos operarios das officinas, nos carregadores dos portos fluviaes, nas mulheres do mercado e nos camponezes; e o grande Forain sabia encontrar o com synthese maravilhosa nas gordas figuras dos politicantes, nos homens de negocios e dos "parvenus", La Gandara se especialisara nas figuras elegantes das grandes mundanas parisienses e no dandysmo equivooco de cer-

tos literatos e artistas. Foi talvez essa especialisação que deu á sua arte o caracter de superficialidade que lhe tem sido censurado durante toda a sua vida. Disse-se que os seus retratos não tinham caracter. Mas não era verdade: porque o caracter daquellas mundanas e daquelles dandys consistia justamente no corte o na côr dos seus vestidos. E quando entre as bellas senhoras que elle pintava se encontrava uma personalidade original, como a condessa de Noailles, o pintor falhava á sua missão e concentrava toda a sua arte, direi mesmo todo o seu amor, sobre o reflexo de uma pedra preciosa ou sobre o tom de uma gravata.

Por mim, penso sempre que esses pintores da moda exercem uma funeção na historia da arte na chronica dos costumes. Em todas as épocas, ao lado dos grandes interpretes da verdade e dos grandes idealisadores da historia, encontramos esses enamorados das vestes e das futilidades da moda, que fixam um dos aspectos mais fugitivos do seu tempo. As grandes figuras de Miguelangelo são de todas as épocas, ou melhor, não pertencem a nenhuma, e saindo do quadro do seu tempo representam uma humanidade que está fora do espaço e da vida. Mas eis que ao lado delle Agnolo Bronzino, pintando o brocado sumptuoso de Eleonora de Toledo, ou as joias bizarras de Lucrecia Panciatici, fixa indelevelmente aquillo que o esquecimento dos homens e a acção do tempo teriam destruido para sempre. Antonio La Gandara pertence a esta serie de artistas, e como Winterhalter fôra o pintor da crinolina, como Boldini representára as mulheres elegantes de Guy de Maupassant e dos primeiros psychologos naturalistas, assim elle pintou as mulheres modernissimas que a sua complicação psychologica e as suas anomalias sensuaes e sentimentaes occultavam perfidamente sob aquella simplicidade estudada. Por isso, a opinião da condessa de Noailles era bem exacta e resumia a figura desse artista. (Diego Angeli — *Il Marzocco*, Florença).

A AMAZONA

Acaba de surgir no theatro da guerra este novo personagem. Ha tres annos a mulher vem realisando maravilhas de devotamento, intelligencia e actividade. Ella está ao lado do combatente, curando-o, consolando-o, sustentando-o. Ella substitue o homem nos trabalhos da cidade e dos campos. Faltava-lhe apenas pôr um capacete na cabeça, tomar a espingarda e verter o seu sangue nos campos de batalha. Pois tambem isso acaba de fazer. A Russia, caldeira gigantesca em que fermenta e ferve tudo quanto ha de melhor e peor na humanidade, fez nascer agora esse ser mysterioso, legendario e quasi mythologico: a Amazona.

A sra. Botchkareva, já no reinado de Nicolau II, se sentia com uma viva inclinação para a carreira militar. Logo no começo das hostilidades, obteve licença para tomar parte na guerra, e foi assim que recebeu varias feridas, sendo condecorada algumas vezes. Tratava-se, entretanto, apenas de uma vocação individual. A "officiala" de infantaria Botchkareva não tinha imitadoras. Mas a revolução explodiu com enthusiasmo e foi logo seguida das desordens que sabemos. O exército, enfraquecido, dividido pelas manobras da Alemanha, e envenenado pela propaganda do traidor Lenine e seus cumplices, cessou de agir. Voltando a Petrogrado, a sra. Botchkareva via lamentáveis espectáculos. Soldados desertores misturavam-se á multidão, bebidos, gritando inconscientemente pelas ruas que se fizesse a paz. Intelligente e patriota, a sra. Botchkareva percebeu que o seu paiz caminhava para o abysmo, e comprehendeu a necessidade de um gesto energico, que valesse por um aviso. Mas que pôdia ella fazer, sosinha e humilde, deante daquela multidão? A intrepida amazona dirigiu um vibrante appello ás suas amigas, ás amigas de suas amigas e á juventude feminina das escolas: "Já que os homens recusam ir bater-se, diz ella, nós tomaremos as suas armas e elles vestirão as nossas saias."

Kerensky deu-lhe a autorisação so-

licitada. Ao fim de duas semanas o "Batalhão da Morte" contava 250 adherentes, equipadas dos pés á cabeça, vestidas com o uniforme regulamentar, com os cabellos cortados, e sujeitas á mais rigorosa disciplina, adestradas nas manobras mais fatigantes e nos trabalhos mais pesados. Quando o batalhão, com a musica á frente, desfilou pela primeira vez na perspectiva Newsky, innumeradas ovações o saudaram, e os desertores que o encontravam sentiam-se envergonhados.

Essas mulheres valorosas esperavam com impaciencia o momento de ir para a frente. Afinal, chegaram ás trincheiras, onde logo receberam o baptismo de fogo. A sra. Botchkareva já contou com encantadora simplicidade como as amazonas, tendo-se apoderado de duas linhas de trincheiras allemans, foram repellidos por um contra ataque. Alguns dias depois, uma brilhante e decisiva desforra as consolava dessa pequena derrota. Em Smorgone, precipitando-se sobre o inimigo, surpreendendo-o por uma impetuosa aggressão, ellas o puzeram em fuga e capturaram cem homens, entre os quaes dois officiaes, que, segundo se diz, se julgaram muito humilhados com a aventura. Vinte dentre ellas foram mortas, cento e cincoenta feridas e oito prisioneiras. O resto do heroico batalhão atravessou na volta a cidade de Poltava. Cem mil pessoas o acompanhavam e aclamavam. Em torno do hospital de Minsk a mesma affluencia, a mesma emoção. A sra. Botchkareva, gravemente ferida, vibrava de alegria. Raparigas beijavam-lhe as mãos, chorando. Ella lia nesses olhares, cheios de fé e de coragem, o desejo do sacrificio. A lição fóra comprehendida... E pouco depois os alistamentos de mulheres se multiplicaram. Um exército femiuiuo se levanta hoje na Russia para repellir o invasor. (*Les Annales*, Paris).

BAUDELAIRE

No dia 31 de Agosto ultimo fez cincoenta annos que Charles Baudelaire morreu. O poeta tinha quaranta

e seis annos quando a morte o abateu. Entretanto, os seus ultimos retratos nos mostram uma physionomia devastada, com a fronto enrugada, uma perfeita mascara de soffrimento, mas de soffrimento abafado, vencido pelo despreso e dominado pela ironia. E' que sua vida, desde a infancia correu numa verdadeira via do Calvario. Muito pequeno, em vez da doçura materna, conheceu o supplicio de viver junto a uma mulher casada em segundas nupcias. Quer uma lei obscura do instincto que o filho exerce o padrao: Baudelaire não poude nunca perdoar a sua mãe o seu casamento com o Coronel Aupick. Num soneto ferino, *La Lune offensée*, explode o seu rancor, em versos onde ha um mixto de riso e soluços e que parecem um eco da miseria de Hamlet. Suppõe-se que durante toda a sua vida Baudelaire nutriu contra a mulher uma aversão e quasi um desgosto instinctivo. Entretanto, elle era da raça dos ternos que tem sede ardente da frescura e da caricia de uma amiga, uma necessidade violenta de abandonar-se a uma outra alma amorosa, balbucian-do acções de graças. Mas elle não amou verdadeiramente senão as filhas do seu sonho, creaturas imaginarias, figuras apenas entrevistas, silhuetas que se desvaneciam logo — uma mendiga, uma transeunte de pesado luto, que cruzou com elle na rua e desapareceu logo... "Un éclair... puis la nuit..."

Tem-se dito e escripto innumeradas vezes que Baudelaire tinha o coração secco e gelado. Mas não é verdade. Baudelaire foi, ao contrario, um dos poetas cuja sensibilidade vibrante e exaltada se impressionava continua e profundamente pelos mysterios do mundo visivel e invisivel. Quem quer que saiba ler as Flores do Mal, descobre em cada pagina, em cada verso, um systema nervoso e psychico prodigiosamente desenvolvido. E quem procura conhecer Baudelaire através de suas cartas, nellas o entrevê tambem, maravilhosamente sensivel, commovido, agitado pelas influencias mais diversas.

Como preciosas reliquias foram re-

colhidos os menores fragmentos, verso ou prosa, que não haviam sido publicados na edição intitulada definitivamente das obras de Baudelaire, editada em 1868. Em nenhuma dellas, porém, eu vi figurar estes versos sobre *Les Paradis artificiels*:

"Les Paradis artificiels! Blondes fumées,
Aeres saveurs, rêves divins, vivante
[mort,
Déliieux oubli des femmes trop aimées
Et de chagrins passés, qui nous miment
[encor.

Maitresses de jadis que je eroynis par-
[faltes,
Monstres câlins, amour, caprice, ern-
[auté,
Les drogues sont pour nous tout ce que
[vous nous êtes,
Moins les noirs lendemains de l'Infi-
[délité.

Elles versent la vie éniivrante et factice,
Le sommeil excité, le mensonge trou-
[blant,
L'âme ivre, anéantie, obéit au caprice
Du rêve qui l'emporte, et lorsque s'e-
[veillant,

Impuissante, elle assiste á la mort d'un
[beau songe,
Lorsqu'elle nous revient, notre âme
[croit rêver:
C'est la réalité qui lui semble mensonge,
Vous êtes les débris d'un rêve ina-
[chévé."

Não se sabe se esses versos eram destinados a apparecer como epilogo aos "Paradisos artificiaes", ou se foram escriptos mais tarde. E' coisa que qualquer baudelaireano fervente esclarecerá talvez um dia. Porque as obras de Baudelaire apaixonam agora o mundo literario. As edições multiplicam-se. Dentro de alguns dias, quando ellas entrarem no dominio publico, numerosas reimpressões apparecerão. E assim se realisará a prophcia de Theodoro de Banville, feita a 3 de Setembro no cemiterio de Montparnasse, sobre o tumulo do seu grande amigo:

"O futuro proximo dirá de maneira definitiva que o autor das *Fleurs du mal* não é apeuas um poeta de talento, mas um poeta de genio; e dia a dia veremos melhor a grande

importancia que, em nossa época atormentada e soffredora, tem a sua obra essencialmente franceza, essencialmente original e essencialmente nova. (René Emery — *Mercure de France*, Paris).

OS AMORES DE AUGUSTO COMTE E CLOTILDE DE VAUX

Augusto Comte não guardou muita discreção ácerca dos seus amores com a sra. Clotilde de Vaux: quiz mesmo que o universo a conhecesse bastante e lhe prestasse homenagens religiosas. A'cerca desses amores apparece agora um livro intitulado "Amorosa historia de Augusto Comte e Clotilde de Vaux", cujo autor, o sr. Charles de Rouvre, é neto do irmão e da cunhada de Clotilde. O sr. Rouvre recolheu as tradições da familia, testemunhos e documentos, cartas diversas, o que lhe permittiu pesar as opiniões e até mesmo julgar as desavenças, porque a historia de amor terminou, depois da morte de Clotilde, por uma viva disputa entre a sua familia e Augusto Comte.

Clotilde veiu ao mundo na primavera de 1815, filha de um velho soldado de Napoleão, o capitão Joseph-Simon Marie, e da nobre dama Henriette-Josephine de Ficquelmont. O capitão, que servira durante vinte e tres annos nos exercitos da Republica e de Napoleão, era um homem insupportavel. Nomearam-n'o recebedor em Meru, no Oise, onde se passou a infancia de Clotilde, depois a sua adolescencia, e o casamento. Foi em 1835 que ella se casou com o sr. Amedee de Vaux, que assim adquiriria uma encantadora mulher e mesmo uma posição, porque succedia a seu sogro e se tornava assim recebedor de Meru. Sómente, o sr. de Vaux era um imbecil e um jogador. Quatro annos depois de casado, annunciando um inspector das finanças que vinha examinar os livros a cargo do sr. de Vaux, este procurou afastar sua mulher, pôz fogo á casa e abalou. A senhora de Vaux viu assim sua

vida inteiramente prejudicada e ficou reduzida a uma pobreza extrema. Então foi viver com sua familia, composta do capitão Marie, de Mme. Marie, seus paes, e de um irmão joven, muito estudioso e muito correcto. E o sr. Augusto Comte? Essas excellentes e modestas creaturas que pretendem vegetar docemente não parecem esperar visitante tão famoso. Foi o irmão de Clotilde, Maximiliano Marie, que o levou á casa. Maximiliano conhecia Comte por tel-o tido como examinador na Escola Polytechnica, em 1836. Comte havia-o mesmo reprovado em Mathematicas, com o que, aliás, o rapaz se não zangou. Passou-se o tempo, Maximiliano escrevia a seu antigo mestre e um dia este, já celebre, foi visital-o. Succedeu isto em Abril de 1844, quando o philosopho tinha quarenta e seis annos. Não era rico, nem elegante, nem engraçado. Tambem não era bonito: pouco cabello, uma pastinha no meio da frente, á maneira de Napoleão. Olhar doce, mas de olhos que pareciam chorar. A bocca eloquente, mas no canto uma leve espuma de saliva. E quanto ao porte, muito pesado. Clotilde, por esse tempo, tinha vinte e nove annos, e era deliciosamente linda, e fina, rosada, uma flôr que desabrochava: e flôr alegre. E' justamente a alegria, uma alegria innocente e encantadora, o traço principal do seu character. Durou pouco tempo a visita do sr. Comte. Quando elle partiu, Clotilde toma pelas duas mãos sua cunhadinha de quinze annos e as duas rebentam a rir, uma o outra cantando alegremente. E Clotilde a dizer: "Ah! como é feio! e chorando por um olho!" Foi assim que a sra. de Vaux viu pela primeira vez o Augusto Comte. Comte por si nada percebeu, nem percebeu que se tornaria apaixonado por ella. No entanto elle é casado com uma Carolina Massin, que havia encontrado no Jardim do "Palais Royal", num dia de festa, quando se baptisava o conde de Chambord. Comte, inimigo do divorcio, a que elle chama uma "desastrosa aberração", não hesitou em repudiar Carolina, dei-

xando-a num estado proximo da miseria. Mas voltemos á sua historia com Clotilde. Ao primeiro encontro, achou Clotilde encantadora, embora ella o tivesse achado muito feio. E desde esse primeiro dia decidiu ser amado por ella ou pelo menos annexal-a ao seu amor. Comte não duvida um instante que o conseguirá, para o que empregará todos os estratagemas possiveis. Sua confiança lhe vem do amor, e é preciso confessal-o, tambem de certa ingenuidade de amor que, de alguma maneira, faz com que não julgue possível amar tanto sem ser amado. Além disso, o philosopho tinha um orgulho immenso e dahi a razão por que elle suppunha que sendo um illustre philosopho, não se considerasse feliz a mulher que elle preferia a todas as outras. Comte começou por interessar-se pelo espirito de Clotilde, occupando-se de suas leituras, e enviando-lhe *Tom Jones* de Fielding. Clotilde responde-lhe: "Vossas amabilidades me tornam muito feliz e muito me orgulham, senhor... Já que a vossa superioridade não impede de vos preoccupardes com os outros, eu espero poder conversar convosco sobre essa obra-prima..." Comte agradece o agradecimento:

"Combien je suis touché du précieux accueil dont vous daignez gratifier une légère marque d'attention que pouvait seule commander une opportunité empressée, d'ailleurs trop naturelle envers vous!..."

E' puro galimatias. E logo em seguida fala a Clotilde da "interessante familia" della. E acrescenta: "Uma triste conformidade moral de situação pessoal constitue ainda entre vós e mim, um liame mais especial." Essa triste conformidade moral é evidentemente o facto de serem casados um e outro, e ambos, Comte e Clotilde, separados dos seus conjuges. E' que ha um senhor de Vaux e uma senhora Comte e isso de alguma maneira separa o senhor Comte da senhora de Vaux. A conformidade "moral" seria mais aceitavel entre o philosopho e outra pessoa da mesma familia, isto é,

Mme. Marie, a qual tem o gosto da philosophia e mesmo da philosophia social, tendo escripto um volumezinho, *Le Sculpteur en bois*, onde o sr. Comte teria visto traços de comtismo. Se a questão é de conversar e de philosophar sobre os destinos humanos, seria na mãe que o sr. Comte deveria pensar. Mas elle prefere a filha.

A familia Marie não levava uma existencia muito divertida. As visitas do sr. Comte lisonjearam-na primeiro e logo a encantaram. E Clotilde?... Clotilde tem certa amizade por Comte: elle é amavel, e o amor que manifestou sempre ha de sensibilisar uma mulher que não esperava semelhante honra. Quanto a amal-o de verdade, lá isso não. E para que o sr. Comte não se illuda, ella lh'o declara positivamente: "Destes-me um testemunho de vossa estima: o meu desejo é que encontreis um testemunho da minha no que vou dizer-vos... Em nome do interesse que vos desperto, eu vos peço, esforçae-vos por vencer uma inclinação que vos fará muito desgraçado. Um amor sem esperanza mata a alma e o corpo; ceifa-nos como se fossemos um leve arbusto. Ha dois annos que amo um homem, de quem estou separada por um duplo obstaculo..."

Isto é bem claro: não só a sra. de Vaux não ama o sr. Comte, mas ainda ella ama outro homem. O philosopho não tem senão que vencer a sua inclinação. Parece que o outro homem era Armand Marrast.

Como responde Augusto Comte á carta em que Clotilde lhe pede que a não ame? Agradecendo-lhe cordalmente o conselho, mas lamentando que ella não lh'o houvesse dado quinze ou vinte dias antes, pois os seus sentimentos ainda não estariam enraizados: "Seja como fôr, o remedio espero que venha ainda a tempo de prevenir um curso de afeição que podia comprometter tudo em mim, até a minha razão." Promette consagrar todas as suas forças em extinguir "o unico verdadeiro amor que jámais sentiu"; e sua dôr é commovente. Dahi por diante, não

tendo podido seduzir o coração e a imaginação de Clotilde, Comte se esforçará por apiedal-a. E com que insistencia! Ha momentos em que Clotilde succumbe á tortura. Certa vez lhe escapa este grito de soffrimento: "Poupae-me as emoções, como eu vol-as desejo evitar: eu não sinto menos vivamente do que vós." Era bem preciso que o lembrasse ao sr. Comte, e lhe lembrasse que tambem ella tinha uma alma susceptivel de dôr. Comte estava longe de pensar nisso! E não ouvirá esse grito de soffrimento, porque não pensa senão em si — em si e na humanidade, em si e no homem que conduz a humanidade, isto é, elle sempre. Pouco importa que a sra. de Vaux lhe mostre com uma perfeita discreção, que se acha alarmada, abatida, torturada por elle: "Em minha obra fundamental..." responde elle. Ou ainda: "Depois de ter outr'ora concebido todas as idéas humanas, é preciso agora que eu experimente todos os sentimentos." E ainda esta: "Uma expansão habitual de nossas principaes emoções, sobretudo da mais decisiva e da mais doce ao mesmo tempo, se torna tão indispensavel hoje á minha segunda grande obra, quanto o foi para a primeira a minha primitiva preparação mental..." Conclusão: "Espero que em vista disto, não conserveis nenhuma duvida essencial sobre a feliz efficacia philosophica que espero de vossa eterna amizade." Ora vamos, Clotilde, é pela philosophia, é pela humanidade!... "Meu organismo recebeu de uma terna mãe certas cordas intimas eminentemente femininas, que não puderam vibrar ainda, porque não foram ainda convenientemente tocadas." Ora, para o primeiro volume, essencialmente logico, elle não tinha necessidade de vibrar; mas para a proxima obra e para o tomo IV sobretudo, tornava-se necessaria a vibração: "E' de vossa salutar influencia, minha Clotilde, que espero esse inestimavel progresso."

Passam-se os dias e Comte cada vez se lamenta e geme mais alto. Clotilde, desesperada, não sabe o

que será della, nem sabe o que fazer. Parece-lhe mesmo que o seu estranho apaixonado está em vespuras de morrer. E escreve-lhe numa manha de Setembro: "Eu não quero que fiquéis doente ou desgraçado por minha causa..." Desgraçado, elle se considera com effeito numa maravilhosa exaltação de amor: "Eu farei o que quizerdes." Clotilde parece estar vencida; mas no momento de se entregar a Comte não lhe jura outro sentimento senão os d'elle: "a ternura que me demonstraes e os elevados sentimentos que vos conheço, me prenderam sinceramente a vós..." E como desculpa para o seu acto, diz: "Desde a minha desgraça, meu unico sonho tem sido a maternidade; mas prometti sempre a mim mesmo não associar a esse sonho senão um homem distincto e digno de comprehendel-o. Se pensaes poder aceitar todas as responsabilidades que se ligam á vida de familia, dizem'lo, e eu decidirei de minha sorte..." Esta carta era para desesperal-o, mas Comte tem com ella uma grande alegria. O philosopho espera Clotilde. Ella que vem, como tinha promettido. Mas de repente ella se revoltta, e, esquecendo as promessas, foge. Voltando á casa, ainda offegante, escreve ao apaixonado: "Eu quero escrever-vos immediatamente. Perdoae-me as imprudencias que fiz. Ah! é que me sinto ainda impotente para fazer o que ultrapassa os limites da affeição. Ninguem vos apreciará melhor do que eu; e o que vós não me inspiraes, nenhum homem me inspira. O passado me faz mal ainda. E' eu não posso esquecel-o... Conto com a vossa razão justa. Quanto a mim, tirei a prova de minhas forças. Perdoae-me. Adeus. Se me comprehendeis realmente, não me querereis mal. De outra maneira eu desesperaria de me fazer entender." Comte, porém, insiste, com uma triste deferencia e uma teima feroz.

Ella réplica: "Sou incapaz de me entregar sem amor. Senti-o hontem..." Depois disso, Comte devia deixar tranquilla essa infeliz. Mas elle a ama e não se resigna.

O resto da historia é conhecido. Comte não renunciou a Clotilde: nem elle cessou de supplicar-lhe amor, nem ella cessou de lh'o recusar. Depois, Clotilde cahiu doente: ella, e não elle, Comte rodeia-a de deferencias e de amabilidades. Clotilde era pobre, e para ganhar algum dinheiro queria publicar artigos nos jornaes. Ao *National* já havia dado essa pequena novella *Lucie*, que não é uma obra prima mae um ensaio de uma graça attrahente. O *National* accceitaria uma collaboração frequente da autora de *Lucie*. Mas o director do *National* é Armand Marrast, de quem Comte tem ciumes, razão pela qual o philosopho não lhe facilita de maneira nenhuma o escrever para o *National*. Clotilde tem um medico que sempre a tratou e que é, além d'isso, o medico da familia. Mas Comte tambem afasta esse pretenso rival, impondo um medico de sua escolha. Os documentos que o sr. Charles de Rouvro reuniu fazem supôr que o primeiro medico tratava de Clotilde admiravelmente e o segundo muito mal. Comte parece tel-o reconhecido tardiamente. Houve discussões entre a familia Marie e Augusto Comte, mesmo em torno do leito da moribunda, branca, bella e silenciosa, e cuja alma já se retirava do mundo. (André Beaunier, *Revue des Deux Mondes*, Paris).

OS PRISIONEIROS DE GUERRA

Disse Homero que quando um homem cae em captivo Deus lhe tira a metade da alma. E é verdade. Por muito tempo a sorte dos prisioneiros de guerra foi lamentavel: consideravam-nos como propriedade absoluta daquelle em cujas mãos cahiam, e dispunham delles como muito bem entendiam. A França teve a honra de ser a primeira que reconheceu nos prisioneiros, adversarios dignos de piedade. E foi assim que desde a Idade Média ella tratou de suavisar a sorte delles, do que nos dá exemplo a Cavallaria, que é de creação franceza.

Na antiguidade, não havia piedade para os prisioneiros. Os baixo-relevos egypcios e assyrios, que mostram a maneira cruel por que se tratavam os prisioneiros de guerra não são destinados somente a celebrar a gloria de um eoberano, mas precisamos ver nelles a representação da realidade: populações inteiras eram lede captivos desfilavam deante do vendadas em captivo; e longas filas cedor para ser immolados á sua vista. Não eram mais humanos os gregos e romanos. Cleomenes foz massacrar no bosque sagrado de Argos todos os argianos capturados; Sylla ordenou a morte de oito mil prisioneiros samnitas e lucanios; Cesar permittiu o massacre dos nervios, e Paulo Emilio fez trucidar dez mil captivos após a victoria de Pidna. Quando Sylla concedia a vida aos seus prisioneiros, fazia-lhes furar os olhos. Cesar lhes cortava o punho direito. Os chefes dos prisioneiros, depois de ter sido arrastado pelo carro do triumphador, eram executados geralmente na prisão Mamertina, como succedeu com Jugurtha e Vercingetorix. Só o rei Pyrrho libertou certo numero de prisioneiros romanos, sem mesmo exigir resgate, porque, dizia elle, "fazia a guerra como soldado e não como mercador".

A religião christan pouco modificou esses costumes selvagens. Contase que Clotario III não concedia a vida senão aos prisioneiros cuja altura não excedia a da sua espada. Carlos Magno fez matar 4.500 saxões na sua colera por não poder aprisionar o seu chefe.

Os musulmanos, porém, mostravam mais clemencia. No anno 189 da Hégira (805), combinou-se que de quando em quando seria feita uma tregua durante a qual musulmanos e bysantinos conduziriam a uma cidade da fronteira os respectivos prisioneiros, afim de negociarem o seu resgate, e succedia ás vezee que o numero dos captivos ultrapassava a quatro mil. O historiador Masoudi, que morreu em 956 assistiu a doze transacções desse genero.

A Cavallaria introduziu na Europa essas permutas, e já na França e

na Inglaterra não se considerava mais o prisioneiro de guerra como um escravo. Permittia-se áquelle que aprisionasse um combatente fixar ao seu arbitrio o preço da liberdade do outro. Admittiram-se, porém, algumas regras, sendo de notar que um suzerano pagava em geral um anno das suas rendas. Mas havia casos em que o resgate era por muito mais alto preço. Tal, por exemplo, o do abbadê de S. Diniz, que foi resgatado dos normandos por uma somma equivalente a um milhão e meio de francos. Henrique IV, porém, declarou que o resgate dos prisioneiros era um abuso; e no tratado concluido em Lyon a 17 de Janeiro de 1801 com o Duque de Savoya, havia uma clausula estabelecida a pedido d'elle, segundo a qual todos os prisioneiros de guerra seriam restituídos sem resgate. Outras theorias, porém, tinham curso nesse tempo. O tratado que Grotius

escreveu sobre o direito da paz e da guerra em 1625, durante a Guerra dos Trinta Annos, admittie tanto a servidão dos prisioneiros de guerra como a obrigação de resgatal-os. E' que durante essa guerra o direito das gentes foi muitas vezes menospresado, e Grotius não fez mais do que reproduzir as idéas correntes na época.

Foi á França que tocou realmente a honra de ter estabelecido e feito respeitar o primeiro dos deveres das nações civilisadas para com os prisioneiros de guerra, votando a lei de 29 de Junho de 1792, segundo a qual os prisioneiros de guerra ficavam "sob a salvaguarda da nação".

Fizeram-se tambem nesses tempos remotós, algumas tentativas de utilização de prisioneiros, empregando-os em varios trabalhos. (E. Rodocanachi — *La Revue Hebdomadaire*, Paris).



AS CARICATURAS DO MEZ

REMEDIOS...

"A Rússia escolheu a República como forma de governo."



Europa — Olhe que isso deve ir por doses, meu amigo...

(Luiz—"Jornal do Brasil", Rio de Janeiro).

KAMARADE!

(República na Hespânia?)



Afonso XIII — Que és eso chiquital? Mira que yo soy un gran republicano, caramba!!...

(Callxto—"D. Quixote" Rio de Janeiro).

A AMEAÇA DA INVASÃO

A **NUESTRA GUERRA**, livro argentino, descreve a maneira pela qual o Brasil, será invadido, vencido e conquistado.



O Brasil, pacifista e amigo dos seus vizinhos, jamais passará das suas fronteiras!

(Storni — "D. Quixote", Rio de Janeiro)



A miragem da parada:
20.000 homens!

A proporção desoladora:
20.000 homens apenas...

(Storni — "D. Quixote", Rio de Janeiro)

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

"The London Tailor-Made"

A elegancia suprema do "tailleur" de Londres, a sua simplicidade de linha, e a sua adaptabilidade em todas as occasões é reconhecida por toda senhora conhecedora da arte de se vestir. Nós temos sempre os ultimos modelos em exposição, importados directamente de Londres. Convidamos as exmas. sras. paulistas para inspeccional-os sem compromisso de compra.

ARTIGOS FINOS A
PREÇOS MODICOS



MAPPIN STORES

English Tea Room

5 ó clock Tea diariamente,
das 15 $\frac{1}{2}$ ás 17 $\frac{1}{2}$ horas.

— ORCHESTRA —

Rua Quinze de
Novembro, 26

S. PAULO

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO DO N. 20 (Agosto): — I — Populações meridionaes do Brasil (II) por **F. J. Oliveira Vianna**; II — Souza Bandeira, por **Alceu Amoroso Lima**; III — Cavalleria rusticana (conto) por **Monteiro Lobato**; IV — Poesias, por **Lindolpho Esteves**; V — Methodologia do ensino e literatura didactica, por **A. de Sampaio Doria**; VI — Livros..., por **Medeiros e Albuquerque** (da Academia Brasileira); VII — Oliveira Lima, por **A. Carneiro Leão**; — VIII — Vida ociosa (romance) por **Godofredo Rangel**; IX — Questões de ensino publico (Carlos da Silveira); Notas de Sciencia; Cotegipe (Oliveira Lima); Os heróes do sertão (Henrique Silva); A autoria da "Arte de Furtar" (João Ribeiro); Gomes Leal (Mayer Garção); Antonio Feijó (Pinto da Rocha); etc.

SUMMARIO DO N. 19 (Julho, 1917): — I — Oswaldo Cruz, por **Ruy Barbosa** (da Academia Brasileira); II — Brasil—Estados-Unidos, por **Helio Lobo** (do Inst. Hist. e Geographico Brasileiro); III — Livros..., por **Medeiros e Albuquerque** (da Academia Brasileira); IV — A Ema, por **F. Badaró**; V — Vocabulario analogico, por **Firmino Costa**; VI — Vida Ociosa (romance), por **Godofredo Rangel**; VII — Martius, por **Joaquim Manoel de Macedo**; VIII — Resenha do Mez, **Collaboradores**.

RESENHA DO MEZ — Amadeu Amaral — Os Andradas (**Martim Francisco**) — Bibliographia — A Argentina e Oswaldo Cruz — O Darwinismo e a guerra (**J. D.**) — Na Academia Brasileira — A pintura no Brasil (**Laudelino Freire**) — Notas de Sciencia (O alcool e a energia humana — A distribuição da população na China — As sciencias biologicas e a agricultura nos Estados Unidos (**M. P.**) — A Laura do Petrarca de Villa Rica (**Nelson de Senna**) — Sobre a nossa literatura (**João Ribeiro**) — O industrialismo argentino — O ministerio da caridade — Alimentação e saúde — O medo entre os soldados. — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES: Oswaldo Cruz e Amadeu Amaral, retratos por **Wasth Rodrigues** — Um autographo de Carlos Gomes — Instituto Oswaldo Cruz — Uma carta de Affonso XIII.

Casa de Saude

Dr. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,
Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,
Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Caixa do Correio, 12 SÃO PAULO Telephone, 560

CASA DUCHEN Grandes Armazens
de Alimentação

ENORME SORTIMENTO DE VINHOS
em quartolas e por duzias

Grande variedade em
LICORES FINISSIMOS
Nacionais e estrangeiros

Não deixem de comprar uma
LAMPARINA IDEAL, ultima novidade:
prática, economica e higienica

RUA DE S. BENTO, 76 Telephone, 429

SECCÃO DE OBRAS DO
O ESTADO DE S. PAULO

EXECUTA-SE QUALQUER
TRABALHO TYPOGRAPHICO

RUA 25 DE MARÇO, 145
TELEPHONE, 725 S. PAULO



AMIDON



ESPLENDOR

Este é o verdadeiro amidon
brilhante, porque brilha como
:: nenhum outro ::

ooo

Industrias Reunidas

F. MATARAZZO
SÃO PAULO

ooo

N. B. — As engommadeiras, quando não
quizerem dar brilho aos engommados, não devem
empregar o “AMIDON ESPLENDOR”, porque
este amido é muito brilhante, e, por isso, pro-
prio para os engommados que requerem brilho.
Devem, nesse caso, usar outros amidos, de diver-
sas fabricas do paiz, que se encontram no mer-
cado com a denominação de AMIDO BRILHAN-
TE, — porque estes amidos são brilhantes só no
nome, e, aos engommados não communicam o
menor brilho.

Wilson Sons & Co. Limited

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Teleg. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES:

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke, etc.; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de flandres e ferragens; oleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para industrias; barro e tijolos refractarios, barrilha etc.

AGENTES DE:

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres
Seguros maritimos e contra fogo
J. B. White & Brothers, Londres
Cimento Portland "J. B. W."
Aberthaw & Rhose Portland Cement &
Lime Co. Ltd. Cimento marca "Mitra"
Read Brothers Limited, Londres
Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"
Curtis's & Harvey Ltd., Londres
Dynamite marca "Dragão"
Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres
Chá preto e verde marca "Bond"
William Pearson Ltd., Hull
Creolina, Pacolol e Pacofluido
Andrew Usher & Co., Edinburgo
Whisky "Liqueur"
J. Bollinger, Ay Champagne
Champagne "Bollinger"
P. Virabian & Cie., Marselha
Ladrilhos e Cimento
Holzapfels Ltd., New-Castle-on-Tyne
Tintas preparadas "Lagoline"

Acceptam pedidos para importação directa mediante
modica commissão



"O ESTADO DE S. PAULO"

JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO EM TODO O
BRASIL

ASSIGNATURAS PARA 1918

Anno	30\$000
Semestre	16\$000

DISTRIBUIÇÃO DE 18:000\$000 EM 45 PREMIOS
AOS ASSIGNANTES DO PROXIMO ANNO

E' ESTE O PLANO DOS PREMIOS:

1 de	5:000\$000
1 de	2:000\$000
3 de	1:000\$000
10 de	500\$000
30 de	100\$000
<hr/>	<hr/>
Total 45	18:000\$000

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ **MANDIOCA**
ARROZ **MILHO**
ASSUCAR **FUBÁ, etc.**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de
ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaes-
quer machinas, canos de fer-
ro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-C

SÃO PAULO

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

MARIO DE ALENCAR <small>da Academia Brasileira</small>	Souza Bandeira	129
ARMANDO PRADO	} A Independencia do Brá- sil	143
AMADEU AMARAL		
SERGIO ESPINOLA	A morte do Sacy	162
MONTEIRO LOBATO	O "Salão" de 1917 (com illustrações)	171
MEDEIROS E ALBUQUERQUE <small>da Academia Brasileira</small>	Livros	191
HOMERO PRATES	Alguns novos do Rio Grande do Sul	203
GODOFREDO RANGEL	Vida ociosa (romance)	210
COLLABORADORES	Resenha do mez	224

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 22 - ANNO II

VOL. VI

OUTUBRO, 1917

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Bibliographia — Movimento artistico — O Brasil e o professor primario — A defesa nacional (*Assis Brasil*) — A nossa politica internacional — **NÓTAS DE SCIENCIA** (A exploração do céu — É dispensavel o appendice? — A industria do iapis) *M. P.* — Dois sabios hollandezes no Brasil (*Juliano Moreira*) — O saneamento do interior do paiz (*A. Amaral*) — O movimento nacionalista (*Matheus de Albuquerque*) — A philosophia no Brasil (*João Ribeiro*) — O Norte literario (*Xavier Marques*) — Educação alleman e educação ingleza (*Santo Thyrsó*) — As pensões ás mães nos Estados Unidos — A reedueação professional dos nutilados — Psychologia de um espião — Como Alphonse Daudet escrevia — Turghenieff — O jornal de amanhan — Nicolau II e Tolstoi — As carieaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES: — *Eros e a Noite*, de R. Amoedo — *Retrato*, de Lucilio de Albuquerque — *Vaidosa*, de R. Chambelland — *Retrato*, de Geogina de Albuquerque — *Narciso*, de F. de Andrade — *Ultimo dia de Socrates*, de R. Cela — *Restinga*, de Edgard Parreiras — *Pescando*, de A. Dntra.

As assignaturas começam em qualquer tempo e terminam em Junho ou Dezembro
A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

Propriedade de uma
sociedade anonyma

L. P. BARRETTO

Directores: JULIO MESQUITA Redactor-chefe: Plinio Barreto
ALFREDO PUJOL Secretario-gerente: Pinheiro Junior

ASSIGNATURAS PARA 1917:

Anno	15\$000
Seis mezes	8\$000
Estrangeiro	20\$000
Numero avulso	1\$500
Numero atrazado	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52
Caixa Postal, 1373 — Telephone, 4210

S. PAULO

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças — Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo — S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIAES:

O SEGUNDO TABELLIAO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Central) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107. — Rio: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 881. — S. Paulo: Rua Boa Vista, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. Telegrammas: "Belli", Genova (Italia), Piazza Scuole Pio X — Casella 1.459. End. tel. "Bello".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emilio Rocco — Novidades em case-mira inglesa. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 5151 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, caudelas de casas de penhores e do Monte de Socorro de S. Paulo

— A CASA MARCELLINO compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

CASA PAULISTA, de Moysés Gandellman — Moveis, camas de ferro esmaltado, colchões, tapetes, etc., a dinheiro e a prestações. Rua Barão de Itapetininga, 14-A — Tel. 3046 Central. S. Paulo.

Joailierie—Horlogerie—Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 de NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes et Marbres

d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à PARIS - 30, RUE DROUOT, 30

Loteria de São Paulo

PARA 9 DE NOVEMBRO

50:000\$000

POR 4\$500

**Os bilhetes estão á
venda em toda a parte**



O "LACTA"

Coração não existe que não bata
Quando antegosa o divinal deleite
Dessa delicia que se chama "Lacta",
Que é feita só de chocolate e leite.

*Aos que andam a soffrer de inappetencia
E de difficuldades digestivas,
Aconselham-n'os os homens de sciencia
Por suas qualidades nutritivas.*

*Moços, velhos, creanças, toda gente,
Ricaço ou pobretão, este ou aquelle,
Todos gostam do "Lacta" immensamente
E são capazes de morrer por elle.*



SOUZA BANDEIRA

Em Souza Bandeira não perdi sómente um affectuoso companheiro espiritual; foi-se tambem alguma cousa de mim mesmo. Atordoa-me esta primeira noticia funebre com a sensação de um vasio em mim e a meu lado. E' por ventura menos da saudade que ainda ha de vir, que do meu proprio egoismo ferido.

No diseorrer dos annos vae a gente acreseentando ao que o berço nos deu, pareellas de affeição, que aeabam formando uma creatura nova em cada um de nós; depois começa a obra da morte, a desagregação paulatina ou rapida, e assim, antes que ella atinja a nossa materia fundamental, já somos um corpo incompleto e desorganizado, quasi aleijão na nossa consciéncia affectiva. Ha naturezas sadias que reparam logo as perdas, e não apparentam as falhas. Eu não sei como apagar as cicatrizes, que me têm deixado tanta ferida, nem posso ante eada golpe aecommodar-me á habituação tranquilla com que se vê eessar uma existeneia. Sinto sempre, por mais que envelheça, um espanto infantil ante o mysterio supremo. Será possivel? Será possivel? pergunto-me eu. E a minha surpresa duvida, a minha incompreensão confunde a realidade, repõe o calor nos membros gelados, a luz nos olhos extinetos, a palavra nos labios hirtos, e não aeredita na morte. A visão directa, que podia convencer, é ainda para mim um acto de somnambulismo: pas-

sado e presente baralham-se interiormente. Depois prevalece a idéa de ausencia, simples ausencia que pode ser de um dia ou de annos, e a realidade é sempre uma idéa subita, que faz sobresaltar como um estremeção a consciencia. E é ainda tão incrível, que o espirito a torna fugaz pela repulsa, como a compressão num corpo elastico. Mas, contradicção intima, o soffrimento vae trabalhando a alma, surdo ou mauifesto, como um desasocego ante um vago perigo, como uma latente certeza da inanidade total, como uma reflexão sobre o automatismo humano, ou já como um choque ante a alegria alheia ou a simples impassibilidade da natureza.

Nesta perplexa condição entrê a realidade e o voluntario engauo, compraz-se o espirito em ater-se á percepção de uma vida, que afinal não aeabou, porque está incorporada ao passado definitivo, que é pela lembrança uma prolongação do presente.

Demoro os olhos sobre este retrato que reaffirma a illusão, emquanto a memoria lhe recompõe o movimento em phases successivas, que vêm refluindo, como horas recentes de um dia não aeabado.

E ao mesmo tempo que revolvo esse passado, releio os seus livros, repasso as suas cartas. Que mais falta para o ter? Lel-o é como estar a ouvil-o. E aqui o vejo simultaneamente hontem e hoje, por ventura mais vivo que na imagem melaneolica dos ultimos dias, em que se lhe apagava o sorriso, e o corpo parecia pesar-lhe, no passo lento de um valetudinario precoce.

Revejo-o, moço de vinte e cinco annos, em 1891, quando o conheci. Estreava elle o magisterio superior, como lente de direito administrativo na Faculdade de sciencias juridicas e sociaes. Raros os alumnos nesse anno inaugural da Faculdade, installada provisoriamente na Escola Senador Corrêa; e naquella cadeira era eu unico alumno. Tinhamos aula de manhã, lente e discipulo, sentavamo-nos a uma mesma mesa, e a pouca differença dos annos dava-nos um ar de camaradas em palestra. A camaradagem não excluia durante a lieção o meu respeito, nem o tom magistral do jovem professor. O magisterio era bem um officio adequado ao seu espirito. Concestrava-se facilmente e fallava com clareza, analysando sem pressa, reto-



mando por si mesmo os pontos que podiam envolver embaraço ou duvida. Sentia-se que não era um repetidor de estudo feito para exhibição; aprendera bem para communicar com proveito o seu conhecimento, e a paciencia, maxima virtude de um mestre, era uma das suas prendas.

A anormalidade administrativa, natural e escusavel no inicio da Faculdade, prejudicou-me com a falta de exame naquella materia e prolongou por mais um anno o meu aprendizado na aula de Souza Bandeira. Mas já não era eu o unico discipulo, e a aula, no edificio do Gymnasio Nacional, em presença de uns doze alumnos, tinha perdido aquelle encanto de conversa a dois, em que o mestre, apenas terminava a prelecção, tomava como um companheiro o braço do discipulo e sahia discreteando sobre letras. Agora, do alto da cathedra, discorria o professor, assiduo e severo. Era dos mais moços, senão o mais moço no corpo docente da Faculdade, mas a minha impressão é que não lhe notavamos a juventude, escondida sob a face austera do mestre. Não é que tivesse postura affectada. O que lhe dava aquelle ar de pessoa respeitavel e superior aos discipulos, era a propria contensão mental no discurso, e a posse de um saber avantajado aos annos.

Sabiamos todos que elle era escriptor e já publicava artigos de critica e philosophia, e naquelle mesmo anno, no *Jornal do Commercio*, um erudito estudo sobre Tobias Barreto.

Formado em Recife, trazia a aureola de discipulo desse publicista, afamado entre nós aqui no Rio pelos gabos insistentes de Sylvio Romero.

Confesso que para mim particularmente não era prestigiosa a erudição philosophica. Ao meu instinctivo scepticismo foi sempre indifferente a especulação de philosophos systematicos, e sobremaneira aborrecida a inevitavel menção, feita pelos philosophantes, dos mesmos nomes capituladores das successivas escolas. Sem os ter versado, sabia-os eu de outiva desde o collegio, onde Sylvio Romero, meu professor de philosophia, os pronunciava metallicamente com aquelle tom em que costumava traduzir tanto o desdem como a admiração. Novidade impressionante na bocca do professor, ouvira eu depois esses nomes, na maior parte allemães, em toda palestra de alumno



estudioso de S. Paulo, e eram como um bordão cansativo a estribilhar a lenga-lenga abstrusa. Em alguns havia verdadeiro gosto desses estudos, mas os que os alardeavam, e eram a maioria, acabaram desmoralizando essa erudição compendial do aparato.

Assim em Souza Bandeira o saber philosophico, o seu conhecimento do allemão e a qualidade de discipulo da Escola de Recife era a que menos favoravelmente me impressionava, e até, para a minha presumida poetice, fôra circumstancia depreciativa. Mas attrahia-me nelle o bom senso, que é signal de intelligencia conjunctiva e tolerante, e condição de bom gosto e elegancia espirital. Com taes prendas estava aparelhado para immunisar-se da influencia pedantesca e do fanatismo scientifico, tão nocivo e immoral como o religioso a serviço da força.

E que essas prendas eram mais um talento, que uma aquisição do esforço ou do exemplo, já o revelava Souza Bandeira em estudos escriptos aos 17 e 18 annos, quando alumno da Faculdade. Escrevia então sob o influxo immediato e envolvente das lições entusiasticas de Tobias Barreto e na resonancia da admiração produzida nos moços estudantes pela palavra do innovador e iconoclasta. Adolescente e neophyto, era natural que nos seus primeiros ensaios ostentasse a presumpção peculiar a academico escriptor, ou pelo menos reflectisse com entono de discipulo o afan desabrido com que o mestre se fazia revelador das idéas novas. Ao envez disso, o rapaz de 17 annos escrevia com ponderação e commedimento, proprios de um espirito critico, seguro das suas idéas, convencido por entendimento, sem nenhum resaibo de ignorancia disfarçada, e, cousa notavel, era indulgente no pensamento e urbano na expressão.

Não digo que o seu conhecimento naquella época fosse haurido nos proprios philosophos, cujo estudo directo esgotaria a-somma dos annos que faziam então a idade do estudante; é de crer que o tivesse de segunda mão já coordenado e analysado, mas mesmo assim a sua comprehensão e discernimento revelava uma intelligencia desproporcionada aos annos, e sobretudo séria e profunda. E foi em verdade a feição predomi-



nante do seu espirito essa intelligencia possante, e uma das causas de ter sido menos expansivo o seu talento de escriptor. A curiosidade intellectual é quasi sempre absorvente e acaba constituindo um prazer que empeee o de produzir. Em Souza Bandeira, durante o curso da academia e ainda depois essa curiosidade, inclinada particularmente á especulação philosophica, por isso mesmo ou apesar disso, inquiria de todas as manifestações da sciencia ou da arte. Sem haver formulado um proposito especial de ambição, mantinha-se no estado despreoccupado e contente que é o do diletantismo intellectual, e convivía com philosophos, historiadores, naturalistas, prosadores e poetas, antigos e modernos, no mesmo original latin, francez, inglez, italiano e allemão.

Ao escriptor de 19 annos, educado no embate das idéas novas e velhas, do qual era scenario a Faculdade do Recife, não passava despercebida a ponderação da sabedoria distante, que lhe dava a norma e o programma do pensamento, como é esta epigraphe, que elle escolheu em George Lewes para um ensaio sobre Schopenhauer "Não devemos compartilhar os erros de um grande espirito, só pela razão de ser um grande espirito; mas quando nos occupamos com os seus erros, não devemos esquecer que temos diante de nós um grande espirito." Autonomia e sineeridade, de que raros se podem gabar, aquelle escriptor incipiente já as sentia e praticava como qualidades proprias. E a expressão em que as commenta e louva, mostra a espontaneidade da sua finura moral e mental. "No campo das idéas philosophicas, escrevia elle acerca de Schopenhauer, enquanto os systemas disputam rudemente o dominio dos espiritos, o sentimento de tolerancia ganha terreno, e os pensadores verdadeiramente dignos deste nome reconhecem-no como a virtude indispensavel ao philosopho. Este sentimento, que é a delicadeza cavalheirosa quando se trata de adversarios presentes, transforma-se em respeitosa veneração quando nos occupamos com pensadores que já deixaram o campo da batalha, e dos quaes nos separa o curso inexoravel do tempo."

Não tinha elle outra attitude — e era a melhor demonstração da sua consciencia esclarecida — ante os factos e os homens do seu tempo. A serenidade de sua critica era, sem o



querer, como a de um sabio, até no julgamento de mestres ou escriptores mais edosos. Apreciando os *Estudos da Historia do Ceará*, de Joakim Catunda, discerniu com lucidez a psychologia do autor para explicar os desvios ou excessos da obra pessimista. E concluiu, como pndera concluir um velho fallando a um moço, ao contrario de um moço de 20 annos a um homem de quarenta: "O seu livro deve ser lido como um palimpsesto da idade média. Em tinta visivel aos olhos vulgares, a critica acrimoniosa á sociedade, o ataque violento ao mundo que o circumvolve; no fundo as dôres reaes, os lancinantes soffrimentos d'alma, as esperanças perdidas, as illusões desvanecidas."

Onde porém mais se acentúa o equilibrio, a autonomia, a eapacidade critica, a intelligencia de analyse e o talento magistral de Souza Bandeira, é no estudo sobre Tobias Barreto. Até hoje ninguém o esereveu melhor nem mais completo a respeito dessa figura intellectual, tão combatida e tão exaltada. Souza Bandeira, seu discipulo e admirador, soube definilo com isenção, attribuindo-lhe o merecimento justo, recompondo a sua appareição de divulgador de idéas novas, indicando-lhe a originalidade parcial do pensamento, a superioridade da sua erudição á do seu meio, e a eloquencia e a altivez do professor; si tudo justificava o entusiasmo dos seus discipulos, nada induzia á admiração fanatiea do mestre, nem dava razão á indifferença pela sua memoria. A obra de Tobias Barreto era digna de respeito pela acção que exerceu e de estudo pelas idéas de valor permanente que trouxera para a eultura brasileira. E na apreciação que fez do jurista e publicista, deixava provado, particuilarmente nos pontos de discordancia, quanta era nelle proprio a competencia de jurista e publicista. A philosophia do direito, o fundamento e a neecessidade da sociologia, as questões de forma de governo, a finalidade do Estado são assumptos euja analyse lhe proporcionou oceasião de discurso judieioso e pensamento emancipado.

Dotes de pensador, com todas as suas caracteristieas mais sympathicas de liberalismo, tolerancia e bom senso, ao serviço de uma intelligencia aguda, movida de uma euriosidade vivaz e de uma memoria sensível, bastavam para distinguir em qualquer meio aquelle moço de 26 annos, que iniciava a vida de



advogado e professor, aparelhado de um forte cabedal de saber variadissimo.

Tinha ainda o talento de escriptor, natural, simples, elegante, e augmentava sempre a sua cultura literaria. Outro em taes condições e com menos requisitos ganharia renome rapido.

Mas Souza Bandeira era sobretudo um espirito sério, e não forçava a nomeada, ou pensava menos nella que no puro gozo do estudo. As circumstancias da vida haviam-lhe imposto, com a satisfação intima, obrigações que excluïam o que no nosso meio pode ser qualificado de aventura arriscada, a profissão das letras. Sem duvida tambem a sua philosophia essencial conformaria a sua attitudo de contemplativo inerte.

No seu estudo sobre Schopenhauer resumia elle a theoria esthetica do philosopho a qual elle proprio realizava, sem plano. "O prazer artistico consiste na negação da vontade, no estado parcial de ataraxia produzido pela contemplação anagogica das idéas. Emquanto o homem, desprezando os embates quotidianos da vida, se eleva absorto na contemplação do bello, a vontade perde uma parcella do seu dominio e a dôr é momentaneamente sopitada."

O bello tinha-o Souza Bandeira ao pé de si, ao alcance dos olhos, no seu ambiente moral e na amplidão do horizonte que traçava o seu espirito para além do lar feliz e perfeito. A arte não era para elle um refugio como para os exilados da terra pelo soffrimento. Envolvia-o um enlevo perenne, que era quasi a ataraxia. Que incentivo podia ter de produção intellectual, se elle em si e em torno de si achava a alegria de viver? Os mesmos actos quotidianos, concertados ao rhythmmo de uma existencia fortunada, as mesmas obrigações de trabalho, em que exercitava o gosto e o saber, traziam o influxo de um condão de fada propicia. Era assim um artista de arte vivida; e a communicacão do seu gozo contentava-se na expressão despreocupada e facil das palestras de amigos. Não tinha phantasia, que o levasse, como aos romancistas e poetas, a sentir a necessidade, em qualquer condição, de accrescentar ao mundo real um outro mundo em que satisfazem o seu impulso de movimento, imitação e critica. Romancistas e poetas são uma especie de somnambulos duplices.

Souza Bandeira não tinha o dom de ficção, mas possuía imaginação, e esta animava-lhe a palavra conversada, com toques de graça comunicativa. Tinha também a memória pontual e exacta, e a sua palestra diserteava fácil, sem peias de tempo ou espaço ou assumpto. Acudiam-lhe ao commentario dos factos as anedoctas pertinentes, e segundo o teor do discurso, trechos de poesia ou prosa. E como não havia nelle proposito exhibicionista, senão o natural trasvasamento de accumulção antiga, revolvida no momento pela associação das idéas, dava gosto, attrahia o ouvir-lhe a palavra leve e vivaz, em que não raro, em occasiões de bom humor, o trocadilho despertava a exclamação e o riso.

Foi durante esses annos de plenitude feliz, que amiudei o meu trato com elle. Eramos ambos veranistas habituaados da Tijuca, desde 1891. A Tijuca estava ainda immune da vehiculação vertiginosa; não lhe perturbavam o silencio e a belleza os automoveis assustadores, e só muito mais tarde estragaram-lhe as estradas os pesados e ruidosos bondes electricos. A viagem da cidade ao alto da Boa Vista era até a raiz da montanha em bonde tirado a burros, e dahi em diligencia, carro ou a cavallo. A longura do percurso, a demora e raridade do transporte, ao envcz de aborrecer, accrescentavam o aprazivel do caminho, e davam occasião á pontualidade diaria de acompanhamento, de manhã e á tarde. A volta, mais do que a vinda, era um prazer: depois de uma hora de bonde, que afastava do calor da cidade, a subida da montanha admiravel, ainda na velha diligencia morosa, era um desdobrar de panoramas sempre renovados, em que a belleza da vegetação, o ar agreste, o som de aguas em cascata faziam esquecer o tempo e aguçavam o espirito na conversa. Mais frequentemente subiamos a cavallo, e era então o prazer completo como num passeio. Companheiros assiduos nessas viagens diarias, Souza Bandeira e eu já cramos antes camaradas, e acabamos amigos.

Conheci-o logo depois na intimidade do lar. E pude entender como elle era feliz na realidade de um consorcio perfeito em sentimento e espirito. A alegria dos filhos ia renovando e perpetuando a bemaventurança. Era a integração de uma vida no que pode dar o contentamento completo ao homem equi-



librado e fino. Ambieionar mais fôra signal de alma enfermiga. Não havia alli motivo para surgir ao devaneio e ao sonho, pois o melhor sonho era a propria vida presente, na sua aetividade, no seu objecto, e no vôo emparelhado em contemplação da belleza.

A arte é a acção de alma solitaria que busea o seu par pelo deserto do mundo e o povôa das suas aneias; da sua saudade e da sua visão. Tambem a espeeulação ercadora resulta do descontentamento do espirito que interroga o enigma cosmico e proeura nos varios processos de decifral-o atordoar a angustia da duvida; e é ainda sempre a dôr a razão effieiente do surto mental aeima do afan quotidiano. Fôra dahi à producção do escriptor ou é de officio lucrativo, o peor dos officios, em que a penna se move á mercê de capriejos e interesses alheios, instrumento de vergonhosa servidão voluntaria; ou é um effeito da vaidade, que se apraz em imitar com engenho a apparencia da ereação; ou, mais raramente, é determinada do impulso moral de beneficiar a sociedade pela doutrina, que aconselhe, persuada e reforme os usos humanos.

Souza Bandeira tinha na sua cadeira de professor e na sua advoeacia o exercicio frequente desse doutrinamento, no qual vasava o seu commentario da vida politica e soeial. Não sentia porém a neecessidade messianica de elamar aos outros a voz da verdade e do futuro. A verdade e o futuro ensinava-lhe a precoce experiencia e a intuição, só se esclareciam no choque inevitavel mas incerto das fraquezas e das forças humanas. Ainda assim, no que podia influir o bom senso, no que dependia mais da teehnica juridica que da vontade e do sentimento, elle julgou dever divulgar o seu conselho, e esereveu a espaços, num dos jornacs, os avisados artigos, depois reunidos em livro sob o titulo de *Reformas*.

Não actuava nelle nunça a vaidade. Convivendo, desde alguns annos com a melhor gente das nossas letras, admirando-os com abundancia de coração, a sua penna de escriptor fluente não promovia cnsejo de appareer. A occasião dos seus escriptos dava-a a sollicitação direeta de um livro amigo ou o piedoso sentimento de justiça ou de saudade. Mas o convivio diario com o grupo dos frequentadores da *Revista Brasileira* constituiu para elle um estimulo de trabalho literario mais assiduo. Na-

quella saleta de redacção, em que se reuniam Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Taunay, Araripe Junior, Graça Arauha, João Ribeiro, José Verissimo, Lúcio de Mendonça e Rodrigo Octavio, a palestra era tão alta, a effervescencia de idéas era tão constante, que nenhum cerebro sahiria dalli sem um calor novo, e iustigador de elaboração mental que passava a ser necessaria, quaesquer que fossem as condições de contentamento e sufficiencia de espirito. Souza Bandeira era dos mais queridos e acatados no grupo; a sua presença era requerida, a sua palavra esentada com prazer, e em assumptos de peso, em materia de gosto, em themes de espirito, patenteava-se o valor da sua critica, a sua elegancia, e o seu chiste. A gente da *Revista* constituiu como que uma segunda familia, que completava a outra sua do coração, e impunha tambem obrigações. Cuupriu-as conversando e eserevendo; e os artigos alli publicados, entre os quaes a excellente apologia do *Advogado na vida e na literatura*, reclamaram logo o livro, e o livro — *Estudos e ensaios* — appareceu em 1904. Da *Revista Brasileira* para a Academia Brasileira, succedanea della, a passagem não era de salto, o caminho estava feito, e só faltava a desoecepção de logar. A eleição em 1905 deu-lhe uma consagração, que menos pelo exito externo que pela actuação intima, foi a nova força do seu espirito literario. O seu diseurso inaugural teria sido para muita gente a revelação de um engenho finissimo, que já era familiar ao grupo da *Revista*; simplicidade, e pureza de linguagem, fluencia de idéas, lucidez de pensamento, largueza de cultura, seriedade moral, e graça e bom gosto, todas estas qualidades reuniam-se nesse diseurso, que é dos mais harmoniosos alli proferidos. Quando, annos depois, a Academia pensou em celebrar a inauguração dos bustos de Machado de Assis, Joaquim Nabuco e Lúcio de Mendonça, não houve divergencia na escolha do orador que melhor podia dizer a sua admiração e gratidão aos grandes companheiros desaparecidos. E esse diseurso de Souza Bandeira satisfez e exeedeu a expectativa; é um modelo de arte eriteica e uma expressão toeante da saudade dos Academicos.

A vibração communicada pela Academia ao espirito de Souza Bandeira continuara com as commoções de uma viagem



á Europa em 1906. Podia dizer regresso á Europa, ainda sem alludir á outra viagem feita em 1889. As palavras com que Joaquim Nabuco, fallando do estado de alma dos brasileiros e demais americanos, em relação á Europa, se referira á attracção de affinidades esquecidas, mas não apagadas, de uma commun origem européa, teriam sido para outros uma apologia elegante da sua vaidosa mocidade estrangeirada, mas para Souza Bandeira foram a expressão de um sentimento particular aliás não definido. Entendeu-o e definiu-o ao chegar á Europa, onde lhe parecia a cada passo, no meio novo aos seus olhos, revêr o passado familiar ao seu espirito. E' que em verdade tinha vivido, em corpo no Brasil, e pela alma, vehiculada nos livros, através do mundo europeu, com a intensidade de concentração do pensamento, que não dá a partilha do espectáculo real, e com a ubiquidade de um espirito livre das contingencias do espaço. A commoção dessa volta foi das mais profundas que teve na sua vida; não lhe pareceu bastante que o ouvissem ouvidos amigos; havia como que uma voz de orgulho que se expandia d'elle reclamando a communicação para aquemmar aos que ficavam e não participavam do seu gozo. As paginas, escriptas então e mais tarde em outra viagem, formam o volume *Peregrinações*, publicado em 1909. O titulo annuncia o texto. São verdadeiramente narrações de um peregrino a logares sagrados, onde a belleza lhe surge do passado distante na plena vida que a evocação sobrepunha ao aspecto presente. Algumas notas de analyse e erudição accrescentam a essas paginas o encanto da naturalidade de um conversador.

Podia Souza Bandeira dilatal-as ás proporções de um alentado volume de impressões, que estas não escasseiam a quem percorre com intelligencia o mundo complexo e agitado. Mas uma das suas distincções era justamente a medida; na multidão dos quadros sabia fixar os seus quadros, na confusão de tanta cousa, conservava o seu gosto e a sua predilecção, e nestes escriptos ficou a sua alma, como ainda agora a senti, relendo-os, enlevado do que lhe ouvia, na sua palavra simples e pura.

Da Europa veiu como fôra, a mesma pessoa singela, de trato affavel e expansivo. Não trazia da viagem nenhum ves-



tigio exterior, e só na intimidade lhe ouvimos a referencia oportuna. Continuava a sua bemaventurança, e a Academia era agora um complemento de sua vida, menos pelo que havia a fazer que pelos encantos semanaes de alguns poucos academicos assiduos, que apenas bastavam para dar numero á sessão e interesse á palestra. Elle era dos que mais possuíam o sentimento da instituição. Mas a morte abriu o hiato, que perdura, na vaga de Machado de Assis; Graça Aranha, um enthusiasmo perenne e communicativo, permaneceu na Europa. Não sei o que nos faltava, mas faltava muito, e depois das sessões, ás quinta-feiras, fazendo o costumado percurso a pé ao largo do caes da Avenida Beira-Mar, traziamos uma vaga saudade, a impressão de uma differença na vida, e de uma dispersão, o mal-estar da impossibilidade de restabelecer o que tinha sido. Em Souza Bandeira a expressão era mais accentuada e frequente do que em mim; por ventura devida ao contraste entre a sua vivacidade anterior e o actual desalento. Eu fôra sempre um desalentado, que me deixava levar com a consciencia da vaidade de todo esforço. Elle porém decahia; apontava nas suas palavras a descrença. Escutando-me, mostrava ás vezes reaver animação; mas logo dava de hombros, e declarava não ter mais a atmospheria intellectual e moral. Escrevia um ou outro artigo, quasi por obrigação do seu nome e merito, e retornava ao desanimo, talvez já effeito da enfermidade que ainda não se exteriorisava. Apressaram-na os trabalhos profissionaes, que lhe absorviam as melhores horas. Eu não me cansava de lembrar-lhe as letras, como um contrapeso de equilibrio, suggeria-lhe a colligenda em livros dos seus artigos esparsos, que afinal deu ao prelo — *Paginas literarias*; e foi com alegria que lhe ouvi a noticia de que recommçava a compor. Dizia-o, duvidando ainda do seu esforço ou já das suas forças. O olhar fatigado retrocedia aos annos idos, á memoria dos paes e á provincia natal. Nesse relembrar de cousas mortas e queridas podia refazer-se o fervor do seu cerebro, tão usado ultimamente nas lides já enfadonhas do foro e desilludido de tanta regra juridica vanmente ensinada em muitos annos de magisterio. Conhecendo o meu interesse no seu trabalho, trouxe-me a lèr os capitulos escriptos desse livro a que ia chamar *Evocações*.



Deu-lhe conforto a minha opinião, e annuiu ao meu parecer de que convinha ir publicando alguns capitulos nas revistas que lhe pediam collaboração. Eu contava com o effeito do seu reaparecimento na imprensa periodica; não lhe faltariam louvores aos trabalhos, e o ardor productivo iria se alimentando para um livro de maior tomo. A imaginação excitada acharia materia farta na recordação do passado pernambucano, sempre curiosa e interessante como é já toda a antiga vida do Brasil-imperio. Sahiram capitulos na *Revista do Brasil* e na *Atlantida*, e verifiquei o que eu previra; já elle me fallava de outros capitulos a escrever. Não chegou porém a escrevel-os. Recrudescia a enfermidade. Quando nos revimos depois do verão, ao voltar elle de Petropolis, eu de Paquetá, senti-o muito alquebrado, e a minha impressão penosa elle si não a notou, foi pelo alvoroço amigo com que me acolhia. Costumava sempre exclaimar-me, depois de alguma ausencia, as suas saudades, e eu via que cram de coração. Queria-me bem, e desvanecia-me a complacencia desse affecto, nascido sem compromisso, crescido no correr dos annos, e para o qual eu não concorria senão com a minha amizade de nenhum prestimo, mas fortalecida por uma concordancia, que raro faltava, na uossa apreciação do mundo. Sem talvez reparar nos meus defeitos, tinha prazer na minha compauhia, e onde quer que nos achassemos, em festa ou solennidade, com pouco elle vinha ter a mim ou chamava-me para o seu lado. Uma affeição assim espontanea e boa não é das que se podem supprir facilmente, e faz falta para o resto da vida.

Nestes ultimos dias doia-me vel-o, e ainda que sem prever o desfecho da sua molestia, era com angustia que lhe ouvia fallar de algum accesso recente, do qual quasi morrera. Fallava sercnamente, como se não tivesse noção do mal, e passava a outro assumpto; uma vez foram as cartas de Sevigné, que havia relido. Já de cama, afflicto da dyspnéa, queixou-se da inação a que era forçado, e entrou a fallar da Academia. Presentiria elle a morte e seria aquella quietação da espera uma expressão harmoniosa do seu pensamento philosophico? O espirito liberal e tolerante enfrentava sem intolerancia a sua transmutação, no grande todo. Não annunciava, como é eomum por gabolice literaria, essa attitude de coragem; mas

toda a sua obra, sem contradicção, traduzia esse sentimento de resignação ao destino. Fechou os olhos sem um estertor, sem gener mais que a espaços do soffrimento physico, sem um protesto, e poz com um desfecho socegado da existencia um remate de gloria silenciosa á obra do seu espirito, composta de contemplação esthetica, commentario tolerante e conceito lucido. A acção do homem moral foi a pratica daquella obra: viveu a sua doutrina, sem a finalidade de uma recompensa. Essa harmonia assignala a intellectualidade do seu temperamento. Si a tivesse em menor grau ou possuísse uma equivalente sensibilidade, teria tido um eunho pessoal a sua visão. Mas elle não soffreu a dôr creadora e reveladora. Faltou-lhe a commoção profunda e o sentido directo da tragedia humana. Viu o mundo delincado no contorno da concepção geometrica como a recebera da philosophia. Nos seus escriptos é nulla a feição subjectiva; nem a saudade, quando elle evocava os tempos de adolescencia, pode comunicar-lhe á palavra a vehemencia de um sentimento revivido. A dôr chegou-lhe tardia com a decrepitude preceoe, e foi rapida, sem influxo na sua obra. Mas que importa? Os pequenos volumes que deixou são espelho de um espirito superior e amavel, que olhava a vida sorrindo. O sorriso é convidativo, a leitura se espraia por estas paginas sem esforço, levada na variedade dos assumptos pelo eneancto de uma escriptura gentil. Muitos delles hão de ser relidos sempre por admiração de um optimo escriptor.

Para mim, seu amigo, são além de um goso, uma reviviscencia, ora uma continuação como agora, que o andei conversando, a rever-lhe aquelle mesmo olhar affectuoso, que durante vinte e seis annos de relações mnnea deixou de sorrir ao meu eueontro, ainda quando soffria. Apesar de que se morre de pressa, estou que não passará tão cedo em mim a lembrança do companheiro querido. E ainda me pergunto como ao primeiro dia: — Será possivel? Duvida bemdita que o meu egoismo alimenta como um consolo e é uma nevoa sobre a realidade que é força olhar e ver no meu eaminho.

Agosto de 1917.

MARIO DE ALENCAR.



A INDEPENDENCIA DO BRASIL

CONFERENCIA DO SR. ARMANDO PRÁDO (1)

Minhas senhoras,
Meus senhores:

Qual é a significação politica do Grito do Ypiranga?

É' impossivel responder sem noticias autecipadas da materia e sem prevlamente resumir a evolução da politica brasileira.

A noção de estado tem dois elementos: um material, outro formal. O elemento formal determina-se pela organização juridica do povo; o material, pelo territorio e pela população que o habita e possui caracteristicos de nacionalidade, eouvcém a saber — unidade de raça e de lingua, identidade de costumes, de consciencia, de tradições e de historia.

Desses elementos saem dois impulsos — o nacional e o politico, em cuja adequada fusão acha o estado força e segurança. (2) Ora pois deve o estado ser a nação politicamente organizada, isto é, a vida politica não ha de contrastar o sentimento nacional, senão interpretal-o, esclarecel-o, copial-o.

Mas, si a nação é principalmente o territorio, o povo e o seu governo, beni se percebe que é impossivel estudar a evolução politica de um paiz sem indagar sobre o que, nesse paiz, já se fez com referencia ao territorio, á população e á ordem juridica.

Desde o dia 7 de Setembro de 1822, pretende o Brasil os fóros de nação politicamente constituída. Pergunta-se, porém: o estado, que naquelle dia se creou, tem sido a lidina expressão da capacidade nacional? O Brasil é, por certo, uma nação e um estado. Tem um caracter que o distingue de todas as outras patrias; nutre um desejo perfeitamente definido de ocupar um posto no mundo livre e progressista. Territorio não falta ao Brasil. A sná população ainda é es-

(1) Realisada no Gymnasio do Estado de S. Paulo, a 7 de Setembro de 1917, por delegação da Liga Nacionalista.

(2) DEL GIUDICE — Enciclopedia Giuridica, pg. 178. FILOMUSI GUELFI, Enciclopedia Giuridica, pg. 487.

Quem os apaziguou foi João Ramalho. Assim se pode firmar entre o fidalgo lusitano e os caciques dos campos uma como política de mútuo auxílio e cruzamento de raças, propiciando a formação de um dos elementos representativos do povo brasileiro.

O governo colonial sempre visou excitar o povoamento para não perder o território. Todavia, a imigração foi escassa a princípio. Toda gente ia para a Índia, pois considerava-se o Brasil um degredo. Os raros que nelle se estabeleceram, sentindo-se logo perdidos na immensidade do Novo Mundo, quasi esquecidos pela Mãe-Pátria, apartados da influencia das leis e da acção das justças portuguezas, mesclaram-se francamente com as raças que encontraram no paiz e nelle introduziram um factor ethnico alienigena — o afriano — compondo por esse modo o trio de côres de cujo mysterioso caldeamento derivaria o typo brasileiro diverso e antagonico do portuguez.

A achada de thesouros mineraes activou a povoação. De deserto, proprio exclusivamente para degredo, passou a America a ser uma como caverna de Ali-Babá.

Vello a lenda e assentou no norte do Brasil o El-Dorado com suas cordilheiras de crystal faiscando á luz e o seu príncipe, que ungiu o corpo com óleo, pulverizava-o de ouro e apparecia de manhan, resplandecendo qual um sol, aos olhos fascinados do seu povo.

O avolumar-se da imigração tornou precaria a amizade iniciada por Martim Affonso e pelos morubixabas vicietinos. Deante da figura de Tibiriçá, que symboliza a sujeição voluntaria do indio ao branco, salienta-se o vulto do membrudo e temivel Cunhambebe, que representa o principio da união dos barbaros para a revolta.

Cunhambebe, de cujo rosto enrugado persprava a feroz melancolla dos felinos enjaulados, foi uma especie de Vereingetorix para os autóctones do sul, desde o Cabo Frio á Bertioga, que elle soube colligar, sob o seu mando terrífico, em empresas felizes contra colonias e galés portuguezas. Cunhambebe agitou de modo serio o problema mais grave do mestizamento e suscitou a questão da liberdade dos indios, ao lado da qual se postaram heróica e contradictoriamente os Jesuitas. Porque elles, que sahiram pela liberdade dos selvieolas, eram pelo captivo dos negros.

Atravez destas difficuldades, a população, aqui absorvida pela agricultura, alli empregada no jogo das armas contra os estrangeiros, acolá reunida nas bandelras, ia melhorando lentamente. Nas suas cidades em formação não repercutiam os factos acontecidos em outras regiões do mundo e do proprio Brasil. Os interesses estritamente locais esgotavam alli todas as actividades do pensamento.

A guerra hollandeza, em que cooperaram hombro a hombro com o portuguez, na defensão da terra, os indios de Camarão e os prefos de Henrique Dias, todos elles vivendo glorias e dôres communs e eserevendo uma commum historia, com o que contribuíram para a formação da nacionalidade, acendeu no Brasil a mais remota sentelha, já não digo de sentimento nacional, mas de "sensibilidade pessoal e autonoma." (1)

A solidariedade das raças nessa rude e demorada campanha teve rasgos de abnegação e de tristeza.

Senão vejamos. Os hollandezes haviam libertado o indio Jaguarhy do calabouço, onde jazêra durante oito annos, a purgar um crime que não praticara. Vendo-se livre, Jaguarhy procurou a sua tribo, não para movel-a a hostilizar os portuguezes, mas para exorar-lhe os

(1) JOÃO RIBEIRO — Historia do Brasil, Prefacio, pg. 21.



ajudasse. "Sangram ajuda, exclamava elle deante dos seus, sangram ainda os signaes das minhas cadeias; mas é a culpa, não o castigo que infama." Henrique Dias, que, no recouro de Porto Calvo, ferido na mão esquerda, mandou decephal-a declarando restar-lhe ainda a direita para combater, morreu pobre e esquecido em Olinda, tanto é certo que a ingratição é o premio dos heróes.

Nas interpresas contra os flamengos, o brasileiro hafcu-se ao lado do portuguez. Onde o brasileiro, gizando a sua róta para a constituição de uma nacionalidade nova, começou a differençar-se do portuguez foi nas campanhas nativistas dos Emboabas e dos Mascates, provocadas pelo ciume das riquezas da terra e pela aversão que o governo tyrannico e obtuso da Metropole inspirava.

Mais tarde, a cultura iutlectual suscitou a formação litteraria e ensinou ás intelligencias a não se contentarem com as pequeninas considerações da vida local, mas a subirem até á influencia das idéas novas, que perturbavam o muudo, em vespuras de abandonar a rotina dos seculos absolutistas.

*
* *

Como se governava, sobre o territorio cuja formação esbocei, o povo a que acabo de alludir?

O baptismo com o qual o Brasil entrou para a vida politica celebrou-se com as aguas amargas da tyrannia. Martim Affonso de Souza era senhor de barão e cutello no governo da Colonia. Elle construiu em S. Vicente a primeira fortaleza, a primeira casa de conchelho, a primeira igreja, a primeira alfandega, a primeira cadca e o primeiro pelourinho. Foi ainda em S. Vicente que se arranjou a primeira organização burocratica esse fez, com a primeira distribuição de terras, a primeira distribuição de meios de cultural-a efficaizmente.

Sobrevindo o regimen das capitánias, a tyrannia multiplicou-se em governos feudaes, cuja existencia á sombra do absolutismo, com que eram incompativeis, só se explica pela formidavel necessidade de salvaguardar o territorio contra a cobiça estrangeira. Passou-se, em seguida, para a orientação de um governador unico, transição esta para a qual cooperaram as descobertas dos thesouros do Mexico e do Perú, as incursões dos francezes e a urgencia de montar contra elles a defesa do territorio.

Porém, a extensão do paiz não tolerou por muito tempo um só governo. A administração repartiu-se em duas sédes — a da Bahia e a do Rio de Janeiro. Dahi a pouco, unificou-se novamente para depois scindir-se até chegar á erronea descentralização que, dirigida pelo empenho de achar metaes e pedras preciosas, elevou o Rio de Janeiro a governo independente do da Bahia.

Vem, pois, dos primórdios da vida politica brasileira a lucta entre a norma centralizadora e a federativa.

A despeito das reformas de Pombal, tudo era rudimentar, oppressivo, intoleravel na administração da Colonia. Manifestara-se desde cedo a funda antipathia do povo pelos governos que a Metropole vacillante organizava. A sociedade brasileira tinha pendores que Portugal não podia comprehender. A estrutura do estado no Brasil nunca foi uma resultante da formação da sociedade; sempre foi, pelo contrario, criação de minorias pouco affeitas ao estudo das condições e exigencias sociaes. O estado pretendeu constantemente crear a sociedade, quando é certo que, historicamente, a sociedade é que ha de dar de si o estado.

Nas eras coloniaes, o governo era absolutista, ao passo que o povo se inclinava para a democracia.

Portugal, o que desejava era possuir no Brasil uma simples colônia; nunca pensou em formar aqui uma nação. A prova é que, ao sentir os primeiros impulsos de vida dessa nação, tentou reconduzi-la ao ominoso regimen das donatarias.

A nação formou-se dolorosamente, sob a regencia de aparelhos governativos mui pouco intelligentes. E o erro da Metropole vinha desde os fundamentos da sua politica. Reaimente, os assumptos economicos e financeiros foram os que lhe mereceram a mais bôta e impertinente das comprehensões.

Eserveu Garcia Calderon: (1)

"Absolutismo no governo, monopollto na ordem financeira, intolerancia em materia de dogma e de moral, tutela, rigoroso isolamento — eis as bases da acção hespanhola".

Pôde-se dizer o mesmo da acção portugueza no Brasil.

"Semelhaute a todas as dominações fundadas sobre a violencia, o poderio portuguez encerrava em si mesmo o germen da sua destruição." (2)

O Marquez de Pombal foi talvez o maior operario da autonomia brasileira nas remotas épocas coloniaes. Com elle começou a reacção contra o embotamento na regencia da Colonia. Aboliu-se a Inquisição; vieram reformas tendentes a sanar pela immigração a falta de braços; diminuíram-se os monopolltos; instituíram-se bancos commerciaes; desenvolveram-se os trabalhos de mneração; fundaram-se collegios; aperfeiçoaram-se portos.

Era evidente que se preparava a autonomia economica, sem a qual a autonomia politica é uma ficção ridicula.

Mas, essa attitudo innovadora que, aliás, pouco persistiu, não poz termo á opposição, a que já me referi, entre a sociedade e o governo. Não é, pois, de extranhar rebentassem na Colonia idéas de independencia politica, vivas demonstrações de que o povo repudiava um governo oude não via nada do seu espirito e da sua collaboração. A Inconfidencia Mineira e a Revolução de 1817 orientaram francamente a nação no rumo da sua autonomia. Começou então a palpitar o coração da nova Patria.

Que pretendiam os Inconfidentes e os Revolucionarios de 1817? De onde lhes advieram as affirmações de seu credo politico?

A aspiração autonómica no Brasil derivou-se do nativismo brasileiro e este, da aversão do povo á tyrannia do governo colonial. O que, porém, imprimiu a essa aspiração um colorido politico (colorido republicano-democratico) foi principalmente a philosophia franceza e a independencia dos Estados Unidos da America do Norte.

Seria prematura e damnosa a realização desse republicanismo avançado num palz não disposto de modo nenhum para recebê-lo.

Ilouvessem taes idéas triumphado e, provavelmente, o Brasil, embora com menos intensidade, teria adoptado em sua evolução o rhythmo hispano-americano, que foi este: ideologia, caudilbismo e desmembramento.

Muitas das causas do fracellonamento do muudo hispano-americano na sua entrada para a vida livre operavam no Brasil, si bem que mais attenuadamente.

(1) GARCIA CALDERON — Les Démocraties latines de l'Amérique, pg. 85.

(2) ARMITAGE — Historia do Brasil, 2.ª edição, pg. 159.



Convence-se disto quem lêr sobre essas causas o esplendido estudo de James Bryce, na obra que consagrou á America do Sul. (1)

A precocidade republicana no Brasil, esmagou-a Portugal com desnecessarios requintes de crueldade. De modo que se tornou possivel a acção providencial de D. João VI.

Segundo, sem querer, uma velha opinião de D. Luiz da Cunha que, no tempo de D. João V, aconselhava a transferencia da Côrte para a Colonia americana, D. João VI, compelido pelas tropas de Napoleão, que invadiam Portugal, transportou-se para o Rio de Janeiro, iniciando, só com essa viagem forçada, a obra da independencia politica do Brasil.

D. João VI vinha encontrar duas tendencias politicas, que João Ribeiro, ao analysar os nucleos primitivos do organismo nacional brasileiro, descreveu de modo insubstituivel, pela maneira seguinte:

“Indiquei as quatro cellulas fundamentaes que por multiplicação formaram todo o tecido do Brasil antigo: a de Pernambuco que gera os nucleos secundarios da Parahyba, Rio Grande do Norte, Ceará e Alagôas e a cujo influxo maternal sempre obedecem (na guerra dos mascates, 1710-12, na revolução de 1817, na Confederação do Equador); a da Bahia que absorve Ilheus e Porto Seguro e gera Sergipe; a de São Paulo donde evolue todo o oeste, com os bandeirantes, Goyaz, Minas, Matto Grosso; a do Rio que pelo elemento official em lucta com os hespanhóes faz nascer, e já tarde, as capitánias do extremo sul; a do Maranhão ou Pará que gera as unidades administrativas do extremo norte, e sempre viveu separado do Brasil e até pelos portuguezes lhe foi lembrado no tempo da independencia que poderia manter, como um novo Canadá, o lealismo á Corôa.

Esses são os nucleos primitivos do organismo nacional. Todos os demais são secundarios e recentes. Se a idéa da federação na Republica fosse menos politica e philosophica do que historica, attender-se-ia a essa importante consideração.

Notei que cada um desses focos tem o seu sentimento caracteristico: o da Bahia é o da religião e da tradição; o de Pernambuco é o radicalismo republicano e extremo de todas as revoluções; o de S. Paulo (Minas e Rio) é o liberalismo moderado (aceleração monarchica de Bueno, as “provincias colligadas” que sustentaram a independencia com a monarchia, etc.); o da Amazonia, demasiado indiano, é talvez o da separação como o é no extremo sul o Rio Grande (a formação recentissima), demasiadamente platino.

Expuz que sempre houve nos nossos movimentos de emancipação politica duas correntes liberaes separadas: uma dos mamelucos que desde o seculo XVII almeja em suas revoluções a republica, o federalismo e mesmo o abolicionismo; outra, da sociedade colonial, latina e portugueza, que faz o constitucionalismo, o imperio e com elle a centralisação e a unidade.

Esta ultima corrente tende a desaparecer da politica, pela progressão das raças nacionaes; a independencia foi para ella como que a suppressão de suas fontes e d'aqui a pouco o que resta do seu *substratum*, da sua base physica, terá desaparecido.

A monarchia é o ultimo vestigio da sociedade e do liberalismo colonial, é no mesmo tempo o mais delicado e o mais tenue; era da sua natureza extrema e fragil dissipar-se como espirito. D'aqui por

(1) JAMES BRYCE — La América del Sud. Observaciones e Impresiones — Trad. de G. Rivera, pgs. 334 e seguintes.

diante, como os europeus depois dos arabes, perdendo os seus ultimos preceptores, o Brasil terá que andar sósinho, e deshabituaado do trabalho, ganhar o pão amargo da vida ehamada independente". (1)

Entre essas duas forças — republicansmo radical e liberalismos moderado — D. João VI havia de escolher a ultima, cuja séde era o sul, região esta que, por já contar com uma relativa preponderaneia economica, começava a exercer a preponderaneia politica.

A actuação do Rei apoiou-se naquella sociedade eolonial, latina e portugueza a que se referiu João Ribeiro. Mas nem por isso se eliminou da concorrência de forças o radicalismo dos mamelucos nordestistas. O conflicto de energias perdurou em todo o curso da historia nacional.

Na época de D. João VI, esse conflicto produziu uma transacção das correntes antagonicas, que foi a monarchia demoeratzada.

Quaes de vós não sabeis que quem de faeto preparou o advento do estado brasileiro foi D. João VI?

Havia territorio e população; faltava governo porque fragil era a base economica. Pois bem, essa base economica foi ampliada e firmada pelo perseguido de Napoleão, numa serie de actos elarividentes, que começaram com a franquia dos portos do Brasil ao commercio universal e consequente extlncção do malfadado regimen do monopolio, caracteristico do governo medieval da Colonia. Seguiram-se providencias de profundo sentido economico, como, por exemplo, a derogação do Alvará de 5 de Janeiro de 1785, que mandara fechar todas as fabricas existentes no Brasil. Era a liberdade industrial que se ensaiava. Pela mesma occasião, eonheceu o jornalismo a sua aurora, graças á fundação da Imprensa Régia.

E não ficou por ahi a acção do Rei foragldo.

Dando ao Brasil estabelecimentos bancarios, bibliotheca e escolas de ensino superior, de marinha e bellas-artes; favoreecendo a abertura de estradas; retemperando a arte de minerar e euidando da extracção e preparo do ferro em Ipanema; protegendo a cultura do algodão e da seda; diminuindo os direitos de entradas; organizando o "homestead" para os agricultores, por força do qual seus engenhos e terras não poderiam ser executados; fomentando a immigração pela cedencia de terras a eolonias estrangeiras, D. João VI reconheceu ao Brasil o seu direito á independencia.

Não se limitaram a isso as consequências da transposição da Côrte metropolitana para a Colonia. A presença de D. João VI impediu que o Brasil, indo de colonia a republica, dêsse um salto nas trevas. Atalhou-se assim, muito a tempo, a precipitação republicano-democratica, de tão funestos resultados no mundo hispano-americano.

E ahi está porque, entre o estado de colonia e o regimen republicano de 1889, viveu o Brasil um largo trecho de vida tutelado de uma monarchia a que deve a integridade territorial que o singulariza e alguns dos exemplos mais impressionadores de sua historia política e social.

Desde o Marquez de Pombal até D. João VI, desde D. João VI até Pedro I, a eivilização politica brasileira subiu lentamente como as aguas mansas das cisternas que se enchem pelo fundo.

Sem longas revoluções e duradouras anarelias, mas em transições politicas attenuadas, passou o Brasil do absolutismo medieval da Colonia para a monarchia constitucional representativa, que foi

uma especie de tutor e mestre do povo na arte de governar-se, a igual distancia do despotismo e da ideologia demagogica.

A significação politica do Grito do Ypiranga consiste, pois, em ter sido elle a mera continuação feliz de um movimento evolutivo, iniciado com a construção do territorio, formação da raça, elaboração do sentimento nativista na guerra e no clume das riquezas, do solo, integração do pendor republicano-radical que, contrariado mas não vencido pela presença de D. João VI e pela attitude de D. Pedro I, produziu a monarchia constitucional representativa, imbuída de liberalismo moderado.

*
* *

A formula do Grito foi esta — Independencia ou Morte!

Mas, tornou-se o Brasil, porventura, a 7 de Setembro de 1822, completamente independente, completamente autonomo, completamente senhor do seu governo?

Não.

A separação da Metropole foi apenas o primeiro passo decisivo para a independencia do paiz. Esta só se completará pela emancipação politica do povo, quando esse povo se fizer completamente arbitro de seu proprio governo.

Euclides da Cunha escreveu este conceito — somos o unico caso historico de uma nacionalidade feita por uma theoria politica (1)

Entretanto, a nacionalidade competia organizar para si, de accordo com suas condições, a theoria politica.

Tal se não deu. E' que, na feitura de nossas formas de governo, o povo nunca participou realmente, mesmo porque no Brasil nunca houve, ainda não ha, povo na accepção politica dessa palavra.

A ninguém cabe individualmente a responsabilidade desse facto. Urge attribui-lo á extensão do paiz e ás circunstanelas que subordinaram o seu povoamento, no curso da historia.

Por isso, no Brasil, os governos têm sido como que dadas, feitas a principio pela Metropole e, posteriormente, por minorias mais ou menos elvadas de lyrismo politico.

Essas minorias idealistas sujeitaram o povo a aparelhos politicos que não lhe correspondem ás necessidades, ás tendencias da alma, á cultura do espirito. De onde as vacillações, os erros, a incompreensão, a aparente incapacidade do brasileiro em materia de governo proprio.

Perguntareis agora: — que é necessario fazer para tornar verdadeira a nossa emancipação politica?

Responderéi: — educar o povo, ineutando-lhe, não a insipida phraseologia que constitue o ensino escolar, mas a reflexão, o raciocinio, a energia e o sangue-frio. (2)

Ou esse povo aprende a governar-se ou, por força de uma fatalidade historica, será aniquillado pelas raças fortes, que não poderão ver desaprovitada, nas mãos de uma gente inerte, uma região tão grande quão fertil como é o Brasil.

Euclides da Cunha exclamava: ou progredimos, ou desapparecemos.

(1) EUCLIDES DA CUNHA — Da Independencia á Republica — A' margem da Historia, pg. 282.

(2) GUSTAVE LE BON — Aphorismes, pg. 111.

Quer o Brasil sobreviver na sociedade das nações? Aperfeiçoe a sua vida interna, dirija-se com sabedoria e esforço, ame e realize a liberdade e transforme o caracter do seu povo e os thesouros do seu solo em luz e alimento util a todo o genero humano. Seja independente em todo o vigor da realidade. Senão, morrerá.

Independencia ou Morte — não é, pois, uma formula extincta, um grito do passado, uma joia dos archivos historicos: é um lemma do porvir, um brado do futuro, uma farsa refulgente caminhando adiante dos olhos do povo.

Nenhuma grci se governa, nenhuma se organiza, nenhuma se aperfeiçoa em cohesão, grandeza e modos de agir, senão com uma aspiração em que, por uma dose de chimera, haja cem doses de visões praticas.

Fortaleça-se, portanto, a consciencia do povo pela adopção de um programma, de uma crença, de uma fé capaz de disciplinar as massas eeducal-as nas lições do entusiasmo.

Ergue-se contra isto um obstaculo: é o pessimismo brasileiro.

O artista maximo da nossa raça, Machado de Assis, foi um sceptico negativista, cuja litteratura é uma subtil, tímida, sillepciosa e terrível destruição da naturcza, em todas as suas inspirações, e do homem, em todas as suas superioridades.

Será Machado de Assis o symbolo da alma brasileira contemporanea?

Haja uma convicção robusta, um egoismo superior, uma confiança tranquilla nas proprias forças, um orgulho grande, uma orientação pratica, um violento desejo de viver que, congregando as vontades em correlações esclarecidas e apertadas, se torne um fermento de trabalho e de espontaneo sacrificio do individuo á collectividade.

Em tudo e por tudo a victoria pertence aos convencidos e não aos scepticos.

Povo nenhum se governa, se organiza e se aperfeiçoa a sonhar e deblatrar no mundo das especulações, por entre formulas verbaes que se não realizam na pratica. No Brasil esta verdade ainda não fez carreira.

“Na America latina, escreve Bryce, onde a cloquencia é natural e parece fazer parte dos conceitos, a Imaginação fertil confunde as suas esperanças e prophcias com a realidade e nas nuvens douradas da fantasia encontra base sobre que formar planos praticos. Orgulhosos do que intitulam seu idealismo democratico, suppõem já existentes em seus concidadãos essas virtudes que devem possuir os cidadãos de um país livre. E' talvez preferivel acalentar na mente estes ideaes chimericos a não ter ideaes de especie nenhuma. Mas, para fins politicos, o resultado é o mesmo, pois o que se não obtem por meio dos principios confidos nas leis é precisamente o que Clemencau chama — autoridade principalmente theorica.

Recordemos, todavia, que, mesmo quando o costume de confundir factos com palavras e aspirações com realidades não augmentasse as difficuldades dos governos constitucionaes de hoje nos paizes sul-americanos, estas difficuldades existiriam de qualquer maneira, pois são inherentes ás condições desses paizes. Não é justo esperar que uma constituição decalcada sobre a dos Estados Unidos funcione facilmente no Brasil, assim como é impossivel esperar do systema ministerial e parlamentar inglez que, sem um contraste continuo e muitas vezes ridiculo entre a theorica e a pratica, opere com facilidade nessas pequenas nações que ultimamente o imitaram. Um povo é o

producto do seu passado, assim como, na phrase de Cervantes, cada homem é filho de suas proprias obras." (1)

Liberte-se o Brasil do dogmatismo politico, das idéas abstractas e da mania de metter nos codigos os principios aconselhados pelos idealistas dos paizes de intensa cultura, principios esses que nunca poderão vir á pratica. E convença-se de que é ainda um paiz de gente atrasada, cujos defeitos não haverá convencionalismo legal que os disfarce. Sejam as leis mais modestas e eduque-se o povo para que, melhorando, se aproxime paulatinamente dos padrões que a mente versatil de suas minorias letradas e livrescas, ignorando que as instituições dos povos assim como a sua alma não se transmitem, compõem sobre modelos exóticos.

O estadista colombiano Rafael Nuñez declarou com acerto: "Não ha em politica verdades absolutas; tudo pode ser mau ou bom conforme a oportunidade e a medida!" (2)

Quando comparo as nossas adeantadissimas instituições com o lamentavel estado cultural do povo brasileiro, lembrem-me aquellas linhas da "Arte de Furtar", que dizem:

"A mayor, e mais irremediavel ruina de huma Republica succede, quando os medicamentos, que applica para a vida, se lhe convertem em veneno para a morte, e isto he, quando os conselhos, que toma para se defender, disparam em maquinas para se destruir: e não cahe no erro, senão quando ve os effeitos despropositados nas forças gastadas com paradoxos, e no cabedal consumido em desvarios." (3)

Nenhum povo se governa, se organiza e se aperfeçoa sem economia e finanças systematicamente estabelecidas.

Quem não produz, é parasita, vive a expensas de outrem, delle depende, por elle é governado. Quem não tem boas finanças, vive de emprestimos, é escravo dos seus credores.

O que sobre todas as exigencias se impõe é o desenvolvimento da politica economica.

Voltem-se os brasileiros para a terra: Busquem as gerações novas e as que hão de vir as profissões normaes. É um erro gravissimo, de horribéis consequenelas para o individuo e para a collectividade, segulr, sem vocação, as profissões liberaes e largar ao extraugeiro os mananciaes da riqueza nacional.

A grande preocupação dos antepassados foi a defesa do territorio. A maxima preocupação dos contemporaneos e dos que adiante vierem deverá ser o cultivo desse territorio e a producção da riqueza economica.

Povo pobre nunca deixará de ser povo ignorante, incapaz de comprehender os seus deveres civicos — o voto, o serviço militar, as contribuições pessoas e patrimoniaes do cidadão, etc.

Haverá educação na proporção da riqueza e esta sahirá da terra grande, feraz, opulenta, maravilhosa e cobiçada, desde os remotos tempos do descobrimento, pelas gentes ambiciosas e viris de outras patrias.

Quereis saber o que eu desejaria ser?

(1) JAMES BRYCE — Obra citada, pg. 326.

(2) GARCIA CALDERON — Obra citada, pg. 186.

(3) *Arte de Furtar*, cap. XXIX.

Eu desejaria ser lavrador e possuir, num recanto da Patria, um pedaço de terra boa e ahi plantar uma casa rustica, por onde o sol entrasse espalhafatosamente, e de cujas varandas engrinaldadas de jasmim e ipomeias eu visse alagando os meus campos, as minhas plantações, os meus estabulos, os meus pomares e os meus jardins; — e, nesse chão virilizado por uma cultura intelligente e assidua, trabalhar de sol a sol e, ás vezes, sonhar, ao calir das tardes molles de fadiga, quando as elagas do crepuseulo ensopassem de sangue as nuvens de algodão que as abafassem e as sombras frescas do oriente pendurassem os seus crepes nas arvores dos bosques e os extendessem sobre as aguas luzidias dos açudes. Quando os grandes carros sahissem de minhas terras, vergando ao peso dos fardos, eu pensaria que, nessa mesma hora, de todos os pontos da grande Patria eommum milhões e milhões de carros estariam tambem partindo, transportando o esforço da terra e dos homens irmanados no dar ao Brasil a riqueza que, na competição das raças e na organização dos povos, é a unica operaria que sabe a linguagem da victoria. Eu seria então feliz.

ARMANDO PRADO

CONFERENCIA DO SR. AMADEU AMARAL (1)

Minhas senhoras
Meus senhores.

Praticaria eu um acto impertinente e pretencioso, se viesse de tão longe, por minha espontanea deliberação, falar-vos a proposito desta data nacional. Ha em S. Carlos, cidade tão eulta, ha uesta mesma escola, onde brillam talentos que bem conhego, vozes mais fortes, mais bellas, mais autorizadas do que a minha, as quaes poderiam ser ouvidas aqui eom mais prazer e mais proveito. Mas eu não vos falo por mim. Trago um mandato, a cujo peso não me era dado airoosamente fugir. O que explica a minha presença perante vós é aquillo mesmo que explica a presença de varias dezenas de oradores, delegados como eu da Liga Nacionalista de S. Paulo, neste dia e a estas horas, em todos os grandes estabelecimentos de ensino do nosso Estado. Executamos o pensamento sympathico de offereecer á população de toda a terra paulista, sob as propicias effusões deste dia, a solidariedade civica e a saudação fraternal da Liga, e de colher ao mesmo tempo, nas vossas manifestações patrioticas, os indicios de reviveencia e de ascenção espiritual, que a confortem na trabalhosa tarefa a que se vai dedicando sem outra compensação.

Aqui, bem o estou vendo, farta será a colheita, que, ceifeiro feliz, irei depositar alegremente nos arehivos da Liga, eomo braçadas de flores. Eu allás não esperava outra coisa, pois conhego S. Carlos. Estas demonstrações festivas da população, esta juventude radiante de fé e de entusiasmo, esta casa enramada, palpitante e sonora eomo um templo em horas de exaltação e de jubilo, estes rumores e estes movimentos que são rumores e movimentos de almas e não dissonanancias e agitações vulgares de corpos e de curiosidades, tudo isto me dá aquella satisfação que eu esperava, aquella satisfação consoladora que eu vinha buseando, não com as duvidas angustiosas de quem pro-

(1) Realizada na Escola Normal de S. Carlos, a 7 de Setembro de 1917, por delegação da Liga Nacionalista.

cura uma possibilidade, mas com o augeio de quem corre a desveudar uma certeza.

Graças vos sejam dadas por estas bellas manifestações de fé. Ellas nunca foram tão necessarias nem tão recommendaveis como nestes tempos de deliquencia moral e de discórdias profundas. Valem como significativas affirmações da alma nacional em guarda ante as forças de desagregação desencadeadas contra a sua unidade. E' bom que de quando em quando taes affirmações sejam feitas, no terreno sagrado onde todos os bons brasileiros se podem encontrar, fraternizando. Ellas dão á nacionalidade a sensação forte da propria existencia e do proprio vigor. Assim o individuo que desperta após um mau sonho, como deslembado de si proprio, erguendo-se, movendo-se, certifica-se de que vive, respira, palpita e pensa, e recentra jovialmente na posse de si mesmo, cheio da gloria e da alegria de viver.

Tanto mais intensa pode ser a nossa intima satisfação, commemorando o acontecimento feliz que a data de hoje nos evoca, quanto é indiscutivel que temos o direito de lhe misturar um pouco de modesta ufania. A independencia não foi producto do acaso. Não foi a obra de um agente estranho accionado por forças alheias ao interesse nacional. Não foi a empresa aventureira de uma reduzida minoria de homens de pensamento e de acção. Quando ella surgiu, coeretzizada nos esforços de que Pedro I foi o centro ocasional de convergencia e a expressão ornamental e forte, adequada ao momento, já o Brasil era uma nação, uma nação perfeitamente definida nas linhas geraes da sua estrutura, a que só faltava o coroamento da formula politica. E o famoso brado do principe, sobre a lomba da colina historica, foi em verdade o grito magnifico dessa nação, que reclamava esse coroamento. O correjo do Ipiranga não foi o Nilo onde se balouçou uma patria em seus primeiros vagidos, mas o Jordão onde se sacramentou pelo baptismo solemne a robusta juventudê de um povo.

*
* *

O espirito nacional madrugou no seio das populações esparsas por este immenso territorio. Seria um capitulo de synthese altamente interessante e instructivo aquelle que extrahisse do jogo confuso dos elementos estaticos e dynamicos da nossa historia, expondo-as a uma luz intensa, as determinantes de um sentimento colectivo que desabrochou e cresceu através de tantas adversidades. Lancando um golpe de vista retrospectivo aos tempos que precederam ainda de perto a independencia, vemos um enorme paiz com uma população extremamente rarefeita, e além de rarefeita mesclada, e além de mesclada ineulta. Difficels e morosas as communicações entre os seus nucleos e entre as varias regiões do colosso; fracas e precarias as relações commerciaes, frouxo o trafico das idéas entre as provincias. Entretanto, esse fraccionamento e essa dispersão apparente não impediram que houvesse uma consciencia brasileira, traduzindo-se de sul a norte em manifestações inequivocas de sentimentos e de tendencias communs.

Dos fins do seculo XVIII para principios do XIX, esses sentimentos e essas tendencias tomaram um colorido preciso de voluntariedade: o que os brasileiros, de extremo a extremo, sonhavam e queriam era a libertação integral do paiz, era a constituição de uma nacionalidade independente sob principios liberaes. Essa foi a significação dos movimentos sediciosos e das agitações que lavravam pelas provincias e pela capital do reino. Essa foi a alma da imprensa

nacionalista que vibrava pelo paiz os carrilhões da revolta. Esse foi o norte das juntas governativas que agiam perante o príncipe e perante o povo. Essa foi a vontade expressa no appello que a de São Paulo dirigiu ao regente pelo órgão altisono de José Bonifácio, e affirmada na grande manifestação publica de Janeiro de 1822 sob as jaueilas do paço. O "fico" foi a submissão do príncipe a essa vontade, que elle se reconheceu incapaz de contrariar por mais tempo, tão geral e tão energica era ella; o "Independencia ou Morte" foi apenas a sua tradueção, cuja vivacidade se graduou naturalmente pelo vigor dos sentimentos de que d. Pedro se via cercado.

Podemos, pois, reeordar com legitima satisfação esse agitado periodo da nossa historia. Este povo, que tantos brasileiros desnaturados se comprazem a representar sob as côres de uma aglomeração desgovernada e ingovernavel, de um despejadouro dos rebotalhos de varias raças pobres, soube manifestar a sua vontade tão bem ou melhor do que outros apontados á nossa estima como puros rebentos da aristocracia ethnologica.

E mais: este povo inferior, cuja incapacidade e cuja aridez tranquillamente se decreta, aeeitando com a passividade propria da sciencia livresca todas as pedanterias e todas as levlandades estrangeiras negligentemente escriptas a nosso respeito, este povo poude formar no seu seio toda uma legião de varões notaveis pela intelligencia ou pela virtude, tanto quanto pelo patriotismo, os quaes, cheios de generosa dedicação, a tempo se constitulram nos pregoeiros e guias necessarios da vontade nacional.

Eutre esses, destae-se a exeelsa figura de José Bonifácio, homem raro pelo coração, pelo talento, pela cultura, pela integridade e pela energia, poeta e soldado, sabio e estadista, aeademico e legislador. Extraordinaria individualidade e extraordinario destino!

*
* *

Nos fins do seculo XVIII, notavel floração de engenhos desabrochou no Brasil, manifestando-se nos mais diversos ramos dos conhecimentos humanos. "Bem poderá dizer-se (exclama Latino Caelbo no elogio historico de José Bonifácio) que a terra americana de longe se dispunha e aparelhava com pródigo cuidado, para abrigar no seu girão immenso uma nação poderosa e independente".

"Dentre os celebrados escriptores que, tendo florescido no seculo passado, nelle mesmo perfizeram a carreira (continúa Latino), quem não applaude Antonio José da Silva, o ousado restaurador do theatro portuguez, o malaventurado christão-novo, a quem a natureza consagrou os louros de poeta, a intolerancia a corça do martyrio? Quem não conhece a José Basilio da Gama, o cantor épico do "Uruguay"? Quem não leu a frei José de Santa Rita Durão, que de tantos annos preeede Longfellow na formosa concepção do poema fielmente americano? Quem não sabe de cór alguma daquellas sentidissimas endechas, com que Thomaz Antonio Gonzaga, o melancolico "Direco", tomou um lugar de honra na literatura patria e alcançou a lauréola de iusigne entre os lyricos de Portugal? Quem não ouviu falar de Claudio Manuel da Costa, de Alvarenga Peixoto, a quem o estro fez semelhantes na inspiração, a liberdade irmãos no sacrificio, a fortuna na eguaes na adversidade?"

"Nos fins do seculo XVIII e nos primeiros decennios do seculo XIX — digamol-o sem vaidade nacional — a maioria dos nossos ta-



lentos mais formosos haviam tido o seu berço no Brasil. A Lyra portugueza honrava-se com o nome de Pereira Caldas, o poeta da inspiração religiosa. Brasileiro era também Antonio de Moraes e Silva, que dotara a literatura nacional com o mais copioso dicionário que em seu tempo se eserevera. Brasileiro Hippolyto Costa, o patriarca dos jornalistas de Portugal e do Brasil. Brasileiro o que podemos appellar na ordem chronologica o primeiro economista portuguez, o bispo de Elvas, d. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho. Brasileiro o eminente geometra e professor, antigo secretario desta Academia, Francisco Villela Barbosa, marquez de Paranaguá, um dos mais illustres cooperadores na fundação do imperio americano. Brasileiro Manuel Jacyntho Nogueira da Gama, lente da academia de marinha, depois marquez de Baependy e notavel estadista, que divulgara em Portugal, vertendo-as em portuguez, algumas obras classicas de hydraulica, e applicara a chimica moderna a importantes problemas da vida industrial. Mas era sobretudo nas sciencias naturaes que as glorias desta nação se deviam principalmente aos que tinham nascido em terra americana. Vlecente Coelho de Scabra, fazia resplandecer em Portugal com os seus "Elementos de Chimica" os primeiros clarões da sciencia já rebelde ás fantasiosas tradições da alchimia e da spagyrica. Frei José Mariano da Conceição Velloso deixava o seu nome memorado entre os botaneos pelos seus vallosos trabalhos originaes, entre elles a "Flora fluminense". Alexandre Rodrigues Ferreira percorria o Amazonas como infatigavel explorador, e allava ás suas glorias de egregio naturalista o funesto destino de uma natureza atribulada. João da Silva Feijó, com as suas explorações transatlanticas e os seus escriptos mineralogicos, legava de si honrada fama, como investigador da natureza. Manuel Ferreira de Araujo Camara, companheiro de José Bonifacio nas excursões scientificas pela Europa, se não egualava o nome do collega, inscrevia-se como um dos notaveis representantes da sciencia em Portugal. Mello Franco e Elias da Silveira, ambos nascidos no Brasil, ambos secretarios da nossa corporação, illustravam a medicina portugueza com os seus livros e memorias, estampadas por esta Academia.

"Esses homens, que ennobrecem presentemente a historia intellectual do imperio brasileiro, então eram ainda portuguezes. Em Portugal reflectiam o seu luzimento, a sua gloria. Cultivavam as letras patrias. Ensinavam nas escolas, honravam as academias, respandeciam no exercito, nas dignidades ecclesiasticas, nos officios da magistratura. Entre elles era certamente o primeiro pela sciencia, pelo engenho, pela funcção que devia desempenhar na historia do seu povo, o doutor José Bonifacio de Andrada e Silva."

Formado em philosophia e em direito, durante oito annos frequentou José Bonifacio os melhores cursos de chimica, de mineralogia, de geologia; em Frauca, tomou as lições de Chaptal, de Fourcroy, de Jussieu e de Hauy; na Allemanha, as de Werner, Lempe, Koehler, Koltzsch, Freleshen, Lampadius. Em excursão scientifica pereorreu as minas da Allemanha, do Tyrol, da Styria, da Carinthia. Em Pavia ouviu as lições de Volta; em Upsala, as de Bergmann; em Copenhagenague, as de Abilgaard. Aprendeu insaciavelmente e ganhou a reputação europêa de mestre em mineralogia. Regressou a Portugal e foi desembargador; dirigiu as matas e as minas, as obras do Mondego, o estabelecimento metallurgico do Figueiró; ensinou docmasla em Lisboa, mineralogia em Coimbra. Sobreviudo a invasão franceza em Portugal, o intellectual saturado de selenela fez-se soldado, e que destemido soldado! Por fim, esse mineralogista era também um esta-

dista preocupado com os mais serios problemas, cuja relevancia, não raro, foi o primeiro a descobrir, a aventar, a pôr em foco, e — complemento encantador de uma natureza privilegiadamente rica — era também um erudito cultor da literatura classica, convivendo com os mestres latinos e gregos, e produzindo versos chelos de altos e nobres pensamentos.

Tal foi o egregio fundador da nacionalidade brasileira. Dir-se-lhe que a Providencia o conformara expressamente, cumulando-o de dons intellectuaes, alliados a uma admiravel grandeza moral e a uma rara energia de vontade, para ser o artifice gigantesco de um imperio.

Hoje, por uma curiosa aberração do senso commun, é opinião corrente que os mais altos cargos da republica, lá onde a vastidão do scenario parece requerer um poder de visão excepcional, nada soffrem, ou ganham porventura com ser occupados pelas mediocridades mais enfezadas e mais tristes. Para justificar tão extravagante idéa ha toda uma theoria, pósta em circulação, de certo, pela proterva insinceridade dos falsos orientadores da opinião publica, e que se poderla chamar “a theoria da competencia dos incompetentes” ou da “sobre-excellencia dos incapazes”. Consolemo-nos, porém, recordando-nos de que tal theoria não é fructo do Brasil: tem sido explanada um pouco por toda a parte; reinava em Portugal ao tempo em que Latino Coelho traçava, no ouro sonoro do seu estylo, o perfil cyclo-pico de José Bonifácio.

“Muitas vezes (diz o academico portuguez) a plebe dos indoutos e o vulgo dos medianos entendimentos proclama como verdade experimental que os mais intensos luminares da litteratura e da sciencia, não os destinou a natureza para allumlar o governo dos Estados e o caminho das nações.”

“Estranho fóra certamente (acrescenta pouco adiante) que o engenho singular, que sabe descobrir os arcanos do universo, ou esculpir nas maravilhas da palavra as mais formosas cilações da fantasia, ficasse desde logo sentenciado e proscripto dos maximos negocios da cidade. Pois que? Seria o governo e a direcção das sociedades o monopollto da ignorancia, o privilegio da mediania? Para illuminar os povos nos passos mais escuros e escabrosos da vida nacional, seria mais guladora a treva do que a luz?”

*
* *

José Bonifácio legou-nos um exemplo admiravel: estremeceu a Patria como simples cidadão, serviu-a como sabio, cantou-a como poeta, illuminou-a como publicista e homem publico, libertou-a como seu bemfeitor supremo; fez reverter sobre ella todas as forças e todas as luzes com que a natureza o enriqueceu, e o fez com a mesma prodgalidade que ella usou com elle. Nem todos poderemos trabalhar pela Patria como esse homem que valia uma legião: simples particulares, mandatarios do povo em cargos de eleição, homens de acção e homens de estudo, homens de imaginação e homens positivos, amemol-a e sirvamol-a cada um á nossa maneira, tomando ao immortal paulista, que foi tudo, o exemplo apropriado á condição de cada um de nós...

Imitemol-o, porém, sobretudo, quanto pudermos naquelle precioso senso das opporlunidades e naquelle cuidado com que buscava, deante da complexidade dos problemas nacionaes, concentrar as suas forças em pontos limitados e precisos. Nós somos demasiado afeitos aos devanelos e ás volubilidades do pensamento. As questões nacionaes, tra-



tamolas menos como negocios publicos carecedores de vistas praticas e de aegão deciddida do que como themas para torneios academicos, para phantasias literarias e para variações amargas ou despreocupadas de humorismo. A's vezes, as mais soldas illustrações e os mais fulgidos talentos, encarando taes assumptos, perdem-se pelos intermundios do sonho, embarafustam pelos labyrinthos da theoria e da erudição, navegam a todo panuo pelo mar sem fim das idéas, e ao cabo não trazem para o esclarecimento do debate mais do que o momentaneo clarão de um fogo de vistas inutil.

Desde que se começaram a aventar publicamente, com mais vivo e sincero interesse, os problemas atinentes á vida nacional; desde que a voz harmoniosa e vibrante de Olavo Bilae ceou por todo o paiz como uma successão de brados de alerta, de esperanza e de concordia, inflammando o coraçon generoso dos moços, temos assistido a uma immensa dissipação de palavras e de energias mentaes e affectivas. A' indifferença e á prostração de ha pouco succedeu uma tumultuaria irrupção de reclamos, de projectos, de propostas, de idéas reconstructoras que se acotoveliam, que injustamente se combatem, e em summa se prejudicam. E' um pandemonium de loquacidades desapoderadas.

Esse açodamento com que nos atiramos á faina, querendo eriar ou refazer tudo ao mesmo tempo, é quasi tão damnoso como o desanimo e o deseaso contra os quaes se reage. Todas as soluções que proponhamos devem contar com o factor tempo, e têm de subordinar a sua effieacia a uma seriação de oportunidades. Reformar um paiz de alto a baixo é empresa que só accommettem esses grandes oleiros de lustituções e esses poderosos algebristas de povos, que no remanso dos seus gabinetes, com uma penna na mão, engendram os falansterios onde tudo se arruma, se concerta, se dispõe e funciona ás mil maravilhas... Restriujamo-nos. Disciplinemo-nos. Se, dentro de uma ou duas dezenas de annos tivermos conseguido lançar as bases de duas ou tres reconstruções parciaes bem definidas e bem claras, teremos prestado ao nosso paiz uma somma de servlços modestamente reduzida, mas indiscutivelmente meritoria, e legado ás gerações mais proximas um melhoramento real que lhes ha de permittir avanços mais largos e mais seguros.

Entre as questões, por assim dizer fundamentaes, que ahí estão a reclamar o estudo, a boa vontade, os esforços de todos os brasileiros devotados, tres ha que não cedem a qualesquer outras em gravidade e em urgencia e que têm por si a vantagem pratica de já haverem penetrado profundamente o maior numero de consciencias.

A primeira é a questão do ensino primario, cuja relevancia dispensa, em terras de S. Paulo, para honra nossa, qualquer encarecimento. A segunda é a da defesa do paiz e a do concurso que toda a mocidade brasileira deve prestar á recomposição do nosso exercito em moldes verdadeiramente nacionaes. Tambem esta, por felleidade, parece ter já conquistado a opinião quasi unanime da gente culta e a adhesão enthustastica dos moços. Comprehende-se, emfim, geralmente, graças a demonstrações praticas que acontecimentos destes dias nos deparam no atormentado scenario do mundo, que não basta á nação uma indole paciflea, nem o culto da lealdade nas relações com os outros povos, nem as aspirações mais transparentes de justiça, de liberdade e de concordia, para que lhe respeitem os direitos mais elementares e mais sagrados. Comprehende-se, emfim, que uma nação nunca será bem defendida se não organisa na paz a sua defesa, e se essa defesa se não baseia, — mais do que nos canhões, mais do que

nas muralhas das fortalezas, mais do que nas torres dos navios e nas asas das aeronaves, — na alma, no coração, na capacidade de sacrificio dos seus filhos. Só resta agora que todos os homens de boa vontade se disponham a trabalhar: multipliquem-se as escolas, espalhe-se por toda a parte a inundação benéfica do alfabeto, e ao mesmo tempo surjam por todos os recantos do Estado, ao som dos hymnos, sob os vãos altos da bandeira, a rufos de tambor e a estrepitos de entusiasmo, as linhas de tiro, os voluntarios, os escoteiros que antecipam na infancia a pratica severa de deveres olvidados até aqui pelos adultos.

A terceira questão, senhores é a do voto. Nós instituímos a Republica e fundamos o suffragio universal, — e ainda não temos uma Republica, porque não praticamos o suffragio. A vontade popular, nas manifestações dependentes das urnas, é uma pura ficção que pesa sobre todas as consciências bem conformadas com a brutalidade de uma mentira e de um escarneo. Nem a grande maioria dos cidadãos concorre aos pleitos, nem toda a minoria que a elles concorre o faz com independencia, nem o resultado das votações é sempre lisamente expresso na sua realidade perfeita. Ora, sem a moralisação e a generalisação do exercicio do voto, nunca esta pobre politica nacional será, sequer de longe, aquella “filha da moral e da razão” que José Bonifacio venerava; nunca os negocios publicos serão conduzidos, senão por acaso, com a largueza de vistas e com a sinceridade de propositos que o interesse de todas as classes e o interesse supremo da nação estão reclamando; nunca a vontade popular será uma quantidade positiva nos acontecimentos que collidem com os destinos da patria e das instituições; nunca a moralidade substituirá, na vida do paiz, como uma recomposição de tecidos, os estragos e as cicatrizes de um regimen de irresponsabilidade já excessivamente prolongado. Urge que os bons cidadãos se esforcem, cada qual no circulo da sua influencia, por diminuto que seja, para que cesse este vergonhoso abandono das urnas, indice de covardia moral e de incapacidade, que nos envergonha e nos degrada.

*
* *

O combate ao analfabetismo, a propaganda em benefício da nossa defesa, a luta pela verdade do suffragio universal, eis os pontos de mira principais da Liga Nacionalista de S. Paulo. São objectivos que se ligam logicamente e moralmente á affirmação nacional concretizada na independencia. Feita esta, occorre-nos a necessidade e impõe-se-nos o dever de consolidar e aperfeiçoar. Não é possível tornar a mais sólida nem mais perfeita sem a espada, sem o alfabeto e sem o voto — sem um systema de defesa que nol-a garanta, sem o ensino que a leve a todas as consciências, e sem o unico mecanismo regular por cujo meio se pode manifestar a vontade de um povo digno da liberdade conquistada.

Eis ahí, meus jovens amigos, uma tarefa a cumprir. Ella não incumbe apenas aos que mandam e aos que têm voto nos altos negocios do Estado. Toca a todos nós, e toca principalmente a vós outros. Todo cidadão, dentro da esphera da sua limitada actividade, pôde e deve ser um defensor, um propagador e um campeão desses nobres intuitos. Dirão que nada obterá a simples boa vontade despida de influencia social ou politica. Esta é a objecção que a todo momento se oppõe a qualquer idéa de uma attitude pessoal isolada. E' uma objecção pouco perspicaz. Ninguem pode conscientemente affirmar

que o esforço individual nenhum resultado produza. Os esforços individuais, embora divergentes, mas bem inspirados, podem perder-se naquillo que elles tenham de mais atrevido, de mais pessoal, de excessivamente avauçado para o estado actual da consciencia collectiva; mas do impulso generoso que os moveu, da idéa justa e bella que os presidiu, da cultura de sentimentos sympathicos que os tornou possiveis sempre fleu algum residuo espalhado nas imponderabilidades que actuam sobre a vida psychologica dos agrupamentos humanos; e esse residuo contribue afinal a elevar o nivel do graude fundo commum, como os conglomerados que a acção da agua corrente desbastou de todos os elementos soluveis e desagregaveis, só guardando no deposito do seu leito de seixos os grãos de pedra duradoura que elles continham.

Se isto não é verdade, devemos crer que o seja. E, em ultima analyse, ha pelo menos um resultado que não se pôde pôr em duvida: todo desejo vehemente e desinteressado, nascido de inspiraçoẽs exteriores ao circulo da nossa existencia pessoal, é um acerescimento de espiritualidade que nos eleva, nos torna mais nobres e melhores. Essa é a soberana vantagem de todo ideal, embora irrealisavel, embora absolutamente incapaz de se concretizar um dia em factos palpaveis.

Conhecels, talvez, um romance de Julio Verne, que tem delieiado a imaginação de innumeraveis rapazes — "O Raio Verde". E' a historia de alguẽm que viajou incançavelmente através de todas as latitudes e através de todos os climas, a vêr se conseguia enxergar, um dia, um rapidissimo raio cor de esmeralda que diziam desprender-se do sol, em determinado instante da sua agonia na lhuha remota do horizonte maritimo, e só visivel em certas circumstancias excepcionaes. A' procura desse momento sempre esperado e sempre fugitivo andou o nosso peregrino por todo o globo, soffrendo pacientemente trabalhos e canceiras, tragando heroicamente as horas angustiosas de espera e as horas dolorosas de desillusão. Teria valido a pena? Valeu: ao cabo de tudo, o teimoso havia conhecido o mundo e se havia extasiado deante de maravilhosos espectaculos de belleza, que vallam bem mais do que a visão momentanea daquelle raio duvidoso e fugaz! Esta é, seuhores, esta é, moços que me ouvis, a consoladora philosophia de todas as nossas lutas pessoais em busca de um ideal sonhado. Proeuremos incançavelmente, pacientemente, através da vida, nem que seja um simples raio verde...

AMADEU AMARAL

A MORTE DO SACY

Da varzea, em baixo, quem ao longe avistasse a casa do Chico Sabino, expremida, no sopé de um cerrote, entre os troneos de duas velhas e parrudas palmeiras, que todos os annos, pela volta de Março, lhe teciam um doce de seda rosa, diria um toseo e gigantesco ninho de "joão de barro", engravado na raiz de uma forquilha.

Já quasi na divisa da fazenda, de que apenas o separavam algumas braças de mato virgem, talvez as unicas por todo o derredor depois das ultimas e assoladoras derrubadas, aquelle recanto selvatico e isolado desde logo enfeitçara o velho colono, quando o primogenito do patrão, num fôgo de reformas e innovações, vindo administrar-lhe a propriedade, resolvera dividir as terras em lotes, que seriam distribuidos pelos empregados mais antigos.

A graça é que Chico Sabino, com direitos de opção por ser o decano entre os companheiros, fôra justamente reservar o boeado que a ninguem appetecia, os seus competidores preferindo os lotes mais proximos do centro da fazenda, onde ficavam a casa dos patrões, o eugenho de café e o armazem. Até a Raymunda, a sua velha companheira de canselras, maldissera tambem da escolha e, pela primeira vez, depois de tantos annos de vida em commum, se amuara sérlamente com elle, não conformada com o desterro da uova habitação, que a privaria da visita ás comadres e da sua assidua devoção á Senhora da Piedade, no oratorio da Tia Felisberta.

Chico Sabino, porém, assentara na sua resolução, e vinté dias depois, ao chio de um carro de bois que lhe levava os trens e a eriação miuda, mudava-se para o palhal que elle proprio levantara com a ajuda de dois camaradas. Era, então, por Setembro, e das ramas mal folhadas das palmeiras, onde se abriam os capulhos, desela uma escarcha leve e flocada, que tapegava de branco o terreiro recentemente aberto.

Diante da casinha nova e bem colmada de sapé, a debruçar-se tafula sobre a varzea, faceando com um horlizonte amplo e alegre, Raymunda, que viera macambuzia e quieta durante todo o trajecto,

viu-se forçada a quebrar o seu silencio, e porque nada desse aso a qualquer praguejamento, acabou elogiando a vizinhança de um riacho que, a dois passos de casa, descia chorosamente entre o casealho:

— A módos que aqui não teremos mais a inferneira da falta d'agua que tanto arreliava a gente do Fundão...

Chico Sabino, ainda muito a medo, temendo novas recriminações, apontou mais algumas vantagens que lhes adviriam do novo sitio. Todas aquellas terras beiradeando o rio eram optimas para o plantio, e o feijão e a mandioca não queriam outras. Elle não tinha idéa de um mandiocal que se igualasse ao do Lino Batuqueira; pois bem, a sua quebrada, na Mineira, não era superior a essa em que elles iam plantar. A mais, ainda em baixo, bõa parte da vargem lhes pertencia, e era só arranear a tabúa para vêr o arroz crescer. E a eriação? onde é que elles encontrariam um lote com tanto espaço e tanta agua? Até a amofinação eonstante dos cabritos fugindo para a roça do Pedro Molina aqui não os havia de apoquentar, se a vizinhança era quasi nenhuma. E Chico Sabino, todo enthusiasmado, já marcava o ponto para o novo chiqueiro, que elle queria alli, bem proximo do correço, e apontava para duas imbaúbas, que levantavam os troneos lisos entre o mato enredoso, espalmado ao ar as grandes folhas discolores.

Para rematar, alentado pelo modo prazenteiro com que Raymunda escutava a enfiada dos seus projectos, Chico Sabino foi-lhe direlto á causa dos aborreimentos. O lote fleava, na verdade, um tanto retirado... Mas se elle já não ia mais á turma e o seu trabalho tinha que ser todo pela redondeza? Era preciso vêr, além do mais, que havia em tudo muito exaggero. Pelo atalho do Muudo Novo em menos de tres horas se podia estar no Armazem, e desde que preciso fosse, uma ou duas vezes por semana, elle até lá desceria com facilidade.

Não se enganara o velho colono nas suas previsões. Seis mezes depois, o milho, já na quebra, esperava a colheita, enquanto elle se afervorava em baixo, afogado na vegetação tufosa do arrozal, no desbaste ás cannas apendoadas e ziziantes.

Raymunda tambem nunca mais se lamuriara, e se ao primeiro coecoricar dos galios já estava entregue aos cuidados da casa e cereanias, que trazia como um brinco, muitas vezes, no empluo do sol, ainda ia para a lavoura, onde, em companhia do amigo, passava o resto dos dias abrindo covachos para as sementelhas, enviveirando mudas, encoivarando o mato roçado.

No terreiro, além de uma ou outra lata com mangerieço, cravinas e malvas, já havia muitas mudas de laranjeiras, abieiros e mangueiras, que ella mesma conseguira entre as eonhecidas e para alli fora transplantando. As ramas reptantes de uma meianeira, salpicadas do amarello vivo de suas flores, aiastravam-se pelo chão, tentando marinhar por uma fatada de chuchús, que circuitava toda a casa, embaraçando as ineursões da eriação em liberdade. Nos arredores, entre

o herveçal, rastelro, gallinhas espassariçavam-se na terra fôta, eitando minhocas e chamando a plntalhada. Mais ao fundo, os porcos, de façoulas espapaçadas e chorumentas, coinchavam, já prazentelramente enxurdados no lamelro da beira-rto, os cochos á sombra de uma velha gamelleira, de tronco resinoso e copa colgada de musgos e gravatás.

Chico Sabino e Raymunda quasi sempre só regressavam á palhoça, encalgando lentamente a encosta do morro, ao cerrar da noite, quando o esmalte turquezino do céu desfallecia, e a luz fujente do crepusculo se condensava na barra do horizonte, num torçal de ouro e purpura. As saracuras ariseas, embalsadas na cannavleira da orla do brejo, desferlam então os seus threnos vesperaes, ao tempo em que, por vezes, se ouvia ao longe o muglr triste e espaçejado de alguma rez que se tresmalhava no paseigo.

Depois da janta, sempre rapida e frugal, enquanto Raymunda aproveitava uns restos de claridade para molhar alguma planta mais mofina, Chico Sabino vinha elgarrar á soleira da porta, e ahí fleava horas seguidas, ouvindo no ealado da noite as untanhas papearem no chareo, até que as palpebras lhe pesassem sobre os olhos, cansados de pervagarem no céu que faiscava, todo picado de estrellas.

O trabalho e as distrações domesticas enchiam-lhes assim o isolamento, e Raymunda pouco tempo tinha para amargurar a falta de convívio com suas comadres e conhecidas, que ella agora só via de raro em raro, quando tirava um ou outro domingo para ir procural-as. Tambem, naquelle ermo, por vezes mais de oito dias se escoaram, seni que ella visse outro vulto humano que não fosse o de seu companheiro, pois que por allí só passavam aquelles que indo para a fazenda do Coronel Simplicio, desconheciam o trilho dos bambús, que tanto encurtava o caminho. Felizmente, já decorridos alguns annos, essa solidão sempre diminuirá um pouco, com a mudança para o atalho do Mundo Novo da viuva e filhos do Manoel Estevão, um madrelro que morrera picado por uma urutú, quando escolhia alguns paus para o novo curral.

A proximidade das moradias e a passagem obrigatorla de Chico Sabino pela porta da viuva Natalina, fizeram em breve estreitar as relações entre os colonos vizinhos, que já eram velhos conhecidos. Raymunda exultou com a vizinhança e nos domingos não dispensava uma chegadinha á casa de Natalina, se não era esta que subia com os filhos a fazer-lhe companhia.

A pequenada, quatro molecotes espertos e desassocegados, cujo mais velho ainda não tinha dez annos, já estava tambem industriada dos dias em que Chico Sabino descia ao Armazem e, aos sabbados, mal o viam apontar na recurva da estrada, sabiam logo, entre gritos e pulos, ao seu eucontro, pedinchando novas historias.



O velho colono achava-lhes immensa graça e, muito paciente, enquanto Natalina deixava os seus afazeres e ia preparar o café a que já o habituara, elle acocorava-se a um canto e contagiava de terrores vãos a roda de diabretes, que ouvia sem pestanejar as suas crendices e abusões sobre artimanhas do Sacy e encontros fortuitos com o lobishomem.

Por quasi dois iustros fizera Chico Sabino essa vida feliz e productiva. A terra fcrez e bemfasejá nunea lhe dera uma decepção, e todos os annos as messes se succediam com a mesma fartura e regularidade. A segunda colheita do seu cafezal, bem alinhado e sem um elaro, conseguira a admiração de todos, e de uma feita o fazendeiro e pareiario de seus lueros, pereorrendo-lhe o lote, deslumbrara-se ante as ramas que vergavam ao peso das rosetas, e comparara a sua plantação ás que elle vira nas terras roxas de S. Paulo.

Deseendo pela estrada velha em direitura á casa da fazenda, Chico Sabino matutava sobre todo esse passado bonançoso, pesando bem a resolução que o fazia ir agora em busca do patrão. Elle de facto estava mais que aferrado áquellas terras, e muito duro seria ter que recommear a vida em qualquer outro canto, quando já se sentia velho e deseorajado, sem animo para nada. Se a veihice até bem pouco lhe não desnervara a fibra, era tempo comtudo delle não mais pensar em novos commettimentos de derrubadas e plantações.

Mas, tambem, como contiunar no lote affeçoado, se elle agora vivia num desassocego constante, todos os dias ás voltas com o Sacy, que o trazia numa verdadeira perseguição? Elle mesmo se perguntara por vezes de onde poderia vir tanta maldade. Dir-se-ia que o negrinho negaeeiro e atrevido fôra assalariado pelo diabo para inticar com elle e zombar da sua velhice.

Desde a morte da Raymunda, levada seis mezes antes, logo nas primeiras friagens de Junho, por uma pontada no vasio do estomago e muitas golfadas de sangue pela bocea, que começara aquella inferneira, sendo raro o dia em que o Sacy lhe não pregava uma partida. Ainda naquella tarde, mal Chico Sabino fôra cortar uns talos de inhame para dar aos porcos, e já encontrara a casa de pernas para o ar, os seus caearéos em completa desordem. Nem uma só panella da janta que não estivesse emboreada sobre a trempe. Fubá torrado pelo chão e tijellas e peneiras espalhadas por todo eanto. A esteira do girau jogada pela janella sobre uns canteiros de couve, e, o que mais o aborreera, os porcos em liberdade fossando e estraehinando o seu mandioal!

Chico Sabino ainda ehegara a tempo de vêr o endemoninhado que, colhido de surpresa, cabriolou por um despenhadeiro carcavado

entre dois pedrouços e engolfou-se num capão proximo onde começou a gritar, de olhos faulhantes entre o negrume da folhagem: Sacy! Sacy-sapêrê! Sacy-sapêrê!

E dizer que já andava pela quarta vez que isso succedia! O peor era que o esconjurado dera agora para rapinhar o que mais á mão e de melhor encontrava, e depois de uma das suas ultimas visitas, além do prejuizo do tacho de garapa virado e da perda do coriô, cuja gaiola elle achara aberta e vasia, Chico Sabino ainda dera por feita do seu picafumo novo e de umas missangas do oratorio, bordadas por mãos da defunta Raymunda. A continuar assim, só se elle não arredasse pé de casa um só instante. Nem que o diabo vivesse atalaiadamente por allí, mettido em qualquer socavão de pedra, á espera do instante asado para recommear as suas trampoinices.

Era verdade que já em tempos idos, elle, uma outra vez, tinha esbarrado com o Sacy, mas o molecote estradeiro usava então de muito disfarce, cinzando-o quasi sempre pelas costas, e nunca o defrontara a rosto e arremettera contra elle como agora. Depois, ainda o que mais e espantava, era a época do seu apparecimento. Elle sempre conheecera o Sacy como muito arredio, só se deixando vêr nos dias de Agosto e Setembro, pela fumaceira das queimadas, e assim mesmo bem junto aos pontos onde o fogo crepitasse e já ao lusco-fusco, quando o sol, como uma brasa perdida no borralho do céu calliginoso e baixo, canvasava de esturricar as pastagens que calvejavam resequidas e arruivascadas. Diziam que o maligno assim procedia porque passava o tempo todo o fumar, e gostava de ter continuamente entre os dedos um tiçãosinho acceso.

Fôra sempre por tardes dessas que Chico Sabino o avistara das outras vezes, e nunca o vadio se afoitára como agora a fazer-lhe trorellas e cambapés com o sol de fôra, e já nos dias claros e grandes de Dezembro.

O velho colono ainda trazia boa lembrança de uma feita em que o endiabrado lhe pregara um tremendo susto, deixando-o por muito tempo estonteado no meio da estrada, sem poder dar um passo. Elle tinha ido ao moinho trocar um pouco de fubá e a palestra com alguns amigos distrahirá-o da hora, no receio da noite que promettia ser escura. Para mais azar, um estrepe mettido no pé logo na subida do agude, fizera-o perrenguear pelo resto da viagem.

Mal Chico Sabino passara a primeira tronqueira, e ainda estava na estrada larga, antes que os caminhos se estremassem, e elle, fraidejando o morro, alcançasse o ataiho da Natalina, quando, de subito, aproximando-se velozmente, ouviu uma grande tropeada no caminho velho. Seis cavallos muito brancos e muito iguaes, num desenfreio louco, entre nuvens de poeira e faiscas arrancadas das pedras, descalgavam pelo morro abaixo. Cavalleava-os, saltando de garupa em garupa com uma agilidade simiesca, um pretinho de olhos chispantes,

nú em pello, tendo apenas á cabeça uma barretina vermelha. Era o Sacy! Tal a rapidez da scena e o inesperado do encontro, que Chico Sabino ficou pasmadamente grudado ao mesmo ponto, os olhos escancellados, a alma escurvada pelo terror. Quando a cavallhada estava quasi a alcançá-lo e elle já se sentia esmagado, tres dos animaes enqueixaram para um lado e tres para outro, deixando apenas o espaço onde elle permanecia com o coração quasi parado, uma grande secura na garganta. Chico Sabino só dera tento em voltar-se quando a tropa, já de novo emparelhada e sempre no mesmo galopão, pateava para lá da porteira, que para seu maior espanto continuava fechada e ruído algum dera indício de haver sido aberta. O Sacy voltava-se agora para elle e, equilibrando-se na sua unica perninha sobre a anca de um dos animaes, fazia-lhe tregeitos e gaifonas e dava agudos assobios. Mas ainda dessa vez, se o seu susto tinha sido terrivel, comprehendia-se o apparelimento do maligno. Pelo menos era o seu tempo de zanzar e o fogo se alastrava pelos quatro cantos da fazenda.

Certo que bem aborrecia a Chico Sabino ter que proeurar o patrão e falar em mudança logo por esse motivo. Se já muitos colonos novos lhe davam fama de felizeiro e se punham a rir, dizendo que tudo aquillo não passava de malucagem, quando elle lhes contava as perseguições de que vinha sendo victima. Tambem não era para admirar, pois se entre a careamanada que infestava agora a fazenda havia gente até que duvidava da existencia do Todo Poderoso! Elle é que os não podia escutar. Nascido e criado naquelles geraes, habituado desde menino a temer e respeitar os espiritos maus, não era agora, depois de velho, que elle irla renegar as suas crencas.

O filho do fallecido Lopes, um cabra entroncado e dechido, que vivia contando gabolices e imposturando valentias, tambem dizia que tudo isso eram bobagens, até o dia em que dera de cara com o lobis-homem, pegando logo de adoentar-se, muito empalamado, os olhos fundos. E bem cara lhe eustara a ousadia, pois que por cinco longos annos vivera o desgraçado naquelle fado, sempre jururú, o cabellão sem ser torado, uma barbaça grossa no rosto côr de limão, só lhe conseguindo dar um geito certo benzedor sabido, vindo da Barra do Peixe.

O fazendeiro depois de ouvir, entre Incredulo e curioso, as crendices e temores de Chico Sabino, perguntou-lhe se as apparções do Sacy não coincidiam com as suas voltas do armazem. O colono comprehendeu logo onde elle queria chegar e retrueou num protesto sincero:

— Não! Patrãozinho sabe bem que seu preto velho quasi não bebe, e não é com uns tragos de aguardente que a sua cabeça vira. Sacy está lá mesmo e vive a impliar commigo e eu já estou muito perrengue pr'a aguentar as suas partidas. Agora sou sempre forçado a ir pr'a casa dando volta pela estrada velha, pois que o atrevido

está no vezo de me ir esperar no atalho da Natalina. Ainda um destes dias, já quasi noitinha, o esconjurado me esperou de baixo de umas bananeiras, pr'a cima d'aquelle feijão novo, bem junto de uma sapucaia onde os jacús costumam vir dormir, e quando eu ia bem desatento, soltou por uma ribanceira abaixo um pedrão enorme, que veiu arrebentar bem nos meus pés. Ah! patrõesinho! dei um grito tão forte que até senti a campainha me crescer no fundo da garganta! Pois foi tudo obra do Sacy. Mal assumptei, vi um matinho mais adiante a mexer, e o esconjurado poz-se logo a gritar: Saey! Saey-sapêrê! Saey-sapêrê! Eu só queria que meu amo ouvisse como elle copia bem toda a passarinhada. Sabe todos os pios e o melhor caçador ás vezes atrás d'elle perde o dia inteiro. Ora grita de arapouga ou geme como jurity; ora pia iguaisinho ao macueo, ou então chocalha no fundo da mata como um bando de jacús.

E como o fazendeiro desfranzisse os labios num sorriso cheio de bonhomia, elle proseguiu com mais calor:

— Meu amo está riudo porque ainda não topou com elle, nem sabe das suas artimanhas. O negrinho é mesmo astucioso e máu e eu ando muito cheio de rheumatismo pr'a lutar com elle. Ainda se eu tivesse uma arma de fogo qualquer para afugental-o. E' a unica coisa de que o Saey não zomba. Do fio do faeão elle nem dá tento e ainda enfrenta mais assanhado com a gente. Ouvi do fallecto Pontes, que tambem soffreu umas teimas do Saey, que elle só se viu livre do descocado quando deu, durante umas noites seguidas, alguns tiraços para o ar.

— Pois bem, disse o fazendeiro, para pôr termo á lenga-lenga do velho colono, não penses mais em deixar o teu lote, e eu te arranjarei uma espingarda para liquidares esse Sacy tão aborrecido.

— Qual! meu amo! o papouco só serve para metter medo, o negrinho é desabotiuado e tem partes com o Sujo...

Com alguns cartuchos no bolso e a espingarda de dois canos passada ao hombro, lá se foi Chico Sabino morro abaixo, estugando o passo para que a noite não o pegasse no mato garranchento e maranhoso do açude, onde já recruzavam os noitibós, esflorando com as azas erepitantes o aço liso da agua morta, em que boiavam nymphéas.

Chico Sabino vinha mais encorajado e satisfeito com a solução que o patrõesinho soubera dar ao seu caso. Sempre fôra melhor assim. Elle já tinha tanta amizade ao seu recanto. Depois, seria lá possivel que com aquella calibre 16, de precisão, o Sacy, ainda lhe fizesse negaças, se o Pontes apenas com um picapau atôa dera sumiço ao diabo?

Comtudo Chico Sabino, ainda nessa tarde, não quiz experimentar a efficiencia da defesa, e achou melhor dar volta pela estrada larga, em vez de quebrar pelo atalho do Mundo Novo. Ficaria para o dia seguinte o recado á Natalina, a quem elle deveria encommendar, por



ordem do patrão, um cento de balaios para as mudas de café. E' que o maligno, sempre por allí, podia pegal-o desprevenido, e com o favor da noite armar-lhe uma ultima cilada.

Na tarde seguinte, aproveitando uma chuvinha manhosa que o estorvava na replanta, Chico Sabino desceu até a casa de Natalina. Elle mesmo já sentia saudades daquelle pövinho, que agora só via tão de raro em raro. Tambem a sua chegada fôra uma verdadeira festa, os pequenos a gritarem por seu nome mal o avistaram apontando ao longe. Natalina, para não desmentir a sua fama, estava como sempre occupada, e debulhava no terreiro um pouco de milho.

— Foi muito boa a sua vinda até aqui — disse a viuva do Manoel Estevão, emquanto enxotava a cainçalha que tambem reconhecia o velho colono e começava a festejal-o — pois eu já andava com medo de alguma doença, e se o Naco não fosse tão mal mandado, hoje, de manhan, teria ido até lá, saber se havia qualquer novidade. E Natalina aproveitou o ensejo para queixar-se do seu filho mais velho, de dila para dila mais travesso, e em quem ella já não tinha mão.

— Como tio Chico está vendo, elle já não anda por aqui, e assim é o dia inteiro. Quando não está de bodoque matando a passarinhada mluda, vive na beira do brejo, de arapuca armada, atraz dos frangos d'agua. O meu medo é que lhe aconteça uma desgraça nessa vida de vadiação. Alnda hontem, eu soube pelo Manoel Canelro, que elle anda tomando banho no correjo, mesmo no logar mais trancoso, para baixo da corredeira, onde existe um funil e morreu afogado o filho de Minervina.

— E por que uão lhe procura algum trabalho? — disse Chico Sabino. Nessa idade eu já andava no campelo e amalhava muito gado.

— Se eu soubesse que tio Chico tinha ido hontem á fazenda, mandava pedir ao patrão pr'a botal-o de candelero ou tratador de porcos.

Chico Sabino prometeu falar com o administrador na primeira vez que descesse até o Engenho; e depols de ter transmittido o recado sobre os balalos, foi-se despedindo, receloso de umas nuvens negras que se encastellavam no céu cinzento e pesado, prenunciadoras de mais chuva.

A poucos passos de casa, antes de subir a ladeirinha ladeada por uns pés de guando, Chico Sabino ouviu barulho na roça que lhe ficava á esquerda, e mesmo sem lá chegar, poudo vêr que os seus porcos, de novo ás soltas, se deliciavam nos talos tenros de um renque de canna de burro, plantado não fazia muito. Não havia mais duvida. Era uma nova visita do Sacy e o momento asado para a lição.

Sem detença o velho colono encaminhou-se cauteloso para os fundos da casa, a vêr se ainda pegava o esconjurado a tempo de escorraçal-o. Tres ou quatro mamões mal maduros e esborrachados no

chão, ao lado da vara de bambú que os derrubara, confirmavam no terreiro a passagem recente do atrevido.

Chico Sabino enveredou pela cozinha, foi direito ao ponto em que escondera a arma já carregada, e pela janela da frente poz-se a attentar medrosamente para todos os lados. Subito, como uma cotia assustada, sahindo de trás da latada de chuchús, um vulto passara diante dellic, e fôra embetesgar-se entre as folhas largas do inhamai, onde pouco depois elle ouvia, entre silvos e casquinadas, o já muito conhecido: Sacy! Sacy-sapêrê!

Orientado mais pelo som, pois que a sua vista turbida não lhe permittia mira certa ao ponto em que se agitava a' plantação, Chico Sabino levou a arma á cara e papoucou fogo por duas vezes.

Ao retumbo do tiro, em vez do silencio que elle esperava, seguiu-se um grito rascante, e qualquer coisa passou a debater-se entre a folhagem do inhamai.

A tremer, hesitante e atarantado, Chico Sabino abandonou a arma e arrastou-se até aquelle ponto. Entre o inhamai o Sacy estertorava. A carga de chumbo fôra-lhe despejada em pieno rosto e o sangue espumejava dos multiplos ferimentos, que lhe transformavam as feições numa massa informe.

Chico Sabino agachou-se mais, e só muito a custo, arredando a vegetação sombreira, poudo reconhecer a causa de todos os seus tormentos. Era o filho de Natalina, o endiabrado Naco, que alli estava, já quasi sem vida, a escabujar e contorcer-se. De mistura ao sangue empocado, o pequeno, ainda trazia, atado á cabeça, um farrapo de baeta vermelha, á guiza do gorro imprescindivel ás trampolinceas do Sacy, conforme as narrações que lhe fizera o velho colono e seu assassino involuntario.

E Chico Sabino ficou em vão a clamar por soccorro, emquanto as lagrimas lhe desciam pela face enrugada, e o éco de sua voz se perdia no horizonte distante e collinoso, onde a lua, como uma grande caçoula de prata, muito branca e redonda, começava a subir...

Rio — Junho, 1917.

SERGIO ESPINOLA.

O "SALÃO" DE 1917

Está aberta no Rio a 24.^a exposição geral de Bellas-Artes, ou o "salon", como chamam elles. O que se nunca abre apesar das vinte e tres apperientes exposições anteriores é o appetite do publico para estas coisas de arte. Quero dizer na minha que, como as outras, a exposição deste anno está ás moscas. Em plena avenida, ponto forçado da perambulagem calaceira de toda a capital, só penetram nas galerias da Escola os mnrurios da rua, poeira d'asphalto, fonfonadas. Os porteiros das 10 ás 5, ou 17 como querem elles, cabeceiam somnecas succulentas, diante dos talões de entradas que se vendem pior do que literatura poetica.

Nas cidadesinhas da roça, á via mais deserta chama o povo "rua do Vae Um"; e é bem apanhado, porque raro são vistos nella mais de um transeunte, bipede ou cão vadio. Lembram taes ruas os "salões" annuaes do "Entra Um" da Escola. Esse "um" perdido pela vastidão das galerias, em namoro ante certos quadros, é de ordinario... o seu proprio autor. Perto dalli, no emtanto, a gomma alta do Rio disputa a chnçadas de cotovelo cadeiras de cinema para emparvecer o olho ante as caretas trnculentas do Judex. Não é, pois, causa da deserção a pratinha do ingresso, como se afigura a alguem. E' pouco caso, e dos legitimos. A razão da decadencia das artes entre nós engalha nisso. Impossivel desenvolver-se alguma em tal ambiente de indifferentismo. Sem raizame fincãdo no seio ubero do povo toda arte, além de superfetação teratologica, é artificialismo suffocador das vocações melho-



res, e criador por moção polar, de virgilices larapias. A' falta do sadio estímulo popular, cresce e viça um tortulho venenoso: a "cavação" perante governos, com disputa feroz das boas graças duns Mecenas de 160 réis, paes d'arte e tutores de artistas, á custa de cuja profissão lá vão formando ricas collecções baratinhas. Ha ainda os 300 de Gedeão, que compram télas; mas estes 300, averiguou-se já, não passam de 30, se lá chegarem. Dedicar-se uma criatura ás artes em terra assim é perpetrar heroísmo tangencial á loucura: heroísmo maior que o dos guerreiros a esta hora emminhocados na terra de periscopio no olho, loucura igual á de poetas que esperem da Bolsa cotação para rimas.

E como é assim, os noventa por cem das energias vitales de um artista dispende-os elle na reacção contra os gazes asphyxiantes da indifferença publica ou estupidez mecénica, sobejando apenas dez para consumo na extenuante elaboração esthetica.

No Imperio contrabatia esta vacuidade das massas o insubstituível Pedro II, cujo bem querer ás artes ligado á comprehensiva intelligencia de que as não ha sem artistas bem defendidos das asperezas da vida, levou a pintura e a musica, sobre todas, a um grau de esplendor que envergonharia a actualidade, se a actualidade fosse susceptível de tal fraqueza.

A galeria da Escola traz bem patentes os productos da protecção governamental pre e pós ao Quinze de Novembro. Pre, é Pedro Americo de Figueiredo com a Batalha d'Avahy. Pós, é Aurelio com o Baile da Ilha Fiscal.

Nos ominosos tempos é o genio levado ao pleno desabotoar de todas as forças ingenitas e como sequencia o enriquecimento do paiz com obras primas daquelle jaez. Após á "integração republicana da America", é a *cavação* em grande, é a obstrucção, com o dispendio de 60 contos, dos 20 ou 30 deliciosos metros quadrados de parede núa que a famigerada "machina"... infernal de Aurelio atravanca. Banido do paiz o elemento Pedro II, que agia cataliticamente por acção da presença, e posto em logar d'elle o vacuo democratico duns imperantes de chinellas, quadriennaes no tempo, e mais ou



173



R. AMOEDO: EROS E A NOITE

172



173



LUCILIO DE ALBUQUERQUE: RETRATO

128



menos quadrados no espaço, o nível da arte cahiu de par com o cambio, o credito, o brio e todas as mais coisas que cáem, passando ella a viver de expedientes, fallida como o thesouro, apesar de apalaçados ambos, arte e thesouro, sumptuosamente. Eis porque, cá na minha, o quadro mais notavel deste anno é um não exposto nem nesta, nem nas exposições anteriores, porém resaltante á vista como o que mais o é. Quadro de colaboração, desconsolador até alli, a um tempo tragico e pica-ro: "Apollo de tanga "cavando" pão á porta do seu palacio". Dada esta montanha de precalços o que a 24.^a exposição revela significa tanto que dá impetos de pedir-se a berros o medalhamento de todos os expositores por acto de inaudito heroismo. Ou isso ou a internação delles num manicomio.

* * *

Dos novos é Pêdro Bruno o que melhores cópias dá de si. Expõe um Iokanaan, vulgarmente João, em triptico, onde o estafadissimo thema dos appetites hystericos da Salomé des-envolve-se com muito arrojo de interpretação, num ambiente nocturno de singular verdade, com largueza de technica e muita harmonia. Esse e os mais trabalhos do autor, paisagens ou composições idealistas, erguem Bruno a uma plana de nido destaque na cohorte dos novos. E' dos que pedem á pintura expressão de sentimentos e de idéas, e não a exclusiva estampa-ria photo-chromica de bananas e paisagens bonitinhas, vasia de sentido. Em "Flamboyants", "Prenuncios. de tempestade", "Volta á casa", e nos mais, ha sempre a preocupação de interpretar um estado d'álma ou delle ou da natureza, n'alguns optimamente conseguido.

Raymundo Cela é outro nome que apparece. Traz uma tēla de vulto: Ultimo dialogo de Socrates. A mania de sair do presente comprehensivel, e mergulhar em mundos mortos, como o grego, é uma balda velha da Escola, que não perceberá nunca o absurdo contido nisso, diante da moderna concepção da arte. Como póde um menino do Ceará, transplantado para o Rio, e que não é um hellenologo com 50

annos de estudo, como pôde, essa modernissima e brasileirissima criatura interpretar com sua alma virgem de philosphias, uma scena do seculo de Pericles? Fará artificialismo puro, está claro, a custa de reminiscencias visuaes. E dos professores que lhe escolheram ou aconselharam tal thema haverá um conhecedor do grego, affeito a confabular com a legião dos sophistas, e, em consequencia desse convivio mental, capaz de ouvir e entender Socrates? e de o pôr decentemente em téla a dialogar? Não obstante Cela denuncia-se com boas qualidades de arranjador, e boa technica, sobretudo nas figuras secundarias, já que na principal deu cara de Elixir de Nogueira ao philosopho e pannejou-o pesadamente.

Carlos Oswaldo, talento cheio de personalidade e já senhor de maneira propria, expõe 14 télas nas quaes dá largas á sua paixão pelos effeitos de luz artificial, cahindo até num loie-fullerismo pictural provocador de commentarios taes como *trop chiqué* e outros da familia. E' muito elegante, e muito amigo de elegancias femininas.

Na paisagem destaca-se Edgard Parreiras com a "Restinga", que é talvez a mais suggestiva paisagem exposta este anno. A luz, o mormaço, a transparencia do ar, dá-os elle com rara felicidade; a verdade do ambiente empolga o espectador e puxa-lhe da glotte exclamações.

Tambem Paulo do Valle apresenta formosa téla — Pau d'alho —, feita com desempeno de mestre, alto senso decorativo, optima de tóns e optima de luminosidade.

Gotuzzo é outro nome que se vaè impondo. Largueza de mão, elegancia de pincel, expressão e outros traços valiosos resaltam das télas que traz á mais ligeira inspecção. Em agua-forte expõe duas phases diversas do mesmo estudo de nú que valem por si sós muita téla de avantajadas dimensões.

Gastão Formenti dá uma "Tarde no Leblon" digna de menção pela frescura das tintas e excellencia do céu.

Helios Seelinger expõe apenas "Dansa Macabra", scena de sabbat onde espinoteiam bruxas de Goethe, e toda a fauna demoniaca do Hartz, esbatidas do rubro fogo do inferno, movimentadissimas, e "Sonho de Cabral", fantasia marinha bas-



181



EDGARD PARREIRAS: RESTINGA



R. CELA: ULTIMO DIA DE SOCRATES

1882

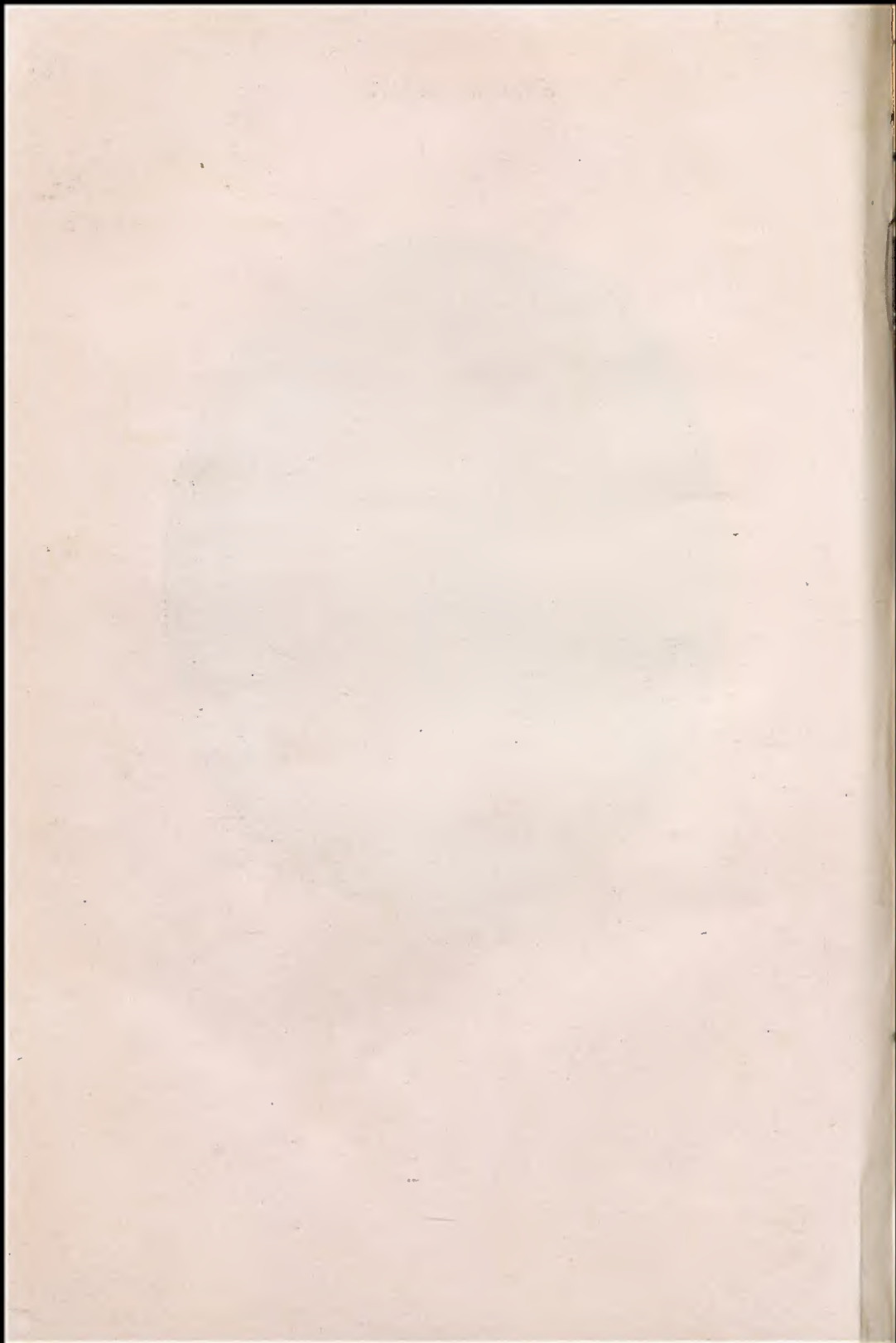


O "SALÃO" DE 1917

183



R. CHAMBELLAND: VAIDOSA



tante suggestiva. Ambas typicas, filhas legitimas da sua poderosa veia phantasmagorica, ambas excellentes, não destôa nenhuma da originalissima obra anterior desse artista hoffmanico, unico entre nós.

Já Capplonch surge com dois esboços feitos a lacre vermelho — a Guerra e o Trabalho — com revoadas de morcegos, guerreiros truculentos, capacitados á alleman, conseguindo dar a impressão de um Helios aptero. Cumpre-lhe ganhar azas no futuro certamen, expondo o desenvolvimento destes esboços em télas rehabilitadoras.

Correia Dias: está aqui um notabilissimo artista que infelizmente só apresenta um painel decorativo — Sancho e D. Quixote — estylisados com maravilhoso senso decorativo. Insufficiente que é o exposto para avaliar da sua arte, entretanto, como *ex digito gigans*, vê-se delle que figura culminante é C. D. no genero, e o é aqui como o será em qualquer requintado centro artistico onde com tal arte se apresente.

R. Mendes expõe um bom pastei discretamente desenhado e bastante rico de luzes.

L. Ribeiro, velho marinista, dá o "Oregon e o Iowa entrando no Rio", figurando o lance com muita minuciosidade, nada moderno na technica, antes usando uma das mais fóra da moda, sincerissima, porém, e honestissima.

Innumeros outros novos apresentam trabalhos denunciadores de boas qualidades innatas ou adquiridas como Christophe, Widhopff, Dutra, que expõe um pescador á linha de grandes dimensões, Migueis, etc., mas não ha tempo de falar delles visto como os mestres estão ahi superciliosos já. E' Amoedo quem dentre elles dá o melhor trabalho. Pensou assim e não pensou mal o Jury, condecorando esse quadro com a medalha de honra. "Eros e a noite", embora não possua o encanto indefinivel de certas télas anteriores de Amoedo, como a Partida de Jacob, inda é indiscutivelmente um quadro de mestre. A. Parreiras expõe uma grande paisagem bem á sua maneira, mas que não desthronisa nenhuma das suas boas paisagens d'outr'ora. R. Chambelland exhibe na sua "Vaidosa" gentil

attestado do que ha de mimoso e leve no seu pincel, amigo de elegancias e maciezas.

• Lucilio trouxe para o salão uma t ela de vulto, tirada do thema anchietino, tanto de sua predilec ao — Catechese — onde se vê o evangelizador das selvas, em attitude extatica; no meio de uma theoria de coroinhas coromins, afundando pelo mato em demanda do gentio conversivel. E' um bom quadro, embora resentido da pressa com que foi levado a termo.

João Baptista expõe retratos e paisagens, tudo escrupulosamente pintado, tão escrupulosamente pintado que nos verte no espirito a duvida: se o escrupulo excessivo da verdade absoluta não é mais nocivo à arte do que um tal qual desvio para o maneirismo, por onde se denuncie que o pintor tem mais alma, sentimento e temperamento do que uma Zeiss anastigmatica.

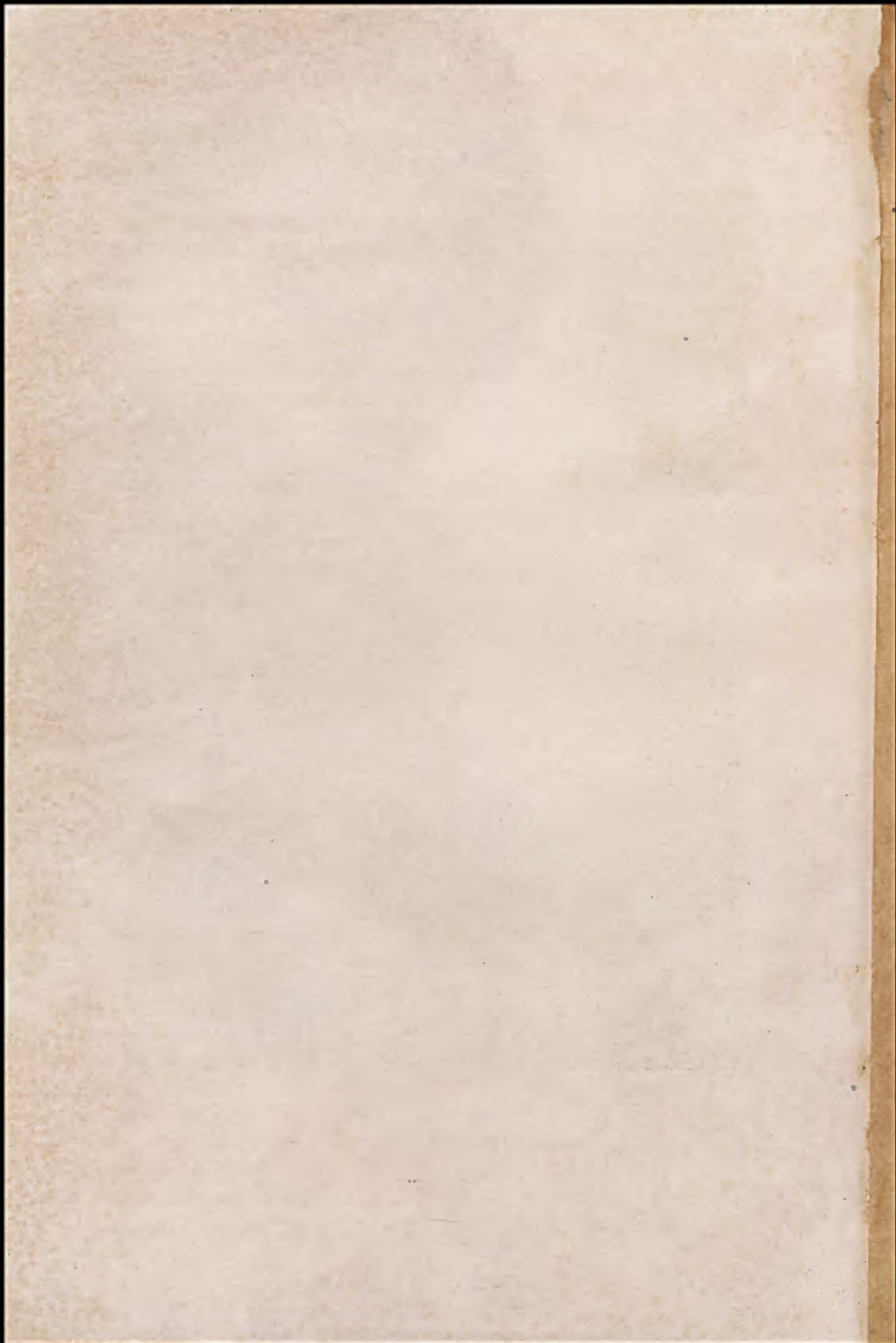
Quod abundat non nocet, diz um latim glot ao, contrabastido por outro mais intelligente: *est modus in rebus*. E para aqui a contribui ao dos mestres. Agora, às mulheres. Antes, porém, uma esta osinha diante do Petit. Um quadro ha em certa sala que prende a attenc ao de todo o mundo, e depois de prendida a attenc ao solta o riso. De longe figura uma rosea barata descascada. De perto continua a ser uma descascadissima barata. A quem procure no Catalogo a classificac ao entomologica "daquillo" deparar-se-à esta solu ao: Feliz sorte, estudo de nó. Fica a gente sabedor de que o insecto é uma nudez feminina e por sobre isto uma feliz sorte. Mas será feliz sorte a do curioso que logrou desentranhar o x do enigma, ou a do pintor que já tem na t ela um cartão com o saboroso "adquirido"? G orog ot o, galhetas!...

Além dessa ha pelas paredes mais dezenove *petitoiseries* apaisajadas, qual dellas mais *chic*, com arvores e aguas e ceus o que ha de catinhas, coisa de arripiar de entusiasmo as bossas estheticas de meio Meyer e toda a Cascadura.

Que Augusto Petit pinte assim, está direito; a arte é um canto da natureza visto através dum temperamento. Se o temperamento de Petit é armado de prismas que arredondam arvores, envernizam aguas, esmaltam carnes, descascam bara-



A. DUTRA: PESCANDO



tas, é logico saia da sua palheta a chromolithographia de folhinha tão grata ao paladar menineiro de Maxambouba. Mas que uma victima daltonica desse temperamento seja membro do Jury, e dê voz no julgamento das innumeradas obras expostas é acrobatica comprehensivel na terra onde Zago estagoo parques; no Rio é forte. Pede brado d'alerta. Como vóa Petit a taes cumêadas, se é positivamente aptero? Será pirraça á Allemanha pelo facto mirifico de ser o homem natural de France, como sôa binocularmente o Catalogo, e ter tido por mestre a Eugenio Nesle, e haver-se medalhado a ouro de 3.^a classe (ha de ser *plaquet* este ouro de terceira) na exposiçãõ de 98? Altos segredos d'Appollo!...

Senhoras, senhoritas e *madames*. Ha-as copiosas, 22 ao todo. Destacam-se: D. Georgina d'Albuquerque, já muito senhora da sua arte, amiga de pintar interiores aos quaes dá notavel equilibrio de ambiente e onde figuras bem trabalhadas pousam á vântade como *chez soi*; D. Regina Veiga, que traz dois bons retratos cujo peccado unico reside nas mãos; D. Adelaide Lopes, com um pastel de feliz carnaçãõ; e D. Julieta Bicalho, com uma paisagem joãobaptistina onde aliás vê o publico mais sentimento que nas do seu mestre, convisinhas.

A sra. A. Prados afouta-se a dois núsões de truz, uma Dalila cõr de panaricio, e um outro nú de fogo, capplonchico. Beatriz de Camargo sempre a mesma, sincera e conscenciosa.

Fica intercalada aqui uma palavra sobre os "Immigrantes" de Rocco, que nos iam escapando. São bem immigrantes aquellas figuras, surrados da vida e da viagem, com todo o passado de miseria negra estampado no physico e na quebreira da alma. E' um quadro bom sem ser bello. O autor seguiu o preceito de Dürer: toda preocupação de belleza é nociva á arte.

Na pauperrima secçãõ de esculptura Francisco Andrade impõe-se com um "Narciso" bem modelado e superiormente pousado, dando ainda um bello baixo relevo digno de muito louvor, "Descoberta da America". Cavina tem a "Flór da Mata", nú feminino e "nacional", uma cabocla lascivamente reclinada; e Modestino Kanto expõe "Alma torturada" onde

ha qualidades, como se diz em gyria. Mazzuchelli dá um grupo em gesso, "Em defesa" bem movimentado. O resto, é o resto. A architectura entra na exposição deste anno com trabalhos de Sironi, Berna e Dubugras, não apresentando nada de novo.

Em medalhas, as medalhas do costume. E é só.

Numericamente consta o certamen de 225 obras de pintura, 19 de esculptura, 13 de architectura, 3 de gravura, afóra 22 medalhas, gravuras em pedras, gesso e cêra. Seria pouco no Panamá, nos Estados Unidos da Colombia ou n'outro qualquer paiz de intensa população. Cá nos nossos Estados Unidos é, indubitavelmente, muito. Não esqueçamos que somos um paiz de apenas 30 milhões de habitantes, e muito novo, tão novo como o U. S. A.

Setembro, 1917.

MONTEIRO LOBATO.

LIVROS...

VICENTE DE CARVALHO —
Poemas e canções — 3.^a edição.

Quando se enumeram os grandes poetas que apareceram entre nós no ultimo quartel do seculo passado, cita-se Alberto de Oliveira, cita-se Raymundo Correia, cita-se Olavo Bilac. E' a trindade glorioza. Justamente glorioza.

No entanto, ha nela uma injustiça. Por que não se aponta, poeta da mesma geração e de igual valor, Vicente de Carvalho?

A designação de "trindade" não se oporia á entrada de mais um nome, mau grado todos os protestos possiveis da matemática. A Santissima Trindade catolica comporta, de fato, quatro membros, porque a Virjem Maria está tão inteiramente associada aos outros trez, que é impossivel separa-la. E, si essa afirmação relijioza repugna a alguém, pode lembrar-se que os famosos Trez Mosqueteiros de Alexandre Dumas eram quatro. Nada obsta, portanto, a que a trindade glorioza da poezia contemporanea brasileira tenha mais um nome...

Sem duvida, a produção de Vicente de Carvalho não tem sido tão abundante como a de Alberto de Oliveira e de Olavo Bilac. Mas a questão não deve ser de quantidade. E, de mais a mais, mesmo pela quantidade, Vicente de Carvalho snpera Raymundo Correia.

O que eauza o esquecimento habitual do grande poeta paulista é exatamente isso: ser paulista, ter vivido sempre fóra da antiga Córte.



É certo que se fala de grandes poetas, cuja vida se escoou principalmente longe da capital: Gonçalves Dias, Castro Alves e outros. Mas isso se passava num tempo em que o Maranhão, Recife, a Baía e mesmo S. Paulo eram brilhantes focos intelectuais. Depois, pouco a pouco, a centralização se foi fazendo e a Capital acabou por ser a dispensadôra unica das grandes famas literarias.

D'aí a profunda injustiça que tem pezado sobre Vicente de Carvalho.

Contra ele, ha ainda outra couza: é que o publico não gosta das atividades muito dispersas. O publico prefere os especialistas. Alberto de Oliveira e Bilac estão nesse caso: são poetas poetantes, que se ocupam quazi exclusivamente de poezia. Ou si não é, de todo, assim, a verdade é que, fazendo embora outras couzas, só solieitam do publico a sua atenção para aquela especie de atividade literaria.

Vicente de Carvalho fez politica, pugnou por certas soluções economicas de problemas industriais, escreveu sobre couzas juridieas... O publico se perde diante dessas manifestações de ordem diversa. E, como lhe falta tempo e competencia para fazer uma justa classificação dessas varias atividades, prefere deixar de lado a questão.

É interessante notar que a psicolojia moderna estabeleceu, de um modo positivo, que a invenção poetica é da mesma natureza da invenção científica ou industrial. Ribot, Paulhan e varios outros autôres firmaram isso de um modo irrefutavel. Leonardo da Vinci pintor, poeta e inventor científico, é um tipo normal. Normal é tambem um Goethe, exercendo todas essas formas de alta cultura e deixando de sua passagem vestijios tão brilhantes nas ciencias fizicas e naturais, como na poezia e no romance.

Vicente de Carvalho é um desses largos espiritos compreensivos. E sua atividade tem tanto de vasta como de bem equilibrada. Sua poezia tem todas as notas, sem que nenhuma delas seja excessiva.

Como os grandes líricos, ele canta os dois temas essenciaes da poezia: o amor e a natureza.



Um eriteio observou com razão que ha uma profunda diferença entre o amor que exalta Olavo Bilae e o que inspira Vicente de Carvalho. O primeiro é essencialmente sensual. O segundo é mais puro, mais idealista.

Não ha neste reparo indieação alguma de superioridade de qualquer das duas formas de inspiração. Ambas são igualmente lejitimas. E afinal ambas são a mesma couza: o amor muito puro é um amor que se engana a si mesmo ou que nos quer enganar...

Vicente de Carvalho é o primeiro a confessa-lo neste admiravel soneto:

Alma serena e casta, que eu persigo
Com o meu sonho de amor e de pecado,
Abençoado seja, abençoado
O rigor que te salva e é meu castigo.

Assim desvies sempre do meu lado
Os teus olhos; nem ouças o que eu digo;
E assim possa morrer, morrer comigo,
Este amor criminozo e eondemnado.

Sê sempre pura! Eu com denodo enjeito
Uma ventura obtida com teu dano,
Bem meu que de teus males fôsse feito".

Assim penso, assim quero, assim me engano...
Como si não sentisse que em meu peito
Pulsa o eovarde coração humano.

Qui veut faire l'ange fait la bête — disse Pascal. Mesmo os poetas, que escrevem versos mais cheios de um platonismo ideal, não deixam de notar essa contradicção entre a sua inteligencia e os seus sentidos. Eles sentem bem que, embora cantem purezas ideais, o que dezejam não é assim tão inteiramente puro...

Aluizio de Azevedo, que aliás bem poucos versos fez, deixou um soneto que, sob uma forma inteiramente diversa da de Vicente de Carvalho, exprime exactamente o mesmo sentimento:

Calcula, minha amiga, que tortura!
 Amo-te muito e muito, e, todavia,
 Preferira morrer a ver-te um dia
 Merecer o labéu de esposa impura!

Que te não entorneça esta loucura,
 Que te não mova nunca esta agonia,
 Que eu muito soffra porque és casta e pura,
 Que, se o não fôras, quanto eu soffreria!

Ah! Quanto eu soffreria si alegrasses
 Com teus beijos de amor, meus labios tristes,
 Com teus beijos de amor, as minhas faees!

Persiste na moral em que persistes.
 Ah! Quanto eu soffreria se peecasses,
 Mas quauto soffro mais porque resistes!

Nos dois cazos, Aluizio e Vicente de Carvalho lutavam entre a admiração pela pureza da mulher amada e o desejo da posse. Haraucourt dizia:

Oh! sache résister lorsque je te supplie!
 Demeure austèrement sans oreille et sans yeux!
 Divinité, que j'ai si longtemps embelle,
 ne me dépeuple pas les eleux!

Mas esse é um outro sentimento, tambem cantado por muitos poetas. Eles sabem que, depois da posse, virá rapidamente a saciedade. Antes ainda de terem obtido o que tanto cubiçam, já prevcem a tristeza do abandono, do enfartamento futuro. O que hoje lhes parece um ideal amanhã lhes parecerá uma mácula:

Não seres tu de marmore dourado,
 não seres tu de alabastrina eëra,
 que, ao vêr-te assim, contente, adormeeëra
 n'um extasi supremo arrebatado.

E sair do teu seio o resplendor
 d'essas visões de arableo propheta!...
 E eu a sentir o coração poeta!...
 e o meu corpo a sentir-se peceador!

E pensar eu que em dias de ventura
te hei-de cobrir de beijos anhelante
e embalar-me na tua formosura...
Antes tu fosses morta, minha amante!

Destas trez quadras, sem grande valor, do velho poeta português Souza Viterbo a melhor confissão é a daquele distico, que podia servir de epigrafe aos sonetos de Vicente de Carvalho e Aluizio de Azevedo:

E eu a sentir o coração poeta,
e o meu corpo a sentir-se peeador!

Ha em certas composições de Vicente de Carvalho um me-neio de verso absolutamente camoneano. No segundo soneto do volume, isso foi feito expressa e confessadamente:

Eu cantarei de amor tão fortemente
Com tal celeuma e com tamanhos brados
Que afinal teus ouvidos, dominados,
Hão de á força escutar quanto eu sustente.

Quero que meu amor se te apresente
— Não andrajozo e mendigando agrados,
Mas tal como é: rizonho e sem euidados,
Muito de altivo, um tanto de insolente.

Nem ele mais a dezejar se atreve
Do que mereee: eu te amo, e o meu dezejo
Apenas cobra um bem que se me deve.

Clamo, e não gemo; avanço, e não rastejo;
E vou de olhos enxutos e alma leve
A' galharda conquista do teu beijo.

Mais adiante encontra-se, porém, outro, da mesma feição, onde o propózito talvez não tenha existido:

Não me culpeis a mim de amar-vos tanto
Mas a vós mesma, e á vossa formozura:
Que, si vos aborreee, me tortura
Ver-me cativo assim de vosso encanto.



Enfadai-vos. Pareee-vos que, emquanto
 Meu amor se lastima, vos censura:
 Mas, sendo vós comigo aspera e dura,
 Que eu por mim brade aos ceus não cauza espanto.

Si me quereis diverso do que agora
 Eu sou, mudai; mudai vós mesma, pois
 Idó o rigor que em vosso peito mora,

A mudança será para nós dois:
 E então podereis ver, minha senhora,
 Que eu sou quem sou por serdes vós quem sois.

Os versos de amor de Vicente de Carvalho são todos nessa
 nota meiga, suave, delicada, tão sem violencias como sem pie-
 guices:

Vaes-te, a sorrir... Que mais queres?
 Fíco, a lembrar... Que mais posso?
 Levas tudo que era nosso:
 Tua moeidade em fior...
 Pois que te vais tão contente
 E me deixas tão sem nada,
 Feliz de ti, minha amada!
 Coitado de nosso amor!

Mas tu, que partes sorrindo,
 Talvez algum dia, quando
 Voltares, voltas echorando
 Tua moeidade em flôr...
 Que encontrarás, quando voltes?
 Talvez poueo... Talvez nada...
 Pobre de ti, minha amada!
 Coitado de nosso amor!

Mas si Vicente de Carvalho tem a nota comovida, tambem
 tem a ironica. Mais de uma vez, ele lembra a inspiração de
 Henrique Heine nos famosos numeros do *Intermezzo*. Inspira-
 ção de ironias e gracejos, alguns dos quais bem amargos.

Na *Arte de Amar* o poeta dá, sorrindo, este conselho:



Pois tua linda amante,
 Finje que te ama — dá-te parabens,
 Declara-te feliz, e sê galante:
 O seu amor que tu não tens
 Que falta faz?
 Melhor do que possuir o amor sempre ezijente
 De uma mulher que, além de ser amada, é bela,
 Mais vale á gente
 Viver eom ela
 Em paz.

Engana-te ela e finge que és amado?
 Engana-a tu tambem
 Finjindo-te enganado:
 Vivendo assim perfeitamente bem
 Os dois,
 Ponpar-te-ás a quanto, injusta ou justa,
 Uma seena de elume sempre eusta
 Depois...

Os conselhos desta ordem nunea são sineeros. Mesmo os que parecem menos ciumentos sempre quereriam saber a verdade verdadeira. Punje um espinho sob tais ironias:

Seja finjido embora o teu agrado,
 Agrada-me! Os teus modos infantis
 Me dão a idéa de que sou amado.
 Naceste atriz... E's boa atriz...
 Chóras?... Isso me deixa consolado
 Do que fui, do que fiz.

Só mesmo o amor bestialmente sensual poderia eserever eom sineeridade o verso de Mauriee Bouchor:

Et je bois eomme un antre à la souree d'amour.

Ha nas poezias de Vicente de Carvalho numerozos exemplos dessas pequenas e harmoniozas formulas, nas quais se condensam grandes pensamentos em poucas palavras:



Só a leve esperança, em toda a vida,
 distarça a pena de viver, mais nada;
 nem é mais a existência rezumida,
 que uma grande esperança malograda.

Sê rezignada: a rozeira
 que mais viça e mais prospera
 dá rozas na primavera
 e espinhos a vida inteira...

Vida, que és o dia de hoje,
 O bem que de ti se aleança
 Ou passa porque nós foje,
 Ou passa porque nos eança.

Ainda mesmo quando oeorre
 Na vida das mais felizes,
 O prazer floresce, e morre,
 A magua deita raizes.

Tem allecees de arcia
 O que constróes cada dia,
 Vida que eorres tão cheia
 Para a morte tão vazia,

Haverá queixa mais justa
 Que a do feliz que se queixa?
 Ai, o bem que menos custa
 Custa a saudade que deixa.

Que é a morte, afinal, que tanto horror mereee?
 — Mais um degrau da esçada
 por onde eternamente a vida sobe e deee
 do nada para o nada...

E poder-se-ia fazer toda uma antolojia destas pequenas joias.
 Vicenté de Carvalho, como aliaz Bilac e Alberto, atravessou o periodo, que se pode chamar de demencia simbolista, sem sofrer o menor contajio desse mal. E de que o mal foi forte se tem uma prova, pensando que ele chegou a atacar o extraordinario poeta portuguez Guerra Junqueiro.



Certa vez, Junqueiro afirmou que *Os simples* eram o seu volume predileto. Isso fornece uma nova prova de que os pais preferem em geral o filho mais doente, mais fraco. Exatamente porque esse volume foi, de certo, o que lhe custou mais a fazer, Junqueiro guardou a impressão de que era o melhor. Mas a demonstração de que ele não foi sincero está nas suas produções posteriores.

De fato, *Os simples* representavam uma mudança completa da estética de Guerra Junqueiro. Si elle tivesse sofrido essa transformação profunda e viceral, não poderia voltar atrás, não poderia mais achar beleza na sua forma antiga de poetar. E, no entanto, foi depois dos *Simples* que ele escreveu tantas outras poezias no seu modo antigo. Escreveu entre muitas aquela joia de poesia portugueza, que é a *Oração á luz*.

A robusta saúde mental dos nossos grandes poetas escapou á molestia simbolista.

Vicente de Carvalho, quando canta a natureza, o que nela vê de mais belo é o mar. O mar constitui para ele uma obsessão. Aparece em breves aluzões, aqui e ali, no meio de outras poezias e é todo o assumto de muitas delas.

A primeira desse genero, no volume chama-se *Sujestões do Crepusculo*, longa poesia, que começa por esta quadra delicioza:

Ao pôr do sol, pela tristeza
da meia luz crepuscular,
tem a toada de uma reza
a voz do mar.

Mais adiante ha *No Mar Largo*:

De todo o ceu luminoso
sobre todo o escuro mar
dece o alvor silenciozo
do luar...

E o mar, sob a triste alvura
deste lívido sudario,
ermo e vago, se afigura
mais vago, mais solitario...

A seguir ha *A Ternura do Mar*, onde ainda uma vez o poeta evoca a beleza das noites de luar no oceano:

Na quietação da noite apenas tumultua,
quebrada de onda em onda, a voz brusca do mar:
corta o silencio, ajita o socêgo, flutua
e espalha-se ao luar...

E ha enfim no volume a poezia, que é uma das mais fortes de todo ele, intitulada *Palavras ao Mar*.

Si Banville soubesse portuguez e pudesse lêr as admiraveis estrofes desta ultima, verificaria o erro da sua teoria. De fato, o celebre poeta francez sustentou que a *rima* é a unica parte importante da poezia. E precisamente *As Palavras ao mar* são em versos brancos.

Bauville dizia: "a imaginação da Rima é, entre todas, a qualidade que constitui o poeta." E mais adiante: "*não se ouve num versô sinão a palavra que está na rima* e essa palavra é a unica que trabalha a produzir o efeito dezejado pelo poeta. O papel das outras palavras contidas no verso, limita-se a não contrariar o efeito da que rima e a bem se harmonizar com ela, formando resonancias variadas entre si, mas dá mesma côr geral."

Quem conhece, sobretudo no portuguez e no italiano, tantas poezias sem rima e, apesar disso, admiraveis, verifica logo a falsidade da afirmação do autor das *Odes funambuleseas*. *As Palavras ao Mar* não são em nada inferiores ao *Cantico do Calvário*, tambem em versos brancos, de Fagundes Varella.

Quando se estuda o que se pode chamar a *psieolojia profissional do poeta*, vê-se que a sua característica é a de pensar por frases ritmadas. *Ritmadas* e não *rimadas*. O essencial na poezia é o ritmo, de que a rima constitue apenas um accessorio, um meio de acentuação, — ntil, mas dispensavel.

Todos nós pensamos por meio de palavras. Alguns as articulam, outros as ouvem, outros as vêem escritas: são os tipos motores, auditivos, vizuais. Em regra, porém, essas palavras obedecem apenas a um ritmo muito vago. Já se tem provado que mesmo os prozadôres guardam na sua proza uma certa cadencia, que, até certo ponto, se pode exprimir em relações

numéricas. Mas essa cadencia não tem a fixidez do verso, cujo numero de sílabas á contado, cujos acentos tonicos são regularmente distribuidos.

A orijinalidade psicologica de quem faz versos está em pensar por meio de frases com esse numero certo de sílabas e essa distribuição regular de acentos.

O problema psicologico da rima não deixa tambem de ser interessante: é um cazo especial da associação de ideias por semelhança: *por semelhança das palavras que as traduzem*. Ha, no espirito do poeta que faz versos rimados, este problema a rezolver: "*Dada uma ideia, que se exprime por certa palavra, associa-la a outras ideias, que se exprimam por palavras de som identico.*"

E' incontestavelmente importante; mas não chega a ser nem essencial, nem mesmo, como queria Banville, o caracteristico supremo da poezia.

Sua teoria absurda suprimiria toda a poezia latina, que não uzava a rima. Mas a mais triste demonstração de inanidade dessa doutrina está em que o velho poeta, que publicou mais de vinte volumes admiravelmente rimados, morreu apenas ha 27 anos e é quazi como si, nunca tivesse vivido... Está caído no mais justo esquecimento.

A rima tem aliaz muito maior importancia em francez do que no portuguez ou no italiano, linguas mais harmoniozas, onde ha menos abundancia de palavras agudas e existem as palavras exdrúxulas, que o francez desconhece.

Como quer que seja, *As Palavras ao Mar* são uma das mais belas poezias da lingua portugueza. Desde a sua primeira estrofe ela se impõe pela força da sua inspiração:

Mar, belo mar selvajem
 Das nossas praias solitarias! Tigre
 A que as brizas da terra o sono embalam,
 A que o vento do largo erriça o pêlo!
 Junto da espuma com que as praias bordas,
 Pelo marulho acalentada, á sombra
 Das palmeiras que arfando se debruçam
 Na beirada das ondas — a minha alma
 Abriu-se para a vida como se abre
 A flôr da murta para o sol do estio."

Um estudo completo de Vicente de Carvalho comportaria também o do seu talento de narrador. E disso haveria um documento extraordinário no poema *Fujindo ao cativo*. E' aí que estão estes versos:

E Mães, a agonizar de fome e de cansaço,
levam com o coração mais do que com o braço
os filhos pequeninos.

Os *Poemas e Canções* fecham com o poema *Rosa, rosa de amor*... Por si só, ele bastaria para fazer a reputação de um poeta. De um grande poeta.

Vicente de Carvalho tem assim todas as notas da poesia: a exaltação lírica ao amor e á natureza: ao amor, sob uma forma geralmente elevada e pura; á natureza, principalmente como cantor do mar; — tem a ironia e o humorismo; tem a ciência da narração; maneja todos os metros e vai do verso rimado ao verso branco, sempre com a mesma perfeição o mesmo sereno equilibrio de um poeta absolutamente senhor da sua arte.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE



ALGUNS NOVOS DO RIO GRANDE DO SUL

Em nenhum periodo da nossa historia litteraria, desde o bom padre Anchieta e do insulso Bento Teixeira Pinto até o mais ignorado plumitivo de quinze annos que a estas horas anda a brincar com a lyra, em nenhuma phase da nossa cultura houve maior cõpia de litteratos, de poetas e prosadores, de romaneistas e de criticos, do que nos dias que correm.

Por toda esta Amazonia vastissima, de norte a sul, uma enorme multidão de "novos", cheios de confiança no futuro e indifferentes quasi todos — é o que lhes vale — á popularidade facil, trabalha e pensa, medita e sonha, cada qual com a imaginação com que o destino os premiou.

Deixando de parte o grande numero de medioeres, que não merece commentarios, e a consideravel legião dos ehamados criticos que, na maioria dos casos, com raras excepções é claro, é constituída de maos artistas que falharam, todos elles nos devem de preoccupar a attenção pelo muito que ha de ideal e de sonho no seu entusiasmo e principalmente pelo exemplo — que affirmam — de que existe, acima da vulgaridade quotidiana da existencela, alguma coisa de immortal e de sagrado. Todos elles são dignos do applauso e do carinho dos que se prezam de ter espirito.

Esta abundancia de letrados, num palz em que pouca gente lê ou porque não sabe ou porque não tem gosto ou simplesmente porque não quer, não deixa de ser interessante, e longe de denunciar a decadencia da nossa gente e da nossa terra sem passado nem tradições, mostra bem claramente que essa pequena minoria, á maneira dos nossos antepassados illustres, deseja, pelo menos em pensamento, crear-lhes, a esta mesma patria e a este mesmo povo, uma historia e uma legenda.

Ainda ha pouco tempo me veio dar ás mãos, accidentalmente, um jornal com um artigo, assignado por um intelligente e distincto moço,

em que havia, entre outras amargas observações sobre a geração brasileira actual, a pecha de ser ella falha de energia e de talento, de perseverança e de vontade, para infelicidade nossa; e concluia o desilludido articulista por desesperar-se de ver, com tal gente, o Brasil salvó, engrandecido, glorificado.

Ora, não é verdadeira essa arguição, a não ser que se queira aferir o valor e a futura capacidade mental dos novos de hoje, pela frivolidade e paspalhice da meia duzia de mocinhos delirantes, de casacos terrivelmente pintados, que anda a perambular pela Avenida Rio Branco ou vive no "footing" do Flamengo a discutir com calor e convicção marcas de automoveis!

Dahi o erro da conclusão. Em primeiro lugar, se considerarmos essa censura sob o ponto de vista da efficacia e do concurso que vae prestando a mocidade á iniciativa da organização nacional, o que se viu e se vê todos os dias, sobretudo depois da campanha nacionalista iniciada e levada avante por Olayo Bilac, entre outros, é uma rapaziada bella e mascula, garbosa e intelligente e não o mirrado exercito de meninotes papalvos como me deu a entender a tal publicação a que alludo. No Rio mesmo e nos grandes Estados, em que o voluntariado e o "escotismo" foram recebidos com enthusiasmo acima do vulgar, ha provas deste asserto.

Então, sob o outro aspecto do reproche, attinente á falta de ideal e de nobres preocupações de intelligencia na esperta juventude patricia sobre ser injusta, a aleivosia é erronea e antipathica. Succede precisamente o contrario; nunca houve no Brasil de todos os tempos — pôde-se affirmar sem exagero — uma tão brilhante e numerosa geração de artistas. O que acontece — ahí é que está a illusão — e o que se afigura apparentemente desanimador ao primeiro passante desattento, que não teme conclusões generalizadas, é o seguinte: a pequena minoria que fórma o reduzido grupo dos intellectuaes vive a trabalhar no silencio, sem tumulto nem alarde; publica os seus poemas ou os seus livros de prosa quasi sem ninguem saber e por isso os que começam passam despercebidos... no inicio da sua carreira litteraria. São ignorados absolutamente ou quasi de um para outro Estado. Mas, esta circumstancia não quer dizer que elles não existam realmente. Aproxime-se alguém de uma colmeia; certo não ouvirá o mais breve rumor, nem o mais vago zumbido. No entanto não é avisado concluir, desde logo, que os favos estão desertos e as abelhas mortas. Bastará tocar-se, porém, a sua casa maravilhosa para se vêr surgir, com surpresa, um grande numero dellas, esvoacando, terriveis, sobre nós: só então se saberá que nos cortiços um silencio e pequeno mundo trabalha, febrilmente, elaborando um mel mais dourado que o legendario de Hymeto... O minimo que poderá acontecer ao importuno curioso é a dôr de algumas ferroadas que lhe avivará a experiencia...



Ha muitos poetas obscuros de provincia, de grande talento e fina sensibilidade que nunca ultrapassaram as fronteiras da sua terra natal. E são ignorados lamentavelmente pela unica razão de não terem publicado os seus livros no Rio de Janeiro. Literariamente os Estados são republicas independentes. E' necessario que se acabe com essa indiferença e que uma corrente, não só de commercio e de industria, mas de pensamento e de idéas, os ligue a todos, unindo-os por laços mais fortes que as simples estradas de ferro. Um exemplo: no Sul, que se préza de ser um dos mais adiantados e cultos da União e só em progresso material inferior a São Paulo, no Sul sómente são conhecidos como poetas paulistas, dos vivos, Vicente de Carvalho e Amadeu Amaral; entretanto é sabido que aqui habita um grande numero de rapazes de talento, no verso, na prosa, no jornalismo, etc. E tenho que, a não ser um que outro raro espirito, se desconhece em São Paulo a triste e nobre figura de artista que é Zeferino Brasil que — com Marcello Gama, morto num desastre no Rio — é o mais popular e querido poeta daquellas paragens.

Mas, repito, o facto de ainda não estarem definitivamente consagrados ou de não tomarem parte activa no maudo literario e politico da nação — precisamente porque são moços, é claro — não autorisa ninguém a concluir que formem elles uma geração desfibrada, sem ideal e sem espirito. No Rio Grande do Sul, pelo menos, existe um grupo de novos intellectuaes que faria honra a qualquer literatura.

Entre outros menos brilhantes, Eduardo Guimaraens, Felipe de Oliveira, Alvaro Moreyra, José Picorelli e João Pinto da Silva, alguns com pouco mais de vinte annos e todos com menos de trinta, para não me referir senão aos que me parecem de maior valia, já affirmaram em livros e em jornaes e revistas a certeza de uma alta cultura, de tão subtil e variada esthesia, que o futuro mostrará ao grande publico — como já o fez ao pequeno numero que os conhece de perto — a magnifica realidade dos seus talentos.

Do primeiro, cujo livro de estréa, "Divina Chimera" appareceu ha poucos mezes no Rio, é tão diversa a aptidão mental, que é igualmente notavel no verso, na prosa, no drama, no jornalismo. Em tudo a sua penna scintilla. A "Divina Chimera" recebida com applausos, é uma das mais auspiciosas estréas da nossa literatura. O seu meigo lyrismo, fino e suave, á Albert Samain, até então inedito em nossas letras, predomina nesses versos, murmurando por mais da metade do volume.

Conquanto já fosse consagrado no seu Estado e entre alguns letrados da porta do Garnier, só depois destes poemas é que ficou definitivamente assignalada como uma das mais completas organizações artisticas do Brasil coutemporaneo, o que equivale a dizer, do Brasil de todos os tempos.

Segundo carta sua, recente, sei que prepara uma tragedia num acto, um largo poema em prosa e os seus "Poemas Nupelaes".

"Por um Nocturno", foi a peça dramatlea com que se estreou, no theatro: foi representada em Porto Alegre e, o que é raro, com applausos unanimes. Dlgo — "o que é raro" — porque em nossa terra, como allás em qualquer platéa de paiz culto, ainda não ha publico para as verdadeiras, para as legitimas obras de arte. Na mesma Paris, onde triumpham com delirio as peças futeis do velho Sardou e de alguns frivolos dramaturgos hodiernos, uma tragedia de Ibsen ou de Maeterlneck, por exemplo, não consegue vinte representações consecutivas.

Eduardo Guimaraens, no seu "Por um Nocturno" logrou, esta colsa aparentemente irreconsillavel: fez uma peça num acto que, agradando aos espectadores, não depõe contra a sua nobillissima felleção mental de poeta e artista para poueos. São figuras predlectas do seu sonho o maravilhoso autor de "Pelcas", D'Annunzio, Pöe, Rodenbach, Samain, Emmanuel Signoret, Mallarmé, a quem fez um soneto digno do mestre, Verlaine e Charles Guerin que influiram de algum modo na sua formação litteraria.

Felippe de Oliveira e Alvaro Moreyra que já ultrapassaram as fronteiras não só das coehilhas nataes, como tambem as da grande patria — pois são conhecidos em Portugal — publicaram, o primeiro, a "Vida Extincta" recebido com admiração pelos jornaes cariocas e o segundo alguns bellos volumes de versos e um exquisto e original livro de prosa: "Um sorriso para tudo..."

A "Vida Extincta", producto de uma ligeira crise amorosa do poeta, ainda que tivesse sido uma estréa realmente forte e reveladora de uma requintada sensibilidade, está longe de impôr ou do mostrar em suas paginas o nobre e fulgurante pantheista da "Terra chela de graça": uma pequena obra prima, num acto, que é toda uma oração fervorosa e sentida á Belleza, na virgem e dourada simplicidade núa da vida campanesca. É um primor de expressão, de raro fulgor espirital, de novidade e de graça: o seu estylo, neste bello poema em prosa para a scena, se assemelha um poueo ao de Paul de Saint Vleor — do qual Michelet dissera que só poderia ser lido com oculos azues — tanta é a luz que irradia delle.

Como prosador, que o é e lapldar, esse poeta reorda tambem, por vezes, Fialho, mas o Fialho das suas melhores paginas, o Fialho da historia de Manoel e de Sergio, nos "Gatos", o Fialho da "symphonia de abertura" do "Paiz das Uvas".

Além da "Terra chela de graça" que ainda está inédito, não sei porque motivo, elle nos annuncia, ha muito, o seu "Canto das Estradas" colleção de contos raros ou antes de magníficos poemas em prosa. Em 1911 appareceu, de repente, em Porto Alegre, empunhando

uma linda "plaquette", um estranho poeta, já então sobejamente aclamado em todo o Rio Grande do Sul: Alvaro Moreyra.

A "Degenerada" — assim se chamava a novidade literaria — foi recebida com enthusiasmo; trazia uma vistosa capa e alguns desenhos de Antonio Barreto, então estrecante em caricatura e hoje fino artista do lapis e original chronista no Rio. O volume levantou ceileuma de inveja na banda dos medioeres; suseitou polemicas, discursos, arrazoados pelos jornaes, criticas e elogios de toda a especie, bengaladas, etc. Graves medicos discutiram-no sob o ponto de vista da psychiatria; citaram-se autoridades no assumpto; as opiniões divergiam, ninguem se entendia. Uma revolução. Resultado: o poeta, conquanto não achasse lá grande coisa o poema, pouco depois, ficou indiscutivelmente dono da situação.

Hoje, o autor de taes versos, assim tão barulhentamente apparecido á arena, é um completo e perfeito artista, recolhido á sua solidão, suave e "blagueur", irreverente e commovido ao mesmo tempo; vive a vida contemplativa dos Iniciados e dos Raros, cantando docemente a delicia dos seus palacios interiores, dos seus jardins amortalhados; tem uma leve ironia para os indifferentes, um abraço para os seus amigos de ideal e um sorriso para tudo...

Tem culto por Bruges, Rodenbach e pelas cidades mortas; é um sonhador e é um nostalgico, mas desta suave nostalgia que vem do Sonho, que é alegria; vive as suas horas "em ideal", se assim se pôde dizer; é um sentimental, um romantico; um mystico, em summa, perdidamente amoroso da Belleza. Vae atravessando a Vida, docemente, gloriosamente, de olhos fixos no Céu, maravilhado...

Em seguida á "Degenerada" publicou successivamente — "Casa Desmoronada", "Elegia", uma pequena "plaquette", "Legenda da Luz e da Vida", "Lenda das Rosas" e ultimamente "Um sorriso para tudo...", uma especie de "Jardim de Epicuro" em ponto menor, de uma prosa exeepeional e suave, com alguns altos pensamentos expressos com grande brilho, com pequenos contos que são flagrantés da vida, com imprevistos "achados" de estylo, gracioso e leve, ligeiramente ironico. Um lindo e claro livro, em conclusão.

José Picorelli, admirado apenas entre os seus intimos pelo razoavel motivo de ainda não haver publicado livro, é a mais exquisita e original organização artistica que eu conheço. E' o que se denomina um "raro" um "precioso" em literatura. Tem pavor panico ao logar commum, á phrase feita. E' uma especie de Villiers de l'Isle Adam moço. Vive num perpetuo maravilhamento. Para elle só existe o Sonho; a Realidade é o mysterio; é um superexcitado do Ideal. Vae seguindo o seu fado sobre a Terra mas dentro de uma nuvem dourada, mal pisando o sólo... Imagina-se Harum-Al-Rachid de mil cidades e castellos, de gondolas maravilhosas para as viagens de Iegendá ás frescas e luminosas praias do Oriente, com mulheres hallu-

cinantes que lhe sorriem, deitadas sobre tapetes e coehins de Tyro e de Bysanelo... E' um navegante perpetuo dos mysteriosos mares sem nome... Viaja sempre: é um deseobridor de novos firmamentos e de novos mundos do Sonho...

Pois é esta nobre figura de sonhador que — quiz a sorte — fosse dirigir um collegio numa cidade do interior de Minas!

A Arte, para elle, deve de ser para muito poucos, absolutamente inacessivel á turba, "para raros apenas". E' sobretudo um fulgurante palestrador, um brilhantissimo "eauseur": as impressões mais vulgares da existencia tomam um estranho relevo e scintillam na sua expressão e nos seus gestos. A sua palestra, quando fala a artistas, é sempre nova e dá a curiosa sensação de saitos, de tal modo surprende e diverte, pelos subtils arrebatamentos, a que nos leva, a um mundo superior ou ridieulo. No menor pensamento que exprime, na mais commum Idéa que revela, elle o faz de maneira que as palavras fulguram como se fossem pedras preciosas. E' um fervoroso admirador de Shelley, o "divino Ariel que se alimentava de luz", de Villiers, de Edgard Poe, de Mallarmé, de D'Annunzio e do originalissimo escultor polaco Blegas Boleslas.

Eneontrava-o seguidamente na Bibliotheca Publica do Rio, folheando ou a "Historia do Dlabo na Edade Media" ou algum raro e esqueeldo volume sobre a "Symbollea das Pedrarias"...

Depois de terminar com exeepeional destaque o seu curso juridico em Porto Alegre, onde espantou pelo seu talento os collegas e os lentos, appareceu no jornalismo, em que aliás vinha figurando desde colleglal.

Fizeram successo as suas chronleas denominadas "Prisma" — assignadas com o pseudonymo de Rastignae —, com as quaes abrihantou o "Jornal da Manhã", diario muito bem felto que se publicava, na aprazivel capital gaúcha, sob a direcção do forte e bello espirito de Aeldes Maya. José Pieorelli é um perdulario, um esbanjador dos precelosos thesouros espirituaes que traz comsigo. Vae vivendo a vida numa perpetua surpresa, sonhando-se rei nalguma ilha, todo vestido de ouro...

E' um visionario. Custa-lhe terrivelmente supportar o quotidiano da existência. Nem por isso se pôde dizer que elle seja um triste ou um desgraçado. Ao contrario, em tudo que esereve ou em tudo que exprime, falando, irradia uma grande, uma extraordinaria alegria; principalmente pela certeza que tem ou parece ter de que não diz tolices, vulgaridades. Allás não possui a deploravel mania de querer ser notado, á força de exquisitee, ou de ser exotico, de querer se mostrar original ao primeiro ouvinte. Longe disso; é-o por indole, por tendencia, por um dom, naturalmente, por felto mental. Dahl o seu maior merito. Que elle me perdôe a indiserção de o revelar nesta pagina de revista; valha-me a intenção não de o tornar conhecido

— que não me presumo apto para tanto — mas de lhe fazer justiça, nesta vaga referencia á geração letrada, a que humildemente me aggrêgo.

“Estalactites” é o nome da “plaquette” de versos com que appareceu em publico João Pinto da Silva, que hoje dirige, com alto espirito e experiencia de mestre na imprensa, o “Diário” de Porto Alegre.

Esses versos, ainda que alguns de real valor, não revelavam, no emtanto, as alturas a que chegariam a forte illustração e a rara esthesia do scintillante chronista e do consagrado critico literario de agora. Actualmente é uma das poucas excepções — neste departamento da actividade mental em nosso paiz — a que alludi no principio desta resenha.

De “Vultos do meu Caminho”, livro que prepara para breve, conheço e admiro algumas paginas dignas de figurarem entre as melhores que já se tem escripto, no assumpto, em nossa literatura.

Bem sei que ainda existem e trabalham no Rio Grande do Sul muitos outros novos e “novissimos” de talento, como Roque Callage — ora no Rio — autor dos “Escombros” e da “Terra gaúcha”, livros de contos regionaes, muito bem feitos todos e alguns admiraveis, que já o consagraram fóra do Estado; como Mansueto Bernardi, uma insinuante e meiga figura de poeta que nos promette para este anno “Terra Convalescente” e outros e outros...

E’ pena que eu não tenha podido provar aos meus possiveis leitores, com a transcripção de um soneto ou de um trecho de prosa, cada uma das asseverações que arrisquei. Mas... — me ia esquecendo de dizer — isto tudo não é uma critica; Deus me livre; é apenas uma pallida noticia ou, si quizerem, um sympathico elogio de alguns nobres espiritos do meu tempo, dos quaes tenho orgulho de ser contemporaneo.

São Paulo.

HOMERO PRATES.



VIDA OCIOSA

XVI

Subito, sobresaltei. Louge, de uma quebrada ignota, subiu um guincho agudo, torturado, espiralando para o infinito uma immensa angustia de victima que implora o céo, um ganir que se vocalizava em agudo crescente de agonia inenarravel, e que instantaneamente calou, apenas revivendo na machinal repetição dos écos perdidos...

A palestra arrefecera em tornó das brazas extinctas. Cada um se isolava em suas reflexões. Siá Marciana ciciava padre-nossos numerosos; a obrigação era grande, por isso começava cedo. Em certo momento, explicou-me:

— Antigamente, dr. Felix, eu rezava um padre-nosso por cada defunto estimado; mas hoje são tantos, que dedico um a cada cinco mortos e dura horas o cumprimento da tarefa. Rezo até por gente que não conheci. Ha tempos leu o velho num jornal que morreu afogado, não sei onde, um pescador; e de vinte annos para cá não me esqueci delle uma só noite, embora ignorando-lhe o nome. Chamo-lhe “o pescador do jornal”.

— Mas, siá Marciana — obtemperei — são tantos os pescadores afogados, cujo perecimento os jornaes registram, que, ao cair sua prece na eternidade, póde haver disputa grossa entre as victimas; talvez botem demanda uns aos outros, para destrinçar a propriedade do suffragio.

— Se houver duvida, sorriu a velha, repartirão a intenção por igual. Assim todos se salvem! Sympathisei sempre com pescadores, dr. Felix. Quem lida em cima d'agua, em regra é gente bôa e pacifica. Por isso escolheu Jesus entre elles seus apóstolos mais amados.

— E' que, occupados em fazer mal aos peixes, não se lembram de o fazer ao proximo — sentenciou o velho.

• Calamo-nos. Cada um passou a revolvêr seu proprio circulo de reflexões. Era esse cogitar mecanico das horas cansadas, quando as idéas se soltam como presos desalgemados, e se prendem e desprendem sem espirito de systema, aggregando-se vadiamente em simulácros de raciocinios, flúidos, inconsistentes... São as travessuras das pobres encarceradas, em momentos de folga. E' tambem o desaggregar do somno que começa. Nos olhos semi-cerrados a retina semelhantemente se emancipa, desfilando sem methodo as impressões do dia: agua a cair, uma arvore, um xuxú, andorinhas tontas luctando com o vento...

— Traz a sanfona e toca, Americo — diz Prospero.

O instrumento, que o sanfonista pousa sobre os joelhos, absorve o ar num prolongado accorde. A'quella hora, soltas as idéas, a musica penetra-nos como um balsamo. Seu rythmo, assim doce e rustico, é a unica linguagem compativel com o nosso estado de espirito. Soam velhas melopéas de mutirões, gemidos de escravos melancolizados em cantigas, toadas de extinctos serões que a sanfona já sabe de cór, antigas como o são ellas, e que saem automaticamente dos dedos habituados do Americo. Seu timbre anachronico resurge cousas remotas, esfumadas no passado. Cerrados os olhos, os velhos se impregnam desse odor ancestral, como se aspira o rescender a alfazema de alfaias antiquissimas. De quantos annos a sanfona do Americo espairose os serões da fazenda, com a sua voz fanhosa! Cada musica prende a uma época, ou recorda um morto amado; antigas seroadas alegres, tempos de angustia, tudo revive, gravado nos accordes dolentes, refazendo a historia de dias idos.

Eu achava encanto em vel-os, os tres, tão absorvidos

inhalando aquella reviviscencia do passado. Tambem a musica influa sobre mim, mas o meu sonho era o sonho delles; buscava sentir o reflexo de suas cogitações, enxertar-me em seus pensamentos, como quinhoeiro delles. Não é que após mim não ficassem vinte e tantos annos de acervo proprio de recordações; mas só o passado dos outros parece-me interessante. E' o meu uma série de fragmentos desconnexos, um parpassar de silhuetas vagas, e tem o vinco preponderante das sensações desagradaveis; um mau romance truncado, sem interesse, de que de bom grado me alijaria, se pudesse delil-o dos refolhos d'alma, onde, por mal de peccados, se tatuou inapagavelmente. A predominancia dos momentos soffridos, esmaga-me; meu passado figura-me um rol de miserias, cujo cruciar, quando o revoco, lateja sempre actual. Não sei que malevolo iman me constitue o nucleo da alma, que só attrae, limalha irresistavel, impressões sabendo a fel e pranto. Extranha condição de pobre, privado do bem que todos logram gratis!

E, ao lado dessa, outras penurias. Sei de pessoas que, de uma excursão pequena, fazem uma narrativa longa, vendo em infimos nada peripecias attrahentes. Creio que o que nos torna a vida interessante, é sorvel-a com o appetite avido de todas curiosidades, o qual, em torno de incidente minimo, multiplica sugadores de polvo, bem como na mesa collabora o appetite no sabor das iguarias. Tenho viajado muito; mas em tanto correr terras não colhi uma anecdota, uma observação rara, como se desprende num canteiro o pedicel de uma flôr. Tudo encrúzeira-me tedio na alma, e escancella-me a bocca em bocejos. Sou, talvez, um abortado de alma, inviavel para a vida normal — feto civado de nascença, que não perfez o circulo gestativo. E' por isso que sinceramente invejo os que sabem ou podem viver. Oh, as simples creaturas, cujas almas se entreabrem como corollas para acolher o orvalho dos effluvios do passado! Que livro interessante não folheiam, ao rythmo da sanfona fanha que ha tantos annos lhes acalenta os serões!

E a noite prolonga-se nessa beatitude sem fim — meus amigos todo almas e recordações; eu, vampiro de nova especie, avoejando pela sua scisma.



Encorujado na placa, o papagaio dorme, com o bico aninhado nas pennas das costas.

XVII

Serviço até o pescoço. E' uma enchente de autos. Esta atmospheria de petições e arrazoados produz-me, como a pastameira habitual, effeito desalentador. As impertinencias dos advogados, longe de me espicaçar o brio, tiram-me até a coragem de levantar a penna empoeirada da mesinha de trabalho. E já entre-ouço á volta um zun-zum de descontentamento que me turba o farniente. Preciso fugir, cobrar um pouco de vitalidade para enfrentar com valentia os desgostosos. Na minha cabeça sôa como refrão incansavel uma phrase do velho Prospero: "Quinta-feira sem falta! Quinta-feira..." E como é hoje uma quinta, allicio resolução para zarpar para o Corrego Fundo.

Fecho meu ninho de solteirão e saio. Manhan nevoenta. Nuvens algodoam-se esparsamente no céo. Como tem chovido, palmilho com esforço o chão barrento. Meus sapatões roceiros causam borborygmias na lama peganhenta. Detenho-me numa cerca, observando uma moita de taiobas folhudas, constelladas de perolas d'agua. A intervallos uma goticula corre sobre os folhões e some como estrella cadente — um risco de prata e sumiu-se. Muitas vão engrossar outras perolas, que hesitam bamboantes, limpidas, na superficie glauca.

Desprendo-me dessa vista, e cotinúo, meio arrependido, o meu caminho. Dia pessimo para uma excursão! O serviço largado, o lameiral extenso, chuva á tarde, provavelmente... Meus pensamentos levam-me para trás, mas as pernas instinctivamente avançam.

Hoje não ha cigarras. Provavelmente tiritam, sob o abrigo de uma folha, não se sentindo de veia para a musica azoicante. Parafusam, por ventura, sobre o caso da formiga. Má coisa, a imprevisão! Agora que o sol não as embriaga, philosopham, fazem exame de consciencia, e juram tomar rumo

mais sensato. Entreluza, porém, o primeiro raio de ouro, e as tontinhas, esquecidas dos protestos, serão todas para a luz e para o céu, numa generalizada orquestração sonora, affronta de arte á labuta utilitaria das formigas.

Sucedem-se os conhecidos marcos de minha róta: a sempre-lustrosa, opada de roxo, alcatifando o chão de petalas caídas; a porteira, frígida, sob a arqueadura das ramarias encontradas; a curva do rio, o campo entre-semeado de cupins... Emfim, a fazenda. Tosando a relva da eira, um animal, já de arreios postos, espera alguém.

— Ó de casa!

Vêm os velhos, vem o Americo.

— Aqui está o-homem! exclama Prospero. Já tomou café? Então não o convido para entrar. A cavallo!

— Que é isso?! — espantei-me.

— Pois hoje é quinta, não se lembra? Os peixes ainda pulam na cachoeira. O dr. sabe o rumo, é tocar. Nada de preguiças. Estou hoje disposto até a cavalgal-o á força no animal.

Pedi, objectei, reagi — tudo baldado. Vi-me, sem appello, escanchado no quadrupede. Suppliquei ainda, quasi lacrimoso, mas uma palmada na anca da montaria cortou cercè as ultimas esperanças, despedindo-a em trote acelerado. Eis-me a jornadaear. Miseravel de mim! Meu espirito, desdobrando-se, apiedava-se da miserrima victima que a cavalgadura sacolejava num trote duro. De longe gritou-me Prospero que fizesse isto ou aquillo para amaciar a andadura. Não entendi bem, nem me esforcei por entendel-o, devido á minha preguiça de assimilar aquisições novas — do que depois me arrependi. Convenci-me nesse dia de que é sempre bom saber. Primeiro, cahi num estado de resignação accommodaticio. Meu *eu* que soffria, vendo outro *eu* doer-se evangelicamente de sua sorte, assumiu attitude de martyr, para que o outro lacrimejasse mais condolencias. Dizia o primeiro:

— Vês como me componho? O trote vascoleja-me tão duramente, que nas minhas entranhas é um confuso misturar e abalroar de visceras. O estomago embica com o figado, o coração abre "encrenca" com as pacoéras, e nos convulvulos das



tripas é um emmaranhado de despistar o bolo digerido do espiraculo natural. O grosso intestino enrosca-se no fino, arrocham-se mutuamente, esquecendo a localização normal. Sou um infeliz! E não me queixo. Sei conformar-me.

Ao que o *outro* respondia:

— Pobre amigo! Sua paciencia raia pelo grandioso. Está ahí um caso desses heroismos obscuros, mas nem por isso me nos meritorios, que a fama não celebra. Continue a soffrer com paciencia, bom amigo!

Algum tempo depois, as consolações do *outro* pareceram-me semsaboronas, e meu estoicismo improficuo. Então refundi os dois personagens, e busquei lembrar os conselhos do velho, gritados á partida. Mas nada me acudia. Eu tivera preguiça de escutar. E esses conhecimentos agora me seriam uteis, para conseguir a reversibilidade do trote em cadencia mais accetavel. Pelos modos, os bichos dessa especie sabem varias maneiras de andar, escolhiveis *à la carte*. Faltava-me sómente um meio de correspondencia. Era o diabo! Procurei, então, recursó, na caixa das idéas. Era homem de luzes, tinha a obrigação de saber. Revolvi o mófo dos velhos preparatorios, evoquei o capitulo dos pachydermes, pedi auxilio á historia dos cavallos celebres: nada que me valesse naquella conjuntura! Nem o velho cabedal de humanidades cavallares, nem Incitatus, Rocinante ou o cavallo branco de Bonaparte me deram um rastilho de clarividencia. Por fim a Logica refulgiu, com soberana luz, lembrando-me que ha inducções, deducções, experiencias e contra — experiencias para arrancar as verdades do seu poço obscuro. Era isso! O methodo experimental! Atinaria assim com a receita do velho.

Submetti a azemola a uua porção de manejos. Dei redea, puxei redea, soffreei de arranco e com amabilidade, toquei-lhe as orelhas, espinoteei-lhe os ilhaes com os tacões das botinas. Nada! Minhas visceras, aos gritos, pediam urgencia. Redobrei os recursos, combinando-os, alternando-os, e mais além iria, se a zebra não assentasse de reagir, dando de banda e ameaçando andar de dois. Convenci-me esse dia de que as

experiencias *in anima vili* têm seus senões. Apressei-me em amacial-a:

— Que é lá isso?! Acalme-se, que o caso não é para tanto. Entremos num accordo, creatura! Sou homem pacato e razoavel — acceitarei condições.

Fez-se o accordo tacito. A montada voltou a andar de quatro, com a clausula de me pôr eu o mais quieto possivel. Em compensação, buscou variar o mais possivel o cardapio. A's vezes abria um galope macio, dando-me ao corpo agradável galeio; outras, servia-me o trote de má morte, lardeado de um horrivel picadinho sacudido; por fim cahiu num passo preguiçoso, melancolico, que parecia sentenciar:

— A vida é triste. Para que pressas, se ao cabo de tudo é sempre a morte? Uns trepam, outros são trepados, qual corre, qual anda, mas no fim, a dentuça da megéra abocanha a todos.

Aquella andadura dizia-me coisas. Eu edificava-me, traduzindo seu compasso significativo. Quando me senti saturado de philosophia cavallina, lancei vista aos arredores. Campo, campo, campo... Monotonia exacerbante. A' margem da estrada, o mesmo hervecer folhiço do joá-póca rajado, de gerbão de pendão negro e florinhas roxas, barbascos felpudos, manojos de carqueja. Cupins bojavam a flux, como a furunculose da terra. Nos espigões, a eterna crista de arbustos, debruando vallos occultos. Era secante e vulgar. Como os grandes artistas, nem sempre a paisagem tem genio.

E assim corria a viagem. Quanto custa ás vezes viver a compridez do dia, cuja lentidão ainda frisa mais, pautada por uma andadura lerda de rossim!

XVIII

A vastidão dos campos sem veios d'agua, dera-me sêde. Avistei um rancho á beira da estrada. Defrontando a porta, defendida por um cancello, gritei pelos moradores. No mesmo instante vi agitar-se no commodo da entrada, que tambem servia de cozinha, uma mulata obesa e velhusca.

— Um pouco d'agua, faça favor?

Trouxe-n'á numa cuia, pedindo desculpas: casa de pobre...

Regalei-me com a frescura nevada da bebida.

Nesse niomento uma voz de homem chamou da horta:

— Frederica!

Frederica! Esse nome lembrou-me o sentenciado Lourenço, que matara um homem por ciumes. Aquelle escombro de gente, aquellas roscas de toucinho velho com figura humana, aquella creatura fôra a fatal inspiradora do gesto homicida, no frescor de seus dezoito annos tentadores, que tinham a virtude de agular os homens uns contra os outros, em furia de morte, na disputa de sua posse. Que descalabro! O que os annos levam de graça e provocantes attractivos!

E, com o vivo interesse que me causara a narrativa das duas roceiras no dia do temporal, borbulhavam-me á bocca muitas perguntas sobre o encontro com o Lourenço após trinta annos de carcere; recalquei-as, porém. De certo fôra banal e desinteressante. Duas respostas que me dêsse, e lá me desin-florava a mente do romance que eu tecera sobre a volta do sentenciado. Era melhor não saber.

Entreguei a cuia, agradecendo; e prosegui.

Fôra melhor não perguntar. Porque, afinal, bastava-me a minha visão interior, que sobrepujaria, certo, a realidade. E evoquei a figura do Lourenço, demandando a casinholá, meio inchado, deslumbrado do sol a que se deshabitnara, arrastando d'uma perna. Passara trinta annos a antegostar aquelle momento. Nelle via a razão de ser de sua vida, o ponto de convergencia dos seus mais caros pensamentos. Pela illusão da ausencia, acarinhara todo o tempo a imagem da mulata, como a vira pela ultima vez. Nós primeiros annos esperara com ancia a sahida; entretinham-no as appellações, o perdão em festas nacionaes... De cada vez era um alvoroço. Via-se chegando de sorpresa; e, na alegria do amor reatado, causa della, desfe-chava o romance de sua vida.

Mas os annos escoavam, os ultimos recursos foram baldos, e o perdão não viera. Sem esperanza, aquietaram-se os assomos de sua mocidade insoffrida, recalcitrante entre as grades, e

começou a ganhar uma calma philosophia de conformidade. Sua vida não era mais um romance com desfecho, e sim uma interminavel biographia incolor, que, decepada em qualquer ponto, ali ficaria bem rematada, sem que se lhe notasse descontinuidade. A Frederica, se pousava de ordinario na sua imaginação, nella chumbada indelevelmente, não lhe accelerava o rythmo do sangue. Evocavã-a melancolico, como um bem inatingivel, raio de luz que tangenciou o deserto polar de sua vida com uma promessa, e presto se eclipsou esquivo. Se a sorte houvera sido outra! Se não lhe truncassem o encadeamento da vida!

Porque a liberdade era uma porta longinqua, a tremeluzir baçamente no cerraceiro da velhice, como uma luzita hesitante na sombra vasta.

Volveram-se os tempos e elle saiu. Eil-o tropego, aturdido pelo ar livre e espaço desempeçado, buscando, em terras longes, o paradeiro da mulata. Porque o fizera? Ultimo aneio pela felicidade? Attracção? Monomania de pobre diabo um pouco virado do juizo? E o ar livre o opprimia, o mundo aberto e immenso dava-lhe vertigens. Talvez lhe passassem pela inaginação scenas de outr'ora, e, permixto, os sorrisos feiticeiros d'uns dezoito annos turgidos de seiva, boleados em tentações de carne, inspiradores da acre tonteira que o arrastara ao desvario e ao sangue. Velhas exhalações...

E tropego, arrastando a perna, chega, afinal. O sol abraza. Esbaforido pouxa o bordão e a trouxa, limpa o suor. Que canceira de estradas longas!

Antes de bater olha o céu e o arredor. Não tem pressa. Fere fogo, rêmexe a cinza do cachimbo e chega a isca. Devassa outra vez o arredor e o céu, puxando a primeira fumaça. Ainda arqueja. Que estradas sem fim! Que mundo immenso! O pensamento lerdeia-lhe com as baforadas indolentes. Bambo, açocora-se, cravando os olhos hypnotizados numa volta da estrada coruscante de luz. Revê a prisão, o carcereiro de sorriso amavel, os outros sentenciados. Boa gente! Sentira deixal-os. O coração ainda apertava-lhe a essa nova ruptura do encadeamento de seus dias. Ia encetar uma terceira existencia, elle

que se contentaria com a embriaguez da primeira ou com o tédio somnolento da segunda. Má cousa, o recommear!

Emfim, repousa na derradeira etapa; e daquella soleira terminal, como dum pinheiro sobranceiro, aprazia-lhe olhar ao longe o caminho andado e balancear as fadigas retrospectivas. E assim, quêda largo tempo. E' com esforço que resolve recen-
trar no presente. Ergue-se a custo e dá "ô de casa".

Chegando do fundo, Frederica assoma á porta.

— Boas tardes.

— Boas tardes.

Ella entreabre a cancella e espera, de pé, no limiar. Elle observa-a em silencio. O silencio demora-se. Por fim rompe-o:

— Vacê é a Frederica?

— Sou.

— Eu sou o Lourenço.

Recae o silencio. Observam-se longamente.

— Entra.

Frederica escancara a cancella, dando-lhe passagem.

— Senta.

Apresenta-lhe uma tripeça, indo accommodar-se no toro do pilão. Continuam a observar-se mudamente. Ella, primeiro, quebra a mudez:

— Antão, vacê é o Lourenço?

— Sou.

O sentenciado atiga o fogo do cachimbo e recommêça á baforar. Seu pensamento tambem bafora, em visões esparsas. Era a mesma necessidade de relançar, ao cabo da jornada, o caminho feito. Sentia uma grande calma, o sedativo bem-estar de quem chegon e pôde, afinal, esparecer. Mas a vida sabia-lhe amarga. Precisava conformar-se. O que a gente se illude, se-
questrada entre grades! Cá fóra tambem a roda do tempo não pára de girar. O mundo, para seguir seu curso, não espera trinta annos a libertação de um qualquer Lourenço. Seu pensamento fluctuava, de reminiscencia em reminiscencia. Cousas antigas!

Grito de creanças, no terreiro, chamon-o á actualidade.

— Vacê mora com homem? perguntou.

— Com o Martinho. Tenho onze “familias” delle.

A vida sabia-lhe amarga. Havia mudanças. Não lhe haviam de embalsamar o passado, immutavel, aguardando os trinta annos. A roda do tempo girava igual em toda a parte, e em toda a parte a vida revezava seus cambiantes aspectos, em aggregamentos e dissoluções. Invadiu-o então um grande cansaço.

Bamboleando a custo o corpanzil anafado, Frederica tirou o coador do arco, espetado na parede. O condemnado seguia-lhe os movimentos; viu-a enxaguar o panno, assoprar as brazas arrefecidas ageitar a chocolateira no borrarho; depois sentar-se na taipa, á espera, sem desprender os olhos das brazas, que a fascinavam.

O pensamento de Lourenço esvoaçou frouxo, para a prisão. Revia o carcereiro, de sorriso amavel, bom homem. Envelhecera na faina, e o mistér lhe não empedernira o coração. Longas prosas tiraram ambos, separados pelo engradado da porta. O tempo fizera-os amigos. O sr. Pedrosa, que assim se chamava, poupava-o na faxina e facilitava-lhe a venda de sens artigos de trançador (officio aprendido na cadeia) — o que procurava o encarcerado compensar-lhe com a prestação de pequeninos adjutorios. E a cada momento reciprocavam-se desses miudos obsequios, que, mesmo inpalpaveis e infimos, firmam a amizade, sem oneral-a com o compromisso de obrigações que captivam. Era o Pedrosa, por ter melhor cabeça, quem fazia o calculo do tempo a cumprir: “onze annos, dez mezes e cinco dias, Lourenço...” Uma folhinha animada, impaciente por não soltar mais prestes os folhellos, exulando-os ao vento em revoada, ao rythmo do seu desejo, para soltar o amigo. Depois a despedida: não houve prantos, mas intima agonia rebuçada de phrases vulgares. “Você sabe, aqui um creado para o servir”. “Dispo-lha, sem cerimonia.” “Até um dia!”

E ali começara a odysseá do preso, a angustiosa freima com que tentava recolher os restos do passado, para com elles recompor sua existencia mutilada.

Primeiro a Frederica. Vagara de déo em déo recolhendo noticias. Tudo vago. “Leguas além...” E, sublinhando esse



vago, as mãos acenavam mollemente, significando distancias sem fim. Felizmente havia economias. Com parcimonia nos gastos e tino no poupar, poderia correr muitas terras. E ademais, tinha pernas. Meio inchado, e perro, talvez o andar muito lhe destravasse as juntas e adelgaçasse a compleição. Provavelmente não seria logo — um mal andado em annos, levaria outros tantos a desandar. Era tambem um modo de desforrar-se da clausura. E metera-se longanime pelas estradas. Embora pequena, contentava-se com a aquisição do dia, desde que significasse mais umas braças trilhadas. Assim vae-se longe, embora arrastando um membro imprestavel. Pois trinta annos, infinitamente lentos, não passaram?

Jornadeara mezes, em rumos incertos. A obsessão das estradas rubras, colleando infindaveis, tornara-se-lhe dolorosa, era o supplicio perenne do eterno reconeçar; a reverberação da luz dava-lhe offuscações ophthalmicas; os incommodos não melhoravam, antes aggravavam-se. Tudo, porém, tem seu termo. Descobrira a mulata. “ Adeus canceiras de estradas longas!” E, chegando, ao enxugar da testa as bagas de suor, erá como se se despedisse do longo azar que o tolhera na vida e depondo a trouxa e o bordão, depunha o passado. Mas as cousas haviam mudado. Isso é que era mau.

Soerguendo a cabeça, assoprou para o alto uma lenta baforada.

— O Martinho é bom sujeito?

— Bebe ás vezes. Do mais não tenho queixa.

Emfim, a vida é a vida. Cada um tem lá a sua sorte, como diz o outro, e da sorte de cada um só Deus sabe. E’ quem ajunta e separa, trama e destrama. A Frederica parecia remediada a seu gosto della.

Então encarou-a melhor, analysando-lhe as feições. Estava bem differente. E a esse ponto evocou os velhos tempos de namoro. Viu-a provocante e roliça, na graça dos seus annos floridos. Estimava um collar de grandes contas douradas, que lhe dera elle num caxambú. Adornava-se sempre com o singelo adereço, cuja côr fulgente casava bem com o seu collo de ambar; e, quando ella sorria, brilhavam harmoniosamente o seu sor-

riso e as contas. Furtara-lhe beijos á bocca rosada, que lhe sabia a polpa de fructos. Certa vez, num abraço, sentira contra o peito aspero de cavador o suave premer de seus seios turgentes. O sangue fervera-lhe aos borbolhões, incendiado de desejo. Era rapariga de virar a cabeça, e fôra má sorte do *outro* vir cubigar-lhe a creatura. O que tem de ser! Mas tudo, velhos casos, O passado, passado.

Desligou-se da recordação. Todavia, uma lembrança puxa outra. Acudiu-lhe a mãe, já por aquelles tempos velhinha, a bater roupa, e os manos pequenos. Não vira mais a familia e nem tivera noticias. Na sua memoria, porém, vivia ella embalsamada, sempre a mesma, no mesmo rancho, com as mesmas idades, e a vida enquadrada na mesma paizagem da roça. E vieram-lhe saudades da mãe e dos irmãos. Trinta annos longe! E fôra ingrato, poucos pensamentos lhes dera nesse trajecto de tempo. Tinha economias — iria levar á velhinha um pouco de descanso. Tauto bater roupa na fonte ha de dolorir o braço, inda mais a ella, que soffria de rheumatismo. Parecia que ainda a ouvia queixar-se das juntas, em phrases gemidas, quando o frio ennevoava o ar, acamando geada brancacenta nos campos. Boa mãe! dar-lhe-ia elle o que economisara, tudo, tudo! não queria um vintem para si. Fariam uma casinha de telhas no logar do rancho velho, e haviam de morar juntinhos.

Já anciava pela chegada. Mas uma duvida doeu-lhe no coração: trinta annos!

— Vacê, tome café.

Frederica estenden-lhe. uma tigella fumante. Para si aprou noutra vasilha, sob o bico do coador suspenso da parede. Beberam. Ouvia-se no silencio o gluglutar espaçado dos goles. De longe vinha vosearia de creanças, garrulando.

Lourenço depoz a tigella e reatiçou o cachimbo.

Trinta annos! Os irmãos pequeninos, que via como um bando trefegô a derriçar pitangueiras, estavam já homens maduros. Talvez nem todos fossem vivos. E a pobre mãe, que deixara de cabellos algoadoando-se de velhice... Mas onde quer que houvesse farrapos do passado, cumpria ir recolhel-os, em romaria piedosa, para ver se do acervo esparso reconstituiria um



simulacro de vida. Era alheio aquelle lar onde pensara repou-
sar, apenas soffrendo em retrospecto mental as canseiras sen-
tidas; nelle não podia aqolher-se. Era vomitado d'alli como o
fôra da prisão, em cujo vegetar achava mais suavidade, que
naquelle jornada sem paradeiro. Era mistér seguir ávante.
Procurou entrever os dias vindouros. Tremeluziu-lhe outra vez
na imaginação, numa fulgencia doce, a casinha materna. A
velha, os irmãozinhos... Mas a fulgencia desbotou. Tantos
annos de permeio! Invadiu-o de novo um tedio infinito. A vida
pesava-lhe.

Cumpria, porém, partir. Ergueu-se penosamente.

— Antão, adeus.

— Adeus, Lourenço.

A custo desloca a perna enferma, buscando a porta. A
inchação, aggravando-se, punha-o oppresso. Era um mau estar,
um sibilo no peito... A' soleira, defendendo a vista, sondou
a estrada, assumptando concentradamente, como se sondasse
o futuro. Lonjuras infinitas, sol escaldante, o impreciso além...

— Adeus, repetiu.

— Adeus, Lourenço.

Guardou o cachimbo, retomou a trouxa e o bordão, e afas-
tou-se, tropego, paciente, rebocando a custo a perna enferma,
como um casco desarvorado, sem rumo, toando ao léo...

(*Continúa*).

GODOFREDO RANGEL.

RESENHA DO MEZ

BIBLIOGRAPHIA

MANUEL DE ARAUJO PORTO ALEGRE (Barão de Santo Angelo), por Basilio de Magalhães.

O sr. Basilio de Magalhães é um dos mais seguros conhecedores de Historia do Brasil e, como sabe eserever, os trabalhos que publica são, além de valiosos, pelos ensinamentos que encerram, faceis e agradaveis de lêr. E' dessa ordem, por exemplo, o exellente estudo que acaba de consagrar a Manuel de Araujo Porto Alegre, pintor, architecto, critico, poeta e historiographo e "vexillario do romantismo em nossas lotras e um dos mais pujantes corypheus do nosso nativismo esthetico."

Tudo na complexa individualidade de Porto Alegre merece a attenção do escriptor. Onde, porém, elle mais se demora é na analyse do grando poeta quo foi o autor do *Colombo*. As paginas que lhe dedica são de uma critica elevada e intelligente e dão ensejo ao sr. Basilio de Magalhães para traçar com extrema felicidade as características principaes do movimento literario no Brasil, desde 1830 até 1870 mais ou menos. Vale a pena lêr-se o trabalho integral. Seja-nos permittido, porém, destacar as paginas finaes. Traçam-se nellas, admiravelmente, a origem e

a evolução do sentimento nacionalista no Brasil. São estas:

"Desventuradamente o sentimento de nacionalidade ainda não está firmado e definido no Brasil, consoante com as aspirações e os esforços dos nossos denodados predecessores do seculo findo. Como em todo os Estados de origem colonial quo se constituiram soberanos por um processo analogo ao da scissiparidade ou segmentação cellular — a idéa de patria ainda não attingiu no Brasil a necessaria corporificação e a plena generalidade consensual. Para isso tem cooperado essencialmente a desmedida extensão do nosso territorio e a estratificação irregular, pelos varios pontos da superficie, quer dos elementos ethnicos do primeira formação, quer das novas correntes migratorias, cuja assimilação é lenta e incompleta, por não possuirmos uma organização didactica de cunho pratico e de effi-ciencia energica. Não tivemos tambem uma guerra independentista, em quo tomasse parte a população valida das provincias de 1822, e as nossas luctas externas, travadas desta data para cá, por impopulares todas, não gosaram do condão de congregar os espiritos para o alto escopo da defesa commum ou para a mira egoistica do alargamento das fronteiras. Mas, no regimen do colonato, após a approximação das raças determinadas pelas invasões neerlandezas, e após a conquista dos sortões effectuada ao sul, ao cen-

tro e ao oeste pelos bandeirantes de S. Paulo e ao norte pelos pegueiros de almas e de armentios — repontara, bem nitida e impetuosa, a caudal do nosso nativismo, eujas manifestações prodromicas occorrem no final do seculo XVII, vem a positivar-se cruentas durante a primeira decada da centuria seguinte, precisamente nas regiões onde mais se accentuara o enriquecimento pelo ouro e pela lavoura (S. Paulo-Minas, Pernambuco, Rio de Janeiro), transparecem na revolta de Felippe dos Santos, refulge meteoricamente na malograda Inconfidencia Mineira e toma um novo e ineconfundivel incremento, em 1817. A separação politica do 7 de Setembro apresentou, comtudo, o grave inconveniente de ter tido por figura de proa o principe portuguez, então o maior impeilio á vigorosa e perfeita delineação do *brasileirismo*. Basta consignar quo o proprio soberano de Portugal fez timbre, nesse momento — abrindo ensejo aos causticantes sarcasmos de José Bonifacio — em conservar, simultaneamente com o filho, o titulo de “Imperador do Brasil”... Assim, a explosão de nativismo, sopitada pela adhesão de D. Pedro e da maior parte dos reinos á nossa desagregação do 1822, só irrompeu a 7 de Abril de 1831, reboando tempestuosamente por todo o interregno regencial, o periodo mais vulcanico e, ao mesmo tempo, mais civico e mais preñado de beneficios da trajetoria nacional. E’ nessa phase — om que uma creança de cinco annos, nascida em nossa terra e confiada ao carinho tradicional e á fidalguia de caracter dos brasileiros, salvou então o principio monarchico — e tambem se enquadra o grande movimento de renovação literaria, de independencia intellectual, que teve em Manuel do Araujo Porto Alegre um dos mais perseverantes, laboriosos e competentes propulsores. Depois da revolução *praieira*, veio a estagnação politica interna, a que succederam as nossas intervenções armadas no Prata. Só ao termo destas foi que se deu um como renascimento

da geração ardorosa que fizera a leva de broqueis do 1831, e a brilhante mocidade civil e militar das duas ultimas decadas do Imperio e que dove a dupla conquista da abolição e da Republica. Em seguida ao baptismo de sangue do novo regimen — outra putrefacção politica, aproveitada pelos ambiciosos de todos os matizes para o desgoverno, para as calamidades inominaveis — quintessenciadas no ultimo quadriennio administrativo — que tem envergonhado as faces da democracia brasileira, trazendo ainda em sério perigo a honra e os creditos da patria. Ora, para reagir contra esse deploravel estado de coisas, o que urge é nacionalisar-nos, isto é, sacudir dos hombros jovens e robustos do Brasil, como fardo inutil e compressor, os velhos farrapos de capa luzitana e os outros esmolambados europeis exóticos que ainda pesam sobre elles. E’ preciso começar vida nova. Ao poema cathedralesco de Camões — opponhamos o nosso poema, ou os nossos poemas — creando a nossa arte e a nossa literatura, num refulgido o perpetuo apanagio de tudo quanto pertence á nossa natureza, aos nossos costumes, ás nossas tradições. Só os povos atrazados ou decadentes é que são incapazes de originalidade literaria e artistica. Esses é que se submettem passivamente á influencia estrangeira, doslumbrando-se ante tudo o quo é alheio, e somente não tendo olhos nem ouvidos, não tendo alma nem coração, para as seducções e harmonias, para as lendas e luetas do florido e opulento recanto em que soltaram o vagido primeiro. Bem sei que não é possível desveneliarmos do prestigio de estheticas mais antigas e adeantadas, e que não é possível eliminarmos da poesia, da novella, da musica e das artes plasticas os themas forasteiros. Mas, embora não adoptemos o criterio de Tolstoi, no seu “Que é a arte?” julgando falsificação do pensamento tudo quanto não tiver sido pessoalmente observado ou sentido — ainda assim é indispensavel que ponhamos nos assumpto adventeios

o sainete brasileiro, por um eomo processo de naturalisação, isto é, de adaptação ao nosso meio o ao nosso *status social*. Em summa — só devemos aprazer-nos com as bellezas de terras estranhas, assim como quem, conbeceudo, amando e enaltecendo sem cessar os encantos do berço natal, visita certo dia os de fóra e até, para quebrar a monotonia, repasta a vista nos escombros vetustos das metropoles e nas ruinas dos imperios extintos... E' porém, imprescindível e improcrastinavel combater virilmente, *systematicamente*, essa idealisação *simiesca* das aguas mortas dos canaes de Bruges, esse *rodembachismo* inconpissivel com a eterna primavera do nosso *habitat* privilegiado, esse constante evocar de trigoas e cotovias que não temos, essas pervicazes jermiadas fingidas, em violento contraste com a empolgante alegria que canta perenne em nosso céo e jorra a todo instante da nossa terra bemdita, enfim, esse degenerado sadismo de tropeiros e de pintores que porejam a alcoolatria dos cabarets ou tresandam ao *fartum* dos aleoices — é *inprescriptível* banir tudo isso da nossa esthesia, tonificando as fibras da esperançosa juventude brasileira com o leite forte e puro, bebido nos formosos e caroaveis seios, sempre offerecidos e *inesgotaveis*, da Patria honesta e bempquerida. Permitti, senhores, que, em antevisão dos risonhos destinos desta terra idolatrada eu invoque como um dos lumes tutelares do Brasil do futuro a Manuel de Araujo Porto Alegre — exemplo de trabalho pertinaz e fecundo, de intelligencia cultivada e scintillante, de caracter *impolluto* e energico, de sentimento *acrysolado* e excelso — o qual, em sua dilatada vida objectiva, tanto batalhou pelo ideal, que deve ser o nosso lemma do presente: — ABRASILEIRAR O BRASIL.

POEIRA, por Humberto de Campos.

Mais um livro de versos. A produção tem sido grande e, contra

todas as regras, escolhida... O sr. Humberto de Campos não é um novato. Já grangeou reputação como poeta e como prosador. A sua pena é capaz de todas as proezas, menos de uma — de escrever mal. A phrase brota-lhe expontanca, vigorosa, scintillante, erudita e, sem perder o encanto nativo, tanto se apruma, solenne e grave, no thema serio como saltita, risonha e graciosa, uas pontas da ironia ou nas hastes do madrigal.

A sua poesia distingue-se por uma feição accentuada: é profundamente nacionalista. Não se pense que os seus versos são patriotas *metrificadas*. O nacionalismo da sua poesia não é o mesmo dos discursos de propaganda. A sua poesia é nacionalista noutro sentido e com outro objectivo — no sentido em que, sob certos aspectos, foi a poesia de Gonçalves Dias e de Porto Alegre, isto é, canta de preferencia a nossa gente e a nossa terra e dellas tira o melhor de sua inspiração.

Não se pense tambem que a sua lyra só dispõe dessa corda. Dispõe de todas as outras. O poeta é que, por um peudor natural, prefere essa e nessa demora mais os dedos ageis.

Poesia nobre e alentada, a do sr. Humberto de Campos colloca-se entre as melhores que actualmente se produzem no Brasil.

MOVIMENTO ARTISTICO

O ESCULTOR MONTEVERDE

Falleceu em Roma, no principio do corrente mez, o grande escultor italiano Giulio Monteverde. Era um dos maiores artistas italianos. No seu "atelier" e sob sua direcção foi que se aprimorou a arte do nosso illustre escultor Rodolpho Bernardelli. E no archivo da Escola Nacional de Bellas Artes existem muitas cartas de Monteverde, que mostram o carinho com que elle acom-

panhava os progressos do esculptor brasileiro.

O grande artista italiano morreu aos oitenta annos, depois de uma brilhante carreira que o tornou um dos mais celebres esculptores do seu tempo.

Filho da pequena cidade de Bisagno, na provincia de Liguria, onde nasceu em 8 de Outubro de 1837, fôra mandado pela sua familia para Genova para se dedicar á esculptura em madeira. Na Academia dessa cidade, foi discipulo do professor Santo Varnie, na aula de ornato o de figura, e fez rapidos progressos na especialidade de obra de talhe em madeira. Mas, desde cedo a sua grande ambição era poder trabalhar o marmore; e, logo que lh'o permittiram, pôz-se a modelar e a esboçar em gesso. O primeiro ensaio que apresentou, foi um busto modelado com tanta correção que os professores e condiscipulos reconheceram logo que elle estava fadado a ser artista notavel.

No primeiro trabalho que fez, uma estatueta, a que denominou "A Juventude do Christovam Colombo", Monteverde apresentou Colombo joven, couteplando da praia da sua aldeia o mar. Essa obra produziu funda impressão, e o escriptor Dall'Ongaro viu em Monteverde "o descobridor de um oasis desconhecido no deserto infecundo da arte academica". Em uma exposiçõo realizada em Parma este "Colombo" deu a Monteverde uma das onze medallas de ouro distribuidas pelo governo italiano.

A este trabalho seguiu-se "O Genio de Franklin", — um menino junto a um pára-raio no alto de uma casa. Esse menino, symbolo da sciencia, exprime o esforço o parece arrebatado o raio e obrigal-o a entrar na vara metallica que deve conduzi-lo á terra e tornal-o innocuo. O corpo do menino parece verdadeiramente sacudido do um impulso electrico: as contrações do rosto, os braços, as vertebraes, os cabellos, tudo exprime um fremito mysterioso do pequeno organismo humano. Exposto em Milão, este trabalho foi premiado com uma medalha de pra-

ta e foi adquirido pelo Khediva do Egypto. Tal foi o seu exito que o artista teve mais tarde que fazer diversas reproduções, e foi o trabalho que collocou na platibanda do palacio que, já rico e celebre, construiu em Roma para a sua residencia e "atelier".

A' vista do exito do *Franklin*, Monteverde tentou outro trabalho ainda mais curioso, procurando symbolizar outro grande vulto da sciencia, outra conquista do genio humano; e apresentou o seu grupo do celebre medico inglez "Dr. Jenner" no momento em que faz a primeira experiencia da vaccina inoculando o pús protector no braço do proprio filho. Pondo de parte o assumpto, de um erú realismo pathologico, no "Dr. Jenner", diz um escriptor italiano, estão reflectidos o amor da sciencia, o amor paternal, a duvida de prejudicar o proprio filho, vencidos pela fé do que o virus injectado virá daquelle momento em diante coustituir um grande beneficio para a humanidade. O *Dr. Jenner* foi premiado na Exposiçõo Universal de Vienna em 1873 e na de Paris de 1878 com medalha de honra. Essa obra foi passada para o marmore por encomenda da Duqueza de Galliera, que o doou ao Hospital de Genova.

Em 1866, havendo ganho o promio Durazzo, Monteverde mudou-se para Roma. Quando chegou a Roma, — diz Giovanni Scarpi, um dos discipulos de Monteverde, — este já tinha mulher e filhos, mas ainda estava muito desprovido de meios. Occorreu-lhe então fazer um grupo do duas crianças brincando com um gatinho. Para esse grupo serviu-se das filhinhas como modelos. Este trabalho foi mandado á Exposiçõo de Munique e conquistou-lhe uma medalha de honra. Monteverde vendeu a medalha e aproveitou-se do dinheiro para pagar o marmore, os salarios dos seus auxiliares e o aluguel do "atelier", proseguindo nos seus estudos, e o triumpho não tardou em vir. Uma reproduçõo do grupo das meninas se acha na collecçõo publica no Palacio Bianco em Genova. O

Colombo pôde ser visto no gesso original na Galeria Real de Parma, á qual o presenteou o esculptor. Exposto na Exposição Nacional de Parma de 1870, recebeu uma medalha do jury, influenciado pelo pintor Frederico Cortese, que appreciou o elemento de novidade na concepção do Monteverde. Devido em parte ao premio que deu certa aurea á obra, e devido em parte á impressão real que ella causou no gosto do publico italiano, saturado como este estava das obras dos "puristas", Monteverde ficou, diz Scarpi, immediatamente celebre, do que soube aproveitar-se para conseguir dentro de alguns annos reputação maior do que a de qualquer outro esculptor do grupo romano. Com estas suas obras, Monteverde affirmou-se um cultor do realismo, ou do verismo como o denominam alguns. Soffreu guerra dos partidarios do esculptor Tenerani que viam, diziam, uma arte nobre substituida por outra que consideravam como deficiente em belleza, de fórma o elevação espiritual. Mas, a despeito do tudo, Monteverde se tornou celebre, e tomou o lugar não sómente de Tenerani como tambem de Giovanni Dupré — o unico chefe ainda sobrevivente da escola dos "puristas" que gozava de reputação nacional. Além das mencionadas, as obras principaes deixadas por Monteverde são:

a estatua equestre do Rei Vittorio Emanuele á frente das tropas italianas na batalha de S. Martino (Solferino) que está em uma grande praça central de Bolonha e foi inaugurada em 1888, ao commemorar-se o oitavo centenario da fundação da Universidade de Bolonha. O poeta Carducci ajudou a immortalizar essa obra em um discurso seu, no qual a caracteriza como rivalizando com as obras da antiguidade "insigne opera d'arte non inferior all'antica". Essa estatua foi fundida em bronze pelo processo *cire perdue*; valeu ao esculptor a cadeira de Senador do reino, a maior honra que o Rei lhe poderia dar;

a estatua de Mazzini, erigida na praça de Buenos Aires;

a estatua colossal do pianista Thalberg na Villa Real de Napoles;

a estatua colossal do *Tessitore*;

os monumentos funerarios: Sada no cemiterio de Ferrari, ao Conde de Massari no cemiterio de Ferrari, o da familia Gallenga em Mandoleto, o Oviato no cemiterio de Genova, e os monumentos em Madrid para o embellezamento da capella dos Marquezes della Gandara.

As obras mais recentes de Monteverde foram: o grande monumento em bronze, commemorando a dadiua maguifica do Duque de Galliera á cidade de Genova para o melhoramento do seu porto, monumento erigido em frente á estação da estrada de ferro, junto ao porto, em 1896; a estatua de Marco Minghetti inaugurada em Bolonha em 1896 e o grande monumento em bronze erigido á Duqueza de Galliera, constando de cinco figuras no hospital Galliera, em 1898.

O BRASIL E O PROFESSOR PRIMARIO

Dependendo da pedagogia em grande parte, a solução do problema brasileiro basicamente se prende á competencia dos professores. E muito exige dos primarios, cuja habilidade e cuidado continuos reclama, pois, tudo o que após se projectar terá como alicerce a instrução e educação que elles dêem.

E' mal processada a que presentemente se ministra, sobre ser falha em varios sentidos. Isso, de um modo geral, e não absoluto, do que está longe a nossa affirmação, visto como, no Estado de S. Paulo, em Minas e em poucos outrós, encarada em si mesma, já não é minguada a parcella dos professores primarios competentes.

E' minima, porém, considerando-se a enorme quantidade de crianças a instruir e a educar.

Cada professor primario capaz representa, para o futuro da Patria, algumas dezenas de cidadãos prescaveis; ao passo que o inepto, ou

apenas indifferente, cultiva nos discipulos o germen da ruina individual e social.

Enaltece o vigorisa a educação moral e civica, dada paralellamente á instrução secundaria; já deve, contudo, ser a continuação, o desenvolvimento da quo se iniciou ao correr da instrução primaria. E a razão é que, quando os rapazes se dedicam ao estudo dos preparatorios, o programma, intensivo e extensivo, absorve-lhes grande tempo, pouco restando á *Educação Moral e Civica*.

Ha em geral, nos melhores estabelecimentos de ensino secundario, um lente dessa materia, cujas lições semanaes raro excedem de tres. Acresce a isso que os alumnos estudiosos, sobrecarregados de outras muitas disciplinas, e os vadios, avessos a todo e qualquer estudo, aquelles pouca coisa e estes nada lêm do assumpto.

Não fôra tal, poderiam, desenvolvendo-se, senão educar-se por si proprios, ao menos completar as lições recebidas.

Se, portanto, urge que se dêm, paralellas, instrução e educação moral e civica, á infancia e á juventude, é o da infancia justamente o periodo mais propicio para isso.

Os ensinamentos civico-moraes hão de deitar raizes na quadra infantil, para florescer na mocidade, fortalecendo-a, e fructificar por toda a vida, abençoando-a.

Aqui se evidencia por que de começo asseverámos depender grandemente da pedagogia a solução do problema brasileiro, e em muito entender-se com a competencia dos professores primarios. A da sua competencia é das mais importantes questões, para a vida futura do Brasil. São elles os semcadores do bem ou do mal, e um ou outro brotará, ajudado da fertilidade infantil, cuja expressão propria é o entusiasmo pelas coisas novas e os novos factos.

Até aos quatorze annos, ha occasião sobeja, por que se lancem, nalma em flôr dos cidadãos do porvir, os germens do melhor civismo e os da mais proveitosa formação moral.

Durante o curso da instrução primaria, sendo ella mais rudimentar e menos extensa, têm os professores oportunidade farta para radicar no espirito das erianças os principios basicos da conducta moral e civica.

A chave da regeneração nacional está nas mãos dos professores, porque é no laboratorio das escolas que se tempera a fibra das nações.

Importa inestimavel a formação e a escólha delles, para o grande sacerdocio.

Não temos, actualmente, bastante onde escolher; ha-os mais mediocres e máus do que bons. Instruindo o educando, todos fazem pela vida, mas raros exercem o verdadeiro apostolado da instrução e educação. E não ha senão exercel-o, se so quizer o aproveitamento maximo da parte dos discentes.

A pedagogia, ainda mesmo em seus rudimentos, a generalidade dos nossos professores primarios pouco a conhece, quando elles é que mais deviam conhecê-la.

Não podemos, entretanto, culpal-os só a elles, que culpa directa pesa ás escolas-normaes, e destas, principalmente, ás particulares e equiparadas, nas quaes os futuros normalistas passam de afogadilho pelas diversas materias. Anceiam por concluir o curso, na ancia ainda mais forte de serem logo nomeados; e mesmo es docentes não levam com paciencia o gastar-se tanto tempo a preparar tão poucos alumnos. Não cogitam da qualidade, e sim da quantidade; convem mais preparar muitos em praso curto.

Se, todavia, o conhecimento dos futuros mestres é defficiente nas diversas cadeiras do curso normal, é-o, em particular, na pedagogia, da qual muito pouco se estuda. Uns ou outros procuram, ao depois, de si mesmos conhecê-la, e esses são, e sempre hão de ser, os mais aptos formadores da infancia.

Patenteia-se magna a importancia da acção dos professores primarios na campanha da regeneração nacional.

Nobilissima missão é a que lhes toca; e só a podem desempenhar

bem aquelles aos quaes não falleçam os requisitos necessarios.

Muitas pessoas, entretanto, que nem para o uso proprio sabem, se mettem a professores, montam collegios e abrem escolas... E conseguem alumnos, e instruem, e educam!...

O resultado é um descalabro. O portador de pessima, que boa educação pôde dar?...

E como ha de instruir os outros, se a si mesmo falta a instrução?...

O mal não vem tanto de que se nomeiem pessoas sem diploma, mas resulta de serem ellas, mui frequentes vezes, tomadas dentre as de minimo valor, pela irreflectida protecção a candidatos que não sabem.

Perdure o procedermos de tal arte, e não possuiremos tão cedo instrução nem educação primaria frutuosa, e a regeneração nacional, a despeito dos nossos mais profundos esforços, não se alentará, por faltar base.

Os professores competentes são, não raro, preteridos. Ser professor publico, em não poucos Estados, é das grandes munificencias que a politica liberalisa.

A idoneidade é coisa de que se não cura, pois, só se quer saber das maiores ou menores *habilidades electoraes* do pretendente.

Tem-nas, e apreciaveis?... Provou-as, e bem?... Dá-se-lhe a cadeira.

Desalinhado, porém, para o posto a que o guindaram, ensina mal e mal educa. Mas, entre uma e outra eleição, aqui levanta intrigas, semeia discordias acolá, pervertendo muita vez o sentimento das crianças.

D'ora avante, nos mereça o maximo carinho a instrução e a educação primaria que se diffundir no Brasil.

Sua relevancia plenamente se confirma; ella deve começar na escola a integridade da Patria, fraternizando desde a infancia os brasileiros.

M. F. PINTO PEREIRA

A DEFESA NACIONAL

... Paiz algum, o Brasil inclusive, estará jámais no caso de se defender effectivamente enquanto uão contar com estas duas condições de independencia e liberdade: *Educação e Riqueza*. Não sei, não entendo como possa ser livre um povo ignorante e pobre. Não sei como possa deixar de ser escravo um povo pobre e ignorantê.

Inversamente, tenho por inabalavelmente assentado, indiscutivel, evidente que nação abastada e esclarecida, educada e rica, dessa educação que satura todos os cerebros, dessa riqueza que garante todos os estomagos, educação e riqueza que não têm necessidade de ser refinada sabedoria, nem oppulencia material, — tal nação está defendida, garantida pela natureza das cousas. Está defendida pela melhor das defesas, pelo respeito e acatamento inspirado aos seus pares. Está tambem defendida pela consciencia propria e alheia de que ella se ha de mover unanime para repetir e jugular a minima affronta aos seus direitos ou aos seus brios.

... E' preciso augmentar a educação, mas augmental-a de um modo que exceda as melhores manifestações do optimismo official. Todos os detentores de poder administrativo ou politico, por peores que sejam, nunca poderão ser monstros taes — quo não desejem o progresso da educação, e não façam mesmo tudo quanto o seu criterio — delles — aconselha para manter e desenvolver. Raro será o relatorio official sobre o assumpto que não contenha declarações de que todos os sacrificios de dinheiro e todos os elementos de actividade foram e serão consagrados a esse ramo de administração. Mas é engano manifesto dessas bem intencionadas autoridades. A verdade é que todo o Brasil gasta pouco, trabalha pouco em educação publica. Se eu não temesse cançarvos com a leitura de algumas paginas do folheto que tenho aqui presente, reproduziria agora a demons-

tração baseada em factos da maior authenticidade, por mim feita em outra occasião, para provar quanto estamos longe de todos os paizes civilizados, neste particular.

Sabei, senhores, que a dura, a irreductivel verdade é que muitos dos nossos Estados, que se suppõem civilizados (e o são realmente, mas só em uma fração minima das suas populações) dependem menos de metade de uma quarte parte, de uma oitava parte do que emprega na educação popular uma obscura colonia ingleza.

E' sómente falta de consciencia o que nos leva a allegar quo "gastamos" muito na educação popular. Inconsciencia em tudo, até na expressão. Gastar em educação não é gastar: é ganhar. O dinheiro empregado nos edificios e nos outros materiaes das escolas, o dinheiro distribuidõ como nobre estipendio aos mestres — não é um valor lançado para o outro lado do muro, sem esperança de regressar jámais ás suas fontes de produção, como é o caso do que se emprega em polvora o chumbo e outros elementos de destruição, fabricados pelo estrangeiro e cujo preço fica em boa parte pelas mãos dos atravessadores mais ou menos honestos. O que se emprega no serviço, no maior dos serviços, que é o da educação, isso faz apenas um giro pelos canaes da circulação, para voltar em breve ao Thesouro, que é o destino final, direi melhor — o ponto de intersecção do movimento de todos os valores traduzidos na mercadoria generica que se chama moeda. Mas isso é apenas verdade quanto ao dinheiro bem gasto, isto é, quanto ao que se despende no paiz em obras uteis e quanto ao que é dado em troca de mercadorias reaes, de commodidades effectivas, necessarias á vida, á economia do paiz. Esse dinheiro, em que se include o destinado ao custeio da educação, volta mesmo engrossado ás arcas do thesouro, não só porque fica circulando dentro do paiz, mas, e principalmente, porque vai estimular as fontes de produção já existentes e crear muitas que não existiam ainda.

Assim, no corpo humano, o saugue uo estuar pèrpetuo da vida, mantém o seu rythmo admiravel de fluxo e refluxo, o movimento de systole e diastole presidido pelo organ central, graças ao qual ello procedê á irrigação do cerebro e, alimentando na sua passagem todos os elementos da harmonia economica do corpo, regressa ao coração enriquecido dos novos principios colhidos pelos pulmões.

Bastaria que os homens que governam se occupassem do observar a sua torrente circulatoria individual — para perceberem essas verdades. A educação é a primeira das fontes de riqueza.

A riqueza de quo terei do falarvos agora, como segunda condição essencial da defesa nacional, a riqueza, como acabo de dizer, nasce da educação. Para que o Brasil seja rico, pois, nada mais tenho a aconselhar do que essa unica providencia — fazer-se educado. Só tomarei a vossa preciosa attecção com poucas considerações sobre a minha concepção de riqueza.

... O que logo me impressiona, ao envolver num primeiro olhar o conjuncto do facto riqueza, como aconteceu com o facto educação, — é a desigualdade. Num paiz, onde a vida devia ser facil a todos os respeito, onde o proprio pão está pendente das arvres, representado pelo fructo singular que tem o seu nome, onde a propria sobre-mesa, representada por saborosos abacaxis e bananas e pelo delicioso café, está ao alcance de todas as mãos, num paiz assim — ha gente quasi com fome, o em grando quantidade! Tal paiz, evidentemente, não está maduro em materia de riqueza. Ella existe, mas esporadicamente. Existo como as dunas de um deserto formadas aqui e alli, sem uma razão plausivel, quasi ao acaso. Ella oxisto ainda, em algumas circumstaucias, felizmente em poucas, como pustulas disseminadas sobre o corpo febril de um enfermo.

E' bem claro que me estou occupando sómente da riqueza, ou antes, das riquozas particulares. E o faço

propositadamente, porque é dellas que se fórma a riqueza publica. A nação só é rica, o thesouro só conta com recurros quando a bolsa particular está bem guarneçada. Nenhuma objeção economica ou social tenho contra a accumulção de grandes fortunas individuais. A liberdade é tão necessaria em economia como em tudo. E' o ar sem o qual não ha vida. No regimen da liberdade, forçosamente uns homens serão mais ricos que outros. E toda vez que as fortunas forem conquistadas pelo trabalho, pela industria, pela assiduidade da economia bem entendida, pelos esforços, emfim, do homem para vencer honestamente a concorrência dos outros homens ou os obices hostis da natureza, — ellas serão legítimas e respeitaveis. Serão mesmo beneficas se os seus detentores fizerem dellas o melhor uso.

Mas, infelizmente, no Brasil, nem todas as fortunas são assim; de muitas pôde mesmo dizer-se que não são assim. O dinheiro, direi mesmo com mais propriedade que se dissesse a fortuna, — se tem muitas vezes estagnado em mãos inhabeis e em mãos impuras. Uma das mais frequentes origens dessa especie de fortunas tem sido as chamadas concessões officiaes, nascidas da corrupção e do favoritismo, verdadeiros descalabros da moral e da economia. São riquezas que não aproveitam á sociedade e nem aos seus portadores, que ellas opprimom não tanto com o seu grande volume como com o resalbo de consciencia da origem escusa dondo brotaram.

A educação generalizada viria corrigir os vícios da actual distribuição da riqueza, tornando-a generalizada tambem.

... Só a riqueza generalizada fará a riqueza da nação. Qualquer financista, qualquer banqueiro, qualquer homem versado nos phenomenos empiricos da economia social reconhece que se extrae mais facilmente um grande volume das contribuições do pobre, do humilde mesmo, do que do rico. Não são os ricos que formam a riqueza; são os pobres. O rico

parece tal porque tem concentrado as forças de muitos; mas esses muitos são nada em comparação com os que permanecem dispersos e que, somados, combinados, darão sempre a quasi totalidade da capacidade economica da nação.

Sinto que o nosso tempo disponível não me tolere jogar com algarismos, como é o meu habito em questões desta ordem. Mostrar-vos-ei sómente um caso, o esse mesmo usando de meras aproximações, porque o retenho apenas de memoria. Ha por ahí uma lei permittindo aos bancos a instituição de uma secção de depositos populares, que podem começar pela entrada minima de 50\$000 e continuar-se por contribuições menores, mediante juro de 5 %, se bem recordeo; conversando ha pouco com o gerente de uma das filiaes do Banco da Provincia do Rio Grãude, informou-me esse cavalheiro que os depositos dessa especie já andavam por cerca de quarenta mil contos, emquanto no mesmo tempo não tinha entrada para o Banco nem a quarta parte dessa somma procedente dos grandes depositos communs, isto é, dos depositos de que uma grande parte é feita pelos ricos. E' bem verdade que as montanhas são feitas de grãos de terra; mas, para haver montanha, é preciso accumular a terra; quem simplesmente tomar na mão um punhado della terá apenas a sensação de um pugilo miseravel.

Ao tocar este ponto da discussão, que poderia considerar-se o fim do capitulo relativo á Educação e á Riqueza, como condições primordiaes da defesa nacional, deixai-me reafirmar perante vós que, obtidas essas duas condições, o paiz teria tambem toda a liberdade a que com tanta razão aspira. Não falo da liberdade animal grosseira, que, essa a temos talvez em demazia; mas da liberdade de crescimento normal e integral, de desenvolvimento no maximo possível dos elementos de vida racional. Essa liberdade, que é mais essencial que a outra, nós temos-a cercada por muitos costumes e por algumas leis anti-racio-

naes. — (Da conferencia do sr. Assis Brasil, sobre "A idéa de Patria", realisada em S. Paulo no dia 22 do mez passado).

A NOSSA POLITICA INTERNACIONAL

Na sua conferencia realisada em S. Paulo sobre a idéa de Patria, o sr. Assis Brasil deu publicidade a uma nota diplomatica que sobre as nossas relações internacionaes, s. exa. então ministro brasileiro em Washington, dirigiu em 1900 ao nosso governo. Esse interessante documento é o seguinte:

"Washington, 31 de Janeiro de 1900.

Sr. ministro:

Parece certo que as "idéas governam o mundo", quanto aos resultados definitivos da evolução; mas é igualmente verdade que, no conflicto dos interesses internacionaes, a decisão de facto tem sido sempre dada pela força, ou apoiada nella. E o momento actual não autoriza a crêr que o eriterio das nações tenha variado nesse particular.

Sempre houve umas nações mais fortes do que outras, mas nunca a desigualdade foi tão profunda como no actual momento historico. E a observação ensina que os progressos das sciencias e das artes, inclusivé a sciencia e a arte da guerra, vão aggravando enormemente as differenças do poder entre as nações fortes e as debéis. Parece que a força augmenta em razão geometrica para aquellas, e apenas em razão arithmetica para as ultimas. Ainda em meados deste seculo — para não ir buscar mais longe um exemplo — Rosas, á frente de um povo tyrannizado, anarchizado e semi-barbaro, podia zombar das duas primeiras forças navaes do mundo; hoje, potencias de ordem subalterna conseguem extorquir duras satisfações a Estados muitas vezes mais consideraveis que a antiga Confederação Argentina. Ao mesmo tempo que as nações aggressivas dispõem do ele-

mentos offensivos mais efficazes, as nações fracas tornam-se mais vulneraveis, tendo croado, com a sua entrada no concerto da civilização, exigeneias e necessidades em desproporção com os seus meios de defesa. As contingencias acarretadas pelo uso do credito, pela expansão do intercambio universal, etc., não existiam para os povos chegados apenas ao estadio em que se achava o que era acaudilhado pelo tyranno do Prata. Por outro lado, a experiencia mostra que, se a civilização tem produzido taes fructos, não tem influido egualmento, nem muito menos, quanto ao respeito das nações poderosas para com as suas inferiores em força material. Seria, portanto, insensatez destas deixar de provar os meios necessarios para se garantirem.

O Brasil é, territorialmente, mais de metade da superficie habitavel da America Meridional e possui cerca de metade da população total dessa parte do continente. Mas não é licito desconhecer que o nosso paiz, na sua actual situação, é eminentemente vulneravel. O insulto que as grandes potencias mais commummente, e mais a seu salvo, offerecem ás debéis, é o ataque, ou pelo menos a ameaça por mar. Ora, a nossa costa de mil e duzentas leguaes de extensão é actualmente pouco mais que indefensa. A invasão do territorio não é tanto para ser considerada, porque a cobardia dos fortes conta sempre com a especial vantagem do quem defende a sua propria casa. Entretanto, ainda neste particular, a nossa situação está longe de ser satisfactoria: á falta de educação e disciplina do povo, do qual devem ser tirados os defensores da patria, cumpre acrescentar a extrema difficuldade da concentração das forças, com a quasi absoluta ausencia de meios regulares de transporte interior ao longo da costa.

Não ha perigos ueessa situação? Ha, e grandissimos. Não suppondo já o caso de uma directa aggressão de conquista, é innegavel que de alguma violenta difficuldado com alguma nação poderosa — que é come

dizer "pouco escrupulosa" — pôde resultar que fiquemos como a Hespanha em frente dos Estados Unidos, ha cerca de um anno. Ora, tal situação, e o proprio rompimento que a provocaria, serão tanto menos provaveis quanto o paiz fôr considerado mais apto para se defender. Mas a minha experiencia me diz que, infelizmente, o Brasil é reputado ainda muito inferior ao que elle realmente é. Somos o paiz mais mal conhecido — o pouco que sabem de nós os estrangeiros é o que temos de mau, e isso ainda injustamente aggravado.

Bem que mais remotamente provavel, uma aggressão directa não é, entretanto, impossivel. Pelo menos, parece que tal hypothese tem estado nos calculos do algum homem de Estado, e mesmo de algum governo. Não creio, como alguns, que ella estivesse já formulada no animo destes Estados Unidos. Pelo contrario, a minha convicção é que, neste paiz de governos mutaveis a curtos intervallos, não existe a sufficiente continuidade deliberada de plano politico para resoluções destinadas a serem applicadas em mui distante futuro. Todos os casos de expansão dos Estados Unidos — e elles são já bastante numerosos para autorizarem uma indução — têm ido resolvidos no proprio momento em que as circumstancias os têm deparado, tenham sido as armas ou tenha sido o dinheiro o titulo de aquisição. Em todo o caso, o perigo de absorção nossa por este paiz estaria sufficientemente longe para nos permittir modificar muito a nossa actual situação, até pela simples acção do tempo.

Um livro "expansionista", recentemente publicado por um escriptor de merito, mr. Baueroft, não admite que seja tarefa de que possa este paiz cogitar desde já a conquista da America Meridional. Só o Brasil, diz o autor, levaria mais de vinte annos a ser dominado e outros tantos a ser assimilado.

Mas o caso dos Estados Unidos, onde a terra fertil ainda é muitas vezes superior ás necessidades dos

habitantes e onde o que se busca é exclusivamente mercado para a produção nacional, não é o mesino de certos paizes saturados de população, que procuram radicar o excessos desta em terreno proprio, afim de que seja uma expansão da patria, e não simplesmente uma contribuição gratuita para a grandeza de outrem. O caso dos Estados Unidos, emfim, não é certamente o da Allemanha.

Durante a minha missão em Buenos Aires, um notavel estadista chileno affirmou-me que um chefe de estado-maior do seu paiz, o general***, que viera capitão da Allemanha, lhe disséra que, antes de aceitar o posto que lhe era offerecido, no exercito do Chile, fôra procurado de parte de Bismark com o offerecimento do logar de agente secreto no sul do Brasil. Seguindo esse general, Bismark contava com o desapparecimento do imporio e, como consequencia, com a subdivisão do Brasil, e queria preparar as cousas para se apoderar do sul, apoiado na população allemã que lá existe. Não seria diffiil ao governo obter por meios habeis mais precisas informações do general***, que é hoje mais chileno que allemão. A versão nada tinha de novo para mim. Sem que conste que o governo allemão tenha jámais manifestado por via official intenções offensivas da nossa integridade, é certo, entretanto, que, de longa data, na Europa, aqui e no nosso proprio paiz a suspeita toma intermittenemente vulto nas cogitações do publico. E' antiga crença popular no meu Estado natal, o Rio Grande do Sul, que a Allemanha tem desejos de conquistar-nos. Allemães de certa notoriedade e outros mais obscuros, alli residentes, têm sido apontados como missionarios do genero de que seria o sr. ***, a ter accettato o convite de Bismark. Entretanto, não só os allemães esclarecidos, como a generalidade dos brasileiros com corta influencia nos negocios publicos, attribuiram sempre a crença popular ao suspeito uativismo das classes ignorantes. Eu mesmo só tive esse modo de pensar um tanto abalado depois das reve-

lações alludidas do cavalheiro chileno. Eis, porém, que nestes dias, jornaes da Europa e dos Estados Unidos voltam a occupar-se insistentemente da questão. Um dos retalhos que junto remetto contém o resumo de um artigo de uma das mais conceituadas publicações periodicas de Londres "The Speetator", no qual se affirma que o pensamento de obstar a doutrina de Monroe é o verdadeiro motivo do ardor da Allemanha em levar por deante o seu plano de engrandecimento naval. O assumpto tem sido muito discutido aqui, como vereis de outros retalhos que vos remetto. E' verdade que uma grande ignorancia é revolada pelos escriptores sobre os dados essenciaes do caso, especialmente sobre o numero e influencia dos allomães estabelecidos no sul do Brasil, muito inferiores ao que se suppõe. Mas "não ha fumo sem fogo": seria injustificavel da parte dos nossos estadistas negar attenção ao facto e deixar de preparar os remedios que a produção, ou immi-nencia, d'elle reclamaria.

Desde logo pôde affirmar-se que o melhor remedio para o perigo em questão é fazermos fortes tambem nós. Sobro os meios de o conseguir é que pôdem variar as opiniões. Peço-vos licença para expôr a minha, com a franqueza que o patriotismo aconselha.

Quândo, até mui recentemente, este paiz não cogitava de atacar os demais, porém unicamente de conservar o que tinha (e esse é o caso do Brasil actual), a opinião geral, esposada e posta em pratica pelos governos de ambos os partidos, sobre os meios do chegar a esse fim podia ser reduzida aos seguintes postulados:

1.º — fortificação effectiva dos portos commercaes, pouco importando os que apenas pudessem servir para desembarques, desde quo uma invasão não era de temer, em vista dos grandes recursos do paiz; 2.º — criação de boa esquadra de guarda costas, limitando-se e exercito ao absolutamente necessario para a administração interior; 3.º —

abundantes meios de transporte, representados por uma navegação do cabotagem nacional, bons portos o caminhos de ferro, para facilitar a concentração e mobilização das forças; 4.º — educação dos cidadãos nos deveres civicos e no manejo das armas, principalmente na arte de atirar.

Nenhum programma me parece mais applicavel ás circumstancias do Brasil. Eu só lhe accrescentaria um item, necessario para o nosso caso: — promover a produção no proprio paiz dos meios de subsistencia do homem e dos animaes uteis, como garantia contra uma interrupção de communicações com o interior. Os meios de realizar essa politica competem á sabedoria do governo; não ousou suggeril-os.

Esse seria o modo intrinseco de nos fortalecermos, não só para nos fazermos respeitar, como para obtermos a sufficiente tranquillidade para nos occuparmos descalegadamente do nosso progresso. Ha, entretanto, meios extrinsecos, que devem ser usados conjunctamente com aquelles. São esses os de que, na minha qualidade de agente diplomatico, me posso occupar com mais propriedade.

Eis, em substancia, as conclusões a quo me tem levado, sobre este particular, a minha constante observação e meditação:

A) Devemos cultivar systematicamente com os governos do Chilo, Argentina e Uruguay uma especie de alliança (escripta ou não, mas de preferencia não escripta em começo), que se traduza em factos positivos, como sojam: 1.º — abolição gradual das alfandegas entre os quatro Estados; 2.º — arbitramento para todas as differenças que se não puderem liquidar directamente; 3.º — combinação assidua a respeito de fortificações costeiras o do effectivo das respectivas forças do terra o mar, de fórma que a proposta de fixação do forças feita por cada governo ao respectivo parlamento fosse de facto um resultado de tal combinação; 4.º — suggestão constante e reciproca do que

uma especie de confederação se pôde estabelecer entre as quatro potencias para fins puramente pacificos, principalmente para o intercambio de productos e a defesa commum. Bastaria que as potencias aggressivas contemplassem o espectaculo da harmonia entre as quatro mais significativas nações da nossa America para sentirem menos pruridos do as offender gratuitamente. Mas essa "entente" deve principalmente dar abundantes fructos á economia interna de cada um dos associados. Essas nações occupam zonas cujos productos se compensam e completam; mas ainda que assim não fosse, aqui estaria o exemplo deste portentoso paiz para mostrar os milagres da liberdade de commercio. Sendo reputada ultra-proteccionista a nação americana é verdadeiramente o unico exemplo completo de livre-cambio: ella é um mundo de quarenta e tantas nações, que não conhecem entre si o que seja Alfandega. Politicamente, o Brasil, o Uruguay, a Argentina e o Chile só podem encontrar motivos de aproximação: — mesma raça, mesma religião, quasi a mesma lingua; as unicas rivalidades que as têm posto em campos oppostos são resalços de barbarismo e resultam propriamente da separação. O primeiro fructo da "entente" seria a eliminção das actuaes desconfianças e a cessação do enorme gasto de energia que ellas acarretam.

B) Devemos cultivar systematicamente a boa amizade destes Estados Unidos. Sobretudo, devemos vir aqui aprender as mil cousas necessarias ao nosso progresso, que ignoramos o que aqui podemos aprender molhór do que em parte alguma, por ser este um paiz novo, apresentando maior numero de semelhança com o nosso do que nenhum outro. Seja qual fôr o intimo sentimento com que este povo tem conservado com tanto amor a doutrina de Monroe, é minha convicção que som ella o perigo da nossa tranquillidade, senão a certeza da nossa ruina, seria evidente. Na famelia febre de occupar tudo quanto é con-

quistavel no mundo, as nações fortes já nos teriam lançado as garras, sem o respeito que este colosso impõe. O que ó preciso, o que a sabedoria, tanto como a dignidade, aconselham ó que utilizemos a protecção sem subservencia ao protector. Ora, isso não é, felizmente, difficil de conseguir. Os Estados Unidos têm interesse material e moral na nossa amizade, e muito mais irão tendo á medida que o Brasil se fôr desenvolvendo. Demais, o caso de protecção deve ficar como pura possibilidade, sendo de esperar, tanto como de desejar, que nunca venha a ter applicação. Por outro lado, a nossa "entente" com as tres Republicas hispano-americanas, uma vez realizada, nos daria prestigio e faria a nossa amizade mais preciosa como uma garantia do que tal "entente" se não transformaria em coalisção contra este paiz. Com essa politica, nós alargariamos o caracter da doutrina de Monroe: — os Estados Unidos não seriam já os grandes exclusivos da sua effectividade.

Não por pura vaidade, mas por amor dos seus mais vites interesses, o Brasil podia ter muito mais peso do que tem na balança internacional. Somos em muitas foições moraes o perfeito contraste deste povo: tomamos em excesso de timidez e pessimismo o que a esta gente sobra e sobrou sempre em ousadia e optimismo. Isso faz com que nos julgue ainda muito abaixo do que realmente somos e valemos. A minha experiencia diz que, não só na Europa, mas aqui e na nossa propria America, a crença é geral de que nós somos a quarta ou quinta nação americana. A propria insistencia na preocupação de que estamos em vesporas de ser conquistados é prova do mal que nos conhecem e não faz pequeno damno ao nosso prestigio. Quando os Estados Unidos proclamaram ao mundo que não consentiriam na immissão da Europa para embaraçar o desenvolvimento da Republica no Novo Muudo, eram menos de metade do que nós somos hoje. E' verdade que, então, a differença de po-

der entre as nações fortes e as fracas não era tão notavel como hoje; mas hoje mesmo vemos cotadas acima de nós algumas que, em verdade, estão muito abaixo. Não se mudam por decreto os caracteres essenciaes do povo; mas está na sabedoria e patriotismo da administração aproveitar e desenvolver as suas boas qualidades e reprimir a preponderancia das más. Saude e fraternidade. — (Assignado) J. F. de Assis Brasil.”

NOTAS DE SCIENCIA

A EXPLORAÇÃO DO CÉO

Com o aperfeiçoamento da grande descoberta de Galileo, o telescópio, chegaram-se a resultados admiraveis, os quaes, se são ignorados do grande publico, é porque as descobertas são numerosissimas e só as mais importantes são assignaladas pelos jórnaes. Os proprios astrónomos tornaram-se especialistas, alguns occupando-se exclusivamente dos cometas, outros dos planetas, outros do sol, e ainda outros limitando-se a medir as posições das estrellas sobre chapas photographicas sem mesmo ver o céo.

Para estudar os cometas emprega-se um instrumento especial, facil de mover-se, ou em direcção vertical, ou em direcção horizontal. Fixado muito baixo a principio, pouco a pouco é levantado a uma posição parallela ao horizonte, até comprehender o espaço a examinar-se. Após ter perscrutado o arco de céo em observação, o observador faz voltar o instrumento á posição primitiva, operação esta que lhe permite ver os cometas com muita exactidão. Os cometas attingem o esplendor maximo quando estão mais próximos ao sol, e é assim que são vistos, ora no nascente, ora no poente, pouco depois do sol se pôr. O dr. Brooks, director do Observatorio Smith, de Nova York, já descobriu assim vinte e sete cometas, esperando descobrir mais dois, afim de ba-

ter o “record”, que até agora pertence a Pons, astrónomo francez fallecido em 1831, descobridor de vinte e oito cometas.

Para saber se os cometas voltarão, isto é, se são periodicos, basta estabelecer a posição delles em tres noites diversas, fixando assim sobre a sua orbita tres pontos, afim de ver se ella é aberta como uma parabola, ou uma hyperbole, ou fechada como uma elypse. Neste ultimo caso, o cometa será periodico, podendo-se estabelecer a época da sua volta. O mais interessante nos cometas periodicos é o de Halley, baptisado com o nome do famoso astrónomo que primeiro calculou a sua orbita. O ultimo apparecimento desse cometa considerou-se acontecimento do tal importancia entre os astrónomos, que fez com que se destinasse um premio a quem executasse o melhor calculo sobre a sua orbita, problema muito difficil, dadas as influencias de atracção dos planetas, e que foi resolvido depois por dois astrónomos inglezes. As posições previstas foram publicadas com muita antecipaçaõ, afim de facilitar aos astrónomos o registro sobre chapas photographicas da passagem do astro.

Muitos planetas tem satellites, como Jupiter: quatro delles foram descobertos por Galileo e o quinto pelo professor Barnard, em 1892. Em 1877, pouco depois da collocação no observatorio naval norte-americano do instrumento de 0,^m65, o professor Asaph Hall procurou persistentemente os satellites de Marte; estava já para abandonar a sua investigação quando, tendo-a prolongado de uma noite, a pedido de sua mulher, descobriu finalmente dois.

Os melhoramentos introduzidos no telescópio não consistem somente em augmental-o, mas tambem em usal-o de combinação com as chapas photographicas, o que torna possível a descoberta de coisas novas sem mesmo ter-se necessidade de vel-as directamente.

Entre os planetas so encontra um grupo de minusculos e pallidos cor-

pos, conhecidos pelo nome de asteroides, de que existe tão grande numero que a sua observação seria trabalho muito mais difficil se não fosse o auxilio da photographia. Dois são os methodos photographicos em uso para a descoberta dos asteroides: o primeiro, adoptado ha muitos annos, provém da distincção que so faz entre os asteroides e as estrellas pelo movimento que é diverso entre ambos. De ordinario, quando se usa um telescópio para photographar o firmamento, elle é regulado por um mechanismo que o move com a mesma rapidez com que giram os céos, de modo que as estrellas ficam fixas no campo visivel e apparecem na chapa sob a forma de pontos. Se um corpo se move entre ellas deixa sobre a chapa um traço, que é justamente o indicio da presença do asteroide. Mas os menores asteroides deixam traços pouco perceptíveis. Por essa razão o professor Metcalf encontrou este outro systema engenhoso: calculou o movimento approximado de um asteroide na parte do céu opposta ao sol, num dado momento, e imprimiu ao telescópio um movimento igual ao habitual, mas em sentido opposto. Assim conseguiu que o asteroide produzisse sobre a chapa um ponto, enquanto as estrellas deixavam um traço. A chapa photographica, além de ser extraordinariamente sensivel ás impressões recebidas, é ainda fiel conservadora dellas; de modo que o astrónomo pode assim, observando a sua chapa, descobrir phenomenos occorridos annos antes, para o que necessita confrontar as antigas com as novas photographias. Desde que o professor Barnard encontrou o quinto satellite de Jupiter, nenhum outro dos satellites se descobriu, senão sobre chapas photographicas. O professor Pickering, comparando duas chapas que reproduziam Saturno em épocas divorsas, descobriu em 1898 um nono satellite saturnino, surgindo logo depois o decimo. Pela mesma occasião se descobriram quatro novos satellites de Jupiter. Tudo isso por meio da photographia

Durante os eclipses solares, a photographia é de grande utilidade. Um eclipse total do sol dura no maximo sete minutos, e ás vezes menos; e como cada observador tem um objectivo particular, raramente o vê completo. Os astrónomos têm discutido longamente sobre a existencia de um planeta entre Mercurio e o Sol, porque algumas irregularidades na orbita mercuriana fazem pensar na influencia de algum corpo. Ora, o proprio Mercurio é difficilimo de ver-se, por causa da sua vizinhança da fulgurante luz solar. Por essa razão, um planeta que fosse aiuda mais visinho do sol somente appareceria na obscuridade de um eclipse total. A descoberta desse planeta é o que se pretende fazer por meio da photographia, durante a obscuridade do sol. Até agora, porém, nada se conseguiu.

A's vezes, a chapa photographica revela phenomenos taes que maravilham os proprios astrónomos. Tal, por exemplo, a estrella Nova Persi, apparecida em 1901, que as photographias mostraram envolvida de uma larga e bellissima nebulosa, a qual foi vista em photographias successivas mudar de forma e alargar-se para fóra, phenomeno surpreendente para os astrónomos e ainda não explicado.

Menos impressionante, mas tambem de grande importancia é o trabalho photographico realiado em Harvard para fazer a carta do céu. Cada secção deste é constantemente rephotographada, conservando-se as chapas num local adequado, á prova de fogo. Esse registro torna possivel estudar a historia de uma estrella, em qualquer época, estudo esse que vem sendo feito principalmente pelas senhoras que trabalham na Universidade.

É DISPENSÁVEL O APPENDICE?

Fez-se no Rio de Janeiro um inquerito scientifico entre alguns dos principaes cirurgiões, ácerca da uti-

lidade ou inutilidade do appendice. A questão a decidir-se era a seguinte:

— Tendo de praticar uma laparotomia devemos retirar o appendice ainda que perfeito?

Eis as respostas publicadas:

Dr. Fernando Vaz: — “A cirurgia norte-americana está tirando appendices a torto e a direito. Assim me autorizam a afirmar as recentes estatísticas que de lá recebi. Eu só retiro o appendice com lesão ou suspeito de lesão. Perfeito, conservo-o como órgão que deve ter necessariamente a sua função.”

Dr. Arnaldo Quintella: — “Nas laparotomias gynecologicas, onde é maior a minha observação, sou radicalmente do aviso que o appendice deve ser systematicamente estirpado, porque a porcentagem da concomitancia da lesão appendicular com as lesões genitales é extraordinaria. Mesmo que o appendice, por excepção, so apresente livre, ainda assim penso que o devemos retirar. Neste modo de agir estou apadrinhado por uma das maiores celebidades gynecologicas de Paris, o Professor Jean Louis Faure.”

Dr. Daniel de Almeida: — “Não. Sou radicalmente contra a extracção de um appendice perfeito.”

Dr. Crissiuma Filho: — “Sim. Sempre que abro um ventre e encontro o appendice em condições favoraveis de ser retirado, não hesito. E', a meu ver, uma questão de prophylaxia.”

Professor Nabuco de Gouvêa: — “Absolutamente não. Deve-se sempre verificar o estado do appendice no curso de uma laparotomia. Suspeito que seja, devemos fazer a sua estirpação, mas conservo-o sempre que fôr verificada a sua perfeita integridade. Penso assim porque o appendice não deve ser um órgão dispensavel. Para muitos elle é até um órgão de defesa comparavel á amygdala e chamam-no mesmo a “amygdala abdominal”. E ha razão para isso: a sua estrutura anatomica é muito semelhante á daquelle órgão.”

Dr. Pinto Portella: — “Quando estive em Pariz, o Dr. Rotier disse-me que acabava de operar o filho e a filha só para extrahir o appendice e pol-os a salvo de uma possivel appendicite. Penso, entretanto, de modo contrario. Estando perfeito o appendice não o retiro, principalmente nas crianças, pois trata-se de um órgão lymphoide, de função defensiva. A medicina hoje já não ignora a importancia da função das glandulas internas.”

Dr. Joaquim de Mattos: — “Não, ainda mesmo que o laparotomizado tenha tido anteriormente uma appendicite ou pseudo-appendicite. O appendice só deve ser reseccado quando não estiver perfeito ou, em outras palavras, quando não estiver normal.”

Dr. Oliveira Motta: — “Examino sempre o appendice. Se o encontro bom só o estirpo se o acto não complica a operação. Mínimas lesões que apresente, não hesito: supprimo-o.”

Dr. Rodolpho Chapot Prévost: — “Penso que o “appendice vermiforme”, quando integro em sua estrutura e função, não deve ser retirado.”

Dr. Augusto Paulino: — “Não devemos tirar um appendice perfeito. Esse órgão tem as suas funções perfeitamente estabelecidas. Quando lesado devemos estirpal-o. Mas, perfeito, deve ser conservado mesmo porque a sua extracção demoraria a intervenção, tornando a laparotomia mais sombria.”

Dr. Leão de Aquino: — “Não. Perfeito o appendice, não o estirpo em hypothese alguma. O appendice é um órgão lymphoide e tem uma função que só agora começa a ser definida. A natureza não faz nada inutil. Não retiro um appendice perfeito, como não retiro uma vesicula biliar para evitar futuras cholecyrtites, nem os ovarios para evitar uma salpingite. Realmente pode-se viver sem o appendice, como sem um olho o sem uma perna. Nem por isso esses órgãos deixam do fazer grande falta...”

Professor Fernando Magalhães: — “Não demorando o acto operato-

rio, é de boa rogra aproveitá-lo para retirar o appendice embora são. Todavia dou preferencia á inversão do appendice, quando perfeito, para dentro da cavidade intestinal.”

Dr. Alvaro Ramos: — “Sim. Ha toda a vantagem na extracção do appendice, embora elle se apresente aparentemente perfeito. A simples inspecção após a abertura do ventre não nos permite affirmar que um appendice com boa apparencia esteja perfeito. Além disso, lesões outras ha que terminam por desordens bastante graves, no appendice, razão por que sempre que interveinho na cavidade abdominal, ainda mesmo por uma simples appendicite, não deixo de proceder a uma exploração geral das demais visceras, pois ponho sempre em duvida as tão apregoadas operações com pequeninas incisões.”

Dr. José de Mendonça: — “Sim, quando isto não importe num agravamento da operação actual; porque o appendice não é indispensavel á perfeita função do organismo como já o provaram milhares de observações e porque a appendicite, dadas as condições actuaes da vida, é grave molestia muito frequente e de consequencias sempre duvidosas quando se não pratica uma prompta intervenção.”

A INDUSTRIA DO LAPIS

Desde o principio do seculo XI na França e na Italia já se usavam pequenos cylindros ou lapis de chumbo, e á proporção que se desenvolviam as applicações do papel, pouco a pouco se diffundia o uso desse lapis. Nos paizes que possuíam jazidas de graphite, não se tardou, porém, em descobrir a propriedade desta substancia de deixar sobre o papel um traço escuro e luzidio. Dahi a idéa de applical-a ao mesmo uso dos cylindros de chumbo, o que fez com que se desse na Italia o nome de *piombaggine* á graphite embora esta não seja mais do que carvão quasi puro. A principio se talhavam os lapis em blocos de gra-

phite, e como as pequenas hastes assim obtidas eram fragilissimas, começou-se a protegel-as com tubos de madeira. Esse processo exigia uma graphite de optima qualidade, que se encontrava somente na Inglaterra e deixava muitos residuos, de nenhuma utilidade. No seculo XVII os allemães procuraram combater o monopolio de que gozavam os lapis inglezes e, como não tivessem a materia prima conveniente, imaginaram substituir a graphite compacta por uma pasta composta de plombagina impura, antimónio e enxofre. Assim teve inicio a industria dos lapis artificiaes; mas estes productos deixaram muito a desejar até 1795, anno em que o chimico francez Jacques Conté conseguiu melhorar consideravelmente a pasta, a ponto de lhe dar todas as qualidades dos lapis inglezes. Os lapis de Conté, feitos de plombagina em pó o de argilla, aquecidas ao rubro, podiam ser adaptados ou em tubos de madeira ou em porta lapis metallicos. Um outro francez, Fichtemberg, de Paris, conseguiu tornar inapagavel a escripta feita com o lapis, introduzindo substancias graxas na pasta de plombagina.

As descobertas de Conté e de Fichtemberg, como tantas outras descobertas francezas, diz a *Revue Scientifique*, valeram principalmente á Allemanha, que as desfructou em vasta escala, de tal sorte que não é exaggero hoje dizer-se que o mundo inteiro se tornou tributario dos allemães para o fornecimento de lapis. E' assim que só em 1912 a Allemanha exportou lapis no valor de 11.507.000 marcos, assim divididos: para a Inglaterra, 1.223.000; para a Russia, 1.742.000; para a França, 750.000; para a Italia, 646.000; para as Indias, 415.000; para o Japão, 829.000; para a America, 700.000. O resto se divide entre os paizes da Europa e da Asia.

Só Nuremberg contava vinte fabricas, que occupavam 7.000 operarios e produziam annualmente 300.000.000 de lapis. A mais importante destas fabricas era a de Fa-

ber, que tinha entre outras uma sucursal na França, e ahí possuía quantidade tal de lapis que ainda não se conseguiu consumir toda. E continuam a vender-se lapis Faber, e todos se servem d'elle, mesmo os membros mais zelosos das ligas anti-germanicas, os quaes ficariam muito surprehendidos se alguém lhes revelasse a proveniencia do lapis que usam. Parece que chegon o momento de renascer na França uma industria que poderia empregar utilmente grande numero de mutilados. A fabricação dos lapis exige somente uma pequena quantidade de materias primas: madeira, colla, verniz, graphite, sendo esta ultima encontrada em abundancia em Madagascar. E' certo que o preço de uma machina capaz de produzir uma centena de grosas de lapis por dia é bem alto; mas uma machina deste genero permite trabalho a domicilio e a maior parte dos mutilados preferirão o trabalho em casa ao trabalho na officina. Os industriaes poderiam, pois, fazer a compra desses instrumentos, com o quo economisariam a despesa com terrenos caros e a construcção de varios edificios. — M. P.

DOIS SABIOS HOLLANDEZES NO BRASIL

Ao conde João Mauricio de Nassau deve o Brasil a vinda a suas plagas septentrionaes do uma pleiada de homens de mais evidente valor. Destes merecem especial menção Wilhelm Pies e George Marcgrave.

O primeiro foi o archivista do príncipe, não desde o começo de sua expedição, como erroneamente o affirmam quasi todos os seus biographos. Nas actas das reuniões da Commissão dos XIX da Companhia das Indias Occidentaes durante o anno de 1636, não figura o nome de W. Pies, pela simples razão que não foi elle quem acompanhara o Conde na travessia do Atlantico. Veio, sim, Wilhelm, von Milaenen, medico desconhecido, que logo falleceu ao

chegar ao Brasil. Em carta datada de 25 de Agosto de 1637, o Conselho Administrativo em Pernambuco pedia que lho fosse enviado o mais breve possivel um outro medico *habíl e experimentado*.

Em consequencia disto foi nomeado para vir ao Brasil o Dr. W. Pies. Sabemos hoje ao certo a data de sahida da Hollanda de George Marcgrave, mas não ha certeza sobre a de Pies.

Talvez tivessem vindo juntos, assim como H. Cralitz, de que fallarei dentro em pouco.

Wilhelm Pies nasceu em Lelden em 1611. Graças ao archivista do Museu Comunal daquela cidade, o Sr. Rammehman Elzevier, sabemos hoje que o pai de Guilherme Pies era um musico allemão, Hermann Pies, nascido em Cleves. Este, aos 27 annos se inservera, aos 6 de Maio do 1607, como estudante de medicina em Leyden. Parece certo que não concluiu os estudos, pois ha evidentes provas de que passara a vida como musico, e de 1625 a 1645 fôra organista da igreja do S. Pancracio.

Guilherme Pies foi, como Bontius, alumno de medicina da cidade de seu nascimento. Depois passou a Caen, na Normandia, onde se doutorou aos 22 annos. Aos 4 do Julho de 1633 inscreveu-se como medico na cidade de Amsterdam. Aos 26 ou 27 annos foi nomeado, como dissemos ha pouco, pela Companhia das Indias Occidentaes para vir ter ao Brasil como medico do Conde o archiatra da expedição.

A Alberto Conrado Burg, Burgo-Mestro de Amsterdam e membro do Conselho dos XIX e a João de Laet, um dos melhores chronistas da Companhia, manifestara o Principe antes de partir, o desejo de que fosse organizada uma expedição scientifica aos dominios que a Hollanda pretendia firmar no Brasil. Foi dest'arte W. Pies investido na chefia da primeira missão puramente scientifica expedida por paiz europeu aos paizes do Novo Mundo. Assim foram designados George Marcgrave e Henrich Cralitz — *Germanos, medicinx et mathecos candi-*

datos, no dizer de Barlens. Do primeiro fallarei dentro em pouco. Do segundo apenas sabemos que tambem era sãxão, estudante de medicina em Leyden, que era um joven cujos estudos faziam delle esperar um brilhante futuro, mas que em caminho succumbira aos trinta annos de idade — *immatura morte suffocatus*, como diz Piso.

Por occasião da partida de W. Pies o grande poeta hollandez Justo von der Voudel dirigiu-lhe um adeus poetico, no qual muito lhe recomendava velar pela saúde do Conde.

Durante sua estadia no Brasil, colheu W. Pies as observações medicas, com as quaes compoz sua — *De Medicina Brasiliensi*, que é a primeira parte da *Historia Naturalis Brasiliae*, cuja primeira edição foi publicada em 1648, sob os cuidados de Joha de Laet, a quem o Conde enviara os originaes.

De 4 livros ou seções se compõe a obra. O livro primeiro trata de *Acre, aquis et locis*. O segundo do *endemus et familiaribus morbis in Brasilia*, dividido em 22 capitulos em quo successivamente se occupa das febres, das doenças oculares, de *spasmo*, de *stupore*, de catarrhis, da *dysenteria*, das doenças contagiosas, do bicho do pé, etc. O livro terceiro trata de *venenis et ermorque antidotis*. O quarto de *facultatibus simplicium*.

Esta obra, evidentemente magistral, reexaminada com afincio, evidencia a cada perquisição excellencias novas e por isso ainda é hoje uma das glorias da litteratura medica hollandeza. A Piso devemos uma descripção exacta e minudente das endemias então reinantes no Brasil e dos meios de tratá-las. Observou a boubha, o tetano, paralyrias varias, a *dysenteria*, a heneralopia, o maculo, etc.

Descreveu a ipeca e suas qualidades emetocatharticas, das quaes aliás já se utilizavam os aborígenes, muito antes do celebre medico Adriano Helvetius, o avô do notavel philosopho francez Claudio Adriano Helvetius, haver recebido de Luiz XIV mil luizes de ouro, ti-

tulos e honorarios, por haver descoberto exactamente aquellas mesmas virtudes therapeuticas. De 1688, data o Tratado de Helvotius intitulado *Remede contre le cours de ventre*.

Mostrou a acção therapeutica do côco andaassu, da capeba ou pari-paroba, do jaborandi. A proposito deste ultimo vegetal, Pies, em varios lugares de sua obra, faz menção muito nitida de suas propriedades sialagogas e diaphoreticas, sendo admiravel, como dizem os medicos hollandezes Bauer e Stollavis, tenha a medicina levado tantos annos para redescobrir esses factos. Foi ainda Pies quem primeiro presentio as propriedades pepticas da Carica papaya. Em sua obra lê-se o primeiro relato sobre o bicho do pé, o melhor modo de o observar, quo o era por meio do *megascopo*, por certo um microscopio simples o a maneira então e ainda muito depois, usada de extrahir o animalculo.

A' sua descripção do maculo não se tem depois accrescentado grande cousa.

A elle e a Maregrave deve-se por certo a primeira noção de que pelos dentes da cobra vem o veneno ophidico ao lugar mordido. Em suas paginas lemos a narração dos efeitos venenosos do sapo cururú, *Bufo viridis, vulgaris*, ou *musicus*, no qual descobriram mais tarde os chimicos a bufotalina (de efeitos um tanto analogos a digitalina) a bufofenina e a frinolisina.

Foi elle por certo quem primeiro fez necropes no Brasil e em 3 capitulos da sua obra, o IV, o IX e XIX, a isto se refere.

Justamente receioso de fatigar a vossa benevola attenção, não entrei em maiores minucias technicas sobre a obra de W. Pies. Do exposto, porém, evidencia-se quão digno é elle de nossas homenagens.

Regressando o Conde João Mauricio a Hollanda com elle foi o seu medico, e de tal modo continuaram amigos, dispensando-lhe o Principe taes provas de affeição, que não foi por certo bem iufor-

mado o Padre Manoel Calado, em sou *Valeroso Lusideno*, no que diz a proposito de uma supposta divergencia entre os dons.

W. Pies em Março de 1645, sempre ao serviço do Conde (*in serviens illustrissimo Comiti Mauritio*) inscreveu-se de novo na lista dos estudantes da Universidade de Leyden, por certo com o justo proposito de rever algo do que se havia adiantado em sciencia, durante o septenio de sua ausencia. Nesse mesmo anno morreu-lhe o velho pai, na mesma cidade de Leyden. Tres-annos depois casou-se em Amsterdam e ahi se estabeleceu, tornando-se um dos chimicos de maior renome na cidade e muito procurado para conferencias medicas á cabeceira dos doentes, como se infere, entre outras cousas, do facto de ser ello citado muitas vezes na curiosissima obra medica do notavel cirurgião hollaudez Joh Janszoon van Meekren a quem o grande Haller chamou "celebris et candidus chirurgus".

Em 1655 foi nomeado Inspector do Collegio Medico de Amsterdam, do qual foi duas vezes deão, uma em 1657 e outra em 1660.

Em 1658 resolveu Pies publicar uma nova edição de sua obra, então com outro titulo: *De India utriusque renaturali et medica, Libri quatuordecim*. Amsterdami apud Ludovicum et Danielen Elzevirium, 1658.

Comparada á primeira, é evidente a differença, nem sempre em proveito da segunda. Queixa-se elle, aliás, de que a outra, tendo sido feita durante sua ausencia por Joh. de Laet, sahira com incorrecções. Ao contrario disto, molhor seria que não houvesse elle modificado o plano da obra, supprimindo, como o fez, todo o livro de Maregrave, e incorporando aos seus capitulos o que só a este portencia, citando-lhe apenas o nome. Dahi a increpação de plagio de que o accusaram Haller e o irmão de Maregrave, o Dr. Christiano Maregrave, no prefacio de sua *Opera Medica*, a que se refere Linneu, ao

descrever a *Pisonia* (planta da familia das Nyothagineas), nos seguintes termos: "Pisonio est arbor spinis horrida. Horrida certe memoria viri si vera, quae Maregrave affinis objicit Pisono, quod Pisonus omnia sua a Maregrave post mortem habuerit". (Critica botanica, L. B. 1737, pag. 79).

Tendo-me habituado a procurar, para aproveitá-los nos insanos, o que lhes escapa ao sossobro das faculdades mentaes, não costume levar em maior conta o mal do que o bem das acções humanas.

Por isso sempre achei exagero nas referidas criticas a W. Pies, porque, apezar das divergencias que tivera com George Maregrave, sempre a elle se referira nos melhores termos (doctissimum et diligentissimum, etc.)

Na mesma 2.^a edição accrescentou Piso uns capitulos sobre a *Mantissa aromatica*, o que lhe valeu do Dr. Swaving, distincto medico hollaudez, a objurgatoria de "medico mui supersticioso". Ora, os referidos capitulos são apenas a reprodução da obra, então esgotada, de Augier Cluyt, clinico de Amsterdam o tio da esposa de Piso. Bem dispensavel, aliás, seria a edição de tal livro, do qual o proprio Piso não hesita em declarar que até áquella data não tinha sido possível verificar a mór parte das propriedades therapeuticas de tão gabada noz e que so preconizara como panacéa ("Clutius naster sine dubio Nuci Malvidense tribuit, quae haecenus, ut mihi persuadeo, plurimis inesperta sunt". *Mantissa aromatica*, capitulo XIX, pag. 205).

Não cabe a W. Piso a pecha de supersticioso, porque, ao contrario disso, ha em suas obras notas contra as superstições dos indigenas, contra os preconceitos dos velhos, contra outras affirmativas que nada têm que ver com a sciencia e sobretudo contra observações superficiaes e enganosas

Salienta bem o sabio Stokvis, repetindo-lhe as phrases, que o seu grande compatriota como todos os

grandes mestres das sciencias exactas estava compenetrado desta verdade: "que a natureza das cousas não se mostra no vestibulo, accessivel a todos e distribuindo seus thesouros a todos os que passam, mas sim se mantêm occulta nos vãos mais reconditos e mais difficeis de achar e que se não a pôde enfrentar a não ser á força de trabalho assiduo, de amor puro e devotamento sem limites".

Medico erudito, conhecendo a fundo as linguas classicas, assim como o francez, o hespanhol e o portuguez, privou elle com todos os letrados hollandezes de seu tempo. E' assim que o maior poeta dos Paizes Baixos, Justo von der Vondel, os outros dous maiores escriptores neerlandezes do seculo XVII: C. von Hopt e Constantino Huygens, pai do grande astronomo Christiano Huygens; e Barleus que lhe dedicara um poema em latim, e Nicolau Tulf e varios outros foram do sua privança.

Em mais de umia noticia de sua vida leio que elle ao perder seu protector o Conde M. de Nassau passara ao serviço do grande Eleitor Frederico Guilherme de Brandeburgo. Não é isto real, e o erro provém do facto de ter elle dedicado a sua segunda edição ao mesmo grande Eleitor. Mas isto o fez elle por instigações do então Principe João Mauricio de Nassau que como se sabé passara ao serviço da Prussia, tendo succumbido na lendaria cidade do Cleve, que elle tanto amara, melhorando-a de varios modos, dotando-a de um palacio cujas decorações lombram a exuberante natureza do norte do Brasil. Por tudo isto já ficou a sua tradição sob o nome de *Mauritz von Nassau, der Brasilianer*.

Em Novembro de 1678, um anno antes do Principe Mauricio de Nassau, falleceu W. Pies, em Amsterdam, sendo sepultado a 23 do mesmo mez na Westerkerk, da mesma cidade.

Assim se extinguiu quem tanto alargara os quadros da pathologia, de seu tempo, quem tambem dotara a therapeutica de medicamentos effi-

cazes, quem de facto fundara a nosologia brasileira.

Ao lado de Pies, senão acima delc, tem o mais illitigavel direito ás mais sinceras homenagens do Brasil o outro sabio que a clarividencia de João Mauricio de Nassau fez vir a estas plagas. Em muitas encyclopedias, e das mais reputadas, nenhuma linha ha sobre George Maregrave. Em outras ha indicações erroneas. Entro nós fez-lhe em Pernambuco uma curta biographia o pranteado historiador Alfredo de Carvalho. Omissa, porém, como foi, autoriza-me a dizer-vos hoje aquillo que em minhas diversas passagens por Hollanda consegui apurar sobre a vida de tão insigne e estudioso das cousas de nossa terra. Devo, aliás, aproveitar a oportunidade para declarar com extrema satisfação que, precisando rever agora no Rio do Janeiro o que na Hollanda havia lido, encontrei em nossa riquissima Bibliotheca Nacional e na Selectissima do Instituto, quasi todos os preciosos e, alguns rarissimos livros e monographias de que tive necessidade. Ao meu prezado amigo, Dr. Constantio Alves, ao dedicado conservador Peixoto e demais funcionarios da nossa grande Bibliotheca e ao Dr. Souto Maior e Dr. Rodolpho Garcia, da Bibliotheca do Instituto agradeço a paciencia com que me aturaram durante minhas fastidiosas pesquisas bibliographicas.

Digno de nota ó que ao tempo que andava eu preocupado em examinar os ineditos de Maregrave, um naturalista Norte-americano o Dr. E. W. Gudger publicou-lhe ha tres annos uma biographia cuja leitura devo á extrema benevolencia de nosso confrade Roquette Pinto e de que R. von Ihering deu um resumo na R. do Museu de S. Paulo.

Enganos tambem escaparam a tão desinteressado biographo e por isso animei-me a não desprezar meu intento de fazer relembrodo do Instituto o nome de tão benemerito pesquisador

George Maregrave nasceu a 10 de Sotembro de 1610 em Liebstadt, cidade da Saxonia.

Provido de uma familia, da qual havia bons duzentos annos, já constava domicilio naquella cidade, teve um pai e um avô materno, mui doutos em theologia, latim e grego.

A aprimorar a intelligencia e a educação do joven Maregrave, dedicaram esses seus dous ascendentes e maior carinho. Assim, aprendeu elle latim o grego, desenvolvendo ao mesmo tempo sua aptidão para a musica e pintura. Como que obedecendo ao preceito de Leonardo da Vinci: *Naturalmente li omni boni desiderano superi*, aos 17 annos de idade deixou elle a cidade natal só regressando onze annos depois. Com e fim de estudar mathematicas, botanica, chimica e medicina frequentou 10 universidades allemans, procurando sempre os mais insignes mestres do tempo. Em Rostock foi discipulo de Simon Paulli um dos mais notaveis botanicos de seculo XVI, autor da primeira "Flora Danica" e creador do celebre grande Herbario de Copenhague, onde foi depois professor.

De Rostock foi elle estudar astronomia em Stettin, onde então pontificava Lorenz Eischstadt, o mais considerado astronomo daquelle tempo e que tambem era mathematico e medico de fama. De tanto proveite foi a estadia de Maregrave em Stettin que no prefacio de sua obra publicada em 1634 Eischstadt faz referencia mui ligeira ao discipulo amado. Depois de jornadaear pelo Norte da Allemanha, dirigiu-se Maregravo a Leyden, na Hollanda, onde com 27 annos de idade, a 11 de Setembro de 1636 se inscrevera como estudante de medicina e durante dois annos devotou as noites ao estudo da astronomia com Jacopus Golins, no observatorio da Universidade o os dias a herborisar nos campos ou no celebre jardim da mesma Universidade, onde já então professava o famoso botanico Adolpho Vorstius.

Apezar das muitas viagens que fizera na Europa, haveudo conversado com diversos Hollandezes que regressavam no Brasil, não abandonava jámais a idéa de visitar o novo mundo onde lhe parecia haver uma

larga messe de pesquisas originaes a effectuar. Seu irmão, o notavel medico Christian Maregrave que no seculo XVII tanto se preoccupara com as applicações da chimica, á physiologia e á therapeutica, refere em notas biographicas, que elle movera pedras e buscava toda oppor-tunidade para vir á America.

Tendo travado conhecimento com Jean do Laet, Prefeito da Companhia das Indias, foi elle contratado para astronomo da expedição de João Mauricio de Nassau que já havia partido para o Brasil.

Assim, aos 28 annos de idade, partiu Maregrave da Hollanda no dia 1 de Janeiro de 1638 rumo da nossa costa septentrional aportando á Bahia de S. Salvador após 2 mezes de viagem, segundo refere seu citado irmão. "Anno ergo 1638 port Christus natum, cum ipsis Calendis Januarcz" Europa solvit, et duorum Mensium Spratio, ut ipse ad singulas dies annotavit in suo itinerario, trajicitac pervenit in Brasilian, statinque vix elapsò mense, ex quo appulerat, interest, olvidioni ac oppugnationi maximae ibidem Lusitanorum Urbis S. Salvador dietersubi mox duobus maximus periculis defunctus est."

Restabelecido que foi das duas doenças graves que o prostraram logo á chegada, transferiu-se ao Recife onde começou a prestar serviços ao Conde de Nassau. Em Maio, aliás, do mesmo anno de 1638 escrovia elle a este o seguinte em mão portuguez mas em todo o caso já em portuguez: Senhor, Aqui tim V. M. algumas regras trassadas di minha mãe as quaes estão para testemunhar nossa chegada e para fazer e saber quo ou estao continuamente criade de V. M. G. Maregraf di Liebstad, Alemão. Esc. em arryal dianti da villa S. Salvador na Bahia di todos os Santos em Brasil 5, 15 di Maye MDCXXXIIX.

Esta carta cujo conhecimento devo ao pranteado Professor Stokvis, mostra o interesse com que Maregrave atravessara o Oceano para estudar as cousas do Brasil.

Ao irmão delle parece incontestemente

que o Conde já o conhecia de Hollanda; mais se lhe affeiçoara, porém, no Brasil por ter logo do início verificado quo algo elle conhecia de architectura militar e que de seus conselhos se aproveitara para construeção da sua "Mauritia". O certo é que no anno seguinte no palacio chamado Vryburg, construido em Mauritzstaã na ilha de Antonio Vaz sobre os planos de Pieter Post, em uma de suas torres visiveis á distancia de 6 a 7 leguas do mar e que serviam de fanal aos mariantes, já Maregrave installara o primeiro observatorio erigido não só no hemispherio sul, mas tambem no novo mundo. Alli foram colhidas as primeiras observações meteorologicas e astronomicas effectuadas em toda a America do Sul e que forneceram os dados do *ractatus topographicus et meteriologicus Brasilia cum observatione eclipsis solaris* (0 de 1.640) publicado na obra de Guilherme Pies: — *De india utrius-que Re naturalí et medica*.

A proposito escreveu Gaspar von Baerle tambem chamado G. Baerleus: "Longitudines ac latitudines alioque, mira acuratione representatur, autore Georgio Mackgravio, geographo et astrologo eximio, qui idem faturus apud astros factios ibidem concessit", pag. 330.

Além disto diz-nos Laet no prefacio da primeira edição do livro de Pies o Maregrave que este tinha o plano de publicar uma grande obra em 3 partes sob o titulo de "*Progymnastica mathematica americana*".

A primeira parte seria sobre astronomia contendo uma revista de todas as estrellas vistas do hemispherio sul entre o tropico de Cancer e o polo antartico, muitas observações originaes sobre os planetas e eclipses do sol e da lua; novas vistas sobre Venus e Mercurio baseadas em observações especiaes; uma nova theoria das refrações e parallaxes estabelecendo a maior obliquidade da ecliptica e finalmente dados não sómente sobre as manchas do Sol, mas tambem sobre outros phenomenos astronómicos.

A segunda secção do livro seria geographica e geodesica contendo uma theoria sobre longitudes e maneira de computal-as, procurando demonstrar as verdadeiras dimensões da terra e desvendando erros de geographos antigos e coevos.

A terceira secção seria baseada nas duas precedentes e consistiria das taboas astronomicas por elle denominadas *tabulae Mauritu astronomicæ*.

Estes manuscritos não foram publicados na opinião de De Crans, de von Kampen e Driezer, os melhores biographos do Conde João Mauricio de Nassau, porque, escriptos om caracteres secretos, não foram jamais convenientemente decifrados. Incontestemente é que elles foram enviados a Golius, o astronomo de Leyden e antigo mestre de Macgrave, que por certo não os publicou por lhe ter sido impossivel decifral-os. Entretanto, o celebre astronomo francez Lalande diz em sua *Bibliographia Astronomica* que as observações de Maregrave de 1638 a 1643 "sont au depôt (de la Marine de France).

Na segunda edição de sua *Astronomia* (1771) o mesmo sabio escreveu:

"J'ai aussi trouvé dans les manuscrits de M. de l'Isle la notice de beaucoup d'observations de M. de la Hire et de plusieurs autres astronomes, observations qui n'ont point été publiées: telles sont celles que Maregrave fit en 1639 et 1640 dans l'Isle de Vaaz au Brésil, qui sont au depôt; mais l'original est resté a Cadix, avec les manuscrits Lonville et beaucoup d'autres que M. Godin y avait emportés et que l'on croit être entre les mains do D. Antonio de Ullôa", 11 t. pag. 160.

No terceiro tomo de sua obra Lalande a proposito da obliquidade da ecliptica refere que Flamsteed "le plus célèbre observateur d'Angleterre", como elle o denomina, e primeiro director do famoso observatorio de Greenwich, examinou as observações de Maregrave, confrontando-as com as de Tycho-Brahe, Helvetius e outros com as proprias (III t. pag. 142).

Evidente, porém, é que dos manuscritos astronomicos de Mare-

grave só escapou, graças a C. Barleus, o *Tractatus topographicus et meteorologicus* que Pies publicou em sua edição de 1658. No que diz respeito ao eclipse de 12 de Novembro de 1640, sabe-se que o Príncipe ordenara a todos os commandantes de navios holandeses no Brasil que tomassem notas rigoresas e fizessem desenhos do phenomeno e os enviassem para serem entregues a Maregrave.

Muito felizmente não sómente astrônomo era Maregrave e para aproveitar seus vastos conhecimentos de botânica e zoologia obteve do Príncipe fosse apresentado um pequeno contingente de tropa que acompanhou pelo interior das terras do norte do Brasil especialmente Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte, com o fim de colher aves, peixes de toda a especie, etc., para estudos e collecções scientificas.

O Coronel Mansfeld então Major, a quem foi confiado o commando desta tropa foi quem referiu ao irmão do sabio naturalista os resultados colhidos e o prazer com que este e o Príncipe que delle se dizia discipulo, se entregaram ao preparo do material colhido.

Affirma Christiano Maregrave que seu irmão George fizera um diario de suas jornadas pelo interior do paiz e de pelo menos de tres dellas a de 1638, a de 1639 e a de 1640 teve elle minudente noticia, não sabendo o que occorrera ao diario dos outros tres e meio annos, isto é, de 1641 a 1644.

Foi sobretudo nestas entradas pela floresta que George Maregrave fez a estupenda colheita de material, de que muito a proposito disse o pranteado Alfredo de Carvalho de accordo com Driesen, Lichtensstiein e outros: "Era tão avultada sua cópia que o Gabinete do Conde, os Museus de duas Universidades e varias collecções particulares, foram com ella enriquecidos e por mais de um seculo a sciencia se nutrio desta provisão."

E' certo tambem, que o Conde para attender a solicitações de Maregrave fez vir da Africa e do Paci-

fico, material para confrontar ao encontrado no Brasil por isso que áquelle sabio occorrera fazer uma especie de mappa geographico das plantas e dos animaes.

O Palacio de Vryburg, onde o Conde no dizer do Barleus, *longe a patria transmarina felicitate gaudebat*, era um verdadeiro museu de historia natural e seus terrenos adjacentes um magnifico jardim zootanico. De modo que ao regressar á Hollanda levou a maior carga de material scientifico de que ha noticia transportada em um só navio.

Evidentemente colhendo e estudando esse vasto cabedal, foi que Maregrave escreveu as notas que depois do sua morte enviadas a Jean de Laet deram a segunda parte do volume por este publicado sob o titulo *Historia Naturalis Brasiliæ* em 1648 e que cuja primeira parte já nos occupámos a proposito de W. Pies.

A parte de Maregrave em tal volume intitula-se: *Historiæ Rerum Naturalium Brasiliæ* e que elle pretendia dedicar ao Conde quando de volta á Europa, a publicasse.

E' do teor seguinte a sua dedicatória:

"Joanni Mauritio, Nassaviæ Comiti, terræ Brasiliensis Præfecto. Quæ suis por Brasiliam perigrinationibus indefesso studio inquisivit, accurate descripsit et quorum icones ad vivum ipse fecit, nomina apud incolas investigavit, et quædam convenientiam impossuit, facultates, quantum fieri potuit, indagavit, et in hanc historiam, in omnium naturalis scientiæ studiosorum et admirator unum digissit, in debitam beneficiorum maximorum ab ipso acceptarum aguitionem et gratiarum actionem devote offert et dedicat Georgius Maregravius de Liebstad, Misnicus Germanus."

Dos termos em que escreveu a dedicatória antes de partir para Angola, evidencia-se a gratidão que Maregrave votava ao magnanimo Conde.

A obra em questão occupava 303 paginas do grande infolio e constava de oito livros e appendices. No primeiro livro são descritas 146 herbas com 86 figuras; o segundo des-

creve 48 arbustos e plantas frutíferas com 39 gravuras; o terceiro contém a descrição de 104 arvores, das quaes 75 lá são gravadas; o quarto é dedicado aos peixes e aos crustaceos, quer do mar, quer dos rios, sendo 105 peixes e 26 dos segundos. O quinto livro é especial ás aves em numero de 115, das quaes 54 representadas em gravuras. O sexto é o dos quadrúpedes e dos reptis, sendo 46 dos primeiros com 26 gravuras e 19 dos segundos, com sete figuras. O livro setimo é especial aos insectos que já estão em numero de 55, dos quaes 29 illustrados. O oitavo e ultimo é dedicado ao paiz, seus aborigenes e actuaes habitantes o contém cinco illustrações. No appendice trata-se dos aborigenes do Chile e contém duas figuras, sendo uma dellas a representação graphica mais antiga da Lhama.

Ha, pois, 429 figuras na obra, das quaes a mór parte accuradamente desenhadas pelo proprio autor, como declara Jean de Laet. Dos 301 vegetaes descriptos 200 são acompanhados de figuras. Dos 367 animaes descriptos, 222 foram gravados.

Estas 668 especies ou variedades eram completamente novas em sciencia, e das 422 representadas opinam naturalistas de merito que foram pela primeira vez desenhadas.

Ao tempo em que viveu G. Maregrave, Conrad von Gesser, cognominado o Plinio Germanico, já havia feito como diz Mirbel: "a mais memoravel e util revolução" na botanica", substituindo ao agrupamento alphabetico até então usado, a primeira classificação methodica baseada sobre a estrutura da flôr e do fructo, e lançando a noção de genero como uma reunião de especies, já Cesalpino havia lançado sua classificação dos vegetaes, mas nem Linneu nem Jussieu haviam ainda surgido. Apesar disto, disse muito bem um naturalista de merito: "his work in Brasil was an epochmaking one. In bringing to the notice of the scientists of Europe the wonders of Brasil, M. was the worthy predecessor of the Prince of Neuwied and

of Spix and Martins. His history of the natural things of Brasil is probably the most important work in natural history after the revival of Carning and until the explorations of the Prince of Neuwied were made known, certainly the most important work on Brasil."

O notavel zoologo Martin Lichtenstein, Prof. e Director do Museu Zoologico de Berlim, em uma série de communicações á Real Academia de Sciencias naquella capital, de 1814 a 1826, procurou salientar o alto valor da obra de Maregrave, sobretudo nos dominios da zoologia.

Em 1828, Cuvier em sua grande obra em collaboração com Valenciennes sobre a *Histoire Naturelle des poissons*, escreveu: "George Maregrave, certainement de tous ceux qui ont décrit l'histoire naturelle des pays lointains dans le XVI et le XVII siècle, le plus habile, le plus exact e surtout celui qui a le plus enrichi l'histoire des poissons. Il en fait connaitre 100 (105 emenda Gudger) tous nouveaux a cette époque pour la science et en donne des descriptions bien superieures a celles de tous les auteurs qui l'avaient précédé." (Vol. I, pag. 60.)

Em 1853-55 Von Martius, na Real Academia das Sciencias de Munich, mostrou a importancia da obra de tão laborioso pesquisador, no que diz respeito ás plantas brasileiras.

Ainda em homenagem a George Maregrave foi creada em botanica, por Linneu, a familia das Margraviaceas, cujo curiosissimo genero das Margravias é muito disseminado no Brasil.

Não é justo que eu prosiga sem fallar de uma grande collecção de desenhos de animaes do Brasil, cujo paradeiro muitos annos esteve ignorado. Referiu-se Christian Maregrave a um trabalho de seu irmão George, em quo figuravam em desenhos coloridos os animaes ainda não descriptos e por elle vistos no Brasil.

Em 1786 o insigne naturalista e philologo Johann Gottlob Schnoider revelou ao mundo, sabio nas paginas do Leipziger Magasin zu Naturkunde o lugar em quo so acha-

vam os preciosos desenhos do sabio saxão. Disso elle: "Achei esta collecção na Real Bibliotheca de Berlim, em dous volumes infolio, de tamanho diverso sob o titulo: "Icones Rerum Brasiliensium". Manifesta em seguida uma convicção de que são de Maregrave os mesmos desenhos, refere-se ás annotações postas em alguns delles em calligraphia do proprio Conde Mauricio de Nassau. Dois annos depois Marc Elieser Bloch em sua "Auslandische Fische" e na sua Ichthyologia transcreveu muitos dos desenhos coloridos dos livros em questão.

Em uma das minhas estadias em Berlim fui ver a referida collecção na Kanigliche Bibliothek, de Berlim, onde figura sob o titulo "Brasilianische Naturgegenstaude (Collectio rerum naturalium Brasiliæ) in Zinnei Banden, Libri picturati A. 36-37."

Ao lado desta ha uma outra sob o titulo: "Theatrum rerum naturalium Brasiliæ (Icones) in 4 Banden, Libri picturati A. 32, 33, 34 e 35."

Ha nellas 1.460 figuras, sendo 357 peixes, 303 aves, 345 outros animaes, do homem aos insectos, e 555 plantas.

Na segunda decada do seculo passado o Prof. Lichtenstein, notavel Director do Museu Zoologico de Berlim, começou em uma série de communicações á Academia Real das Sciencias da mesma cidade a demonstrar a toda evidencia que eram de Maregrave os desenhos acima referidos, tornando-se de tal modo conhecidos do mundo sabio que o grande Cuvier tendo de escrever seu magnifico tratado sobre os peixes, enviou seu collaborador Valenciennes a Berlim com o fim exclusivo de examinar por miudo a formosa iconographia.

Não ha hoje pois nenhuma duvida que foi ella feita no Brasil e que o Conde Nassau a levou comsigo primeiro á Europa em 1644. Em 1652 entrou elle ao serviço do grande Eleitor do Brandeburgo Frederico Guilherme. Por esta occasião cedeu a esto ultimo uma grande collecção do curiosidades do Brasil pela somma de 50.000 thalers recebidos ao

que parece não em dinheiro mas em terras na cidade de Cleve.

Na lista dos objectos vendidos (datada de 18 de Fevereiro de 1652), figura sob o numero 14: "Um grande livro em folio real e outro um pouco menor contendo figuras de homens, quadrupedes, passaros, reptis, peixes, arvores, arbustos e flôres, nos quaes em tudo que foi visto e achado no Brasil está figurado em miniatura habilmente, segundo o natural com os nomes, qualidades e peculiaridades annexadas". O numero 15 contém mais de 100 indios pintados a oleo sobre papel.

Não pareço que todas as figuras tivessem sido comparadas em 1652, porque lá existem hoje 1.460 em vez das poucas centenas referidas no catalogo de venda. Por isso pensa bem Driesen que a maior parte foi ter ás mãos do grande Eleitor por doação posterior de Nassau.

O grande Eleitor confiou toda a iconographia ao Dr. Christus Mentzel, medico, da Corte, que os poz em ordem, por volumes, annotando-lhes os nomes indigenas e com referencias á obra de Maregrave o Pies e pondo-as a bom recato na grande Bibliotheca de Berlim. Em ordenal-as gastou ao que parece Mentzel, cerca de 4 annos, porque os bellos frontispicios por elle aquarelados são datados de 1660 e o prefacio é do 1664.

Parece evidente quo a maior parte da iconographia é obra de Maregrave, porque em uma carta por elle escripta em portuguez a Laet em 1640, achada no Museu Communal do Leyd, dizia elle entre outras cousas: Pelo presente temos 300 mais 50 e pouco mais plantas com as litras e a pincil, diligentemente debuxadas, etc.

Depois da dedicatoria a Nassau, declara ter pintado, elle mesmo, suas figuras (quorum icones ad vivum ipse fecid).

Além disto Laet no seu prefacio ao livro de Maregrave affirma haver elle desenhado as figuras que illustram a obra.

O facto de haver á margem das aquarellas existentes na Bibliotheca

Real de Berlim, notas evidentemente escriptas pela mão do Príncipe, induziu alguns autores a acreditar que este fizera, elle proprio, alguns desenhos.

Não é isso possível porquanto no dizer dos contemporaneos muito se aprazia o Conde em trabalhar com Maregrave o até confessar-se seu discipulo em sciencia como já o disse ha pouco. A maioria das aquarellas, é da autoria do sabio saxão.

Quanto ás outras pinturas a oleo a que me referi a poucos minutos, suppõem alguns terem sido ellas feitas pelo pintor Franz Post, irmão do architecto Peter Post que tambem acompanhara a expedição de Nassau. Possível é que assim fosse em parto. Dado porém o tempo que teria sido preciso para a grande somma do outros trabalhos, deixados por aquelle pintor como seja a collecção que o nosso laborioso consocio e bibliothecario deste Instituto Dr. Souto Maior descobriu no Louvre e tendo em vista que Maregrave na afirmativa de seu irmão tambem era pintor, inclino-me a crêr que a mór parte dessas pinturas devemos ao pincel d'elle proprio.

Infelizmente para a sciencia esse trabalhador perspicaz e infatigavel não pôde realizar todo o plano de uma obra monumental que elle por tantos annos acariciara o por vezes annunciara a seu antigo coudiscipulo Samuel Kechelins, insigne astro-nomo em Loyden.

Certo de que a permanencia no Brasil de Mauricio Nassau, não se prolongaria por muito tempo, tenaz em seu empenho de achar cousas novas, resolveu ir á Africa completar uns estudos que lhe haviam de ser uteis no regresso á Hollanda. Chegando porém, a Loanda foi logo attingido de febres, lá morrendo em meados de 1644, na idade de 34 annos.

Quanto erro, quanta duvida, quanta aquarela não seria poupada se Maregrave em pessoa tivesse posto em ordem e publicado suas observações? "dizia-o muito bem o Professor Lichtenstein ha mais de 100 annos na Academia Real das Sciencias

de Berlim. E acrescentava: "Não ha nenhuma duvida de que o seu nome deverá ser citado entre os primeiros heróes da sciencia."

Heróe e martyr, devemos dizer, porque das epidemias reinantes nas terras que tentara estudar veiu a succumbir aquelle grande escurador da nossa opulenta natureza, á trama de cuja historia vinculou elle seu nome benemerito. — (Discurso do sr. Juliano Moreira, ao ser recebido no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, a 16 do corrente mez).

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COISAS NACIONAES

O SANEAMENTO DO INTERIOR DO PAIZ

A Sociedade Nacional de Agricultura não poderia encontrar materia mais apropriada ao estudo de uma associação consagrada á defesa dos interesses agricolas do paiz do que o problema da prophylaxia das populações ruraes, até hoje tão descuidado pela União e pelos Estados nelle directamente interessados. Os primeiros effeitos do lamentavel estado sanitario do interior do Brasil fazem-se sentir na nossa actividade agricola, e não são precisos aprofundados estudos do caso, para que so chegue á conclusão de que todos os outros aspectos do problema da lavoura dependem da eliminação dos factores de permanente inferioridade physiologica das massas trabalhadoras das zonas ruraes. Debalde procuraremos aperfeiçoar os methodos grosseiros e os processos rotineiros do empirismo agricola, perpetuado de geração em geração; debalde estabeleceremos postos agromomicos e importaremos do estranro sementes escolhidas e animaes de nobres pergaminhos; debalde difundiremos, entre os lavradores, o preparo tecnico e a instrução scientifica, emquanto a malaria, a ankylostomiase, a molestia do barbeiro e outras endemias dominarem os dis-

trictos ruraes, espalhando a morte e debilitando os nossos patricios, de cuja actividade carecemos para obter da terra aquillo que ella nos póde dar.

O lado agricola da questão do saneamento do interior é tão vital e a elle se prendem, tão directamente, interesses economicos immediatos, que nos parece bastar a agitação do problema, nesse terreno, para que nenhum brasileiro se possa oppôr aos sacrificios, que nos cumpre fazer, para proteger a gente dos campos e das serras contra a gradual decadencia physica que as vae deteriorando. Houve tempo em que uma phrase estereotypada sobre a nossa função agricola na economia universal circulo, sublinhada por um traço humoristico. Nada haveria de risivel no facto de sermos essencialmente agricolas, e dahi nenhum desdouro resultaria para a nossa civilização. Mas a ironia, que se poderia sentir naquelle conceito, é que o Brasil, podendo ser uma grande, talvez a maior nação agricola, e não podendo, por enquanto, aspirar á excellencia em nenhuma outra esphera de acção economica, é, talvez, o paiz do mundo que menos cuida da sua agricultura e que maior descaso ostenta pelos interesses dos que, applicando o seu capital, ou dando a energia dos seus musculos, formam a base da riqueza e da propria vida da nação.

Em nenhum facto se patenteia tão claramente a negligencia brasileira pelas coisas ruraes do que na curiosa apathia dos habitantes das cidades do litoral deante da dosoladora situação da população agraria do paiz. Quando o illustre dr. Miguel Pereira agitou, com o prestigio do seu grande nome profissional, a questão da tragedia do sertanejo, houve um movimento de curiosidade. Passada a primeira impressão, o caso foi esquecido, como se, porventura, se tratasse de um desses topicos banaes que, durante alguns dias, mantêm concentrada a mortalidade dispersiva das massas urbanas. Nove de entre dez pessoas que ouvissem dizer que, deante do problema da prophylaxia rural, a

guerra, a utilização dos navios, a emissão, a reorganização bancaria e a proxima eleição presidencial se tornam questões relativamento secundarias, julgariam louco o interlocutor quo tanta preoccupação mostrasse pelas carnes emaciadas, pela pelle terrosa e pelos abdomens proeminentes do brasileiro rural, que vae descendo ao plano das raças condemnadas á permanente inferioridade biologica. Comtudo, não ha verdade mais inconcussa do que a contida nessa affirmação de que o problema do saneamento das populações sobrepuja, em importancia e em significação nacional, todos os graves assumptos do momento.

Não é necessario insistir aqui nos argumentos tantas vezes apresentados, para mostrar como ossa deterioração physica da população do interior ameaca desintegrar a nacionalidade, pela destruição do grande reservatorio de energias em que as cidades e as elites dirigentes vão buscar novos elementos para o trabalho incessante do rejuvenescimento da raça. Quo as populações urbanas já se estão resentindo da morbidez generalizada entre a gente rural, prova-o um examo, ainda que superficial, dos caracteristicos do povo, que enche as ruas da nossa capital. Um estrangeiro que visite o Rio de Janeiro não póde escapar á impressão de que esta é uma cidade do doentes. A porcentagem de individuos debilitados, que se movem pelas ruas, sem destino apparente, com os movimentos lentos e ataxicos de convalescentes em passeio no pateo de um hospital, deveria fornecer assumpto para a seria attenção dos responsaveis pelo futuro deste paiz. Nos nossos vicios e na instabilidade moral, cujos exemplos occupam toda a escala da degradação social, desde os expedientes subtis para evitar o trabalho honesto, até ás fórmias mais desbridadas da mendicidade, estão egualmente objectivados os inoquivocos symptomas de um estado, em que se manifestam os effeitos das moléstias, que levam a minar as raizes da nossa raça.

Fala-se hoje muito em defesa nacional, em cultura cívica e, até, em educação moral. E' preciso não esquecer que todas essas coisas são incompatíveis com a falta de saúde. Os doentes não se sabem defender, perdem a tempera, que é a base physiologica do civismo, e sem corpos sadios, regados por sangue puro, a propria virtude se torna duvidosa. O problema brasileiro, que apresenta tantos aspectos, é primordialmente uma questão que incide na esphera do medico. Quem duvidar disso tome, como exemplo, o caso das nossas difficuldades economicas e dos embaraços financeiros, que ellas acarretam ao Thesouro. Entre as tristes condições sanitarias da nossa população rural e o grande problema economico-financeiro ha uma relação de causalidade, facilmente verificavel. Quando se considera o momento actual, em que a procura de productos agricolas está attingindo taes proporções, que, por toda a parte, se observa uma prosperidade, que os inconvenientes economicos da grande guerra não conseguem neutralizar senão parcialmente, é assombroso que um paiz, como o Brasil, dotado de recursos naturaes e de população já sufficiente para lhe dar um logar proeminente entre os abastecedores dos grandes mercados mundiaes, esteja reduzido a uma posição que, sobre ser economicamente desoladora, é moralmente deprimente e ridicula, porque dá ao estrangeiro uma idéa tristissima, e aliás falsa, das nossas aptidões e da nossa capacidade de trabalho. Sem duvida, a incuria e a ineptia do governo, no tocante á questão dos transportes maritimos, e a apathia, em que, até ha alguns mezes atrás, permaneceu a nossa diplomacia, em relação aos assumptos economicos, explicam, em parte, o nosso insucesso em conquistar um quinão consideravel do commercio imprevisito, que a guerra creou. Mas essas razões não são sufficientes. Não houve, da parte da classo agricola, a iniciativa e a energia, que lhes teriam permitido, não só expandir a produção, como forçar o

proprio governo a agir, em defesa dos interesses economicos da nação.

A verdadeira causa dessa incapacidade de acção dos nossos lavradores está contida no problema a que, em boa hora, se decidiu a Sociedade Nacional de Agricultura a applicar as suas energias e o seu prestigio. Com um proletariado rural minado por varias molestias e sendo elles proprios, em muitos casos, victimas dos mesmos males, não podem os nossos lavradores dispôr da energia, da intelligencia e do sadio espirito de emprehendimento de que a nossa agricultura carece.

Entretanto, essa gravissima questão é de solução relativamente simples. Todas as molestias que assolam o interior do Brasil, desdo o impaludismo até á terrivel tripanosomiase brasileira, constituem especies morbidas rigorosamente estudadas, cuja etiologia e prophylaxia além de conhecidas, são de facil execução. Temos, nesta occasião, um obstaculo sério nas difficuldades financeiras que assoberbam a União. Mas não se comprehende que, por medida de economia, se deixe um povo perecer, victima da acção implacavel de endemias evitaveis. Aliás, parece-nos que occorre uma circumstancia propicia, que pôde servir para permittir a solução do problema sem exagerado onus para o Thesouro federal. A questão do saneamento do interior é, incontestavelmente, nacional, e tão nacional, que não ficaria mal á União encarregar-se exclusivamente della. Mas é, tambem, certo que os Estados têm um interesse immediato no caso; e como elles estão agora, auferindo bons lucros com o augmento da exportação, e os seus erarios recebendo o producto dos respectivos direitos, não se nos afigura injusto um accordo entre o governo da União e o dos Estados, afim de que se faça um esforço verdadeiramente nacional, para sancar o nosso vasto *hinterland*.

E, sejam quaes forem os saerificios necessarios para realizar essa obra, é preciso que ella seja feita,

e quanto antes, (A. Amaral — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

O MOVIMENTO NACIONALISTA

O movimento nacionalista que ora se expande em nossa terra é o mais logico e opportuno: logico, porque os seus factores intellectuaes são os mesmos que em iguaes emergencias sociaes tem produzido phenomenos identicos neste logico universo; e opportuno, porque já tardava que o paiz despertasse da risonha ataraxia em que o tinham lançado, amollentado-o e achatando-o, algumas conquistas meramente materiaes do seu ultimo esforço cu da vontade de affirmar-se, entre os mais fortes, como entidade internacional de primeira grandeza. As suas origens intellectuaes são as mesmas puras e obedecem a uma ordem natural, até o momento da sua brilhante eclosão: essa feliz idéa teve a sua semente fecunda, foi a flôr maravilhosa, e agora é fructo sazonado. Um philosopho semeou-a com a bondade da sua sabedoria; um poeta orvalhou-a com a doçura do seu verbo; um jurista colheu-a e prosido ao seu triumpho e regula a sua vida com a serenidade da lei. Ha, realmente, em torno dessa idéa, além de outros que asseguram o seu exito, tres nomes inseparaveis: Alberto Torres, Olavo Bilac e Pedro Lessa. São as tres columnas espirituaes do novo edificio nacionalista. O primeiro, no recolhimento do seu gabinete, estudou as causas da dissolução que se avolumava impressionadoramente, pelo livro, pelo jornal, abriu o novo horizonte ao espirito cambaleante dos seus contemporaneos, com a força das convicções crystallisadas e essa antecipada resignação de quem cumpre um dever de sacrificio, sem esperar recompensa. O segundo, com o seu instincto divinatorio de poeta, sentindo approximar-se o momento agudo da explosão, foi o labaro de fogo que inflamou as almas inquietas e produziu na terra devas-

tada por um vento de deserença o milagre do pão dos espiritos, multiplicando-se com o ouro das searas. O terceiro é o senso juridico da nação que chega, na hora exacta, para presidir aos trabalhos da colheita. A acção do governo, nesse caso, é apenas uma sanção material a uma lei do selecção puramente intellectual. A historia nesse periodo agitado da nossa vida registrará, com legitimo orgulho, que nunca a affirmação de uma vontade nacional foi no Brasil perfeita.

Como factor externo, é indiscutivel que a guerra européa influuiu poderosamente na corporificação dessa idéa reparadora. Estupefactos, a principio, ao rebentar o grande estúpido conflicto, exaltamos, em seguida, com o sentimentalismo bem intencionado, é verdade, mas tumultuario e inocuo, o qual se traduziu na creação de varias ligas ou partidos, que passaram a distribuir, rasgadamente, o apoio da sua sympathia generosa pelos dois grupos dos belligerantes — sem se aperceberem, na explosão do seu entusiasmo, de que nesta guerra, se ha nações cujo papel revesto a maior belleza moral e encerra a mais commovedora lição de patriotismo, o que desgraçadamente a explica, até agora, é o choque de duas poderosas eorrentes economicas, cujos resultados talvez não compensem tanto sacrificio. Depois, mais avisados, vimos que uma das consequencias immediatas, palpaveis, tangiveis, da inominavel conflagração foi despertar o fortalecer entro os povos mais fraecos o sentimento nacional, que andava a dispersar-se em banquetes fraternaes, em elasticidade diplomatica, em mentiras socialistas. Sobretudo, ficamos conhecendo melhor o valor de certos tratados pacifistas, e que na hora do perigo — que permitam os deuses ou demiurgos nunca nos sõe — é do nós mesmos que temos do extrahir todos os elementos de defesa.

Se desta guerra vao surgir um direito novo, reconstruindo a sociedade internacional sobre bases mais ostaveis, como annunciam os mais

adeantados sociologos, com o sr. Gustave Le Bon á frente, nem por isso imaginem os pacifistas que o concurso da força organizada não se torne necessario ao reconhecimento da efficacia desse direito. Ainda outro dia, discursando no Instituto em nome da Academia Franceza, dizia o sr. Paul Deschanel que a França, sempre generosa, esquece facilmente que tem um inimigo historico, que já a invadiu mais de vinte vezes, sendo cinco vezes desde a Revolução. "Não nos illudamos, exclamava o grande parlamentar; sobretudo, não levemos a nossa boa fé ao ponto de esquecer novamente que Paris fica perto da fronteira". O illustre academico poderia ter acrescentado que o milagre do Marne e a epopéa de Verdun quasi nunca se reproduzem na historia de um povo.

A verdade é que uma nação desarmada é sempre uma prese appetecida. Se ha na Europa um paiz que, por um conjunto de circunstancias bem conhecidas, necessita ser e é realmente pacifista, esse paiz é a Suissa. No entanto, em cada subdito suisso, commerciante, industrial, funcionario, no operario da cidade como no lavrador do campo, subsiste o soldado perfeitamente instruido no serviço militar e prompto ao primeiro appello da nação. Isto, o que é essencial, sem que na Suissa exista ou predomine uma casta militar. Porque foi que o Brasil logrou sahir da Conferencia de Haya classificado entre as potencias de segunda ordem, elle que até então não passara, aos olhos das grandes nações da Europa, e mesmo aos dos Estados Unidos, de uma vasta e inexplorada expressão geographica, ou de uma simples zona de influencia commercial? Não seria venturoso responder: porque por traz do verbo rutilante e glorioso do sr. Ruy Barbosa havia clara ameaça ou o compromisso implicito de reorganisar o nosso Exercito, de dotar a nossa esquadra de novas unidades mais poderosas... Temos crescido e prosperado na paz, e na paz, sem invejas ou ciumes, temos desejado

que os outros cresçam ou prosperem. Na historia das nossas relações internacionais, que se caracterizam pelo mais franco respeito ao direito alheio e uma tradicional firmeza até jurada, se não ha, perennemente, triumphos retumbantes, tão pouco se descobre um deslise que nos faça corar. Leaes e generosos, mesmo quando sombras presagas ameaçaram ou conspurcaram momentaneamente a nossa integridade nacional, nunca essa conducta desmereceu o conceito que nos colloca, sem favor, num plano de excepção no Continente. Assim temos vivido; assim queremos, naturalmente, continuar a viver — levando muitas vezes, como se tem visto, o nosso desprendimento, ao ponto de esconder as proprias para realçar as virtudes alheias, o que, em summa, é um signal de superioridade ainda que nem sempre bem comprehendido.

Mas, se, pelas lições dolorosas do presente, vemos que a autoridade moral resultante da nossa conducta é insufficiente para nos assegurar, ininterruptamente, o goso do todos os direitos inherentes a um povo livre, então procuremos consolidar essa conducta invariavel, na essencia, com a organização de uma dofesa mais tangivel e efficiente. Longe sempre de nós velleidades imperialistas, que nunca tivemos; não nos esqueçamos, porém, de que a idontidade de sentimentos entre os homens ou entre os povos não é lei common em psychologia. Não se podem calcular as consequencias do drama infernal que ora convulsiona o Velho Mundo e ameaça alastrar-se pelo Novo Continente, se se considera que, hoje mais do que nunca, mais do que quando os mesmos eternos principios levaram as legiões do Roma ao exterminio de Carthago, são as leis economicas que regem a sociedade. O que, porém, ninguém deve esquecer, pelas experiencias do leis historicas infalliveis, é que, neste desgraçado transe do mundo civilisado, todos os sacrificios nos não são indispensaveis no sentido da affirmação definitiva da nossa individualidade, como povo soberano

de graves responsabilidades no futuro.

Assim, o movimento nacionalista, a idéa de defesa nacional merece o apoio constante e efficaz de todos os brasileiros sinceros e conseientes. O primeiro e mais bello resultado dessa campanha foi, sem duvida, a adhesão espontanea da mocidade, alistando-se, em massa, no serviço das armas. Sei que houve quem visse nessa attitude dos moços brasileiros uma imposição apenas da necessidade de sports novos ou de prazeres quasi mundanos, desde que a guerra européa, modificando profundamente certos actos de vida, desviou de Paris para seus proprios lares a corrente dos gosadores estrangeiros, que ficaram, em grande parte, sem occupação, muitos por já haverem perdido ou nunca terem adquirido o habito do traballo. Não importa. Por ventura, não foi com uma juventude de *sportsmen*, não foi com uma aristocracia de *gosadores* que Kitchener improvisou um exereito de milhões de homens perfeitamente apparelhados para resistir ao colosso germanico? Acresce que a incorporação da nossa mocidade culta ao serviço militar tira ao exereito brasileiro, tão acabrunhado nos ultimos tempos, o seu character antipathico de tropa exclusivamente mercenaria. E' uma irrigação salutar, é uma forte e ao mesmo tempo elegante replica de patriotismo numa sociedade mesclada de interesses antagonicos e menosprezada por toda a sorte de exploradores. O unico temor que ás vezes me entristee, quando de longe observo uma nova etapa vencida por esse bello movimento, é que, pela nossa proverbial falta de continuidade, elle vá cahir, derreado pelo esforço, arquejante o ridiculo, na primeira encruzilhada... (Matheus de Albuquerque — *Revista Americana*, Rio de Janeiro).

A PHILOSOPHIA NO BRASIL

Não está no temperamento nem nas virtudes da nossa raça o culto da philosophia.

Entre nós, um philosopho seria coisa anomala, sem antecedencias normaes, a classificar entre os productos teratologicos da especie.

Não se comprehende, de facto, que surja um individuo, intogralmente composto, fóra da tradição, do habitualismo ou da historia das nossas gentes.

Portugal, nem o Brasil, jamais contribuiu para as investigações transcendentales E, seja curteza de vista ou repugnaucia natural, não ha raça mais refractaria á metaphysica que a nossa.

O nosso idealismo não se alonga muito da terra, nem vae além dos mais proximos planetas; e, fóra da poesia condoreira e do gongorismo dos epithetos, ninguem se preoccupa do *infinito*.

E' louvavel essa moderação. terrestre; parece-me.

Entretanto, Portugal escapou de dar ao mundo um grande philosopho. Spinosa, chamado Baruch, era filho de um judeu portuguez e daquella tribu perseguida que achou seguro asylo na Hollanda.

Mas, nem era portuguez de nascimento, nem de educação materna e nem soffrera o contagio ou a affinidade das idéas e sentimentos lusitanos, inteiramente oppostos ao espirito do famoso theologo do judaismo.

Assim, a menos que se queira registrar as insulsas e tediosas dissertações do padre Theodoro de Almeida ou os dislates do *Philosopho solitario* do seculo XVIII e ainda as extravagancias de um certo Domingos Tarroso, nada inculca nos nossos antecedentes ethnicos a capacidade do espirito philosophico.

No Brasil, na época romantica, appareceu um philosopho de mediocre valor, o visconde de Araguaya, o autor dos *Factos do Espirito humano*, espiritualista, acro censor de Condillae.

Esso era um poeta o foi, entre nós, o fundador da escola romantica que realmente appareceu, como o constitucionalismo politico, antes do movimento portuguez.

Creio que ninguém lê, hoje, as suas locuções psychologicas e metaphysicas.

Não temos, pois, propriamente nenhum philosopho.

Não falo aqui, já se entende dos *pensadores*, isto é, dos espiritos philosophantes, criticos, sectarios ou discipulos de escolas varias, positivistas, spenceristas, materialistas e quejandos de outros matizes.

Sem possuirmos um só philosopho, tinhamos, e temos ainda, aquem e além mar. o *dilettante* das idéas geraes, o *pensador*, conforme o expressa esta palavra estranha, excellentemente adoptada no uso commum.

O *pensador* é, na literatura da nossa lingua, um typo de alta categoria intellectual. E, sem nenhuma intenção de ridiculo, é o *philosopho barato*. Representa o *maximum* do esforço metaphysico.

Um dos focos d'essa philosophia de puro dilettantismo e, toda, de curiosidade das idéas geraes, foi o Recife sob a acção de Tobias Barreto.

Quasi todos os rapazes desde aquelle tempo abeberaram-se de preoccupações philosophicas: Silvio Romero, Fausto Cardoso, Orlando, Farias Brito, Graça Aranha e innumerous outros.

O que ha nelles de massudo e pedantesco vem daquelle chafariz de pedras.

Grande conhecedor das coisas e das idéas allemans, Tobias, espirito de escól mas de duvidoso gosto, exerceu um influxo despotico e excessivo sobre a mocidade que lhe rendia um culto sem limites.

Era o tempo do *monismo* philosophico de Hartmann e de Haeckel, e por igual do materialismo de Büchner, Vogt e Moleschott.

Havia de tudo nessa miscellanea tedesca: Tobias chegou, tal era o seu prestigio, ao ponto de converter todos os valores e de transformar em divindade um philosopho de segunda ou terceira ordem: Ludwig Noiré.

Este Noiré, expositor notavel do monismo, assumia ares de oraculo da philosophia coeva.

Falava-se em Noiré como se fala em Homero ou Shakespeare.

Com taes elementos, um pouco dispersos e contradictorios, conseguiu Tobias influir um espirito novo na geração do tempo, e crear, ao norte, por assim dizer, uma literatura distincta da que se agitava no sul do paiz.

Em geral o nortista, literato, tinha um grande desprezo pelos homens de letras da *Côrte*. Sabia-os atrazados, reaccionarios ou retrogradados, ignorantes, afrancezados e futeis. Escarneciam esses moços de Jouffroy, do Cousin e não tinham grande reverencia por Augusto Comte.

Em todo o caso, Comte, e Renan eram dignos de alguma attenção. Mas, acima delles, reinavam Ludwig Noiré e Ernesto Haeckel!

Foi, entre nós, uma especie de *questão coimbrã*.

A confusão e disparate não podiam ser maiores; todavia, o *espirito novo*, apezar de toleimas substanciaes, diffundi-se rapidamente. Silvio Romero, vindo do norte, vibrou a clava demolidora.

Se este movimento não logrou uma renovação literaria, conseguiu, todavia semear e colher alguns frutos. Nasceram novas tendencias na critica e nas idéas geraes, e ao mesmo tempo a attenção o a sympathia dos estudiosos pela cultura allemã.

D'esse nucleo philosophante do Recife, que lhe guardou e guarda ainda uma carinhosa tradição, sahio o nosso Farias Brito, o unico philosopho *professional* (se assim é possível dizer) que possuímos.

Farias Brito sahio, a pospello, indignado do materialismo do seu tempo e da *morte da metaphysica* annunciada pelos seus contemporaneos. Consagrou a vida intoirã ás cogitações transcendentales e pairou nas regiões desse absoluto que os rapazes haviam eliminado em imprudentes artigos de gazeta.

Elle, pois, não quiz ser um dilettante, nem um curioso ou um mero *pensador*.

Era um philosopho. Toda a sua actividade intellectual se coordena na metaphysica. Dizem-nol-o os seus livros, successivamente publicados: *A Finalidade do mundo* em tres alentados volumes, e depois o *Mundo Interior*, *A Verdade como regra das acções*, a *Base physica do espirito* — esforço colossal disperso em milhares de paginas.

Coisa insolital! Este era um philosopho, pela abundancia, pela proximidade ou pela vastidão e até mesmo pela caligem do estylo, por vezes, impenetravel. Frequentemente, é diffieil dizer o que querem aquellas paginas, que neessitam um meoio constante, uma perda de tempo e uma attenção que não é propria da mobilidade dos nossos dias.

Não é coisa facil, alcançar uma intelligencia rasoavel das suas doutrinas.

Perebe-se que elle era um espi-ritualista descrente ou indeciso que se encaminhou para o dominio da Fé.

Os seus expositores, são demasia-do amigos e, conseguintemente, pagnegyristas parciaes. A simplicidade e doçura de earaeter do philosopho impediram nos sous eriticos a verificação do valor exaecto de sua obra.

Esso valor, se estamos com a verdade, é nenhum. Farias Brito é um philosopho atrasado, incongruente, e não deixará um só discipulo.

Querendo reviver a metaphysica pelo naturalismo, e por um methodo obsoleto, a *ratione*, cahiu, afinal, em contradicção e antinomias com a sua propria obra inicial, quando, tarde e mal, conheceu (no Rio, supponho), os trabalhos de Bergson e do W. James.

Parece que não conheceu os de Schiller (falo do philosopho inglez do *Humanismo*) e estou certo que ignorava, na mesma ordem de idéas, os de Simmel, Hertz, Mack, Astwald, que vieram depois de Froderico Nietzsche na Allemanha.

A verdade é que os systemas e as doutrinas novas colheram-n'o de surpresa, e comprometteram a so-

lidez do edificio que ia archite- etando.

A parte mais fixa da sua persona- lidade era o seu temperamento profundamente religioso, máo grado o terremoto das idéas que o assober- bavam.

Elle queria, pelo menos, salvar a Fé, como uma reliquia digna de todo o sacrificio na terrivel eversão dos seus ideaes.

O mais, não tem quasi importan- cia. As suas desigualdades monstrosas não o descorçoãam.

Como quer que seja, algumas af- firmativas denunciam preoccupa- ções infantis e quasi simplorias do seu espirito: a de saber-se, por exemplo, se ha uma *religião verda- deira*, a do imaginar a necessidade futura de fundir o *christianismo* e o *budhismo* com o intuito de formar uma religião nova.

Em certa occasião, esforça-se o novo philosopho por dar um com- plemento á evolução organica, segundo Darwin. E' preciso completar a evolução dos seres pela *finali- dade*, sem se lembrar que a *selcção*, sendo uma escolha, é, por si mesma, teleologica.

Mais tarde, num dos seus ultimos trabalhos, sabemos que a "*finalida- de do mundo é o conhecimento*. A evolução universal, diz elle, é um esforço permanente do cosmos para adquirir o conhecimento de si mes- mo".

Desta arte, a evolução ou pro- gresso dos seres não têm *finalidade*, e, logo depois, tem a finalidade do conhecimento de si mesmos.

Essas contradicções, cito-as, ape- nas, para mostrar o influxo do bergsonismo e do pragmatismo sobre o seu naturalismo primitivo. Não ha coherencia nenhuma ontre as suas primeiras e ultimas cogita- ções, ondo se enxerga o esforço in- util de mostrar a unidade do sua philosophia.

Sua obra, em resumo, é uma cri- tica successiva de idéas pessoases, sem systema razoavel e sem unida- do visivel a não ser a da sua per- sonalidade, movel e inquieta.

Tudo nolla se reflete, doutrinas novas e velhas, verdades, absurdos e extravagancias, o dogma da *queda* do homem, a philosophia de A. Sergepe, o mysticismo, o theosophismo e talvez o espiritismo. — João Ribeiro — *O Imparcial*, Rio de Janeiro).

O NORTE LITERARIO

A vida literaria no Norte, e penso que tambem no Sul do paiz, apresenta a esta hora sensivel depressão. Isto nos permittem avaliar os registros bibliographicos dos jornaes. Poucos são os livros que se publicam, e a estes não excederão de muito os que se escrevem. Os generos literarios contam raros escriptores. Escasseia o romance, o conto, a critica, o drama, a narrativa historica, a meditação philosophica. A própria poesia, sempre caudalosa, diminuiu de volume, se é que não está como os rios, "cortada", no dizer do sertanejo, por effeito da prolongada estiagem.

Seguramente não ha falta de talento. O Brasil, desde os seus primordiós, revelou especial e nunca desmentida aptidão para as letras. Almas vibrateis, capazes de reflectir o multiplo esplendor da natureza; consciencias accessiveis ás emoções que respondem á varia belleza dos aspectos da vida, — de taes materias primas, graças a Deus, não carecomos. Podemos dormir tranquillos sobre a certeza de que o genio nacional continúa em medrança. E é bastante joven, elle, para que a proposito se não deva suspeitar de decadencia.

O Norte, particularmente, com a sua reconhecida abundancia de seiva e o seu casto brasileirismo, é um seminario inesgotavel de genio poetico. Ha nelle florestas virgens de sensibilidade e imaginação esthetica. As suas reservas, assim nesto particular como em possibilidades economicas, são immensas.

Houve tempo em que por este hispido Brasil septentrional, ainda agora mais attrahente para o natu-

ralista e o geographo militante que para o curioso de monumentos da civilisação, as cidades que conseguiam reunir um grupo de cultores da literatura disputavam entre si o titulo de Athenas. Era por demais prematuro, além de excessivamente improprio. A' mesma Bahia, com ser a antiga escola brasileira, não quadrava tão ambicioso simile de supremacia. Sem duvida, muito esplenderam aquelles focos de cultura literaria. Não havia, comtudo, propriedade em trazer ao caso a hegemonia atheniense. O atticismo assignala a maturidade e o apogeu do espirito hellenico; as nossas espaçadas floreações regionaes do norte, posto que em magnificos fructos vingassem, eram primicias de uma exuberancia que ainda está quasi toda em ser.

Della é de esperar que resultem, com o favor de uma cultura progressiva, outras mais apulentas e amadurecidas colheitas.

Bahia, Recife, Ceará, S. Luiz do Maranhão, cada uma destas capitães tem tido os seus periodos de intensa e brilhante actividade. Em nenhuma deixaram os movimentos da literatura ouropéa de representar suas idéas, tendencias e doutrinas mais altanadas e humanas. Maranhão fez honra ao espirito classico. Pernambuco levou em triumpho o estandarte do romantismo. A Bahia ceifou glorias em um e outro campo. O nosso poeta do transição, Moniz Barreto, muito acertadamente intitolou sua obra — *Classicos e românticos*.

Da Bahia ao extremo Pará, não ha Estado, por pequena, que seja a sua área cultivada, onde não tenham brotado engenhos superiores. Nem erros situando nesta zona intellectual do paiz as iniciativas mais notaveis e bem succedidas em relação a theorias e escolas literarias. Nomoar Gregorio de Mattos, Rocha Pitta, Moniz, Agrario de Menezes, Junqueira Freire, Maciel Monteiro, Gonçalves Dias, João F. Lisboa, Franklin Tavora José de Alencar, Joaquim Serra, Tobias Barreto, Castro Alves, Sylvio Romero, Arthur e Aluizo Azevedo, Araripe Junior,

Joaquim Nabuco, José Verissimo, Farias Brito, — todos do Norte — é percorrer a maior parte da galeria historica reservada aos principes do pensamento e do estylo literario no Brasil.

Nem por ter tanto produzido se sente exhausta ou cançada esta singular região de sóes caniculares e de ternos verdores. Os seus novos poetas, novellistas, historiadores, philosophos, os já feitos e os que vêm despontando, houram e passado, mostrando-se não pouco capazes de excedel-os em profundeza, harmonia e perfeição.

Não ha, portanto, mingua de talentos e temperamentos literarios.

O que fallece na actualidade, para que as letras floresçam nestas terras ferteis em lyrismo, são certas condições que se encontram infallivelmente em toda a parte onde as artes liberaes e as bellas constituem o esmalte da cultura.

Phenomeno social, a arte nunca se evade ás relações condicionaes que a subordinam a outros phenomenes menos complexos, porém mais basicos. A funeção economica, a juridica, a politica, são dessas actividades sociaes que a cultura artistica e literaria normalmente pre-suppõe, ainda mesmo que entre ellas se não estabeleça, em rigor, uma verdadeira relação causal. Esta é a lição dos estudiosos desses factos.

O progresso das letras depende de estímulos que só actuam onde e quando satisfeitas as necessidades immediatas da existencia. Para que um povo se permita o luxo da arte e do pensamento remontado, disse Lombroso, preciso é que tenha a vida garantida e facil.

Na segunda e grande época da Monarchia, conseguimos em todas as relações um equilibrio bastante favoravel ao exercicio desinteressado das forças do espirito. Com e novo regimen, que nos impoz uma consequente reorganisação geral, abalado o paiz em seus fundamentos politicos e economicos, tudo se tornou instavel, e os problemas se accumularam, exigindo de todos uma prestação de energia, afim de os

resolver. Esse periodo critico ainda não se encerrou. Temos progredido, é certo, mas aos saltos e com intermittencias. A literatura vem reflectindo em seu movimento essa descontinuidade. Não fosse ella tambem um phenomeno social...

A esta hora se mesmos problemas economicos, politicos, financeiros, commerciaes, militares, as mesmas preoccupações de ordem material se renovam, de sul a norte, e quasi nos não deixam actividade superflua para a cultura das letras.

As satisfações mais imperiosas da vida estão sendo compradas per alto preço.

E a intelligencia vive tambem de pão.

Reina a impaciencia e o deassocego de cima a baixo. As facultades activas são as que o momento põe em jogo, de preferencia ás de invenção e expressão poetica. Cada qual se sente solidario com todos, obrigado, senão a agir de conformidade, pelo menos a esperar se coordenem os movimentos da vasta e complicada machina que não funciona a contento.

José Verissimo, discorrendo uma vez ácerca de poesia, na vigencia de aguda crise nacional, justificou-se dizendo que um dos encantos da vida é poder cada qual escolher nolla o canto em que mais lhe apraz viver, ao menos idealmente. A verdade relativa deste conceito explica o não cessar de todo, em épocas como a presente, a produção literaria. De facto, ahí vimos, a despeito das ingratas condições actuaes, um livro lididamente philosophico, as Reflexões sobre a philosophia de Farias Brito — de Jackson de Figueiredo, um volume elegantemente pensado e escripto — Sensações e reflexões, — de Matheus Albuquerque, as limpidas e bem ordenadas paginas dos Ensaios de Historia e Critica — de Aranjó Jorgo, o formoso romance do Maria Bonita — por Afranio Peixoto, o tragico e empolgante Elias Barrão — de Fabio Luz, es primorosos versos do Zodíaco — de Da Costa e Silva, talentos osses emi-

grados do Norte para o territorio, prolifico e intellectualmente neutro, do Rio de Janeiro.

Este facto, porém, não infirma o outro mais constante o universal da solidariedade, a cujos effeitos cada vez meos se forram entre si os homens e os povos civilizados. A guerra européa em que, assombrosos, temos visto em perigo as grandes conquistas civis e os mais nobres ideaes do espirito humano, não concorre menos, com as suas repercussões moraes, commerciaes e economicas, do que as crises internas, para o entorpecimento da nossa vida espiritual.

O Norte, aliás, exceptuadas, em quadras de boa fortuna, as cidades academicas da Bahia e Recife, e mais S. Luiz do Maranhão, nunca logrou completamente as condições necessarias a um regular desenvolvimento da literatura.

O espirito de associação é hoje até menos apreciavel que no passado.

As academias de letras que se fundaram em algumas cidades, á semelhança da Academia Brasileira, ou pereceram, ou ficaram enquistadas, sem gerar maiores estímulos que as precixistentes.

As empresas jornalisticas não animam a collaboração literaria. O meio não ajuda os talentos a especialisarem-se. Rareiam os editores. Os autores não têm sequer effectiva garantia para os seus direitos, porquanto a garantia legal depende do cumprimento de formalidades como o registro das obras, que por incomprehensivel centralisação, só é permittido fazer-se na Bibliotheca Nacional, perante o director desse estabelecimento.

O Norte continúa, pois, na ostentação de sua fecundidade lyrica, a fornecer talentos ao Rio de Janeiro. A' antiga attração da Côrte, maior, segundo a observação de José Verissimo, na Capital Federal, poucos resistem, d'entre os jovens estreantes a quem seduzem as glorias do escriptor.

O facto, afinal, considerado em suas consequencias meramente literarias, nada tem de deploravel.

Devemos aspirar, não á formação de literaturas regionaes, mas no Brasil unido, homogenco e culto, ao incremento da literatura nacional. — (Xavier Marques. — *O Democrata*, Bahia).

HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

EDUCAÇÃO ALLEMAN E EDUCAÇÃO INGLEZA

Parece-me inconveniente perder o tempo a insultar os allemães, quando se póde aproveitar melhor em tirar da guerra os ensinamentos que ella nos dá. As coizas são o que são e os allemães tambem — e é menos util uma pessoa queixar-se da chuva que vestir um mackintosh o calçar um par de galochas. Dizer mal dos boches póde ser para muita gente um desabafo consolador. Mas como elles provavelmente tambem dizem mal de nós, e com toda a certeza dos inglezes, este reciproco tiroeteio de injurias não conduz a resultados tão praticos como um duello de artilharia. No entanto, o que podemos fazer com vantagem é apreciar e comparar o resultado de duas educações não só differentes mas antagoniceas.

Ainda até ha pouco tempo antes da guerra era modo entro os pedagogos inglezes louvar os methodos educativos da Allemanha em detrimento dos proprios. E sem duvida logo que rebentou a lucta se evidenciou a superioridade da organização allemã sobre a desorganização britannica, e se essa superioridade se não accentuou, antes diminuiu com o decorrer do tempo, provém isso de ter a Inglaterra adoptado rapidamente o systema allemão, não só militar, como economicamente, e até politicamente desde que um ministerio de colligação excluo praticamente a fiscalização parlamentar. E, no entanto, so isso mostra a vantagem, reconhecida pelos proprios adversarios, da organização allemã, não prova de fórma alguma a superioridade da educação allemã sobre

a educação ingleza. Antes pelo contrario.

A educação allemã é scientifica, philosophica e collectivista, ao passo que a ingleza é humanista, religiosa e individualista. O inglez passa a infancia a aprender latim e a mocidade a aprender grego. Os estudos religiosos fazem parte integrante da educação e dos programas de exame; e nas proprias escolas publicas da Inglaterra, como Eton, Wellington College, e a escola militar de Sandhurst, onde naturalmente se professa o anglicanismo, religião do Estado, ha, com caracter mais ou menos official, cappellães catholicos subsidiados pela escola para attender ás necessidades espirituas da minoria que professa esta religião. Finalmente, os jogos — ericket, foot-ball e hockey — que fazem parte integrante e obrigatoria do *curriculum* escolar, dão ao inglez, a par do *esprit de corps* a iniciativa individual.

Na Allemanha, os jogos são substituidos pela gymnastica scientifica, que, se desenvolve igualmente os musculos, não desenvolve igualmente o moral.

De tudo isto, resulta que a Allemanha produz sabios, engenheiros, chimicos industriaes e vigorosos trabalhadores, enquanto a Inglaterra produz homens! O melhor typo allemão, sadio e forte, tem a rigidez dos automatos, e falta-lhe a graça que tem o inglez nos seus movimentos livres. No seu peor typo o allemão é um ser obeso e inerte como uma pipa de Lowenbrau, ao passo que o borracho inglez é jovial e bem humorado. Bismarck, conhecedor do assumptô, attribuiu, numa das suas boutades, fielmente registradas por Moritz Busch, a pesadez do espirito allemão ao uso da cerveja, e a leveza do espirito francez ao ligeiro Bordenus e ao vivo champagne. No seu tempo ainda o francez não tinha ganho a fleugma das aguas mine-raes. O inglez bebe cerveja ás comidas ou depois de um trabalho violento. Mas não abanea, como o allemão, em duello de morte com uma bateria de cangirões de cerveja, e

prefere embebedar-se com portwine, whisky ou o democratico gin. As bebidas espirituosas são de certo assim chamados pela influencia que exercem no espirito das gentes. Ora, se o whisky e soda não é tão *pétillant* como o champagne, é de certo mais scintillante e mais leve que o pesado Lowenbrau das cervejarias de Munich, ou mesmo que o mais ligeiro Lagenbrau.

A maior e mais importante vantagem que os jogos têm sobre a gymnastica é o seu effeito moral. Os jogos produzem a disciplina, a abnegação e o sentimento do que é *fair* o *unfair*, palavras intraduziveis que tentarei exprimir aproximadamente por equidade e iniquidade, ou por lealdade e deslealdade. Ambos estes sentimentos se incluem naquellas palavras inglezas. E' *unfair* violar qualquer das regras do jogo, adquirindo assim uma vantagem illicita, e tudo que é *unfair* é vergonhoso. O allemão, que acha tudo licito para chegar aos seus fins, não tem este sentimento que a gymnastica scientifica lhe não podia inculcar.

A abnegação nos jogos consiste em cada jogador sacrificar a sua individualidade e o seu triumpho pessoal para assegurar a victoria do seu partido, ajudando ás vezes um rival a ganhar o *goal* ou a fazer um numero de *runs*.

Finalmente, a disciplina dos jogos não é a disciplina passiva e automatica das evoluções tacticas da Guarda Prussiana. E' a disciplina intelligente e activa que concentra todo o vigor physico e mental na cooperação para ganhar a partida.

Dão, além disso, os jogos o *sports* o habito do *self-control*, o dominio sobre si, que é uma das feições do caracter inglez. E' este habito que faz com que o ingloz não responda com bofetadas a uma má eriação, certo de que para o publico quem fica mal collocado é c maleriado e não elle; com que aceite a derrota sem desanimo e a victoria sem expansões de jubilo deprimentes para o vencido; e que o inhiba de ensopar o pão no mo-

lho, por mais appetitoso que o molho seja.

O *gentleman* inglez é o homem tão perfeito quanto um homem real o pôde ser, realizando, nos limites do possível, o preceito latino de *mens sana in corpore sano*. Não é desequilibrado, como muitas vezes succede nos povos de molde francez, por um excesso de intellectualidade. E se quasi nunca é brilhante, raras vezes deixa de ser solido.

Ao mesmo tempo que os jogos dão ao inglez o equilibrio entre a mente e o corpo que geralmente falta noutros povos, o estudo das humanidades e das Escripturas, que ultimamente condemnavam, mesmo em Inglaterra, certos pedagogos progressivos, deslumbrados pelas victorias industriaes e commerciaes da Allemanha, dá-lhe uma espiritualidade que eleva o caracter á altura das maiores erises.

A educação collectiva allemã fez do Estado a mais perfeita machina que o homem tem produzido. E é assim que a Allemanha, praticamente, só *contra mundum*, tem resistido durante tres annos, apenas com os seus recursos perfeitamente coordenados, ao embate e ao cerco das maiores nações do mundo. A Allemanha funciona como um excellente relógio. Mas todos sabem que o melhor relógio, se se lhe quebra a corda ou se desloca uma rodinha, pára e não serve de nada. Quando essa machina tinha chegado ás portas de Paris e perto de Calais, soltou-se-lhe uma rodinha, e o relógio atrazou-se logo. Pôz-se immediatamente o relojoeiro a concertal-o, mas ainda não conseguiu tornar a adiantal-o. São estes os precalços das machinas. As peças estão perfeitamente ajustadas, mas a olhar cada uma dellas, nem todas são perfeitas, e basta a imperfeição de uma dellas para tudo se escan-galhar.

A Inglaterra estava desorganizada pelo seu individualismo, e mais ainda, pelas luctas dos partidos politicos que, sem escrúpulos, cortejavam a opinião publica. As peças da machina andavam dispersas. Mas felizmente cada uma em si era de ex-

cellente qualidade, e em pouco tempo se puderam reunir e ajustar, e com ellas se fez um machinismo a exemplo do allemão e com melhores elementos

Ante a dura necessidade, puzeram-se de lado as illusões e as formulas. O miseravel exercitozinho de que falava com desdem o Senhor da Guerra tornou-se rapidamente num exercito de cinco milhões admiravelmente mpanicado e instruido, em que cada um está sempre prompto a colaborar com o visinho para ganhar o *goal*. (Visconde de Santo Thyrsó — *O Paiz*, Rio de Janeiro).

AS PENSÕES ÁS MÃES NOS ESTADOS-UNIDOS

Durante a primavera de 1911 observei que o Tribunal para menores de Chicago, tirava os meninos de suas casas, em vista da incapacidade financeira das mães para mantel-os. Procurei informar-me da sorte desses pequenos, e soube então que iam ter aos institutos de caridade, para cuja manutenção o Estado contribuia com dez dollars por mez para cada asylado. Porque, observei eu, não pagar essa somma á propria mãe? A resposta a esta simples e logica pergunta era uma só: precisava-se mudar a lei que condemnava os meninos á prisão nos institutos, arrancando-os de suas familias. Em julho de 1911 o Estado de Illinois realiso essa reforma, estabelecendo-se que o Tribunal de menores deixasse os filhos com suas mães, pagando a estas uma somma sufficiente para a manutenção delles. Com isso se obtinham varias vantagens, sobretudo quanto á educação dos meninos, porque não ha melhor educadora do que a propria mão. As vantagens eram tão evidentes que logo depois outro Estado adoptou a lei, estabelecendo tambem a instituição das pensões maternas.

Se já houve quem chamasse a este seculo de seculo da infancia, com maior razão ainda se lhe dará este nome, quando se considerar que

as nações dizimadas pela guerra fundam sobre a infancia as melhores esperanças do futuro. O bem estar o a saúde da creança têm mais valor hoje de que nunca, e aquelles que como eu têm observado milhares de institutos, sabem muito bem que não existem nelles nem alegria, nem saúde, nem bem estar para os pequenos prisioneiros da melancolia. As melhores instituições supprimem a individualidade á creança, foldam a alegria da sua idade, detêm o seu crescimento physico ou mental, e assignalam com a marca da dependencia, lançando-lhe na alma a sensação de ser o inutil objecto de caridade, sem deveres e sem direitos proprios. Entretanto, mesmo considerando a infancia com indifferença, sobretudo tendo-se em vista o grande numero dos filhos de paes pobres, é de ver-so que deixando de ser uma fonte de despesas e de aborrecimentos, a infancia se transformará com a adopção do novo systema.

São inegaveis as vantagens que traz o novo systema, graças ao qual os filhos de paes pobres deixam de constituir uma fonte perenne de despesas e aborrecimentos. Em Nova York se despenderam no anno findo cerca de 7 milhões de dollars com a manutenção de 22 mil creanças. No entanto, nos Estados em que so adoptou a reforma se mantiveram durante o mesmo periodo de tempo cem mil creanças junto ás mães, com as quaes se despenderam em pensões sómente 10 milhões de dollars. Nas cidades maiores, a administração e a fiscalisação das pensões maternas custavam cinco por cento, enquanto a chamada "caridade" chogava a 76 por cento. Em Nova York se despendiam cerca de 318 dollars por creança mantida nos institutos, e 100 somente por creança mantida em sua casa, com o novo systema. Além disso, verificou-se em Chicago que a delinquencia infantil se reduziu após a adopção do systema, de 98 %.

Vê-se portanto que além do mais se economisam tambem as despesas causadas pelos delinquentes, pelos defficientes, pelos in-

capazes de toda a especie, resultado directo da indigencia infantil. Assim foi que no anno passado se despenderam 750 milhões de dollars com as escolas e 800 milhões com os institutos paliativos ou mesmo damnosos, taes como os destinados aos inhabeis e aos criminosos.

Apesar da economia obtida, a reforma teve opposição precisamente por parte das organizações particulares da caridade, as quaes perdiam a administração de fortes sommas de dinheiro. Em Nova York a caridade privada é a sexta das grandes "empresas" financeiras, e tem um exercito de "especialistas", que vivem da caridade o se servem no dinheiro obtido para com elle pagar salarios, aluguis, etc. E' provavel que justamente esta opposição das sociedades de beneficencia tenha contribuido para augmentar a sympathia do publico relativamente ás pensões maternas, pois o povo prefere dar o seu dinheiro directamente ás mães pobres a saber que o destinam á compra do tapetes e poltronas para os escriptorios ou de automoveis para os fiscaes da caridade.

Mas as pensões ás mães não eliminam sómente os parasitas da caridade: concorrem tambem para supprimir os maus effeitos della sobre os proprios pobres. Cada mãe pensionada do Nova York recebe uma carta do commissario do bem estar infantil, onde se declara: "Esta pensão não é uma caridade; ella vos é concedida por lei." Isso dá á mãe a idéa de que ella se torna util ao Estado o á raça, tendo um filho e continuando a tratar d'elle segundo os dictames do amor materno. Ora, tal serviço representa um beneficio para o Estado, muito maior do que o prestado por outra qualquer pessoa ou por um instituto. Dahi a necessidade do Estado retribuir á mãe que o presta, desde que ella so acha, por motivo das injustiças do systema social, na impossibilidade de manter o seu filho como convem.

O novo systema de pensões ás mães surgiu assim em 1911; o, pas-

sados seis annos, já foi adoptado em trinta Estados da União Americana. E' de esperar, pois, que dentro de dez annos tenha feito cesapparecer inteiramente a infancia indigente nos Estados Unidos. — (Henry Neil. — *Review of Reviews*, Londres).

A REEDUCAÇÃO PROFISSIONAL DOS MUTILADOS

A reeducação profissional dos mutilados, se é uma conquista maravilhosa do nosso tempo, digna de contrastar com a destruição espalhada pela guerra, não é uma novidade, que tenha sido desconhecida antes de nós. Já no tempo das grandes guerras da primeira metade do seculo XVII, o marechal Vauban tratava os mutilados internados nos Invalidos de Paris como "gente inerte que aos forasteiros dava a impressão de homens preguiçosos"; e não se limitava a criticar a apathia delles, mas tambem so occupava activamente do problema, procurando diversos meios para fazer renascer os mutilados para uma vida operosa. Dividia-os em tres categorias: invalidos perfeitos, incapazes de todo o genero de trabalho; invalidos imperfeitos, que podiam ser occupados utilmente em certos mistéres; e invalidos de serviço, que ainda jovens e não de todo infelizes podiam continuar o serviço militar nas guarnições em que estavam isentos das fadigas das marchas. Vauban era contrario ao internamento dos invalidos e preferia mandal-os com uma pensão para as suas terras de nascimento, junto aos seus, "onde teriam podido applicar-se a qualquer trabalho e ganhar pelo menos em parte a sua vida, ou, quando menos, casar-se para ter filhos", necessidade essa para a qual, mesmo no seculo XVII se voltava a attenção do legislador.

Pouco entusiasta da grande instituição hospitalar de Luiz XIV, Vauban não participava da admiração commum pela Casa dos Invalidos, e costumava dizer que "este

hospital tão dispendioso não era necessario aos mutilados mais do que uma quinta roda a um carro." Se este homem propugnador dos novos systemas de reeducação dos invalidos pudesse hoje sahir do seu tumulo e ver tudo quanto se tem feito neste campo, verificaria com grande satisfação que a grande guerra levou a humanidade a traduzir em actos pelo menos parcialmente, os seus designios. Com effeito, todas as obras de reeducação profissional têm rivalisado em França para attingir um fim que pode ser definido com estas palavras: tornar o mutilado capaz de executar com os seus proprios meios e com o auxilio deapparelhos de prothese um trabalho determinado". Os resultados que em França se têm conseguido são os mais confortadores possiveis. Para obtel-os, é preciso antes de tudo desenvolver no ferido o que lhe resta de força motora no membro affectado, restaurando a função muscular nos seus organs do trabalho. Este tratamento therapeutico é a primeira parte do programma, que na segunda phase, a mais importante da reeducação profissional, consiste em orientar o ferido para a escolha de um novo mistér e para a applicação dos apparelhos auxiliares.

A orientação profissional do mutilado não é entendida por todos do mesmo modo, pois uns preferem a volta ao officio antigo, outros entendem que é mais pratico o ensino de um officio novo. Mas os partidarios de ambos os methodos têm igualmente razão, desde que se considerem as condições physiologicas novas em que vem a encontrar-se o invalido depois das mutilações que soffreu. O proprio aparelho orthopedico modifica sensivelmente a attitude no trabalho; por isso applicam-se aos mutilados apparelhos provisionarios, por meio dos quaes elles se habituem a supportar a fadiga e gradualmente se adaptem ás suas novas condições. Os esforços da sciencia para conseguir estes portentosos resultados têm sido louvavelmente secundados por todas as

diferentes organizações que surgiram com o mesmo fim. Com efeito, para animar os soldados a este novo tirocinio o governo francez garante as pensões integraes, mesmo aos mutilados que tenham aprendido o officio, emquanto outras instituições, como a Escola de Reeducação de Saint-Maurico, concedem aos aprendizes gratificações diárias, que variam de 50 centesimos a 4 francos. (Dr. Kouindjy — *La Revue*, Paris).

PSYCHOLOGIA DE UM ESPIÃO

O espião é empregado por todos os paizes, durante a guerra o mesmo durante a paz, para penetrar nos segredos militares, commerciaes e bancarios. E tanto pode ser paisano como militar, tanto pode servir ao seu paiz como ao inimigo. Este ultimo caso é o mais frequente.

Aqui está o caso de um espião em quem se descobrem elementos pathologicos: — No anno passado foi capturado nas linhas inglezas um espião inglez que chamaremos Witney, ao serviço do inimigo, e que estava vestido tal qual os soldados que occupavam o sector. Embora as informações que o accusado procurava não tivessem caracter militar, ello foi condemnado a ser fuzilado, por existir nelle a intenção de prejudicar os inglezes. Com esse espião teve opportunidade de conversar um official, cuja profissão, no tempo de paz, era a de mestre escola. A esse official o espião fez esta pergunta: "Não foi Cesar quem disse que amava a traição, mas odiava o traidor?" — Essa reminiscencia de Plutarcho impressionou o official; fazendo-o voltar tres vezes a conversar com o espião. A principio, este se conduziu como todos os outros, conservando uma attitude fechada e encolhida. Pouco a pouco porém, so tornou mais expansivo, pela necessidade, innata no homem, de falar de si. Começou a conversação dizendo: "Na sua opinião, eu sou um bandido, e mereço ser fuzilado, não é assim?" E como o of-

ficial lhe respondeu: "Pareceis-me um homem de certa educação" — elle começou a falar febrilmente. Oriundo de familia modesta, frequentou uma escola primaria, e se tornou depois empregado de um armeiro, ganhando regularmente. Depois, tratou casamento, e pretendia casar-se naquelle mesmo anno.

Perguntando-se-lhe porque so tornou espião, respondeu que não foi por dinheiro, mas para fugir á monotonia das suas occupações: levantar-se sempre á mesma hora, trabalhar com indifferença, tolerar os aborrecimentos dos chefes, sentir-se tratar como um automato, e ir para a cama, afim de recomeçar no dia seguinte a mesma vida... A isso, ello preferira viver aventureiramente, andar pelo mundo em automoveis, frequentando os primeiros hotéis. Além disso, vira no theatro um drama em que o bandido lhe havia agradado. Decidiu-se, pois, pela carreira de aventuras.

Em seguida, descreveu a audacia, as patranhas e as metamorphoses de um espião, e concluiu: "Quando a gente abre a porta, é sempre com o pensamento de que venham prender-nos".

Esse typo foi, pois, levado á espionagem pelo desejo de fugir á vida regulada o monotona do seu emprego, e provavelmente foi influenciado pela literatura moderna, onde ha tantos ladrões e "detectives" como protagonistas.

Bismarck, Machiavel, Cecil Rhodes, Vilon e outros sequazes da mesma idéa que, tomada no sen sentido mais baixo, levou Witney a ser espião, pertencem ao typo do espião, e só differem deste por uma questão de gráo. Assim, se Witney tivesse vivido no tempo da rainha Elisabeth ou de Lourenço, o Magnifico, ter-se-ia tornado um embaixador ou um frade intrigante.

Além do desejo da aventura, existia, porém, no espião, a vaidade, de que deu varias provas ao official que com elle convorsou, contando-lho as suas façanhas, movido sem duvida pelo mesmo desejo que têm os criminosos e os desequilibrados, de

confessar os delictos commettidos, vangloriando-se com elles, e ás vezes mesmo, os que não commettem.

Witney affirmava ser constantemente devorado pela curiosidade. Este symptoma da curiosidade é muito commum na demencia. O professor Bernardo Hollender escreveu: "Ha doentes que continuamente fazem a si mesmos perguntas, mesmo absurdas e até metaphysicas, para as quaes querem encontrar resposta; ou então, as fazem a outrem, indagando o como e o porque de tudo, e renovando o interrogatorio até se tornarem insupportaveis."

Assim, dados os moveis que o levaram á espionagem, Witney era antes de seu desequilibrado mental. O desequilibrio mental levou Nietzsche, Maupassant, Horphy, ao genio e á loucura; poupou da loucura Dostoievsky, Shelley, Napoleão. Menos feliz do que esses, Witney foi levado, pelo seu desequilibrado mental, auxiliado pelo ambiente e as circumstancias, a ser espião, unica maneira que encontrou de fugir á insupportavel monotonia da sua vida. — (W. L. George — *Harper's Magazine*).

COMO ALPHONSE DAUDET ESCREVIA

A primeira vez que vi Alphonse Daudet foi em 1878, no pavilhão da imprensa da Exposição Universal de Paris. Fui-lhe apresentado então por Leon Claudel, o bizarro autor de *Venus-pieds* e outras cinco ou seis novellas preciosas, que recordam o estylo do autor de *Numa Roumestan*, como a figura de um recordava a do outro. Passaram-se annos sem que as nossas relações tomassem o caracter de estreita amizade. Uma noite, porém, no *foyer* da Comedia Franceza, Daudet convidou-me com insistencia a ir visitá-lo. Na semana seguinte lá fui, á rua de Belle Chasse n. 31, onde encontrei uma sociedade interessantissima, que muita impressão me fez. Não repeti a miudo as visitas. Mas um dia, em junho, Daudet insistiu commigo para que fosse vel-o em

sua quinta de Champrosay, onde ia veranear. Poucas semanas depois partia eu e saltava na estação de Ris-Orangis, onde me esperava a sua carruagem. Os convidados do grande romancista tinham em Champrosay uma hospitalidade verdadeiramente escosseza. Daudet era feliz no meio da harmoniosa belleza do seu lar e da ternura de sua familia, que o faziam esquecer os males physicos. Falava muito, unindo á expressão da phrase, sempre pittoresca, a do gesto, sempre animado. Inteirava-se de tudo. Tinha uma memoria das mais felizes, recordando, como se se tratasse de successos do dia anterior, antigos episodios da sua vida, que contava com graça, falando pouco de si mesmo e muito dos typos curiosos que lhe haviam servido de modelos para os personagens de seus contos. Gostava muito de narrar casos comicos, como se tivesse necessidade de afastar todo o pensamento triste; e mesmo atravez das narrações dolorosas, fazia passar a nota comica. Empregava a miudo palavras provençaes para exprimir com mais exactidão as suas idéas. Sofria da medulla e do nervo sciatico e sua principal *coquetterie* nos ultimos annos da sua vida consistia em dissimular a molestia. Uma tarde, em Champrosay nos sentamos, eu e elle, deante da casa, a olhar para o parque. Perto, num angulo do parque, estava a capella. Eu já havia visto esta paisagem num desenho de Marchetti para a novella de Daudet — *Chefe de Familia*:

— Tudo quanto tenho escripto succedeu, me disse elle então; não tenho feito mais do que copiar a vida real. A capella que V. acaba de ver é a *Petite Paroisse*.

— Porque não escrevo a historia dos seus livros?

— Já o tentei, mas tem-m'o impedido o temor de que possa ver-se nisso uma manifestação de fatuidade.

— Entretanto, para o escriptor, a melhor maneira de escrever as suas memorias é annotal-as á margem de suas obras.

Daudet entrou então a dar-me pormenores sobre o que elle chamava o seu *Livro Verde*. Durante muitos annos, disse elle, num caderninho que chamo meu *Livro Verde*, porque é dessa côr a sua capa, cheio de notas resumidas e inextricaveis emendas, sob o titulo generico de *Le Midi*, eu resumi o meu paiz natal: clima, costumes, temperamento, pronuncia, gestos, arrebatamentos, paixões freneticas, ebulições do nosso sol e essa ingenua necessidade de mentir que provem de um excesso de imaginação, de um delirio expansivo, loquaz e benevolo, tão differente da mentira fria, perversa e calculada que se encontra no norte. Essas observações eu as tomei em toda a parte, a começar por mim, que me sirvo sempre a mim mesmo de unidade e medida, e em minha família, nos meus amigos, nas recordações da minha infancia, que conservo bem gravadas na memoria.

Quiz mostrar-me o famoso caderno, e folheando-o continuou:

— Tudo está aqui annotado: os cantares da região; os proverbios e locuções em que se manifesta o instincto do povo; os gritos das vendedoras de agua fresca, dos bufarinhos e dos mercadores de caramellos das nossas festas foreiras; os queixumes de nossas enfermidades, que a imaginação augmenta, quasi todas nervosas, rheumaticas, causadas por esse cóo de vento e fogo que nos devora a medulla e nos põe todo o ser em fusão, como uma canna, de assucar. Até os crimes do meiodia estão aqui annotados: explosões de paixão, de violencia óbria, ébria sem ter bebido, e por isso desconcertam e espantam a consciencia dos juizes procedentes de outro clima. Deste caderno tirei *Tartarin de Tarascon*, *Numa Roumestan*, e mais recentemente *Tartarin nos Alpes*. Nelle ha outros livros meridionaes em projecto, phantasias, novellas, estudos physiologicos: Mirabeau, o marquês de Sade, Raoussset-Boulbon, O doente imaginario, que Molière tirou seguramente de lá. E até um pouco de historia, a julgar por esta

linha ambiciosa (e mostrava-m'a no caderno): Napoleão, homem do Meio-dia. Synthetisar nelle toda a raça. (Juan B. Euseñat — *La Revista Quincenal* — Barcelona).

TURGHENIEFF

Nasceu em Orel, em 1818. Os seus primeiros professores foram francezes, allemães e inglezes. Passou depois tres annos em Berlim, após um breve periodo de estudos nas universidades de Moscow e Petersburgo. Tornou-se-lhe então irrespiravel o ar da Russia, onde, depois de 1847 fez sómente estadias breves. Turghenieff estabeleceu-se em França depois de 1870, vivendo quasi sempre em casa de Louis Viardot, que, como ó sabido, era um ponto de reunião de literatos e artistas.

Era bom e sympathico. Tinha, aos 54 annos, o aspecto veneravel de um hom patriarcal, em quem a majestade da cabeça leonina se temperava pela doçura dos olhos azues e profundos. A' primeira vista impunha respeito, mas logo conquistava pela sua simplicidade e affabilidade de maneiras. E' conhecida a bonhomia de Turghenieff. Menos conhecido é, porém, e seu espirito motejador que por vezes lhe dava uma certa causticidade á benevolencia. Elle proprio affirmava ter sido muito violento, e só se ter dominado com a idade.

Turghenieff teve relações amistasas com quasi todos os escriptores francezes do seu tempo: conheceu Victor Hugo, que julgou desfavoravelmente, accusando-o não só de grande orgulho, mas tambem de ignorancia.

Foi muito intima a sua amizade com Flaubert, embora fossem ambos tão diversos de temperamento e de gostos literarios e artisticos: Flaubert queria a arte pela arte, ao passo que Turghenieff queria a arte ao serviço do progresso humano; Flaubert era absolutamente insensivel á musica, ao passo que Turghenieff a adorava... Apesar dessas divergencias, os dois homens tinham

affinidades profundas: o mesmo culto da poesia, o mesmo horror dos filisteus, a mesma nausea da venalidade dos jovens literatos.

Outra intima amizade do Turghenieff foi Daudet: a sympathia que este lhe inspirou data do conhecimento que com elle fez na Russia, por meio de um romance, que segundo parece foi "Petite chose", comprado por acaso numa estação ferroviaria. Chegando a Paris, conheceu Daudet em casa de Flaubert, depois encontrou-o periodicamente nos jantares literarios de Magny, aquelles celebres jantares, organizados por Flaubert, que reuniam velhos e moços, e onde se contavam, entre tantos outros: George Sand, Zola, Goncourt, Daudet.

A conversação de Turghenieff era agradabilissima. "Esse barbaro amavel, diz Goncourt, fascinava por um mixto de ingenuidade e finura, com toda a seducção da raça slava acrescida de um espirito original e por uma cultura immensa e cosmopolita". Quando contava qualquer coisa, a sua palavra, a principio hesitante, adquiria firmeza e limpidez, e era uma delicia ouvil-o evocar coisas da Russia.

Ouvi dello um dia, numa roda de palestra, este conto delicioso: Certo dia o bom Deus teve a idéa de dar no céo uma grande festa. Convidou todas as virtudes, e lá foram as grandes e as pequenas. Podeis imaginar como era encantadora a reunião. Os proprios anjos eram os musicos. Considerava-se muito feliz o Senhor por ver os seus convidados tão satisfeitos. Mas de repente, notou a um canto duas grandes virtudes que se olhavam como pessoas completamente desconhecidas uma á outra. Deus comprehendeu logo: acerecou-se delias, e tomando cada uma pela mão, apresentou uma á outra: — O Reconhecimento, disse a uma. — O Beneficio, disse a outra.

Essas duas virtudes cumprimentaram-se e olharam-se com espanto. Desde que o mundo é mundo, era a primeira vez que aquellas virtudes, o Beneficio e o Reconhecimento, se encontravam. E para isso fôra

preciso que o bom Deus tivesse a idéa de reunil-as no Céo, numa grandes festa...

Turghenieff não teve familia propria. Encontrara uma familia de eleição nos Viardot, onde era adorado por todos: por Louis Viardot, literato e critico de arte; por Paulina Viardot, musicista distinctissima.

O primeiro dote de Turghenieff escriptor, é a simplicidade. Se não tem a força de Tolstoi, nem a profundidade de Dostoievsky, possui em compensação uma facultade de analyse psychologica verdadeiramente notavel: embora os seus typos de apaixonados, de fidalgos, de "mugiks", de intellectuaes e de revolucionarios se assemelhem muito, vistos através do seu bizarro temperamento de artista são taes que o leitor não se cança de enconral-os. Por muitos dos seus compatriotas, Turghenieff é considerado como o mais puro estylista e o primeiro escriptor classico da Russia.

Do classico elle tem a sobriedade e o senso da medida: em poucos traços pinta um caracter, levanta deante dos nossos olhos um personagem. Pela sua sobriedade e simplicidade, poderia recordar Merimée, sem a aridez e a frieza deste. E é possivel que os seus escriptos tenham influido sobre Maupassant. A qualidade principal, que dá aos seus romances uma fascinação irresistivel, é o accentto de sympathia humana e ternura. A isso devemos juntar o sentimento da natureza, fazendo algumas das suas descripções pensar em Fromentin. Elle proprio gosta de definir-se como "o romantico do realismo".

Se a sua obra de escriptor é grande, maior ainda é a do reformador, do educador do seu povo. A maior parte dos seus romances têm um fim politico e moral: penetrar na alma russa e transformal-a. Vivendo longe da Russia, poude escrever com certa liberdade, sem provar os castigos que tiveram Radiseew, Poutchkine e Dostoievsky. Turghenieff conheceu tambem a prisão e a vigilancia em Spark, mas a sua longa

estadia fóra da Russia evitou-lhe maiores dissabores.

Na Russia, as obras de Turghe-nieff tiveram larga repercussão, devida não sómente ao talento do escriptor como também á natureza dos seus assumptos. Os seus "Contos de um caçador", por confissão do proprio Alexandre II, entraram por muito na libertação dos servos.

Morreu aos 65 annos, a 3 de Setembro de 1883, sendo transportado o seu corpo para Petersburgo onde lhe fizeram exequias triumphaes (X. — *Mercure de France*, Paris).

O JORNAL DE AMANHAN

O jornal de amanhã não terá opinião politica. A sua politica estará fóra o acima de toda a concepção partidaria e consistirá somente no querer o bem geral da patria. Mais do que ninguém elle se occupará do registro, do exame objectivo dos factos e das suas consequencias. E os factos falarão por si. No campo da arte, o jornal de amanhã procurará facilitar a democratização della. Não é mais tolerável que a arte continue a ser um privilegio exclusivo de algumas elases sociaes que as galerias e as salas privadas accumullem thesouros, emquanto a vida popular continua a transcorrer sem bellezas. O proprio ensino deverá ser democratizado. As universidades até agora têm sido "torres de marfim"; os seus programmas de estudo se estabeleceram sem consideração alguma pela opinião publica. O jornal reflectirá as tendencias do povo, recolherá as impressões e as opiniões dos paes de familia, o a tudo isso dará a mais larga divulgação. E Economia Politica? Também essa deverá tomar um caracter pratico. O jornal publicará e commentará todas as informações industriaes e commerciaes que possam interessar os leitores. Os inventores deverão expôr nelles os resultados dos seus trabalhos. E todas as iniciativas terão no jornal uma tribuna largamente aberta. A parte estatistica será mui-

to desenvolvida no jornal de amanhã: comprehenderá noticias sobre a produção mundial, os preços, as offeras e as procuras. Assim também, quanto á parte commercial, quanto á agricultura e ás manufacturas.

O jornal do manhan deverá conter em summa menos tagarelice e mais factos, e devo ter um caracter mais pratico e mais realista. (Max d'Hauterive — *L'Information Universelle*, Paris).

NICOLAU II E TOLSTOI

Os primordios do reinado do czar desthronado foram julgados numa critica severa por Tolstoi, cujas paginas, conservadas até agora inéditas pelo rigor da censura no passado regimen, foram agora publicadas no jornal liberal de Moscow, o *Outro Rossi*, pelo executor testamentario do grande escriptor. O artigo trata do convenio dos representantes da nobreza com os *zemstvos* de 17 do janeiro de 1895, quando subindo ao throno Nicolau II, só lhe fizeram os mais solennes augurios. Tolstoi descreve a scena desta solcune recepção, em que participaram os delegados das mais longinquoas regiões, trazendo presentes e ao mesmo tempo petições ao czar, as quaes tinham sido objecto de longas discussões nas assembléas locaes. E o grande escriptor refere textualmente as palavras do czar, em que este formulava um programma do mais decisivo absolutismo: "Eu creio, dizia o joven monarcha, na sinceridade dos sentimentos innatos no coração de toda a Russia, mas estou informado do que nestes ultimos tempos em certas assembléas de *zemstvos* se ouviram vozes de alguns que nos seus sonhos insensatos pretendem ver os representantes dos *zemstvos* participar na direcção dos negocios do Imperio. Saibam todos, entretanto, que consagrando todas as minhas forças ao bem do povo, eu mantereí o principio da autocracia com a mesma firmeza do meu pae. O resumo official da agencia telegraphica russa que notou as ac-

clamações entusiasticas dos presentes, calou, contudo, uma particularidade referida por Tolstoi. Quando o joven czar chegou ao ponto em que protestava não admittir limite ao exercicio da sua vontade, sentindo no fundo da alma que a idéa era má — e esta é uma interpretação optimista do escriptor — perturbou-se, o para dissimular a sua confusão, se poz a gritar com uma voz aspera, em que transparecia a coelera. O escriptor censura a excessiva submissão do povo russo, que acolhia em silencio a offensa e que quatro mezes depois se preparava para as festas solennes da coroação em Moscow. Houve até quem tivesse a audacia de reprovár ao czar a sua resposta muito mansa aos que “pareciam dizer que para governar os homens era preciso conhecer a vida e as necessidades delles”; não bas-

tava dizer: “são aspirações insensatas”, era preciso estigmatizar os que ousavam attentar contra a sacrosanta instituição autocratica do povo russo.

Tolstoi deplorava que jornaes como o “Times” e o “Daily News” escrevessem que para qualquer outro povo que não o russo o discurso imperial teria sido offensivo. Em seguida o escriptor fazia uma critica do regimen absolutista da burocracia, peor que um despotismo illuminado que governa os subditos sem intermediarios deshonestos e rapaces que corrompem a alma do povo. A fé nos recursos da Russia não faltava ao grande escriptor. Mas atormentava-o a duvida de que quando fosse soada a hora, a corrupção do povo já fomentada em proporções vastissimas, não viesse a commetter qualquer desatino.

AS CARICATURAS DO MEZ

QUANDO A VIDA VOLTAR



Abasverus

(Fullão Machado — "D. Quixote" Rio).

O INDIO DO BRASIL



Civilizado

Selvagem I

(Storni — "D. Quixote") Rio

A GUERRA



O espanto de Caim:

— E são condecorados!...

(Julão Machado — "D. Quixote", Rio)



Dansas modernas

(Storni — "D. Quixote", Rio)



Parece que o ministro da guerra vai nomear um garboso voluntario para instructor do Estado Maior da Briosa...

"D. Quixote"

O MELHOR CHOCOLATE



— Obrigada. Os senhores são muito gentis, mas eu não posso aceitar o seu oferecimento. Só aprecio o CHOCOLATE FALCHI, o mais fino e delicioso que ha no mundo. Querem ser amáveis? Offereçam sempre o saboroso chocolate Falchi.

DOIS CAPRICHOSOS



— Venha cá, rapariga.

— Venha cá?!... Hom'essa!... A distancia é a mesma.

(J. Carlos — "Careta", Rio)

SUMMARIO DO N.º 21 (Setembro): — I — Defesa Nacional, por *Jorge de Lorena*; II — Os partidos politicos e a vida nacional, por *Mario Pinto Ser-va*; III — O exodo, por *Alceu Amoroso Lima*; IV — Figuras mortas, por *Souza Bandeira*; V — Sonetos, por *Alberto de Oliveira*; VI — Helena B..., por *José Maria Bello*; VII — Fernando de Noronha, por *Mario Mello*; VIII — Vida ociosa (romance), por *Godofredo Rangel*; IX — Resenha do mez, *Colla-boradores*.

RESENHA DO MEZ: — Liga Nacionalista — Bibliographia — Portugal e Brasil — A situação nacional (discurso de *Ruy Barbosa*) — Os jornalistas da Independencia (*Basilio de Magalhães*) — *Notas de Sciencia*, O pão com agua do mar — O passaro-sapato, — Helios Seelinger (*Monteiro Lobato*) — Carlos Pelxoto (*Jodo Luso*) — S. Paulo no seculo XVI (*A. E. Taunay*) — Sobre a lingua portugueza (*Celso Vieira*) — Um pintor de elegancias — A Amazonas — Baudelaire — Os amores de Augusto Comte e Clotilde de Vaux — Os prisioneiros de guerra — As caricaturas do mez. ILLUSTRACOES: *Caravella, Cavallos marinhos, Paizagem e Sereia*, quadro de Helios Seelinger.

CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG.: DOSMAN - CAIXA, 962

TELEPHONE, 4305

SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

INSTALLAÇÃO DE LUZ FORÇA



MAPPIN STORES
SOCIIDADE ANONIMA INGLEZA

MODAS PARA O VERÃO



Pelos vapores "LIGER" de França e "DARRO" e "DESEADO" de Londres recebemos uma grande parte de nosso stock de artigos de alta moda para o Verão.

Chamamos a atenção dos leitores para a nossa exposição de NOVOS VESTIDOS, que ultrapassam em beleza de desenho e estylo os de qualquer outra remessa recebida até hoje.

Convidamos as Exmas. senhoras para visitar a exposição no 1.º andar sem compromisso algum de compra.

ROBES, CHAPEAUX, BLOUSES, ETC.

TEA ROOM
5 O' CLOCK TEA-ORCHESTRA
O PONTO PREFERIDO PELA ELITE PAULISTANA

MAPPIN STORES
S. PAULO

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, eujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que descjarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques s quaes quer eselarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

Casa de Saude

Dr. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,
Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,
Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Calva do Correo, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560

Secção de Obras

do

O ESTADO DE S. PAULO

Executa-se qualquer
trabalho typographico

São Paulo

Rua 25 de Março N. 145
Telephone N. 725



AMIDON



ESPLENDOR

Este é o verdadeiro amidon
brilhante, porque brilha como
:: nenhum outro ::

ooo

Industrias Reunidas
F. MATARAZZO
SÃO PAULO

ooo

N. B. — As engommadeiras, quando não
quizerem dar brilho aos engommados, não devem
empregar o "AMIDON ESPLENDOR", porque
este amido é muito brilhante, e, por isso, pro-
prio para os engommados que requerem brilho.
Devem, nesse caso, usar outros amidos, de diver-
sas fabricas do paiz, que se encontram no merca-
do com a denominação de AMIDO BRILHAN-
TE, — porque estes amidos são brilhantes só no
nome, e, aos engommados não communicam o
menor brilho.

Wilson Sons & Co. Limited

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Teleg. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES:

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke, etc.; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de flandres e ferragens; óleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para industrias; barro e tijolos refractarios, barrilha etc.

AGENTES DE:

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres
Segudos maritimos e contra fogo
J. B. White & Brothers, Londres
Cimento Portland "J. B. W."
Aberthaw & Rhose Portland Cement &
Lime Co. Ltd. Cimento marca "Mitra"
Read Brothers Limited, Londres
Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"
Curtis's & Harvey Ltd., Londres
Dynamite marca "Dragão"
Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres
Chá preto e verde marca "Bond"
William Pearson Ltd., Hull
Creolina, Pacolol e Pacofluido
Andrew Usher & Co., Edinburgo
Whisky "Liqueur"
J. Bollinger, Ay Champagne
Champagne "Bollinger"
P. Virabian & Cie., Marselha
Ladrilhos e Cimento
Holzapfels Ltd., New-Castle-on-Tyne
Tintas preparadas "Lagoline"

Acceitam pedidos para importação directa mediante
modica commissão

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

S. PAULO

47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para **CAFÉ** **MANDIOCA**
ARROZ **MILHO**
ASSUCAR **FUBÁ, etc.**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de
ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaes-
quer machinas, canos de fer-
ro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-6
SÃO PAULO



REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO.

MARIO DE ALENCAR da Academia Brasileira	Carlos Peixoto, filho . . . 277
F. J. OLIVEIRA VIANNA	Psychologia das revolu- ções meridionaes . . . 298
AFRANIO PEIXOTO da Academia Brasileira	Paixão e gloria de Cas- tro Alves 311
JULIA LOPES DE ALMEIDA	Padre José Mauricio . . 342
GUILHERME DE ALMEIDA	Poesia 359
ASSIS CHATEAUBRIAND	Sobre a jornada repu- blicana de 1817 . . . 364
FIRMINO COSTA	Vocabulario analogico . 377
ALFREDO PUJOL da Academia Brasileira	"A Carne", de Julio Ri- beiro 384
COLLABORADORES	Resenha do mez 395

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 23 - ANNO II

VOL. VI

NOVEMBRO, 1917

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Brasil-Allemanha (*Alfredo Pujol*) — Bibliographia (*Augusto Rodin*) — A exposição do Sacy (*M. L.*) — *Notas de Sciencia* (As doenças do coração; a utilização dos ossos; a hora do heroísmo) *M. P.* — Th. Ribot — Brasil escreve-se com s (*Assis Brasil*) — A idéa de Justiça (*Pedro Lessa*) — O culto do passado e o centenario da Independencia (*Adolpho Pinto*) — O fundador da Republica (*Paulo Pestana*) — A bandeira do Brasil (*Eseragnolle Doria*) — Alcoolismo, opilação e impaludismo (*Belisario Penna*) — Lourenço Coster, o inventor da imprensa — A guerra actual e os principios de estrategia — A adivinhação e a guerra — A inimiga de Napoleão — Variedades — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES — *O Pensador*, de Augusto Rodin; *O Sacy e o caipira*, *O Sacy e as pretas*, de Richter; *O Sacy e a cavallhada*, *A trança da erina*, de R. Cippichia; Retratos: Carlos Peixoto, Castro Alves, Padre José Mauricio, Augusto Rodin, Alfredo Pujol, por Wash Rodrigues.

As assignaturas começam em qualquer tempo e terminam em Junho ou Dezembro
A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

Propriedade de uma
sociedade anonyma

L. P. BARRETTO

Directores: JULIO MESQUITA Redactor-chefe: Plinio Barreto
ALFREDO PUJOL Secretario-gerente: Pinheiro Junior

ASSIGNATURAS PARA 1917:

Anno	15\$000
Seis mezes	8\$000
Estrangeiro	20\$000
Numero avulso	1\$500
Numero atrazado	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52
Caixa Postal, 1373 — Telephone, 4210

S. PAULO

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emilio Rocco — Novidades em case-mira inglesa. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina na rua Santa Izabel. Tel. 5151 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, caudelas de casas de penhores e do Monte de Socorro de S. Paulo

— A **CASA MARCELLINO** compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

CASA PAULISTA, de Moysés Gandelhman — Moveis, camas de ferro esmaltado, colchões, tapetes, etc., a dinheiro e a prestações. Rua Barão de Itapetininga, 14-A — Tel. 3046 Central. S. Paulo.

Joallierie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfévrerie — Argent, Bronzes et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

Grande Loteria de São Paulo

FIM DE ANNO

EM 28 DE DEZEMBRO

200 Contos

em dois grandes
premios de

100:000\$



100:000\$

INTEIRO	9\$000
MEIO	4\$500
FRACÇÃO	\$900

**Os bilhetes estão á
venda em toda a parte**

"A TRANSOCEANICA"

Empresa de viagens e excursões de recreio A COOK BRASILEIRA

Sociedade Anonyma autorizada a funcionar na Republica pela Carta Patente n. 33, expedida pelo Ministerio da Fazenda, e pela Carta Patente n. 1, expedida pela Delegacia Fiscal do Thesouro Nacional em S. Paulo.

Secção de Clubs de Viagens

Esta secção garante aos seus prestamistas, por meio de sortelos diarios, semanaes, quinzenaes e mensaes, uma estadia em diversas estações thermaes e climatericas do paiz, Europa, America do Norte ou Rio da Prata, com passagens, cambiaes ou cartas de credito.

Club Americano

Sortelo diario de passagens ou cambiaes ou cartas de credito, feito por machinas Flecher, ás 4 horas da tarde, em presenca do fiscal do governo federal.

Série Brasil — Compõe-se de quatro grupos de dois algarismos em ordem subsequente.

BENEFICIO: passagens cambiaes ou cartas de credito no valor de 1 libra esterlina.

Série Argentina — Compõe-se de 2 algarismos.

BENEFICIO: passagens, cambiaes ou cartas de credito no valor de 3 1/2 libras esterlinas.

Série Chile — Compõe-se de 3 algarismos.

BENEFICIO: passagens ou cambiaes ou cartas de credito no valor de 35 libras esterlinas.

Série Uruguay — Compõe-se de 4 algarismos.

BENEFICIO: passagens ou cambiaes ou cartas de credito no valor de 263 libras esterlinas.

A prestação minima é de 1\$000. — A entrega dos beneficios, calculados ao cambio de 10 1/2 d. (libra a 23\$000) é feita uma hora após o sortelo.

O prestamista pôde escolher livremente os numeros que desejar e tomar quantas inscripções quizer, dentro dos limites das quatro séries.

Aos prestamistas não sorteados faz-se a restituição de uma quota de 1 0/10 até 30 0/10 do valor de suas contribuições.

Secção de Excursões de Recreio e Representações

Esta secção, organizada sob os moldes de suas congeneres, Cook, Lubin e Expresso Internacional, etc., tem por fim proporcionar aos seus clientes todas as facilidades na compra de passagens ferroviarias ou maritimas, reserva de commodos em hotels, condução de bagagens, passelos, etc.

Esta secção fornece serviços individuaes ou collectivos, á vontade do cliente.

A Estancia Thermal e Climatérica de *Pocos de Caldas*, denominada a "SUISSA BRASILEIRA", é a mais reputada e conhecida estação de cura da America do Sul.

"A Transoceanica" é a sua representante exclusiva no Brasil.

Pocos de Caldas está situado a 1.200 metros acima do nível do mar. Clima 18º graus centigrados, thermas 46º graus. Estação de aguas, banhos sulphurosos e gazosos e repouso. **PRINCIPAES HOTEIS:** — *Grande Hotel* (um dos mais luxuosos do Brasil); *Hotel das Thermas* (de tradicional reputação); *Hotel do Globo* (50 quartos), e *Hotel d'Oeste* (30 quartos).

"A Transoceanica" fornece gratuitamente todas as informações para uma viagem e estadia em *Caldas*.

Secção de Publicidade

Esta secção, organizada de conformidade com os methodos americanos, tem por fim facilitar ao commercio e á industria a propaganda de seus productos em jornaes brasileiros.

"A Transoceanica" é arrendataria do "Diario Mercantil", de Julz de Fora. Jornal de maior circulação no Estado de Minas Gernes.

Os annuncios deste jornal são taxados por um preço excepcional.

"A Transoceanica" é a exclusiva representante no Brasil de "THE URUGUAYAN PUBLICITY ASSOCIATION", grande empresa americana de reclames e publicidade, com sede em Montevideo e filiaes em Nova York, Chicago, Detroit, Atlanta, Kansas City e Nashville, na America do Norte.

Séde Social — Rio de Janeiro — Rua Sachet, 37.

Filial Autonoma — S. Paulo — Rua S. Bento, 65.

Endereço telegraphico — "Transoceanica" — *Código Ribeiro e A. B. O.*

CARLOS PEIXOTO, FILHO

Mal acabava eu de escrever um artigo de saudade, já uma nova magoa me transvia o pensamento do curso tranquillo em que pudera refazer-se para a illusão. Nesta sombra que envolve o espirito não ha trabalho possivel; a cogitação da tristeza paraliza-me o esforço; desvanece-se o ideal, invade-me uma percepção nitida da inutilidade e



inanidade de tudo, a qual só se atenúa quando a penna quasi instinctivamente começa a cristalizar lembranças esparsas e trapos da pessoa perdida.

A morte é um phenomeno trivial e quotidiano, mas certas mortes, ainda sem levar em conta o que nos tiram pessoalmente, occasionam, como esta agora, um abalo moral tão forte, que equivale a uma parada de espectáculo; deixamos de ser comparsas e não somos espectadores, cessa o turbilhão, e o espirito ruma o nada, consciente do nada. Não ha propriamente dôr; a dôr se objectiva,

e é um allivio, na sua expressão ou revolta no grito ou de fraqueza na lagrima. Não ha espanto; ao contrario ha um sentimento agudo da realidade através da apparencia de que a revestiu a nossa imaginação. A vista alcança a uma distancia infinita, e tudo é deserto.

Quiz lêr; na leitura talvez achasse a suggestão de uma idéa de apoio. A associação de lembranças fez-me escolher um livro de Renan, que era um dos autores predilectos de Carlos Peixoto. Deste volume — *Pages detachées* — dei-lhe um dia um exemplar. O *Exame de consciencia philosophica* parecia-me appropriado a reerguer um ideal ou a firmar com o exemplo e a lucidez de um philosopho a impassibilidade da sabedoria; em qualquer caso a belleza dessas paginas devera produzir em mim o estado de anagogia.

Esperança van. Não póde fallar á vida quem como Renan viveu fóra da vida, ilhado na pura ideologia; a sua communicação foi constante com o mundo universal, mas o telescópio a que tinha pregados os olhos, não podia abranger a humanidade contigua, senão a remota, já incrustada no todo distante. Fóra desse mundo, a sua vida discorreu numa cella, forrada de livros; e a regularidade do seu trabalho e a absorpção da sua intelligencia justificam a placidez do seu espirito e a sua quasi insensibilidade em presença do irremissível. Depois de reduzir a humanidade no universo á proporção, cegueira, inutilidade e insignificancia de um formigueiro numa floresta virgem; acena, como num brinco de logica, com a esperança de uma consciencia que se ha de ir formando no decorrer infinito dos seculos. Optimista contumaz, sybarita das letras, a quem aprazia recommençar a vida tal qual, não é Renan dos que podem falar diante de uma cova que vae receber o cadaver de um amigo.

Larguei o volume, no mesmo estado de espirito a que tudo falta. E então mias me pezou que a minha condição physica e moral não me houvesse consentido ir em pessoa acompanhar a scena funebre. No ceremonial mortuario ha uma actividade dos sentidos que equilibra a dôr moral. Associam-se também allí os que soffrem, e a cooparticipação do lucto é um motivo de encorajamento reciproco. Isolado e de longe, só me era dado seguir as horas em torno de uma morte, de que eu tinha certeza, sem a capacidade de entendel-a pelos olhos. Conjecturava o que ia occorrendo, e á hora em que devia passar o feretro, na praia de Botafogo, fui aguardal-o á janella, de onde podia avistal-o no extremo da rua. Sentia necessidade de pôr este olhar anony-

mo, silencioso e distante, sobre aquelle esquife. Tinham os jornaes noticiado que sahiria o feretro ás 3 1/2 da Estrada Central. A's 4 1/2, depois de uma longa espera, vi apontar e passar um enterro. Bateu-me o coração; deixei passar os carros, e recolhi, considerando o escasso numero delles, ao todo uns 50. Não tive decepção. Vinte amigos, os representantes officiaes e os curiosos desses momentos tristes. O merito extraordinario de Carlos Peixoto parecia-me, por ser extraordinario, inacessivel á sympathia do maior numero.

E' certo que os jornaes haviam noticiado a sua morte com a justa apreciação de uma grande perda para o paiz, e algum fizera sentir a commoção de espanto e tristeza, pondo em relevo a sua acção politica, a nobreza do seu caracter e os seus talentos de orador parlamentar. Eram traços de um desenho, que não fôra possivel fazer no imprevisto da primeira noticia, e denunciava a quieta reflexão de um necrologio antecipado. E' que se esperava o triste desfecho. Sabia-se da gravidade da molestia; mas em todo o tempo que durou, desde Abril, só tres ou quatro vezes lhe fizeram alguns jornaes uma breve referencia. Antes de adoecer, excluida a phase em que elle predominou, a sua companhia era pequena; e as occasiões propicias para o reconhecimento do seu valor passavam desaproveitadas. A sua continuação na Camara devia-a elle á vontade de um eleitorado dirigido por amigos de prestigio local incontestavel. Elegendo-o e reelegendo-o para a commissão de finanças, serviam-se conscientemente das suas aptidões, sem que aos seus trabalhos, de excepcional valor e incansada diligencia, correspondesse nenhuma honra particular. Na Camara, amigo que o procurasse, tinha ensejo frequente de conversal-o fora de grupo; elle não trazia o sequito dos politicos de nota; e a sua ausencia por dias seguidos não era advertida, senão da meia duzia dos amigos de sempre, e na rua era facil encontrar-o sósinho. A lembrança da anterior e recente affluencia de gente em torno delle fazia sensivel o relativo abandono actual, e elle mesmo notava-o e explicava-o com tranquillo scepticismo.

Era pois de esperar aquelle enterro simples. Quando verifiquei o meu engano, ao ter mais tarde a noticia de um

grande acompanhamento, pomposo e numeroso, quando li nos jornaes os discursos do Senado e da Camara, ahi é que tive surpresa, confortante sem duvida, mas surpresa. E perguntava-me sem amargor, mas sem entender: — Porque ao vivo aquelle desapareço, e ao morto esta glorificação?

Doia-me que não lh'a tivessem feito opportunamente, não em palavras, mas em acto, que fôra em summa um beneficio a Carlos Peixoto e á nação. Foi sincero o sentimento agora manifestado, e parece que tambem o julgaram sinceramente em vida, mas enquanto elle vivia, um instincto de defesa pessoal cohibiu nos seus admiradores a plena expansão de applauso e apoio. Carlos Peixoto tinha revelado sem reboço a sua feição de dominador de homens e a sua inadaptação aos requisitos da chefia politica. A chefia politica, ao menos entre nós, nas condições actuaes que não permitem partidos de idéas, consiste num conchavo tacito de favores reciprocos. Não se agrupam os homens por conformidade de aspirações, senão por interdependencia de serviços, e torna-se chefe quem, por situação social e contingencia de posição, tem a maior somma de elementos accesorios de prestigio utilitario. Delegado particular e ostensivo do governo junto aos membros do poder legislativo e os governos dos Estados, representa o chefe ocasional uma força formada pela cooperação de todas as fraquezas individuaes, timidias ante o numero, confiadas na só vontade do governo central, e empenhadas em cooparticiparem da maioria. Cnstituida a maioria, o elemento numerico reflecte sobre o chefe para fortalecer-lhe o prestigio perante o governo: e tal seja a habilidade do chefe, póde elle ter a apparencia de dominador da vontade politica. Na realidade não o é, senão guia aleatorio, ou quando muito chefe nominal, mas executor passivo dos desejos, caprichos, desmandos, e até illegalidades reclamados simultaneamente ou successivamente pelos interesses dos partidarios, de um lado, e do outro pelo governo. Exerça o chefe a sua vontade liberal e isenta, e logo decahe o seu prestigio, e extingue-se o seu dominio.

Carlos Peixoto, se não tivesse a personalidade tão accentuada è o pensamento independente, teria conservado até á morte a posição de chefe da politica brasileira, por el-



le occupada durante tres annos e meio, e a que elle por vontade reflectida renunciou. A sua permanencia no posto de chefe dependia só da sua accommodação aos momentaneos interesses alheios: mas elle tinha idéas, principios, amor proprio, orgulho e desdem dos homens. Era um dominador ativo e de feitio autoritario: ninguem contaria com elle para uma transacção, e os mesmos amigos sabiam que elle não usava da sua autoridade para prestar-lhes favores: e assim quasi todos, com admiralo, temiam-no, e os amigos, com amal-o, preferiam, sem o dizer, que elle continuasse a ser o amigo a ser a autoridade que pudéra magoalo-s. Só por isso elle não foi o chefe perpetuo da politica republicana, desde 1906. Não quiz sel-o, como eram os outros, mescla de mandante e mandado, senão completo e unico, pelas idéas; e durante algum tempo elle proprio teve a illusão de que o seria. A sua autoridade foi então extraordinaria, quasi irresistivel; insinuada pela intelligencia, pela palavra, pelo encanto pessoal, pela cultura, e pela força do seu sorriso dominativo, quasi hypnotizador.

Eleito para a legislatura de 1903, não era um principiante no parlamento. Tinha sido na assembléa de Minas membro da commissão de finanças e leader da maioria; a sua eleição para deputado federal resultou assim mais da sua valia propria do que da complacencia do partido. Ignorado ainda na Camara, não se deu pressa em revelar-se, como faria um bisonho ambicioso fiado nos seus louros oratorios. A primeira vez que fallou foi em fim de 1903 para defender uma emenda sua ao orçamento da receita: foi breve e claro, como convinha no momento; mas em poucas palavras fazia reparo á infracção regimental dos oradores inoportunamente dilatados, e firmava a sua preferencia pelo proteccionismo economico. O seu segundo discurso foi proferido em circumstancias notaveis. Discutia-se a licença para o processo do deputado Alfredo Varella. Durante algumas sessões vozes opposicionistas clamaram com rethorico fervor contra o que seria uma violencia inominavel applicada a um membro do poder legisla-

tivo. Prestava-se o assumpto á eloquencia sentimental: a opinião publica estava commovida como é de praxe, quando se aprêgoa uma victima de algoz no poder. A camara permanecia em alvoroço; tribunas cheias, galerias apinhadas de gente popular ao faro de um escandalo. E ao influ-xo da especção crescia o ardor tribunicio. Um dos discursos tinha sido uma cachoeira de objurgatorias e apostrophes, rolante em tonitroante voz, que alternava os bemoes e sostenidos, e imitava todos os timbres sonoros desde o rufllo do tambor até a tenuidade da flauta. Estava a serviço todo o arsenal de tropos oratorios. Offegavam de commoção os assistentes. E o tribuno, no auge da eloquencia, como uma pythonisa possessa do deus oracular, fez a peroração sonora com um appello ás tradições libertarias de Minas e S. Paulo: e ouviram-se os écos das torrentes despenhadas das serras historicas, resoaram os nomes de heroes na orchestra das florestas profundas sacudidas dos ventos: e por desfecho impressionador, abriu o tribuno com cava evocação os pavimentos da Cadeia Velha, resurgindo do subterraneo entre a assistencia aturdida a figura do primeiro martyr da liberdade, ao signo tremendo — *Libertas quae sera tamen*. Pareceu na verdade que se abriam os pavimentos da Cadeia Velha, tal o estrondo dos applausos. A commoção era de um triumpho absoluto. Estalavam os abraços e os vivas. E a custo cessou a resonancia do vendaval oratorio.

Ao appello feito a Minas respondeu na seguinte sessão a bancada mineira pela voz de Carlos Peixoto. Não era ainda *leader*, mas a escolha na ocasião solemne attribuia-lhe a qualidade de chefe de facto. Definiu-se então o que era um orador parlamentar.

Fallou serenamente, com o tom, a expressão, a intelligencia, o commedimento de um legislador, conscio da differença que ha entre a tribuna do fôro e a do parlamento, entre as attribuições legislativas e as judicarias, entre a rhetorica de demagogo e o discurso de estadista. Nenhum tropo, nem exordio calculado nem peroração engenhosamente architectada. Explicou a attitudo silenciosa da bancada, como um proposito passivo de não prolongar a agitação infecunda; desemmaranhou o assumpto do sentimenta-



lismo, considerou-o sob a sua feição constitucional, converteu a victima em delinquente confessado, mostrou como convinha o processo, e reafirmando os sentimentos de liberdade dos mineiros, concluiu, como no fecho de uma palestra entre homens de pensamento: *Libertas sub lege*. O presidente foi obrigado a chamar á ordem as galerias, que não cessavam os applausos. Era o triumpho da pura razão. Conheceu-se que havia enfim um orador, que sabia persuadir com a simples coordenação dos argumentos, sem mais recurso que o conceito esclarecido, e sem outro ornato que a pureza da propria palavra, limpida e direita, de uma dicção natural, que prendia, enlevava, seduzia, pelo seu mesmo tom e pela figura do orador, senhoril, mas cortez, seguro de si mas attento. A sua grande força na tribuna provinha, como alli se manifestara, da propria vocação de um talento que só operava orando, da sua convicção sincera, do uso opportuno da palavra, e talvez principalmente de um intimo desdem pelo auditorio.

O auditorio seria sempre inferior a elle, e assim nunca o intimidaria, nem lhe desviaria o pensamento: e elle na tribuna, ainda vencido, era um dominador.

Leader de facto já em 1904 e *leader* nominal da bancada mineira logo depois, *leader* da maioria da camara, em 1905 e 1906, foi no inicio de 1907 eleito presidente da Camara. Tinha 36 anos incompletos, e quatro de mandato federal. Um anno antes, quando os seus admiradores na Camara esboçavam o desejo dessa presidencia, havia da parte de outros, que mais tarde foram amigos d'elle, uma surpresa de protesto na allegação de que elle era muito moço. Teria para a sua eleição á presidencia da Camara influido a presidencia de João Pinheiro em Minas? De certo, mas em parte pequena. Quem fosse então assiduo na companhia de Carlos Peixoto podia observar o ascendente pessoal que elle ia formando sobre um e um de todos os deputados. Os mesmos que não lhe quizessem bem, sentiam-se máu grado seu arrastados á admiração e sobretudo ao respeito. Nem Pinheiro Machado ficou insensivel a esse prestigio envolvente.

Descendo a esse tempo de uma visita a Carlos Peixoto no Hotel da Lapa, encontrou-se o presidente do Senado com



o deputado Arnolpho Azevedo, que alli se hospedava. Falaram de Carlos Peixoto, e o senador lhe disse: — Cultive essa afeição; esse moço vai ser o chefe de todos nós. Era ainda em 1906, quando Pinheiro Machado dirigia sem resistencia a politica de todo o paiz. Aquellas palavras implicavam o effeito consciente do sorriso de Carlos Peixoto. Não era um sorriso intencional: era uma expressão nativa da sua intelligencia; não se particularisava nos labios, nem escolhia momentos; estava no total das suas feições e inseparavel dellas, traduzia adequadamente os seus sentimentos, tanto de pesar como de alegria: era como a irradiação da personalidade vivaz. Quem ficasse algum tempo ao alcance dessa irradiação, soffria-lhe o encanto, e em presença delle era preciso uma força nova e rara para quebrar o magnetismo.

E assim podia elle, sem nada perder, continuar a sua maneira de homem chão. O cargo não parecia ser uma honra para elle, senão um posto commum de serviço. Por commodidade sua, deixou o hotel e morava com tres amigos, Primitivo Moacyr, Afranio Peixoto e Eloy de Souza, em economia de republica. Não alterou o seu trato pessoal com os amigos e camaradas; acabando de presidir uma sessão, não era raro vel-o sahir em companhia de um simples official da secretaria e abancar-se com elle a uma mesa de café. Mas não se alterava a sua autoridade; e ia-se desenhando a sua acção politica á feição de uma trama que vae surgindo ponto a ponto em uma tela de bastidor. Foi assim a candidatura de João Pinheiro á presidencia da Republica. A primeira noticia foi uma surpresa; fez sorrir a alguns incredulos e torcer o nariz á maior parte. Quasi ninguem conhecia João Pinheiro, e começou-se então a fallar do industrial do Caeté. Dentro de alguns mezes não havia divergencia, em voz alta, e a candidatura estava definitivamente assentada.

Mas a Pinheiro Machado, essa candidatura affectava como uma diminuição publica do seu prestigio, até alli mantido, de grande eleitor. Tivera que concordar, e não era a primeira vez, — mas agora não lhe consentiram as circumstancias dar ao facto o aspecto de deliberação em que predominara o seu voto ou fosse delle a iniciativa. Era evi-

dente a iniciativa de Carlos Peixoto, e para este forçosamente se inclinava a atenção e a consideração de todas as esperanças publicas. Compreendendo o risco de se oppor á candidatura de João Pinheiro, mas não se resignando a perder tão depressa o apparente predominio, o senador rio-grandense tentou vencer pessoalmente Carlos Peixoto. Apeado que este fosse da posição dirigente, elle com o seu apoio áquella mesma candidatura e a direcção dos trabalhos da Camara, recuperava o prestigio, que sentia escapar. Fôra já significativa a abstenção de alguns deputados na eleição de Carlos Peixoto á presidencia da Camara m 1907; houve 6 votos em branco. Ao terminar o anno já se denunciava a opposição manhosamente movida no Senado com o apoio de um pequeno nucleo na Camara.

O trabalho era surdo, e escaparia ao atilamento dos mais intelligentes, como occorreu ao Dr. James Darcy; *leader* da maioria da Camara e mesmo *leader* da bancada rio-grandense, amigo e partidario de Pinheiro Machado, e amigo pessoal de Carlos Peixoto, a sua rectidão moral conservava-se alheia aos manejos subterraneos. Foi pois com surpresa e indignação que se lhe deparou no discurso de um companheiro de bancada, o rastilho da mina. Irrompeu na tribuna altivamente, desaffrontando-se com vehemencia e brilho: houve explicações, mas o brioso deputado comprehendeu que o seu character era incompativel com aquella politica; e renunciou o mandato, para não trahir a amizade de Carlos Peixoto. Esse é um dos actos exemplares na historia politica republicana; e não deve ser esqueçido.

Declarada a opposição, começou o trabalho habitual dos manejos.

Nas vespervas da abertura do parlamento, em longa e solenne conferencia com Affonso Penna, o senador Pinheiro Machado solicitava-lhe que interferisse na eleição da mesa da Camara afim de não ser reeleito presidente Carlos Peixoto. Allegou a hostilidade que soffria, e accentuava sua acção decisiva na eleição de Affonso Penna, e para forçar-lhe a vontade chegou ao proposito de abnegação, manifestando-se disposto a abandonar a politica. A um amigo, a quem narrou logo em seguida essa conferencia, disse que nunca fôra tão eloquente; fallara cerca de tres horas *ex-abundantia*

ensaios astutos da opposição, que prevendo a possível victoria de David Campista, queria transpol-a para o seu activo.

Nesse proposito visitou-o uma vez Pinheiro Machado em sua casa particular da rua de S. Clemente. Ia propor-lhe um conchavo quanto á vice-presidencia da Republica; a meio ou ao termo da conversa, apparecendo na sala a senhora do candidato, saudou-a Pinheiro Machado com emphatica amabilidade: — *Senhora presidenta!* Mas a combinação proposta não fôra accepta. Affonso Penna era voluntarioso e irritadiço, e julgou que podia ser intransigente e até caprichoso, em represalia aos manejos opposicionistas. Não attendeu, por falta de discernimento politico, ou por excessiva boa fé, á disposição moral dos membros do ministerio, susceptibilisados alguns da preferencia do presidente pelo collega da fazenda. E foi justamente no ministerio que a opposição achou o seu melhor elemento.

Entretanto Carlos Peixoto mantinha com desinteresse o seu procedimento sincero de apoio ao governo e á candidatura David Campista. Era elle ainda o chefe politico na Camara: seria maior a sua força, se a questão principal lhe despertasse fervor de acção, ou se o presidente Penna lhe confiasse a directiva da lucta, ao em vez de assumir canhestramente como fez a responsabilidade do pleito.

Em começos de 1909 a opposição chegara ao termo dos seus estratagemas, e explorava a inconsciencia, com a cumplicidade da consciencia e autoridade de notaveis politicos.

Carlos Peixoto, que tudo previra, aproveitando a occasião de um discurso ao ministro da guerra, na partida deste para as manobras militares na Allemanha, definiu o papel do militar na politica. Ouvi que esse discurso produziu no Marechal Hermes uma impressão muito forte, não diminuida annos depois: para elle o talento era Carlos Peixoto. E Carlos Peixoto gostava d'elle, mas estimava-o como homem e como militar. Com maior flexibilidade de caracter, maior complacencia, e menor rigidez de principios, podia elle aproveitar-se do instrumento da opposição, que foi a candidatura Hermes, e transformal-a no mais solido alicerce da sua propria ascensão politica da chefia permanente á futura presidencia da Republica. Pessoalmente era-



lhe porventura mais sympathico o Marechal Hermes do que David Campista: além de que o primeiro podia ser como cera molle que o pensamento de Carlos Peixoto moldasse a sua feição. E estou que o Marechal não desejaria melhor conselheiro que aquelle moço de talento e character, que lhe causava uma admiração empolgante. Mas Carlos Peixoto, acima da sympathia pessoal, acima das mesmas conveniencias da acção politica, não suas, mas da nação a que continuaria a servir, e mais efficazmente apoiado na força passiva de um chefe militar considerava a sua lealdade e os principios republicanos na pureza com que sempre os comprehendeu.

Ao agradecer no dia 6 de maio de 1909, em nova legislatura, a sua reeleição á presidencia da Camara, feita por 133 votos contra 13 da bancada rio-grandense (dessa vez declarados no deputado Soares dos Santos), Carlos Peixoto denunciou a perversidade politica e frisou o seu pensamento alto e honesto. As suas palavras são todas sinceras, precisas e significativas nesta falla, que será sempre opportuno reler e admirar:

“Meus senhores e caros collegas. — O presidente e os vice-presidentes, hontem eleitos, exprimem á Camara, neste momento, a sua profunda gratidão pela honra consideravel que receberam; e, antes mesmo que esta Assembléa, depois de constituida, possa tributar merecida homenagem á memoria do nosso antigo presidente, ultimamente extinto, desejamos deixar aqui, desde logo, consignados os nossos sentimentos de affectuosa saudade ao finado dr. Paula Guimarães, cujo passamento tanto nos commove a todos.

Igualmente cabe-me agradecer aos nossos distinctos secretarios de edade os serviços que vêm prestando á Camara.

Elegendo-me pela 3.^a vez seu presidente, a Camara (sensivelmente identica á da ultima legislatura), deu-me a honra de consagrar com a sua approvação a conducta que tenho mantido no exercicio das funções politicas que a generosa benevolencia dos meus collegas approvou confiar-me desde 1907.

Só posso receber esta prova de perseverante confiança como significativa de que meus collegas entendem não

haver eu faltado aos deveres da imparcialidade no dirigir os seus trabalhos, e aos da dignidade no defender as prerogativas da Camara.

Nem outro movel pode jámais determinar, em casos taes, o voto de homens capazes de julgar, pela propria, a dignidade e a honestidade da conducta alheia. (Apoiados geraes). Iniciando nós os trabalhos de uma nova legislatura, no momento em que a Republica entra no seu 20.º annos, não se ria talvez arriscado tentar um retrospecto deste já não pequeno periodo de vida democratica, no qual temos, pelo menos, demonstrado que somos capazes de praticar a liberdade civil, impedindo que ella degenerasse na demagogia inconsciente, que conduz á anarchia e abre assim caminho facil a perigosas aventuras de violencia, fonte e matriz do cesarismo e da tyramnia (Muito bem, muito bem).

Sem embargo, ha porém toda uma immensa tarefa a realizar e para isto acredito que esta nova Camara, em que reside a directa representação popular, não medirá esforços nem sacrificios.

Tenho fé irreductivel no futuro da nossa patria e de nosso povo, redimido dentro em breve por uma instrucção racional e bem orientada e tornado assim capaz de amar a Republica, fazendo della, na phrase de um estadista eminente "uma perpetua victoria sobre a ignorancia, a miseria e o vicio, o mais alto desenvolvimento da personalidade humana, aos influxos da liberdade, da justiça e da solidariedade".

Carlos Peixoto foi escutado com profundo interesse pela Camara; mas com diverso entendimento e impressão nas diversas bancadas. Percebiam-se as allusões, que pesavam ou não nos espiritos conforme o seu estado de consciencia. Carlos Peixoto por ventura ainda se illudia quanto ao effeito da advertencia moral e do appello ao bom senso, á razão, á continuidade do esforço por um ideal common; ou já descrente dos homens, contentava-se com oppor-lhes a declaração de que os conhecia e não confiava nelles. A Camara, a que fallava e presidia, era *sensivelmente identica á da ultima legislatura*, e isso devia significar identico procedimento e programma aos do anno anterior, em que a politica do governo e a candidatura David Campista tinham

o apoio de toda ella menos, a bancada rio-grandense do Sul. De quasi todos ouvira, ainda na vespera, o protesto vehemente de solidariedade contra a politica de absorção e de mando feitoral, que não olhava obstaculos, nem tinha regra senão a vontade caprichosa, sobreposta ao voto, ás leis, á Constituição. O empenho principal manifestado reiteradamente a Carlos Peixoto por esses adeptos fervorosos era pugnar com elle contra aquella tyramnia commoda, que assentada num reducto de fortes muralhas, desmanchava eleições, ainda as incontestadas e incontestaveis, de voto descoberto, e vinha á Camara improvisar deputados, riscando nomes de eleitos, substituindo-os por nomes não votados e reconhecidos pelo só recurso de uma laconica emenda. Ouvia-os credulamente Carlos Peixoto, mas não foi longo o seu engano. Tinha noticia de como a opposição agia, acoroçoando a inconsciencia e a vaidade. Chegavam-lhe informações acerca de conluios: circulava já sem sigillo o senho e santo de aquartelados, e os timidos tomavam o partido do seu interesse, assustados de perder posições e apostados em dar alviçaras ao poderoso.

E' que o desfecho do plano opposicionista tinha sido uma surpresa. O espantallo tomara a serio o seu papel na intriga politica, e já não queria despir o trajo da representação. O ponto sahiu a explicar o desenlace aos espectadores boquiabertos, numa linguagem sybillina, que prevenia todos os espantos, e a deslocação do eixo passou a ser o mote da elasticidade politica.

Ao par de todo o *sucesso*, a elle alludia Carlos Peixoto naquellas palavras que, se não fossem suas, podiam considerar-se uma ironia: "mas capazes de praticar a liberdade civil, impedindo que ella degenerasse na demagogia inconsciente, que conduz á anarchia e abre assim caminho facil a perigosas aventuras de violencia, fonte e matriz do cesarismo e da tyramnia".

Acabando de ouvir-lhe esse trecho, o deputado Germano Haslocher exclamou de si para si, mas bastante alto, que o percebessem os que lhe ficavam vizinhos na bancada: *Cabra de coragem!*

Era na verdade um acto de coragem naquelle tempo

conservar uma convicção e manifestal-a em voz alta contra o erro avassalador de consciencias.

Aquelle mesmo deputado, poucos dias antes, dissera a Coelho Netto na minha presença: — Carlos Peixoto trata-nos a nós deputados como a meninos de collegio; não nos dá liberdade.

Era um protesto de opposicionista e uma confissão de vencido moral. Reconhecia-se assim o valor do presidente da Camara cuja força repousava no sentimento do dever, na coherencia das ideas, na elevação do espirito e na posse de um caracter.

Onze dias depois de agradecer o sua reeleição, a 17 de maio, Carlos Peixoto, aberta a sessão pelo vice-presidente, surgiu na bancada mineira e pediu a palavra pela ordem:

“Sr. presidente, meus senhores.

Relevará V. Exa. que não occupe tribuna; não consegui, enquanto presidente desta casa, que os meus collegas tomassem esse habito; a tribuna ficou reservada para as occasiões solemnes e eu não venho senão dizer quatro palavras á Camara.

Disse que o não consegui, quando fui presidente, porque só occupo a attenção dos meus collegas, neste momento, para lhes communicar o proposito deliberado de renunciar o logar de presidente da Camara, devolvendo-lhes, assim, a liberdade na escolha de quem me substitua.

Tive a honra de ser durante largo tempo o *leader* e director desta bancada de republicanos, deparando-se-me mesmo, não ha muito tempo, a oportunidade de, agradecendo a minha eleição para presidente desta casa, accentuar que attribuia principalmente a essa minha qualidade de *leader* da bancada mineira, a honra da escolha que a Camara fazia do meu nome.

Por outro lado, não ha quem, me conhecendo, não saiba que não sou um accommodaticio e que jámais pude ou poderia conservar-me em uma situação simulada, por um momento sequer. Dou esta explicação á Camara porque seria um desprimor negal-a, dizendo seccamente que renuncio o meu logar.

Tendo deixado de dirigir a bancada de Minas e havendo já publicamente declarado que, tambem como seu

director, tinha merecido a escolha para presidente da Camara, renuncio egualmente este alto posto.

Poderia ir ao encontro de qualquer curiosidade ou critica indiscreta que indagasse porque, ao mesmo tempo, não renuncio o mandato de deputado.

Responderia desde logo antecipando, que não o faço porque é ao eleitorado que me elegeu que devo contas, e é isso acto de exclusiva iniciativa minha. Só me resta, não devendo alongar-me, declarar á Camara que voltando a reoccupar a cadeira que me cabe como deputado eleito e reconhecido pelo Estado de Minas, hei de procurar, como até aqui, manter-me sempre na mesma linha recta e firme de altiva dignidade e de honra, a serviço da Republica. (*Muito bem, muito bem. Estrepitosas palmas no recinto.*)

Essa renuncia simultanea do posto de *leader* da bancada mineira e da presidencia da Camara, foi, mais do que uma surpresa, uma lição pratica de rectidão e de orgulho. Mas a Camara pareceu sacudida de surpresa: aquella tranquilla altivez de um moço, que não podia conservar-se em uma situação simulada por um momento sequer, impressionou ainda os mais affeitos a todas as commodações. A Camara sabia que era inutil recusar essa renuncia a um homem de nobre energia, mas contra o unico voto de Cassiano do Nascimento, que por aquella razão o fundamentou, foi a renuncia recusada por 142 vozes nominaes.

E' ainda para registrar a resposta de Carlos Peixoto:

“Exmo. Sr. Dr. Estacio Coimbra, Muito digno 1.º secretario da Camara dos Deputados.

Accuso a recepção do vosso officio de hoje, communicando que a Camara, em sessão de 17, em votação nominal, deliberou por 142 votos contra 1, não acceitar a renuncia que fiz do alto posto de seu presidente, e peço levels ao seu conhecimento a minha profunda gratidão por mais essa benevolencia, accrescida ás tantas com que me tem distinguido.

Obedecendo ainda, e tão sómente, a exigencias de um dever moral, não posso retirar a renuncia que apresentei, e da extrema bondade da Camara fio me concederá manter a resolução que, neste momento, lhe permite toda a liberdade na escolha de seu presidente.

Não julgo excessivo renovar, mais uma vez, os agradecimentos que, muito sinceramente, confesso dever á Camara pela sua grande generosidade”.

Vi-o redigir esse officio. Estavam no seu gabinete os companheiros de casa e mais dous ou tres amigos. E a casa dos Laranjeiras passou a ser visitada sómente dos amigos que não eram politicos e de alguns poucos que continuavam a sel-o apesar de politicos.

Carlos Peixoto sorria daquela deserção, e contente de si mesmo delineava um novo teor de vida, fora da politica em que parecia dever cessar a sua actividade. Tinha ainda tres annos de mandato, que lhe davam folga para reencetar a profissão de advogado. Em seis annos de Camara despendera o pequeno capital de economias trazidas da sua advocacia provinciana, e estava pobre. Era preciso recommear esforço, e abriu escriptorio.

A candidatura Ruy Barbosa agitava entretanto a opinião nacional, e Carlos Peixoto, ainda que incredulo de tudo, não desertou a posição, a que a sua notoriedade e proeminencia o obrigavam e impelliam. Absteve-se porém de discutir: certo da inutilidade dos discursos, e antiparlamentarista de convicção, olhava com pena ou quando muito com indifferença a altercação dos oradores extremados, que se afadigavam a retaliar-se em pendencias pessoas. Elle nem se demorava no recinto para ao menos assistir á porfia oratoria. Consummado o mal, o que convinha era reparalo quanto possivel: os homens passariam, o que não era ephemero e era superior aos homens e ás suas pequenezas e paixões, era a nação: relevava pois cuidar della, fora dos partidos, no terreno neutro, onde as medidas eram positivas urgentes. Reeleito deputado em 1912, contra a sua expectativa, por uma manifestação de eleitorado independente, que em Minas a esse tempo demonstrou uma notavel força de opinião em mais de um districto, Carlos Peixoto applicouse ao estudo de finanças, e com a sua habitual sinceridade e a sua forte intelligencia em pouco tempo era dos mais notaveis sabedores dessa materia. Na commissão de finanças em annos seguidos coube-lhe a parte mais importante do trabalho e era a voz principal.



Absorto nessas cogitações pouco frequentava a tribuna; orava sómente para discutir sobre o seu parecer de redactor da receita. A tribuna parlamentar dera-lhe o renome de primeiro orador da camara, e é de reparar por isso mesmo na sua abstenção oratoria, como uma característica de superioridade. Orador por vocação (elle não redigia escrevendo, senão dictando), curioso de todos os assumptos que se debatiam, tendo sobre cada facto da vida politica uma opinião propria, firmada em saber vagaroso; habil na dialectica, pouco susceptivel de commoção nervosa, desdenhoso do auditorio por intima confiança em si mesmo; foi pouco assiduo na tribuna, porque não acreditava na efficacia da tribuna.

Era uma das contradicções daquelle espirito. A outra contradicção era a sua absoluta desconfiança nos homens, a par da sua confiança no regimen republicano. Dominador por indole, intransigente nas idéas, irritavel na contestação, estava talhado para um governo de multidão passiva, e pugnava no entanto sinceramente pela representação popular. Foi com empenho e o gosto de um exito da democracia que elle diligenciou pelo reconhecimento do deputado Monteiro Lopes. Neste paiz em que são tantos os mestiços, notava-se uma absurda repugnancia em todos pela entrada de um negro na Camara: Carlos Peixoto ao contrario, naquella qualidade, pejorativa para a cutis melindrosa da representação, acava o cunho de uma legitima victoria do esforço democratico. E teve disso ainda a prova na hora do reconhecimento e posse do deputado negro: as galerias desfizeram-se em palmas e flores, irromperam pelo recinto pombos festivos, ennastrados de fitas, e uma commissão do povo aguardava Carlos Peixoto na sala da presidencia para offerecer-lhe um ramo. Era o reconhecimento publico da certeza de que só a Carlos Peixoto era devido aquelle triumpho, mais importante que a propria eleição das urnas. Firmava-se ou reafirmava-se alli o principio republicano, tão apregoado e tão esquecido, da egualdade dos direitos. Era o que interessava ao republicanismo sincero de Carlos Peixoto. O que não impedia por outro lado que elle julgasse com descredito e desvalia o voto popular.



Outras contradicções teria elle, mas todas resultantes do seu proprio feitio original, nenhuma consequente do interesse de pessoa, immediato ou remoto. Ninguem foi mais probo, ninguem mais rigorosamente honesto. Ao tempo em que reencetara a advocacia, teve convite para ser advogado de uma importante firma brasileira; acceitou e pediu que lhe mandassem desde logo os pleitos em andamento para o seu estudo. Chegaram-lhe alguns papeis de consulta; devolvidos, nada mais recebeu... e Peixoto não mais pensou nessa advocacia; mas ao fim de tres mezes, o amigo intermediario do convite informou-lhe que tinha a receber os seus honorarios atrazados de um anno á razão de conto e quinhentos mensaes. Carlos Peixoto respondeu-lhe que não os recebia nem lhe convinha essa advocacia de partido, tão liberalmente gratificada e desoccupada, e teimou na sua recusa contra todas as razões persuasivas do amigo e collega. E é de notar que já elle nada tinha das suas antigas economias.

Homens assim como elle era, integro, formado em equilibrio de character e de talento, estudioso, culto, diligente, pratico e idealista, homens assim não apparecem muitas vezes. E ainda menos com aquelle semblante singular, que não tinha belleza de linhas, mas irradiava belleza, mixto de força e de encanto, num sorriso total e dominativo.

A mim interessava-me nelle menos o politico que o homem de engenho superior, que me conversava e me aprazia. Mas, por amor delle, eu folgava em vel-o todo dado á politica, pois só ahi se expandia em sua plenitude a força do seu temperamento. O meio é que lhe era talvez inadequado ou inferior; o meio ou a forma de governo, que elle propugnava, tão avesso ao seu feitio moral. A sua propensão de predominio infundiu a pouco e pouco em todos os que se approximavam pela admiração, o receio de serem dominados, sem a capacidade de posterior resistencia.

E assim na maioria, não obstante o sentimento sincero na morte, a sua morte foi, com a impressão de uma grande perda nacional, um allivio para a fraqueza individual escondida.

Disse uma grande perda nacional, e parece-me ter repetido uma van banalidade. Não ha perdas nacionaes, nem



grandes nem pequenas: não as ha, nem mesmo locaes, para o conjuncto dos seres, em movimento. No mar humano, que vale uma onda mais que uma gotta d'agua, senão no momento em que a onda se ergueu? Desfeita, que vestigio, que lembrança deixou, no marulhar das outras que vão vindo e volvendo?

Lembrança, vestigio, da onda ou da gotta d'agua, fica para o espectador sensivel que olha á margem do embate. E são neste caso os amigos, sou eu, que me preso de o ter sido. Sinto a sua falta, sinto que me doe a idéa de não poder mais vel-o e ouvil-o. Doe-me a recordação da sua molestia insidiosa e lenta. A principio um resfriado, que todos convencidamente desmoralizavam, como mal passageiro. Elle escutava com prazer, entre os sustos de um presentimento. Tinha apego á vida — “E’ o que nós temos de mais precioso, a nossa vida” disse-me elle uma tarde, ao principio da molestia; “e isto fica á mercê dos outros. Creio que não estão acertando neste caso”. E consultava o thermometer, via as horas do remedio. Depois no Internacional, nas Palmeiras. Estava barbeado, e o seu aspecto pareceu-me melhor. Ouviu-me com os olhos reanimados.

Confiava no ar da montanha, sobretudo na distancia da athmosphera marinha. Em Jacarepaguá alarmaram-no os escarros de sangue. Mas cessaram os escarros. A febre declinava, e chegou a remittir. E elle depois de quatro mezes, mais forte, ergueu-se, em corpo e espirito. Fazia planos de trabalho, esboçava um livro. A morte, que se era forçoso levar-o, podia ter vindo durante o somno, foi brutal, appareceu-lhe ante os olhos abertos, dando-lhe o aviso sem disfarces na hemoptyse repentina.

Elle exclamou aterrado — *Está tudo perdido!* Durou minutos; mas que minutos! que infinito de desespero, de tortura na consciencia do acabamento de uma vida que elle amava e que devera ter sido longa para a expressão completa daquella personalidade pujante!

E está debaixo da terra para sempre!

29 de agosto — 20 de Setembro de 1917.

MARIO DE ALENCAR

PSYCHOLOGIA DAS REVOLUÇÕES MERIDIONAES

(RIO; S. PAULO; MINAS)

Je ne renferme dans les considérations purement humaines; je mets du côté tout élément étranger aux conséquences naturelles des faits naturels.

Guizot.

I

Para reagir contra a tyrannia e a oppressão dos que estão com o poder, e os seus arbitrios, os seus abusos, as suas usurpações, as suas violencias, as suas brutalidades; para, em summa, organizar uma revolução civil, alliciar tropas, equipal-as, mobilisal-as, manobral-as, sustental-as; e enfrentar as forças regulares do governo, as suas bayonetas, as suas metralhas, os seus canhões, e lutar, persistir, vencer; — para tudo isto são precisas da parte da massa popular qualidades e condições de ordem material, de ordem social, de ordem moral e de ordem politica, que raramente se encontram reunidas:

— consciencia clara e vibratil do direito violado; tradições de liberdade politica, profundas e vivas;

— exemplos na historia nacional ou local de resistencia material á autoridade constituída; uma classe prestigio-



sa e rica, donde possa sahir um escól capaz de direcção e commando; uma forte capacidade de organisação militar e cooperação social;

— um certo humor militante, intrepido, aggressivo; uma certa capacidade de persistencia, obstinação e tenacidade na consecução de um fim ideal e remoto;

— certas condições materiaes favoraveis: resistencia physica da raça, particularidades offensivas ou defensivas do meio geographico, etc.

Sem estas condições de viabilidade e efficiencia, organisação e vitalidade, as revoluções politicas de character popular perdem cedo a importancia, desviam-se dos seus objectivos superiores, para acabar dissolvendo-se nestas varias fórmas da anarchia diffusa da populaça: as correrias, as arruaças, os motins, — fórmas de que os governos (ou os despotas) sorriem com desdem, e que rapidamente debellam e varrem a patas de cavallo ou a rajadas de metralha.

— Estas capacidades moraes e materiaes, sociaes e politicas, que tão difficilmente se reúnem num dado povo, ou num dado momento da historia de um povo, só o anglo-sexão parece, no mundo europeu, possuil-as de um modo effectivo militante. Entre os povos americanos (excluidos os anglo-americanos, feitos da tempera saxonia) os de origem hespanhola, principalmente os que habitam as regiões do llanos e pampas, revelam grande poder de combatividade material. Entre nós, o typo regional do "gaúcho mostra uma sensível aptidão para a resistencia contra a autoridade. Em relação á coragem physica, pode-se ajuntar tambem o typo representativo das nossas populações septentrionaes o sertanejo das regiões deserticas, o jagunço do São Francisco, o cangaceiro do Itapicurú, do Cariry e do Parnahyba.

Não é, porém, do gaúcho e da sua vibratil psychologia politica, nem do sertanejo e da sua tempera retrincada e ainda barbara sob varios aspectos, que temos que tratar.

Estes pontos serão estudados nos seus logares proprios, quando fizermos a analyse historica e social destes dois typos regionaes. O que por agora nos preoccupa é apenas o

homem do meio-dia, o matuto, do Rio, de Minas e de São Paulo. Isto é, estas populações, que habitam as nossas regiões centro-meridionaes, e cuja hegemonia tradicional sobre as outras populações do norte e do sul as faz particularmente interessantes ao estudo da nossa evolução politica. E tudo consistirá então em dar uma resposta objectiva e concreta a estas duas perguntas:

—Existem porventura nestas populações condições de ordem physica e moral, de ordem social e politica, taes como as que acima alludimos, que capacitem os seus elementos populares e os seus chefes, a improvisar, promover e sustentar revoluções armadas?

— Nestas agitações em que as vemos envolvidas, ha quasi um seculo, quaes os traços que se podem discernir e extremar como caracteristicos da psychologia dellas, e da psychologia de suas revoluções politicas?

Eis a these que vamos desenvolver, procurando, tanto quanto possivel, manter-nos dentro do criterio da mais estricta objectividade.

Antes de tudo, uma observação. Esta observação: — de que, nesta série de considerações em torno do typo centro-meridional, muitos dos tributos e particularidades, que iremos dar, como distinctivos e caracteristicos da sua psychologia, não são privativos deste typo regional; mas, estão mais ou menos no temperamento politico dos grupos do norte e do extremo-sul; e são propriamente nacionaes. Si os damos como privativos do grupo centro-sul é que neste grupo elles podem ser estudados de uma maneira mais perfeita e cabal — e isto porque aqui é que se mostram mais definidos e visiveis, mais completos e integrados.

E' opportuno recordar sob este ponto aquella sagaz observação que, ao estudar a psychologia do povo americano, faz o illustre Henry van Dyke sobre o sentimento da *self-directions* — Todos os homens, por sua propria natureza, mais ou menos o possuem, — diz o autor admiravel de *The Spirit of America*. Todos elles desejam ser os senhores de si mesmos, modelar por si mesmos a sua vida e dar-lhe por si mesmos a direcção. Entre elles a differença resi-

de na clareza e no vigor com que concebem este direito, e o poder e o dever de assim fazerem. *The difference among men lies in the clearness and the vigour with which they conceive their own right and power and duty so to do.*"(1)

Tendo sempre em mente esta advertencia, vejamos até onde chegam, entre as nossas populações centro-meridionaes, as capacidades de organização de revoluções armadas contra o poder.

II

Tocante a este ponto, o que uma analyse rigorosamente objectiva evidencia é que nestas populações, nem na sua *psychologia politica*, nem na sua *tempera physica*, nem na sua *organização social*, nem no seu *meio geographico*, nada ha que possa favorecer, ou desenvolver, a capacidade para a lucta civica, no terreno material.

Em relação, por exemplo, á combatividade physica, os homens do centro-sul são indiscutivelmente inferiores aos homens do sertão e do pampa. Tomando como base da nossa these o typo mais representativo destas populações, que é o matuto de Minas, de S. Paulo e do Rio, um rapido confronto com aquelles dois typos mostrará com clareza o grau desta inferioridade.

— O campeador do pampa é o mais brillante batalhador da nossa historia. Tem para isto, primeiro, essa indole impetuosa, que as rudes fainas da actividade pastoril lhe affeiçoaram, feita para a violencia das arrancadas e para as aggressões fulgurantes; segundo, uma treinagem de cem annos de guerras com o estrangeiro e o poder; terceiro, o habitat adequado, o meio geographico propicio, a grande planicie illimitada do pampa, sempre limpa e desafogada, que lhe serve de campo admirabilissimo de manobras. O matuto, tolhido pela massa das florestas, pelo cerrado dos capoeirões, é, pelo contrario, quando muito, o homem da emboscada e da tocaia, e sempre forçado, pelo meio physico, a dividir, a fragmentar as suas massas de guerra.

(1) H. van Dyke — *The Spirit of America*, pg. 42.

Com seus apêros de pastor e as patas do seu cavallo, o gaúcho está assim, admiravelmente armado; si se lhe põem na mão uma lança, é um guerrilheiro temível. Ora, deante d'elle, com a sua caçadeira de cano trochado, de carregar pela bocca, o matuto é de uma inferioridade lamentavel.

Para mobilisar mil homens no pampa, bastam mil cavallos e mil lanças; para mobilisar mil homens nas mattas, precisam-se mil espingardas e muitos mil kilos de polvora e de balas..

Mil cavallos, no pampa, em um momento se reúnem; mil cavallos, nas mattas, são um problema embaraçante. Cem cavallarios gaúchos valem, como elemento strategico e tactico mil infantes matutos. Estes cem lanceiros gaúchos inquietarão uma brigada; mas cem infantes matutos della se farão prisioneiros. — “Oh! quantas vezes — exclamava Garibaldi nos seus enthusiasmos pelos nossos batalhadores do sul, — quantas vezes tenho desejado nestes campos italiânos um só esquadrão de vossa cavallaria de centauros. avezada a carregar uma massa de infantaria com o mesmo desembaraço como si fosse uma ponta de gado!”. Quanto ao caboclo do noroeste, o jagunço, cangaceiro, o que o torna superior aos ruraes do centro-sul é, em primeiro logar, a “caatinga” impenetravel e hispida que o protege como uma blindagem mobil e aggressiva; depois, a sua indole intrepida, a sua natureza feroz, os seus instinctos ainda selvagens.

Onde, porém, está a “caatinga”, ponde a floresta tropical, espessa, compacta, embaraçante, e onde essa indole feroz e instinctiva, ponde um natural timido, sensível, placido, morigerado pelo labor agricola: — e tereis o matuto meridional, tal como o modelaram o seu meio e a sua historia, o fluminense, paulista, o mineiro, isto é, os tres representantes mais placaveis e brandos da nossa nacionalidade. (2)

(2) É claro que este confronto é feito considerando os tres typos regionaes, taes como vivem dentro do seu meio regional respectivo, com os recursos que lhes dá o modo normal de vida e de trabalho. Fóra dahl, dentro das organisações regulares das tropas de linha, a capacidade combativa dos tres typos deve ser sensivelmente igual.

— Note-se, porém, que esta relativa incapacidade combativa é recente; data realmente do IV seculo. Nos seculos anteriores estes meridionaes, hoje tão calmos, são, ao contrario, temibillissimos; ostentam habitualmente attitudes de insurrectos; é immensa a sua combatividade. Recordem-se, por exemplo, os caudilhos paulistas do II seculo. Recordem-se os feitos estupendos dos “descedores” de indios; e o impeto, fulminante dos conquistadores de La Guayra; e o formidavel poder militar dos chefes paulistas na guerra dos “emboabas”. Recordem-se os 999 indios frecheiros de Manuel Preto; e os 3.000 guerrilheiros de Antonio Raposo; e os 2.000 combatentes de Paschoal Guimarães; ou Gurgel do Amaral com os seus 1.300 homens de armas.

E só depois dos meados do III seculo, que esta temivel capacidade offensiva começa a attenuar-se; o seu declinio é consequencia, ao mesmo tempo, da desintegração da “gens” rural ao sul e da pressão crescente da grande reacção syncretista, iniciada neste seculo. Sob a acção intensiva e prolongada destes agentes reductores, estes possantes caudilhos se vão moderando e enfraquecendo na sua combatividade, e acabam apresentando esta feição morigerada e pacifica que tanto distingue o homem das mattas meridionaes do homem do sertão, ou dos pampas.

III

Estas desvantagens phisicas e individuaes, resultantes das particularidades geographicas do habitat em que vivem estes ruraes do sul, e da sua carencia de recursos materiaes de luta, e da sua indole mansa e pacifica, poderim ser compensadas, entretanto, por outras qualidades ou capacidades de ordem moral. Por exemplo: um sentimento do direito mais claro, energico e tenaz; uma consciencia mais vivaz e lucida das franquias politicas; uma percepção mais segura dos limites do poder do Estado; habitos radicados e generalisados de solidariedade social e cooperação politica.

O anglo-saxão é um dos typos mais pacificos e disciplinados de cidadão. Mas, quando lhe ferem a sensibilida-



de civica, quando o poder se torna arbitrario, quando entra pelo caminho da violencia e da oppressão, este lavrador pacifico põe de lado a charrua, toma resolutamente da espingarda e, como os "yomen" de Cromwell, recommenda a sua alma a Deus e conserva a polvora secca. E' que os instinctos civicos, o sentimento do direito violado, a consciencia das liberdades publicas, têm nelle essa energia incomparavel, que o faz um dos mais bellos, sinão o mais bello, "animal politico" da historia.

Entre nós, brasileiros, em que ha, typos physicamente bravos, como o gaúcho e o sertanejo, esta energia e lucidez do sentimento civico não existem. Já dentre os elementos formadores do nosso povo, a raça superior, como todas as suas irmãs em latinidade, não possuia, como não possuie ainda grandes aptidões para a vida publica, por maneira a transmittil-as ao typo derivado, como aos sa-xões-americanos os saxões insulares. Quanto ás outras duas raças, eram de primitivos, que ainda não havia sahido das fórmas gregarias mais rudimentares do clan, da horda e da tribu.

Por outro lado, os multiplos factores de transmutação social e politica, que actuam durante os quatro seculos da nossa formação, realisam muitas alterações no dominio das instituições sociaes, operam muitas differenciações no seio da massa nacional; mas, em nada contribuem para corrigir no povo e no individuo esta depressão inicial do senso politico e vigorisar a fibra da nossa reactividade civica. Os bellos exitos, que temos tido a esse respeito encontram a sua plena explicação em outras qualidades superiores do povo, que não as suas aptidões de "animal politico".

Ha sobre este ponto, entre nós, uma sensível confusão entre as qualidades moraes da raça, que são grandes, selectas e de primor, e as nossas qualidades politicas, que são deficientissimas. Costumamos attribuir a estas, que presumimos tão completas como as de nosso paradigma europêo, aquillo que não se teria operado, ou não haveriamos conseguido, si não fôra a acção tutelar, ou correctiva, daquellas.

Com effeito, em nosso povo os agentes mesologicos que laboram a sua evolução historica e a sua formação social,



concorrem todos, e poderosissimamente, para guardar e conservar, e mesmo, sob alguns aspectos, para reforçar e exaggerar, essas finas e superiores qualidades de sensibilidade moral, que herdamos dos colonisadores peninsulares. Certas qualidades ha que se refinan e apuram sob a acção de circumstancias particulares a cada numero regional, como a bravura physica no sertanejo e a bravura marcial no gaúcho. Exceptuando, porém, esses predicados particulares e differenciaes, é, por exemplo, commum a todos os brasileiros do norte, do sul e do centro, além de outros attributos de eleição, uma sensibilidade extremamente exigente e melindrosissima em pontos de lealdade e fidelidade nas amizades; em questões de respeito á palavra dada e de probidade em materia de dinheiro; em factos de hospitalidade e acolhença; e, principalmente, em casos de pundonor pessoal e de honra domestica. Quaesquer violações destes deveres, principalmente entre as nossas populações ruraes, dão causa, ás vezes, como sabemos, a vindictas crudelissimas. Neste particular a nossa fibra moral offerece uma reactividade prompta, immediata, infallivel e, quasi sempre, cavalheirescamente exaggerada. — Em questões, porém, de sensibilidade propriamente politica, relativa a infracções dos deveres civicos por parte dos governantes, a nossa capacidade nacional de reacção, isto é, a nossa reactividade civica é indiscutivelmente insignificante, rudimentar e fraquissima.

Neste ponto, é que as nossas populações centro-meridionaes resumem, com fidelidade perfeita, o nosso temperamento nacional. E' proverbial a sua incapacidade para apaixonar-se por uma questão politica de uma maneira duradoura e pertinaz. Nos seus maiores momentos de agitação, cedo, ou quasi de subito, sobrevem o cansaço. Sente-se que entre ellas a consciencia popular não póde conservar por muito tempo este estado emocional super-agudo, sem o qual as revoluções estão condemnadas a fracassar pela deserção ou pelo desanimo.

Realmente, todas revoluções operadas no meio-dia não duram; são breves, passageiras, como as effervescencias de um mar de madria. Ou vencem, ou são vencidos num



momento. Nascem, culminam e morrem dentro do circulo brevissimo de alguns dias. Quando muito prolongam por mezes a sua duração; mas não attingem a annos. Typo de emotividade superficial, mas brilhante, o homem do meio-dia não os sustenta, senão em quanto persistem nelle, com o impeto dos arranques, a emoção do enthusiasmo.

Dahi esse aspecto caracteristico que todas ellas, mesmo as mais populares, apresentam aqui: o aspecto desordenado, tumultuario e ephemero do motim e da bernarda. Nenhum caracter profundamente popular, como as do pampa. Nenhum caracter de persistencia e durabilidade, como nas dos sertões. Em todas: as surpresas do motim-bomba, ou da bernarda improvisa, precedidas, ás vezes, da gritaria infernal das arruaças, mas sempre seguidas do restabelecimento immediato da ordem, sob a acção opportuna das espadeiradas do governo, disciplinando á direita e disciplinando á esquerda...

Sonda a nossa historia meridional, em ambos os seus aspectos, a do interior e a dos littoraes, e vereis que ella reflecte, na sua evolução syncopada, subita, explosiva, uma das feições psychologicas do homem que a escreveu. Nella nada ha que se compare ás arrancadas do caudilhismo gaúcho, á tenacidade dos "farrapistas" de Bento Gonçalves e David Canabarro, sustentando com as armas na mão, durante dez annos, a bandeira republicana de Piratinim. Nada que se compare á obstinação, á teimosia, á prodigiosa resistencia dos sertanejos da guerra dos "Balaios", ou dos jagunços de Canudos: aquelles, incansaveis e inapprehensiveis nas suas guerrilhas; estes, indomaveis e tigrinos dentro das fraguas dos seus rochedos.

O espirito de combatividade é aqui pouco vigoroso e resistente. Mesmo entre o escól dirigente, cuja sensibilidade é mais fina e vibratil, esta incapacidade de persistencia se verifica. Os grandes enthusiasmos politicos ou doutrinaes passam aqui com uma rapidez extrema; da febre para a acalmia a transição é, pela brevidade, desconcertante. Fogo de palha, diriamos, por analogia a certos temperamentos impulsivos.



Por outro lado, o sentimento da indignação politica é superficial nos centro-meridionaes; está á flôr da sua affectividade; não tem raizes no instincto; e é uma saudação vaga e imprecisa, que logo desaparece, desde que cessa a impressão que a suggere. Nas suas reacções politicas, pode-se dizer que são apenas impressionistas nesta a ordem de factos; nunca se tomam e repassam da paixão, desta paixão, que é a emoção em permanencia, no dizer de Ribot: — “E’ a paixão, na ordem affectiva, o que é a idéa fixa na ordem intellectual: a emoção em permanencia.”

Mesmo entre os mais cultos e intelligentes, sente-se que não podem nunca “fixar” a emoção civica, fazel-a permanente, dominante, absorvente no campo *sentimental* da consciência. Equivale dizer, em technica psychologica, que nelles a imagem intellectual da reacção contra o poder não tem um valor efficientemente emotivo, isto é, á *idéa* da reacção falta energia bastante para abalar os centros da *affectividade* e da *vontade*, de modo a objectivar-se em *actos*, em formas exteriores de conducta.

Donde lhes provem isto? como explicar esta falta do seu temperamento politico?

E’ interessante estudar. Ha, é verdade, as causas geraes, que se filiam á psychologia das proprias raças formadoras, e a que já fizemos, em linhas anteriores, uma referencia incidente. Ha, porém, causas particulares, que se prendem á historia mesma da nossa formação mental.

IV

Dentre essas varias causas particulares, que explicam este aspecto inconstante, superficial e ephemero das revoluções meridionaes, ha que contar, em primeiro logar, como principal, esta: — *o character exotico, extra-nacional das suas origens*. Todos esses chamados movimentos de opinião, como todas essas rebeliões imprevistas que aqui

se formam, exprimem e resumem sempre idéas e doutrinas estrangeiras, aspirações e reclamos d'outras raças, sem o menor lastro nas nossas tradições nacionaes, sem o menor traço de realidade na consciencia do povo. São, por isso transitorias e infecundas. Nos seus objectivos, nas suas "reinvidicações", fazem-me apenas reflexos dos objectivos e das reinvidicações de outros povos. Nada ha nella de nacional e brasileiro; nenhuma alta impulsão que seja como a satisfação de uma grande necessidade collectiva; nenhuma aspiração poderosa que busque os pontos da sua vitalidade nas subconsciencias da nacionalidade. Criações exclusivas de philosophos, de doutrinadores e de letrados, em cuja formação mental não collaboram, aliás, as inspirações do meio nacional, o campo da sua acção ficou restricto, por sua propria natureza, ás altas regiões do pensamento e da palavra: ás cathedras das academias, ás columnas dos jornalismo, ás paginas do publicista, á tribuna das conferencias, á eloquencia dos grandes oradores ou ás rimas dos grandes poetas — todos illuminados ao clarão de idéas, elaborados em climas muito differentes do nosso, mas alheios inteiramente ás realidades dos nossos problemas americanos. (3)

Nesses centros de puro intellectualismo, onde tudo se rege pela dynamica soberana dos principios e dos dogmas universaes, é que se armam essas bellas procellas doutrinarias, magnificas como a luz da aurora, que na nossa historia politica têm o nome sonoro de "campanhas liberaes". Nessas alturas sublimadas das ideias puras é que ellas pintam, crescem, e se adensam; é alli que se enchem de raios olympicos, brilham do fulgor das imagens, illuminam-se de claridades messianicas, desferem o relampejo dos anathemas, bramam o estridor das coleras propheticas.

Bellas tempestades radiantés, a que a nossa imaginação tropical parece dar uma violencia capaz de subvertir o universo, resolvem-se, entretanto, noventa e nove vezes sobre cem, em estrepitosas agitações parlamentares, impo-

(3) V. os paragraphos VIII e IX deste ensaio.

nentes pela majestade e a altitude das figuras em lucta, e cujo epilogo infallivel é uma reforma liberal de estrôndo. E' o acto addicional. E' a questão servil. E' a eleição directa. E' a liberdade religiosa. E' a constituição federativa.

Outras vezes, e isto muito raramente, descem dessas espheras luminosas e altas, e affectam apparencias de reacção democratica. Desencadeiam-se então contra a ordem publica nos furores apedrejantes da populaça. Ou penetram os quartéis, pegam o fogo liberal ás tarimbas e fazem saltar cá para fóra, aos magótes, a militança amotinada. Recorde-se a questão militar. E o 15 de Novembro. E estas varias "procissões", mais ou menos infelizes, com que a nossa historia republicana costuma virgular, *secundum arbem liberatis*, os seus periodos quadriennaes...

E' facil de ver, porém, que essas agitações, mesmo quando, deixando as alturas superiores da idealidade e da doutrina, se impregnam dos instinctos grosseiros do militarismo e da ochlocracia; é facil de vêr que, pela instantaneidade da sua explosão, ou pelo exotismo das suas origens, tem todas um dynamismo puramente intellectual, e passam pela consciencia popular á maneira das tempestades epilepticas: rapidas, deslumbrantes, fulminadoras, deixando apenas na eversão dos codigos antigos os rastros da sua existencia impetuosa e peregrina.

Obras de reflexo, obras de imitação apressada de idéas, cujos centros de formação estão muito longe de nós, méros productos do entusiasmo de minorias intelligentes e letrados, estas campanhas e agitações liberaes interessam, vingam e vencem em nosso meio, não porque a liberdade haja porventura soffrido aqui realmente essas vicissitudes que soffreu no mundo europeu; mas porque, pelos seus altos e formosos intuitos, falam á imaginação generosa e idealista da raça, ás suas tendencias espontaneas de bondade e justiça, á nobresa ingenita da sua indole, a este fundo sentimento da bellesa moral, que nos faz tomarmos pela Democracia, pela Republica, pela Federação, pela Liberdade, emfim, attitude desinteressada, quixotesca e platonica de cavalleiro andante pela sua dama.

Cessados, porém, os sopros da grande tormenta, e normalisada a nossa emotividade, já não nos lembramos mais daquelles delirios, nem comprehendemos mais o valor dessas "conquistas liberaes". E o abandonamos. E os esquecemos.

Não tem sido este o destino de todos esses direitos e franquias, que ardem, como gemmas, nos escriptorio das nossas duas legislações politicas?

(Continúa)

F. J. OLIVEIRA VIANNA.



PAIXÃO E GLORIA DE CASTRO ALVES

(CONFERENCIA REALISADA NA BIBLIOTHECA NACIONAL,
EM 6 DE NOVEMBRO DE 1917)

Só o que é humano interessa ao homem. Directamente, quasi sempre, indirectamente no que parece oscapar a esta regra. No dominio do sentimento ella não tom excepção. Por isso a nossa intelligencia é van quando imagina, e o sonho ou a ficção não commove o não se grava na alma, se em vez da humanidade sensível, se não sentida, deu-nos o artista uma criação maravilhosa do seu engenho. As cem paginas do *Manon-Lescaut*, *Adolpho* ou *Werther*, sobreviverão ás bibliothecas com que o romantismo alastrou pola terra o seu delirio do imaginação, fantasiado e, por isso, ephemero. E'



a razão por quo aos romances e fabulas dos grandes homons prefere-se o romance ou a fabula que foi e é a vida de um grande homem, que se lê ou so adivinha com maior curiosidade que os outros que elle escreveu. Não que seja mais verdadeiro, mas será por certo mais verosmil. Toda a gente tem o seu romance, pois que o romance é apenas uma historia de amor, o amar é sina do mundo. Raramente a historia intressará, so as personagens não forem interessantes: por isso a grande difficuldade do officio literario está menos em contar a anedocta do quo em apresentar e inspi-

rar sympathia humana aos heroes das novelas. Ora, mais facil será invocar o heroe vivido, e que já nos interessa á memoria pela sua intelligencia, sua bondade, seus feitos, com o que conquistou o direito de se nos impôr como exemplar humano, digno de ser admirado. E' a razão pela qual as obras de fantasia vão rareando, e as indiscreções sobre a vida intima dos grandes homens são os romances hoje em dia mais lidos. Que nos importam os cem volumes de George Sand? Com elles conquistou ella apenas a gloria de ser uma personagem no vasto romance do mundo real: o episodio de sua vida nos commove mais do que as milhares de palavras vans que escreveu com esse destino. Não é impiedade malsan a de revolver cinzas, flôres fanadas, cartas amarellecidas pelo tempo, recompôr com o testemunho, a lembrança, as conjecturas, as adivinhações, essas novelas do passado, porque não só elles nos encantam como os melhores livros, mas nos dizem menos imperfeitamente de um homem ou de um autor do que as apologias, as criticas, os juzos tontos e parciaes dos contemporaneos ou sobreviventes. A obra de um sabio sorá melhor conhecida na historia da sua intelligencia: a de um estadista na do seu character; a de um poeta na do seu coração. O do Castro Alves tem a mais linda historia. Propuz-me a vôi-a recordar, porque ella explica a sua gloria. Procurarei fazel-o com as palavras delle: ao menos esses versos queridos que lembraremos juntos, essa peregrinação sentimental que vamos fazer através da sua obra me alcançarão a vossa indulgencia e darão por bem paga a vossa fadiga.

INICIAÇÃO SENTIMENTAL

Data de 1863, tinha elle apenas 16 annos a iniciação amorosa. E' bem o primeiro amor, tímido, recolhido, que se desabafa nas estrophes do meu segredo. O poeta diz que tem um, guarda-o dentro da alma, receloso do escarneo do mundo. E' a senhora D..., que vira talvez num baile, a dona dosse amor:

Criei-o numa noite não dormida
 Após vê-la entre todas — a rainha.

 A imagem que eu seguia? E' meu segredo!
 Seu nome? Não o digo... tenho medo.

Entretanto, prefigura o poeta:

Que ventura! Aos teus languidos olhares
 Beber, louco de amor seiva de vida...
 Sorver perfume em teus cabellos negros,
 Sentir a alma de si mesmo esquecida...
 E de gosó de amor, louco, sedento,
 Viver a eternidade num momento

.....
 Que ventura! Fitar-te os negros olhos
 Desmalados de amor e de quebranto...
 E reclinada a fronte no teu seio,
 Sentir languido arfar em doce enlelo...

Mas esses sonhos são loucura... o amante continuará a amar em silêncio: nunca a amada ouvirá sequer uma palavra de amor e menos desmaiará algum dia nos seus braços... embora por-ella viva e tresnoite scismando em suas graças... nada ousará, se treme só ao roçar do seu vestido... (*)

Quem foi essa mulher? Ninguém o sabe. Xavier Marques, num bello livro, a melhor biographia do poeta, acredita que já seja Eugenia da Camara, a actriz que nesse anno de 1863 estreára no Recife, com grande successo. A poesia vem datada da Bahia, de Junho desse anno, quando ahí não estava Castro Alves. Será errada a data ou o logar. Seria a actriz, applaudida de longe, ou dama da sociedade, essa dona da trança negra e dos olhos negros? Seja quem fôr, foi nelles, febril e delirante que o poeta

Bebeu de amor a inspiração primeira,
 Mas de um desengano teve medo
 E guaideu dentro d'alma o seu segredo.

A quem falta essa coragem e tem ancioso o coração depara o mundo o amor facil e nem por isso ás vezes menor doloroso. Parece que encontrou Castro Alves um desses, pois que em 64, nos versos immortaes da sua *Dalla*, chora todas as lagrimas da paixão trahida e vilipendiada. Era uma hetaira.

(*) Merejkowsky encarece a arte de Tolstoi mostrando como o cuidado da realidade se lhe impõe na notação exacta dos pequenos incidentes materiaes, que dizem melhor de uma situação do que epitetos e comparações. Este simples exemplo citado de Castro Alves está a merecer o mesmo elogio, tanto é frequente na obra do poeta:

Quasi aberto o roupão, solto o eabello
 E o pé descalço do tapete rente.

 Por mim eu sei que ha confideneias ternas
 Um poema saudoso, angustiado,
 Se uma rosa de ha muito emurcheceida
 Rola acaso de um livro abandonado

 Inda a almofada em que pousaste a fronte
 O teu perfume predilecto exhala.

 E o seio que palpita a rebentar a seda...

A imagem de Castro Alves e a sinceridade da sua notação daria um estudo de esthetica dos mais interessantes.

..... Em noite nevoenta
 Ella passou, sósinha, macilenta,
 Tremendo a soluçar...

 E eu disse-lhe: — Tens frio? — arde minha alma
 — Tens os pés a sangrar? — podos em calma
 Dormir no peito meu.

 Seu passado esqueci... lavel com prantos
 Seu lodo e maldição.

 E amamos... Este amor foi um delirio...
 Foi ella minha crença, foi meu lirio
 Minha estrella sem véu...
 Seu nome era o meu canto de poesia.
 Que com o sol — pena de ouro — eu escrevia
 Nas laminas o céu

Durou pouco, como é sorte desses amores e o poeta tem, no desengano, aquelle mesmo desespero exaggerado que Tolstol attribue ás decepções do prazer physico, no inicio dos primeiros amores

Mas um dia acordel... E mal desperto
 Olhei em torno a mim... Tudo deserto,
 Deserto o coração
 Ao vento que gemia pelas franças
 Por ella perguntei... de suas tranças
 A' flor que ella deixou...
 Debalde... seu logar era vazio...
 E meu labio queimado e o peito frio,
 Foi ella que o queimou.
 Minha alma nodou no osculo immundo
 Bem como Satanaz —, beijando o mundo
 Manchou a criação.
 Simoun — crestou-me de esperança as flores
 Tormenta — ella afogou nos seus negros
 A luz da inspração...

Ameaça-a com o bordel, em que torminam as hetairas de luxo, e com a mortalha, que recebe tambem aos que viveram nas orgias... Depois, um gesto clemente de generosidade, de quem a si proprio attribue as meias-culpas do Amor:

Não te maldigo, não! Em vasto campo,
 Julguei-te — estrella — e eras — pirlampo,
 Em melo á cerração.
 Prometteu — quiz dar luz á fria argilla...
 Não pude... Pedc a Deus, louca Dallila
 A luz da redempção!!

Quem foi esta? Tambem não o sabe ninguem, o que não importa supponham ser ainda Eugenia da Camara. Segundo esta e a outra supposição o poeta teria em 63 medo de lhe confiar o seu sogredo, como a Vestal cujo recato reconhecia; um anno depois já amado e desenganado, amaldiçoaria com horror a rameira que lho manchara o coração. Dessa interpretação não ha prova. Os accen-

tos da poesia são sentidos, vividos, mas nada diz dessa influência pessoal. Eugenia da Camara era então uma artista festejada, que o amor de um estudante de 17 annos — que não se revelára ainda Castro Alves! — não devia exalçar, proteger e menos talvez contentar. A actriz déra-lhe apenas as comparações com as personagens que vivia no palco e eram na occasião applaudidas por todo o paiz, a Leonora, da Dallya, de Octave Feuillet, a Marcó, das Mulheres de marmore, de Barriere e Thiboust, replicas á *Dama das Camélias* de Alexandre Dumas Filho, e que negavam, contra este, a redempção das hetairas. A de Castro Alves seria uma dessas, na la provando que fosse a actriz que as representava por esse tempo, percorrendo triumphalmente, de sul a norte, o Brasil. A não ser que lhe desse desejos e esperanças não correspondidas ou continuadas com a partida da actriz para as suas excursões artisticas, o abandono ou a traição na mente inflammada do adolescente.

Como quer que tenha sido, ganhára o poeta experlencia e, amando, abreviara a odade dos amos. Timido em '63, desesperado na primeira decepção em '64, vamos achal-o, ainda no Recife em '65, nos seus 18 annos, na paz bucolica de um idyllo, om que o amor de uma jovem e formosa mulher não lhe impede realisar tambem, o coração satisfeito, as suas ambições de poosia e de gloria. Regueira Costa, seu condiscipulo e amigo, ao qual dedica uns versos traduzidos de Hugo e publicados nas *Espumas Fluctuantes* narrou a Alfredo de Carvalho (*) o comoço dessa amizade, depois de uma noite do triumpho do poeta, dos seus primeiros triumphos publicos, com a recitação d'O Seculo, no salão de honra da Faculdade de Direito, om 10 de Agosto de '65. "Residia então Castro Alves na rua de Lima, em Santo Amaro, e ahi o fui encontrar no doce convivio de sua encantadora Idalina, a preparar o poema d'Os Escravos. — Estou muito satisfeito com os meus vizinhos, dizia-me elle, — alli — os doidos (referia-se á Casa de Saudo do dr. Ramos), a diroita os mortos (alludia ao Cemiterio Publico)." Nessa vivonda, continua Regueira Costa, além de mim e do Fagundes Varella, poucos o frequentavam, não porquo se esquivassem de so approximar do laureado poeta, mas polo retrahimento em quo este vivia, obedecendo á influencia natural do seu temperamento.." O proprio Castro Alves melhor exprime a razão desso retiro:

O poeta trabalha... A fronte palida
Guarda talvez fatidica tristeza...
Que importa? A inspiração lhe acendo o verso
Tendo por musa — o amor e a natureza.

(*) ALFREDO DE CARVALHO — *Estudos Pernambucanos* — Recife
— 1907 p. 216,-7.

O amor era essa Idalina, cujo nome não escreve, (poderia acaso escrevel-o?) a quem chama Julieta, Adalgiza, Ella, emfim, nessa formosa poesia que viria a escrever mais tarde, em 70, e em logar distante, no Currealinho, com a saudade do coração que não esquece, lembrando por epigraphe aquelles outros versos de Fagundes Varella, que conhecera a musa encantadora da cazinha de Santo Amaro:

Pensava em ti nas horas de tristeza
Quando estes versos pallidos compuz.

D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, a dilecta irman do poeta m'o testifica: "Em Pernambuco diz-me ella, ligou-se a uma moça, chamada Idalina. Amores ligeiros, passados em uma casinha pittoresca, fóra da cidade. As "Aves de arribação" são uma reminiscencia desse episodio amoroso." Entretanto a obsessão de Eugenia da Camara, fez acreditar a mais de um biographo que ainda essa poesia lhe era devida como inspiração.

Foi uma doco aventura, destinada a durar pouco, amores de aves de arribação que encheriam essas férias de 65 e com ellas acabariam na primavera proxímá, chamados aos deveres abandonados. E' um quadro delicioso que elle descreve:

Era o tempo em que as agéis andorinhas
Consultam-se na beira dos telhados
E inquietas conversam, perscrutando
Os pardos horizontes carregados...

Em que as rolas e os verdes periquitos
Do fundo do sertão descem cantando...
Em que a tribu das aves peregrinas
Os Zingaros do Céu formam-se em bando!

Viajar! viajar! A brisa morna
Traz de outro clima os cheiros provocantes
A primavera desafia as asas
Voam os passarinhos e os amantes.

Foi assim, que

Um dia Elles chegaram. Sobre a estrada
Abriram-se á tardinha as persianas;
E mais festiva a habitação sorria
Sob os festões das tremulas llanas

Quem eram? Donde vinham — Pouco importa
Quem fossem da casinha os habitantes.
— São noíyos: — As mulheres murmuravam
E os passaros diziam: — São amantes!

Elia era risonha, tinha os olhos brandos, os cabellos ondados faziam inveja ás lianas e como eram moços o idyllo cantava noite e dia (é o poeta indiscreto como todos os amorosos quem o diz)

E a casa branca á beira do caminho
Era o asylo do amor e da poesia

Quando a noite aureolava os descampados,
O monte, a selva, a choça do serrano,
Ouviam-se, alongando a paz dos ermos,
Os sons doces, plangentes de um plano.

Depois suave, plena, harmoniosa
Uma voz de mulher se levantava
E o passaro inclinava-se dos ramos
E a estrella do infinito se inclinava.

Quando não cantavam, não riam, não se amavam na casinha, sahiam jutinhos, ás tardes, para vel-as morrer e buscarem ao amor uma moiancolia. Aos felizes vae bem por contraste uma pontinha de tristeza:

O' crepusculos mortos! Voz dos ermos!
Montes azues! sussurros da floresta!
Quando mais vós tereis tantos affectos
Vicejando comvosco em vossa festa?

E o sol poente inda lançava um raio
Do ençador na longa carabina
E sobre a fronte d'Ella por diadema
Nascia ao longe a estrella vespertina.

A' noite, emquanto elia dormia, vojava o poeta... e nessas vigalias começou Castro Alves a realisar esse poema d' Os Escravos, que foi a sua maior aspiração, e a sua gloria, de apostolo da libertação de uma raça inteira de opprimidos.

Hoje a casinha já não abre á tarde
Sobre a estrada as alegres persianas,
Os ninhos desabaram... no abandono
Murcharam-se as grinaldas de lianas.

Que é feito do viver daquelles tempos?
Onde estão da casinha os habitantes?
A Primavera que arrebatava as asas
Levou-lhe os passarinhos e os amantes.

Ficou apenas a saudade e a recordação nesses versos, dos mais formosos que Castro Alves escreveu. Por mim, não me esquece tambem essa encantadora Idalina que deu ao poeta a serena felicidade para realisar a sua obra e cuja suave lembrança é tão vivaz que lho inspira, ainda depois do tumulto de outros amores, esses versos deliciosos, que nos dão por elia uma doce tornura commo-vida.

O GRANDE AMOR

Em 66 é que collocarei o facto culminante da vida amorosa de Castro Alves: a sua paixão por Eugenia Infante da Camara, a actriz portugueza que percorria o Brasil desde 1858, que elle conhecera o talvez applaudisse de antes, se apenas isso (*) ahi mesmo no Recife. Tenho as minhas razões. Por ellas discordo de Mucio Teixeira que, embora sem ousar nomeal-a, descreve uma scena de fascinação do poeta pela "Dama Negra", como lho chama tomando o appellido ao poeta (no *Gondoleiro do Amor*, e outras poesias), acontecida em 62, teria ele 15 annos, na cidade da Bahia. Xavier Marques transfere a scena do coup de foudre para o anno immediato, pois nesse de 62 nem Castro Alves nem Eugenia estavam na Bahia, e transfere-a para o Recife, onde estreára em 63 a Companhia dramatica do actor Furtado Coelho, da qual era "estrella" aquella actriz. Xavier não produz prova nesse sentido, a não serem as allusões do *Meu Segredo*, da *Dalila* e até as reminiscencias das *Aves de arribação*, que nada dizem sobre o caso e até se dirigem, duas pelo menos, a outras pessoas. Tenho razões, repito, essas positivas, para collocar em 66 a paixão de Castro Alves por Eugenia da Camara.

A primeira é esta. Eugenia que estreára em Lisboa em 52 no Gymnasio, "onde fez bella carreira, diz Souza Bastos, (**) veiu ao Brasil em 58, ao Rio de Janeiro, "onde agradou muito, não só ahi como em todos os theatros do Imperio", que percorreu. Com effeito, encontram-se traços festivos de sua passagem em Santos (1860), em S. Paulo (1861), em Santa Catharina, nesse mesmo anno, no Recife finalmente em 1863. Ahi sempre com a sua companhia e com o seu ropertorio produz grande successo, mas não se

(*) Nestes assumptos, convém deixar sempre logar á duvida. E' o caso de lembrar aquella pergunta da marquezia de Lassay á seu marido, muito affirmativo num caso destes — Comment faites vous pour être sur de ces choses-là?

Na familia de Castro Alves havia, desde 64, recelos de Eugenia, cujo retrato fóra achado na bagagem do moço, vindo de Pernambuco, em Setembro o que até o fez perder o anno.

O pae do poeta, (fallecido em começo de 66) recelava por esse tempo que viesse a descurar dos estudos com taes enthusiasmos. E' possivel quo esta ultima palavra seja um euphemismo.

E então as relações iniciadas em 63 ou 64, interrompidas pela partida da actriz em fim desse anno ou no outro ditara a *Dalilla* em 64, a visita á familia e á terra natal para se consolar ou esquecer. Em 66 haveria então a *reprise* ou a ligação definitiva. Conjecturas. Apesar de minha opinião, não mo apego a ella, para não incorrer na ironia da marquezia de Lassay.

(**) SOUZA BASTOS — Carteira do artista — Lisboa 1898 — artigo Eugenia da Camara, dia 9 Abril 1837.

detem: no fim deste anno está no Pará, onde começa o de 64, chegando em Março ao Ceará. Eugénia da Camara, autora de um livro de versos, Esboços poeticos, publicados em Portugal, faz d'elle uma segunda edição sob o titulo *Segredos d'alma*, impressos na Fortaleza em 64. (*) Nesse volume publica tambem varias poesias a ella dedicadas, "durante as suas viagens no Imperio do Brasil." Ahí estão versos de Augusto Emilio Zaluar, de Fagundes Varela, de Victorino Palhares e outros menos conhecidos, de Santos, do S. Paulo, do Recife, do Pará. Nada de Castro Alves. Seria possível fosse o poeta discreto com a mulhor de sua adoração, não lhe manifestando o enthusiasmo que outros não encobriram, e elle mesmo, mais tarde viria a proclamar do publico em 66? Tambem não creio que si Castro Alves houvesse feito versos a Eugénia, não os publicasse ella entre os outros. Não é crível que se a *cristalização*, para falar como Stendhal, já tivesse operado nesse tempo, fosse o poeta reservado, ou a actriz discreta: concluo que em 64 ainda nada havia entre os dois, a não ser os applausos e talvez os desejos de um tímido rapaz a uma actriz festejada, da qual se não approximara intimamente.

A minha segunda razão é que em 65 houve Idalina, a oncantadora Idalina da casinha de Santo Amaro onde Regueira Costa e Fagundes Várçila a encontraram amando ao poeta, que escrovia *Os Escravos*. Não é de crêr que se Castro Alves amasse Eugénia desde 63, se tivosso mostrado além do indifferente á sua gloria, silencioso á propria paixão, para em 64 lhe exprobar como um monstruoso crime tel-o deixado, elle que sabia ser fado das artistas em excursão peregrinarem de déu em déu: a Dalila é uma exaltação injusta, ou não é a actriz portugueza. Seria mais illogico ainda, elle que sabia queixar-se dessa infidelidade nella, consolar-se facilmente, pouco depois, na casinha de Santo Amaro, "tendo por musa o amor da natureza".

E' exacto que estou pondo logica nessas coisas do amor, ondo, parece, ella nunca existiu: as razões oppostas são entretanto sem nonhuma coherencia. Como foi ella a actriz portugueza, a grande paixão do Castro Alves, todos os factos obscuros do sua vida amorosa, todas as discordancias do data desses sous romances do co-

(*) *Segredos d'Alma*. — Poesias da actriz Eugénia Infante da Camara. Nova edição seguida de uma colleção de varias poesias dedicadas á mesma actriz durante as suas viagens no Imperio do Brasil. Fortaleza, Typographia Constitucional — 1864 — in-8 pequeno. Contém poesias de A. E. Zaluar, Fagundes Varela e outros datadas de Santos, S. Paulo, Santa Catharina, em 60 e 61. Do Recife, em 63, ha de Virgilio Peixoto Palmeira, Victoriano Palhares, Francisco Ignacio Ferreira, Victoriano Palhares ainda. Do fim de 63 e em 64 ha duas do Pará e uma do Ceará.

ração, são summariamente resolvidos, com attribuição a Eugenia da Camara.

Finalmente, a terceira razão que acredito a mais poderosa, se não decisiva. Ella se funda num testemunho digno do maior credito, o do sr. dez. Souza Pitanga, amigo intimo e collega de Guilherme de Castro Alves, o irmão do nosso poeta e contemporaneo delle, no Recife, desde 66, quando para alli fôra no começo desse anno conciuir os seus preparatorios. Castro Alves estava então no sou 2.º anno e já era o poeta consagrado na Academia, nos sarau, nos espectaculos publicos: o seu jovem patricio recém-chegado acompanhava com sympathia e admiração essa gloria precoce. Foi desse anno a campanha theatrai que dividiu os estudantes, a sociedade e o publico om geral, em favor de duas atrizes, dois partidos como tantas vezes viram os theatros do Brasil. Souza Pitanga não podia esquecer, pois, os factos e a data precisa deilcs: é o anno de 66. Eugenia viera do norte do Brasil, de uma das suas excursões artisticas, directamento do Natal ao Recife, na companhia de um amante, seu patricio, Verissimo Chaves, guarda-livros abastado, dado a letras o quo convivia com a mocidade intelligente da época. Depois dos espectaculos e das festas, havia ceias alogres, convivas eram jornalistas o ostudantes, poetas e oradores, todos enthusiasmados pela atriz, tambem poetisa, que os seduzira nos estos arroubados da Dalila, da Bufalla, das Mulheres de Marmoro... Foi ahi que Castro Alves, antigo admirador, se approximou da comediante e dahi, dessa convivencia, que so gerou a paixão mutua que os prendeu, aos dois, nos seus éios de fogo... ao menos durante algum tempo. E' factio quo por elle abandonou o outro amante, e com elle foi morar numa casinha do Barro, povoado acima de Afogados, caminho de Tejipló o Jaboatão. Os commentarios e os doestos não faltaram — os que os amantes felizes têm sempre — e na roda dos antigos convivas, agora desfeita, até as vivacidades armadas, uns porque condemnavam o acto do Castro, outros porque o justificavam: assim, por oxemplo aconteceu entre o estudante Manuel Pedro Cardoso Viola, depois deputado geral pela Parahyba e o ietrado portuguez Belmiro Salgado, certa noite, depois do espectaculo.

Portanto, em 66, Castro Alves se apaixona e é correspondido por Eugenia da Camara que tão forte influencia teve sobre o seu genio e na sua vida. Tinha elle então 19 annos e era o mais formoso rapaz, o mais bello homem que se pôde imaginar. Aito, forte, esboito, de tez levemente morena, ampla testa, olhos negros, rasgados e pestanudos, nariz direito, labios sensuaes sombreados por um buço arrogante, formosa bocca, queixo dominador e, sobretudo, na cabeça poderosa a coma negra, retinta, luzidia, de uma basta cabelleira, ondeada cuja seducção elle conhecia. Conta-se que mu-

tas vezes, ao sahir de casa, penteava-se com afago, com os dedos entreabertos da mão, e agitando na cabeça o custoso chapéu do Chile dizia, sorridente:

— Tremei paes de familia... D. Juan vae sahir!...

A voz quente, de notação grave, abaritonada, máscula e melodiosa, sabia corresponder ao gesto e á presença, quando dominava as multidões, da academia ao theatro, presa aos accents de bronze das suas estrophes. Fossem a *Visão dos mortos*, *Pedro Ivo*, *O Seculo*, *O Livro e a America*... o enthusiasmo era o mesmo, e indescriptivel. Se os homens não lhe regateavam applausos, como resistiriam as mulheres aos afagos? A Eugenia da Camara, pelo muito mal que della se ha dizer, não se lhe negará que não resistiu e o amou, como poude e quanto poude. (Caberia aqui a palavra do sceptico: os homens põem a eternidade no amor, diz Anatole France, não é culpa das mulheres...) A prova é que por elle, um simples estudante, abandonou o amante rico, e pelo conforto da cidade trocou a casinha do Barro; a prova é que mais tarde, quando a Companhia Furtado Coelho embarcava para a Bahia "com todo o seu olenco, diz Xavier Marques (*) ella ficou. E ficou por amor do poeta, e para elle." Trocava por elle um empresario amigo e esporançado, antigo amante talvez, pois diziam que era d'elle uma filhinha que a acompanhava; em todo o caso, perdia novas glorias e outras fortunas ou aventuras. Por emquanto, bastava-lhe o poeta. Elle ama-a, e do publico celebra-lhe o talento no *Vão do genio*, que é de Malo, e *A uma actriz* (no seu beneficio), em Setembro de 66. Nesses allude á guerra que dividia a platéa do theatro de Santa Isabel: alguns partidarios da atriz Adelaide do Amaral, chefiados por Tobias Barreto, menos numerosos o por isso mais violentos, que invectivavam o outro partido a favor de Eugenia da Camara, encabeçada por Castro Alves, mais forvorosos o enthusiasistas. Ficou memoravel essa campanha artistica a que não faltou, na regra, o doesto ou a invectiva. O nosso poeta consola a sua dama do algum agravo, dizendo-lho:

Do genio a maior grandeza
O ser divino é soffrer.

Na hora das acclamações havia de sentir

Longe os silvos das serpentes
Que tentam morder-tê os pés...

A razão, e de uma philosophia profunda elle a diz ainda

(*) XAVIER MARQUES — *Vida de Castro Alves* — in *Homenagem do Instituto Geographico e Historico da Bahia* — Vol. I, Bahia 1910, pag. 129.

Al! quem sobe ao Capitólio
Vae precedido de pó...

Haverá exaggero sobre esse genio e essa gloria. Nesse tempo para tal mocidade não havia outros epithetos para as famas do theatro: não é só Castro Alves, são todos os poetas e oradores, para todos os artistas de algum merecimento. Um dessa geração, Manuel Victorino, embora vice-presidente da Republica, virá dizelo a uma actriz peregrina. Nós de hoje perdemos, com o enthusiasmo ás colsas do theatro, a comprehensão desses arrebatamentos: ficou-nos por consolo a compostura. Mals queridas ainda que as representações theatraes, eram as actrizes que representavam; dos sorrisos e applausos trocados germinavam paixões. Isto explica talvez uma das razões da de Castro Alves. Embora Fagundes Varella em S. Paulo, em 61, dissesse a Eugenia

Tens no rosto a belleza, o genio n'alma
Linda fiôr d'alem mar...(*)

ella não era bonita. Ainda quo Stendhal prove que todos os actores o actrizes que nos commovem ou nos onthusiasmam têm belleza, o reparo constante, como quo surpreso, quo acode a biographos o testemunhos quando referom a paixão de Castro Alves, é sempre esto... ella não era bonita! Como se amadas fossem apenas as mulheres bonitas, quando quasi sempre não são as mais amavols. Raramente dessas se fazem as grandes amorosas. As felas sabem mals amor e essa é sempre a melhor condição para ser amada. Sirva do exemplo: Julie de Lespinasse. Domais, no jogo ou na guerra do amor, como em toda guerra ou qualquer jogo, cumpre não esquecer o antagonista. Os bonitos não são difficeis o em caso do formosura satisfazom-se com propria, pedindo apenas ao parceiro uma compensação, de outra natureza. Castro Alves tinha belleza para dois.

So não era bonita, tambem não sorria feia: (**) Eugenia era graciosa, intelligente, experimentada na vida e ãa galantoria, mulher

(*) In Eugenia Infante da Camara — Segredos d'alma — Fortaleza 1864, pagina 10, do appendice.

(**) Nem bonita, nem feia, graciosa — é o depoimento dos que a conheceram e ouvi a respeito: o Dez. Souza Pitanga, o Dez. J. J. da Palma, o Conde João Augusto Nelva. Esbelta, de meia altura, se não mais que mediana, basta cabelleira, tez pallida, grandes olhos, boeca rasgada, seria delgada, mas bem feita, o que se ehama *fausse malgre*. No periodico *A Ordem* que se imprimia no Recife (n. de 16-Abril-67) ha uma allusão, em mofina, ás suas formas ricas e aos seus requebros e transportes, que constitulam o melhor dos seus encantos.

Voltaire dizia das informações: não estou certo, porque me disseram. Nem quando vemos podemos estar certos, poisque vemos mal. Os olhos de Eugenia seriam claros (Dez. Pitanga), castanhos claros

feita e bem feita, iniciadora preciosa e apreciada de um adolescente, bello e intelligente como um semi-Deus, que por ella é com ella abreviaria todas as provações de uma grande vida sentimental. Que precisava de mais?

A differença de idade — tinha ella 29 annos, elle apenas 19, não seria uma posição: bem pelo contrario. Um dos typos encantadores de paixão humana é aquelle Cherubim, da *Mariage de Figaro*, cujo amor de menino commove como se tivera mais vinte annos. Estou que chegando á côrte de Menelau, á procura do pae, Telemaco attentaria mais na divina Helena, que na terna Hermione: era essa a opinião de Jules Lemaitre. Na vida como na ficção: os adolescentes se parecem todos com aquelle jovem embaixador de Hospanha, cuja nobreza não esperava idade para o cargo, e que dizia nos salões da princeza de Lieven, a amiga de Guizot, deante de Lady Seymour, a mais nova e radiosa bella do seu tempo:

—Muito moça o muito fresca; gosto das mulheres um pouco passadas...

Eugonia da Camara era principalmente, não o esqueçamos, uma mulher de theatro. Essa condição vale por um conjunto do mais encanto e seducção que o da muita belleza peregrina, enquadrada nas sorenas e severas relações familiares. São, incontestavelmente, as atrizes as mulheres mais amadas. De tanto solicitadas, para o pondor mais fatal da natureza, para o unico pendor natural do sexo, é incomprehensivel que não acabom na galantoria,

(conde Neiva), castanhos escuros (Xavier Marques) e negros para Castro Alves.

Teus olhos são negros, negros
Como noites sem luar

O cabello era castanho claro (Neiva), alolrado (Pitanga) e também negro, para Castro Alves.

Na torrente caudal de seus cabellos negros...

A oz tinha um pronunciado sotaque portuguez; falava por isso com bom accento o francez e o hespanhol. Talvez dahi viesse ao poeta o gosto de chamal-a andaluza e imaginal-a de mantilha.

Convém lembrar que 20 annos ficou no Brasil, de 58 a 79, quando morreu, aqui no Rio, perdido o encanto, passado o enthusiasmo, dada a desregramentos (Souza Bastos), o que altera o retrato que della fazem em épocas diversas os contemporaneos; por isso não dá idéa de qual-quer seducção a photographia, se é authentica, que della publicou o Dr. Pires de Almeida á pagina 449 do *Brazil-Theatro*, Rio, 1904-6.

A faceira, despachada e desenvolta que seduziu a Castro Alves teria mimos secretos com que o apaxonou e, para todos os que a applaudiram e com ella conviveram, a graça, que, dizia Lafontaine, era mais bella do que a belleza.

como aliás é a regra, tão difficil é não contentar a alguns dos innumerados que as desejam. Estes têm também as suas razões, das quaes a maior é sem duvida aquella que o futuro marquez do Tres Rios definia pittorescamente, no camarim de uma dellas, talvez a Candiani, (*) quando entre dois chamados a scena gosava-lhe das caricias, ao som dos estrepitosos applausos cujo eco lhes chegava da platéa:

— Parece que é a mim que elles estão applaudindo...

Esse amor deu-lhe a vida, até ahí reservada e discreta, a despeito do alguns triumphos de academia ou de theatro, uma vibração nova e interna. da "republica" da rua do Hospicio passou a morar com Eugénia, na casinha do Barro. Acompanhava-a aos espectaculos, depois ás ceias alegres, "gastando em duas ou tres noites a mesada", (**) dando a amante, travessa e licenciosa a festa querida de seu temperamento e dos seus habitos. Depois, tresnoitado, ainda lhe velava o somno, compondo na vigilia hymnos de amor, odes civicas, escrevendo o drama *Gonzaga* ou a *Revolução de Minas*, que ella devia representar. A saude e os estudos eram defeixados, mas o coração ardente do poeta se queimava nas aras do amor que delle havia de fazer o nosso maior e melhor lyrico, ao sopro da paixão publica com que seria apostolo da abolição e da Republica e por isso o nosso mais alto poeta heroico e até agora o nosso unico poeta épico (***)

Assim, até o começo de 67, quando deixaram a casinha do Barro e a vida do Recife, para continuarem o idyllio na Bahia. Com ella se hospeda no Hotel Figueiredo, na praça que hoje tem o seu nome, e depois se transfere para a Boa Vista, agora Asylo de São João de Deus, casa de infancia, então abandonada pela familia do poeta que passára a habitar o palacete do Sodré, onde ora é o Collegio Florencio. Continuou a amar e a poetar, inda feliz, airada e folgazan, com amigos e admiradores que logo conseguiu, cuidando principalmente em representar o seu drama. Eugénia se engaja na

(*) Artista lyrica que despertou grande entusiasmo no Rio. No romance "O Moço Louro", de Joaquim Manuel de Macedo, a scena inicial é uma contenda, em 44, entre dois apaixonados, um pela Candiani, outro pela Delmastro. No Brasil não se sabia admirar a arte sem partidos, muitas vezes turbulentos.

(**) XAVIER MARQUES — loc. est. pag. 127.

(***) Não é somente minha esta opinião. Alberto de Oliveira, que está á altura de julgar o outro, diz que, á excepção de algumas estancias camoneanas não conhece na lingua versos tão vibrantes de heroismo como alguns de Castro Alves. Para não deixar sem exemplo, podíamos citar estróphes, versos e imagens, do *Pedro Ivo*, da *Ode ao Deus de Julho*, *Deusa Incruenta*, *No meeting do Comité da Pain*, *Adeus, meu canto*, *A visão dos mortos*, *Navio Negroiro*, etc., nas quaes o epico se revela não só o maior como o unico que tivemos.

companhia que trabalhava no theatro de S. João, e estréa com pleno successo a 20 de Junho. Abre-se uma série de noitadas ruidosas, a applausos e enthusiasmos para a atriz e para o poeta, cujos versos vibrantes são rescitados do palco por ella, e por elle, que assomára, a chamado da multidão, de um dos camarotes da sala, para fazel-a inteira estremecer de acclamações. Emfim, a 7 de Setembro sobe o Gonzaga á scena, representando Eugenia o papel de Maria, festa litteraria memoravel que consagrou definitivamente o poeta, coroado em scena aberta, no delirio da turba que o conduziu nos braços ao festim de um banquete num hotel, e depois até á casa, sempre sob ovações.

Eugenia, além de participar dessa gloria, tinha o seu quinhão reservado pelos admiradores que lhe surgiam, lhe offereciam uma corôa de prata no seu beneficio, e, quando veiu a romper com a companhia do S. João, que lhe construíram um theatro improvisado, na baixada do Bomfim, para os seus espectaculos. Descontado o que era devido á artista, ficaram ainda homenagens á mulher. Começou o ciume a magoar ao amante. Apesar de a guardar bem na Boa-Vista, de afastar della os importunos admiradores, não raras scenas violentas narram testemunhas, tributo forçado dos zelos, sem os quaes dizem não ha amor que conte.

Reconciliados, os amantes davam-se a novos espectaculos e outras festas, nas quaes se passaram os ultimos mezes de 67. No começo do anno seguinte cumpria seguir para o sul, a terminar os estudos em S. Paulo e, de passagem, conquistar o Rio. Ponsava em publicar *Os Escravos* e o *Gonzaga*. Com Eugenia embarcou em Fevereiro de 68 para aqui, onde encantou a José do Alencar o ao escól das letras e da sociedade carioca, produzindo espanto no reticente Machado de Assis, cuja admiração a prazo esperava que a emphase lhe passasse com a mocidade.

Em Março já estava em S. Paulo, sempre com Eugenia da Camara. A mocidade da academia e da imprensa dada ás letras o á politica cerca-o, encoraja-o e leva-o a se exhibir nas sessões civicas e commemorativas, e nos espectaculos publicos. Testemunha aqui presente e que me não deixará mentir, contou-me que na sua vida assistira ás mais ferventes campanhas do abolicionismo e da Republica, ouvira os mais inflammados e cultos versos de que ha noticia no Brasil, mas nada se lhe comparou nunca ás manifestações do enthusiasmo com que era acclamado Castro Alves, recitando a *Visão dos mortos*, ou o *Pedro Ivo*, "Vinha abaixo ó theatro", na phrase expressiva dessas ruidosas communhões de sentimento, quando o poeta com a sua voz de bronze quente e o seu vulto de jovem semi-deus martelava as estrophos cyclopicas dos seus poemas revolucionarios.

Distrahi-o-ia a vida mais intensa de idéas, a vida mais dispersiva de sociedade, dos seus cuidados de amor? Pode-se crer. Eugenia procurar-se-ia do outro lado distrahir-se tambem com outros amores. Dizem contemporaneos que ella lhe fôra sempre infiel, sem por isso deixar de ser constante. Ha quem não comprehenda essas mulheres, comquanto sejam muito vulgares os homens que correspondem a taes mulheres. Tambem Manon amava a Des Grleux e, apesar das infidelidades, até o fim, não lhe faltou constancia: foi por ter copiado da realidade esse typo de mulher que o abbade Prevost, que a amou e a soffreu, fez uma obra prima. Castro Alves como todos os apaixonados veiu a saber-o muito tarde, só ahi em S. Paulo, quando com a experiencia da cegueira do amante, Eugenia foi menos cuidadosa na dissimulação. Na Canção do Bohemio, entre risonho e triste, tornando talvez impessoal o seu caso, elle se revela:

E tu fugiste, presentindo o inverno,
 Mensal inverno do viver bohemio...
 Sem te lembrar que por um riso terno
 Mesmo eu tomara a primavera a premio

 Se tu viesses... de meus labios tristes
 Rompéra o canto... Que esperanza ingloria
 Ella csqueceu o que jurar-lhe vistes
 O' Paulicéa, ó Ponte Grande, ó Gloria!

E' entretanto apenas impaciencia:

Batem!... Que vejo! Ell-a afinal commigo...
 Foram-se as trevas... fabricou-se a luz...
 Nini! pequel... dá-me exemplar castigo!
 Sejam teus braços... do martyrio a cruz!...

Era o desapego que antecedia ao abandono. O poeta previa-o e pedia ao somno o esquecimento:

Com teu divino balsamo
 Cala-me a anciedade,
 Mata-me esta saudade
 Apaga-me esta dôr.

 Mas quando ao brilho rutilo
 Do dia deslumbrante,
 Vires a minha amante
 Que volve para mim
 Então, ergue-me subito
 E' minha aurora linda
 Meu anjo... mais ainda
 E' minha amante emfim.

Viu finalmente Castro Alves o que em São Paulo se via sem nenhum resguardo, e dava commentarios brejeiros a toda a mocidade do tempo. O poeta com a reminiscencia de alguma scena



real vivia a descrever essa traição naquella Pagina de Escola Realista na qual um namorado moribundo é enganado pela amante, impaciente de passar a outros braços. Teria sido durante aquelles crudelissimos momentos em que soffreu do corpo e do espirito, noites e dias amargurados que se seguiram a um accidente de caçada na qual recebera um tiro (11 de Novembro de 68), empregando-se toda a carga de chumbo no calcanhar? Dessangrado, febril, em risco de perder, se não a vida — o pé, que veiu a perder de facto, operado, dolorido, accesos padecimentos pulmonares que viriam a terminar na tuberculose... tudo soffreu o poeta, embora cercado de collegas e amigos... talvez sem ella. Um anno depois, em Novembro de 69, aqui no Rio, mutilado e não resignado, no doloroso Adeus que lhe dirige, relembra:

Sabes o que sepultar-se
Um anno inteiro na dôr,
Esquecido, abandonado
Sem crença, ambição e amor
Ver cahir dia após dia
Sem um riso de alegria
Sem nada, nada, Jesus!
Ver cahir noite após noite
Sem ninguem que nos acolte
Ninguem que nos tome a cruz?

No fluxo o refluxo do coração, que condemna e perdoa, que insulta e desculpa, elle escreve, sob uma impressão *Immensis oribus auginis* e o Tonel das Danaides. Como a india adormecida que á cobra

Entrega um seio nu', moreno e luzidio
.....
Assim minh'alma deste o seio (ó dor immensa)
Onde a paixão corria indomita fremente!
Assim bebeu-te a vida, a moeldade, a crença
Não bocea de mulher, mas de fatal serpente!

Como o tonel das Danaides, que se não faria, assim e o coração da fria Messalina: é o della!

Na gruta do chagal ao menos restam ossos
Mas tudo sepultou-me aquelle amor cruel

Na poesia E' tarde, ella é a negra feiticeira, a libertina, lugubre bachante... na Fabiola, dos Anjos da meia noite, ella ainda:

E' sangue que referve-te na taça
E' sangue que horrifa-te estas flores
E este sangue é meu sangue... é meu... desgraça!

Entretanto, quando lhe diz Adeus, lembra-se do passado e se commovo ao perdão

Que eaudades eu tenho do passado
 Da nossa mocidade ardente e amante...
 Meu Deus! Eu dera o resto da existencia
 Por um momento assim, por um instante.

Amava-a ainda, Ella é que mudára

Viste e creste um momento
 Qu'inda me tinhãs amor!
 Pobre amiga! Era lembrança
 Era vaidade, era dôr!

Obrigado! Mae na terra
 Tudo entre nós ee acabou
 Adeus! E' o adeus extremo
 A hora extrema soou!

Esse adeus ella o recebeu e a elle responde por carta, que se perdeu, e por versos que se conservam e vão, embora sem belleza, de alguma emoção. Não se consola com o jámais! que elle pronunciou; diz-se descrente da felicidade:

Póde-se encontrar outra alma
 Depois de reinar na tua?

Relembra a morte fatídica:

Aquella noite! Oh! ellencio
 Noite de fel e de amor
 Em que dentro de duae almas
 Houve um poema de dôr...

Apesar disso:

Eu não me fiudo. Eu te amo
 Quer na vida, quer na morte;
 A um só dos teus olhares
 Será tua a minha sorte.

E conclúe

Adeus! Se um dia o Destino
 Nos fizer inda encontrar
 Como irmã, ou como amante,
 Sempre! eempre! me has de achar.

E' Manon!... não ha que ver! Cada vez que Des Grieux lhe apparecia, era todo d'elle, como o coração sempre fôra, ainda quando se dava á outros. Desgraçadamente os Des Grieux nem sempre comprehendem como o corpo se lhes vae, ás vezes, longe do coração. Castro Alves viria muitas vezes a lembrar-se ainda, mas apenas com a saudade de amor, que dóe mais do que as outras:

Vento frio do deserto
 Onde ella está? Longe ou perto...
 Mas como em halito inerte,
 Responde-me o éco ao longe,
 Oh! minha amante onde estás?...

.....
 E hoje que o meu passado
 Para sempre morto jaz...
 Vendo flnda a minha sorte
 Pergunto aos ventos do norte
 Oh! minha amante onde estás?(*)

ULTIMOS AMORES

Embora a grande paixão o occupasse sempre, ao poeta sobrra tempo e coração, senão apenas estro, para pequenas aventuras de sentimento, flirts como se diria hoje, que têm entretanto a sua poesia. Assim, em 66, vindo do Recife á terra natal, namorou-se de duas formosas raparigas que moravam em frente da casa, duas bellas judias, filhas de Isaac Amlazack, rabino na Bahia, e escrevelhes *A Hebréa*, jola de poesia bíblica que Tobias Barreto ouviria mais tarde rezada em louvor da Virgem numa igreja do norte. Manda-lhes com uma dedicatória á mais bella, o que produz naturalmente discordia ás irmans, cada qual se julgando com direito á prenda. Coube a Semi, (*) a cujo casamento annuciado para breve o poeta não poude resistir de despeito, apunhalando-se á

(*) A influencia de Eugenia da Camara se depara na obra de Castro Alves explicitamente, nas poesias — *O vôo do genio* (Recife, Maio 66), *A uma netriz* (Recife, Set. 66); alusivamente em poesias sob o distico "Dama Negra" — *Os tres amores* (Recife, Set. 66), *Fatalidade* (Recife Out. 66), *O Gondoleiro do Amor* (Recife, Jan. 67)...; por supposições mais ou menos fundadas — *Dallila* (Recife 64), *Canção do Bohemio* (S. Paulo, Junho 68), *Hymno ao Sonno* (S. Paulo, Julho); *Bon Noite* (S. Paulo, Agosto 68), *O tonel das Danaides* (Rio, Out. 69), *Immensis orbibus oculis* (Rio, Out. 69), *E' tarde* (referencias Rio, Nov. 69), *Adeus* (Rio, Nov. 69), *Tablola nos Anjos da Mela-noite* (Santa Isabel, Agosto 70), *Uma pagina da Escola realista* (70), *Onde estás* (Bahia)...

O drama *Gonzaga* escripto ao lado della (66-67, Recife) foi feito para ser representado, como foi, por ella.

Quanto á formosissima poesia *Adormecida*, datada de Nov. 68, em S. Paulo parecee a Souza Pitanga reminiscencia da casinha do Barro, no Recife, onde conheceu o jasmineiro dando sobre a janella. A scena não se podia passar em S. Paulo, onde não ha rêdes. Mas á adormecida diz o poeta "Virgem! tu és a flôr da minha vida!" Na segunda estrophe dos *Os tres amores* é assim que elle a sonhava. O amor faz milagres: Eugenia poderia pois repetir o verso celebre de Marlon Delome: "et ton amour m'a fait une virginité..."

vista della... com um punhal de papel. Sem Amzalack mereceu esse trecho do "Cantico dos Cantidos" e estou que hoje me ouvindo, porque deve estar aqui presente, a memoria lhe representará com a suave emoção que dá sempre a saudade da juventude e da belleza, o formoso poeta que lhe rendeu o prelo dos mais lindos versos que suspirou:

All gula o passo ao viajor perdido
Estrella vesper do pastor errante!

Esther, a outra teve a sua compensação. Mals tarde, nos Anjos da meia noite, quando a sombra das mulheres que amou lhe passa pela memoria, lá esta ella:

Qual nas algas marinhos desce um astro
Linda Esther! teu perfil se esvae... S'escôa
Só me resta um perfume... um canto... um rastro...

Por S. Paulo, em 68, escreveu o *Laço de fita*:

Não sabes, criança? Estou louco de amores,
Prendi meus affectos, formosa Pepita,
Mas onde? No tempo, no espaço, nas nevoas?
Não rias, prendi-me — num laço de fita.

Eu preferiria continuar... mas me obriguei a dizer-vos quem é essa formosa Pepita. Contou-mo illustro jurisconsulto, condiscipulo de Castro Alves em S. Paulo, o dr. Sancho de Barros Pimentel, que o vira em aula, ao seu lado, entretido a rimar e corrigir esses versos. Soube então que eram feltos a uma bella menina, do nome Marla Carolina, filha, do dr. José Carlos de Almêida Torres e enteada de d. Marlana, sua esposa, irman do Alvares do Azevedo. Outro depoimento, igualmente fidedigno, de letrado e entusiasta do poeta, o dr. Antonio Baptista Perelra, refere que o *Laço de fita* foi felto a Sinhá, filha do dr. Lopes dos Anjos, medico e amigo do Castro Alves, o qual deu a poesia á sua Musa, em melo do um baile, na casa paterna, á rua do Imperador, hoje Marechal Deodoro: era companheira da jovem a mãe do depoente, que assiste ás emoções dessa leitura deliciosa. Qual das duas é realmente a Pepita? Conclúo que ambas, e outras ainda, que não faltaríam ao poeta. Castro Alves seguia neste passo, não o seu habito que era dar nomes diversos a mesma amada, (*) mas a usança classica,

(*) Idalina é Adalgisa, Julietta, Ella na mesma poesia (*Aves de Arribação*); Eugenia é Julia a hespanhola dos *Tres Amores*, é a Dama Negra do *Gondoleiro do Amor*, é Maria talvez de *Bôa noite*, é Fabiola dos *Anjos da Meia noite*, é Sylvia da *Página da Escola Realista*, é Nina da *Canção do Bohemio*. Leonidia é Mariete nos *Anjos da Meia noite*. Agnese Murri é Carlota nos *Remorsos*, é Consuelo, finalmente.

que veu a ser a de Lamartine, o qual só fez versos a uma mulher... Graziela é Elvira, Julie Charles também é Elvira... até madame Lamartine será Elvira. Maria Carolina e Sinhá Lopes dos Anjos foram a Pepita: a fidelidade no amor é mais facil aos poetas do que aos outros mortaes.

No Rio, em '69, atravessando as angustias que terminaram na mutilação do pé, cercava-o o carinho dos amigos. Luiz Cornelio (a quem elle dedicou os lindos versos A Luiz) e sua esposa, em cuja casa, á rua Silva Manuel, se hospedára, foram sua familia. Para entreter o poeta martyrisado mandavam vir moças amigas, que com elles lhe faziam conversa e companhia. Ficaram lembradas duas dessas, Candida e Laura, nos Anjos da meia noite.

Crianças que trazeis-me a primavera...

Eram as duas, irmans, ambas formosas: o poeta teria no seu destino sempre dividido, o coração. Uma, Maria Candinha, "rosa do amor, celestial Maria" inspirou-lho os deliciosos versos d'Os murmurios da tarde, onde supplica

Minh'alma é rosa que a geada esfria
Dá-lhe em teus selos um asylo brando
Leva-me! Leva-me ó gentil Maria!...

Da outra foi a impressão mais íntima: despertou paixão á doco criatura o della falava na Bahia com o maior enlevo. Era seu appellido em casa Dendem, de Dulce, talvez, como lho chama o poeta, num outro sonoto dos Anjos da meia noite:

Se alguém pudesse ao infeliz precito
Dar logar no banquete da ventura
E trocar-lhe o velar de insanía escura
No poema de beljos — infinito...
Certo serias tu, donzella casta
Quem me tomasse em melo do Calvario
A cruz de angustias que meu ser arrasta!

Na Volta da Primavera, que foi para elle esso amor, com exaltação mystica exclama

... eu digo ao vêr tua celeste fronte
O céu consola toda dôr que existe...

Entretanto, não podia o poeta corresponder (ou mostrar que correspondia) a esse casto amor, mas o coração so lhe desabafou na queixa daquella tristo poesia E' tarde!

E tu, visão do céu... Vens tacteando
O abysmo onde uma luz sequer não arde.
Ai não vás resvalar no chão lodoso
E' tarde... E' muito tarde!

Sem esperanças, restaria ao poeta o ultimo consolo

Mas se tudo recusa-me o fadario
Na hora de expirar, ó Dulce, basta
Morrer beijando a cruz do teu rosario.

Entre estas e com estas ha outras. Ha uma nos **Devaneios**
"pallida madona dos meus sonhos" que faz impio ao poeta

Amar-te, ainda é melhor do que ser Deus!

Alguem inspirou o **Adeus de Thereza**. Ha uma **Barbosa** nos **Anjos da meia noite**. Quem seriam das suas tres **Marias**, a da **Confidencia** (de Outubro de 65, no Recife: **Idalina?**) e a da **Bôa noite** (de Agosto de 67 em S. Paulo: **Eugenia?...**) E outros, e outras...

São tantas, que faz lembrar **Sainte-Beuve** quando fala das amadas de **Chateaubriand**: são como as estrellas do céu, mais a gente as contempla, mas ellas apparecem!

Tornando á **Bahia** ha um encontro a bordo, numa noite de mar que o poeta não pôde esquecer:

Ignez! nas terras distantes
Aonde vives talvez
Inda lembram-te os instantes
Daquella noite divina?
Estrangeira, peregrina
Quem sabe... Lembras-te, Ignez?
.....
Meus olhos nos teus morriam
.....
Não era cumplicidade
Do céu, dos mares? Talvez!
.....
E como um véu transparente
Um véu de noiva... Talvez,
Da lua o ralo tremente
Te enchia de casto brilho
Cahia a teus pés, Ignez!
E essa noite dellrante
Pudeste esquecer? — Talvez...
Ou talvez que neste instante,
Lembrando-te inda saudosa,
Suspires, moça formosa
Talvez te lembres, Ignez...

Não terminei ainda... Entre os mais lindos versos de **Castro Alves** estão certamente **O Hospede** e **Os Perfumes**... Ambas essas poesias são datadas de **Currallinho**, do anno de 70. Dizia-me o sentimento que eram inspiradas pela mesma criatura. **Os Perfumes** trazem uma enigmatica dedicatoria a **L**. Na correspondencia do poeta ha uma carta á irman preferida, na qual elle lhe pede que a **L**.

mande a **Vida Parizense**. Quem seria? Devia eu tentar saber: consegui confidencia, que não me autorizou entretanto a dizer tudo. Não sei porque... Estou que sirvo a historia enternecedora desses dois corações, em não ser reservado.

L. foi Leonidia Fraga, bonita moça, intelligente e meiga, que o poeta conhecera ainda criança, revira em 65 num namoro innocente e, tornado em 70, a que renuncia, com a morte na alma. Elle • diz na poesia **Fé, Esperança e Caridade**

Quando a infancia corria alegre á tóa
 Como a primeira flôr que na lagôa
 Sobre o crystal das aguas se revê,
 Em minha infancia reflectiu-se a tua'

 Depois eu te reví... Na fronte branca
 Radiava entre perolas mais franca
 A altura c'roa que a belleza trança

 Hoje é o terceiro marco dessa historia

 Por tí em rosas mudam-se os martyrios.

Fé, Esperança e Caridade que ella foi successivamente, podia o poeta dizer na epigrapha que "eram tres anjos e uma só mulher". Ella é ainda a Marieta dos Anjos da meia noite:

Furtivos passos morrem no lagedo...
 Resvala a cascada do balcão discreta...
 Matam labios os beijos em segredo...
 Afoga-me os suspiros, Marieta!
 O' surpresa! ó palor! ó pranto! ó medo!
 Ai! noites de Romeu e Julietta!...

Com o disfarce rustico da serrana é ainda Leonidia quem acolhe "o hospede" e que lhe pergunta depois, quando elle quer tornar

Onde vaes, estrangeiro! Porque deixas
 O solitario albergue do deserto?
 O que buscas além dos horizontes?
 Porque transpor o pinçaro dos montes
 Quando pôdes achar amor tão perto?

 Queres voltar a este paiz maldito
 Onde a alegria e o riso te deixaram?
 Eu não sei tua historia... mas que importa?
 Boia em teus olhos a esperanza morta
 Que as mulheres de lá te apunhalaram

 A choça do deserto é nua e fria
 O caminho do exilio é só de abrolhos
 Que familia melhor que os meus desvellos
 Que tenda mais subtil que meus cabellos
 Estrellados no pranto de teus olhos.

Talvez tenhas além servos e amantes...
 Um palacio em logar de uma choupana
 E aqui só tens uma guitarra e um beijo,
 C'o o fogo ardente do ideal desejo
 Nos selos virgens da infeliz serrana

No entanto Elle partiu... seu vulto ao longe
 Escondeu-se onde a vista não alcança
 Mas não penseis que o triste forasteiro
 Foi procurar nos lares do estrangeiro
 O fantasma sequer de uma esperança!

Só depois que elle morreu, ella se casou, sem achar entretanto a felicidade, porque veiu a enlouquecer. No seu delirio não lhe esquecia o amor passado, conservando todas as reliquias d'elle — flôres, fitas, desenhos e poesias — que lhe segredavam ainda as lembranças do seu poeta. Amor divino que sobrevive a duas mortes, do coração amado e da razão amante, que não deviamos esquecer sem ingratição. Essa aventura de Leonidia terá na vida de Castro Alves o cheiro suave e terno das flôres do campo, entretanto penetrante e vivaz como aquelles Perfumes que ella lhe inspirou.

Tornou á Bahia, não a buscar “o fantasma sequer de uma esperança”, como elle dizia á sua serrana, mas veiu achal-a. Cercou-o no palacete da rua do Sodré não só o carinho de familia, mas a admiração de toda a sociedade culta da Bahia. Nem lhe faltou a sua côrte predilecta, a das mulheres, que o amaram sempre. O seu prestigio era tamanho que nas festas a que concorria nenhuma moça se compromettia a dansar, antes que o Castro fixasse a sua escolha. Elio já não dansava, impedido pelo seu pé de borracha, dissimulado, porém incapaz; mas emquanto os pares revolteavam pelos salões, elle conversava com a dama que distinguira e que as outras todas invejavam.

Foi nesse meio que se lhe deparou o ultimo amor: era uma jovem e formosa italiana, actriz que viéra com uma companhia lyrica e na sociedade da Bahia ficára a ensinar piano e canto. Passados trinta annos, conhecia-a, a Agnese Trinei Murri — que ainda vive na Italia — e pude ainda comprehender toda a paixão do poeta. Era alta, esbelta, alva como um marmore de Carrara, mãos aristocraticas, olhos e cabellos negros, bocca e voz deliciosa, a bocca e a voz das florentinas, principalmente tinha coração sensível e dado a admiração. Amaram-se como se amam os moços apaixonados. Ella foi todo o encantamento, toda a occupação do deradeiro periodo de sua existencia. Foi a sua “Consuelo”, com “Aquel-

la mão". (*) Consolo em que o coração do poeta pode adormecer alliviado, coroada a fronte dos louros que elle quizéra:

Uma noite sonhei que em minha vida
Deus acendia a **estrella** promettida
Que leva os **Reis** ao berço da ventura.
Mas quando, ao longo da poenta estrada
O suor me escorria de amargura
Passava em meus cabellos perfumada
Aquella mão tão pura!

Durante um temporal, deslembrado do perigo de coriscos e vagalhões, elle só nella pensa:

Tu és meu céu azul, meu lago morno
Onde canta a Esperança em noite calma
Para mim só ha raios em teus olhos
Procellas — em tua alma!

Desdenharla os perigos da terra se tinha por onde attingir a bemaventurança:

• A divina Consuelo em frente á noite immensa
No gesto dominando a furia do escarcéu...
Na voz clara, sonora, ardente, larga, extensa
Escada de Jacob — prendia a terra ao céu!

E' ella ainda quem lhe inspira **Noite de maio, A um coração, A Virgem dos Ultimos Amores, Remorsos. Em que pensas, Gesso e bronze...**

O poeta poderla entretanto dizer numa de suas ultimas poesias:

E — perto de morrer — o amor ancelo ainda

Esse a que se refere é, porém, o amor sagrado, que elle votou o lhe foi retribuido pela mais santa e dedicada das irmãs, que em vida o amou, o protogeu, o admilrou, velou-lho as insomnias, consolou-lho os pezares, deu-lhe confiança na gloria e ainda agora, quasi cincoenta annos depois que elle se extinguiu chora-lhe a lembrança, exalta-lhe a memoria com um fervor que só alto e grande coração, digno do genio de Castro Alves, seria capaz. E' dona Adelaide de Castro Alves Guimarães, a irman mais moça do poeta, tambem poetisa, musicista, desenhista, do fino gosto artistico, viuva do dr. Augusto Alvares Guimarães, amigo e companheiro dedicado de Castro Alves, jornalista de nomeada na campanha

(*) Trecho de carta de D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, sobre Castro Alves, ao autor que lhe pedia informações sobre incidentes da vida amorosa do poeta. Por ellas é seu nome escripto aqui com todo o reconhecimento.

liberal pela abolição. Ella será ainda por longos annos a zeladora dessa memoria sublime, até que Castro Alves seja inteiramente possuído por aquelle ultimo fantasma dos Anjos da meia noite, que elle vira em sonho, que "buscara do sul ao norte", "bella e branca desposada", o eterno amor — a Gloria! — que elle mereceu, e que finalmente alcançou.

A GLORIA DE CASTRO ALVES

Castro Alves, não vacillo em o proclamar, é o primeiro poeta nacional: foi o poeta da minha adolescencia. Se esta é a razão de nossas preferencias durante a vida, segundo a aguda observação de Anatole France, sou immediatamente levado a acrescentar que elle foi neste meo seculo o poeta do maior numero de brasileiros, porque nenhum logrou o favor de tantos leitores. Impressionava a José Verissimo — e agora a Alberto de Oliveira — o numero de edições dos versos d'elle, tanto que a seu pedido investiguei uma bibliographia do poeta, que o critico não chegou a conhecer. Comtudo no seu livro posthumo a *Historia da Literatura Brasileira* lá vem alludidas "oito ou dez edições" das *Espumas Fluctuantes*, o que o faz dizer "poucos livros brasileiros, e menos de versos, tem sido tão lidos". (*) Verissimo ficou aquem da realidade, porque só no Rio de Janeiro conseguí examinar nada menos de dezeseite, o dobro da parada, sendo algumas dellas, como as de Garnier de muitos milheiros de exemplares. (**)

(*) JOSE' VERISSIMO — *Historia da Literatura brasileira* — Rio, 1916 p. 334-6.

(**) Esta é a nota provisoria das edições que encontrei das obras de Castro Alves. Opportunamente publicarei um ensaio mais minucioso.

ESPUMAS FLUCTUANTES

I	1.a edição — C. L. Masson & Cia. — Bahia	1870
II	2.a edição — F. Olivieri — Bahia	1875
III	3.a edição — F. Olivieri — Bahia	1878
IV	4.a edição — F. Olivieri — Bahia	1880
V	5.a edição — Cruz Coutinho — Rio de Janeiro	1881
VI	5.a edição — Seraphim Alves — Rio de Janeiro.. ..	188...
VII	nova edição — B. L. Garnier — Rio de Janeiro	1883
VIII	nova edição — B. L. Garnier & E. Mellier — Rio-Paris ..	1888
IX	nova edição — Carlos Pinto & Cia. — Pelotas-Rio Grande	1888
X	nova edição — B. L. Garnier — H. Garnier Suc. — Rio-Paris ..	1895
XI	nova edição — H. Garnier — Rio-Paris ..	1897
XII	nova edição — Laemmert & Cia. — Rio de Janeiro	1898
XIII	nova edição — H. Garnier — Rio-Paris ..	1901
XIV	nova edição — H. Garnier — Rio-Paris	1904

Não só é o mais lido dos nossos poetas, como é o melhor e mais intimamente querido delles. Lamartine succudia os hom-bros aos seus censores, com desdém: "tenho por mim as moças e os rapazes!" Além destes Castro Alves tem ainda as pessoas gra-ves e os homens sisudos. Cada um de nós terá provas deste acerto: cito do passagem dois factos. Tornáva de viagem á Europa e um dos meus companheiros de vapor, sabio de nascença que a vida desviára para a alta finança, apesar da idade e das responsa-bilidades, recitava-me poesias inteiras de Castro Alves. Ainda ha poucos dias ouvi numa sala severa da Córte de Appellação, vene-rando juiz e jurisconsulto declamar, a proposito de um incidente da vida sentimental do poeta, as estrophes candentes da *Immensis orbibus anguis*.

Esse fervor já tem cincoenta annos e não diminuirá, porque as edições e os leitores se succedem, mudados é verdade, como diria o nosso Constancio Alves; mas tantas são as razões de admi-rar quo o culto permanece, e hade permanecer, inalteravel. O poeta accordára cedo. Na adolescencia ha como que um estonteamento de emoções e de idéas, sentimentos cuja novidade deliciosa nos tira o somno, idéas cuja reflexão não conseguiu ainda exprimir-se em forma precisa. A enphase é e será um pccado dos vinte annos: a caudal de um talento ainda latente, na represa de uma ambição que não achou seu caminho, ferve em cachão e a veia liquida que

XV	nova edic. — Carlos Echenique — Porto Alegre	1909
XVI	nova edic. — Livraria Garnier — Rio-Paris	1913
XVII	nova edic. — Livraria Magalhães — São Paulo	1916

GONZAGA

I	Cruz Coutinho — Rio de Janeiro	1875
---	--------------------------------------	------

CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO

I	Imprensa Economica — Bahia	1876
---	----------------------------------	------

CACHOEIRA DE P. AFFONSO E MANUSCRIPTOS DE STENIO

I	Serafim José Alves — Rio de Janeiro	1883
---	---	------

CACHOEIRA DE P. AFFONSO, MANUSCRIPTO DE STENIO, GONZAGA

I	Livraria de B. L. Garnier — Rio	1888
II	H. Garnier — Rio-Paris	1895
III	H. Garnier — Rio-Paris	1902
IV	H. Garnier — Rio-Paris	1906

As edições Garnier nem sempre trazem a data no rosto: foram identificadas por cotejo ou pela data na subscripção. A edição Serafim Alves é posterior a 81 porque traz uma poesia de Mello Moraes feita no decenario de Castro Alves.

primeiro lhe derlva hade ser turva e revolta. Por lso a mocidade — e falava exactamente da mocidade delle — dizia José de Aien-car a Machado de Assis — ora uma divlva Impaciencia. Essa ancia de dizer tudo o que nos suffoca, na expressão de nossas tumultuo-sas e atrevidas emoções faz aos jovens não só emphaticos, mas obscuros, apocalypticos, absurdos, nunca mesquinhos. Nem sempre se os entende: haverá comtudo outros moços que os entendam, possuidos do mesmo delirio, o que lhes dá uma clarividencia de intulção, que a razão estreita não póde explicar e por isso que os autores dlícels — as sybilas, os prophetas, os mysticos, os metha-physicos, os simbolistas — têm nos ephebos os seus adeptos mais fervorosos, devotos que os comprehendem de prlmeira mão. Não ha difficuldades para um cerebro de dezoito annos; nessa idade a admiração prescindê da razão e adora exactamente porque não póde perceber. Não ha gloria mais duradoura o mais estridente do que a desses autores felizes porque terão por si a fiel mocidade, eterna, ainda quando arrependida nas edades menos beilas o me-nos tontas que lhe succedem.

A emphase de Castro Aives era porém comprehendida por todos, pois que o paiz atravessava todo elle a sua criso de puberdade, com as vehemencias do romantismo literario, com a exaltação hu-manitaria do abolicionismo, com a idealisação ilberal da Republi-ca... de sorte que aquellas "bombas" atrladas á populaça, reper-cutiam om animos preparados nos écos retumbantes da victoria e da acciamação.

O seu publico, a multidão das praças e dos theatros não de-sejava senão isso. Do Bocage, o improvisador popular, dlse Gar-rett: "mais ella répetia eternidade, orbes, furias, gorgonas", "mais dobrava o applauso, mais delirava elle, mais o admiravam: ao cabo nem elle a si, nem os outros a elle o entendiam". O nosso Castro Aives era sentido, senão entendido, quando se arroubava e arrebatava aos outros, clamando pelo porvir, no arrebol, ao infi-nito, sobre os Andes, para a amplidão... Comtudo, a lmagem nunca lho sahlu rdícula, ainda quando absurda. O Jehovah que criou a America é um "estatuario de collossos." O continente "moihado ainda do diluvio, tem "os Andes petrificados como braços iovantados" que apontam para a amplidão, isto é para a subiimi-dade dos seus ideaes. O livro é um andar guerreiro, que conqulsta o mundo lnteiro, sem nunca ter Waterioo", "Num poema amórta-lhado nunca mórro uma nação". "Quando o tempo entre os dedos, quebra um seculo uma nação, encontra nomes tão grandes que não lhe cabem na mão". "O motim, Nero profano no ventre da cova, insano, merguiha os dedos cruéis. Da guerra nos paroxismos, so abrumam mesmo os abismos e o morto morre outra vez!" A noite o os astros debruçados do céu, contempiam a pugna da Inde-

pendencia. E' "o Inglez, marinho do frolo que ao nascer no mar se achou, porque a Inglaterra é um navio que Deus na Mancha ancorou". A França é muito pequena "para conter tantos heroes". "A Terra é como um insecto, friorento, dentro da flôr azul do firmamento, cujo calix pendeu!".

E sempre assim, para falar com elle, proceloso, magnifico, divino! Com esse verbo herolico e genial fez a campanha da abolição, maior que Pedro II, que Paranhos, que Nabuco, porque falar do throno, leis preparatorias, arengas parlamentares não moveram tanto a opinião nacional, de adultos endurecidos no egoismo do interesse, como esses versos martelados em bronze, essas rimas estrelladas de pranto que se dirigiam aos adolescentes e ás mulheres, cidade e sexo da generosidade, preparando então essa aspiração nacional, — que não o era então — a abolição da escravatura — mas que viria a sel-o, de facto, dez a vinte annos depois. Os jovens brasileiros do tempo de Castro Alves e depois dello tocados da sua graça, contaminados do seu enthusiasmo liberal formaram duas decalças após, a geração dos libertadores.

Depois de servir á causa nacional, com que foi o unico poeta herolico que possuímos, ainda o genio lhe sobrou para servir á propria causa, coroando-se o maior dos nossos poetas lyricos.

Demonstrou José Otíctica, o mais lucido dos seus criticos, que delle provém e ello melhor representa a poesia genuinamente nacional, Indianista, colonial, portugueza, arcadica, classica... o que quizerem... até ahí, com os que o precederam, só com elle ella é verdadeiramente brasileira. Apenas Casomiro de Abreu e Fagundes Varella, com sinceridade, mas sem o mesmo prestigio, se approximaram dello. (*)

Pela primeira vez, a nossa natureza reflectiu-se em estrophes magnificas. (**) Contaram-me que um dia a Eça de Queiroz lêra Eduardo Prado ás Aves de arribação:

A's vezes quando o sol nas matas virgens
A fogueira das tardes acendia...

(*) JOSE' OTICTICA — Um ponto de literatura brasileira — in "Jornal do Commercio de 25 Dez. 1913 paginas 21 e 23. Neste artigo magistral o critico prova, sem delongas, que Castro Alves criou essas tres coisas que não existiam na poetica nacional antes delie: a paisagem brasileira, o estylo brasileiro, o thema social brasileiro.

As razões de meu juizo a esse respeito darei em tempo, em estudo ulterior, *Os criticos de Castro Alves*, onde ha muito ponto curioso de exegese litteraria a elucidar.

(**) Veja sobre esse passo toda a *Cachoeira de Paulo Affonso*, o mais brasileiro dos poemas nacionaes, além de estrophes e versos de toda a obra do poeta, ás vezes regionalista.

O grande artista deteve o outro, para exclamar:

— Ahí está, em dois versos, toda a poesia dos tropicos!

Nos outros, em muitos dos outros de Castro Alves está toda a poesia do Brasil. Poesia innata, vivida, sentida, não imitada dos livros lusitanos ou copiada das modas francezas, como esses versos sem poesia que tanto, e demais, por ahí encontramos. Ouvi e vereis, como se fosses, o poeta:

As nuvens ajoelhadas
 Nos claustros ermos e vão
 Passam, quaes contas douradas.
 As estrellas pelas mãos

 E as estrellas no céu scintillam languidas
 Perolas soltas de um collar sem fio...

 Que flores de ouro pelas veigas bellas!
 Foi um anjo com a mão cheia de estrellas
 Que na terra as perdeu.

 A surdina da tarde ao sol que morre lento...

 Hontem á tarde, quando o sol morria
 A natureza era um poema santo
 De cada matta a escuridão sahia
 De cada gruta rebentava um canto.
 Hontem a tarde quando o sol morria

 Estava aberta a janella... um cheiro agreste
 Exalavam as selvas da campina
 E ao longe num pedaço do horizonte
 Via-se a noite placida e divina...

Eu poderia multiplicar os exemplos. Se em vez dos quadros da natureza, interrogarmos a elevação do pensamento, ficamos espantados dessa facilidade do concerto philosophico que nos mostra um mundo interior tão formoso quanto o outro que via cá fóra o poeta. O genio é como Ahasverus:

Invejado a invejar os invejosos.

 E sempre a caminhar, sempre a seguir
 Mas quando a terra diz — elle não morre
 Responde o desgraçado — eu não vivi!

 (Porque eu sei que o filho torpe
 Faz o morto soluçar...)

 O seculo — traça que medra
 Nos livros feitos de pedra
 Roe o marmore, cruel
 O tempo — Attila invisivel

Quebra com a pata insensível
 Sarkofago e capitel

 Oh! jardim solitario. Reliquia do passado
 Minh'alma, como tu, é um parque abandonado
 Fala-me o teu silencio — ouço-te a solidão

 Natureza eu voltel — eu sou teu filho!

Quereis mais? Nenhum dos nossos poetas exprimiu o amor, não o amor-convenção, mas o amor amado, sentido, soffrido, melhor do que elle:

No seio da mulher ha tanto aroma!
 Nos seus beljos de fogo ha tanta vida!...

 Sta vasio o nosso leito ...
 Stà vasio o mundo inteiro...

 Sem Ella o que é a vida?

 Mulher do meu amor! Quando aos meus beljos,
 Treme tua alma como a lyra ao vento'
 Das tecias de teu seio que harmonias
 Que escaias de suspiros bebo attento!
 Ai! canta a cavatina do delirio,
 Ri, suspira, soluça, anseia e chora
 Marion! Marion! E' noite ainda
 Que importa os raios de uma nova aurora.
 Como um negro e sombrio firmamento
 Sobre mim desenrola o teu cabelo...
 E deixa-me dormir balbuçando
 Boa-noite! Formosa Consuelo!...

Para comprehender esse prodigio de expressão das scenas da natureza, da elevação do pensamento, das intimidades do coração, em um rapaz que viveu apenas vinte e quatro annos num terço dos quaes realisou essa obra maravilhosa que ainda agora nos commove e nos enthusiasma, pensel que a belleza e o genio com que nasceu e se lhe desenvolveram no seu ninho, tiveram sua eclosão e sua maturidade apressados pelo amor com que viveu, gosou e soffreu, como se tivesse longa vida, o esforço de sobra para lhe traduzir fielmente os encantos e as maguas.

Foi só por isso, para vos proclamar uma, que eu quiz por miudo por dizer a outra, que a explica, e a faz comprehender, que vos entretive aqui sobre a Paixão e a Gloria do Castro Alves.

AFRANIO PEIXOTO

PADRE JOSÉ MAURICIO ⁽¹⁾

Foi na festa do "Centenário das Artes no Brasil" que, no ouvir uma symphonía do Padre José Mauricio, eu senti acordar em minha intelligencia, uma viva curiosidade por esse autor, cujo nome todos nós conhecemos, mas cujas obras todos nós ignoramos.

No salão resplandecente da Escola Nacional de Bellas-Artes a música admiravel evocava a figura alta e modesta do nosso maestro, com a sua batina surrada de padre philosopho, as grandes mãos inquietas, como as de todos os nervosos, seguindo o rythmo da orchestra, e o longo rosto escuro, de larga fronte e olhos pe-

netrantes, voltado para o vacío, que é onde os artistas sentem preluzir a futura comprehensão da sua obra...



Por entre os festões de rosas brancas e o esplendor das luzes que nessa noite memoravel interromplam o somno do Palacio das Artes do Rio de Janeiro, a sombra negra do triste musico, surgido das ondas das suas proprias harmonias, passava como um espectro attraente dos que souberam em vida estrelejar a terra de pensamentos nobres e inspiradores. Reviviam nesses instantes evocativos, os seus compridos dias de desesperança e soffrimento, e os seus curtos dias de felicidade imperfeita; desde

aquelles em que, ainda muito moço, na ancía de um estudo incompleto e insufficiente procurava segurar com os dedos ávidos a Arto

(*) Conferencia realisada a 3 de Novembro de 1917, na Sociedade de Cultura Artistica, S. Paulo.

esquiva, até as mais brilhantes horas a sua existencia, quando nos salões doirados do Palácio real, D. João VI, entre o oratório e o cravo, o ouvia commovido e em extase...

Desejando proíongar, cultivar mesmo, a sensação delicada de ir, atravez do Tempo, ao encontro desse interessante vulto histórico, pensei em procura-lo ainda na lembrança da nossa cidade estonteada. Mas os grandes centros americanos desconhecem ainda o gozo de conservar vestígios das épocas mortas e dos seus homens extraordinários, arte encantadora, que sabe guardar algo da vida dos que morreram, como certas rosas que, mesmo depois de murchas e longo tempo guardadas, ainda conservam e desprendem das pétalas ressequidas um aroma suave... Desse modo, no Palácio dos Reis, que o padre José Maurício encheu com o tumulto do seu sentimento e a poesia da sua música, nada existe hoje que o faça lembrado. Tudo ali é diverso: em vez do mobiliário tradicional, em que a convivência das magestades tivesse imprimido um quê de sua própria feição, esse caracter especial que mesmo as cousas inertes adquirem na intimidade dos indivíduos de forte personalidade, ha só hoje frias estantes de muséu, vidraças uniformes em que as pedras preciosas ainda não lapidadas escondem dentro de si o fogo inquieto da sua alma imperiosa, e que, na envolveria do cheiro da naphalina, figuram, hirtões e catalogados, os mais variados productos da fauna e da flora brasileiras.

Decididamente, seria melhor procurar a sombra de José Maurício fóra de portas, errando ao acaso dos passos por alguma das nossas noites de verão, em que o ar veludoso guarda, com o cheiro dos manacás, o fremito das ultimas cigarras, e em que o ritorneio das ondas nostálgicas, ineinua na gente música divinas...



Era na praça de St. Jorge, dizem as chronicas, que o povo se reunia ao sol-posto para ouvir a banda da fragata em que viera a archiduqueza, primeira imperatriz do Brasil, tocar os doze "divertimentos" compostos pelo Padre-mestro. Essa série de música constitula uma novidade para a população carioca, que até então mal conhecia, ou não conhecia mesmo, alguns instrumentos de sopro. O entusiasmo communicativo da musica estendeu-se pela cidade inteira. Toda a população se movia para ir apreciála. Os homens, com a pitada de rapé entre os dedos suspensos, dilatavam os ouvidos, á escuta; as mulheres, de braços nús, rosas no cabelo empomadado, e coraes no pescoço e nos pulsos, abafavam o ruge-ruge das saias engomadas e paralisavam os leques

abertos sôbre as rendas finas das camisas de luxo, visto que em mangas de camisa, talhada em forma discreta, se apresentavam em sua casa ou em público.

Qual das nossas praças representará hoje essa de S. Jorge, em que a alma transbordando do compositor vibrou delirantemente pela bocca dos pistons e dos clarins metallicos? O Rocio, naturalmente. Mas do Rio desse tempo o que talvez poderia ainda guardar um pouco da sua feição antiga, seria a 'velha Rua do Nuncio, hoje baptisada com o nome do musico illustre, e onde elle morou e morreu. Mas exatamento esse trecho da cidade parece agora menos brasileiro do que arménio ou turco.

Polos lagedos das calçadas formigam crianças de expressão differente das nossas; as mulheres têm outro typo, e os homens falam entre si uma linguagem estranha.

Convicta de não encontrar na confusão da nossa capital cosmopolita e sempre renovada, uma sugestão viva que me indicasse sequer algo da personalidade do nosso pobre artista, fui á Bibliotheca Nacional revolver cinzas do paginas esparsas, em sua busca. Afinal, é sempre na literatura do livro, ou do jornal, que os vultos de eleição deixam traços da sua passagem neste mundo. São ainda, e sempre, os escriptores os que zelam pelas glórias nacionais — da sua, ou de alheias artes.

Num paiz em que aos grandes vultos nacionaes fôsse reudido o devido preito, já pelo menos os conscienciosos estudos biográficos de Porto Alegre e do Visconde de Tonay sobre José Mauricio, teriam passado das respectivas revistas em que appareceram, para um pequeno volume, em edição popular de facil divulgação. Não é tão grande ainda a galeria dos nossos artistas para que deixemos dissolver-se no esquecimento a figura deste músico, que os seus biographos chamam genial, que figurou em um dos mais interessantes períodos da nossa vida nacional e que nem ao monos pôde ser aprofundado pelos estudiosos, porque a sua obra copiosa, que ficou em manuscrito, só tem verdadeiramente servido para a engorda e o gáudio das traças voracissimas.



Nasceu José Mauricio em 22 do Setembro do 1767, oito annos depois do terem sido expulsos do Brasil os jesuitas pelo grande marquez de Pombal.

Chamava-se seu pai, Apolinário Nunes Garcia; natural da Ilha do Governador freguezia de N. Senhora d'Ajuda; chamava-se sua mãe Victoria da Cruz, e era uma crioula filha do uma preta da Guiné.



Tinha José Mauricio apenas seis annos quando lhe morreu o pai. Para o amparo da sua meninice ficaram-lhe a mãe e uma tia materna, uma doce tia embaladora de inexcedível bondade, que teve uma grande preponderancia na sua vida. Entre essas duas mulheres analphabetas, que para assegurarem a sua subsistencia trabalhavam dia e noite em officios grosseiros, é que se foi incompreensivelmente desenvolvendo a intelligencia e o gosto do pequeno José, pardinho de olhar vivo e voz afinadíssima.

Dócil e sosegado de génio, elle passava horas esquecidas sentado a um canto do quarto ou na soleira da porta, fazendo violinhas com pequenas tábuas e fios elásticos arrancados das botinas, para os acompanhamentos dos seus improvisos. Nessas occasiões, por mais que os gorótos seus conhecidos o fossem desafiar para as partidas de pião na calçada, ou para o lançamento ao ar dos papagalos fascinadores, elle preferia a tudo o continuar nas suas meditações, ou ir cantar xácaras e solúas para divortir as senhôras da vizinhança. Nem sequer se inquietava se os companheiros irritados o chamassem — “pamonha” — o acabassom, como acabavam, por não contar com elle para cousa nenhuma.

Assim a distancia começou cêdo a fazer-se sentir ontro elle e os outros...

Confinado em uma casa do pobreza e do ignorancia absoluta, dir-se-lia que era o vento que lhe trazia, de longinquas o mysteriosas distancias, o segredo divino da harmonia dos sons. Desso modo aprendeu do ouvido e sósinho a tocar viola, que era o instrumento mais accessivel da época.

No seu trato rude, a familia mal teria vagar para sahidas, a não ser ao domingo para as obrigações da Igreja. E' fácil de imaginar como então o pequeno se coseria ás salas da mãe, com os olhos pasmados para os altares resplandecentes e os ouvidos sofregamente abertos para as ondas harmoniosas do orgão e das vozes das criouias e dos criouios ensinados pelos jesuitas na felteria agricola de Santa Cruz.

A intelligencia das crianças é de uma absorvoncia espantosa. Tudo que agita a atmosphora que as circunda é sorvido por ellas na avidez sem par de conheccrom a Vida e recolherem impressões, que actuarão depois na sua mocidade e ás vezes mesmo na sua idade madura. O menino voltava para casa com febro na alma, e nessas noites, ao revolver-se na sua pobre cama, é possível que a mãe o ouvisse delirar cantando baixo e em lágrimas. E assim, num far do indifferença e do miseria, desabrochou aquella vocação, maravilhosamente, como a grande nymphéa azul das agnas mortas... E era tão evidente, essa vocação, tão radiosa, que a própria mãe lincuita, a comprehendeu e a amparou! Por traz do todo o homem de génio está uma mãe admiravel, dizem os livros.

Esta, preta, analphabeta, algemada por todos os modos ás mais precárias condições da vida, e que alem de tudo fazia parte de uma sociedade, em que mesmo as mulheres de mais alta linhagem só sabiam rezar e comprehender a linguagem das flôres, como diz Oliveira Lima, se não teve inspiração senão o seu amor prophético, representa um caso de rara beleza moral na história da humanidade. Se um melo indifferente hostilisa e aniquilla mesmo as intelligencias mais esclarecidas, que animo poderá elle incutir ou que fascinação exercer em cérebros ainda entapados pela ignorancia e de mais a mais de uma raça sem tradições intellectuaes nem prevada capacidade artistica? Descendendo de africana, e portuguezes, como attestam o seu nome e a sua mestiçagem, José Mauricio herdara do ascendente branco a sua faculdade de arte criadora. Não ha, supponho, exemplo do grandes artistas ou grandes homons de sciência de pura raça negra. O filão espirital, o velo luminoso que suica as almas de poesia, é transmitido ao mestiço pelo sangue europeu. Se o nosso maestro não tivesse tido senão avós africanos, teria sido apenas um interprete, talvez apreciavel, de boa musica, como ha muitos, o do resto o mesmo homem próbo e bondoso que foi; mas a sua arte teria acabado no mesmo dia em que elle tivesse fechado os olhos para sempre. E' já assombroso qu a mãe tivesse acertado no modo de conduzir a sua educação.

Foi ella que um dia, com as mãos calejadas ainda quentes do ferro de engomar, correu a matricular seu filho na Escola do Mestre Salvador José, pardo tambem, e cujos recursos musicaes estariam talvez ainda bom longo da perfeição. Tímida, desatando do nó do lonço os oitenta réis da mensalidade, ou dois patacos, como então se dizia, e que era o preço estipulado por alumno, ella executou sem o pensar, o mais bello gesto de toda a sua existencia! E assim a criança prodigiosa, a quem a orphandade paterna talvez tivesse auxiliado na realização do seu sonho, ainda inconsciente, começou a cursar as aulas de theoria e de musica ao violão.

Era esse o instrumento mais usado no Brasil desse tempo, em que o cravo e a espineta só existiam nos salões de luxo. Em poucos annos o joven estudante sabia tanto como o mestre, e creio bem possível que ainda soubesse mais... E' que, ao arrebatamento da sua imaginação correspondia nelle uma grande lucidez de intelligencia, bem como o instincto da ordem, que lhe facilitou com certeza o estudo. A' proporção que se tornava adolescente já ao seu espirito não bastava a musica. Elle queria alargar o ralo da sua illustração, dar o pão do saber a sua fome intellectual. Bateu então á porta de um mestre régio, chamado Elias, que lhe ensinou a fundo o portuguez e o latim, materias que, com a musica eram então ensinadas nas áulas publicas.

Adquiridos uns conhecimentos elle trabalhava immediatamente para a aquisição de outros, aprendendo assim a pouco e pouco historia, philosophia e linguas, para que a claridade de outros horizontes projectasse brilho sobre a arte da sua preferencia.

Emquanto estudava, adivinhando, na emmaranhada rêde das regras de composição, o que o mestre Salvador não lhe soubesse explicar, o estudante teria tido as suas crises de desesperança, além dessas tristezas e medos de incompetência, que assaltam todos os espiritos no período mais intenso da sua formação. O ambiente ainda era novo, não tinha alma. Quaes as correntes musicaes que nelle pudessem ter favorecido o genio do joven José Mauricio?

Imaginemos!

* * *

Já na memória das cousas nada existiria das vozes dissonantes dos indígenas, quando tangendo o tamboril ou seprando em bores, trombetas feitas do bambú, elles percorriam as matas nativas afugentando as ayes de arvorêdo; ou, quando tendo amarrado a sua victima com a corda mussurama, como nos couta Vargnagen, dansavam ao redor della do axorcas de cascaveis nos artelhos e maracás em punho, dando patadas no chão, ao som da pancadaria compassada e soturna feita num tambor oblongo por velhos agachados e crianças delirantes. Sendo a musica, depois da palavra, a expressão natural do homem, o indigena não podia deixar de ter a sua. Tinha-a, tinha-a de guerra, de morto, de dansa e de glorificação; mas tão áspera e desarticulada seria a sua contextura e tão pouco impregnada de poesia a sua propria essencia, que della nada ficou ecoando por esses rochedos de beira mar nem pelos valles do interior.

Quanto maior é a incapacidade de um povo para exprimir o seu pensamento pela palavra, maior pareceria dever ser nello a necessidade de cantar, porque dos tres rythmos a que obodece a voz humana o rythmo da prosa o rythmo do verso o o rythmo da musica, é este o mais propicio á expansão dos sentimentos instinctivos da alegria ou da tristeza. Está entretanto verificado que não é assim, porque os povos que menos falam são tambem os que menos cantam, e quando o fazem as suas vozes têm maior estridência e monotonia do que verdadeiramente ebriedade e paixão.

Por isso, talvez, nada ficou no Brazil das suas sonancias primitivas.

Vieram depois as caravelas portuguezas singrando águas virgens e batendo no ar as azas palpitantes das suas volas brancas

e logo pelos areiaes das praias, a maruja, "bebendo o leite azul" do luar tropical, encheu o espaço atónito com as suas modas, os seus soláus e as suas serranllhas, em que a emoção sentimental da raça glorificava as estrellas de outro hemispherio...

A essas cantigas de carlho e simpleza, seguiram-se os canticos dos missionarios, os hymnos com que os jesuitas arrebanhavam gentios, atrahindo-os, docemente, irresistivelmente, como a flauta do pastor atrahi as viboras do monte. Padre Navarro compôz e escreveu então musicas e versos em lingua tupy; e Anchieta, com as suas mãos pallidas o esguias, imitou-lhe o gesto, acenando ás crianças selvagens que o seguissem cantando por selva a dentro! E em pouco tempo, toda a floresta se embevecia, transpassada pela religiosidade dessas lóas sagradas, cheias de unção. Foram ellas que fizeram cahir da mão agil do indigena a flexa e o tacape guerreiro e que o ensinaram a erguer os olhos para a cupula do céu, numa interrogação esperançosa...

Já de ha muito não se ouvia o som da Cangoelra, flauta indigena talhada em ossos de inimigos mortos, quando á doçura vencedora deixada pelos hymnos sacros, e á indole amorosa e clara da musica portugueza se vieram juntar os batuques onomatopáicos e monotonos dos africanos. Por muito tempo essa musica sourna, de que só de longe em longe se evolava, num vôo medroso, uma pequena phrase melodica, prolongou entre nós a sua amargura nativa e cansada; e tanto a prolougou que ainda hoje nas festas do entrudo é o rythmo compassado do samba que serve de acompanhamento ao estridor desenfreado das turbas carnavalescas. Desse modo, creio, foram a musica popular portugueza; a musica lithurgica, e a musica africana, as tres primeiras sonoridades harmonicas que vieram substituir nas plagas do Brazil a estridencia fanhosa das buzinas de bambú e o rumor atrevido dos "curuquis", tambores feltos com madeira ôca.

Tinha sido esse o preparo do ambiente para a aceitação das escolas scientificas da Arte Italiana e Allemã, que a gente das capitánias e depois as familias dos governadores trouxeram comsigo.

Comprehendendo quanto a musica alivia pesares e aligeira o esforço dos trabalhadores ruraes, ao mesmo tempo que desperta nos templos a religiosidade dos devotos, iniciaram os atlados Jesuitas-o seu ensino e prática na sua fazenda de Santa Cruz, onde faziam os escravos cantar e tocar vários instrumentos para o serviço da Capela. Seria essa naturalmente uma escola muito rudimentar, de accôrdo com a intelligencia completamente inculta dos discipulos, incapazes naturalmente de apprender certas rogras, mesmo da mais facil theoria musical; mas tal era a habilidade dos mestres e taes as disposições naturaes de ouvido, afiução, e voz dos erlouios que essa Escola conseguiu criar discipulos de



certo merecimento e diffundir o gosto pela musica, principalmente — ou exclusivamente — pela musica.

Quando José Maurício começou a sentir a sêde da arte, o seu refúgio natural, a sua fonte consoladora compreende-se que as achasse na Igreja, — onde as composições do Padre Manoel da Silva Rosa, o primeiro musico brasileiro, chronologicamente falando, lhe serviram de estimulo, se bem que os seus biographos affirmem que esse compositor em nada influiu na sua educação musical. Mas se de facto o padre Rosa mereceu os elogios que lhe fizeram esses mesmos historiadores, é justo suppôr que a sua arte tenha de algum modo, mesmo que indirecto, animado a de José Maurício...

Era no templo, entre os vapores aromáticos do insenso e os canticos de Palestrina e Cimarosa, que a alma de poeta que havia em José Maurício se ia ampliando e criando vigor para o vôo em que se deveria lançar mais tarde. Elle não ia á Egreja para rezar, nem só em obediência á vontade materna; ia para ouvir música! A música foi a verdadeira religião do seu espirito, a Nossa Senhora Inmaculada, ante a qual e ajoelhou a vida inteira num extase sublime e arrebatado. Ella, mais do que o prestigio que o presbyteriato tinha nessa época de grande poderio monacal, mais do que a fé nos dogmas do catholicismo, mais do que tudo, o attrahiu para o serviço divino, porque só ella lhe enchia a imaginação de sonhos transcendentos e o fazia vibrar de enthusiasmo...

Disse alguém que "a arte, como a magia, é uma metaphysica practica"; e em nenhuma os efeitos sobrenaturaes, que transportam os individuos ao setimo céu do gozo, são tão evidentes nem tão arrebatadores como na musica; por isso o filho da humilde crioula engomadeira, ajoelhado nas duras lages da nave, julgava-se pairado entre as mais altas nuvens...

* * *

Era ainda muito moço quando, percebendo ter já capacidade para ensinar o por esse méio ganhar a vida, José Maurício começou a dar lições, a uns por dinheiro, quo bem pouco seria, a outros por amor da sua arte o piedade da pobreza. Era um motivo do júbilo para elle, esse trabalho, com que procurava manter a familia, recompensando a mãe e a tia dos seus árduos labores e sacrificios passados, e em que disseminava ao mesmo tempo pela sua cidade agreste e inculta, a semente do gosto pela música...

Sem meios para comprar um cravo, mesmo já usado, para a sua sala desguarnecida, servia-se o esforçado mestre na sua aula, para exemplificação do ensino, do mesmo instrumento de que se servira o seu mestre Salvador: uma viola de cordas metálicas.



Apezar de todas as luctas, o seu orgulho de homem e de artista começava a sentir-se satisfeito. Methodisava o trabalho, compunha, ensinava, e, pouco a pouco, transformava o seu lar desconfortado, em um recanto attrahente e carinhoso.

Mas a felicidade não foi inventada para os pobres, e por isso, numa formosa manhã do ano 1790, manhã certamente de calor e de moscas, coisas que nesse tempo eram inseparaveis do Rio de Janeiro, lhe morreu a querida tia embaladora, a sua segunda mãe, deixando-o profundamente amargurado e saudoso.

Tendo vivido sempre dentro do amoroso e apertado círculo de uma família já de si pequena, a falta dessa bondosa criatura abriu deante d'elle um vazlo de deserto. Confidente talvez das suas aspirações e das suas angustias, ella fôra inconscientemente o apoio moral nas suas indecisões e nos seus temores, a doce alma feminina cuja sensibilidade é tão grata ao soffrimento dos artistas. A pungência desse golpe docidiu-o a tomar ordens; e para isso um negociante amigo fez-lhe doação de um prédio, o que lhe facilitou a entrada na carreira ecclesiastica. Constitua esse predio o dote exigido pela Igreja no sábio intuito de, obrigando os pobres a possuirem alguns bens, faze-los praticar o sacerdócio nobre e desinteressadamente.

Tinha José Mauricio vinte e cinco annos e já uma vasta erudição musical quando onvergou as vestes talares e disse a sua primeira missa. Nessa manhã, envolvido na meia sombra do corpo da Igreja, com os dorlidos joelhos no chão duro e as mãos enciavinhadas no ardor da oração, uma pobre e humilde crioula assistia ao officio divino como se elle fôra ministrado pelo proprio Christo!

Menos preocupado com as exigencias materiaes da vida, podia agora o Padre José Mauricio abrir mais facilmente a válvula á sua imaginação torrentosa, deixando-a arrastar livremente os motivos, sempre renovados, da sua música. Como o padre Assunção, do romance "A Intrusa", tambem elle comprehendia que nonhumana arte pode ser tão apropriada á prática de um sacerdote como essa, que um escriptor francez (1) chamou — "perfume sonóro das idéas" — e que Madame de Staël com maior propriedade donominou — "architectura dos sons" — e que resume, na fórma a mais abstracta e mais sensível, toda a agitação do sentimento humano.

Padre e músico, José Mauricio parecia fazer das suas duas profissões uma só: orava cantando e compunha rezando. Na grandiosidade dos seus cantos litúrgicos devia sentir-se a palpitação de um coração de homem sacudido pelas tempestades da vida terrena; deveria sentir-se isso que fez dizer a Alfred de Musset:

(1) Dubufe.

"Les chants désespérés sont les chants les plus beaux
Et j'en sais d'immortels qui sont des purs sanglots".

No recolhimento religioso da sua alma, José Maurício olhava para a arte como para uma Virgem, recamada de ouro byzantino e toda estrelada de pedrarias coruscantes, de que só transparecia o brilho sob os véus de etherea castidade. Maravilhosamente triste, dessa tristeza que se traduz em poesia e em heziza, e que é fecunda, porque é inspiradora, ella apontava-lhe o céu, onde se refugiara o seu amor de criança e a sua saudade de homem...

O desejo de clariar e de compôr igualava nelle o de lêr e de estudar. Recolhido á noite dos seus deveres de ecclesiastico e de professor, accendia tranquillamente a sua lampada e folheava até horas mortas livros e partituras dos grandes mestres allemães, haurindo delles, como diz Taunay, a enorgia polyphonica e a valente contextura da sua musica.

Diz-se hia então que as palavras do seu hreviário eram compostas por minúsculas e semibreves. Elle via tudo atravez da musica. As suas composições exprimiam uma luta viril contra a banalidade; havia nellas tanto de elegiaco como de humano; havia a luta do animal vivo com a irreallidade sonhada, um quê de monte rochoso e de balanço de nuvem...

E nada fleou dlto sóhre a sua manobra de compôr.

Bethoven e Wagner concebiam as suas musicas como Guerra Junqueiro os seus poemas: — andando e gesticulando, em lidas e vludas, ora sobre a alcatifa das salas, ora sóhre a urzo das charneiras.

Pela indole das suas obras diz-se-hia que as do padre José Maurício eram compostas de joelhos, nas horas em que a Igreja deserta aeolhia melhor a sua alma de sonhador, ou em frente ao modesto oratório da sua casa da Rua do Núnculo, que a mão floria eandidamente do sempre-vivas e do alicerim ehelroso. Assim, clérigo, latinista, philosopho e prégador, elle era o fol sempre principalmento—musico; e na bondade do seu coração aehava ainda forças para ensinar gratuitamente o povo. Na sua casa da Rua das Marrecas, antiga das Bellas Noltos, aeolhia generosamente os discípulos, na idéa de que entre elles alguns, ou algum haveria cuja triste infancia tivesse analogia com a sua...

Dessa Escola, que manteve heroleamento por largos annos, sahiram, cutre mais alguns compositores de merito, o musico Francisco Manuel da Silva, o Inspirado autor do Hymno Nacional. Se o padre José Maurício não houvera existido ou não houvera dlffundido o ensino da musica tão llboral e patriotleamente, talvez que Francisco Manuel não tivesse chegado a comprehender as suas proprias qualidades musicaes, e na tristeza de Ignoral-as não nos tivesse deixado o legado que deixou.

Apezar da modestia natural do seu caracter e da prodigiosa capacidade de trabalho de que era dotado e que o trazia sempre distraido, o glorioso padre-mestre, sentindo em torno do seu talento a indiferença glacial de um público sem gosto nem compreensão artistica, é bem possível que principiasse a soffrer de certo enfado pela existência... O enfado do isolamento!

* * *

Chegou porém um dia em que factos inesperados vieram alterar em absoluto o modo de ser da vida brasileira. O Principe Regente, depois D. João VI, desembarcava com a sua real familia e fuzida corte nas plagas do Rio de Janeiro.

Era no verão; o sol de Março chispava fulgurantemente nas ramagens dos pluvias de seda dos sacerdotes alinhados no caes, e no ouro dos thuribulos, com que os noviços insensaram as magestades ao ve-las saltar da galeota para a terra firme. O povo enchia as ruas de curiosidade e de alegria. Repicavam os sinos estrídula o festivamente, e flores e folhas atapetavam o chão por onde o cortejo passava, a caminho da Egreja e do Paço.

Ia começar uma era nova; uma era feliz.

* * *

Feito de contradicções, D. João era um homem intelligente, progressista, espirituoso, ao mesmo tempo que bonachão e beato. Tendo de guardar as conveniências de uma individualidade á parte, elle só desabafava na confidencia da oração os seus desesperos de filho de louca e de marido atormentado. Fazendo, com a sua apparencia de indolente, a obra grandiosa da organização de um paiz; sabendo escolher os seus ministros — tacto politico de quem dispõe de uma psychologia fina e meditada; e sabendo ainda melhor aproveitar as occasiões apropriadas para os impulsos de iniciativas difficeis de pôr em acção; elle tinha gestos abstractos, interrompidos materialmente pela intercorrência de idéas e de cuidados superiores...

Para a agitação intellectual e moral em que forçosamente vivia, só encontrava o príncipe refrigerio e consolo na música, que adorava, como todos os Braganças. Grande conhecedor da arte de Palestrina e das práticas do cuito, ia frequentemente a missas cantadas e a "Te-Deums" ajudar o cantochão. Uma vez, na Cathedral, impressionado pelos accordes de uma musica nova, desconhecida para ele, pousou as suas bonitas mãos brancas e polpudas sobre o

acolchoado de seda carmezim da tribuna real, e voltou os olhos atônitos para o côro. Um maestro parde, alto, de fronte larga, regia admiravelmente a orquestra e o côro de vezes bem escolhidas. Acabado o officio quiz D. João communicar-lhe a deliciosa impressão que a sua musica lhe produzira e mandou-o chamar. Se o individuo modesto, humilde mesmo que era José Mauricio, estremeceu de confusão pela deferência do príncipe, e seu orgulho de artista, que era nelle grande e legitimo, exultou! A apresentação estava feita, e pela melhor maneira. Desde esse momento o maestro começou a ser indispensavel ao rei.

Foi então nomeado mestre de capella da Cathedral, com o ordenado de seiscentos mil réis annuaes, o que não era mesquinho naquelle tempo, em que uma libra de assucar custava deis vintens e um frange alentado oitenta réis.

Vendo a sua subsistencia assegurada, José Mauricio começou a trabalhar com enthusiasmo e a produzir leuca e febrilmente. Emfim! havia alguem em que o seu sentimento repercutia, a quem a sua commoção inebriava! Desde então D. João VI foi todo o seu publico, todo o seu estimulo. E elle era insaciavel, o príncipe! a cada composição ouvida, podia logo outra, na certeza de que conhecia o seu homem, e previa tude quanto elle podia dar. E o repentista furo, estimulade pelo applause real, vibrando ao delicioso frémito da inspiração, escrevia originaes novos para cada sessão a que ia no Paço, e compunha em vinte dias a sua famosa missa — “A Degolação de S. João Baptista”; e escrevia tambem em prazo precipitado a sua opera para o Theatro de S. João — “Le due Gemello”. — Os seus autores queridos eram Beethoven, Haydn e Mozart, a divina triade da musica. Essa preferencia, demonstrativa do seu bom gosto, é tambem reveladera de independência de character artistico, pois naquelle tempo era o amor á escola italiana o que imperava na sociedade de que elle fazia parte, e á qual fisegearia se transigisse de algum medo com a sua maneira de sentir... Mas elle não era valdese, era sincero; não escrevia para os outros, mas para si mesmo, como todo o artista verdadeiro. Repellido sugestões de outras músicas e de uma roda de amigos mal orientados, elle revelava-se assim um espirito de eleição, sem nada de banal.

Era um espontaneo, sim, mas um espontaneo que sabia apurar na arte as exuberancias das sua espontaneidade, moderando-lhes os impetes, dando-lhes cohesão, na pureza de uma contextura rigorosa, sem entretanto lhes tirar a frescura nem a graça primitiva.

Nos salões do Palácio, entre os setins roçagantes da estonteada D. Carleta Joaquina e o lamentoso uivar da “Rainha Triste” elle se sentia como em um mundo diversos, em missão misericordiosa...

Eram os accordes das suas grandes mãos escuras no pallido teclado ingiez do piano do Paço real que apaziguavam o peito aliançado do Príncipe Regente.

Depois de amargas e impertinentes discussões, enquanto pelas alamêdas do parque ou pelas ruas esburacadas da cidade gaiopava a toda a brida a fogosa princeza, D. João VI, pálido, silencioso, mãos cruzadas sobre a seda do colete que o ventre arredondava, lábio pendente, olhos semi-cerrados, ficava-se a ouvir enternecidamente, religiosamente, as harmonias do autor mestiço, longe das intrigas da côrte, alheado dos tormentos da sua vida, tão agitada no scenario politico como no scenario domestico.

*
* *

Se outros lá fora, e mesmo dentro do Paço, motejavam por inveja ou preconceito de raça do pianista de côr, sua alteza sentia por elle amizade e admiração crescente.

Talvez porque lhe tivessem chegado aos ouvidos alguns concertos desagradaveis ao maestro, oite aproveitou o primeiro e melhor ensejo para lhe dar testemunho publico do alto preço em que o tinha. Para essa prova escolheu uma hora em que os salões do Paço estavam repletos de fidalgos e de cortezãos e pediu a José Mauricio que improvisasse ao piano. Era uma noite de festa, uma dessas noites suggestivas, que transmittem á imaginação de um artista facilidades mais vivas de expressão. De tal modo José Mauricio se sentiu electrizado e tocou, que ao ouvir-lhe a última nota o Príncipe ergueu-se, todo a vibrar do entusiasmo, o foi tirar do peito de um fidalgo, o visconde de Villa da Rainha a commenda de Christo que em seguida pregou no do maestro. Houve um momento de silencio na sala estupefacta. O infante D. Pedro applaudiu o gesto, com um olhar de moço entusiasta e D. Cariota Joaquina repençou nos dedos impacientes as varetas de madrepérola do seu leque hespanhol...

Nessa noite José Mauricio entrou em casa a arder na febre do onthusiasmo e foi acordar a mãe que dormia. Quando a pobre criouia abriu os seus cançados olhinhos de velha e viu reluzir sobre o peito do filho aquella estreita rutilante, rompeu a chorar de felicidade e de orgulho...

Estabelecida a côrte no Rio de Janeiro, foram chamados ao Brasil alguns maestros europeus. Com a colónia artistica dirigida por Lebreton para fundar a Escola de Bellas-Artes veiu para professor de música o maestro alemão Segismundo Neukom, homem de muita competencia profissional e que tendo ouvido o Padre



José Mauricio declarou considera-lo — “o maior repentista do mundo”.

Essa expontaneidade foi tambem apreciada pelo maestro Marcos Portugal, a quem os biographos de José Mauricio se referem com injustificada antipathia pelo motivo de ter havido entre ambos os maestros certas rivaldades artisticas...

Entretanto essa circumstancia só poderia ser lisongeira ao maestro mestiço porque Marcos Portugal trazia já da Europa um nome feito e considerado. Auctor de mais de quarenta operas applaudidas pelas principaes plateas do mundo, elle era tão notavel que fôra eleito sócio correspondente do Instituto de França por indicação dos grandes compositores Lesueur, Monsigny e Mehul, que o tinham na conta do um dos homens “que mais serviços prestaram ás artes”. Pessoa culta, viajada, de modos naturalmente muito diversos daquelles a que o nosso povo estaria então acostumado, viu levantar-se contra si certas prevenções.

Começou assim com elle a rivaldade para o talento de José Mauricio. A manifesta preferéncia de D. João VI por este, suscitou no publico a criação de partidos. Houve com isso uma illusão de inimizade entre os maestros; illusão apenas, quo o tempo desfez, porque acabaram amigos.

A maior parte das vezes, a ogeriza notada entre certos individuos é méramente originada por insinuações de terceiros, que por inveja ou por outro qualquer sentimento, dos infinitos que o coração humano cria o alimenta, açulam ódios ou malquerenças...

Marcos Portugal morreu pobre, amparado pela marquesa de Aguiar.

*

* *

Com a volta de D. João VI a Portugal, esmoreceu o estro de José Mauricio. Foi pena quo o grande Rei o não tivesse levado consigo. Lá, o espirito impressõnavei do artista encontraria um meio mais propicio ao desenvolvimento do seu trabalho, e uns baifejos nunca antes sonhados para os seus ideacs.

Bastaria para isso sentir o seu pensamento unificar-se á grandozza das architecturas historicas, quando sob as abobadas dos vastos mosteiros e cathedraes fizesse soar a sua musica sacra. Mas, ou porque o Rei o não tivesse convidado, o que não pôde parecer provavel a ninguem, ou porque elle mesmo, preso talvez por novas afeições especiaes não quizesse ter ido, o caso é que aqui ficou na banalidade de uma vida sem entusiasmo nem emoções artisticas, entrando logo a entristecer-se e desiludir-se...

A sua música não era a da índole do Rei novo, D. Pedro I, moço arrebatado, destro, airoso, amigo do exercícius physicos e cuja educação musical tinha sido feito pelo maestro allemão Segismundo Neukom, — porque tambem elle, D. Pedro I era compositor musical de certo merecimento. Embora não morresse de amores pelas profundezas do cantochão, nem fosse de índole a se impressionar com o mysticismo dos canticos religiosos, escrevera uma missa e, além do Hymno da Independencia, que todos conhecemos, compuzera tambem uma symphonia de grande orchestra, uma opera em portuguez cuja abertura foi executada num grande concerto do Theatro Italiano de Paris, no mez de Novembro de 1832, com outros trechos seus, citados por Fetto, segundo notifica a Grande Encyclopedia.

A nova Era trazia assim outras idéas, e outros hábitos, e gostos. Passavam-se agora os dias sem que o Padre José Maurício subisse as escadarias do Paço, e fôsse acariciar com os seus fortes dedos escuros o teclado inglez do esplêndido piano, de que o Rei moço tirava sonoridades differentes e profanas. Sem deixar de trabalhar, o Padre José Maurício sentia, desanimado, que a sua música se enfraquecia, entrava na desesperadora phase da decadencia; escreveu, por desenfado, algumas peças de estylo italiano, mas não o animou a experiencia.

Oh, os bons tempos que iam desaparecendo na vertigem das horas enigmáticas!

Com D. João VI, elle sentia faltar-lhe todo um publico; e um artista a quem falte o público é como nm navio a que falte calado sufficiente: — encalha.

Já com o passo tardo e a mão frouxa, José Maurício continuava sempre a espargir em torno de si a sementeira próvida e gratuita das lições de musica, e tão proficua foi ella, que tornou o Rio de Janeiro, no dizer de um dos seus biographos, na — cidade dos pianos. — Esse era o seu modo de accender luzes no altar em que a Arte lhe sorria, como uma Nossa Senhora de belleza humilde...

*

* *

No mesmo dia em que a Rainha louca, D. Maria I, descansava do seu soffrimento cerrando os olhos á vida, morria placidamente entre os braços do filho, e já veihinha, a bondosa crioula da Guiné a quem coube a glória de ser mãe de José Maurício. A' dor profunda dessa perda deu elle desabafo escrevendo a "Missa de Requiem" para os funeraes da soberana, obra que passa por ser

a mais bella entre todas as que escreveu, porque a traspassou talvez com as suas próprias lágrimas... Desde então o padre José Maurício podia dizer como o poeta Alfred de Vigny — “Sempre a mesma vida; deixo a doença pelo desgosto e o desgosto pela doença”. — Num dia de melhor saúde, sahindo de casa elle caminhou para a Igreja com a idéa de ir tocar órgão; mas logo á porta do templo estacou a ouvir extasiado uma linda música que se tocava lá dentro. Uma expressão de verdadeiro gozo espirital espalhava-se pelo seu longo rosto, que a idade avançada ou a sombra de tantos trabalhos e desgostos, tornava mais escuro.

Um dos seus antigos discipulos aproximou-se ao vélo e cumprimentou-o, e elle por unica resposta perguntou-lhe:

- Quo musica é esta?
- E' sua, Padre-Mestre, pois não se lembra?
- Minha? mas quando a escrevi eu?...
- No tempo do Rei velho.
- Ah...

A ovocação de D. João VI encheu de lágrimas os olhos do maestro e elle murmurou a meia voz, commoivamente:

— Naquelles tempos, quando me assentava á mesa para trabalhar, eu via deante de mim a figura de El-Rei, e tinha nos meus ouvidos uma orchestra immensa o prodigiosa! Muitas noites não pude dormir porque essa orchestra me acompanhava, o oratái o seu effeito que não conseguia fechar os olhos...

“Por desgraça nunca pude escrever fielmente aquillo que ouvia...”

E depois, com fingida resignação:

“Hoje, só oiço o cantar dos grillos, os meus gémidos, e o gannir dos cães, que me entristecem e mo incomodam...”

E nesse desconsôlo, mas sempre trabalhando, sempre fazendo as suas notas diarias com quo methodizava o commentava a vida, ou procurava talvez disfarçar a dolorosa melancolia da decadencia, elle resistiu até que, numa manhã do Abril de 1830, adormeceu para sempre... Morreu ouvindo talvez os sons longínquos e intraduzíveis daquella orchestra immensa e prodigiosa, a que alludira tão saudosamente. Amortalhou-o o filho, filho nascido não sei do que amor, a que não ha referencias na sua historia: talvez pola certeza de que em verdade elle só amou a uma noiva e só quiz profundamente a uma amante: a — Arte! E tanto que para a sepultura não levou as suas vestes talares de sacerdote, mas aquellas com que em casa escrevia as suas composições: — calças o Jaquetão de seda roxa, e não sei se por travesseiro não lhe teriam posto sob a cabeça alguns dos seus manuscritos...

*

* *

Estas linhas em que procurei esboçar a figura modesta do Padre José Maurício, não têm pretensões a biographia; representam apenas uma reverência de gratidão ao artista que tão apaixonadamente se esforçou para legar á sua terra um espolio glorioso, e um incentivo para quem possa ainda juntar pelo menos algumas das suas páginas esparsas, e as faça imprimir, e reviver!

JULIA LOPES DE ALMEIDA.



POESIA

SIMPLICIDADE, FELICIDADE...

Simplicidade, simplicidade...

*Ser como as rosas, o céu sem fim,
a árvore, o rio... Porque não ha-de
ser toda a gente também assim?*

*Ser como as rosas — bocas vermelhas
que não disseram nunca a ninguém
que têm perfumes... Mas as abelhas
e os homens sabem o que elas têm.*

*Ser como o espaço, que é azul de longe,
de perto é nada. Mas quem o vê
— árvore, ou ave, ou olhar de monge —
busca-o, sem mesmo saber porque.*

*Ser como o rio, cheio de graça,
que move o moinho, dá vida ao lar,
fecunda as terras e, rindo, passa
tão descuidado, sempre a cantar...*

*Ou ser como a árvore — aos lavradores
dá lenha e fruto, dá sombra e paz;
dá ninho às aves, ao insecto flores...
Mas nada sabe do bem que faz!*

*Felicidade — sonho sombrio!
Feliz é o simples que sabe ser
como o ar, as rosas, a árvore, o rio:
simples, mas simples sem o saber!*

AS ARVORES DA RUA

*Que tristes arvores, coitadas!
Eu tenho tanta pena dellas!
Doentes, rachiticas, plantadas
em longas linhas parallelas...
Que tristes arvores, coitadas!
O' minhas verdes exiladas!*

*Crescer allí sem liberdade,
no alinhamento de uma rua;
sentir a vida da cidade
e não poder viver a sua!
Crescer allí sem liberdade...
Moças, mas — ah! — sem mocidade!*

*Si conseguissem ir mais alto!
Mas sentem presas as raizes
sob a pressão quente do asphalto.
Ellas seriam tão felizes
si conseguissem ir mais alto,
galgar, tomar o céu de assalto!*

*Cortam-lhes galhos, coitadinhas;
nem lhes dão tempo de floril-os!
Fazem-n'as todas eguacsinhas,
como as meninas dos asylos...
Cortam-lhes galhos, coitadinhas,
e ellas parecem orphãsinhas... -*

*Ninguem lhes quer, nem as entende;
ninguem procura a sua sombra;
nem a seus pés nunca se estende
o verde fresco de uma alfombra...
Ninguem lhes quer nem as entende:
ah! só minha alma as comprehende!*

*Nas suas ramas pensativas
nunca se esconde o amor de um ninho,
nem borboletas fugitivas
vôam, nem canta um passarinho...
Das suas ramas pensativas,
porque fugis, aves furtivas?*

*Quando o luar tem tons de prata,
nas pobres arvores da rua
nunca ninguem gravou a data
de um beijo... Apenas quando ha lua,
quando o luar tem tons de prata,
sob ellas chora a serenata...*

*Si geme, em tardes mysteriosas,
o harmonium mystico do vento,
ellas se benzem, religiosas,
na solidão do alinhamento.
Si geme, em tardes mysteriosas,
o vento, benzem-se medrosas...*

*Parceem freiras cochichando
nos corredores dos mosteiros,
com suas toucas brancas, quando
ha névoas no ar... Quando ha nevoceros,
parecem freiras cochichando,
parecem monjas desfilando...*

*Que tristes arvores, coitadas!
Eu tenho tanta pena dellas!
Doentes, rachiticas, plantadas
em longas linhas parallelas...
Que tristes arvores, coitadas!
O' minhas verdes exiladas!*

*Na Via Sacra desta vida,
tambem ha tanta creatura
plantada em linha aborrecida...
Por esta Rua da Amargura,
na Via Sacra desta vida,
vive tanta arvore esquecida!*

PELAS ESTRADAS SILENCIOSAS...

*Pelas estradas silenciosas,
andam sonhando os namorados...
Cantam os anjos debruçados
no céu; na terra abrem-se as rosas...
Andam sonhando os namorados,
pelas estradas silenciosas...*

O' namorados, cautela,
 que os anjos pódem chorar!
 O' namorados, cautela,
 que as rosas pódem murchar...

Pelo silencio das estradas,
 beijam-se os noivos, ao sol-posto...
 Timida, a tarde esconde o rosto,
 e as nuvens, no alto, estão coradas...
 Beijam-se os noivos, ao sol-posto,
 pelo silencio das estradas...

Cuidado, noivos, cuidado,
 que as nuvens vos pódem vêr!
 Cuidado, noivos, cuidado
 que a tarde póde soffrer!

Pelo socego dos caminhos,
 os namorados vão chorando...
 Piscam estrellas, namorando;
 cheios de paz, dormem os ninhos...
 Os namorados vão chorando,
 pelo socego dos caminhos...

O' noivos, chorae mais baixo,
 que as estrellas pódem rir...
 O' noivos, chorae mais baixo,
 que os ninhos pódem sorrir...

MORTE

Si ella tiver que vir, que venha ao menos
 num domingo de sol;
 que a manhã seja clara, os céos serenos,
 bem alvo o meu lençol!

Alvissimo, da côr das cousas puras:
 eu gosto dessa côr.
 Detesto o negro, o luto, as amarguras,
 a tristeza... Que horror!

Que os sinos cantem, nessa madrugada,
bem altos: dlon! dlin! dlan!
E passe muita gente endomingada,
no ar fresco da manhã!

Vestidos velhos, de limpeza extrema,
em que o tempo veloz
guarda as dobras e o cheiro de alfazema
das arcas dos avós...

Que perpassem, de leve, nas calçadas,
com muita devoção,
creancinhas saudáveis e enfeitadas,
que vêm da comunhão...

Que desfilem na rua as orpházinhas
de olhar casto e imbecil,
nas suas sáias muito engomadinhas,
carregadas de anil!

E que as boas velhinhas, escutando
os sinos: dlon! dlin! dlan!
passem muito felizes, tropeçando
nos seus chales de lã!

Que haja sol, que haja luz, que haja alegria
no dia em que ella vier,
porque a terra terá, doce e macia,
um calor de mulher!

E eu passarei, no meio desse povo,
religioso e feliz,
endomingado, no meu terno novo,
com botas de verniz...

Si tudo fôr assim alegre e puro
no dia em que eu morrer,
eu levarei no meu calção escuro
vontade de viver!

GUILHERME DE ALMEIDA

(Do livro "Simplicidade").

SOBRE A JORNADA REPUBLICANA DE 1817

A. J. Pires Brandão.

A derradeira romagem espiritual do sr. Oliveira Lima é a través dos fastos da revolução pernambucana de 1817. Elle estudou-a nos archivos de Londres, de Washington e do Rio de Janeiro; sentiu-a na sympathia dos homens da sua terra e do seu meio. Eu já disse, e agora accentuo, como as suas annotações guardam um cunho de probidade e de concisão, que illustram, sem diminuir, a obra commentada; como ellas revermelham a tocha liberal accesa, ha oitenta annos quasi, por Muniz Tavares; como os seus pulmões robustos sopram e avivam a labareda crepitante de 1817, que a intelligencia desmemoriada do brazileiro ia deixando apagar-se no borrarho da indifferença, na cinza de uma desestima cruel pelo ouro fino das qualidades que luxuriaram naquelle vergel innocente, onde loirejam os fructos mais sazonados do idealismo, da bravura, das energias moraes e das virtudes civicas da nacionalidade.

Nós tivemos varias crises de independencia, desde o meio lendario Amador Bueno até a Inconfidencia. Nenhuma, porem, com o surto definitivo, a seiva, grossa de consequencias, como a pernambucana.

A Inconfidencia é genuinamente lyrica.

Afóra Tiradentes, que era o unico com vocação para martyr, são todos poetas, sem capacidade de acção, os eternos hospedes do sonho, amando a existencia tranquilla, os ocios illustres do espirito, e que um capricho do des-



tino fez os actores acabrunhados de remorso da tragedia mais pungente em que elles deveriam ter pensado. Mas para imaginar a qualidade moral dos Inconfidentes é preciso ver Villa Rica, deixar-se trespassar dá poesia que se desprende das pedras daquela cidade heroica, da doçura do seu clima, da benignidade christã do seu ar de recanto devoto; lembrar Gonzaga, um enamorado bucolico, desentranhando-se nos poemas do amor mais casto que ainda verteu um coração honesto e uma alma timida, Alvarenga Peixoto uma vontade hesitante; evocar um momento aquellas collinas rematadas pelo azul celeste, aquella agua que desaltera até a sêde d'alma, para ver que de um tal ambiente só poderiam emergir visionarios candidos, sonhadores, espiritos nostalgicos para as emoções secretas, devorados de exaltação lyrica, e nunca os temperamentos crepitantes de entusiasmo, os nervos trepidando numa vibração superaguda, o destino assignalado por uma vocação irresistivel de revolucionarios, de que está cheio o movimento pernambucano.

Tambem os nossos "patriotas" eram vizinhos da linha equatorial, e tinham o Atlantico, num espectaculo de força, desafiando audacias e heroismos, a rugir-lhes aos pés... Domingos Theotonio, José de Barros Lima, Antonio Henriques e Pedroso são soldados; Domingos José Martins é um magnetico, que enfeitiça as massas e as affeiçoa e dirige com o pulso vigoroso; Luiz de Mendonça é um advogado de instincto, esperto e chicanista; Padre João Ribeiro nutra-se da medulla dos encyclopedistas; Padre Tenorio, um doutor de Coimbra, com uma capacidade administrativa notavel, Padre Fortuna uma visão lucida e penetrante; todos são assim, commerciantes, doutores, militares, padres amancebados, que são maçons e lascivos alguns delles, e commentam a revolução franceza, guardam o culto napoleonico, ávidos de iniciativas, meio aventureiros, convertendo as energias proprias em instrumentos de dominio e em vontades creadoras.

Por isso o traço sobreludo suggestivo da revolução é a Intelligencia. A maioria dos revolucionarios, os pionei-

ros do movimento, são todos elles figuras de mentaes, sobrelevando como uma élite sem povo. Todos os seus gestos patrioticos, toda as suas aspirações impacientes de independência, os assomos de um patriotismo remordido da ancia de sacrificios cada vez maiores, tudo isso morria sem echo nem agasalho, no torpor de uma população de 260.000 escravos, 60.000 negros livres, 160,000 mulatos, 40.000 indios e 50.000 brancos, segundo estimativas mais provaveis.

E, com excepção de Parahyba e do Rio Grande-do-Norte, os demais meridianos da nossa esphera politica nenhum estremeceu á maternidade ardente de Pernambuco. A' tensão de sua febre, á seiva da sua exuberancia, á miragem do seu sonho libertador e ao crystal das suas intenções, respondiam a inercia, o silencio de pautano, sem uma crispação de correnteza, o hebitismo de uma nação infiltrada até ao cerne dos germens negros da corrupção e da morte. Balda assim de ponto de apoio, duma força exterior ou das sympathias populares, em tres mezes, a revolução encontrava-se fallida, insolvel. E era um organismo esplendido, esse que desaparecia sem responsos nem cantochão!

O que havia em todos os seus fautores era um extraordinario sentimento politico. A conspiração preparou-se dentro dos conventos, nas lojas maçonicas, onde o clero trava das mãos com livres pensadores e militares, emparceirados para a tarefa nativista. Os padres, esses, foram um dos elementos mais consideraveis da explosão revolucionaria. O Sr. Oliveira Lima chega mesmo a dizer que 1817 foi uma revolução de pádres: pelo menos constituiram, accrescenta, o seu melhor elemento, o que mais provas deu de sinceridade, de isenção e devotamento, aquelle onde se recrutaram, com poucas excepções os seus dirigentes. Tollenare observa a erudição surprehendente que elles patenteiam da revolução franceza e do catheismo liberal.

Ao contrario do que se verifica na Irlanda e em muitos paizes da Europa, onde a hierarchia romana é separada por antagonismos profundos do clero nacional, aqui to-



dos, conegos, governadores de bispado, vigarios, coadjutores, regulares e seculares participam, com insufflação d'alma, da lueta, apaixonados por ella, dominados de tendencias politicas, tendo o rosto varonil ao embate e arrostando-o sem pestanejar. Desse modo, a hierarchia mesma romana, os "proconsules" do imperialismo catholico, obediētes á autoridade da curia, a cuja oligarchia de cardeaes se movem cegamente, porque o sangue lhes corre nas veias oxydado á algida temperatura da disciplina, da conveniencia e da submissão, sobrepoem aos interesses da Igreja as suas aspirações particularistas e fazem suas as ideas revolucionarias. Pode-se a medir o nível radical do clero pela pastoral do governador do bispado, deão Manoel Vieira de Lemos Sampaio, declarando que a revolução não era contraria ao Evangelho por isso que a posse e o direito da casa de Bragança fundavam-se em um contracto bilateral, defeito porque a dynastia, antes da colonia, faltara aos seus compromissos.

Embora! a revolução é conservadora e tolerante e não "é matter of fact", ou-melhor, positiva nas suas reivindicações. Pessoalmente os chefes professam opiniões avançadas. Querem a abolição do trafico negreiro e a da esçravidão; mas transigem com uma e outra cousa; collocam os destinos da sua obra sob o patrocínio da religião; estabelecem a supremacia da ordem civil sobre a militar; projectam o Parlamento baseado sobre a propriedade immovel como condição do censo eleitoral, affastando assim, qual pondera com razão o Sr. Oliveira Lima, a demagogia de cor da representação nacional, constituindo-se o congresso de elementos ruraes e do commercio, isto é, da burguezia e da aristocracia territorial.

Ella tem muito do temperamento brasileiro, de nossa indole infinitamente doce, inclinada ao perdão e avessa ao castigo, commutando sempre, claudicando e prevariando só pelo receio de não parecer excessiva e cruel. A Minerva brasileira é uma dama extremamente sensivel e delicada.

Será difficil encontrar nas revoluções triumphantes aquelle raio de humanidade e de clemencia, que aquece e doura a nossa de 17, cercando-a de uma onda mansa de sympathia e de respeito. Não persegue; não confisca; usa de uma esponja para as desintelligencias do passado; mostra-se rica dos sentimentos de que são avaros os partidos victoriosos. Onde se levou mais longe o respeito do vencido? O Padre Miguelinho faz-se notar pelo seu "espirito evangelico". E' uma alma onde não se aninha a vingança. Luiz de Mendonça, demonstra tal horror pelos processos demolidores, que ao ver a bernarda na rua, lenta adial-a, convencido que a propaganda é uma força maior que a revolução. O Juiz do crime e da policia da villa do Recife nomeado pelo Governo provisorio, Felipe Nery, exerceu esse cargo, segundo os seus adversarios, com "doçura e humanidade". O proprio Luiz do Rego, espirito bronco e sem cultura, dizia: "Pela conducta que teve o chamado Governo provisorio, tanto a respeito do povo como a respeito dos cofres, bem se vê que todos foram mais criminosos do que perversos. E' alguma cousa não ter sido morto um só homem por ordem do Governo rebelde..."

E o que encanta e commove nesta moderação é que a exerceram homens, cujos antepassados ha um seculo soffreram, depois da guerra dos Mascates, os horrores das devaßas, da deportação, da cadeia e da força, numa proporção consideravel.

Aliás, sem pretender diminuir o fulgor dessa conducta, forçoso é confessar que os portuguezes por seu lado não demonstravam nenhuma velleidade de reacção. A graça revolucionaria cahia sobre uma legião de assombrados. Emmudeceram. Havia, de certo, um partido a tirar para os rebeldes, um interesse em mostrar a revolução doce e humana, honesta nos seus intuitos e nos seus actos aos inimigos della.

Os patriotas comquanto não tivessem feito os preparativos de natureza militar que um natural instincto de conservação e de defeza lhes estava inspirando, para enfrentar a reacção da metropole, contavam com ella. Que



necessidade haveria, de complicar a situação externa difficil, com outra interna mais delicada? Não seria mais habil conservar o elemento lusitano, que tinha de ser um dos factores da contra revolução, senão sympathico á obra revolucionaria, ao menos tranquillo quanto aos designios della? Foi o que Cesar fez depois de Pharsalia. Foi a mesma linha de conducta dos pernambucanos depois de 6 de Março.

Os seus adversarios não souberam tratá-los assim no dia seguinte ao da victoria. Aquelles republicanos generosos, são mettidos numa floresta de bayonetas, e marcham para o supplicio da forca. O povaréo, que enxameia nas ruas, assiste, entre applausos, o lugubre canto de morte do cadafalso vingador. Os portuguezes tratados com brandura até a vespera, formam centros de intoxicção reaccionaria, os porta-vozes das devassas, insufflando os crimes torvos da contra-revolução, silvando anathemas, distillando peçonha contra os chefes da Junta. O governo real castiga-os com um dogma de terrorismo dir-se-ia alimentado do succo gastrico de feras. Os golpes da sua inclemencia estavam longe daquella doce razão intuitiva da sementeira revolucionaria: abria as veias aos culpados, deixando-lhes correr o sangue maldito, como expiação e exemplo.

Pernambuco, esse, retalharam-n'o logo pelo seu rasgo de rebeldia. Perdeu Alagoas, e, mais tarde, em 1824, a comarca de São Francisco, incorporada á provincia da Bahia.

Porque motivo teria sossobrado assim a jornada republicana de 1817?

Uma revolução é um phenomeno complexo, cujo exito ou insuccesso depende de condições differentes. Ha causas, porém, que agiram com uma latitude tão nitida no fiasco politico e militar da nossa, que explicam os embaraços gravissimos em que ella veio a encalhar.

Foi um bello e sonoro grito, sem eco. A gente, para qual ella pedia o "self government", era a mesma por todo o territorio brasileiro, que Lindley, (citado pelo sr. Capistrano de Abreu) descreve sem vida social, porque não

havia sociedade, desinteressada das questões publicas, porque da ordem social ella só sabia, quando a sobresaltavam os desasocegos da guerra, ou o meio resomnava em calmaria.

A unica realidade viva para os povos abastardados nesse estado de degradação intellectual e moral, é o facto economico. O interesse é sensível e egoista. Onde o suppomos mais embrutecido, mais lethargico, elle apenas reponha em hybernação. Burke sustentava aliás que as commoções intestinas da Inglaterra nascem quasi todas da tribulação.

Vejamos como é transparente, no desastre de 1817 a influencia do facto economico. A repercussão desse facto foi espantosa como era natural, na existencia collectiva. O povo, que esperava ingenuamente, vantagens da revolução, um periodo agudo de prosperidade, via-se ludibriado. A esperança perdida é tão feroz quanto o odio. Em vez de permittir-lhe continuar a usufruir os proventos da "franquia commercial", que Portugal lhe concedera em 1808, a revolução estrangulava-a, graças a medidas que a salvação publica impunha e ao bloqueio estabelecido pela esquadra real.

De sorte que aquillo que na America hespanhola, como nota o Sr. Oliveira Lima, foi dado pela secessão, no Brazil perdia-se (que importava áquella gente que fosse momentaneamente?) com ella. O commercio é por toda a parte sem entranhas, juden. Elle padecia irritado, murmurando, as consequencias dos actos vexatorios para a sua liberdade de acção, decretados pelo Governo, e, com elle, o povo olhava ir de agua abaixo, um dos foros, que accelerara o movimento das permutas, arruinando-se-lhe a fortuna, bafejada pelo impeto da onda da vitalidade commercial trazida com a abertura dos portos. A revolução dir-se-ia que não se relacionava com a prosperidade das classes trabalhadoras, tanto que era incapaz de estimular-lhes as actividades mais uteis e essenciaes.

Ora, a massa, inepta para comprehender o alcance politico dos acontecimentos, e que infelizmente não sabia jejuar com principios, já em meados de Abril, isto é, pou-



co mais de um mez após a Republica, ardia de fome. E lembrava-se que no tempo de El Rey Nosso Senhor vivia mais gorda, com a tripa mais forra. E era, como os portuguezes, lambem restauradora.

O padre João Ribeiro tinha modificado as suas theorias acerca do Governo popular. José Luiz de Mendonça começa a preferir o logar das autoridades destituidas na cadeia, á magistratura no seio da Junta. O bloqueio esfomea-os e enlanguesce tudo. Nos povos banhados pelo oceano e que fizeram delle uma das suas estradas de communicação com o mundo, o mar equivale a uma das vias respiratorias. Não ha saúde perfeita, sangue rico, num organismo oxygenado por um só pulmão, e esse mesmo fraco. A Republica tinha a planta do pé do inimigo sobre o seu pulmão mais forte. Asphyxiava, sem ar. Em tres mezes, o espolio revolucionario liquidava-se, e a Republica tinha galvanizado em heroes, com o coração cheio de virtudes antigas, os homens que a haviam lalhado com o gume das espadas e a suggestão da patavra.

Por outro lado, a metropole não era mais Portugal. Graças a Napoleão, nós tinhamos o principado. Praticamente a colonia era Portugal. Essa vantagem, de ordem politica, que acarretou necessariamente beneficios de outra natureza, retardaria o facto da independencia, pelo menos até o dia em que a testa coroada portugueza permanecesse no Brazil, fazendo-o desfructar proventos de povo emancipado. Com o arranco de movimento nacional, a revolução nascera inviavel e temporã. O paiz não responden ao appello de Pernambuco. As outras provincias, com excepção de Parahyba e Rio Grande do Norte, deixaram-se ficar intrataveis. Era o melhor meio de, cordialmente, desejar a ruina do esforço pernambucano.

O problema se antolhava aos patriotas infinitamente melindroso. Mas a principio tudo leva a crer que elles não perceberam a gravidade da situação. A intentona estalara sem se esperar. Conspirava-se abertamente; mas ao rebentar a revolta, não havia um plano concertado, uma conjuração feita e marcada. Que confiança cega não-deveriam, por este facil triumpho, ter os revolucionarios na

sua estrella! O prestigio da "chance" contaminou-os. Agredidos inopinadamente por ella, tomaram-n'a ao seu serviço, elegeram-n'a sua ajudante de ordens; e, como eram um estado maior de imaginativos, que ignoravam a energia tyrannica com que já desde aquellé tempo o methodo vinha esganando o "acaso", jogaram no exito revolucionario, até que o poder central não se mexeu, aquillo a que Doris Vinci chama a "esperança moral" por opposição á "esperança mathematica". E, partindo d'ahi, ou negligenciaram muito a hypothese do insuccesso, ou admittiram-n'a logo cedo. De qualquer forma se entregaram ao acaso. A coincidencia benigna que lhes deu a victoria, quasi sem effusão de sangue, sobre Cactano Pinto, que fizera a revolta, depois da estocada fulminante de Leão Coroado no brigadeiro Barbosa, uma passcata — foi um pouco a desgraça delles. Acreditaram que as portas da fortuna lhes estavam imantadas. Ou então, viram-se logo perdidos, e desanimaram.

Certo ha entre elles animos energicos, resolutos, activos e atrevidos. O patibulo documenta-o.

Estas virtudes, porém, não se polarizam em esforços coordenados e perseverantes de organização e previdencia, maximé do ponto de vista militar. Falta-lhes uma vontade que galvanize as outras; um braço-synthese; uma destas individualidades fortes, dominadoras, levadas ao maximo do vigor, a cujo apparecimento se succede a submissão e a penumbra de todas as almas, e cuja existencia é indispensavel para que um concurso de esforços fragmentarios se coordenem e se fortaleçam. Seria preciso combinar a pureza moral do Padre João Ribeiro com o vigor de encantamento pessoal de Domingos José Martins e uma capacidade militar de chefe, que a revolução não revelou.

Aturdem os episodios que se seguem á contra-revolução. O rio São Francisco era uma antemural. A resistencia em Penedo, ou onde as forças reaes tentassem transpol-o, impunha-se á mais elemental defeza das fronteiras do territorio da republica. Cogominho de Lacerda atravessa a grande torrente e Penedo recebe-o de gambiarras.



O commandante legalista attinge Serinhaem, a 15 leguas do Recife, e elles o suppoem ainda em Alagôas! Faz uma marcha expedita, triumphal, terminada num mez e pico, sem encalhar num tropeço, sem perder-se numa emboscada, sem defrontar um obstaculo de ordem militar serio, a não ser o encontro, epilogado por uma debandada, com as tropas do general Paula, que iniciando a batalha com forças muito reduzidas, logra até á noute deixar indeciso o combate, fazendo recuar o inimigo á medida que elle procurava conquistar terreno. Porque os portuguezes avançam, algumas cidades acclamam El Rey. O que havia a fazer não era pretender suffocar esses movimentos sem importancia, senão dominal-os na sua origem, isto é, atacando os invasores que vêm do sul. A Junta prefere dispersar soldados em mandar abafal-os, quando, desbaratados que fossem os regimentos d'El Rey, aquellas matizes de elaboração contra-revolucionaria locaes estariam dissolvidas.

Nem se diga que a Republica estava sem exercito. Exercito não se podiam chamar as tropas legaes. Os por escarneo denominados Scipiões do Conde dos Arcos, constituam-n'os 800 homens, de soldados bisonhos, indios armados de flechas, lavradores alistados á força, na marcha da expedição, e, afora a cavallaria, eram antes uma caravana do que um exercito. Hajam vista as pprehensões que devoravam sobre a sua sorte o Marechal Raymundo da Cunha Mattos.

Os patriotas achavam-se em condições de oppor uma resistencia muito maior á improvisação militar legalista do que aquella que desenvolveram. Julgo, porém, que o bloqueio foi o fluido terrivel, que desde os primeiros movimentos do poder central os teria fulminado. O bloqueio e as suas consequencias.

Chave de quasi todo o norte, Pernambuco, dada a sua posição geographica e o contacto e o escambo de ideas em que se encontrava com a Europa, deveria ser o pioneiro das crises liberaes nesta parte do Brazil, thesaurizando-lhe as reservas inexgotaveis de energias moraes. O solo ensanguentou-se-lhe nas campanhas coloniaes con-



tra a infiltração hollandeza. Erupção violenta da sua extrema sensibilidade, é a guerra dos Mascates em 1710. Não colhe o argumento de Muniz Tavares, allegando que os olindenses "não haviam cessado de respeitar a autoridade real". Ha em todas estas crises o inconsciente da historia, deante da qual a palavra dos homens, a sua vontade e o seu capricho, são absorvidos e annullados na furia dos acontecimentos como a agua sorvida pelo areal. 15 de Novembro é a principio dirigido contra o ministerio, e acaba tragando o rei no vagalhão democratico. 14 de Julho é uma profissão de fé dos realistas parisienses ao seu monarchia. A preia-mar humana, que se atira contra as oito flechas da Bastilha, sob a acção já das descargas electricas que a vinham convulsionando, toma a velha prisão aristocratica, gritando — "Viva o Rey!"

A aurora de liberdade só avermelha o horizonte a 10 de Agosto de 1892. E' quando desthronam o rei; o parlamentarismo começa a ser uma realidade, e a monarchia abandona as Tulherias, que passam a ser occupadas pela Convenção. Mas na maré crespa de 14 de Julho, agitam-se as correntezas e espumam as maretas das aguas vivas e transparentes de 92, tentando submergir o promontorio do despotismo feudal.

1710 é um surto de nativismo inebriante como o impeto raivoso de 1817. Os imponderaveis que os estimulam, são os mesmos. Ha todavia na ultima um fermento de excitação intellectual e de debate que illustra a cultura de Pernambuco naquella epoca. Uma só figura define-a: o Padre João Ribeiro. O francez Tollenere chama-o um illuminado. A sua lealdade, o seu pathetico inflammado, a sua doçura, o seu espirito admiravel, a sua obstinação, communicam-lhe uma faixa de qualquer cousa de divino. Suicidou-se como Brutus, de preferencia a entregar-se. Era preciso fechar a vida, pouco importava com que gesto, comtanto que fosse digno. E matou-se. Sorveu o veneno mas o veneno não bastou para entoxicar aquelle coração sagrado. Então, enforcou-se. Que esperança poderia mais animal-o de chegar o dia em que viesse a derramar sobre a sua patria as riquezas da sua fé e os thesouros do seu

amor? Agio com uma lucidez, que o supplicio dos compa-
nheiros, dias depois, viria confirmar. Assistio o seu ideal
moral amortalhado; mas não lhe enxergou, como os ou-
tros, o feretro euspido e enxovalhado.

O Sr. Oliveira Lima é um historiador de tempera e de
raça. Ha mais de cinco lustros que se vem especializando
nesse periodo de menina e moça da nacionalidade, em que
ha nella ainda um pouco de menina e já um pouco de
mulher. Tivemos o vasto quadro do reinado desse malan-
dro coroadado, que foi D. João VI; o das difficuldades diplo-
maticas do reconhecimento da independencia; o commen-
tario da revolução de 17 e vamos ter a Historia da Inde-
pendencia. E' uma obra de possibilidades immensas.

O Sr. Oliveira Lima analyza a revolução de 17 como
um phenomeno natural, revestido da fleugma de um so-
ciologo desinteressado, a cujos escrupulos não seduzis-
sem as interpretações generosas dos factos e dos aconte-
cimentos. Inventariou costumes do tempo, ideas, opiniões
ludo, espremendo um succo de ideas geraes verdadeira-
mente notavel. Sobre a sensibilidade ainda febril de Mu-
niz Tavares, não é raro vel-o applicar de quando em vez
a razão fria da historia e as reflexões da verdade. O Luiz
do Rego que conhecemos atravez de Muniz Tavares' é um
monstro de perversidade. Elle humaniza-o com documen-
tos que nos permittem fazer algumas concessões á anim-
lidade do capitão-general. E, nesta como em outras anno-
tações, reconhecemos o methodo do pesquisador probo e
infatigavel, perseguindo o documento até ás suas origens
obscuras, para revelal-o na sua purêza e na sua realidade.

1817 tendo sido um movimento regional, embora na-
cionalista nos sens propositos, mas processado sem rami-
ficações com o sul, em uma zona geographicamente cir-
eumscripita, verificado o seu triumpho sobre a autoridade
real e estabelecido o seu governo, não teria sido a des-
agregação do Brazil? Os patriotas pernambucanos, com a
sua administração autonoma, se sujeitariam mais tarde á
tutella politica de um governo do Rio?

A independencia realizada por nós mesmos sómente,
nos levaria á solução republicana. Seria ella do nosso in-



teresse? O vinculo da unidade nacional poderia ser mantido com a indissolubilidade que nos legou o Imperio?

Julgo que não. Como se fragmentou a confederação de Bolivar, ter-se-ia esboroadado a nossa.

Dirá, porém, um homem de sentimento, que se lembrar que o fracasso da jornada republicana dos nossos antepassados deu a palavra ao carrasco, em cujas mãos foi trucidada uma geração ardente de missionarios, de politicos, de soldados, de idealistas e de heroes — que esta argumentação calculada só a póde formular com o coração ligeiro, o espectador de um seculo, assás recuado daquelles dias tragicos, pela coordenada do tempo, para não lhes soffrer mais as consequencias.

Recife, Setembro de 1917.

A. Chateaubriand.



VOCABULARIO ANALOGICO

V

COLLECTIVOS

- Abotoadura**, collecção de botões para um vestuario.
- Acervo** de tolcees, de asneiras.
- Ala** de batalhão, de prestito, de procissão.
- Alavão** significa, no Alentejo, o rebanho que dá leite pela ordenha. G. Viana, Apostillas, I, 33.
- Alcatéa** de lobos, de pantheras, de hyenas e outros animaes feroces.
- Aléa** de palmeiras e outras arvoredos.
- Alphabeto**, abecedario, abc, conjuncto das letras de uma lingua.
- Anthologia**, collecção de trechos literarios; florilegio, elrestomathia, selecta, analectos, collectanea.
- Aparelho** de chá, de café, de jantar, etc.
- Apeiragem**, conjuncto das correias necessarias ao carro ou ao arado; trem de lavoura; apeiro.
- Apontoado** de disparates, de injurias, de blasphemias.
- Archipelago**, grupo de ilhas.
- Armada**, marinha de guerra, conjuncto das forças maritimas de uma nação; esquadra, frota.
- Armento** ou armentio de bois.
- Arreio**, aparelho de animaes de sella ou de carro, jaez.
- Arregaçada**: — “E’ o que annuncia, como boa nova, ao caudeo, uma “arregaçada” de saudades, um chorão, um gorgueio estivo, e prateados raios da lua para cima da cova.” Castilho, Amor e Melancholla, 197.
- Assembléa**, reunião de membros de uma sociedade regularmente constituída.
- Assistencia**, conjuncto de assistentes ou espectadores, concorrencia.
- Associação**, reunião de pessoas para um fim commum.
- Atilho**, compõe-se de quatro espigas amarradas. Taunay, Innocencia, 77.
- Atlas**, collecção de cartas geographicas.
- Auditorio**, reunião de pessoas para ouvirem um discurso, um coucerto, uma conferencia, etc.
- Baixela**, conjuncto dos utensilhos para serviço de mesa.
- Banda** de musica, charanga, philharmonica.
- Bando** de eiganos, de malfetores, de aves. Era preferido na fórma feminina: Voam as pombas que “bandas”, conforme

- João Ribeiro, *Selecta Classica*, 64; "As bandas" de trocazes escurecem o sol, ruidosas e vorazes." Bulhão Pato, *O Livro do Monte*, 85.
- Barda:** — "Fez cahir no chão uma "barda" de pratos d'estanho." Hereulano, *Monge de Clster*, 285.
- Bastida**, conjuncto de multos objectos bem unidos: "Em uma grande "bastida" de alemos." F. de Moraes, *Palmelrim*, II, 10.
- Batelada** de arroz, de feljão, etc.
- Bateria**, fileira de peças de artilheria; bateria electrica; bateria de cozinha.
- Bibliotheca**, collecção de livros.
- Boana**, cardume de peixe mudo. *Dlec. Aulete*.
- Bolada** de notas, bolo de notas.
- Bouquet** de flores, ramalhetê.
- Braçada** ou braçado de flores, de feo.
- Cabido**, conjuncto dos conegos de uma cathedral.
- Cacho** de uvas, de bananas, de cabelos.
- Caderno** de papel.
- Cáfila** de camelos, de ladrões, etc.
- Camara**, corporação de vereadores, de deputados, de commerciantes.
- Cambada** de peixes, de vadlos.
- Cambulhada**, mólho, enfiada.
- Cancioneiro**, collecção de canções.
- Caravana**, multidão de viajantes, que se reünem, para atravessar o deserto. "No momento em que uma "caravana" de formigas la passando pelo peltoril." M. de Assls, *Quineas Borba*, 204.
- Cardume** de peixes.
- Carrada** de razões, de argumentos.
- Carreira** de arvores, de cadeiras, etc.
- Catadupa:** — "Como vae a doente? perguntou dlstrahidamente Cyrino, cortauo aquella "catadupa" de palavras." Tauuay, *Innocencia*, 147.
- Catalogo** de livros, de plantas, do museu.
- Caterva** de vagabundos, de desordeiros.
- Cavalgada**, grande numero de cavalleiros.
- Cenaculo**, reunião de pessoas, que teem as mesmas idéas ou trabalham para o mesmo fim.
- Chafardel** de ovelhas. G. Vlana, *Apostilas*, I, 278.
- Choldra** ou choldraboldra de assassinos.
- Chorrilho** de asneiras. "Este "chorrilho" de falsidades." E. Ennes, *Guerra d'África*, 1027.
- Chusma:** — "Chusma de cães reúne e caçadores para o poder matar." Odorico Mendes, *Ilhada*, 119.
- Chuva** ou chuva de balas, de pedras, de setas. "A reluctancia, porém, provocou uma "chuva" de verdadeiras caetadas." Tauuay, *Innocencia*, 110.
- Cingel**, junta de bols, abesana, jugo; lavadoura.
- Claque**, reunião de espectadores ajustados para aplaudir ou patrear.
- Classe**, grupo de alumnos de uma aula, etc.
- Clero**, ou clerezia, classe clerical.
- Clientela**, conjuncto dos elientes de um advogado ou de um medico.
- Club**, soeiedade de pessoas para um fim commum.
- Cohorte**, gente armada: multidão de pessoas.
- Collecção** de sellos, de quadros, de medalhas, de moedas, etc.
- Collectivos**. Alguns collectivos teem sentido appreciativo, como "phalange" e "pleiade", e outros são peyorativos, como "cafila" e "corja".
- Collectivos numericos**. Entre os collectivos encontram-se alguns, que indicam um numero determinado de partes: — "essal" de pombos, "junta" de bols, "par" de botinas, "parelha" de cavalos; "talher" (faca, garfo e colher); "quadrenio"; "caderno" de papel; "sestestre"; "semaun"; "oitava".

- estrophe de oito versos; "nove-na"; "dezena", etc.
- Colligação**, alliança de varias pessoas ou de varias nações para um fim commum.
- Colmeal**, grande numero de colmeias.
- Colmeia**, grande quantidade de coisas ou de pessoas; enxame de abelhas.
- Colonia**, reunião de imigrantes de um mesmo país.
- Comboio**, a locomotiva com os carros movidos por ella. Comboio de escravos, de prisioneiros.
- Comicio**, reunião popular para tratar de assumptos publicos.
- Comitiva**, pessoas que acompanham a outro de certa importância.
- Commentario**, serie de notas sobre algum escripto.
- Commissão**, conjuncto de pessoas encarregadas de funcções especiais.
- Comunidade** de religiosos, confraria, congregação, irmandade, ordem.
- Companha**, equipagem; agremiação de pescadores.
- Companhia** dramatica, equestre, etc.
- Concilio**, assembléa de prelados catholicos, em que se tratam assumptos dogmaticos ou disciplinares. Dicc. Flgueredo.
- Conclave**, reunião de cardeaes para eleger o papa. Até que o conclave eleja novo papa, exerce o governo da Igreja o camerleugo ou camerleugo, cardeal que preside á Camara Apostolica.
- Confederação**, reunião de Estados, que em relação aos estran-gelros formam não só, reconhecendo o mesmo chefe.
- Congerle** de angustias, de penas, etc.
- Congregação** de religiosos, de professores.
- Congresso** de sabios, de diplomatas, de deputados, de industriaes, etc.
- Conselho** de ministros, de jurados.
- Consistorio**, reunião de cardeaes, sob a presidencia do papa, para tratar de negocios da Igreja.
- Constellação**, grupo de estrellas.
- Convenção**, reunião politica para apresentação de candidatos, etc.
- Conventiculo**, reunião secreta de pessoas para urdir algum mal, conculhabulo.
- Copia**, grande numero: "copia" de soldados.
- Cordão**, o mesmo que fileira: cordão de formigas.
- Cordilheira**, serie, cadeia, de montes, serranias.
- Cordoalha**, conjuncto dos cabos de um navio, enxarcia.
- Corja** de velhaeos, de bebados, de vadlos.
- Côro**, reunião de pessoas que cantam juntas.
- Corpo** de jurados, corpo legislativo, eleitoral, saultario, docente, discente, etc.
- Corporação**, conjuncto de pessoas sujeitas ao mesmo estatuto.
- Correição** de formigas. Pedro Leal, Dicc.
- Correspondencia**, conjuncto de cartas e jornaes que se recebem ou que se expedem.
- Corso**, cordume de sardiinha. Dicc. Flg.
- Cortejo**, comitiva pomposa.
- Curso**, serie de lições sobre determinada materia: "curso" de literatura; conjuncto de materias ensinadas em uma escola: "curso" da escola primaria.
- Data**, grande porção: uma "data" de paucadas. "Ah! vosmecé vae tomar uma boa "data" de riso." Tannay, Innocencia, 213.
- Decalogo**, os dez mandamentos da lei de Deus.
- Dentadura**, conjuncto dos dentes, nas pessoas e nos animaes.
- Despotismo**. "Sobretudo quando me lembro do "despotismo" de miserias, que vae por estas terras afóra." Taunay, Innocencia, 47.
- Diccionario** da lingua portugueza,

- de medicina, etc.; glossario, lexico.
- Diluvio.** "A multidão acolheu este brado com um "diluvio" de palmas." Alex. Herculano, O Bobo, 325.
- Disparate,** despropósito, despotismo, mundo de gente, grande quantidade de pessoas.
- Elenco,** conjuncto dos artistas de uma companhia theatral.
- Enfiada** de perolas, de asneiras, de mentiras, etc.
- Enxame** de abelhas.
- Enxarcia,** cordoalha de navio, cordame, massame.
- Enxoval** de casamento ou de baptisado.
- Equipagem,** tripulação do navio, marinagem, companhia, maruja.
- Espicha** de sardinhas, de camarões.
- Esquadra,** certa quantidade de navios de guerra pertencentes a uma armada.
- Estrophe,** conjuncto de versos, estanca.
- Estudantina,** grupo de estudantes, que cantam ou tocam em common.
- Exercito,** conjuncto das forças militares de uma nação. O exercito comprehende "divisões", que se formam de "brigadas", e estas de "regimentos". O regimento, si é de infantaria, compõe-se de "batalhões", os quaes constam de "companhias"; si elle é de cavallaria, divide-se em "esquadrões"; si é de artilharia, contém "baterias". As baterias são formadas de "secções"; os esquadrões e as companhias, de "pelotões", sendo estes constituídos de "esquadras".
- Exuberancia** de vida, de vegetação, etc.
- Familia,** o pae, a mãe e os filhos; pessoas que vivem na mesma casa, etc.
- Farandula,** ou frandulagem "Aquillo é uma casa de malta, uma "farandula" continuada de brabantes, de malandros, de beberões, e madraços." Castilho, Colloquios, 105.
- Fardo** de fazendas.
- Farragem,** conjuncto de coisas mal ordenadas.
- Fartão.** "O sr. me deu um "fartão" de alegria." Taunay, Innocencia, 154.
- Fato,** terno, costume, andaina, o conjuncto das peças do vestuario, comprehendendo o paletó, o coliete e a calça; rebauho: — "fato" de cabras.
- Fauna,** conjuncto de animaes, proprios de uma região.
- Feixe** de lenha, de capim, de varas.
- Ferragem,** conjuncto de peças de ferro, necessarias a um prédio, etc.
- Ferramenta** de carpinteiro, de sapateiro, etc.
- Festão,** ramalhete de flores e folhagens.
- Fieira.** "Deixando a bocca meio aberta ver uma "fieira" de excellentes dentes." "Taunay, Innocencia, 224.
- Fila** de cadeiras; fileira, linha.
- Fio** de perolas, de contas.
- Flexão generica.** Com alguns substantivos o masculino exprime idéa de unidade, e o feminino tem sentido colectivo: "grito" e "grita"; "lenho" e "lenha"; "madeiro" e "madeira"; "marujo" e "maruja".
- Folchlore,** conjuncto das tradições, conhecimentos ou crenças populares, expressas em proverbios, contos ou canções. Conjuncto das canções populares de uma época ou região. Dic. Flg.
- Fornada** de biscoitos, de bacheiros, etc.
- Freguezia,** freguezes de um negociante.
- Frota,** grande quantidade de navios de guerra; armada.
- Gado,** conjuncto dos animaes creados nas fazendas para diversos fins.
- Galeria** de quadros, de estatuas.
- Gavela,** feixe de espigas; pavela.
- Girandola,** conjuncto de foguetes

- dispostos em uma roda.
- Granizo** de pelouros, de flechas.
- Grei.** "Bravla a tropa, derrotada, [aos nossos
Tudo largou: de ovelhas
["greis" cincoenta,
Iguaes vacum manadas, e
[não menos
Varas de porcos e de ca-
[bras fato."
O. Mendes, Illada, 147.
- Gremio**, corporação, communidade, sociedade.
- Grupo**, remião de pessoas ou de cousas.
- Guarnição** de um navio, ou de uma praça de guerra; "guarnição" de botões; "guarnição", — os punhos e os copos da espada.
- Herbario**, colleção de plantas, para exposição ou estudo.
- Horda** de vandalos, de saltadores.
- Horror** ou "rôr" de gente.
- Hoste**, exercito; multidão.
- Hymnario**, colleção de hymnos.
- Immundicie.** "Tronxeram de lá uma "immundicie" de gente amarrada".
Tannay, Innocencia, 156.
- Instrumental**, os Instrumentos de uma orchestra, de qualquer officio meehânico, de cirurgia.
- Jogo** de dicionarios, de ferramentas, etc.
- Jolda.** "Bestialidade grande praticaram os lusos, admittindo um santo da Gran-Bretanha na vanguarda d'uma "jolda" de velhaeos." Cast. Branco, Bohemia do Espirito, 240.
- Jugada** de bois, uma junta de bois.
- Junta** de credores, de medicos.
- Jury** de sentença, etc.
- Legião** de soldados, de anjos, de demouos.
- Lenha**, troncos e ramos de arvores para serem queimados: carro de "lenha", felxe de "lenha", pau de "lenha".
- Lerna**, grande copia, abundancia. Dice. Moraes.
- Leva.** "A desgraçada encontrara no caminho uma "leva" de facinoras, que ia embarcar para o degredo." Fialbo, Cidade do Vielo, 134.
- Liga**, nome dado a certas sociedades, como "liga" anti-analphabética, "liga" do bem publico, etc.
- Lio**, felxe, mólho.
- Lista.** Póde-se considerar como collectivo, exprimindo reuuião de nomes. Achan-se em eguaes condicões os seguintes termos: — allstamento, relação, rol, arrolamento, matricula, recenseamento, enumeração, inventario, catalogo.
- Literatura**, conjncto de obras litterarias.
- Lote** de burros, etc.
- Louça**, productos de ceramica.
- Maço** de papels, de cartas.
- Magisterio**, professorado, classe dos professores.
- Magote** de gente, etc.
- Malhada**, rebanho de ovelhas.
- Maloca**, bando de Indios.
- Malta** de ladrões, de capoeiras.
- Maltezla**, rancho de maltezes, trabalhadores.
- Manada** de cavalos, de porcos.
- Mancheia**, mão-cheia. "Uma "mancheia de nozes." Ramalho, Hollanda, 107.
- Manga** de arcabuzeiros.
- Manipulo** de ervas.
- Manta.** "Reponton agora, na altura dos Ganchos, uma "manta" de peixe que é um Dens nos acuda." V. Varzea, Mares e Campos, 31.
- Mão.** Exprimindo o conjncto de cousas que se podem abranger com a mão, tem como syuonymos: — mancheia, mão-cheia, manipulo, maneiio, manhuço, manojo, manolho, maunça.
- Mãozada.** "Agora, men filho, vae ao curral grande e apanha para mim uma "mãozada" de folhas de laranja da terra." Tannay, Innocencia, 105.
- Maquina.** "Olhe, é preciso pôr-te forte, porque hoje mesmo ha-de lhe chegar uma boa "maquina" de doentes." Tannay, Innocencia, 223.

- Maquinismo**, conjuneto de maquinas ou de peças de um aparelho.
- Mare-magnum**, grande quantidade: estou envolvido em um "mare-magnum" de negocios.
- Marinha**, armada, conjuneto de navios: marinha de guerra; marinha mercante.
- Maromba**, manada de bols.
- Massa**, multidão de povo.
- Massiço**, de verdura, de plantas.
- Mastreação**, conjuneto de mastros de uma embarcação.
- Material didactico**.
- Matilha** de cães.
- Matula** de malandrus.
- Méda** ou **méda**, agrupamento de cousas da mesma especie, etc.
- Meeting**, reunião popular para resolver assumptos publicos.
- Ministerio**, conjuneto dos ministros de Estado.
- Mó** ou **mole** de gente.
- Mobilia**, os trastes de uma casa, mobiliario.
- Moita** de bambús.
- Mólho** de chaves, de cenouras, de couves.
- Monte** ou "montão" de pedras, de palha, etc.
- Multidão** de cousas, de pessoas.
- Mundo**. "Querem metter-me na cabeça um "mundo" de coisas." Blac, Theatro Infantil, 87.
- Myriade** de insectos.
- Ninhada** de plintos, de ratos, etc.
- Noticiario**, conjuneto de noticias.
- Nuvem** de gafanhotos, de maribondos, de pó, de setas, etc.
- Onda**. "A primeira "onda" de fleis enche logo o ambito restricto da capella." Encydes, Os Sertões, 178.
- Oviario**, rebanho de ovelhas.
- Palamenta**, conjuneto de mastros, vergas, croques, etc. de uma embarcação pequena; os objectos necessarios no serviço de bocas de fogo.
- Pandemonio**, reunião de individuos para o fim de praticar o mal.
- Pandilha** de ladrões, de cavalos. Romaguera, Voc. Sul Rio-Grandeuse.
- Pannal** de palha.
- Papel**. Os collectivos referentes a papel são os seguintes: — "cadero", cinco folhas; — "mão", cinco caderos; "resma", vinte mãos; "bala", dez resmas.
- Partida** de soldados, de contrabandistas, etc.
- Paveia**, feixe de palha ou de feno.
- Penca** de bananas, de laranjas, de chaves, de filhos.
- Pessoal** de uma fabrica, de uma repartição publica, de um grupo escolar.
- Phalange** de heróes, de trabalhadores.
- Piara**, vara de porcos, manada de eguas, recua de cavaladuras.
- Pilha** de livros, de tabuas.
- Pinha**, aglomeração de cousas ou de pessoas muito juntas.
- Pleiade** de poetas. "Seguiu-o ao Brasil uma "pleiade" de sabios e artistas." Ramalho, A Hollanda, 181.
- Poder** de gente.
- Polyanthéa**, colleção de escriptos em homenagem a alguém ou a algum acontecimento.
- Ponta**. "Fura estes sertões todos e vem tangendo "pontas" de gado que mettem medo." Tournay, Innocencia, 86.
- Postura**, os ovos que uma gallinha põe durante certo tempo.
- Povo**, os habitantes de um mesmo palz, estado, município, cidade ou povoação; a população; o publico; a gente.
- Praga** de persevejos, de gafanhotos.
- Profusão** de luz.
- Punhado** ou "pugillo", pequena quantidade.
- Putici**. "Mas, assim mesmo, não se pôde dar vencimento ao "putici" de povo, que vem derramado por esse sertão afóra." Domingos Olympio, Luzla Homem, 31.
- Quadrilha** de ladrões, de bandides.
- Quarteirão** de casas, de sardinhas.
- Ralvel**, quantidade importante: Via-se na mesa um "ralvel" de fructa. Bessa, Gira Portugueza.
- Ramal**, o mesmo que enflada: "ramal" de contas, de perolas.

- Ramalhete** de flores, ramo de flores.
- Rancho** de peregrinos.
- Rebanho** de ovelhas.
- Recova** ou "recua" de gatinhos, de eavalgaduras.
- Relação** de livros, de encomendas, de brinquedos, etc.
- Renque** de velas, de columnas. Substantivo masculino ou feminino.
- Repertorio**, collecção de dramas, de operas, de leis, etc.
- Restea** de cebolas, de alhos.
- Reunião**, agrupamento, junção, agregação, aglomeração, ajuntamento, conjuncto, etc.
- Revoada** de pardaes. "Uma "revoada" de memorias entrou na alma de Sophia." M. de Assis, *Quincas Borba*, 233.
- Roda** de homens.
- Rodada** de pratos.
- Rol** de roupa, de testemunhas.
- Rolo** de papéis, "bolos" de fumo, etc.
- Ronda**, grupo de soldados, que percorre as ruas, velando pela ordem publica.
- Rosario**. "Longo "rosario" de mal concertados exemplos." *Carnelero Ribeiro*, *Código Civil*, 329.
- Roupa branca**, "roupa" de cama.
- Ruma** ou "rima" de papéis, de pratos.
- Saraiya**. "Esta "saralva" de chufos e dileterios." *Alencar*, *O Garatuja*, 124.
- Scenario**, conjuncto das vistas para a decoração das scenas.
- Sem conto**. "Não se poderiam estabelecer num "sem conto" de logares, uns aq uecedoiros pasageiros?" *Castillo*, *Colloquios*, 103.
- Sem numero**. "O que resulta de um "sem numero" de docuementos." *Alex. Herenlano*, *Hist. de Portugal*, 2.º, 176.
- Senado**, camara de senadores.
- Sequela** de aduladores.
- Sequencia**, serie de cartas do mesmo naipe.
- Sequito**, conjuncto de pessoas que acompanham outra.
- Serie** de animaes, de objectos, de acontecimentos, etc.
- Serviço** de chá, de mesa.
- Sociedade**, associação, etc.
- Sortimento** de armarinho, de chapens, etc.
- Sucia** de velhacos.
- Suffixos**. Ha suffixos, que servem para a formação de collectivos e que facilmente se reconhecem nos seguintes exemplos: "fumaça", "boiada", "professora-do", "officialidade", "folhagem", "colmeal", "cordoalha", "dinheirama", "vasilhame", "lrvrarla", "vocabulario", "arvoredo", "cabelleira", "formigueiro", "dezena", "ferramenta", "camarilha", "mulherio", "pavlorio.
- Syndicato**, associação de interessados na mesma empresa e que põem em commum os seus titulos.
- Synodo**, assembléa de caracter religioso.
- Systema nervoso**, circulatorio, etc.
- Talha**, equivale a cincoenta mólhos de lenha.
- Tapeçaria**, conjuncto de estofos e alentifas.
- Teclado**, conjuncto das teclas de um instrumento.
- Tertulia**, reunião de parentes e amigos.
- Theória**. "Era longa a distancia que tinham de percorrer, a julgar pela "theória" de archaifos que balastravam a passagem rutilante." *C. Netto*, *O Paraiso*, 112.
- Torrente** de eloquencia, etc.
- Trem** de cozinha, de lavoua; trem de ferro.
- Troça** de ebrlos, de desordeiros, de vagabundos.
- Troço** de soldados.
- Troféu** de bandeiras.
- Troixa** de roupa.
- Tropa**, grande numero de soldados, de animaes de carga, etc.
- Tropel** de cavalleiros.
- Tropilha**, (bras. do sul), porção de cavallos do mesmo pello.
- Turba** de desordeiros.
- Turba-multa** de malfeitoses.

FIRMINO COSTA.

PAGINAS ESQUECIDAS

A "CARNE" DE JULIO RIBEIRO

(CARTA)

Acabo de lêr o novo romance de Julio Ribeiro, tão ansiosamente esperado, e em torno do qual se levantára uma como onda de escandaloso, que serviu para dar ao livro o arslulo sympathico do fructo prohibido do Paraiso.

Li-o com avidez, cheio de curiosidade por essa obra que diziam atrevidamente offensiva á moral publica, obra de rebeldia, de revólta, diziam outros, chela de verdade nua e de observação exacta, fillada á grande corrente do naturalismo, a mais bella, a mais grandiosa, a mais admiravel manifestação da arte n'este seculo.

Attrahido, preso, seduzido pelo poderoso estylo de Julio Ribeiro, deixei-me levar, da primeira á ultima pagina, chumbado a uma cadeira, experimentando fortissimas sensações, ora de prazer e de admiração, ora de tristeza e de magna, direi quasi, de nojo.

Eu esperava muito do talento de Julio Ribeiro; e, habituado á leitura das epopéas de Zola e Flaubert; dos ternos dramas, tão profundamente humanos e tão fielmente coplados, de Guy de Maupassant; das formosissimas paginas, de um sabor tão genuinamente naturalista, espalhadas nas obras de Alphonse Daudet; habituado á leitura de todos os mestres e ainda sob a impressão recentissima d'esse livro monumental dos *Maias*, onde o grande escriptor Eça de Queiroz attingiu a perfeição no processo naturalista, — eu suppunha que o livro de Julio Ribeiro fosse digno da escola a que se fillára, que encerrasse um estudo meditado, profundo, sério, honesto, inteiramente vasado nos moldes que produziram *Germinal*, *Madame Bovary*, *La Terre*, *Sapho*, *Une vie*, *Primo Basilio*, *Padre Amaro*; livro digno da arte suprema e digno de Julio Ribeiro, um escriptor feito, um escriptor

notavel, respeitado, conhecido, invejado, estimado por muitos, admirado por todos.

Frustrou-se, porém, a minha expectativa.

A *Carne* não é um padrão de justo orgulho, de justa gloria, de justo desvanecimento para um escriptor da tempera de Julio Ribeiro.

Considero uma affronta ao seu talento suppor este livro á altura d'elle.

A *Carne* é uma obra de escandalo; não visa fim literario. E' um mixto de sciencia e de pornographia; é um *pandemonium* sem classificação na historia litteraria.

Contém, é certo, paginas de uma ousadia dominadora, de um colorido encantador, de um brilho surpreendente, de uma feitura verdadeiramente magistral; ao lado, porém, dessas bellezas, ha uma falsissima intuição da arte moderna, ha *ficelles* tremendas, ha o mais completo falseamento na comprehensão da esthetica naturalista.

Il épouvante et il déconcerte.

A acção do romance é a mais simples que se possa imaginar; o circulo dos personagens limitadissimo.

O dr. Lopes Mattoso, viuvo, tem uma filha intelligentissima, Lenita, a quem manda ensinar diversas linguas, o Grego inclusive, Mathematicas, Sciencias phisicas e naturaes, Sociologia, — a cujos problemas mais complexos não era extranha a meulna, — e dá-lhe, ao demais, uma educação artistica de primeira ordem.

Morre Lopes Mattoso, e Lenita, ainda sob a acção do violento abalo moral que lhe causára a morte do pae, retira-se para a fazenda do coronel Barbosa, velho amigo da casa, e tutor, que fóra, de Mattoso.

Pouco depois da installação de Lenita na fazenda, volta do sertão, onde andára á caça, Manuel Barbosa, filho do coronel, sujeito já velhusco, exquisitão, que vivia separado da mulher, muito mettido com seus estudos e com suas caçadas. Sabendo da proxima chegada do *homem*, Lenita prepara-se em desusada toilette para recebel-o, soffrendo triste decepção ao deparar-se-lhe um capira sórdido, suarento e barbado, mal agitado, quasi bruto.

No dia seguinte, ou dous dias depois, voltae surprehendel-a, no jardim, um cavalheiro correcto, trajando bem, barbeado de fresco, bem penteado, gentil e palavroso. Era o proprio Manuel Barbosa, cuja metamorphose teve para Lenita o effeito de um milagre.

Este Barbosa, que o leitor julga a principio um caçador vulgar, sahe-nos então um grande letrado, que andára pela Allemanha, pela Inglaterra e pela França, e fóra discipulo de Darwin, de Haeckel, de Paul Bert.

Ora, Lenita conhecia mais sciencias e mais linguas do que o imperador; travou-se de palestra com o Manuel Barbosa, e logo montou

na fazenda um gabinete completo de Physica electrologica, com os mais complicados e os mais modernosapparehos, onde faziam ambos grande numero de experiencias; entrou a traduzir, com o outro, Lucrecio e Epleuro, começando para os dols, uma vida de grande intimidade, determinada pelas affinidades intellectuaes que os arrastavam um para o outro.

Dentro em pouco, Lenita, com a carne eriçada de desejos, toma-se de amores pelo collega. Partindo este para Santos, a negocios do pae, Lenita, em um dos seus passelos ao campo, assiste a duas scenas de ligação physiologica e entra na posse real do segredo da reproducção da especie.

Os mil agullhões de reclamantes desejos continuam a picar-lhe dolorosamente a carne, até que uma noite, tendo Barbosa regressado, Lenita vae, sem dizer uma palavra, entregar-lhe o corpo inmaeulado.

Passam-se dous mezes de intimas relações, — durante as quaes o lettrado revela-se devasso consummado, — e, ao cabo d'esse tempo, em uma nova ausencia do amante, resolve Lenita partir para S. Paulo: resolução brusca, repentina, determinada pelo odio que lhe inspirára Barbosa, depois que ella lêra, no quarto d'aquelle, certas cartas reveladoras de que o seu amante de hoje tivera amantes outr'ora.

Chegando a S. Paulo, Lenita escreve a Barbosa longa carta, communicando-lhe a resolução que tomára de casar com um bacharel, descrevendo minuciosamente a capital, e concluindo por umas phrases sem pudôr, de mulher que attingiu o ultimo gráu na escala da devassidão.

Barbosa, com toda a calma, reflectidamente, pensadamente, pausadamente, suicida-se.

E' este, em resumo, o entrecho da *Carne*. E' um drama ruim, inverosmil, impossivel, com personagens phantasticos, desenrolado em um scenario estupendo, por entre quadros e paysagens inexcediveis, em que a natureza brasileira palpta chela de vida e a exuberancia tropical se ostenta em toda a sua intensidade, em todo o seu vigor.

A *Carne* é um caso de hystericismo que arrasta a sua victima á prostituição; é uma *névrose* que apparece depois de uma sensação violenta, na época das transformações porque passa o organismo da mulher, sujeito a uma infludade de accidentes psychologicos, de mais ou menos gravidade.

Mas, são tão complexos os symptos da hysteria, — a grande enfermidade do scenio, — que o romancelsta psychologo vê-se a braços com uma série variadissima de typos, na formação dos quaes a *imaginação* fica perfeitamente á vontade.

Na grande familia psychologica das *névroses* apparecem tantas e tão variadas manifestações do hystericismo, com caracteres tão in-



constantes, tão *personas*, tão varios, que o romancista pôde crear á vontade o seu typo, dar plena liberdade á phantasia, porque tudo quanto elle imaginar deve-se crêr *natural*, desde que não seja *impossivel*.

Assim, fallece ao escriptor a margem para revelar suas qualidades de observador, para *contar*, para *descrever*, para *photographar*; deve haver, necessariamente, um falseamento do principio naturalista.

Aluzio Azevedo, no *Homem*, apresenta-nos Magdá, cuja *nérose* vae á monomania religiosa e á personalidade dupla, terminando na loucura, que arrasta ao homicidio.

Julio Ribeiro, que parece ter concebido a *Carne* depois da leitura do *Homem*, havendo, mesmo, entre os dous romances, intimas affinidades, — creou Lenita, uma mulher illustradissima, que se deixa levar pelos instinctos carnaes até á prostituição.

Onde o naturalismo, na dualidade psychica de Magdá?

A dupla personalidade d'esta, a sua vida real e a sua vida de sonhos eroticos, são descriptas, no *Homem*, com todos os detalhes, com todos os incidentes da vida observavel; mas a verdade é que Aluzio Azevedo fugiu á arte, desvlou-se da essencia do naturalismo, seduzido por um caso de hysteria, que repelle, em absoluto, o dominio da observação.

O que ha de *natural*, no *Homem*, é a parte que Aluzio ampliou em um novo romance, aluda indulto; é tudo quanto se refere ao *cor-tico*, paginas soberbas, comparavels ás melhores do auctor do *Assomoir*.

Lenita, como um exemplar da moça brasileira, é um typo falso, absurdo, puro resultado de phantasia, mas de phantasia infeliz, que não conseguiu dar-lhe condições psychologicas que determinassem o fim a que chega Lenita.

No dominio da Physiologia, — nos traços geraes da *nérose*, — pôde o typo ser verdadeiro. De facto, é perfeitamente scientifica a fórmula *vaporosa* em que a principio se manifesta a hysteria de Lenita, bem como a fórmula *psychica*, em que degenera aquella, produzindo a perversão do caracter e a tendencia impulsiva que conduz á prostituição.

Mas o typo não é de pura observação; as circumstancias accessorias que se prendem á enfermidade, a direcção mesmo que toma esta, os minimos incidentes que formam a vida, o todo, o organismo do livro, podem ser productos de pura phantasia, determinados por uma dada ordem de idéas, que, na *Carne*, se resumem no proposito feito de escrever obra escandalosa, de escrever conto pornographico, creando typos incoherentes, devassos, mesquinhos, pequeninos, sórdidos, lufames, que absolutamente *não se encontram* na sociedade, cuja existencia de fórmula alguma se pôde admittir.

Lenita pôde ser um producto da leitura de Honchard, Bouehut, Küss ou Briquet; é uma criação, inteiramente livre, do romancista.

Ella podia ter-se entregue ou não ao Barbosa; ter casado honestamente ou ter resvalado na infâmia da prostituição; ter enlouquecido ou ter abafado, com um rigoroso regimen, os instinctos brutaes de sua carne exigente.

Todas essas hypotheses se admittem; todas são igualmente *possiveis*.

De sorte que a *verdade*, n'este caso, é tudo quanto se considera no dominio da *possibilidade*. A imaginação trabalha livremente: pôde fazer de Lenita uma esposa casta, uma concubina ordinaria ou uma prostituta devassa; pôde tornal-a sã ou fazel-a enlouquecer...

Barbosa é um individuo repulsivo. Nem personalidade tem, o misero. Julio Ribeiro precisava de um *homem* que se approximasse de Lenita; inventou um filho de fazendeiro, velhote já, exquisito, dado a caçada e a leitura. O sujeito revêia-se um sabio, e a cada passo im-pluge a sua *sciencia*, ou por outra, a sciencia de Julio Ribeiro, que a gente surprehende constantemente por detraz do Barbosa. Apesar de sua idade e de sua erudição este senhor, — exquisito, mettido consigo, misantropo, — é um devasso.

Julio Ribeiro fez d'elle um devasso e teve ensejo de perpetuar as scenas do mais consummado deboche em seu estylo fluente, vernaculo, attrahehntissimo.

Doloroso spectaculo, esse desmoronamento da verdadeira arte, essa abdicção do merito em favor do escandalo, essa prostituição da penna em troca de um arruido inglorio!

Pondo de parte o falseamento da escola, que noto na *Carac*, devo dizer que não foi o assumpto meindroso, escolhido por Julio Ribeiro, o que me encheu de tristeza, de verdadeira mágua no correr da leitura de seu livro.

Toda a obra artistica deve ser estudada no plano em que a concebeu o auctor, deve ser criticada segundo a direcção que lhe imprimiu o artista.

A critica estuda a obra, como ella é, expilea-a pelo *meio*, pelo *temperamento*, aceita-a como ella sahiu das mãos do auctor, fazendo abstracção do assumpto, para attender, simples e unicamente, á fórmula, aos meios empregados, aos elementos constitutivos do todo esthetico.

O assumpto, escabroso ou não, sublime ou ridiculo, indecoroso ou casto, bello ou terrivel, desde que tenha um fundo de honestidade, de sinceridade, de verdade, em nada importa á critica.

O assumpto não se discute, absolutamente.

"Todos os generos pertencem á arte, que abrange tudo quanto possa ser susceptivel de exercer sobre nós um attractivo ou uma repulsão." Disse-o M. Millsand, o auctor da *Esthetica Inglesa*.



A escolha do assumpto, escreve Ramalho Ortigão, explica-se como um facto do temperamento, do caracter, da idiosyncrasia mental do artista, mas não *se impõe*, e por consequencia, muito menos *se censura*.

O que ha a indagar, em todo producto da arte, é se o auctor, na reproducção da natureza, na successão das scenas, na photographia dos caracteres, na pintura, em summa, de todos os elementos organicos de uma obra, foi *honesto* e foi *sincero*, dando a medida exacta, rigorosamente exacta, das cousas exteriores, sujeitas á observação, em relação ao curso psychologico de uma certa ordem de idéas, ás quaes fi-liou-se o assumpto escolhido.

A perfeição no desdobramento das impressões recebidas, a verdade na perfeição, e a honestidade, a sinceridade na expressão do *real* e do *verdadeiro*, ou, ao menos, no que, de boa fé, se presume verdadeiro, é um principio inherente á propria noção da esthetica. É o *eredo* do verdadeiro artista.

No estudo, pois, da *Carne*, compete á critica examinar a *realidade* que o livro contém, e explicar o *temperamento* que produziu os desvios de verdade n'elle observados.

Julio Ribeiro foi verdadeiro, foi sincero, foi fiel á natureza, na elaboração da *Carne*?

Parece-me que não o foi.

Fazendo abstracção da escolha do assumpto, — que encerra um desvio de escola, um falseamento da arte, — examinemos a *fórmula*, o *processo* empregado na *Carne*.

O grande defeito que encerra este livro é a *personalidade* do auctor, que a gente surprehende a cada passo, dirigindo-nos a palavra, como se o estivessemos a ouvir em palestra scientifica.

A todo instante, põe Julio Ribeiro na bocca do devasso Barbosa prelecções eruditas de Botanica, de Zoologia, de Physiologia, de Medicina, de Orographia, conhecimentos que o notavel philologo possui e que empresta a um sujeito inverosimil, impossivel, intratavel, ora pela necessidade de o approximar da illustrada Lenita, — o que é um *tour de force* infelleissimo, — ora pelo simples prazer de exhibir erudição.

Em um passeio á chacara, á vista de umas *amêixas* e de uns *ananazeros*, Barbosa falla em *nesplus japonica* e *bromelia ananaz*, cita Gonzalo Hernandez, Levy e Benzoni, Christovam Acosta, refere a opinção de Fernando, o Catholico, sobre o ananaz, enuméra as variedades da fructa, os paizes onde ella se acclimatou...

Em uma carta que de Santos escreve a Lenita, carta que vae da pagina 113 á pagina 139, Barbosa faz a descripção scientifica da viagem, desde os campos de Piratiningá, (tendo o máo gosto de citar, de passagem, o desarranjo intestinal de Pedro I) até a Villa de S. Vicente, descripção minuciosa, cheia de verdadeira sciencia, citando o con-

de de Lahure, Kidder e Fletcher; estudando a ostra de Santos, comparando-a com as *rosaceas* do Mediterraneo, as *tamettosas* da Corsega, as de Ostende, as de Caneale, as de Marennas, e referindo os trabalhos de Gaillon, Priestley, Berthelot, Bory de Saint Vincent.

Desereve a estrada de ferro de Santos a Juudlahy de um modo admiravel de exactidão e de belleza; explana-se em apreciações scientificas sobre a orographia de toda a região percorrida, trabalho verdadeiramente notavel, que se poderia, sem favor para Julio Ribeiro, attribuir a Gustavo Le Bon, se o auctor do *Civilização dos Arabes* escrevesse em portuguez... e tivesse o vigoroso e másculo estylo de Julio Ribeiro.

Toda essa carta sobre a viagem a Santos é um prodigio de observação e de sciencia, que poderia figurar com grande brilho em uma obra de historia geographica do Brazil. Mas em um romance psychologico, em um romance naturallista, o trecho está deslocado, está encaixado a martello, falsêa o grande principio da arte moderna.

Não é *possivel*, não é *natural* que o Barbosa escrevesse aquillo. Demais, Barbosa não existe, nunca existiu.

E' um typo feito de incoherencias, é um manequim creado especialmente para prostituir a Lenita.

E não pára nill o *scientificismo da Carne*, tão contrario aos principios do grande mestre a quem Julio Ribeiro dedicou o seu livro, e tão desastrosamente espalhado, em uma promisculdade de *bibliotheca do povo*, por quasi todas as paginas do romance.

Além do Barbosa, — que não perde vasa para exhibir seus conhecimentos, citando, a proposito da *atropina*, os estudos de Landenburg e Schmidt sobre a *daturina*; mostrando, n'uma caçada, sua erudição em Ornithologia; dando aos *catêlos* e aos *quelzadas* os nomes technicos de *dycotilus torquatas* e *dycotilus labiatus*; dissertando, a proposito de uma mordedura de cobra, sobre o tratamento applicado por Claude Bernard e Paul Bert; além de toda essa *sciencia*, tão prejudicial ao livro, tão ostentosa, tão pedantesca, tão impropria, tão pouco *natural* no Barbosa, e, ainda mais, tão ludigua do caracter paulista, — mesmo do paulista letrado, — a exhibição da sciencia de Julio Ribeiro faz-se, na *Carne*, tambem fora das personalidades no dominio do descriptivo.

Assim é que, na esplenida scena da Irmandade de S. Miguel das Almas, quando o feliciclo Cambinda revêla ao neophyto os segredos da sua *medicina*, apparecem os termos *datura stramonium*, *pylocarpus pinatifolis*, *mappa graveolens*, *femillea cordifolia*, para designar o *mamoninho bravo*, o *jaborandy*, a *raiz de Guiné*, e a *nhandirova*; em outro trecho, descrevendo uma successão de idéas que se formam na Imagnação doentia de Lenita, faz Julio Ribeiro um verdadeiro catalogo de *bibelots* e de objectos d'arte, em cuja leitura a gente esquece

a menina-prodigio, a illustrada menina que até *problemas sociologicos resolutos*, e vê, palpitando n'aquellas paginas, a personalldade do auctor, com todo o seu amor pelos *bibelots*, pelos bronzes de Barbedienne, pelas porcellanas da China e do Japão, pelos crystaes da Bohemia, pelos vasos de Sévres, pelos marmores de Falcouet, pelas terras cottas de Clodion...

Sem duvida que o romancista deve ter a *nota do seu tempo*, a intuição do progresso das sciencias.

A mesma lei que dirige a sociologia, a moral, a historia, predomina no selo das litteraturas: — a evolução trausformulista.

Nlguem hoje escreve como escreven Balzac, como escreveu Stendal. Mas esse elemento synthetico do espirito de uma época, "esse esforço humano, no dizer de Zola, que o homem ajunta á natureza, a fim de novamente creal-a de conformldade com leis pessoas de *optica*" só deve apparecer em um caracter inconsciente no romance, fructo de observação, de analyse fria, "depolimento de uma testemunha ocular", na bella expressão de Taine.

Fol por esse *processo* que um homem que se chamou Gustavo Flaubert escreveu um livro immortal, livro que ha de atravessar todas as lidades, que ha de ser eternamente bello, porque é profundamente humano, porque é rigorosamente verdadeiro, porque é sinceramente honesto.

Fol ainda por esse processo que Zola escreven essa atrevida epopéa da *Terra*, livro estupendo, de uma verdade terrivel, onde o amor bestial do emponhez á terra, é estudado de uma manelra assombrosa: onde Zola, luctando contra todas as convengões, seguro do terreno, audaz, e activo, "denunciou a folha de vlula como um ultraje aos costumes, aos bellos costumes naturaes e livros."

Mas esta arte está acima de tudo; por sobre essas miserlas humanas, por sobre esse fervillar de uma pornographia immunda, porém *verdadeira*, observada em todos os seus inflmos lucidentes, em todas as suas *nuanças* medonhas, por sobre esse estndo *brutal*, porém *humano*, de uma observação precisa, de um colorido magestoso, de uma metlenlosidade rigorosa, — a que nem siquer escapou a nota caracteristica, de um asno bebado, — por sobre todo esse monturo perpassa o sópro genal de Emile Zola, depurando esse euxame de torpezas no cadlhuo de sua inspiração portentosa, erguendo, sobre a realldade banal da vida campesina, uma épopéa gigantesca, onde o camponez se fez estatua, no typo immortal do *pere Fouan*.

Que differença entre esse *processo* de estudo e a *névrose* scientífica de Julio Ribeiro!



E' tristissima essa exhibição constante do auctor da *Carne*, essa preocupação fatal de mostrar tudo quanto sabe, tudo quanto estudou.

Será uma questão de *temperamento*?

Accelto. Mas semêlhante temperamento, arrastando um auctor a uma tal ostentação de sabedoria, um temperamento que tão accentuadamente influe sobre o objectivo, deve forçosamente, fatalmente, matar a obra do artista e deixar, no logar d'esta, simplesmente o *inventario* dos conhecimentos do auctor.

Não quero firmar o principio absoluto da *impersonalidade* na arte.

E' fóra de duvida que deve haver uma conexão entre a impressão objectiva, a reprodução da natureza, e o sentimento esthetico, a personalidade do romancista. O seu modo de *vêr*, de *sentir*, de *perceber*, o seu processo logico, hão de necessariamente influir sobre o producto artistico, mas com um caracter de completa *passividade*, sem *parti pris*, sem influencia immediata, quasi inconscientemente, deixando apenas entrevêr, ao fundo da obra, as linhas geraes de um temperamento.

Isso é fatal. Toda a obra artistica traz o cunho de uma individualidade; o romance naturalista dá a nota, dá a photographia do mundo externo, modificada, porém, pelos factores mentaes, pelo estado do espirito, que varia na progressão evolutiva das faculdades estheticas.

Grande differença, porém, vae entre essa manifestação psychica e a exhibição constante, impertinente, massadora, do escriptor, com todas as qualidades do seu caracter.

Ahi está o *mal-entendido* da escola.

Chega a ser nojento, repulsivo, suphrametue ridiculo, o illustrado phonographo Barbosa, idiota supremo, — caracter e typo impossiveis — a reproduzir a cada passo a erudição de Julio Ribeiro!

Não! Isto não é precisamente a arte, a grande, a bella, a seductora arte, que palra muito aelma d'esse escandalo, d'esse triste desvio da verdadeira comprehensão da esthetica naturalista.

Por entre esses grandes desastres, existem na *Carne* trechos de uma belleza incomparavel.

Ha all fragmentos de uma força de attracção irresistivel, que prendem o espirito nas linhas soberbas, nos contornos firmes de um estylo maravilhoso, que agitam violentamente todas as fibras nervosas, que abalam as funcções cerebraes, que nos arrastam insensivelmente pelo caminho illuminado d'aquella adjectivação sem rival, d'aquellas phrases de bronze, photographando a imagem com uma nitidez irreprehensivel, batendo firme na idéa, subjugando-a, dominando-a, estieando-a sobre o papel, quente ainda da genesis cerebral, viva, rubra, palpitan-

le, sob o dominio absoluto de uma penna magica, vibrada por um mestre na grande arte de escrever.

Na bellissima descripção das dependencias da fazenda do Coronel, na grande scena do sonbo, em que o *Gladiador* parece á Imaginação de Lenita tomar estatura humana, mover-se, approximar-se do leito em que ella repousa e estender-se a seu lado, — scena que parece ter sido inspirada na leitura de outra semelhante no *Homem*; a do Christo e Magdá — o passeio de Lenita, por um dia quente, depois do almoço, e a scena magistral do banho, pagina de uma textura deslumbrante, digna de um livro como *Madame Bovary*; a descripção da *moagem*, o mais bello trecho do livro, a meu vêr, trecho em nada inferior ás extraordinarias scenas da lavoura, em *La Terre*, descripção monumental, de uma plastica de estylo admiravel, em que a gente percebe o cheiro penetrante da canna esmagada e a morrinha suarenta dos escravos, parecendo até ouvir o chiar dos carros e o borborinho do trabalho, grande scena *impressionista*, de um vibrante colorido de realidade, não expontanea, não bella, não verdadeira, tão perfeita como a do envenenamento de Emma, em *Madame Bovary*, que é uma das scenas mais grandiosas da litteratura de todos os tempos; o castigo de um escravo; outro trecho de um poderoso vigor descriptivo, e, finalmente, o episodio da velha entrevada, que ao saber da morte do filho, como por um milagre, se arrasta, engatinhando, até ao lado d'este, episodio de um grande valor artistico e que encerra, nas suas poucas linhas, todo o grande poema do amor materno; — tudo isso, todas essas paginas fulgurantes, traçadas por uma penna castigada, pura, audaz e valente, constítue a prova irrefutavel de que Julio Ribeiro, se o quizer, poderá escrever um livro de artista e de pensador, á altura do seu talento e do respeito devido aos grandes mestres do naturalismo.

A *Carne*, no seu conjuncto, como romance, como obra de arte, como livro de combate, de reacção contra os velhos moldes do romantismo, a que ainda se prende a nossa litteratura, é um trabalho indigno de Julio Ribeiro, é um trabalho falso, sem orientação esthetica, escripto com o proposito da pornographia, querendo, tentando arrastar a arte sagrada até á baixa cravelra da *immoralidade* proposital em que elle se empolheirou.

Os personagens principais do livro, Lenita e Barbosa, filhos de *meio* brazilleiro, de *meio* paulista, descendentes de honestos e laboriosos fazendeiros, e com uma educação exaggeradissima, convenenonal. — porque se tornou necessaria ao exito da pornographia — são méras creações de phantasia. O falseamento da verdadeira intulção naturalista vae desde a illustração impossivel de Lenita até o fim do livro. — fazendo abstracção do scenario, do descriptivo, que é maravilhoso, e de uma ou outra scena rara, — vae até no fim do livro, até á carta que Lenita escreve, de S. Paulo, a Barbosa; carta em que ella descre-

ve a capital, citando pessoas conhecidas, criticando Ramalho Ortigão, fazendo a apologia de casas commerciaes e dos bigodes do Gaspar da Silva, mostrando as qualidades do proprio Julio Ribello (!), e, depois de citar Sphosa, concluido por um *texto de Direito Romano* (!) e por um *calembourg* nojentto, indecentissimo, de feitra, indigno de uma mulher, ainda que prostituida, nas condções de Lenita.

Esta carta é um dos elementos do escandalo, na *Carne*; carta-anuncio, carta-réclame, onde Julio Ribello nem sequer teve escrupulos em exhibir a sua personalidade, o seu nome, em chelo, com todas as letras, e ainda mais, as suas qualidades adoraveis.

Toda essa carta é um desastre lamentavel; entristece profundamente a quantos amam a arte *honest*a e a quantos admiram o talento de Julio Ribello.

Impressões atridas no papel sem pretensão a *estudo critico*, essas linhas que ahí ficam obedeceram a um pensamento unico: — o amor acrysolado, o culto religioso que voto ao Naturalismo.

Esta grande escola repelle a offerenda de Julio Ribello.

A *Carne* é indigna de ambos. Não tem a feição *natural*, embóra seja *carne...crúa*.

“Uma nota crúa nem sempre é uma nota verdadeira”.

A *Carne*, no seu conjuncto, é um livro deshonesto. Ha all a rara harmonia de um grande estylo; ha descrições magestosas; ha periodos coruscantes, phrases potentissimas, ha palavras de uma sonoridade encantadora, palavras que falam, que riem, que dioram, que cantam; ha coloridos vigorosissimos, esbrazeados, relampejantes.

Mas a banalidade dos typos é deploravel; o todo é chôcho, pulha, réles, pornographico, chato, sem uma direcção esthetica, sem unidade psychologica, sem arte, sem verdade, sem honestidade.

E' um mão romance; ou, melhor, não é um romance.

Julio Ribello tem fibra para muito mais.

A *Carne*, confessemol-o, é uma obra de escandalo, unica e simplesmente.

Não tem merito litterario, porque não é *honest*a, não é *verdadeira*, não é *possivel*.

A apothecose da pornographia só se aceita quando obedece a um grande impulso esthetico, como o que dietou *La Terre*.

A *Carne* obedeceu a um impulso muito rastello: — a sede de uma popularidade ingloria, indigna de um homem de espirito.

Fellzmente para Julio Ribello, elle não irá á posteridade com esta *carne* á cabeça, á guiza de corôa de louros.

Antes d'isso, estou certo, ella ha de apodrecêr.

Camphas, 4 de Setembro de 1888.

ALFREDO PUJOL



RESENHA DO MEZ

BRASIL-ALLEMANHA

Estamos em guerra declarada com a Allemanha. O Brasil não pôde, ante novas e terríveis affrontas que a Allemanha lhe fez, guardar a linha de protesto activo que o governo lhe traçou, com a quebra da neutralidade, quando soffreu os primeiros attentados á sua soberania. Teve de chegar á guerra franca.

Sabíamos que havia de chegar até lá: a Allemanha quando envereda pelo caminho da violencia vae até o fim. Não ha embaraço de ordem moral ou de ordem jurídica que a detenha.

Foi por isso que, ao commentar a ruptura das nossas relações com aquelle paiz, dissemos, mezes atraz, que ainda não tínhamos feito tudo quanto o nosso dever e os nossos interesses nos impunham. Pensavamos, então, como pensamos ainda hoje, que devíamos desde logo ir ao extremo inevitavel da guerra declarada.

Hoje, que chegamos afinal a esse extremo doloroso, nada mais temos que dizer: O governo soube ler nas linhas incertas do futuro e soube dignamente cumprir o seu dever. Corre-nos apenas doravante a obrigação de ficar ás suas ordens — para a vida e para a morte — olhos e ouvidos attentos ao appello da Patria.

Passou o momento das palavras sonoras e das disputas ardentes: o Brasil exige de cada um de seus filhos o maximo de energia e o maximo de abnegação. Bateu para cada um de nós a hora tragica em que é preciso abafar no fundo do peito todas as vozes da alegria e todos os clamores da personalidade na sua ancia de expansão. Ninguém mais tem o direito de ser dono de si e dos seus actos: Somos todos, devemos todos ser, meros instrumentos de defesa nas mãos da Patria. Ella que faça de cada um de nós o que quizer. E cada um dos que tiverem a felicidade de perecer ao seu serviço saiba, ao cair, enviar-lhe nas azas de um sorriso derradeiro — a expressão do seu orgulho pela gloria de lhe dar a vida.

Enquanto, porém, não sôa o appello supremo, tratemos de gravar no espirito e no coração as palavras patrioticas da proclamação do sr. presidente da Republica, em 29 de Outubro ultimo:

“Impellido a reconhecer o estado de guerra, que não foi obrigado a aceitar, depois de uma neutralidade modelar, em vista dos crescentes e graves attentados á nossa bandeira praticados pelo governo allemão, nelle entrou o Brasil, para defender sagrados direitos, formando ao lado dos que, ha mais de tres annos, se vêm batendo pelas conquistas da civilização e pelos direitos da humanidade, tendo já inicia-

do actos de franca belligerancia, de accôrdo com a deliberação do poder legislativo.

E' a paz a aspiração permanente do paiz. Foi ella em todos os tempos o ideal da Nação, educada nas normas do trabalho pacifico, do progresso na ordem, do respeito aos direitos alheios. Desdo os primeiros dias da Independencia, a nossa acção internacional jamais se exerceu em detrimento de quem quer que fosse. Nossa extensa linha de fronteiras nós a fixámos pelo accôrdo e o arbitramento. Nenhum outro paiz offerrece, como o nosso, a pratica desse recurso admiravel da arbitragem, como solução dos litigios internacionaes. Nunea tivemos guerra de conquista. E a indolo do nosso povo está a indicar, em largos annos de vida laboriosa, que não nos movem outros intuitos, que não os da paz e do trabalho.

Entrando na guerra, a que outros povos já deram o melhor do seu sangue e dos seus recursos, conhece o Brasil a somma do sacrificios que está chamado a fazer. E os encara sem vacillações. Não precisa o governo traçar a regra de proceder de seus cidadãos. Do littoral aos sertões, cada brasileiro cumprirá o seu dever, como elle sempre entendeu o entendo que deve cumprir. Na luta sangrenta, cujas surpresas dia a dia annullam os mais avisados calculos, a lição está, porém, a mostrar exemplos e situações, que convém não desprezar. E' necessario que se dissipem todas as divergencias internas e que a Nação appareça una o indivisivol, em face do aggressor: para isso o governo aconsella a espera de toda a Republica o maior acatamento ás suas decisões. A imprensa, que nunca faltou com o seu patriotismo nos momentos graves, se dispensará de discussões inopportunas. Nessas tradições liberaes ensinaram sempre o respeito ás pessoas e bens do inimigo, tanto quanto forem compatíveis com a segurança publica, e assinu devemos proceder. E' opportuno que aconselhemos a maior parcimonia nos gastos de qualquer natureza, publicos ou particu-

lares. Intensifique-se tanto quanto possivel a produção dos campos, afim de quo a fome, que bate já ás portas da Europa, não nos afflicta tambem, e antes possamos ser o celleiro de nossos alliados. Estejam todas as attentões alerta nos manejos da espionagom, que é multiforme, e emudeçam todas as boccas, quando se tratar do interesse nacional. Cordiaes saudações. — (a.) Wenceslão Braz."

ALFREDO PUJOL

Não foi surpresa para ninguem a eleição do sr. Alfredo Pujol para a Academia Brasileira de Letras. Morto Lafayette, que occupava a cadeira de Machado de Assis, a Academia estava na obrigação de eleger para a vaga o autor do mais completo estudo que ainda se fez no Brasil sobre o grande romancista do *Braz Cubas*. A Academia, segundo suppunham todos, não procura, nos seus actos, afastar-se de liberadamente dos preceitos da logica e do bom senso.



Tambem não devia ter surpreendido a ninguem a escolha de um escriptor que havia publicado só um livro. Outros já tem sido escolhidos sem livro algum e um livro vale mais, ás vezes, que uma bibliotheca inteira... — Aliás se o sr. Alfredo

Pujol publicou, até agora, só um livro é porque o quiz. Ha em jornaes e revistas, esparsos, innumeros trabalhos seus que dariam para diversos volumes interessantes. S. s. não é, como podem pensar, um recruta das lotras que os amigos, percebendo-lhe a lucidez e a flexibilidade da intelligencia, empurraram á ultima hora para as fileiras. E' um veterano que, dosde as primeiras horas da juventude, correu voluntariamente a assentar praça. Aos 23 annos, quando modesto estudante do terceiro anno de direito, elle já escrevia sobre a *Carne* de Julio Ribeiro, um estudo que provocou nas rodas literarias tanto ou maior impressão que o seu recente curso a respeito de Machado de Assis...

Urbano Duarte, sceptico o zombador por dever de humorista profissional, que ora, recolheu, por um instante, o seu pernanonto sorriso de troça o mandou-lhe, num cartão rapido, os parabens pelo "magnifico artigo critico sobre a *Carne*" accrescentando: "Do plenissimo accordo com tudo".

Raymundo Corrêa, tão reservado sempre, não se contevo e desfechou-lhe esta carta: "Meu caro Alfredo Pujol — Vassouras, 14 do Setembro do 1888 — Decididamente não posso resistir ao desejo de felicital-o pelo seu brilhante artigo estampado no *Diario Mercantil* do dia 12 do corrente. Mil parabens, pois!

Não estou do inteiro accordo com tudo o que V. diz, entretanto,

Acho que a obra de Julio Ribeiro não pode ser uma decepção para ninguém; isto por mais olevado que seja o conceito, que se faça do seu auctor.

Mas apezar de sentir que á *Carne* não falta um grande merito literario, pelo menos, encheu-mo de entusiasmo a maneira franca, independente o sincera, pela qual omitiu V. opinião contraria a esta.

Não obstante pensar eu de modo differente do seu, neste ponto, em outros concordo plenamente com o que V. diz. O seu juizo critico pro-

duziu em meu espirito impressão muito agradável; contom verdades admiravelmente expostas acerca do naturalismo e revela grande vocação para a critica. A critica, assim é que eu a prezo e admiro, criteriosa e imparcial sempre, embora fallivel muitas vezes, como todos os juizos humanos.

Receba V. estas linhas como uma prova expontaneamente exhibida do alto apreço em que tenho o seu talento, do muito que delle ospero e do muito que, acerca delle, vaticino para as letras patrias.

Abraça-o com saudade o amigo e admirador, *Raymundo Corrêa.*"

Para um simples estudante que começava a sua carreira litteraria esta carta, partindo daquella eminenencia espirital, valia por uma promoção: o soldado, mal punha o pé na fileira, era logo investido nas insignias de official — por merecimento...

Devia ter sido immensa a alegria que, nesse momento, dilatou o peito do estudante. Nem um dos seus triumphos ulteriores, por maiores que tenham sido, não lhe deu, certamente, a satisfação profunda, deliciosa, completa desse instante em que principiou a sua lua de mel com as letras e com a fama...

Raymundo, prevendo a commoção que as suas linhas iriam produzir naquella alma juvenil e vibratil e receiando ficar envolvido no torvelinho de escandalo o admiração que a *Carne* e o seu critico produziram, addicionou á carta, em *post-scriptum* este pedido cauteloso:

"Peço a V. que não dê publicidade a esta carta. Não foi escripta para esse fim, senão para manifestar-lhe particularmente a impressão, que me causou o seu bello artigo, como quasi tudo o que V. escreve. Desculpe-mo o pedido, que talvez não fosse necessario fazer".

Lendo o artigo, que hoje publicamos em outra parto da *Revista do Brasil* e lembrando-se do quem foi Julio Ribeiro, não se hesitará um minuto em subscrever os conceitos de Raymundo Corrêa...

Quem assim começou tinha de acabar, salvo uma catastrophe, por onde o sr. Alfredo Pujol acabou. A Academia de Letras, para quem assim se estreou e, mais ou menos, em contacto com as letras sempre se manteve, não é uma casa estranha: é uma casa de familia.

A muita gente, que de sua vida só conhece o brilho exterior, pôde parecer, e provavelmente lia de parecer, que na carreira do sr. Alfredo Pujol mais do que o seu merecimento tem prevalecido uma estrella sem par. Puro engano. Poucos homens terão a enorme capacidade de trabalho desse batalhador infatigável e poucos terão lutado na vida com os obstaculos de toda a ordem que a sua energia e o seu talento tem vencido. Pobre e obscuro quando veio para S. Paulo em 1886 (a sua terra natal é S. João do Príncipe), o sr. Alfredo Pujol entregou-se a um esforço extenuante, revendo provas no *Diario Mercantil* e dando lições particulares, para conseguir manter-se e estudar. A sua vida, como estudante, foi o eterno romance, triste mais consolador, do rapaz pobre que, sentindo-se superior ao meio que o cerca e abafa, procura, com suas proprias mãos e sem quebra da sua dignidade, abrir caminho para o alto.

Dois annos depois de sua chegada a S. Paulo, em 1888, o seu talento já se tinha feito notar e, mudando-se para Campinas, Francisco Glycerio, habíl conhecedor de homens, o attrahia sagazmente para a propaganda republicana...

O mais, os seus triumphos oratorios, o brillantismo da sua carreira politica, a reputação da sua banca de advogado, é sabido de todos.

Premiando-o com uma de suas cadeiras a Academia de Letras não se curva deante de um mero favorito da sorte: consagra uma vontade que soube impor-se e uma intelligencia que se fez respeitada.

A *Revista do Brasil* não podia calar a satisfação que esse acontecimento lhe causa: o sr. Alfredo Pujol é um dos seus directores.

BIBLIOGRAPHIA

VICTOR DA SILVA
FREIRE — *A Orientação do Engenheiro Nacional, no Boletim do Instituto de Engenharia, S. Paulo.*

Escolheu o autor, para esse estudo que enche setenta paginas do formato da "Revista do Brasil", epigraphe um tanto perigosa. Andamos tão habituados, os que não pertencemos ás profissões cognominadas "scientificas", a encontrar sub-titulos semelhantes ou parecidos, dissertações, sabias por certo, mas obscuras para os não iniciados e como taes destituídas de interesse, que por um triz deixamos passar esta em branco.

E' precisamente essa uma das tendencias contra a qual se rebella o artigo e a que attribue elle a pouca influencia que representa o engenheiro na nossa vida publica, com manifesto prejuizo do progresso nacional. E, reforçando a these com o exemplo, urde o escripto uma teia logicamente concatenada onde se vêem desfilar successivamente o problema capital Brasileiro, as suas relações com o engenheiro, as faltas até aqui commettidas e o processo pratico de agir sobre a classe de um lado, o meio social de outro, para pôr ambos de accordo a cooperar no objectivo commum.

Por forma que o conjunto dos pontos tratados vem a constituir, na accepção rigorosa do termo, um capitulo do que de mais urgente ha a cogitar no periodo intrinsecado em que vivemos: a educação nacional. Considera-os o autor sob varios aspectos attinentes á sua profissão, nunca perdendo de vista o que, no seu entender, é o escopo final do engenheiro. E' esse definido como sendo o delinear do aparelhamento economico e tecnico que permite attingir o rendimento maximo do individuo pondo em jogo as condições existentes da terra e do capital.

Que tal delinear depeude mais da "educação" do que da "instrução" é o que resalta luminosamente dos contrastes apresentados entre a vida profissional dos nossos engenheiros e as dos outros meios em que costumes e processos differem por completo. E' bem architectada a demonstração da pouca ou nenhuma influencia das espheras governamentais em taes assumptos, cousa a que é tão commum entre nós attribuir-se a explicação de todos os insuccessos. Em contraposição, mostra o autor que grande parte dos erros commettidos pelos homeus da politica encontram sua razão de ser no abandono e indiferença a que os technicos votam os problemas mais palpitanes para o paiz.

A tal proposito desvenda o artigo os elementos basicos do problema do povoamento do sul do Brasil, ou melhor, de toda a região que se estende desde Minas até as divisas com a Argentina e a Republica Oriental. Perecorreu-a o autor em 1910 em companhia de uma das notabilidades da sciencia agronomica contemporanea, o professor Vittorio Niccoli. E a conclusão desse exame foi a verificação do fracasso completo de todos os esforços tentados e dos rios de dinheiro despendidos, não em consequencia das condições naturaes desfavoraveis, mas pela negligencia no tomar em conta dos factores proprios ao territorio, factores que entre mãos habeis e disciplinados teriam provocado, no envez, o mais fulgurante dos exitos.

Não se espraia o autor em doestos "aos responsaveis". Pelo contrario. Mostra que esse fracasso é a consequencia logica, fatal, do modo como cada uma das classes productoras encara entre uós a causa commum. Não a discutimos, não a põmos em fôco. Não o faz a escola, nem a faculdade. Não o fazem egualmente os profissionaes com experiencia propria. Nenhum vem prestar o seu depoimento pessoal. Longe disso, retrahese. E' inutil esperar progredir em taes condições.

Anarchisa-se, em vez de se disciplinar, o meio social. E' de rara fe-

licidade o exemplo profissional citado pelo autor para mostrar que essa anarchia acaba invadindo os ambientes mais conservadores, ponderados, respeitaveis. Na propria Igreja catholica vae ser encontrado o caso narrado, mera resultante a que não ha escapar o que será repetido enquanto cada um se não compenetrar dos deveres que tem para com a comunidade.

Não se contenta com isso o artigo. Aponta os perigos possiveis que nos aguardam em futuro immediato, ameaçando golpear-nos na propria fonte de seiva da nacionalidade. A não se manifestar a reacção estamos arriscados, se uão cahirmos em colapso completo, de ver escapar para mãos alheias o cabedal accumulado pelas gerações passadas. Cahiremos na tutela disfarçada, perdendo de facto a direcção dos negocios que directamente nos affectam.

E' o estudo do lente da nossa Polytechnica, em resumo, um vibrante toque de clarim, reflectido, documentado, sem exageros nem devaneios, coucitando o engenheiro nacional a cumprir o seu patriotico dever. Toque que apresenta uma particularidade caracteristica: é de accordes simples e accessiveis ao espirito de todos nós. Tão simples e accessiveis, tão interessantes e claros que o lemos, de começo a fim, sem nos lembrarmos sequer de que não eramos engenheiros.

MOVIMENTO ARTISTICO

AUGUSTO RODIN

Falleceu a 17 do corrente em Paris o grande esculptor francez Augusto Rodin. Contava 77 annos de idade, o era talvez o maior artista do mundo moderno. Nasceu em Paris em 1840, começando a estudar com Barye. Premido pela necessidade, empregou-se no atelier de Carrier Belleuse, onde se iniciou nas parti-

cularidades da technica da esculptura. em 1864, começou a manifestar a sua fortissima personalidade artistica, esculpindo o "Homem do nariz quebrado". Após a guerra franco-alleman, Rodin, não encontrando trabalho em Paris, transferiu-se para Bruxellas, onde permaneceu até 1877.

Trabalhou no "atelier" do escultor belga Van Rosbourg e collaborou na esculptura da parte externa e nos capiteis da Bolsa daquella cidade, expondo ali tambem um retrato do architecto Garnier.

Em 1877 foi que appareceu verdadeiramente no *Salon* de Paris, com o seu "L'Age d'Airain", que foi exposto novamente em 1880, já fundido em bronze, e que deu causa a uma verdadeira revolução na critica ar-



tistica, sendo o escultor muito atacado. Entretanto, a sua obra obteve uma medalha de 3.ª classe e o Estado adquiriu-a, collocando-a no Museu do Luxemburgo e dando ao artista a consagração official.

Entre 1882 e 1885 Rodin expoz no *Salon* os bustos de Jean Paul Laurens e de Carrier-Belleuse (1882), de Victor Hugo e Dalou (1884) e de Antonin Proust (1885).

Desta época em diante quasi que se dedicou exclusivamente a uma grande composição decorativa de seis metros de altura, que só chegou a completar vinte annos mais tarde — a "Porta do inferno".

Esta porta, ou antes, portal — pelas suas proporções — nuna verdadeira porta de cathedral, é uma especie de vasto painel cheio de figuras salientes em um relevo grandioso. A idéa dominante dessa obra magni-

fica foi tirada da "Divina Comedia" de Dante (que tem sido fonte de inspiração de muitos artistas. Rodin bebera em Dante a sua concepção do inferno como um todo. A sua porta é a entrada do inferno. No alto está Dante assentado, absorto e pensativo, com os olhos fitos no infinito, com a expressão elevada que lhe deu a tradição e na qual o escultor inculcava grande serenidade. O grande Florentino parece como libertado das fraquezas humanas e contempla a sua obra.

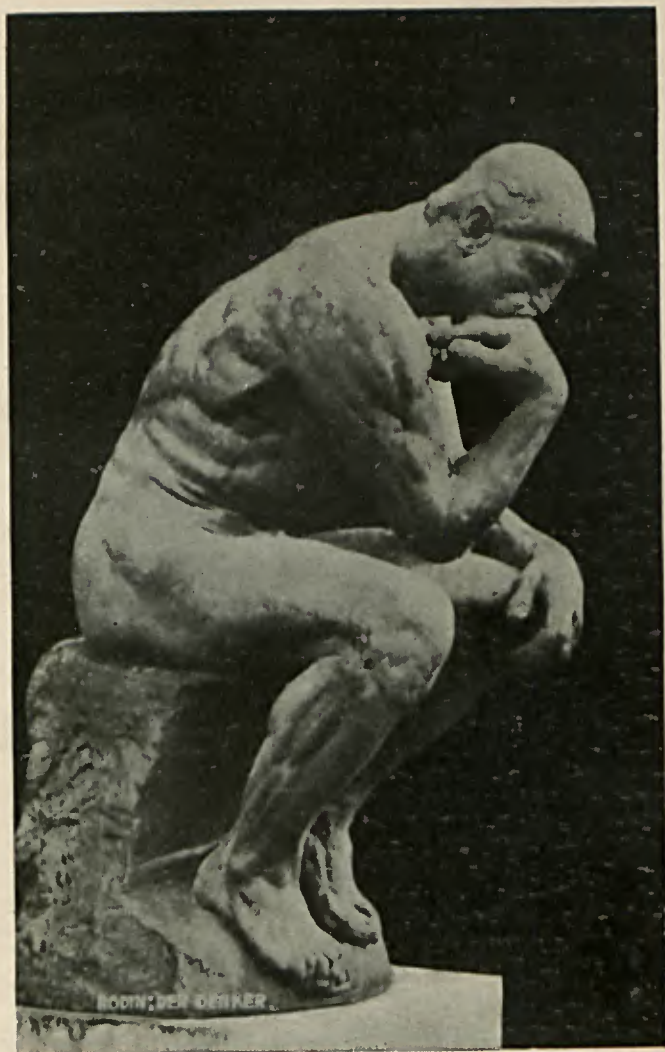
Nesta, os entes condemnados á eterna vida do inferno volvem-se delirantemente, estorcendo-se em convulsões de dôr e de angustia, terriveis na sua verdade, mas vibrantes de belleza plastica. A suprema harmonia, diz um critico notavel, parece haver guiado o artista para a consecução do resultado total; e, todavia, que sópro de realidade perpassa em toda ella!

Parece que o escultor havia conseguido perpetuar ahí todos os sentimentos da humanidade. Como paixão candente creou elle o casal eterno de Paolo Malatesta e Francesca da Rimini, e que horrores do pesadelo nos assediam quando vemos Ugolino e seus filhos, um grupo de assombroso sentimento, no qual o artista parece haver sondado as profundezas secretar do soffrer humano.

Depois de iniciar essa hora titanica e enquanto a executava, Rodin fez para a cidade de Damvillers uma estatua do pintor Bastien-Lepage; para a cidade de Nancy, um monumento ao pintor Claude le Lorrain; para a cidade de Calais, os "Burguezes de Calais entregando as chaves da cidade e implorando misericordia".

Neste monumento, abandonando toda tradição de escola, Rodin representa os cidadãos não agrupados em um quadro ou em um plintho circular, mas caminhando em fila. Essa obra foi exposta na Galeria Petit, em 1889.

Quando se deu a scisão da Sociedade Nacional de Bellas Artes e se formou o novo "Salon" em 1890, Rodin passou-se para este ultimo, on-



O PENSADOR, de Rodin



de expôz o busto de Puvis de Chavannes em 1892, a obra "Contemplation" e uma caryatide, ambas em marmore, e o monumento a Victor Hugo (1897), destinado ao jardim do Luxemburgo. Neste o poeta é representado nu, como um velho titan, estendendo o braço majestoso, com as musas do trás de si.

Em 1898 Rodin expôz "Le Baiser" (exposta novamente em 1900), um grupo em marmore representando Paolo Malatesta e Francesca da Rimini, e o esboço em gesso da estatua de Balzac, que se tornou logo o topico do momento em Pariz. Foi feita por encomenda da "Société des Gens de Lettres", que atropelou o escultor para executá-la dentro de prazo determinado, sem comprehender que um artista como Rodin devia ter toda a liberdade de acção. Esta estatua foi recebida com vehementes discussões. Alguns criticos consideraram essa estatua, em que Balzac é representado em um amplo roupão, como os primeiros fructos de uma nova phase de escultura; outros declararam que ella era incomprehensivel, senão ridicula. Foi esta a opinião abraçada pela "Société des Gens de Lettres", que a recusou, passando a encomenda para Falguière. Este expôz o seu modelo em 1899. No mesmo "Salon" Rodin, para provar que a conducta da "Société" nada havia influido na sua amizade para com Falguière, expôz um busto em bronze do seu rival, bem como outro do Henri Rochefort.

Em 1900 a cidade de Pariz, para honrar Rodin, construiu á sua custa um pavilhão proximo á estrada da Grande Exposição, onde foram reunidas quasi todas as obras do grande artista, mais especialmente a "Porta do Inferno", ainda incompleta. Este musen foi transportado para os terrenos da casa que o grande escultor possuia em Meudon, sendo mais tarde augmentado.

Rodin era representado no Luxemburgo por uma "Danaide" (marmore); um "São João" (brouze); "A que fez o Elmo" (setatuetta em bronze); pelos bustos do pintor "Jean Paul Laurens", de uma mulher e ou-

tras obras. No Museu Galliera ha um busto de Victor Hugo. A "Mão de Deus", uma obra que despertou também muita attenção, foi exposta em 1904. Nesse mesmo anno um milionario inglez, Lord Grimthorpe (então simples Mr. Ernest Beckett), presenteou a nação iugleza com o "Le Penseur", de Rodin. Nesse mesmo anno Rodin foi eleito presidente da "International Society of Sculptors, Painters and Engravers", do Londres, succedendo a Whistler.

Impressionista nas suas concepções, Rodin é realista na maneira do executá-las, a tal ponto que foi accusado do ter moldado o seu "L'Age d'Airain" sobre um modelo vivo.

As suas figuras revelam uma grande sciencia de modelado de contornos, grande severidade de linhas, expressão e movimento rhythmico. O seu principal caracteristico é vigor extraordinario na synthese da fórma humana. Ha do ficar na historia da arte como uma gloria, não só da França, mas de toda a humanidade. A sua forte individualidade fez-se sentir poderosamente na moderna escola do escultura em França e mesmo fóra da França. Nos primeiros dez annos do seculo actual o seu nome tornou-se conhecido em todo o mundo, adquirindo uma fama universal. O Governo francez deu-lhe um grande numero de encomendas, bem como adquirio para o musen de obras de arte moderna, o Luxemburgo, nada menos de vinte e cinco obras suas.

A sua productividade continuou inquebrantavel, pôde-se mesmo dizer, até aos seus ultimos dias.

Em abril de 1916 Rodin fez doativo ao governo francez de todas as suas collecções de arte o do palacio "Birou", em Pariz, onde ellas se achavam reunidas, conservando porém, nesse edificio, um "atelier".

A EXPOSIÇÃO DO SACY

Productos de um concurso consequente a um inquerito que está na memoria de todos, estiveram expostos ao publico varios quadros e es-

culpturas onde, pela primeira vez na terra natal do Sacy, foi o Sacy guindado ás regiões da arte. O thema era difficil. Fixar um typo puramente subjectivo, de fórmãs instáveis, cheio de variantes, existente apenas na imaginação do sertanejo, é tarefa que requer do artista um boçado mais de talento do que o preciso para broxar um melão, retratar um empatacado Cav. Uff. ou copiar os fundos da Tabatinguera, thema dilecto dos nossos paisagistas que enebriam-se ali com uns toques de Veneza muito seductores. Requer inventiva, requer composição, e composição das que não possuem commodos pontos d'apoio, isto é, obras anteriores do mesmo genero já consagradas, nas quaes o pintor "monta" sem percepção do publico. Dovidado a isso, talvez, os nossos pintadores de Bretanha e Cav. Uff. absteriveram-se. Compositores geniaes de Perdões, Salomé, e Tabatingueras, não lhes convinha perder a mascara de Regnaults do Café Paulista, e Corots da Varzea do Carmo para esta arriscada aventura do *algo novo*. Continuam no *algo viejo*, e fazem muito bem. Um dos meios de ter talento é simulalo.

Nacionaes compareceram em pintura apenas dois trabalhos, uma aquarella ligeira do sr. Celso Mendes, bando de cavallos que o Sacy dispersa á noite, e o Sacy do Paraná do sr. Joab do Castro, que ó uma criança e pertence ao numero dos "curiosos". A sra. Malfatti tambem deu sua contribuição em ismo. Um viandante e o seu cavallo, em pacato jornadaear por uma estrada vermelha, degradingolam-se numma crise de terror ao doparar-se-lhes pendente duma vara de bambú uma coisa do outro mundo. Degringola-se o cavalleiro, degradingola-se o cavallo, degradingola-se a cabeça do cavallo, tentando arrancar-se do pescoço, o qual estira-se longo como feito da melhor borracha do Pará. Genero degradingolismo. Como todos os quadros do genero *ismo*, cubismo, futurismo, impressionismo, marinctismo, está *hors concours*.

Não cabe á critica falar delle porque o não entende: a critica neste pormenor corre parcelhas com o publico que tambem não entende. E' de crer que os artistas autores entendam-n'os tanto como a critica e o publico. Em meio deste não entendimento geral é de bom aviso tirar o chapeu e passar adiante.

As demais telas são de artistas estrangeiros. Roberto Cippichia, o premiado compareceu com uma interpretação romantica muito sensata e harmoniosa, notavel pelo movimento que imprime á scena da cavalhada em fuga, dentro da noite, cavalgada por um sacy. Foi a tela que melhores louvores recebeu do publico, que os repartiu ainda com suas duas esculpturas, deveras originaes, muito suggestivas, o onde a caracteristica diabolica do duende está muito bem interpretada.

Richter apresenta duas aquarellas e um oleo; a das quatro negras em torno do fogo, com um sacysinho que entra a aporrinhal-as, está optima no estudo das pretas, uma das quaes é a negra mais bem estudada que conhecemos. O caracter physico e mental da africana está fixado nella com rara felicidade.

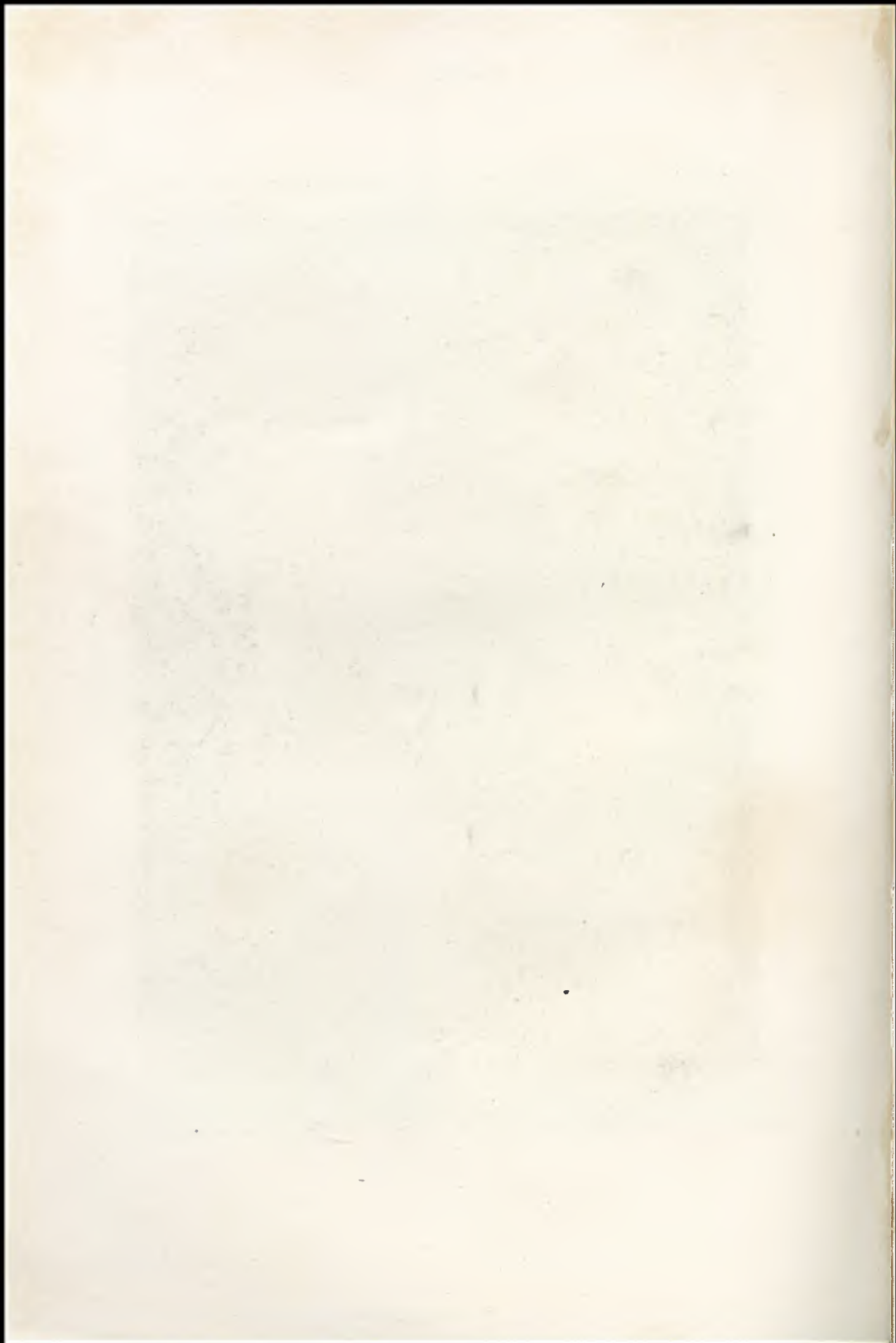
Peceu unicamente em afastar-se da lenda daudo proporções microscopicas ao diabinho. A outra, um caipira que ao transpor uma pinguela esbarra com o sacy, está bem estudada, com um fundo ecletico e epitomico de paisagem brasileira; só foi commentado desairosamente a inserção da cabeça no tronco. O terror do caipira não vac até á desnocacar das vertebraes. Seu terceiro trabalho, a oleo, constituiu ainda uma das boas coisas do certamen.

Iara, pseudonymo de Norfini compareceu com quatro aquarellas episodicas, todas muito interessantes. O thema da cavalhada a galope, com sacys a espantal-a, desenvolveu-o elle com largueza e optima movimentação. As demais foram compostas com o espirituoso tom anecdotico que caracteriza esse fino e elegante artista.

405



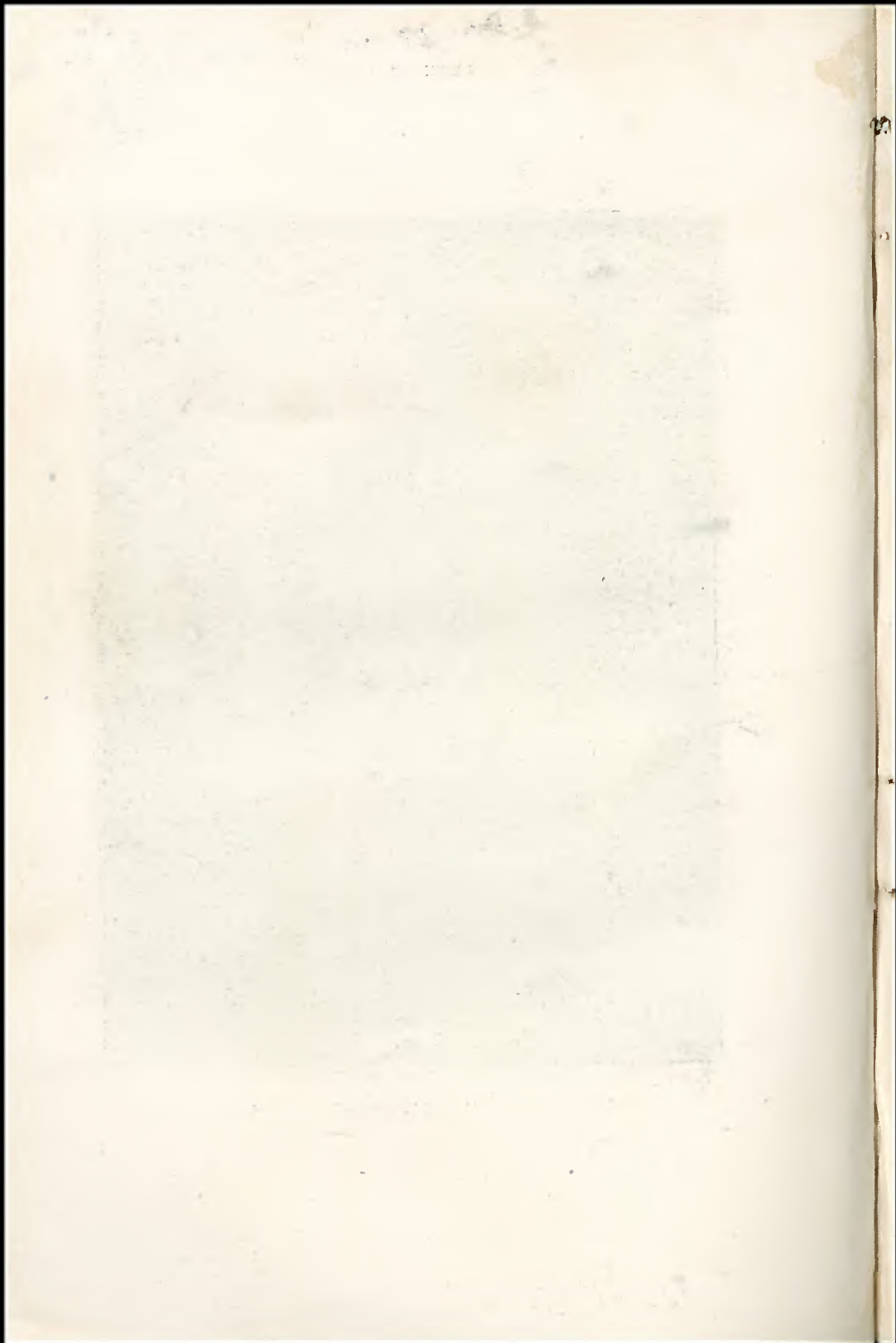
O SACY E AS PRETAS, aquarella de Richter



407



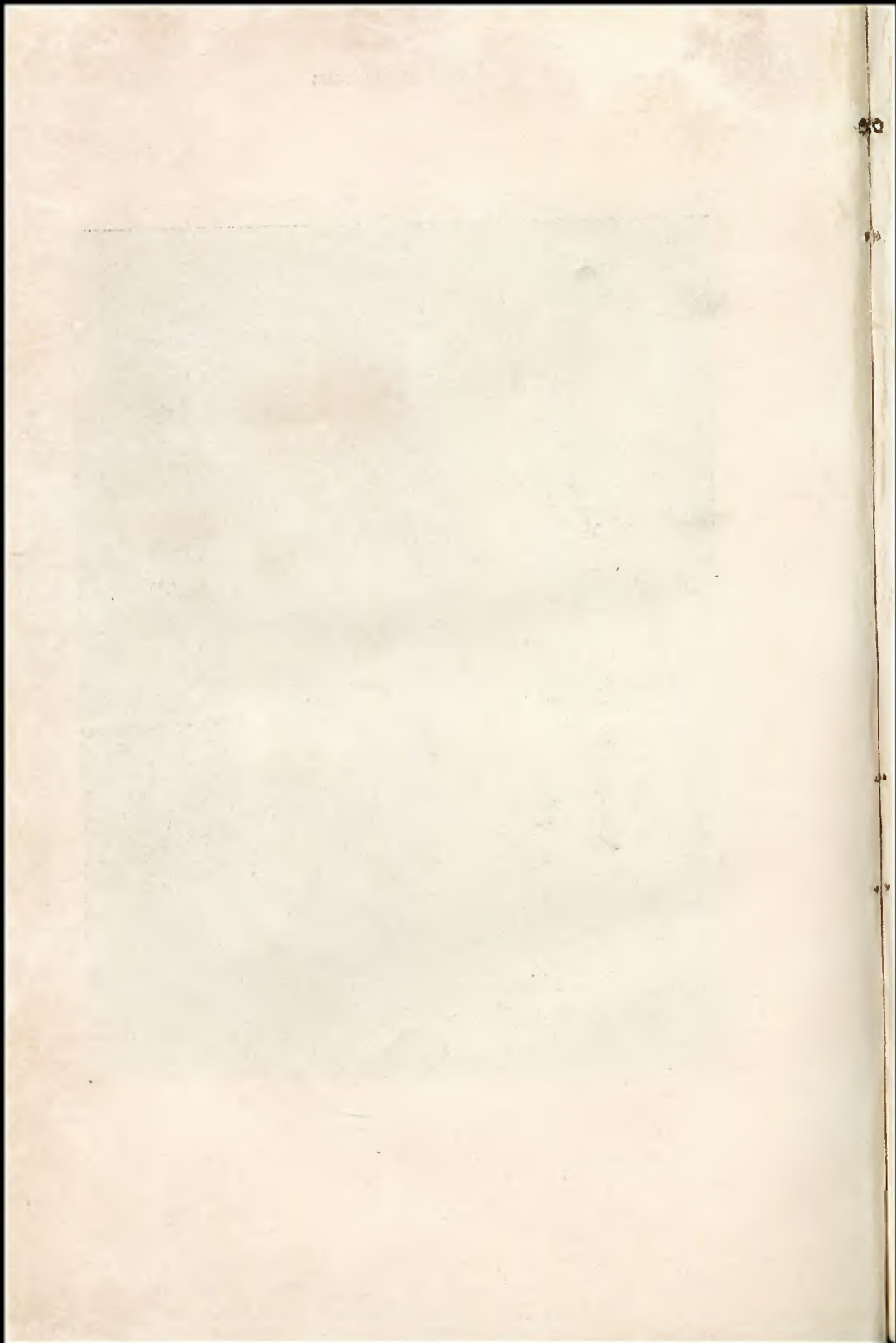
O SACY E O CAIPIRA, aquarella de Richter



409



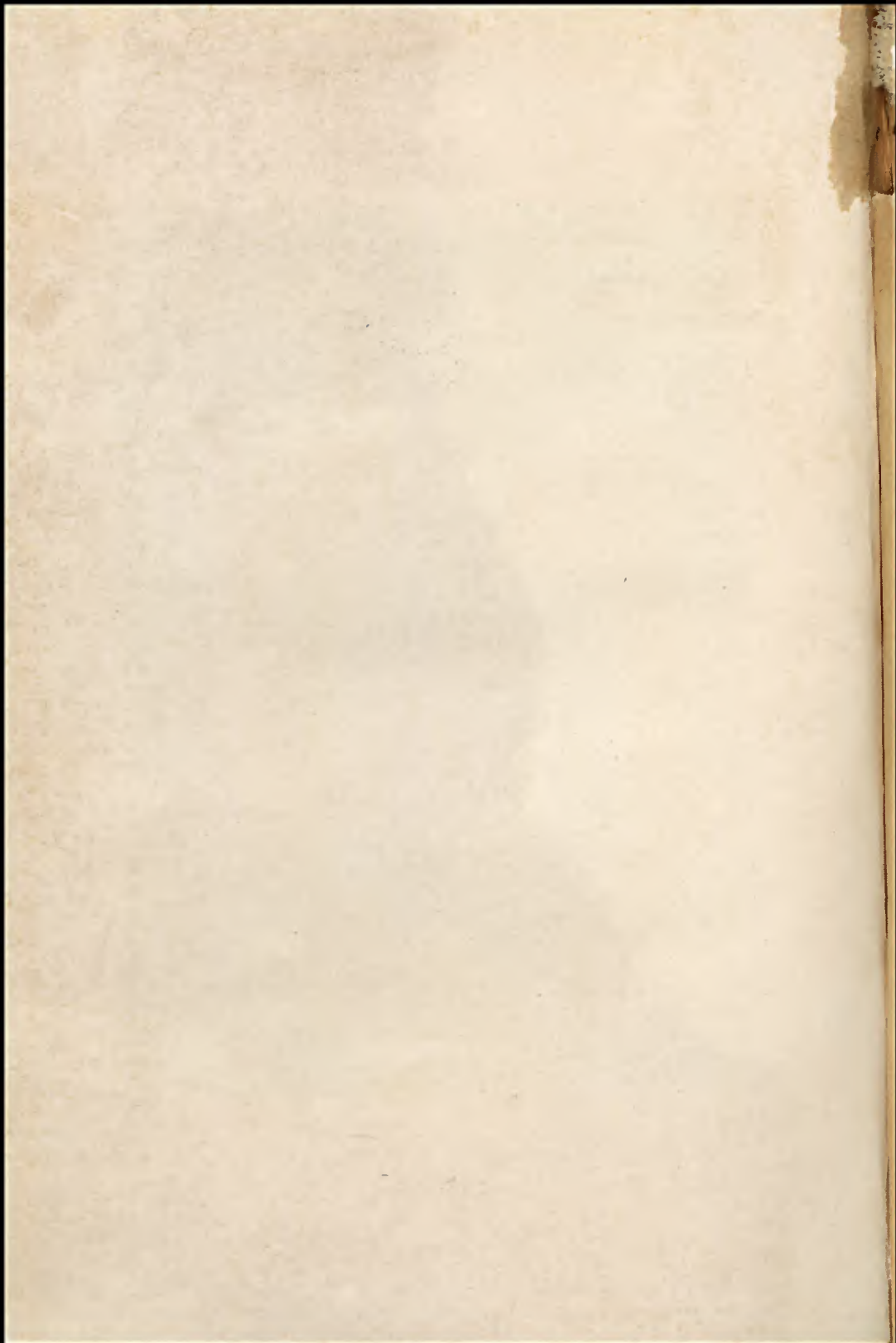
A TRANÇA DA CRINA, medalhão em gesso de R. Ciprichia



400



O SACY E A CAVALHADA, quadro a óleo de R. Cippichia



De la Latta aquarellou um saey no rodoinho bastante suggestivo e decorativo. No saey satisfeito, moleque cavorteiro sentado como o tição da discordia entre um casal de pretos brigados, a physionomia do diabinho exprime melhor que em todos os trabalhos expostos o seu ar brejeiro de demonio familiar. São estes os trabalhos dignos de nota. Os demais revelam apenas boa vontade. Na esculptura o Sr. M. Vellez traz um gesso bem estodado o interessante, mas academico em excesso.

E' um fauno grego com cabeça de menino africano e não um diabo. O outro gesso incide no mesmo juizo. E' só. Minto. Ha ainda o barro do Poá do sr. Oliveira Filho, que não é escultor, mas compendiou em argila todos os caracteristicos da sua concepção scycesca.. Tem um merito: foi o primeiro saey modelado no paiz que o almirante Alvares descobriu por accaso em 1500 e que os alliados redescobriram agora por negocio. — M. L.

NOTAS DE SCIENCIA

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Uma das mais importantes revistas italianas, a *Nuova Antologia*, traz um estudo interessante sobre o decrescimo da tuberculose e o incremento que vão tendo as doenças do coração. A tuberculose pulmonar, diz o autor do artigo, sr. Giovanni Galli, está em evidente diminuição, pois morre-se hoje menos do que antigamente, por essa molestia. Em 1905, por exemplo, morreram na Italia, de tuberculose, 40.349 individuos. Já em 1914 essa mortalidade descia a 37.624. A mesma diminuição mais ou menos se tem constatado com referencia ás outras formas de tuberculose humana. Entretanto, as estatisticas revelam o contrario, com referencia ás molestias do coração, ou, em termos mais

geraes, do apparelho da circulação sanguinea. Em 1905 uorreram de molestias do coração, na Italia, ... 59.266 pessoas. Já em 1914 morreram 64.850. A mesma coisa se nota com relação á apoplexia e á congestão cerebral. Quanto á arterio-sclerose, morreram em 1905 na Italia 9.765 pessoas, ao passo que em 1914 o numero de mortos subia a 11.541. Assim, pode-se dizer que enquanto ha diminuição da mortalidade por tuberculose pulmonar, ha também um augmento bem notavel da mortalidade por doenças da circulação sanguínea. E esse facto se verifica em todo o mundo. A tuberculose pulmonar victima geralmente individuos jovens, que não formaram ainda uma familia e não tomaram compromissos sociaes o familiares. As doenças da circulação, entretanto, atacam em geral as pessoas que se acham entre os 40 e 60 annos, que é o periodo da vida mais importante. A perda de uma pessoa nessa idade, é, pois, uma perda grave para a sociedade e para a familia, perda muito mais grave do que a de um joven.

Comparando o coração a um motor, concluimos que como para este a sua duração e o seu rendimento são maiores quando elle é usado para os fins a que se destina. Assim, com o coração: embora doente, o seu rendimento e a sua longevidade serão maiores se não se reelamar delle mais do que pode dar. Basta ás vezes a mudança do officio ou profissão para que o coração affectado de grave vicio organico ou sob a ameaça de uma cardiopathia, possa durar muito mais tempo. Um dos primeiros conselhos, pois, a dar, é o que se refere á escolha do officio ou da profissão, que hoje se faz sem criterio algum.

Outra coisa que ha a fazer é promover a melhoria hygienica das massas populares. Todos nós temos visto rapazes muito jovens ás vezes bem creanças fumando pelas ruas ou mesmo paes sem consciencia dando alcool e café até ás creancinhas. Ora, sabemos quanto o uso do fumo e do café em tenra idade predispo

a doenças nervosas da circulação sanguínea. E' sabido que os tisiologos obtêm os mais confortadores resultados therapeuticos nas "formas iniciaes" de tuberculose pulmonar. Quando existem cavernas pulmonares, emagrecimento, febres cachecticas, o proprio profano não pensa mais na cura nem a pretende do medico. "E' muito tarde", costumamos dizer. Com relação ás doenças do coração, entretanto, é precisamente o opposto que se dá. Em primeiro lugar, ellas não toem, desde o inicio, manifestações tão alarmantes como as da tuberculose pulmonar. E' muito frequente entretanto que o medico trate de doentes cardiopathicos ou arterio-scleroticos, nas condições de um tuberculose com cavernas pulmonares. Como remediar esse facto? Nós vamos ao dentista todos os annos para um exame geral da bocca, afim de evitar as caries nos dentes, que se podem atalhar vantajosamente no inicio. Pois, ao que se vê, a integridade do coração é considerada praticamente como menos importante do que a dos dentes.

A UTILISAÇÃO DOS OSSOS

Tem-se falado muito da utilização dos ossos dos animaes. Os cadaveres de animaes contém, effectivamente, muitas materias uteis. Ha muito tempo se sabe, por exemplo, que a osseina, materia fundamental dos ossos, das cartilagens e dos tendões, se transforma em gelatina, por meio da ebulição. Poder-se-ia talvez obter uma substancia mais ou menos semelhante, tratando por meio do calor os pelos, as unhas, os elifres, etc.: a ceratina de que são compostos se transforma em propeptona, de que se poderia talvez tirar partido na alimentação, servindo a constituir albumina elémentar. Com iguaes quantidades de azoto, as propeptonas podem substituir completamente a albumina na alimentação. Assim se acreditava tambem

com referencia á gelatina. Papin foi o primeiro que em 1681 preparou a gelatina. Pelos fins do XVIII o principio do XIX seculos, a gelatina era considerada como alimentar. Mas não foi empregada como alimento, por causa das experiencias de Majandi e Donné, que lhe pareciam desfavoraveis. Em 1870 Frémy declarou que se devia empregar a osseina, sendo do seu parecer varios cientistas. As experiencias realizadas nessa época mostraram que a gelatina extrahida da osseina satisfaz ás necessidades alimentares. Então utilisaram-na, mas depois da guerra foi abandonada. Em 1912 Maurie retomou o estudo da questão, e em 1914 propoz que se adoptasse a osseina cosida e reduzida a pó como tapióca grossa. Ella pode ser ingerida directamente numa sopa, em doze de 50 a 75 grammas por dia, quantidade em que representaria em azoto 200 ou 300 grammas de carne fresca. E o pó dos ossos forneceria além disso aos tecidos uma boa quantidade de substancias mineiras. A proposta de Maurie applicase á osseina obtida com ossos frescos. Nos ossos que acompanham os residuos da carne e dos ossos seccos se extrahiria uma osseina util sómente na alimentação animal. Mas, só a osseina não bastaria: o homem precisaria ainda de um pouco de albumina de carne, visto como a osseina serve sobretudo a economisar albumina dos tecidos e as materias ternarias.

Dos cadaveres dos animaes, não se pódo extrahir uma gelatina para a alimentação humana. Mas os cavallos e os bois mortos por doença ou por feridas podem ser utilizados: pode-se tirar delles gordura industrial e gelatina, diversas substancias industriaes (glycerina para explosivos), ou que pudessem servir de alimento aos animaes. Esta industria existia já na Alemanha, antes da guerra. Não ha razão para que não exista tambem nos outros paizes, em tempo de paz como em tempo de guerra. E' um aproveitamento muito natural que a sciencia aconselha o deve ser empregado pelos homens.

A HORA DO HEROISMO

Que é o heroísmo? Após tres annos de uma guerra como o Mundo nunca viu igual, parece que já se devia saber o que é o heroísmo. Centenas de milhares de homens já conheceram a longa espera mettidos na lama das trincheiras, a embriaguez dos assaltos, o impeto sublime no meio da metralha, o louco desespero de gloria. A guerra tem-nos dado exemplos de numerosissimos soldados, humildes operarios ou intellectuaes superiores, realisando gestos de uma prestigiosa grandeza e extremamente simples. Mas qual é a força mysteriosa creadora de coragem, que eleva as almas até o sacrificio? Os poetas supõem terna comprehendido; philosophos a discutem; e sabios a analysam com prudencia e methodo. E' sempre o eterno "porque" e o "como" das coisas que obseca o espirito humano.

Ora, dois medicos, os drs. L. Huot e P. Voivenel tratam do heroísmo num estudo publicado no "*Mercure de France*", sob o titulo "Diagramma psychologico da batalha". Os autores procedem com uma severidade rigorosamente scientifica no exame do que constituo nos nossos olhos a manifestação do sentimento do sublime; sondam a alma como se sonda uma ferida; e lendo o seu trabalho, baseado em formulas precisas, uma tristeza nos invade, por não ver mais do que isso no fundo do melhor de nós. Despresando as perturbações resultantes das pequenas emoções, os drs. Huot e Voivenel tratam dos effeitos de uma emoção violenta sobre o psychismo do soldado normal, e relacionam tudo com o systema nervoso "acumulador de energia". Immediatamente antes do assalto a energia potencial neuro-cerebral se põe em tensão e a pressão energetica augmenta. Durante o combate, despende-se toda essa energia potencial, e produz-se então o que Dupuytren chamava uma "hemorragia da sensibilidade"; e depois do combate constata-se a depressão nervosa.

São estas as tres phases do heroísmo. Antes do assalto, o estado emo-

eional vae até á angustia e á anciedade, que se traduzem sempre por um silencio tragico, pelo automatismo muscular geral ou parcial, e pela intensidade das representações mentaes. Os centros cerebraes trabalham enormemente, sob a mascara da face, produzindo uma tensão de espirito extrema, que augmenta ao infinito a acção do menor facto. E' a hora do heroísmo — ou a hora do medo. E' preciso que neste momento o dispendio nervoso se complete, se se quer evitar os effeitos da angustia e anciedade. O organismo não se póde libertar senão pelo combate do potencial nervoso que o opprimia, e a sensibilidade accumulada não se exerce senão pela acção. Produz-se então uma curiosa dissociação da personalidade, que permite ao soldado agir e vêr-se agir ao mesmo tempo, acima de todo este automatismo polygonal, dizem os drs. Huot e Voivenel, o Eu consciencia julga, interessa-se, dá-se a si mesmo motivos de acção. E' uma flamma de magnesium que aclara todas as cynesthesias. E' um jaeto desse entusiasmo de que se tem dito que tem levantado o mundo... E' então a embriaguez, o "riso rubro", e nas conquistas de assalto de cidades e aldeias defendidas com vigor, a continuação automatica do gesto de morte e todas as consequencias immediatas da crise nervosa!" Depois vem a depressão. Uma tropa maravilhosa ao meio dia, talvez mediocre á tarde: cederá tanto mais facilmente quanto ella tenha sido mais tenaz, porque a mola será quebrada, por ter sido muito distendida. "O heroe cae em cinzas e não será mais do que um pobre homem, emponez, operario ou burguez, simples como eram os nossos antepassados." Tudo isto pode ser muito scientifico, mas não nos explica sufficientemente a hora gloriosa do heroísmo. Ha mais alguma coisa na coragem, alguma coisa mais pura e mais noble, attestando o valor da alma humana. Podem os nervos produzir a gloria ou a covardia, mas afinal de contas são os poetas que têm razão, porque só a alma crea a belleza...

M. P.

TH. RIBOT

O illustre professor da Sorbonne, dr. George Dumas, fez ha pouco no Rio do Janeiro uma interessante conferencia sobre o psychologista Theodulo Ribot, fallecido recentemente em França.

Começou dizendo que para comprehender a revolução feita por Th. Ribot nos estudos psychologicos convinha recordar quo ao tempo em que elle começou a pensar e a escrever, isto é, em 1867, os ataques dos positivistas e os ataques de Taiue haviam demonstrado a franqueza da psychologia espiritualista da Escola do Cousin. Ribot sentia necessidade de sair das entidades metaphysicas e das explicações verbaes; com a plena consciencia do fim que queria attingir, concebeu, ha 27 ou 28 annos, o projecto de organizar na França uma psychologia scientifica e de transformar, por moio da mesma, o ensino psychologico.

Pelo seu trabalho, seus methodos e sua autoridade pessoal, elle conseguiu fundar essa psychologia e fol-a triumphar, vendo-a aceita por todos. E' essa a principal obra da sua vida.

As influencias que Ribot recebeu e synthetisou são facéis de distinguir na sua obra, porque elle mesmo teve sempre o cuidado de as assignalar.

Assim, em primeiro lugar e acima de toda a influencia do philosopho francez, cujo pensamento domina todo o desenvolvimento scientifico e philosophico do nosso tempo: Augusto Comte. Ribot, que o havia lido e meditado, em 1865 a 1870, reproduziu, com algumas variantes, todas as criticas que Comte dirigira contra a psychologia "cousiniana"; iusistiu, como elle, embora menos, nas difficuldades da observação interior; criticou depois de Comte essa mesma observação, por não poder apprehender o antecedente physiologico dos factos de consciencia e de não poder assim fazer entrar a psychologia na série das sciencias naturaes; como elle, criticou o caracter intellectualista o

abstracto de toda a psychologia classica; finalmente, encontrou nelle o plano geral de uma psychologia positiva, na qual a psychologia animal, a psychologia social, a psychologia physiologica e a psychologia pathologica tinham todas o seu logar.

A psychologia ingleza contemporanea, cujos principaes resultados Ribot expoz em 1870, exerceu igualmente sobre elle grande influencia, pelas suas tendencias empiricas e inductivas. Se Ribot, accusa Stuart Mill de fazer muitas vezes uma psychologia demasiado verbal e Spencer uma psychologia demasiado systematica, mostra-se cheio de sympathia para com a obra de Alexandro Bain do qual elogiou as faculdades de observação, o espirito de classificação, a prudencia na hypothese e o cuidado de procurar a explicação physiologica.

Na escola philosophica allemã de que igualmente expoz os trabalhos, Ribot considerara digno de particular louvor esse mesmo cuidado de explicação physiologica. Considerados em si mesmos fóra das suas condições physiologicas, os factos de consciencia têm um caracter vago e fugaz que se oppõe ao conhecimento objectivo e preciso.

Congregado todo o estado psychico (idéas, volição, sentimento) num estado nervoso correspondente, sac-se do impreciso e do vago, para, como já observará Augusto Comte, se fazer entrar a sciencia do espirito na physiologia cerebral e, por isso mesmo, na série das sciencias naturaes. Eufim ao lado da psychologia physiologica de Wundt, elle colloca a psychologia de Ribot, a psychologia de Fechner e de Weber e a psychologia de laboratorio.

Mas todas essas influencias não obstaram, porém, que Ribot fizesse uma obra pessoal, fundando a sua psychologia na observação interna, a psychologia cerebral principalmente sobre a pathologia nervosa e mental: "O methodo pathologico — escreveu elle — encerra ao mesmo tempo a observação pura e a experimentação da categoria mais sub-

til, instituída pela própria natureza em determinadas circunstâncias e por processos de que a arte humana não dispõe. Ella attinge o inacessível. Ao demais, se a enfermidade não se encarregasse do desorganizar, para nós, o mecanismo do espirito, quem ousaria fazer experiencia que a mais rudimentar moral reprova?"

Os primeiros livros de Ribot, que foram inspirados por esse methodo ("Los maladies de la mémoire, Les maladies de la volonté") são hoje classicos e acham-se traduzidos em todas as linguas; foram e são ainda o breviario dos psychologos e dos medicos; trouxeram novos pontos de vistas á pedagogia e á medicina, á philosophia e até á literatura. Marca uma época não sómente na historia da psychologia, mas tambem na historia da philosophia geral. Além disso, como frequentemente se tem notado, essas obras prestam aos medicos e aos psychologos o precioso serviço de os unir, dar-lhes modelos de trabalho, methodo e lingua commum. Fundaram definitivamente a união da psychologia e da medicina.

Entretanto, seria amesquinhar a obra de Ribot reduzi-la á applicação do methodo precedent. Esse methodo estabelecera para as molestias da memoria a famosa lei chamada "de regressão", segundo a qual as lembranças desaparecem ordinariamente na ordem inversa de sua aquisição, pois que as mais recentemente adquiridas são as mais frageis e as mais antigas, as mais resistentes. Pouco a pouco foi Ribot estendendo essa lei "de regressão" a toda a vida do espirito e serviu-se della para fixar a ordem da formação das tendencias, instinetos, sentimentos, etc.

Assim, na sua psychologia, antes de mais nada puramente mecanica e estatica, o ponto do vista evolutivo e dynamico passou a occupar nu lugar cada vez maior. E, por essa fórma, chegou a fazer psychologia infantil, psychologia animal e psychologia social; e eis porque os livros escriptos no ultimo quartel da

sua vida apresentam uma feição mais complexa que as do primeiro periodo, taes como "Les maladies de la memoire" e "La psychologie de l'attention".

Certo dia em que o professor Dumas, visitou Ribot em companhia de Medeiros e Albuquerque, Theodulo Ribot perguntou ao nosso compatriota qual era, dos seus livros, o que elle preferia? E a resposta foi: "A vossa "Psychologie des Sentiments". Ribot não compartilhou dessa opinião. Elle preferia a todos os seus livros "Les maladies de la memoire", no qual affirmára o seu methodo o lançára os primeiros fundamentos da sua reputação; mas a maioria dos leitores e dos discipulos são da opinião de Medeiros e Albuquerque: "La psychologie des sentiments" é uma obra prima; Ribot nesse trabalho associa, de maneira a mais feita, o methodo physiologico, o methodo pathologico e o methodo dynamico. E, se elle passou rapidamente nesse livro sobre as desorganizações pathologicas da vida affectiva, é porque o assumpto, apesar de todo o seu interesse, era ainda, a esse tempo, pouco conhecido.

Se quizessem classificar a psychologia e a philosophia do Th. Ribot, seria na escola ideologica e, ao mesmo tempo, na escola positivista. Ribot fez, com a sua propria originalidade e graças a modernos processos de investigação, essa psychologia objectiva e biologica que Destutt de Tracy e Cabanis, tinham previsto e da qual Augusto Comte, traçará mais tarde as principaes linhas.

Elle foi o herdeiro e representante dessas grandes escolas. Nessa qualidade e a despeito das influencias recebidas, a sua psychologia é uma psychologia accentuadamente franceza.

Ribot morreu a 9 de Dezembro do 1916, victima de uma hemorragia cerebral. Sobre a mesa de trabalho, junto á qual o seu mestre nunca mais se sentaria, o professor Dumas pôde ler algumas tiras de

um artigo inacabado contra "La conception finale de l'histoire".

Essas paginas, ultimas que Ribot escreveu são as mudas testemunhas de que elle guardou até ao seu ultimo dia toda a sua juventude e todo o seu vigor intellectual.

BRASIL ESCREVE-SE COM S

A convite do sr. director da Instrução Publica, dr. Oscar Thompson, e do respectivo corpo docente, o sr. Assis Brasil visitou em Setembro passado a nossa Escola Normal. Depois de haver pereorrido varias aulas e dependencias, foi introduzido em um salão onde muitas alumnas e alumnos cantaram hymnos e recitaram poesias. Por fim, o director da Escola, sr. Gomes Cardim, pronunciou breve discurso de saudação ao illustro visitante.

Respondendo á saudação, o sr. Assis Brasil depois de se congratular com o director da Instrução Publica, director da Escola e professores presentes pelo alto gráo de excellencia attingido por esta instituição, pronunciou as seguintes palavras, cuja publicação somente agora póde ser feita, por ter sido necessario esperar pela revisão que o orador se inebuiu de fazer, das notas então tomadas.

.....

Nesta casa trabalha-se; ensina-se e, sobretudo, aprende-se: aos que teem a boa sorte do ser nella recebidos não é licito alterar o regimen. Os que aqui veem, se não poderem contribuir para ensinar alguma coisa, devem esforçar-se por aprender, ou, pelo menos *estudar*. Não tenho competencia para ensinar; do pouco que vi já aprendi muito; mas desejo que a minha passagem por este templo do estudo se assignale por uma contribuição que possa permanecer mais duradoura que o echo de simples palavras laudatorias: encomios já se vos tornaram banaes, porque são de todos os dias. Quero contribuir com um estudo positivo, que submetto ao vosso juizo auto-

rizado e que desejo conserveis menos pelo seu valor intrinseco do que pelo que encerra de carinhoso sentimento.

Ao tomar nas mãos este programma dos exercicios que organizastes em minha honra, impressionou-me ver a palavra Brasil sempre escripta com s, o não com z. Impressionou-me bem, devo accrescentar; porque sou tambem da opinião de que essa é a orthographia da palavra que se transforma no sagrado symbolo verbal da nossa Patria.

Infelizmente essa opinião, bem que muito generalizada nestes tempos, não é unanime. E' facto talvez unico na historia, é com certeza unico nos tempos modernos — o dos cidadãos de uma mesma nação discordarem sobre a orthographia do nome do proprio paiz. E' unico, mas é bem expressivo: no Brasil tudo está por fazer, desde á orthographia do proprio Brasil.

Ora, não conheço obra mais meritória e mais em harmonia com a indole desse sacerdocio da civilização, que é o professorado, do que a de promover o *accordo nacional*. E a importancia do caso é multipla quando se trata do professores de professores, como são os das Escolas Normaes. Deixo, pois, aqui os meus votos para que a lieção contida neste papel, neste despretençioso programma — tudo nesta casa é ensino e exemplo — se dilate, se difunda por toda a enorme area alcançada pela luz que deste nobre fôco se irradia: que os discipulos desta grande escola, professores de amanhã, levem daqui a convicção de que Brasil se escreve com s e não com z; que levem o habito consciente de o escrever assim e que o façam escrever assim pelos incoutaveis discipulos cujos cerebros serão chamados a afeiçoar para o serviço e a gloria da Patria.

Vós e elles, como mestres que sois e que serão olles, sabereis dar as razões da vossa preferencia. Eu vos exporei, entretanto, brevemente, as minhas, e serei feliz se dellas poderdes recolher algum apoio para as vossas.

BRASIL sempre se escrevem com *s*, desde que tal denominação foi aplicada á conquista portugueza na America do Sul até aos dias contemporâneos. So ha alguma excepção, é tão insignificante que não conta, como não conta o infinitamente pequeno.

João de Barros, um dos mais acceitos sacerdotes magnos da lingua, o auctor das *Decadas*, parece ter sido o primeiro que, em livro destinado a ficar, escreveu a palavra Brasil. Aqui tenho um excerpto da folha 55, V., do Capitulo 2.º do livro da *Primeira Decada*, edição original, Lisboa, 1552. Eis a primeira referencia: "... a grande terra a que communmente chamamos *Brasil*..."

A' folha 56, recto, está toda esta tirada: "Porém, como o demonio, por o signal da cruz, perden o dominio que tinha sobre nós, mediante a paixão de Christo Jesú consumada nella: tanto que daquella terra começou de vir o páu vermelho chamado *brasil* (com *s*), trabalho que este nome ficasse na boeca do povo e que se perdesse o de Santa Cruz. Como que importava mais o nome de *há páu* que tinge panos: que daquelle páu que deu tintura a todos os sacramentos porque somos salvos, per o sangue de Christo Jesú, que nelle foy derramado. E, pois que em outra cousa nesta parte me não posso vingar do demonio, aneesto da parte da Cruz de Christo Jesú a todos que este lugar leuem, que deem a esta terra o nome que com tanta solêndade lhe foy posto, sob pena da mesma Cruz que vos ha de ser mostrada no dia final os accusar do mais devotos do páu *brasil* (com *s*) que d'ella."

O demonio não sómente não fez caso da objurgatoria do velho classico, mas divertiu-se ainda em deformar a graphia natural da palavra *Brasil*, inspirando a alguns pósteros o erro peccaminoso da troca do suave *s* pelo aspero *z*. Daquí a pouco vos direi quaes foram esses instrumentos de Satanaz.

Logo depois do João de Barros vem Fernão Lopes de Castanheda, com a sua classica HISTORIA DO

DESCOBRIMENTO E CONQUISTA DA INDIA PELOS PORTUGUEZES, edição gothica, de Coimbra, 1554. No livro 1.º dos 10 da *Historia*, pag. LXIIIj (64), lê-se: "... (Cabral) lhe poz o nome de Terra de Santa Cruz; e depois se perdeo este nome e ficou o de *Brasil*, por amor do páu-brasil."

A edição original dos *Lusiadas*, aquella em que o modo do escrever do grande épico apparece com as maiores garantias da authenticidade, ó a de 1572. Nella, á pagina 171, está a unica occurencia da palavra *Brasil* em toda a epopeia:

"Das mãos do teu Estevam vem tomar
As redes hum, que já fora illustrado
No *Brasil*, com vencer e castigar
O pirata francez ao mar usado."

Na ordem chronologica, a primeira historia do *Brasil* é a de Gandaive, edição de 1576, obra tambem apreciavel como documento da evolução da lingua portugueza. O titulo é: HISTORIA DA PROVINCIA DE SANTA CRUZ, MAIS GERALMENTE CHAMADA BRASIL (com *s*).

Para terminar com os antigos patriarchas, contemporâneos do berço da nossa Patria, invocarei o apostolo do *Brasil*, o mais famoso dos missionarios, batalhador da fé e letrado a um tempo, o padre José de Anchieta. A sua grammatica da lingua geral, tupí, ou abanheenga, é um monumento fundamental da nossa historia e civilização. A edição primitiva, de Antonio de Mariz, é do Coimbra, 1595. Eis o titulo: ARTE DA GRAMMATICA DA LINGUA MAIS USADA NA COSTA DO BRASIL, FEYTA PELO PADRE JOSEPH DE ANCHIETA DA COMPANHIA DE JESU'. Contem ao todo 62 vezes a palavra *Brasil*, sempre com *s*.

Para não dizer que não houve una excepção á regra, cita-se a obra mais obscura, de pouco valor litterario e informativo, de Pedro de Mariz, provavelmente irmão, sócio, em todo caso da familia de editor do Anchieta, intitulada DIALOGOS DE VARIA HISTORIA, appareci-

da igualmente em Coimbra, em 1594, um anno antes da publicação da *Grammatica*, e na qual Brasil está escripto com z. Prova, porém, de que a mudança não pegou, ou foi puramente accidental — talvez méro lapso typographico — é o proprio livro de Anchieta, impresso logo a seguir sob os cuidados do mesmo editor, ou da mesma casa.

Comprehende-se que, depois do taes principios, a regra devia ter sido escrever Brasil com s. Assim foi realmente. Todas as linguas estrangeiras adoptavam essa graphia, inclusive a latina, já chamada *lingua morta*, mas, então, uo seu maior florescimento como lingua sábia, preferida para os tratados fundamentaes, para os grandes registos historicos e scientificos e para as inscripções destinadas a perpetuar na pedra ou no metal os acontecimentos culminantes. Só houve duas excepções — a do inglez e a do hollandez.

O inglez adoptou o z para a graphia de Brasil por uma necessidade da sua pronunciação peculiar. Todos os iniciados nas subtilidades da pronuncia ingleza, algumas realmente finas bastante para se tornarem insensíveis ao ouvido profano e impossiveis de ser reproduzidas por quem não *mammou* essa lingua com o primeiro leite, — sabem que nella o s, mesmo entre duas vogaes, não tem som igual ao do z, como no portuguez e outros idiomas. Posto entre duas vogaes, o s são muito aproximadamente como um z; mas não é completo; é mais macio, guarda alguma cousa de si proprio. Escrevendo Brasil com s, o inglez não lhe daria, ao lêr a palavra, a pronuncia exacta do portuguez, como escrevendo-a com z. O inverso aconteceria com o Italiano, que dá ao z o valor do nosso tz, nem com o hespanhol, que lhe dá o valor de th inglez.

Não tenho do hollandez o conhecimento que possuo do inglez; mas, se o caso não foi análogo em relação a essa lingua, pôde ter havido um simples facto de imitação, de adopção pelos Hollandezes da fór-

ma usada pelos Inglezes, seus proximos visinhos, com quem entraram em tão estreito contacto a proposito do Brasil, já como rivaes, já como socios.

Ora, é sabido que os Hollandezes invadiram o Brasil, onde ficaram encravados por mais de meio seculo, assim como os Inglezes, em varias emergencias, especialmente por occasião do terror causado pelo vendaval napoleonico, *invadiram* Portugal; onde tambem ficaram por muito tempo, e d'onde mesmo ha quem diga que ainda não se retiraram...

Contrariando o paradoxo historico, segundo o qual os povos invasores geralmente adoptam a lingua e os costumes dos povos invadidos, os Portuguezes de Portugal e os não Portuguezes do Brasil, em mais de uma circumstancia, têm proeedido de modo inverso. É' uma ductilidade do caracter que pôde encerrar virtudes, mas com o qual, francamente, não sympathiso. Estes factos historicos e esta qualidade psychologica nacional são, para mim, grandemente responsaveis por esta outra invasão — a do z, na palavra Brasil, que se tornou muito generalizada, especialmente em Portugal, pelos fins do seculo 18 o até ao ultimo quartel do seculo 19. Foi só modernamente que o s reagiu, amparado por elementos efficazes, especialmente pelos jornalistas e por alguns sabios da Academia das Sciencias de Lisboa, entre os quaes se destaca o erudito lexicographo Sr. Candido de Figueiredo.

Neste particular, em mesmo reclamo uma pequena compartieipação: Logo á minha chegada a Lisboa, em 1895, com a grata missão de reatar as relações diplomaticas, rôtas entre os governos do Brasil e de Portugal por um incidente da nossa então recente guerra civil, tive a honra e a surpresa de ser acolhido como socio da Aeademia. Guardo com saudoso carinho a lembrança das muitas horas agradaveis e proveitosas que passei no seio d'aquella verdadeiramente illustre Companhia. Sempre amigo de trabalhar e de

aprender, em varias occasões tomei parte em debates e conversações, em que as questões de orthographia não eram as menos consideradas. Cheguei mesmo a offerecer uma moção, que foi unanimemente approvada, para uma aproximação ontro as Academias do Brasil e de Portugal com o fim de se estabelecer um accordo orthographico. Retirando-me para outra missão diplomatica, deixei a sorte do meu projecto confiada ao meu grande mostre e amigo Sr. Theophilo Braga, a quem as preoccupações, e logo as occupações, politicas não permittiram dar-lhe o conveniente andamento. Nas confabulações intimas que por diversas vezes mantive sobre estas questões, não raro insisti sobre a especie de depressão moral que me causava ver o nome do meu paiz, que é o meu proprio nome, ser ainda objecto de dissidencia quanto ao modo de ser escripto, e, naturalmente, quebrei lanças pelo meu s. Do alguns escriptores, sobretudo jornalistas, passo mesmo assegurar que consegui o repúdio definitivo do z. Reconheço que a minha influencia tinha de ser minima; mas é de cousas minimas que se fazem as cousas grandes.

Entro nós, Brasileiros do Brasil, creio não estar errado pensando que a grande maioria emprega o s ou o z inconscientemente e indifferentemente, e, vlesse grando numero de inconscientes, a maior parte vao com o z. A razão é que o z predomina no commercio, ondo predomina a tradição portugueza, na qual predomina a influencia ingleza.

Já nas letras se dá evidentemente o contrario. Os nossos principaes jornaes, em unanimidade, ou quasi, adoptaram o s; com s escreveu Rio Branco, que logrou ser considerado o primeiro dos Brasileiros do seu tempo, uma especie de palladio da existencia nacional; com s escreveu elle milhares de vezes a palavra Brasil nos seus abençoados e fecundos estudos e nos luminosos arrazoados que conseguiram a integridade e até a expansão do nosso territorio; com s escreve ainda Capistrano do Abreu, • Brasileiro que mais sabe; com s

escreve Ruy Barbosa, o Brasileiro mais eloquente, sem rival no presente e sem superior no passado quanto á arte da expressão em lingua portugueza.

O partido do z tem o seu mais efficaz apoio no grande prestigio do principe dos nossos historiadores — Varnhagen. Foi, para este caso, uma infeliz circumstancia que Varnhagen bem que accidentalmente nascido em Sorocaba, neste Estado de São Paulo, se educasse em meio anglo-portuguez. Por algum tempo, parece que elle proprio se considerou portuguez, tendo mesmo servido no exercito portuguez. Quando, na primeira metade do seculo passado, reclamou a sua qualidade do Brasileiro, houve relutancia em ser accedido, relutancia que não vingou por se haver declarado por ollo a influencia palatina, pela symphria que ao Imperador inspiraram os seus nascentes estudos sobre historia do Brasil.

E' muito natural que Varnhagen empregasse o z desde a primeira vez em que escreven a palavra Brasil, nos bancos da escola primaria: assim faziam todos os Portuguezes contemporaneos, grandes e pequenos. Empregou naturalmente essa mesma graphia nos primeiros escriptos que deu a lume. Possúo um exemplar de um dos seus primitivos ensaios sobre historia do Brasil, — o folheto intitulado *As Primeiras Negociações Diplomaticas Respectivas ao Brazil*, impresso por deliberação e á custa do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, segundo a acta da sessão do mesmo Instituto, em 15 de dezembro de 1842. Nesso folheto, desde o titulo, Brasil comparece sempre com z. E' curioso, entretanto, que no appendice d'esse mesmo trabalho transcreva Varnhagen uma carta do celebre doutor Diogo do Gouvêa, erudito Portuguez, professor no collegio de Santa Barbara, em Paris, na qual a palavra Brasil, quer significando o pau tintorial, quer designando o paiz, é escripta com s. A carta é de 1.º de março de 1532, e Varnhagen indica o sitio do Real Archivo, mas-

so e numero em que olla se acha. E', como se vê, um documento muito anterior aos proprios que já referi.

Aos estudiosos, que se interessam pela psychologia dos nossos grandes homens representativos, não é estranho que Varnhagen não escapava á tara que tão frequentemente acompanha o merito intellectual — era orgulhoso, vaidoso, pretencioso mesmo. Se acharem feios esses epithetos, aliás usados no melhor dos sentidos o com o carinho com que todos nós podemos reconhecer defeitos nas pessoas da nossa maior affeição, direi simplesmente que Varnhagen era — teimoso. Entrou insensivelmente, mechanicamente, pelo z; quando alguém objectou contra essa graphia, o seu movimento mais natural foi o de recalcitrar. Na primeira edição da *Historia Geral*, a par de uma tirada em louvor da correcção da sua linguagem portugueza, que aliás concede que possa não ser modelo de bom gosto, produz ligeira dofeza do z em Brasil.

O unico fundamento d'essa defeza é a etymologia, combinada com a historia. Pretende Varnhagen que Brasil vem do *Verzino*, uma substancia tintorial vermelha que a Europa importava do Oriente, passando por Veneza, o muito generalizada na Italia e nos paizes de raça, lingua e civilisação latinas, como nos do Norte. Fere logo a attenção que, apesar do tal circumstancia, a propria Italia e todos os povos de lingua latina escrovessem, desde o principio até hoje, Brasil com s, e não com z.

Esta etymologia, como tantas outras, presta-se a largas discussões. Direi somente, em supplemento á observação precedente, que parece mais natural o razoavel, e é mais geralmente acceito — que Brasil provenha do *brasa*, e não de *Verzino*. Brasa é expressão encontrada nas linguas do Sul e do Norte da Europa, até no antigo allemão, no flamengo e no escandinavo, com a mesma significação de *carvão ardente* que tem no portuguez antigo e moderno. Tal páu, ou a tinta d'elle extrahida, apresentava cor verme-

lha como fogo, como brasa: foi chamado *brasil*. E' a opinião de Littré, que observa judiciosamente ser incorrecção dizer-se — *pau do Brasil*, em vez de *páu-brasil*, *bois du Brésil*, em vez de simplesmente *brésil*, porque é certo que o páu foi que deu o nome ao paiz, e não o paiz ao páu.

Quanto ao *Verzino* de Varnhagen, Littré chama-o *berzi*, citando a descripção feita por Marco Polo d'essa substancia originaria de Ceylão. Mas o mesmo Marco Polo, ainda citado por Littré, emprega logo a seguir esta outra forma — *brozis*. Comprehende-se: escrevendo *berzi*, o s não podia ser usado, porque mudaria a pronuncia; não assim na forma *brézis*, ou *brésil*, ou *brasil*, em quo o s se encontra entre duas vogaes.

A verdade é que os documentos mais remotos e mais fundamentaes, bem que claudicando algumas vezes para o z, pendem — pode dizer-se decisivamente — para o s. No nosso tempo esta ultima é a versão triumphante; é a linha da menor resistencia para chegarmos ao desejado accordo sobre essa cousa aparentemente tão insignificante, mas roalmente tão significativa, como seja o modo de representar por letras o nome querido da Patria.

A IDÉA DE JUSTIÇA

Eis, senhores, um assumpto, que, conforme o aspecto sob o qual fôr contemplado, e as disposições de animo de quem o perquirir, pôde despertar os mais divergentes sentimentos, e levar-nos ás conclusões mais profundamente oppostas. Aos homens que, com o espirito sempre voltado para preocupações do outra ordem, e sempre extranhos á justiça, desta sómente ouvem contar o mal que algumas vezes ella nos faz, nada mais antipathico do que a idéa de justiça. A esses unicamente occorrem certas regras do sentido ambiguo, ou obscuro, adaptaveis á satisfacção de todas as pretensões e interesses, e algumas outras, claras e

precisas, mas torturadas pela cavilosa hermenêutica de certos advogados e juizes, regras sophismadas e fraudadas por mil expedientes na applicação, depois de enfadonhamente expostas em fastidiosas dissertações estafantes. Vêm-lhes ainda á mento complicados e abstrusos preceitos, que, segundo se recordam vagamente de ter ouvido, foram o objecto de extensas paraphrases, mais ou menos engenhosas, ou de enumerações e distincções, mais ou menos subteis, compostas num latim, que nada tem do vigor do que se oserevia no tempo dos Scipões, nem da elegancia do que se fallava no tempo de Cicerro; porquo é o insulso latim dos Antoninus Goumsius, dos Petrus Barbosa e dos Mendes Castro. Demais, ha tambem para depreciar a justiça as interminaveis delongas forenses, "as dilações da lei", que Shakspeare com razão, no monologo do Hamlet, incluiu entre os mais fortes motivos que podem levar um homem ao suicidio.

Como excellento preparatorio para a formação de um exacto conceito da justiça, do um conceito que bem lhes revele essa necessidãe social, inelutavel, o faulto uma comprehensão seientifica do seu fundamento, varrendo-lhes do cerebro qualquer confusão da idéa de justiça com as de oppressão, arbitrio, ou cavillação, deviam os que nunca tiveram antes ensejo de se occupar desta materia, ler um dos mais empolgantes primores da sciencia e da litteratura contemporaneas, "A vida das abelhas", do Maeterlinck. Que verdades, fecundas em seguros corollarios e nas mais uteis applicações, so encerram nesse livrinho! Que proveitosas lições e que exemplos admiraveis nos offerecem os curiosos hymenopterost Propellidas pelo instinetto, que lhes traduz uma necessidãe irrefragavel, a necessidãe da vida social, fundam as abelhas a sua cidade, ou, antes, o seu Estado, a colmeia, modelo vivo de disciplina, do ordem, de cohesão. Desde que a vida em commun é uma fatal imposição da natureza, uma condição indispensavel de conservação, do

bem-estar e de desenvolvimento, com a mesma fatalidade se impõe a todos os consociados a *limitação das actividades individuaes*, que é a condição improsciudivel da sociedade, ou, em substancia, no que esta consiste. Essa restricção quer dizer um incessante sacrificio apparente da actividade e do interesse individuaes á actividade e ao interesse geraes. Sómente apparente é o sacrificio; visto como, fóra do ambiente social, os animaes gregarios nunca attingiram a plenitude do vida que ostentam, e os individuos isolados seriam sempre infortunados mais lastimaveis do que aquelles que mais o são na existencia collectiva. Para viver o attingir o maximo bem-estar, forçoso é que cada animal gregario renuncie aos seus crimes, actos de independencia e de revolta, fataes á sociedade, e por isso mesmo intoleraveis. Vivendo socialmente, logram as abelhas diminuir os esforços de que precisam para subsistir, a inseguridade, a miseria da existencia singular, augmentando o seu bem-estar, as suas probabilidades favoraveis e a autoridade da especie, ao mesmo tempo que augmentam a perfeição arehitectonica, economica e politica, do cortiço.

A este outro enxame, muito mais vasto e muito mais complexo, que é a sociedade dos homens (tribu, nação, ou povo) não impoz a natureza uma lei fundamental diversa. *Confinar as actividades individuaes*, para que a sociedade e todos os seus membros possam subsistir, gozando da maxima liberdãe compativel com o viver collectivo, e vão progredindo em todos os ramos de trabalho intellectual e material, eis uma necessidãe capital da sociedade humana, ou, mais precisamente, a modalidade que reveste entre os homens o principio cardinal da restricção das actividades individuaes, como condição indispensavel da vida em commun. E essa necessidãe fundamental, dada a conhecer pela mais ligeira observação, e de uma evidencia inquestinavel, que os animaes inferiores realizam pelo instinetto, e os homens (dotados, como notou Mao-

terlinek, da faculdade de infringir as leis naturaes), pela intelligencia, pelo sentimento e pela vontade, essa necessidade fundamental é o direito.

... Presuppõe a boa justiça dous requisitos essenciaes: 1.º, a existencia de normas juridicas, que traduzam com exactidão as leis naturaes da sociedade, que provejam com efficiencia ás necessidades do todo colectivo e dos seus membros, que assegurem a realização das acções e omissões que se vorificou sereni condições de vida e desenvolvimento da sociedade e dos individuos; 2.º, a existencia de juizes, que applicuem essas regras com a maxima rectidão.

... Dada a extrema complexidade da vida das sociedades contemporaneas, precisa o legislador ter um vasto preparo scientifico para bem apprehender, além das necessidades geraes e permanentes do Estado, as peculiares ao seu momento. Mas, não bastam a intelligencia, a perspicacia e o preparo. E' indispensavel ainda a isenção de animo, a imparcialidade, o sacrificio do interesse individual e do interesse regional ás supremas necessidades da Nação. Intelligencia apta para descobrir as exigencias sociaes e para dispôr as medidas, as combinações legislativas proprias para as satisfazer, e caracter sufficiente para preferir esses alvitres de utilidade geral a quaesquer outros conducentes unicamente a beneficios particulares, são os requisitos actuaes do legislador.

Como assegurar pela saneção do direito a eleição dessa aristocracia intellectual, que queria Renan para a direcção dos negocios publicos, aristocracia que devia antes ser intellectual e moral, da intelligencia e do caracter? Certo que nenhum povo toleraria o governo de um restricto numero de sabios, profundos conhecedores da ethica e da politica, incumbidos do tarefa superior de produzir as opiniões que devessem prevalecer, por todos acatadas, como propoz A. Comte. Educar e instruir o povo, inculcando-lhe bem no espirito a noção do dever (de moral social), de eleger os mais idoneos intellectual e moralmente, é o que

podemos e devemos fazer. E' isso que nos incumbê.

Que valeriam as melhores leis, se no pratical-as fosse licito eliminar-lhes os efeitos, se lhes faltasse a recta applicação pelos juizes? Se não desculpamos o engenheiro, o advogado, o medico, o industrial, o artifice, que dolosamente, ou por incapacidade, infringem os preceitos artisticos de sua profissão; se no exercicio de todas as artes technicas sempre foi a humanidade severa para com os que erram, ou delinquem; como justificar de qualquer modo os homens que, tendo a missão de applicar as regras da mais necessaria de todas as artes, o direito, não a cumprem acurada e dignamente?

Ao juiz incumbê applicar as leis imparcial e religiosamente. Mas, que é applicar imparcial e religiosamente as leis? Ah! senhores! Como é miseravel a condição dos que mourejam neste ingrato, neste espinhoso campo do direito! Como é difficil entenderem-se os homens em moio da profusão de conceitos, de opiniões, de doutrinas e de escolas! Depois de asseutado por todos, durante um longo periodo historico, que, para bem applicar as leis, precisa o juiz conhecer-lhes com segurança o conteúdo, reproduzir no seu espirito, tão exacta e nitidamente quanto possivel, o pensamento do legislador, de modo que a vontade do quem elaborou o preceito juridico seja cumprida rigorosamente, em toda a sua pureza; depois de assim pensarem e praticarem os homens por dilatado tempo, entrou-se a preconizar como o melhor dos meios de applicar convenientemente as leis a decisão dos pleitos forenses, não do accôrdo com aquillo que quiz o ordenou o legislador, com a idéa que servio de substrucção á lei, e com o mandamento nesta contido, mas attendeudo o juiz ás *necessidades da vida pratica, á conveniencia, á oportunidade, ás exigencias da época, ás imposições da vida, ás opiniões e tendencias do grupo social de que foi órgão o legislador, á razão e á consciencia do proprio juiz, á evolução das instituições, ao fim*

pratico, á utilidade social que guiou o legislador.

Não pude nunca adherir a essas theorias, que são, aliás, de notaveis mestres de direito, dos Ihering, dos Saleilles, dos Kohler, dos Geny, dos Van der Eycken e de alguns outros.

Explica-se perfeitamente que o pretor romano tenha a faculdade de auxiliar, corrigir e supprir o direito civil; ainda se explica facilmente que ao juiz dos povos musulmanos seja permittido conciliar as novas e diversissimas necessidades da vida social com os principios de um direito irrevogavel por sua origem, e que só assim pôde ser alterado. Em nenhum desses paizes existiu nunca um apparelho creado especialmente para reformar e melhorar o direito, com todos os requisitos necessarios para bem auscultar o corpo social, apprehender as necessidades e aspirações de todas as estratificações da sociedade, perceber-lho as menores trepidações e anhelos, o (o quo é decisivo) em nenhum desses paizes fôra consagrado, como uma das supremas garantias da vida, da liberdade e da propriedade dos cidadãos, o principio da separação dos poderes, sem o qual não ha segurança para nenhum dos mais necessarios dos nossos direitos. Desdo que antes sob a fórma da rigorosa e precisa demonstração de um theorema, e com a linguagem de um geometra, do quo com a apparencia da explanação de um raciocinio sociologico, foi ensinada no *Espirito das Leis* a necessidade de separar o poder de julgar do poder de legislar; e desvendado o perigo a quo se offerecem os homens, quando o juiz tem a faculdade de, no momento do lhes dirimir as contendas, com o espirito dómiado por seus interesses e temores, odios, o affeições, crear uma norma para solver a questão; nunca mais se poz om duvida esse canon do direito constitucional. Nem um só dos propugnadores das alludidas innovações repudiou, ou contestou, a verdade juridica traduzida pelo dogma intangivel de Montesquieu.

No paiz que tem a magistratura — com toda a justiça — mais acatada e mais encomiada do mundo, e que é tambem o ultimo dos paizes cultos em que o costume ainda se mantem como um órgão de elaboração do direito, na Inglaterra, é que mais respeitam os juizes, não só os textos legaes, mas igualmente os precedentes judiciais, os casos julgados, a jurisprudencia, a *common law*. Muito facil lhes fôra, já que são elles que, em larga escala, fazem a lei, alterar, reformar, melhorar o seu direito. Entretanto, com os receios, com quo recursos sinuosos, "*com que ficções e subterfugios*", não têm procedido os juizes inglezes, quando corrigem e melhoram uma regra da sua legislação, protestando sempre um grande respeito ás normas do direito consagrado, no que consiste a primeira das virtudes profissionaes do magistrado, segundo Cruet! Sem esse acatamento ao direito existente, o que temos é o arbitrio, o peor dos despotismos, a falta de garantia para todos os direitos, porque nenhum é protegido por uma lei; visto como todas as leis são alteraveis inopinadamente no momento da applicação.

Mas, perguntar-me-heis, a quo se reduz a tarefa do juiz no interpretar as leis antes do applical-as? O criterio já está traçado, o com elle dada a resposta, por um dos principios ha pouco formulados. Desdo que para a produção de todo o direito coucorrem estes dous factores, as necessidades do conservação e de desenvolvimento da sociedade e do seus membros, necessidades complexas, de difficil apprehensão, como em geral os factos sociaes o a intelligencia humana com suas defficiencias, com seus preconceitos, com seus interesses individuaes, a perturbarem a nitida percepção, ou a expressão verdadeira e precisa, das necessidades sociaes que tambem são necessidades individuaes, mas não comprehendidas tão facilmente, nem tão intensamente quoridas; desdo que assim é quo se vai construindo o direito, ainda um vasto dominio,

necessario e incontestavel, somos forçados a assignar á actividade do juiz, á sua intelligencia, á sua perspicacia, illustração e integridade de character. Se não lhe é dado, por nenhum motivo o em nenhuma circumstancias, desprezar a lei, ou mutilal-a, ou de qualquer modo desaccatal-a na applicação, ao juiz incumbe extrahir dos preceitos legaes, e de accôrdo com a logica do direito, todas as dedueções, todos os corollarios, todas as consequencias que encerram virtualmente esses preceitos. Nessas deducções temos as regras latentes do direito, o qual não residio só nas regras expressas, ou o direito real, distincto, mas inseparavel do direito formulado, como bem accentuou Ihering. Cingindo-se a um trabalho, tão util, tão necessario, e tão erigado de difficuldades, quanto não pôde o magistrado enriquecer, dilatar o completar o direito, provendo ás novas necessidades sociaes, semelhantes ás que solicitaram e preoccuparam o espirito do legislador!

Perdoai-me, senhores, se insisto neste ponto. Apavora-me um pouco a antevisão da anarchia juridica, fatalmente deseneadeada, se num vastissimo paiz de muito desigual instrueção, fôr divulgada e perfilhada, como uma vordadeira e bella dontrina a opinião, felizmente ainda hoje em reduzida minoria, dos que ao juiz tanto poder outorgam, confundindo-o com o legislador.

Nem nesta época, em que so legisla deseemedidamente, e a proposito do tudo, o com tão grande facilidade, fôra toleravel a aggravação do mal com o acerescimo do mais um legislador, e este não previsto pelos que organizarem e limitarem os nossos poderes politicos. A incerteza das decisões, com quo nos surprenderiam os juizes — legisladores, equivaleria á absoluta falta de leis. Eis a consequencia final da temeraria innovação.

Devo o juiz applicar os preceitos da lei como estes sôam, nem com demasiado rigor, ou dureza, nem com excessiva brandura, ou indulgeneia. Peior do que o juiz excessivamente

rigido só couheço uma calaudade, que é o juiz extremamente compassivo. Nenhum dos dous applica puramente a lei, e ambos causam um grande mal á sociedade. A extraordinaria severidade faz que dos effeitos da pena se percami dous muito salutaes, que consistem em servir de exemplo, intimidar, funcionar como motivo que afasta os homens da perpetração dos delietos, e em corrigir, quanto possivel, o criminoso. Revoltam-so contra a dureza do castigo os outros membros da collectividade, que têm noticia da condemnação com immerecido rigor, o o sentimento de indignação não se compadece com a calma reflexão proveitosa sobre a pena, com necessaria consequencia do crino para o criminoso. Insurge-se o proprio culpado contra a injusta severidade, e ainda esse estado de espirito é um obstaculo ao arrependimento, á regeneração, á educação moral do condemnado.

A indulgencia, que sob o manto da equidade, absolve, quando lhe cumpria punir, converte-se logo num estimulo para a reiterada pratica do crime. Desde quo se logra o beneficio, a utilidade almejada, com o delieto, sem os inconvenientes, ou os incommodos offeitos legaes deste, vale a pena delinquir para quem não disciplinou o seu espirito pelas regras da moral e do direito.

Para bem evidenciar os pessimos resultados da fraqueza ou prevaricação dos juizes, que se revela sob a modalidade da excessiva indulgencia, ha um caso famoso, que nunca será por demais lembrado. E' o daquelle jornalista de uma das cidades do sul da Italia, que, um dia, em Londres, tendo visto processar e condemnar em menos de duas horas um operario, que grosseiramente injuriava um seu eamarada, creveu attonito para o seu jornal, pondo em contraste o quo acabava de presenciar e o que estava habituado a ver em sua patria, onde o offendido, de accôrdo com os procednetes de todos os dias, teria por certo preferido responder ao insulto com uma facada; porquanto a jus-

tiça nunca lhe daria a reparação a que elle tinha direito. Conhecemos todos um paiz sob esse aspecto muito parecido com a Italia, um paiz em que para quasi todos os crimes, e especialmente para esse commetido e immediatamente castigado sob os olhos maravilhosos do jornalista italiano, é sempre inexcedível a compassividade dos juizes, acarretando o indefeetivel resultado das vindictas particulares, da incessante perpetração de novas infrações do direito penal.

Nem se cuida que é só no applicar as leis criminaes que precisa o juiz proceder sem excessivo rigor, o sem desalento, nem tibieza. Que significaria a propriedade, o credito, os direitos e obrigações dos membros da familia, se pela imperdoavel frouxidão dos magistrados fossem pouco a pouco sendo desatados todos os vinculos que prendem os homens, o lhes dominam a vontade, em todas essas relações juridicas? Que confiança teria o commercio, que seguridade a agricultura, que garantia as industrias fabris, e as profissões liberaes, e as artes e sciencias; que progresso fôra possivel em todas essas especies de actividade social, se pela timidez e complacencia, o pelo langor moral dos juizes, se relaxasse a disciplina do direito, ao ponto de não haver mais fé na applicação das leis?

Ha um principio juridico, que em todos os tempos o em todos os paizes em que o direito se cultiva, tem sido sempre reputado uma indispensavel garantia, do mais precioso valor, dos direitos civis de nacionaes e estrangeiros; é o principio da retroactividade das leis, em virtude do qual nenhum lei nova pôde offender direitos adquiridos. E' a segurança da propriedade e da familia, do bem-estar e da tranquillidade dos homens. Pois bem: se aos juizes se facultasse dirimir os pleitos forenses, sem o maior acatamento ás normas consagradas do direito, ou por se arrimarem a alguma das theorias a que alludi, ou por excessivo rigor, ou demasiada indulgencia, no applicar as leis; se o imperio

da lei pudesse ser dilatado ou cerceado, pela vontade dos magistrados, como abusivamente se fez algumas vezes, a que ficaria reduzida a preciosissima garantia do respeito aos direitos adquiridos? Autorizada a liberdade de distender, ou contrahir, a lei, no momento de applical-a e inesperadamente, evolir-se-ia a certeza dos direitos, que é o maximo beneficio da justiça, que é da essencia da justiça.

Se, em geral, e qualquer que seja o regimen politico abraçado por uma nação, ao juiz não se deve exculpar a debilidade no exercicio de funcções tão necessarias á vida e á saude do organismo social, ainda mais exigentes o rigorosos para com os magistrados devemos ser nos paizes em que vigora o direito publico federal, como foi ideado e posto em pratica na America do Norte, donde o trasladámos para o Brasil, com interessantes modificações; porque em taes paizes mais vastas o relevantes são as attribuições da judicatura.

E' este, não ha duvida, quando bem executado, o mais garantido dos regimens conhecidos, o que com razão denominam os Norte-Americaanos o regimen da lei, e não da vontade dos homens, o regimen em que o proprio legislador não tem o poder de elaborar leis offensivas das garantias constitucionaes dos direitos individuaes e politicos do cidadão. A principio, ao tempo em que a lei era a vontade do monarcha, sentenciava o juiz, o da sua decisão se rocorria muitas vezes para o poder absoluto, que assim fazia as leis, revogava o applicava, a seu talante. Depois dividiram e separaram os poderes, e ficou o judiciario independente do legislativo e do oxeutivo, mas sujeito sempre a applicar as leis, quaesquer que ellas fossem, ou quaesquer que fossem os seus defeitos. Finalmente, mais um passo foi dado para garantir os direitos do homem, e assentou-se em algumas nações (tal é hoje o nosso direito) que dos juizes é dever não applicar as leis contrarias aos toxtos da Constituição. E' uma optima garantia. Sempro se votam as cons-

tuições politicas com certo espirito liberal, como a expressão de um progresso juridico, como o remate ou coroamento de uma conquista social, e são por isso elaboradas com o concurso entusiastico da nação. Não assim as leis secundarias, que, revestidas de menor solennidade, promulgadas em épocas diversas e successivamente, em meio da indiferença ou da despreocupaçào do povo, e sob a pressào de circumstancias passageiras, mais faeilmente podem attentar contra principios de direito, já consagrados pela nação.

Não é de reformas radicaes, mas unicamente de retoques, que precisa a nossa justiça. Em seus geraes lineamentos, e em sua estrutura legal, é uma das mais adiantadas do mundo. Tal como foi delineada em seu paiz de origem, invejam-n'a os espiritos mais progressistas das mais cultas nações da Europa. Na França tão grande admiração tem suscitado entre os juristas de intelligencia mais aberta ás grandes innovações do direito, que bem visível é o seu influxo na formação da doutrina, especialmente na jurisprudencia dos tribunaes administrativos.

Do que acima de tudo, temos urgentes necessidades, é de melhorar, não as leis, mas os homens; é de um *sursum corda* nacional. Necessitamos daquillo que um illustre parlamentar francez preconizava ha pouco, como verdade a que não pôde ser esquivo quem tenha o sentimento da gravidade deste periodo da vida universal: *a restauração da vontade e a constancia no esforço. As lições do presente devem constituir para todas as nações a occasião de uma reforma e de um renascimento.* Nunca a historia nos havia offerecido uma demonstração, tão convincente, na necessidade inilludível do subordinar os interesses particulares aos interesses collectivos. Enfeixados aos escarmentos do nosso passado e ao males do nosso presente, os actuaes ensinamentos dos povos mais civilizados reforçam, dilatam, intensificam e impõem com a maxima imperiosidade os conselhos e os dictames da moral de todos os tem-

pos acerca do trabalho, da disciplina e do cumprimento do dever.

Os primeiros predicados do juiz, as suas virtudes primaciaes, são os primeiros predicados de todos os homens, desde o chefe do Estado até aos cidadãos que formam as mais obscuras classes sóciaes: a amor ao trabalho e a integridade de caracter, ser laborioso e honrado. .

A energia e a perseverança no esforço, intellectual ou physico, em que consiste a lucta da vida, com o seu ideal mais ou menos difficil e mais ou menos elevado, isto é, o trabalho incessante de todos os dias, é o maior de todos os prazeres do homem de bem. Deve-se repetir com o poeta: "*Je plains l'homme accablé du poids de son loisir!*" Nada mais desprezível do quo o ocio.

Para aquelles cuja tarefa quotidiana é administrar a justiça, trabalhar quer dizer devotar-se acima de tudo numa continua e ardente actividade ás aridas pesquisas do direito. Conhecer o direito, tão vasta e profundamente quanto possível, é a primeira obrigação do juiz. Mas, couhecer o direito não significa restringir-se á leitura das regras escriptas, dos preceitos dos codigos e dos seus commentadores. Importa muito que o jurista se alce até aos principios, aos conceitos fundamentaes, que constituem o abstracto das theorias scientificas, ás construcções philosophicas, que nos dão a razão de ser das normas formuladas nos textos legaes, fazendo-nos penetrar e comprehender em sua base todo o edificio do direito. Não pôde ter entranhada dedicaçào á justiça, um intenso e fervoroso culto pelo direito, quem não esteja bem penetrado da sua necessidade, por lhe saber unicamente os preceitos, que nada mais exprimem do que mandamentos fundados nessas verdades superiores, nessas feundas generalizações, espiritualizadoras e vivificantes, que são os principios philosophicos de todo o direito. Como poderia consciente, logica e utilmente, applicar as normas a respeito da propriedade, ou dos contratos mercantis, e de todo o direito pa-

trinomial, quem se conservasse alheio ás lições da economia politica, concernentes a todas essas materias, e que a todos servem de base? E como igualmente poderia applicar com toda a utilidade e efficacia as disposições do direito acerca da capacidade das pessoas de certas relações de familia e da responsabilidade penal, quem fosse completamente extranho ás investigações da anthropologia sobre todos esses assumptos?

E' preciso ser operario infatigavel e imperterrito para, ao cabo de um longo estadio, poder, o jurista desempenhar as funções de juiz, reduzindo as suas possibilidades de erro a um minimo toleravel. Para assini e tão afincadamente laborar nesta difficultosissima, nesta asperissima serra do direito, não devemos ter os olhos erguidos para as recompensas que, sob as fórmulas legais, podem vir dos outros poderes. Nada mais util do que a justiça dos accessos, das promoções, que aos mais aptos dão os postos mais elevados e espinhosos. Mas, indigno dessa elevação é quem satisfactoriamente cumpre as obrigações do cargo, como deixaria de cumprilas correctamente, pela esperança de taes retribuições, ou pelas decepções que lhe causa a injustiça dos homens. Com o exercicio de missão tão augusta são incompativeis aspirações e sentimentos tão pequeninos.

Mas, não basta, senhores, cultivar a intelligencia do juiz; indispensavel é cultivar-lhe tambem o sentimento o a vontade. Para applicarmos aos factos, sem desvios, nem deslizes, os nossos juizos, as nossas conclusões acerca das normas do direito, é'improseindivel que não sejamos dominados, por sentimentos inferiores, ou tolhidos pelas deficiencias da vontade. A integridade do caracter, que se fórma com os principios e maximas da honra o da probidade e com uma vontade firme e constante de applical-os em todas as circumstancias da vida, é tão necessaria como um vasto e quanto possivel profundo saber juridico. Nenhum dos essenciaes requisitos vale sem o outro. Mas, pela especialida-

de da profissão, releva muito notar, o preparo scientifico e artistico, é condição principal do caracter. Em assumptos tão complexos, tão subtis, tão crivados de sérias difficuldades, como são muitas vezes os pleitos judiciaes, não pode haver firmeza na vontade, se não houver nitidez com precisão nas idéas. O juiz de mui parca iustrução ha de oscillar frequentemente ao embato das pretensões oppostas, engalfinhadamente atiradas na luta pela victoria, e só poderá resistir á pressão do erro e do interesse reprovado quem a um caracter solido alliar uma solida illustração.

E' difficil imaginar, senhores, esse combate ininterrupto e mysterioso da idéa e do sentimento do justiça com os seus invisiveis inimigos, que os assaltam a todo instante, revestindo as apparencias mais innocentes, mais justas, mais santas. E' a ancianidade veneranda e querida que nos traz coberta pelo respeito e reverencia que a cercam, a mais injusta e illegal das pretensões; é a viuvez, digna de acatamento e piedade, que, sob o manto que a envolve quer abrigar uma aspiração revoltante; é a orphandade, tão sympathica e merecedora do carinhosa protecção que, explorada pelas alicantinas forenses, procura extorquir-nos a mais iniqua das sentenças; é a suprema necessidade da salvação do Estado, preconizada pelos seus mais autorizados orgãos, que tenta arrancar-nos a mais escancarada injustiça, pelo mais patente golpe um texto de lei, transparente, fulgindo, deslumbrante de luz. São esses os peiores inimigos do direito; porque logram ás vezes illudir, ou arrastar, os juizes de coração bom e compassivo, ou de sentimentos patrioticos, ou visceralmente amaveis a julgarem contra o direito excellentemente, incontestavel. Do conhecido trampoleiro e do audacioso ladrão cadimo é facil defender-se a magistratura mais desatenta e confiante. Mas, dos que pleiteiam contra o direito, algumas vezes de boa fé, envolvidos nas exterioridades mais recommendaveis e

enganosas, embuçados na capa da justiça o ostentando com a maior publicidade os títulos mais especiosos, só podemos precaver-nos com uma agudíssima perspicácia e com a mais forte resistência moral.

Aqui é preciso não esquecer a maior das abjecções a que está exposto o juiz de espirito debil intellectual ou moralmente, que é ser inflexível, ou sómente justo, com os fracos, os ignorantes, os pobres, os humildes de toda especie, e niniamente brando, ou erininosamente indulgente, com os fortes, com os poderosos, com os ricos, com os que occupam altas posições sociaes. Não conheço maior vileza sobre a terra. Nem o facto é desconhecido de uma época em que o extorcinario, o homicida, os erininosos mais repellentes, quando rodeados de certa influencia social, não se contentam com uma decisão absolutoria, ou favoravel; julgam-se com inconcusso direito a provas de apreço e de admiração da sociedade; querem ser acatados e estimados.

Vêde, senhores, quanto discernimento, quanta sagacidade, quanta energia e firmeza de caracter são necessarios ao juiz, para, em meio de todo esse tumultuar de baixos appetites, de infrenes desejos condemnados, de odios e violencias, dirimir as contendas dos homens, applicando as leis em toda a sua pureza aos factos, clara, calma e imparcialmente pesquisados.

Nas aggremações humanas de todos os tempos sempre houve, sempre tem havido o sentimento de que sem a justiça é impossivel a expansão da vida, não podemos progredir, ser felizes. Com varios pensamentos, por fórmulas differentes, sempre manifestaram os homens essa convicção, asentada numa realidade irrecusavel. A despeito da immensa distancia entre a nossa concepção da vida e a dos antigos Hellenos, hoje, como então, a justiça reputada uma virtude, em cujo exercicio reside a condição primordial da felicidade dos homens. Apenas variam os modos de exprimir a eterna verdade. Reproduzindo uma das amaveis ficções em que

tanto se comprazia a simplicidade artistica do genio da antiga Hellade, Pindaro, numa das olympicas, nos mostra o destino que têm como premio os homens justos, aquelles que tiveram a força de vontade necessaria para duraute a vida, nunca se afastar das normas do direito. Seguem a estrada de Jupiter até á terra de Saturno, de onde passam para o seu fantastico paraizo: a *Ilha dos Afortunados*, acarriada eternamente pelas brisas do oceano, e onde eternamente brillham flôres douradas, umas nascidas da terra sobre as arvores e outras miraculosamente brotadas no seio das ondas.

Symboliza a imagem a folicidade dos povos que sabem cultivar a justiça; que, num dos seus aspectos, é, como o definiu a sciencia dos Romanos, inspirada na philosophia dos Gregos, a constante e porpotua vontade de dar a cada um o que lhe pertence. Ainda hoje não é outra cousa a Justiça. Daudo-se a cada um o que é seu, tem-se a condição principal da honra, da vida, da prosperidade e do bem-estar das nações e dos individuos. E' só pela justiça que podemos assegurar-nos todos esses bens. (Da conferencia do sr. Pedro Lessa, realisada a 22 de Outubro, no Rio de Janeiro, iniciando a serie de conferencias da Liga da Defesa Nacional).

O CULTO DO PASSADO E O CENTENARIO DA INDEPENDENCIA

Em meio dos esplendores desta rica e prospera capital, em face do extraordinario surto do progresso desta magnifica metropole, que eu conheci ha cincoenta annos, ao inaugurar-se o nosso primeiro caminho de ferro, com a população apenas de vinte mil almas, conservando ainda então os mesmos usos e costumes, a mesma feição da era colonial — ha um facto, ou antes, uma falta, que apesar da fama de extremado bairrismo, justa ou injustamente collada ao nome pau-

lista, nem vós nem eu podemos deixar de reconhecer e confessar, uma anomalia que contrista e desola todo coração patriótico: é a fria e descaçoável indiferença do povo de S. Paulo para com as suas "res memorabiles".

Brilhante expoente de cultura intellectual, vestindo as galas e os requintes da civilização contemporânea, centro industrial e mereantil da mais intensa actividade, campo aberto ás exuberancias de variada floração de obras pias e institutos de assistencia social, a segunda cidade brasileira e talvez a terceira da America Latina, em summa, grande em tudo, S. Paulo só não tem sido grande no culto da maior de suas grandezas, no culto do seu passado!

Sim, meus senhores, S. Paulo está em atraso incomprehensível, em pobreza de fazer vergonha, comparado com qualquer cidade estrangeira de terceira ordem e mesmo com muitas cidades do Brasil, pelo que diz respeito ao que chamarei o culto externo do patriotismo, ás homenagens publicas que todo povo civilizado faz timbre de prestar aos feitos notaveis de sua historia e nos varões illustres de sua ascendencia.

O Rio de Janeiro em boa hora perpetuou na memoria inextinguível de suas melhores obras de arte os acontecimentos culminantes da vida do Brasil.

Pedro Alvares Cabral, Estacio de Sá, d. Pedro I, José Bonifacio, d. Pedro II, Mauá, Ottoni, Caxias, Osorio, Barroso, Rio Branco, Deodoro, Floriano, Teixeira de Freitas, Gonçalves Dias, Alencar, João Caetano, Passos... são vultos glorificados em quadros celebres e notaveis monumentos de bronze pelo reconhecimento e pela admiração popular.

Se, por um cataclysmo de nova especie, pudesse emmudecer a tradição, apagar-se a historia patria da lembrança dos tempos, falariaem os heroes encarnados naquella população de estatuas, contando os seus feitos notaveis, a sua obra patriótica, e estaria reconstituída a

historia do Brasil em suas grandes linhas gloriosas.

Como o Rio de Janeiro, a Bahia, o Recife, as capitães do extremo norte e tambem as do extremo sul não têm deixado de cultivar os seus magnos feitos, os seus varões assinalados.

Que penoso contraste entre o que se vê fóra de S. Paulo e a desolada nudez das nossas praças! Como é triste o aspecto que offerece a nossa "urbs" — apesar do torvelinho do sua moderna vida intensa — completamente deserta das grandes figuras que fizeram o brilho de seus velhos tempos heroicos, sem um unico monumento, uma só obra do arto que lembre os factos insignes do nosso antigo passado.

Dir-se-ia que não temos nem uma nem outra coisa, nem figuras que mereçam a homenagem, nem factos dignos de commemoração.

Entretanto, não ha contestar que possamos uma historia esmaltada de lances do verdadeira grandeza épica, a começar pela sua primeira pagina, a fundação de S. Paulo, uma das mais fulgentes do poema missionario que o Christianismo vem escrevenda através dos seculos, em sua eterna campanha avassaladora de almas e de corações.

Voltada a primeira pagina, a seguinte não é menos brilhante. E' que nos fastos do Brasil colonial nenhum capitulo fulgura mais intensamente do que a epopéa das intrepidas bandeiras que daqui partiam, rumo ao mysterio, ao interminoso sertão ignoto, a descobrir, conquistar e colonisar a mais vasta e formosa gleba do continente occidental.

Não é um filho da terra quem o diz, é Oliveira Martins, o notável historiador portuguez, quem affirma: "De S. Paulo ponde sahír a raça que fez o Brasil; tivéssemos nós tido outro S. Paulo e teriamos eriado em Africa outro Brasil".

Depois, quando o povo brasileiro, saendindo o jugo da metropole, conquistou o logar que occupa na commmidade internacional, ainda foi á cidade de S. Paulo que coube

a excelsa distincção de ser o scenario do acontecimento maximo da nossa historia — a proclamação da Independencia — e paulista foi o seu grande Patriarchal

Constituida a Patria brasileira sabe-se que nenhum departamento do paiz tem tido a fortuna de contribuir para a grandeza do Brasil como a abençoada terra de São Paulo, pois certo é que, se os povos antigamente sobranceavam pelo valor da sua força, da sua riqueza economica, e na communião federal a capacidade productiva de S. Paulo vale tanto quanto, em conjunto, a dos demais Estados da União. Sim, teve razão Enrico Ferri quando, contemplando maravilhado o verde mar sem fim dos cafezaos paulistas, declarou que estava a admirar o phenomeno economico mais notavel do seculo!...

Porque então são desamadas as nossas tradições? Porque então não prezamos como merece esse velho patrimonio de glorias e de energias, de vitalidade e de força que é a nossa maior riqueza, o mais forte propulsor da evolução para o nosso remontado predestino?

Representando um povo, em qualquer tempo, o producto de seus factores atavicos, a summa das qualidades de sua raça, porque então vivemos em pleno divorcio sentimental com as grandes raizes germinaes do que somos e do que valemos — ethnica, social e economicamente?

Tanto menos se comprehende a estranha anomalia, quanto é certo estar em causa, como já uma vez eu tive ensejo de dizer — notavel medida de justiça social a recomendar-se tambem por alta razão de Estado.

Sabe-se que o Brasil, e especialmente S. Paulo, é terra de immigração. Por mais emprehendedor e energico que seja o espirito de iniciativa paulista, nem tão fecunda teria sido a sua acção, se o braço estrangeiro não tivesse vindo intensificar a efficiencia do trabalho indigena.

Mas se a grande immigração representa para nós um bem, uma

necessidade, todavia não está isenta dos defeitos de suas proprias virtudes. Se ha conveniencia em absorver-a, não deixa de haver perigo em se deixar absorver por ella.

Affirma notavel sociologo que os povos levam seculos a adquirir uma certa estrutura mental, e a perdem ás vezes depressa, sendo a evolução regressiva sempre mais rapida que a evolução ascendente.

Tanto importa reconhecer que devemos cultivar com carinho os caracteres da nossa raça, se queremos a sua permanencia e estabilidade, se queremos preserval-os de se afogarem e desapparecerem para sempre nos sedimentos alluviaes do inmigrantismo.

Ora, um dos processos de cultura do velho genio paulista, um dos meios de defesa do espirito do nosso povo estaria no culto da tradição, do nacionalismo, estaria na perenne homenagem publica ás virtudes da nossa alma ancestral.

O grande centenário aproxima-se, e S. Paulo que foi "magna pars" na proclamação da independencia do Brasil, S. Paulo que tanto vem cooperando para o lustre e relevo do Brasil, S. Paulo que carrega a dupla e indeclinavel responsabilidade criada pelas circunstancias, S. Paulo está na obrigação inilludivel de resgatar por uma vez as suas velhas culpas — glorificando, como a nobreza dos seus sentimentos exige e a solennidade da occasião impõe, os feitos memoraveis de seus annos e as preclaras virtudes de seus heroes.

Em verdade, é preciso que se saiba, porque não está vulgarizado, que, se a proclamação da Independencia teve lugar em S. Paulo, não foi isso um golpe do acaso, um acontecimento fortuito, foi sim a consequencia de um plano previamente assentado. Esta affirmativa não é minha, o facto consta desta passagem da monumental "Historia do Brasil", de Rocha Pombo: "Era chegado o momento em que o drama devia ter o seu desfecho; e não só José Bonifacio, por um capricho do seu coração, desojava que isso se

dêsse na terra do seu nascimento, como ainda entrava nos calculos da politica que vinha seguindo — a conveniencia de rematar a obra fóra do Rio, embora fazendo parecer o proprio remate um incidente imprevisto, ou mais, um daquelles protestos com que o principe rebatia sempre o despotismo das Côrtes portuguezas”.

Não havendo ainda um plauo official regulando as homenagens que devemos prestar ao grito do Ipiranga, e por isso mesmo que os effeitos da erise que o mundo inteiro atravessa estão a aconselhar-nos um programma que, sob o minimo de encargos e desposas, soja em sua execução ao mesmo tempo solenne e digno, — não ha duvida que o melhor que temos a fazer é dar ás festas commemorativas da proclamação da Independencia um caracter accentuadamente historico, fazendo vibrar, em suas grandes cordas sonoras, o nobre sentimento nacionalista.

Nesta ordem de idéas teve já o governo de S. Paulo uma feliz iniciativa promovendo, com o concurso da União e dos Estados, a erecção no Ipiranga de um monumento nacional destinado a perpetuar a gloriosa memoria de 7 de Setembro.

A homenagem vem a tempo e proposito, podendo-se desde já considerar que será o numero fundamental das solennidades do fausto centenário.

Mas seria fazer muito pouco do nosso passado, suppor que elle nasceu do grito do Ipiranga, quando é certo que então já contava tres seculos de idade, e durante o maior trecho desse prazo teve a perlustração a valorosa estirpe dos fundadores do Brasil colonial, nossos bravos conterraneos dos seculos XVII e XVIII.

E' igualmente certo que a epopéa bandeirante teve a sua flamma na potencialidade dos elementos ethnicos que collaboraram na fundação e no desenvolvimento inicial de Piratininga.

Pois bem, havemos nós, os paulistas, de solennisar o ceutenario da

Independencia, havemos de cultuar os seus heroes — deixando que continuem sepultados em negro e desolado olvido os seus grandes factores atavicos?

Por todas as razões, o primeiro monumento historico a erigir-se nesta cidade deve ser o monumento commemorativo da sua fundação, em honra das principaes figuras representativas do memoravel acontecimento.

E' facto de dominio publico que uma commissão aqui se constituiu para promover esse preito de admiração e reconhecimento a Nobrega, Anchieta e Tibiriçá, e que o monumento a erigir-se, magnifico trabalho modelado em Roma por distincto esculptor, e alli fundido em bronze, se acha, já ha alguns annos, em S. Paulo, com suas peças ainda encaixotadas como vieram da Europa, não tendo podido até agora ser assentado no local que de direito lhe cabe, ao centro do velho largo do Collegio, precisamente onde nasceu a cidade, porque, logo depois de iniciada, foi suspensa a domolição do velho palacio do governo, que era projecto reconstruir com a nova frontaria subordinada ao alinhamento da rua do Carmo, havendo assim um recuo que teria por effeito dar maior amplitude á antiga praça, pondo-a em condições mais compatíveis com a importancia do acontecimento de que foi berço e da egregia homenagem que so lhe pretende tributar.

E' certo que uma prolongada erise financeira, a quo succederam as graves anormalidades produzidas pela magna guerra, não tem permitido o proseguimento da obra. Logo, porém, que desponte a branca alvorada da paz — da paz christan por que todos nós anecemos, da paz sellando para sempre as santas reivindicações do direito, da justiça e da liberdade dos povos — evidentemente não havemos de continuar de braços cruzados, vendo, inertes e impassíveis, aproximar-se a data memoravel do grande centenário historico.

Não é, pois, fóra de proposito que desde já, cedendo ao imperio de circumstaneias de excepeional força maior, o poder competente se disponha a examinar a materia com a boa vontade que ella mereee, para ficar habilitado a executr opportunamente qualquer resolução sobre o edificio que occupa o logar do velho Collegio e da primitiva Egreja dos Jesuitas, seja no sentido de reconstruil-o segundo o projecto assentado ha alguns annos, seja para arrasal-o de vez, cedendo todo o terreno em beneficio de um plano completo de ampliação e aformoseamento da mais antiga praça da cidade, que é tambem o sitio historico em que germinou a sua primeira cellula vital.

Não ha duvida que a solução radical seria a mais convenienté. Ella permittiria a realisação de um plano de obras que, aproveitando as condições singulares do local, faria daquelle logradouro publico uma aprimorada joia, em que a natureza, a historia e a arte collaborariam de mãos dadas.

Em verdade, por um eventual curso de condições especialissimas, o antigo Largo do Collegio reúne elementos que, aproveitados como merecem, podem transformal-o em um centro civico de attractivos incomparaveis.

Começa por estar cercado de edificios monumentaes, aclar-se junto á via publica de mais activa circulação urbana e dever em breve constituir-se a desembocadura de duas novas arterias de viação, de uma parte — a que lhe abrirá communicação com a bella esplanada da Cathedral.

A topographia natural deu-lhe o bello realce da posição, que o chronista da fundação de Piratininga chamou suggestivamente — o mais patente destes campos — referindo-se á sua situação a cavalleiro da extensa e pittoresca superficie que se desdobra na baixada, desde o antigo leito do Tamandatehy até ás encostas azuladas da Cantareira, através da operosa colmeia industrial que é hoje o Braz.

A sua boa fortuna, que já o premiára com tão felizes attributos, ainda o enriqueceu com um thesouro de espiritalidade historica, fazendo alli nascer o embryão de uma cidade, deste embryão uma raça predestinada, e desta raça um povo, uma nação.

Assim ennobrecido, pela natureza e pela historia, como se em São Paulo devessemos ver reunidos em um só sitio as recordações e as bellezas que Roma venéra e contempla no Capitolio e no Pincio, — o antigo Largo do Collegio está naturalmente fadado a vêr a arte levantar sobre o seu chão sagrado o monumento glorificador das figuras primaciaes da fundação de São Paulo.

A notavel obra de arte, plantada no centro da praça, será realmente um novo gracioso florão a fazer sobresahir o esthetismo do esplendido conjunto.

Cultuando a memoria de Nobrega, de Anchieta e de Tibiriçá, o monumento commemorativo da fundação desta cidade será o symbolo perpetuo da veneração dos posteros aos maiores vultos dessa grande obra de benemerencia, tão relevante na sobrevivencia de seu immenso alcance politico, social e economico, tão heroica e intemerata em sua phase inicial; e o justo e digno preito, sem pungente sacrificio da verdade historica, não pode deixar de ser rendido no proprio torrão sagrado em que se reuniram ha alguns seculos, num ingente esforço solidario, illuminadas pelo mesmo supremo ideal, as grandes energias que alli assentaram os alicreos do commettimento que, bem apurados os effeitos de sua incommensuravel influencia, se pôde qualificar o facto maximo da historia colonial do Brasil.

Mas o plano da transformação da praça ainda reclamará um complemento. Para tirar todo o partido que ella offerreteria, engrandeecida com a demolição do velho palacio uma outra obra de arte — a construcção de amplo e artistico "belvedere", guarnecido por elegante

columnata — estaria a recomendar-se allí como remate decorativo da face do largo voltada para a varzea do Carmo, em vespéras de ser aliçada pelo magnifico projecto de melhoramentos que a digna Prefeitura Municipal trata de levar a effeito.

A perspectiva da extensa esplanada convertida em delicioso parque, com suas multiplas obras do arte e suas quadras destinadas a diversões sportivas, entremeadas de taboleiros relvados, cobertos aqui e allí de graciosos tufos do arbustos ornamentaes, com o Tamanduatehy a deslizar pelo meio, ora comprido entre os taludes verdejantes do canal, ora refinando os encantos da paizagem com a perspectiva serena de um lago — deve ser um esplendido golpe de vista a se apreciar do alto.

Mas o que pôde tornal-o verdadeiramente fêrico, juntando ao aprazível conjunto os offeitos de notavel maravilha no genero, é a circumstancia especialissima de possuir S. Paulo um dos maiores syphões hydraulicos do mundo, o poder facilmente aproveitar a sua formidavel capacidade de descarga, susceptivel de borbotar cerca de dois milhões de litros por hora, sujeitos allí á pressão natural de cem metros de altura — para transformar o lago do parque em bellissima bacia de jogos de agua e fontes luminosas, com as mais variadas combinações artisticas de jactos, cortinas liquidas e focos de luz electrica espargindo raios de todos os matizes.

As famosas grandes aguas de Varsalhes — com jactos optidos á custa do pressão artificial e alcançando quando muito uns vinte metros de altura — que attraem, no primeiro domingo de cada mez, immensa multidão a admirar o formoso espectáculo, para cujo encanto não contribue pouco a belleza das esculpturas do Le Brun e Mignard, que adornam as bacias e os jardins em derredor, as famosas grandes aguas não passariam de modesta miniatura dos incomparaveis effei-

tos do mesmo genero que aqui se poderiam obter com insignificante dispendio.

O artistico “belvedere” que se construisse no local do velho palacio — além de permittir aos habitantes da cidade o goso de soberba vista panoramica e, de quando em quando, nos dias festivos, o prazer de admirar os mais notaveis jogos de agua do mundo — ainda proporcionaria logar, o logar magnifico como nenhum outro, á execução do notabilissima obra de justiça historica.

Uma gratissima impressão do viagem que senti e conservarei sempre, uma das horas do mais intenso goso espirital que tenho vivido, foi ao visitar a celebre “Galeria degli Uffizi”, em Florença, especie de Pantheão em plena praça publica, onde se admiram, esculpidas em marmore branco, as estatuas dos mais illustres filhos da gloriosa terra em que se encarnou o genio do renascimento literario e artistico do seculo XV.

E quem se não sensibilisaria ao vêr emergirem da historia, rodovos em corpo e espirito, graças ao poder evocativo da arte, os vultos notaveis de uma das épocas mais brilhantes da vida da humanidade?!

Gravaram-se-me especialmente na memoria algumas daquellas nobilissimas effigies... Miguel Angelo, um dos artistas mais renomeados de todos os tempos, o architecto reconstructor do mais celebre monumento que existe, a basilica do S. Pedro de Roma, o pintor do “Juizo Final” da Sixtina, o esculptor do “Moysés”, do “David”, da “Pioltá”; Dante Alighieri, o maior poeta italiano, o autor immortal da “Divina Comedia”; Leonardo Da Vinci, uma das mais complexas mentalidades genicas que tem dignificado a humana estirpe, o pintor da “Gioconda” e da “Ultima Coia”, esculptor, musico, engenheiro, tão exímio cultor das letras como profundo investigador das sciencias physicas e naturacs; Galileu, o sabio mathematico, physico e as-

tronomo, um dos fundadores do verdadeiro methodo das sciencias phisicas, o methodo experimental; Machiavel, o celebre homem de Estado e eminente escriptor politico, cujo nome atravessou tres seculos como que fulminado pelo anathema universal, mas a quem a critica moderna faz já a justiça reparadora de attribuir uma alma de patriota; Petrárea, coroado pelo Senado de Roma como o principe dos poetas de seu tempo, Petrárea que cantou as peregrinas virtudes de Laura, em sonetos e canções que a admiração dos seculos consagrou como fazendo parte dos mais finos primores da literatura universal...

Como vêdes, senhores, são brilhantes, admiraveis, as figuras que povoam a galeria dos immortaes de Florença, e o culto quo a bella cidade italiana presta á memoria de seus filhos illustres não é só um preito ás suas virtudes; é tambem uma sabia lição pratica, intuitiva, de civismo. O nobre gesto de Florença é digno de ser imitado em S. Paulo. E' que, como os florentinos, tambem nós podemos nobremente nos orgulhar dos heróes da nossa historia.

Eu não sei se a justiça social, que tão desamorada tem sido até aqui para com as figuras plutarquianas do nosso passado, cumpriu desta vez o seu dever, ou ainda deixará passar o momento, flagrante e opportuno, para fazer erigir o Pantheão dos immortaes de São Paulo; o que, porém, em minha alma de paulista, em minha consciencia de patriota, eu tenho a gratissima satisfação de reconhecer e sinto a necessidade do proclamar é que, para gloria de minha terra, nenhum povo se honra com ascendencia mais digna da egregia homenagem.

Outros deixem de cumprir o seu dever, nem por isso nós, senhores, nós que aqui estamos reunidos, montando guarda aos nobres ideaes patrioticos, deixaremos de cumprir o nosso, ao menos da fórma que está ao nosso immediato alcance, e, pois, penetrando no silencioso cam-

po santo em que repousam as venerandas reliquias que são como o "substractum" da nossa formação, vamos, de campá em campá, acordando as cinzas que alli dormem na triste solidão do abandono, render o tributo da nossa profunda e sincera veneração a cada um dos egregios representantes da nobre raça paulista.

.....

Tibirigá, o inclito chefe guayanaz; Affonso Sardinha, Domingos Jorge Velho, Paschoal Moreira Cabral Leme, Bartholomeu Bueno da Silva, Antonio Raposo, Fernão Dias Paes Leme, Amador Bueno da Ribeira, Balthazar de Borba Gato, Belchior de Pontes, Pedro Vaz de Barros, Gaspar da Madre de Deus, Alexandre de Gusmão, Bartholomeu Lourenço de Gusmão, Pedro Jaques de Almeida Paes Leme, José Aronche de Toledo Rendon, Jesuino do Monte Carmello, Os Andradas, Diogo Antonio Feijó, José Feliciano Fernandes Pinheiro, José Joaquim Machado de Oliveira, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, Francisco de Paula Souza e Mello, d. Antonio Joaquim de Mello, Francisco Adolpho de Varnhagen, Gabriel José Rodrigues dos Santos, José Antonio Pimenta Bueno, Arthur Silveira da Motta, Clemente Falcão de Souza Filho, Antonio de Queiroz Telles, José Bonifacio de Andrade e Silva, o moço; Antonio Carlos Gomes, José Ferraz de Almeida Junior, Prudente José de Moraes Barros, Manuel Ferraz de Campos Salles, Francisco Glycerio, Bernardino de Campos, Cesario de Azevedo Motta Magalhães, Eduardo da Silva Prado, Oswaldo Cruz, Francisco de Paula Rodrigues.

.....

Erguei-vos, mortos illustres, columnas redivivas de toda a nossa estrutura — geographica, politica, social, economica, religiosa, scientifica, literaria e artistica! Erguei-vos, modelos sublimados de eximias virtudes, fragmentos impereciveis de nossa grande alma ancestral, alma gentil, temperada de heroismo e repassada

de nobres ideias criadores, sacro espirito predestinado que a gloria beija na suprema consagração da immortalidade!

Perante vós, missionarios da nova redempção, paranympfos do renascimento civico da Patria, perante vós curvamo-nos todos nós, os vossos descendentes, os vossos legitimos herdeiros, os legatarios visceraes de vosso incomparavel espolio, para render-vos o preito reconhecido da nossa mais profunda admiração e reverencia, e pedir-vos que sejaes, agora e sempre, os genios tutelares do nosso futuro historico, os espiritos guiaoadores da directriz que ha de conduzir a seu alto destino a nossa extremecida terra paulista, a terra que conquistastes com o vosso valor, que fecundastes com o vosso trabalho, que dignificastes com o vosso patriotismo, affim de que seja ella nos tempos porvindouros, como foi nos que passaram, o factor maximo da grandeza e felicidade do Brasil.

Possuindo um patrimonio historico ennobrecido por tão extraordinarios feitos, por tantas figuras olympicas, a desentranhar-se numa caudal de glorias e de bengams sobre os seus descendentes, S. Paulo não commetteria apenas um crime de lesopatriotismo, S. Paulo commetteria um crime de lesa-justiça, de lesa-civilisação, de lesa-humanidade, se, ao passar a primeira grande etapa da existencia nacional, o centenario da Independencia, deixasse permanecer no inconcebivel olvido em quo têm jazido os vultos immortaes do seu passado. E' que não ha, não pódo haver patriotismo, onde não ha o culto da patria, dos seus heróes; não ha, não pódo haver justiça, onde não se presta homenagem ás mais eminentes virtudes dos cidadãos; não ha, não pódo haver civilisação onde a solidariedade humana não existe e o povo desama as suas proprias raizes, a substancia e o processo de sua formação, a maior porção do seu ser, onde, em summa, o povo é o proprio a desamar-se a si mesmo.

Das festas civicas a que tive a satisfacção de assistir em terras estrangeiras a que mais me tocou o

coração foi a cerimonia do "decoration day" na America do Norte.

O "decoration day", que corresponde á data de 30 de Maio, é um dia festivo nacional nos Estados Unidos, o dia em quo os norte-americanos commemoram os seus mortos heroicos, cobrindo de flôres os seus tumulos, os seus monumentos historicos.

Como todos nós celebramos o 2 de Novembro, fazendo a romagem aos cemiterios em visita aos membros da familia, pedaços do nosso coração, que alli repousam, nos Estados Unidos, paiz em quo o sentimento civico é extremamente apurado, entendeu-se, com profunda sabedoria politica, que a patria, como a familia, tem tambem os seus mortos, pedaços de seu grande coração, e a commemoração patriotica do "decoration day" é o preito collectivo dos vivos á memoria dos grandes mortos.

Pois bem, estivesse em S. Paulo levantada a galeria dos benemeritos do nossa historia, e certo é que nenhuma cerimonia falaria mais intensamente ao sentimento nacionalista, nenhuma homenagem poderiamos instituir contribuindo mais suggestivamente para a commemoração do passado do que a solemnidade civica do "decoration day", sobretudo se, para accentuar-lhe a importancia e dar-lhe maior esplendor, fizessesmo do 7 do Setembro o "decoration day" do Brasil, o nosso dia memoravel, o dia consagrado ao effeito dos tumulos e das estatuas dos nossos mortos illustres, fixando para inicio da festiva cerimonia o proprio dia glorioso do centenario da Independencia.

Que spectaculo supremamente dignificante não seria então a romaria do patriotismo e da saudade, o desfilar da mocidade das escolas, dos novos e exuberantes rebentos da nossa velha raça — em continencia á sua nobre e heroica estirpe, a saudar e cobrir de flores os constructores insignes da nossa nacionalidade, dos denodados campeões da conquista, da colonisação, da grandeza e da civilisação do Brasil!

Mas, senhores, o momento historico é propicio, excepcionalmente propicio

cio, não só para fazermos justiça á memoria dos nossos antepassados benemeritos como para uma outra obra que tambem diz respeito ao culto da tradição.

E' que na formação historica de cada povo, na genesis de sua alma ancestral — não entra só o elemento propriamente ethnogenico; a velha habitação, os antigos usos e costumes, os moveis e utensilios, todo esse conjunto de coisas que guarnecem o lar e formam o trem da vida domestica, tudo faz parte do sua constituição social, do regimen de sua existencia.

Ora, assim como S. Paulo tem-se esquivado inteiramente do seus preclaros avoengos, igualmente nada tom feito no sentido de conservar o que quer que seja dos tempos antigos.

A habitação primitiva, o mobiliario e toda sorte de utensilios domesticos em uso até a época da Independencia, e mesmo annos depois, tudo, absolutamente tudo vac desapparecendo na voragem dos tempos, de modo que, brevemente, não restarão nenhuns vestigios do nosso passado.

Para que se não consumine esse desastre, reagindo em boa hora contra o despreço a que têm sido votadas entre nós tão preciosas reliquias, condemnadas ao desapparecimento completo — se em tempo as não reunirmos e não tratarmos de conserval-as como merecem — surgiu em nosso meio a feliz iniciativa de uma exposição retrospectiva, projecto que bem valia ser convertido na realidade permanente de um museu de antiguidades paulistas.

Tendo a satisfação do haver sido convidado a fazer parte da commissão que estuda a realisação da magnifica idéa, posso informar que é seu pensamento reconstituir no Ipiranga, que é o nosso Aventino, a collina historica da Liberdade, o "Iacsimile", mais ou menos em grandeza natural, da velha egreja do Collegio, representação archeologica do primeiro edificio que se construiu em S. Paulo, grupando em redor alguns typos caracteristicos das habitações da éra colonial. No interior desses edificios se reuniriam, em exposição

permanente, os moveis, utensilios, objectos de arte, em summa, os preciosos remanescentes da herança avoenga, as reliquias que ainda se não perderam de todo no miseravel abandono em que têm sido deixadas.

Para ser completo o programma das solennidades commemorativas do centenario, restaria, depois de assestada a contribuição de caracter historico, combinar a outra parte das manifestações festivas.

Nenhum ensejo pôde ser mais favoravel do que o primeiro centenario da vida autonoma de um povo para inventario geral de suas forças, para um balanço dos recursos de sua potencialidade economica, uma vez que os phenomenos desta natureza são os que primam hoje em toda parte, decidindo os destinos dos Estados. Força é, pois, mostrar cada um o que vale, o que tem feito e o que tem a fazer, não só para garantir a sua existencia social como para desenvolvê-la e aperfeiçoal-a em seus elementos vitais.

Assim, uma exposição pecunria, agricola e industrial, a que se poderia annexar uma secção artistica, exhibindo as conquistas que tem feito o Estado de S. Paulo nesses diferentes ramos de trabalho, seria um magnifico numero do programma das festas, offerecendo a vantagem de reunir o util ao agradável, o ensino pratico que resulta sempre de taes certamens á diversão que elles proporcionam aos seus visitantes.

Confeccionando como tenho exposto o plano da solenne commemoração civica, euído que nada mais seria indispensavel accrescentar-lhe senão a moldura do quadro: as festas que independem de anticipada preparação, as paradas militares, os espectaculos theatraes e sportivos, os bailes, em summa, toda sorte de passatempos recreativos com que a cortezia mandará que sejam distinguidos e obsequiados os representantess officiaes da União e dos Estados, bem como quantos se dignarem honrar-nos com a sua visita.

O programma suggerido não é de certo um programma sumptuario, em que brilhem o fausto e a pompa com

que, em outra situação financeira, seria dever solennisar a lembrança do acontecimento que fez entrar o Brasil na communhão das nações, mas que se me releve a pretensão de supôr que é um programma digno, discreto, de accentuada espiritualidade historica e tendo a recommendal-o esta circumstancia de monta — em vez de passar e desaparecer como o elarão ephemero das apotheseos theatraes, sobreviverá na magnificencia de um aprimorado conjunto de melhoramentos publicos e obras de arte, glorificando a memoria dos grandes feitos e das figuras heroicas do nosso passado.

Um codicillo é indispensavel ás disposições justificadas.

Se a gratidão devida á omnipotencia criadora tem que ser medida pela grandeza da obra criada, infinito deve ser o reconhecimento do Brasil; porque incommensuravel é a grandeza dos favores com que todos nós, brasileiros, fomos emulados pela suprema munificencia.

Para nenhum povo, em verdade, o curso da vida e da civilisação deslisa em mais suave e formoso leito; cobro-o de dia um céu do mais bello azul de que Deus coloriu a cupola do planeta que habitamos; vela-o de noite infinito numero de cirios accesos, como em adoração perpetua ao symbolo sagrado da redempção, o cruceiro austral; tão ricos e abundantes são os thesouros de seu reino inorganico, que a admiração de seus intrepidos exploradores não encontrou designação mais adequada ás primeiras terras abertas ás suas incursões descobridoras que o suggestivo nome de "Minas Geraes"; do sua flora sem par o menos que se pode dizer é que vive a se desabotoar numa perpetua paschoa de côres, de perfumes e de frutos, eterno sorriso a florir nos labios da mais fecunda, da mais generosa das mães; nada iguala ao espectaculo de seus grandes rios, tranquillos mediterraneos sem fim, luminosas estradas de automoveis para as remotas regiões que estanceiam no interior do Continente, ora colleando pelas varzeas a beijar a orla dos hervados em flôr, ora

estrondeando em cataractas triumphaes, em soberbos gestos titanicos, capazes de accionar todo o aparelho mecanico da industria e da civilisação nacional.

Sondo, assim, de todos os povos da terra o mais favorecido pelos dons naturaes, e possuindo uma historia que não é simplesmente uma historia, mas antes um poema, o poema das virtudes heroicas de sua grande alma ancestral, — o povo brasileiro seria o mais ingrato dos povos, compor-se-ia das mais descaraveis das criaturas, se, no momento de celebrar a maior das suas festas civicas, olvidasse o maior de seus benefeitores e, no solennissimo instante historico, sob a immensa abobada do mais sumptuoso de seus monumentos de arte, a nova cathedral de S. Paulo, concluida a tempo de prestar-se á santa homenagem, não erguesse os olhos para o céu, num supremo lance de reconhecimento, a entoar o hymno sagrado do louvor, o "Magnificat" da eterna glorificação a Deus, Senhor Nosso... (Da conferencia do sr. Adolpho Augusto Pinto, a 15 do Novembro, em S Paulo, por delegação da Liga Nacionalista)

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COISAS NACIONAES

O FUNDADOR DA REPUBLICA

A adversidade, quanto mais dura é, com mais perfeição forja os bellos caracteres. Foi assim que formou o de Benjamin Constant, desde os verdes annos experimentado pelas asperezas da existencia. Aos 14 annos perdia seu pae — o tenente Leopoldo H. Botelho de Magalhães, official portuguez, que adoptou a nacionalidade brasileira nos primeiros dias da independencia nacional. Orphan e pobre, teve de trabalhar para o sustento de sua mãe e de cinco irmãos menores. Estudou com as difficuldades advindas de tal situação. Ao cabo de al-

gum tempo, matriculava-se na Escola Militar e conseguia reunir ao seu pequeno soldo o que lhe proporcionava o magisterio particular para a manutenção da família. Eis como se tornou militar e professor, seguindo a dupla profissão paterna, para beneficio do Brasil. Em 1866, já capitão, marchava para a guerra do Paraguay, onde revelou calma e valor em lances arriscados. Depois de servir no estado-maior do commando em chefe, foi encarregado de construir trincheiras e baterias avançadas em Tuyuty, á direita da famosa "Linha negra", sob o fogo da artilharia e infantaria do inimigo, que tentava impedir o trabalho. Mandado a Corrientes para remetter canhões e petrechos, enfermon gravemente, assaltado pelo "cholera-morbus", que devastava nossas tropas. Melhorando, voltou a Tuyuty, não só para terminar os entrincheiramentos, como para desempenhar arduas missões da commissão de engenheiros nos frequentes reconhecimentos das posições do exército de Lopez, escapando de ser aprisionado pela cavallaria paraguaya. Por fim, a fazer pontes e estradas, sobre rios e banhados pestiferos, contrahin febres intermittentes, cuja prolongação o obrigou a vir no Rio de Janeiro, licenciado por intervenção de amigos. Duraute mais de um anno esteve inutilisado para o serviço e, por isso, julgou-se na obrigação de solicitar sua baixa, recusada pelo governo imperial. De novo entregue ao magisterio, poudo Benjamin Constant consagrar-se á fructifera tarefa de formar pelo doutrinamento a legião de alumnos que o havia de ajudar a 15 de Novembro de 1889. Nunea, porém, se importou com a politica, que detestava, até que os acontecimentos o emmaram ao terreno da revolução, para salvar o paiz da anarchia e do despotismo.

Quando irromperam tempestuosas as questões militares, com a propaganda abolicionista e republicana, Benjamin Constant collocou-se ao lado de seus camaradas nos jus-

tos protestos contra a opposição do governo imperial. Procurou, no entanto, impedir as explosões de um nefasto pretorianismo a perturbar a vida nacional. E' assim que, em 1887, numa reunião convocada para tratar do caso Seuna Madureira, disse que, "so no regimen democratico é condemnada a predominancia de qualquer classe, muito maior condemnação deve haver para o predomínio da espada, que tem sempre mais facéis e melhores meios de executar os abusos e prepotencias".

Fiel ao mesmo pensamento, em Novembro de 1889, empregou todo o seu esforço em desviar o exercito, de uma simples sedição militar, para a extincção do regimen monarchico. E em consequencia consiste o seu maior merito como propulsor dos eventos que nos levaram á proclamação da Republica, sem derramamento de sangue.

Na noite de 14 de Novembro de 1889, o tenente-coronel Benjamin Constant era chamado em sua casa para collocar-se á frente das tropas revoltadas contra a monarchia. Ansiosa e inquieta, sua esposa vein acompanhala á porta, para dar-lhe o adeus — talvez o ultimo. Ao despedir-se, o austero soldado disse-lhe calma e simplesmente, movido por uma resolução inabalavel:

— "Vou cumprir o meu dever."

Não ignorava o perigo que ia correr, como um dos cabeças da revolução. Arriscava a sua vida, compromettia o futuro de sua familia e provavelmente cortaria a sua carreira, se fosse infeliz na audaciosa aventura. Mas, que importava tudo isso, se era mistér cumprir o seu dever de brasileiro? Acima de tudo não estava o interesse da Patria? Soldado, bom o sabia e não vacillou nesse angustioso momento. Na madrugada do dia 15, Benjamin Constant se encontrava no campo da Aclamação com seus companheiros, chefiados pelo bravo marechal Deodoro da Fonseca, cujo concenro elle conquistára com palavras persuasivas. Estavam promptos para o combate: fuzis emalados e

canhões carregados. Mas tudo se resolveu em paz, com alegria geral, ao troar das salvas festivas. Porque o throno, desprestigiado, já não tinha defensores: a nação inteira o desamparou, sem esperanças.

Triumphante o movimento que animou e guiou, o Fundador da Republica não pensou sequer um instante em disputar posições e proveitos. Por seu empenho, foi o marechal Deodoro escolhido para chefe do governo provisório. E se, a instancias dos companheiros, aceitou o cargo de ministro da Guerra, o fez unicamente para assegurar a consolidação das novas instituições.

Dias depois, aclamado general numa manifestação popular, o brioso tenente-coronel recusa o elevado posto. E' que, havendo sido o principal promotor da revolução republicana, não queria se lhe attribuissem intuitos egoisticos e ambiciosos. Teve, porém, de submeter-se para não collear Deodoro e Wandenkolk em difficeis condições, embora até á hora de morrer declarasse que "os pesados bordados de general lhe queimavam os punhos". Nascendo vis lútrigas que o apontavam como competidor do marechal Deodoro na futura presidência da Republica, Benjamin apressou-se em desmentir publicamente tal invencione. A 9 de Novembro de 1890, na reunião commemorativa da data em que seus camaradas lho deram plenos poderes para preparar a revolução republicana, pronunciava-se com esta lealdade, no Club Militar:

— "Acho que elle (Deodoro) deve ser o futuro presidente da Republica Brasileira. Se pudesse enfeixar na mão todos os votos do Congresso, dal-os-ia ao general Deodoro.."

Lembrando o seu nome para senador federal pelos Estados do Rio e do Pará, onde a eleição era certa, recusou tambem com o mesmo empulo. Declarou então, pela imprensa, "que não era candidato a cargo algum e que, se por qualquer circumstancia fosse eleito, recusaria". Nem sequer aceitou uma casa que seus amigos pretenderam offerrecer a sua familia. Ao ser infor-

mado desta idéa, pediu e conseguiu fosse ella abandonada. (Paulo Pestana — *Estado de S. Paulo*, São Paulo).

A BANDEIRA DO BRASIL

Refere Joaquim Norberto, numa memoria historica sobre a bandeira nacional, onde ensina a quem não sabe e recorda a quem sabe, ter Antonio Candido de Lima, autor de uma colleção de poesias ligeiras dedicadas ás senhoras fluminenses, composto algumas endeixas entradas no coração do povo pelos labios das mães ao ninarem os filhos:

*"Aurca cerulea
Cór matizada
Nossa divisa
Tem retratada.*

*Cada folhinha
Em si encerra
O distinctivo
De nossa terra*

*Tu és o emblema
Do Brasileiro
Admirado
Do mundo inteiro."*

O decreto de 18 de Setembro de 1822, com a rubrica de Sua Alteza Real o Príncipe Regente e a referenda de José Bonifacio, diz textualmente ser conveniente dar ao Reino do Brasil um novo tope nacional, como o Príncipe já lhe concedera escudo de armas. Assim, o parecer do Conselho de Estado, ordenava o Governo que o laço ou tope nacional brasileiro ficasse composto das côres emblematicas — verde de primavera e amarello d'ouro.

Por muito tempo, refere Joaquim Norberto, foi creença que a idéa do desenho e das côres da bandeira nacional, creada por outro decreto de 18 de Setembro de 1822, nascesse de D. Pedro I e houvesse sido por executor tecnico Luiz Alcixo Boulanger, rei de armas da casa imperial e calligrapho insigne.

O referido decreto desdobrou aos olhos da Nação a bandeira que, desse momento em avante, cobriu o povo

brasileiro com a sua sombra querida e sagrada, abrigando-lhe os dias de gloria ou de infortunio.

A bandeira nacional, ordenava o decreto, será composta de um parallelogrammo verde e nelle inscripto um quadilatero rhomboidal côr de ouro, ficando no centro deste o escudo das armas do Brasil.

Tal escudo tinha em campo verde esphera armillar de ouro, atravessada por uma cruz de Christo, circunscrita a mesma esphera por dezenove estrellas de prata em orla azul, firmada a corôa real diamantina sobre o escudo cujos lados seriam abraçados por dous ramos das plantas de café e tabaco, emblemas de sua riqueza commercial, e ligados na parte inferior pelo laço da Nação.

Não cabe a Luiz Aleixo Boulanger, a idéa do desenho e das côres da bandeira nacional.

No palacio de S. Christovão, D. Pedro I mostrou o plano da bandeira do nascente Imperio, attribuindo-a a João Baptista Debret, pintor historico e membro da colonia artistica, a quem se deve a fundação da Academia de Bellas Artes.

O Imperador sujeitou o plano ao juizo de outro francez, Felix Emilio Taunay qual Debret professor da Academia, seu director e membro da referida colonia artistica, que, por ordem de D. João VI, o Marquez de Marialva encaminhara para o Brasil.

Felix Emilio era paizagista; não lhe agradaram nem o desenho nem a combinação das côres da bandeira.

Externou opinião, com a lisura dos homens de character diante de quem quer que seja, encontrando o Imperador bem humorado e disposto a aceitar as razões do artista opposto ao artista.

Assim, Felix Emilio Taunay não concordou com o desenho do escudo intercalado no quadilatero rhomboidal e com a côr verde, em repetição.

Propunha a vermelha em vez da verde, mas a tanto se oppoz D. Pedro, pela semelhança com o escudo portuguez.

O forro da corôa imperial seria tambem verde; D. Pedro I conveio fosse vermelho, concordando com Taunay.

Não houve meio de ceder o Imperador quanto ás côres verde e amarella, allegando representarem a primavera eterna do Brasil e o ouro, achando-se ao demais já lavrado o decreto da criação da bandeira.

Feita a independencia, cumpria acelamar o Imperador. Entretanto, no eceremonia da aclamação, por falta de tempo, não podia figurar a nova bandeira.

No dia 10 de Novembro de 1822 realizou-se o acto solenne do benzeimento das bandeiras nacionaes, com festa na Capella Imperial e procissão.

Deus saudado, o Imperador desceu ao largo do Paço, onde a tropa faiseava em armas. Dirigiu-lhe a indispensavel proclamação tão do estylo militar da época, tão amada do homem da Corsega e de Santa Helena, de Marengo e de Waterloo.

D. Pedro I tambem gostava das proclamações, onde so lhe expandia o genio de imperador imperioso.

Fallou "aos soldados de todo o Exercito do Imperio", e em dos topicos da sua proclamação vai a callar nos dias de hoje:

"Quando a patria precisa ser defendida e o Exercito tem por divisa — Independencia ou morte — a patria descansa tranquilla e os inimigos assustam-se, são vencidos e a gloria da nação redobra o brilho."

A voz de D. Pedro I extinguiu-se na ultima palavra da proclamação, a palavra Brasil, e uma salva de cento e um tiros, tres descargas de infantaria, cumprimentaram a nova bandeira, quando comêçou a subir no tope das fortalezas, de onde, até hoje, graças a Deus, ainda ninguem as fez arriar.

No dia seguinte, 11 de Novembro de 1822, as meçmas bandeiras cobriram de sombra e do prestigio os vasos da Armada Nacional e Imperial. No dia 13 foram saudadas pelos navios de guerra extrangeiros surtos no porto, eircumstancia muito para notar, porquanto a Inde-

pendencia ainda não recebera a benção diplomática de chancellaria alguma.

No começo da Republica appareceram bandeiras, diversas, desde a hasteada no edificio da Camara Municipal, no proprio dia 15 de Novembro, pelo vereador José do Patrocínio, até as nascidas *post factum*, quando o Governo Provisorio, por decreto de 19 de Novembro de 1889, declarou manter as antigas côres nacionaes — verde e amarello — com a legenda — *Ordem e Progresso*.

Houve uma listrada de preto e branco; outra vermelha semeada de estrellas brancas. Acerca da historia da bandeira brasileira existe livro abundante e consciencioso, sob o titulo *Os symbolos Nacionaes*, da lavra de Eurico de Góes, polygrapho tão distincto quão incansavel.

Nesse livro util e nesse autor prestadio ha muita informação curiosa, muito serviço feito ao estudioso.

Debaixo das duas fórmulas de governo, a monarchica e a republicana, o Brasil, quasi centenário, tem conservado, mais ou menos, o seu pavilhão, intactas sempre as duas côres gratas aos olhos, ao peito e à sanidade de quantos nasceram nas bandas estrelladas do Cruzeiro do Sul, esmalte da astronomia e honra de nossos céos. (Eseragnolle Doria — *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro).

ALCOOLISMO, OPILAÇÃO E IMPALÚDISMO

São esses os tres maiores inimigos da população brasileira, os causadores maximos da depressão physica da nossa gente de trabalho, da sua apregoadá indoleneia, da sua apathia, da sua tristeza, e ausencia de ambição natural e justa de conforto e de progresso.

Dahi a deficiencia da nossa produção; a renda insignificante das nossas estradas de ferro; a necessidade das suas tarifas elevadas para poderem se manter; a desolação de leguas e leguas de terras, ás suas margens, deshabitadas, inultas, sem

rebanhos, pontilladas de longe em longe, nas estações, de pequenos nucleos de população e uma ou outra villa, baptizada pomposamente de cidade.

Os habitantes desses pequenos nucleos, de casas sem hygiene, sem conforto, com deficiente mobiliario, toco e rudimentar, com os quintaes cobertos de matto, sem hortas nem jardins, apresentam, em geral, o aspecto da doença, de desanimo e de tristeza lastimaveis.

Ha poucos dias ainda percorri longo trecho da E. F. Leopoldina, na sua linha do littoral, penetrando, a cavallo, da região do municipio de S. João da Barra, trazendo dessa jornada, dolorosa impressão, pelo abandono e tristeza de toda a região, de terras fertilissimas, outróra prospera e rica, hoje desprezada, sem moradores, sem culturas, sem rebanhos, servida de pessimos caminhos, com atoleiros de kilometros de extensão, em que o animal se enterra até á barriga.

Nas poucas moradas (tres nun percurso de cerea de tres leguas) encontrei todos os seus habitantes — homens, mulheres e creanças — profundamente prejudicados pela opilação e pela malaria, diabolicamente associada na sua faina destruidora, ajudadas inda nos adultos pelo abuso da cachaca.

Infelizmente essa é, em geral, a impressão que têm os que querem observar, em quasi todas as regiões do paiz.

Nenhuma oportunidade se nos offerce mais propicia, do que esta do estado de guerra, para estabelecer as bases de um combate efficaç a esses tres inimigos traiçoeiros e implacaveis da nossa efficiencia de produção, da nossa energia moral, do nosso caracter e da nossa raça, que se não deve deixar extinguir-se, porque é com os seus elementos, aliás de primeira ordem, quando convenientemente cuidados e educados, que temos de contar para a nossa expansão economica e para a defesa da nossa bandeira.

O grande espirito, que foi o de Alberto Torres, nacionalista por ex-

cellencia, patriota inexecível, servido de rara cultura e de espirito de observação, seguro e penetrante, levou os dez ultimos annos da sua vida, inteiramente consagrada, desde a idade de 16 annos, ao serviço da patria, a prégar na imprensa e em livros, cujas paginas deveriam ser impressas com letras de ouro, a necessidade de "Organização Nacional", em moldes nacionaes, de accordo com as nossas tendencias, as nossas tradições, as nossas condições geographicas, ethnicas e physicas.

Nesses notaveis trabalhos, que bem pouca gente terá lido, e que, talvez, nem meia duzia dos nossos politicos tenha folheado, são estudados com cerrada documentação e profunda erudição, a natureza brasileira, o seu territorio, a origem da sua população, a sua indole, a sua innata bondade e generosidade, o seu espirito pacifico, ao mesmo tempo destemido e capaz das maiores bravuras.

Não temos que invejar a outros povos, senão quanto á defesa da saúde, e á organização efficiente da educação e da instrucção.

Paiz vasto, de população escassa para immenso territorio, que não chega a tres habitantes por kilometro quadrado, consentimos que ella se internasse e disseminasse ainda mais pelos sertões, quando a nossa politica devera ter sido a de central-a em centros agricolas, cançados, em torno dos nucleos já formados, conservando virgens os sertões, como reservas do futuro, para serem aproveitadas á proporção da expansão natural da sua raça, para o levantamento das suas forças, para a sua resistencia ás doenças, para a expansão economica do paiz e para a organização da nossa defesa.

Na impossibilidade material da applicação de medidas radicaes de prophylaxia do impaludismo, conviria, desde já, crear a quinina do Estado, a preço infimo, fazendo-a chegar a todos os pontos do paiz, por intermedio de funcionarios federaes, estaduais e municipaes.

Salvar-se-ia muita gente, e impedir-se-ia a destruição de innumerables valores preciosos da produção.

Nem teriamos que inventar coisa alguma. Bastava-nos imitar o que tem feito a Italia, nesse particular, com surpreendente resultado economico.

Quanto á ankylostomiase (opilação), a mais espalhada das nossas endemias, prejudicando 70 % ou mais da população brasileira, conviria decretar a obrigatoriedade do uso das fossas e installações sanitarias, simples, rudimentares que fossem; a obrigatoriedade do uso do calçado; ao menos nos centros povoados; e a criação, a preço minimo, ou gratuita, de medicamentos do Estado, curativos dessa doença, com indicações precisas do modo de usal-as.

Essa distribuição, porém, de medicamentos sem a providencia imprescindivel da obrigatoriedade das fossas e latrinas, para evitar o lançamento das fézes á flôr do solo, não dará resultado, ou será elle minimo e imperceptivel.

Além do combate a essas endemias, uma outra, que constitue uma vergonha — a variola — poderá ser eliminada de vez, com o estabelecimento da vacinação obrigatoria, embarçada até agora pelo receio da turba ignorante, e da propaganda insensata de meia duzia de sectarios orthodoxos, de uma seita que não tem raizes na opinião nacional.

A educação de um povo analphabeto e atrazado, faz-se mais pela applicação rigorosa de leis sabias, educativas, do que pela propaganda e conselhos.

Não fóra a lei especial, pedida por Oswaldo Cruz para sanear esta capital, e a applicação integral do regulamento sanitario della decorrente, denominado então codigo de torturas, e não teria podido o grande brasileiro levar a termo a ingente tarefa, que constitue o feito mais notavel da Republica.

Hoje, ninguem mais chama de codigo de torturas o regulamento sanitario, e a educação hygienica da

população desta capital se vac fazendo sem relutancia.

O estado de guerra, com a guerra possível, traz para o povo obrigações sagradas, deveres indiscutíveis de dar todo o seu esforço, e até o seu sangue em beneficio da Patria.

Crêa tambem para os governos deveres inilludíveis de fornecer ao povo os elementos indispensaveis, pró ou contra a sua vontade, para tornar efficiente e productivo o seu concurso.

Sem os elementos, que geram, ou que mantêm a saude, não pôde haver augmento de producção, nem organização satisfactoria de defesa nacional. (Belisario Penna — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

LOURENÇO COSTER, O INVENTOR DA IMPRENSA

A *Revue de Hollande* publica um artigo do sr. Arthur Hubens, em que se demonstra que Guttenberg não é o inventor da imprensa. Isso não é bem uma descoberta, pois a these do sr. Hubens tem sido geralmente admittida pelos historiadores que estudaram a questão com imparcialidade. Nem por isso, entretanto, os allemães a aceitam. E' que elles são terríveis monopolisadores que, não contentes das poucas glorias antigas que não se lhes podem contestar seriamente, preteudem reivindicar as dos outros, e proceder a annexações retrospectivas de grandes homens ou de grandes idéas. Foi por isso que, quando 500º anniversario do nascimento do em 1900 a Alemanha festejou o celebre impressor de Moguncia, numerosos discursos classificaram de dementes todos aquelles que não reconhecerem Guttenberg como o inventor da typographia. Não obstante, Guttenberg não o é — e o artigo bem documentado do sr. Arthur Hubens corta decisivamente a

questão. Este critico não nega o merito nem a importancia de Guttenberg. O cidadão de Moguncia aperfeçoou notavelmente a invenção, e a sua famosa biblia de quarenta e duas lihas, apparecida por volta de 1456, e do que um dos rarissimos exemplares que até nós chegaram foi recentemente comprado por 250 mil francos por um americano, devo sempre ser considerada como a primeira obra prima que produziu a nova arte. Seja como fôr, entretanto, Guttenberg uão foi o iniciador della.

Foi na Hollanda, em Haarleu, que nasceu a imprensa, cujo verdadeiro inventor se chama Lourenço Coster. Sabe-se que o que caracteriza esta invenção é o emprego de caracteres moveis fundidos em metal. Antes della já se havia impresso alguns opusculos sobre taboas de madeira, por um processo identico ao da gravura. Isso já era uma tentativa para se chegar á imprensa propriamente dita, mas ninguem pode dizer so com esse processo se conseguiria esse objectivo, porque os chinezes já o conheciam ha muitos seculos, sem ter passado além. Lourenço Coster, entretanto, foi quem primeiro fundiu os typos moveis, que certamente outros procuravam fabricar desde algum tempo. A idéa pairava no ar, mas foi Lourenço Coster quem a executou. E se elle não chegou logo á perfeição ideal, nem por isso se lhe pode contestar o direito de prioridade. A "Chronica de Colonia" confessa em 1449 que "o primeiro esboço desta arte foi realisado na Hollauda". Outro chronista que florescia no seculo XVI, o que parece ter sido o primeiro que assignou, sob o pseudonymo de Junius, proclama que foi bem Lourenço, filho de João o natural de Haarlou que "teve a honra de inventar a typographia". Junius acrescenta que tendo a invenção dado bons lucros, um dos operarios de Lourenço Coster trahiu o seu patrão e, fugido, levou para Moguncia os segredos em que elle tinha sido iniciado sob juramento de os não revelar a ninguem.

Os primeiros livros impressos por Lourenço Coster na primeira metade do seculo XV eram os *Donats*, especie de manuaes escolares assim chamados por causa do nome do *grammatico Donatus*, e o *Speculum humanae salvationis*, especie de biblia elementar em versos latinos. Estes escriptos tiveram uma grande voga durante a Idade Média, e é precisamente o espirito da Idade Média que a imprensa ia prolongando, como notou Michelet. Como todas as conquistas da sciencia e da industria, esta arte ou esta technica podia ser empregada nos usos mais differentes, e é dos homens que a empregam que depende fazer della um grande mal ou um grande bem. Felizmente, sobreveio a Renascença: a imprensa não poderia ser considerada como uma das causas da Renascença, mas é certo que a serviu da maneira mais efficaç. A Renascença era o grande movimento emancipador, e a imprensa o adoravel instrumento de emancipação, porque punha ao alcance de um publico enorme o que os manuscritos reservavam a uma "elite". E' por isso que Michelet declara que o papel de Mogúncia foi ultrapassado pelo de Veneza e de Paris, onde os Aldos e os Estienne applicaram a imprensa á resurreição e á divulgação libertadoras do genio antigo. Em 1470, porém, o Parlamento ordenou a apprehensão dos primeiros livros impressos que se introduziram em Paris. O povo considera os primeiros impressores como feiticeiros, e os copistas do manuscritos os accusavam de concorrência desleal. Em 1535 a Sorbonne reclamou a suppressão da imprensa. Não foi attendida, mas obteve em compensação o estabelecimento da censura. Como se vê, a censura não data de hontem... (Paul Souday — *Le Temps*, Paris).

A GUERRA ACTUAL E OS PRINCIPIOS DE ESTRATEGIA

A guerra do trincheiras, que continúa a fazer-se em França ha tres

annos, perturbou os espiritos. Teriam mudado os principios da guerra? Não seria mais a batalha um meio classico de destruir as forças organisadas do inimigo?

O aspecto mais novo do desenvolvimento da guerra hodierna é a applicação illimitada das trincheiras, que na frente occidental tem quasi immobilizado a batalha. Mas isto provém do facto de que após a batalha do Marne nenhum dos adversarios poude conseguir sobre o outro nua predominancia decisiva, sendo ainda de notar que os reforços de effectivos se faziam com rapidez de ambos os lados, de maneira que se estabelecia um certo equilibrio entre ambos. Além disso, as duas extremidades da frente da batalha iam acabar por uma successiva e continua extensão no mar e numa região neutra, dois obstaculos insuperaveis que impediam o cerco.

Mas essas condições que fixaram ao solo a batalha raramente se apresentam juntas, donde a impossibilidade de tirar dellas consequencias geraes. Em Mukden, por exemplo, onde os russos tinham construido trincheiras contra as quaes eram inuteis os ataques frontaes, a lueta não se poude perpetuar, porque a ala direita russa, sem o apoio de um obstaculo natural, foi facilmente cercada pelos japonezes. Se a França no momento da batalha, tivesse podido dispor de mais meio milhão de homens, o inimigo não se teria consolidado no Aisne; e se mesmo isso tivesse succedido, com as suas forças superiores, a Republica desenvolvendo a ala esquerda dos seus exercitos, teria conseguido transformar a batalha defensiva do Yser nua offensiva victoriosa. Von der Goltz já sentenciou que para fazer a guerra é preciso atacar e que o uso exclusivo da trincheira é o suicidio de dois exercitos, que não querem mais combater ou que o não possam mais. (General Perein — *La Grande Revue*, Paris).

A ADIVINHAÇÃO E A GUERRA

Estava escripto que a arte divinatoria se havia de exercer copiosamente com a guerra. Desde o inicio das hostilidades viu-se nos jornaes um verdadeiro diluvio de annuncios. Dir-se-ia que cogumellavam prophetas sobre toda a extensão da França. E que prophetas! Por um franco ou cincoenta centesimos punham a sua arte divinatoria á disposição dos amadores. Aqui está por exemplo um annuncio bem caracteristico: "A todos, por 50 centesimos, com a data do nascimento e um pedacinho de unha do pé direito, a celebre vidente M... remetterá, escripta por sua mão, o vosso destino". Seguia-se o endereço. A clientella affluia, e pouco a pouco foram apparecendo nos jornaes outros annuncios semelhantes. As adivinhas se tornaram tão numerosas-e tão audaciosas com o transcorrer das hostilidades, que o proprio governo se impressionou com isso, e para acabar com a exploração teve de dar instrucções aos jornaes. Nem por isso, entretanto, deixaram de existir tacs prophetas, que continuam a realisar magnificas receitas. Desgraçadamente, a guerra é uma occasião propicia á arte divinatoria. Quanto mais terriveis são os meios de destruição dos exercitos modernos, quanto maiores os perigos que correm os combatentes, maior é a ansiedade dos seus parentes e dos que os amam. Todos quantos recorrem aos adivinhos não se lembram, entretanto, de que as respostas destes não podem deixar de lhes ser favoraveis. Como poderiam elles destruir a ultima restea de esperanza que ainda alimenta uma pobre alma, desejosa de saber o paradeiro que teve um filho, um pae ou um irmão?

Como quer que seja, com relação á conducta geral da guerra, a arte divinatoria tem errado completamente. Será porque não tenhamos mais oráculos? Terão estes desapparecido no cataclysmo do desmoronamento religioso do Olympo? — No tempo em que os deuses habitavam esta montanha sagrada, a adivinuação

florencia. Então, os prophetas, magicos, adivinhos e Sybillas não tinham necessidade de recorrer aos annuncios baratos de jornaes para attrahir a clientella. Povos inteiros eram seus devotos. Ninguém duvidava que os deuses falassem pela sua bocca, e todos elles representavam um papel politico e dispunham da força armada. Os proprios philosophos, que são uma casta eminentemente racionante, ás vezes edificavam theorias divinatorias. Platão, para explicar como os phenomenos physiologicos dão lugar a interpretações propheticas, disse que o figado é um espelho, em que se reflecte o pensamento divino e em que se concentra durante a vida a intuição divinatoria. Depois da morte, accrescentava elle, encontra-se no figado a impressão das imagens contempladas pela alma. Como os prophetas eram interpretes incontestados dos pensamentos dos deuses, gosavam de autoridade indiscutida, e a sua pessoa e o seu sacerdoceo se rodeavam de prodigioso luxo o infinita consideração. Hoje, o templo de nossas Sybillas é figurado as mais das vezes por um quarto estreito, de mobilia sem estylo, e de uma decoração enja polresca só se pode comparar á banalidade muitas vezes repellente e grotesca do ambiente. Como estamos longe dos magnificos palaeos dos gregos! Essas sumptuosas moradas eram levantadas com o dinheiro de subscripções publicas. A Pythia de Delphos habitava um templo que havia custado tres mil talentos de ouro, ou sejam 256.500.000 francos em moeda franceza, e toda a sua fachada era feita de marmore de Paros. A Pythia Delphiana não prophetisava senão quando Apollo estava a isso disposto. E Apollo era absolutamente refractario a todo o trabalho durante os tres mezes de inverno consagrados no seu collega Dionysos. A bem dizer, a Pythia operava durante um dia do mez para as consultas gratuitas ou a preços reduzidos, que ella dava sentada sobre os degraus do templo. O resto do mez ella prophetisava para os

elientes serios, installada no sanctuario. Nenhum cliente era admitido perante ella sem ter se submettido a uma prova que decidia se elle era ou não do agrado de Apollo. A Pythia purificava-se primeiro por abluções na fonte da agua sagrada e fumigações: vestia em seguida um costume que imitava o de Apollo Mussagetá, bebia agua de uma outra fonte santa, collocava uma folha de louro na bocca, tomava uma segunda na mão direita e subia para o sanctuario. Hoje, para interpretar o sonho, as nossas Sybillas abrem a "Chave dos Sonhos" e fazem o commentario banal que já sabem de cór. Em Epiklauro, o consulente devia primeiro observar uma dieta de quinze dias, tomando banhos simples ou mineraes, com fricções, neções e fumigações. Suggestionavam-no com a narração de curas maravilhosas, inebriavam-no com uma musica deliciosa, o odor das flores e de perfumes queimados. (Louis Marquet — *Revue Bleue*, Paris).

A INIMIGA DE NAPOLEÃO

No dia 14 de Julho de 1817 morria em Paris, com cincoenta annos, Anna Louise Germaine Necker, baroneza de Staël, um dos mais singulares engenhos femininos do que guarda memoria a historia contemporanea. Mme. de Staël tem o seu nome ligado ao de Napoleão Bonaparte, não por ter collaborado com elle, mas bem ao contrario, por ter votado ao primeiro consul e depois Imperador uma profunda e irreductivel inimizade. Com effeito, desde o dia em que o astro do grande curso começou a subir no horizonte politico, não só da França coino da Europa inteira, não houve manifestação litteraria de Mme. de Staël que não buscasse origem ou inspiração na politica. O longo e aspero dissidio entre essas duas pessoas que queriam ser uma o Imperador omnipotente; a outra, a imperatriz do pensamento, é o resultado do choque de duas grandes ambições, uma das quaes, a feminina, se differen-

ciava do valor pessoal e o orgulho de uma conspiciua tradição familiar. Filho do ex-ministro Necker, ella queria que niuguem esquecesse a sua origem. Mas o seu erro maior foi pretender a todo o custo esse reconhecimento, de quem, menos do que qualquer outra pessoa, estava disposto a prestar essa homenagem. Na tenaz opposição desta mulher havia, com o desprezo da origem espuria de Bonaparte, um fundo de razão, que em nome dos supremos principios da Moral e da Civilisação não podemos hoje deixar de reconhecer e acolher. Affirmava ella que o espirito militar constitue um damno imminente para os Estados livres; que a guerra é o maior flagello desencadeado pelas paixões humanas e que a gloria das armas é ephemera; e accrescentava que, sem principios philosophicos não ha moral e que sem moral não se pode reger as nações.

Estas idéas se ligam ao conceito philosophico fundamental de toda a doutrina de Mme. de Staël, que claramente encontramos já exposto na obra publicada em 1800, sob o titulo "De la littérature considéré dans ses rapports avec les institutions sociales", onde se pretende demonstrar o dogma do progresso e da marcha sempre ascendente do espirito humano.

Essa mulher por varias vezes mostrou, porém, na opposição que fazia a Napoleão, não ser o portento de genio e de equilibrio que se dizia. Em 1802, por exemplo, discutiam-se os artigos do Codigio Civil referentes ao instituto do matrimonio, e varios oradores sustentavam a necessidade de garantir a estabilidade do contracto perante a lei. O proprio Bonaparte pensava assim, elle que não tinha feito nunca mysterio da opinião segundo a qual o divoreio era danosissimo do ponto do vista social. A questão do divoreio, de resto, achava-se estreitamente ligada á questão mais geral da restauração dos costumes, que Napoleão, muito louvavelmente pretendia fazer. Pois bem: Mme. de Staël não hesita em considerar tudo

isso com um espirito de scepticismo intoleravel numa mulher: "Bonaparte quer que todos se casem — escrevia a 3 de Maio de 1802, a Mme. de Récamier — bispos, eardeacs, etc." No mesmo anno apparecia *Delphine* que o *Journal des Debats* considerava "trés faux, três antisocial, três dangereux". As primeiras hostilidades, porém, surgiram abertamente pelos fins de 1799, ou pelos principios do 1800, quando se formou contra a politica de Bonaparte uma opposição organizada. Mme. de Staël teve de passar por isso dez annos no exilio, durante os quaes escreveu as obras que deviam contribuir para a sua notoriedade: "Corinne" e "L'Allemagne", a primeira publicada em 1807 e a segunda em 1813. (Carlo Meda — *Rassegna Nazionale* — Florença).

VARIEDADES

REMEDIOS CHINEZES

A pharmacopéa chinesa recorre muito ao reino vegetal, tanto que a sciencia de um boticario da hoje publica da China se limita ao conhecimento de tres livros ou herbarios classieos.

Esses livros são os seguintes: o *Sheng-nourg*, que dserove as virtudes de 365 plantas, correspondentes aos 365 dias do anno; o *Peitu*, supplemento do precedente, que trata de outras 365 drogas vegtaes, e o *Li-Shi-Chen* que enriquece a pharmacopéa com 252 simplicies novos.

Ha muito tempo, pois, os chinezes são mores na arte do cultivar as plantas medicinaes que exportavam depois para a Europa e a America.

As difficuldades da navegação, consequentes á guerra, prejudicaram enormemente essa industria. Chegamos agora a noticia de que dois letrados chinezes iniciaram a traducção em latim do *Codex* chinéz, formado pelos tres livros acima. Não ha duvida nenhuma de que essa obra será lida com curiosidade por todos os medicos dos dois Mundos...

A ORIGEM DO BEIJO

Este assumpto fez objecto de um grave artigo publicado pela *Revue Anthropologique*, em que o sr. Charles Lejeune procura mostrar que o beijo se originou de um rito religioso. No Oriente, diz elle, nós vemos as pombas intimamente ligadas ao culto de Venus Astarté. Dever-se-ia por acaso a este culto a glorificação do beijo, tão frequente e tão prolongado nessas aves sagradas? — O que é certo é que o rito do beijo se desenvolveu, com todas as religiões do Oriente, ao mesmo tempo que o das pombas. Entre os antigos, cujos costumes eram mais simples do que os nossos, o beijo foi provavelmente, ao sahir do estado selvagem, o modo mais natural de manifestar o respeito. O livro de Job ensina que os adoradores do sol e da lua estendiam as mãos para esses astros e as levavam depois á bocca. Em todos os tempos se têm beijado e se beijau ainda as estatuas dos idolos e dos santos. O beijo que se dava no hospede tornava-o sagrado. Quando o beijo se generalizou, distinguiram-se nelle diversas especies; segundo era dado na boeca, na mão, na barba, na fronte, etc. e considerando ainda o gráo de parentesco, o sexo, a edade e os usos locaes, o beijo significava amor, respeito, fidelidade, amizade, protecção, submissão ou adoração. O catholicismo, que conservou os ritos principaes das religiões preexistentes, fez do beijo o signal pelo qual se reconheciam os irmãos da Fé. Na Edade Média o beijo fazia parte das formalidades que devia preencher o noço cavalheiro, e ainda hoje quando entrega uma medalha a um soldado, o commandante sella a neta com um beijo. Em certos povos o beijo era um penhor do fé que as partes contractantes se davam mutuamente, e correspondia assim ao aperto de mão que fecha os negocios; e era ainda um signal de reconciliação.

A BIBLIOTHECA DE JULIO
LEMAITRE

Vendeu-se ha pouco tempo em Paris a magnifica bibliotheca de Julio Lemaitre, o critico subtil que, por causa de uma molestia horrivel, pouco antes de morrer já não sabia mais lêr. Os livros de Lemaitre formavam uma bibliotheca admiravel, que foi, como diz seu *ex-librie* — *inveni portam*. Attingiram a preços extraordinarios os livros, alguns de edições preciosissimas, pelas illustrações ou pela raridade. E' assim, por exemplo, que as *Metamorphoses*, de Ovidio, em marroquim, se venderam por 5.305 francos; o *Roman Comique*, edição de 1796,

tambem em marroquim, por 2.205 francos; o *Voltaire*, de grande formato, 2.000 francos; o *Temple de Gnide*, illustrado por Eisen, em veado antigo, por 1.250 francos.

Entre as edições originaes modernas ou romanticas, os preços maiores foram os seguintes: *Eugénie Grandet*, de Balzac, por 295 francos; as *Fleurs du Mal*, de Baudelaire, 580 francos; *Du sang, de la volupté, de la mort*, de Maurice Barrés, com uma parte do manuscrito, 190 francos; *Adolphe*, de Benjamin Constant, 540 francos; *Chansons morales*, de Béranger, datado de 1816, 261 francos; *Mémoires d'Outre Tombe*, de 1850, por 900 francos; *Oeuvres*, de Andro Chenier, edição de 1819, por 600 francos.



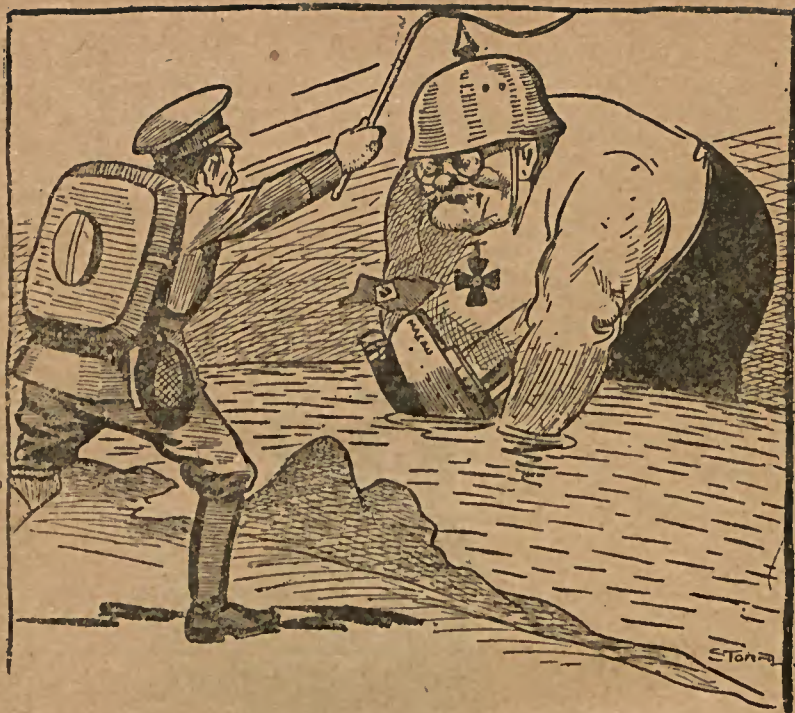
AS CARICATURAS DO MEZ

À GUERRA!



— O mundo é testemunha de que fiz, com dignidade, o que era possível para não participar da luta!

(Julião Machado — "D. Quixote", Rio).



Contra as armas da covardia falta esta peça no equipamento!

(Storn—"D. Quixote", Rio).

A FORÇA FAZ A UNIÃO...



E a união faz-se á força.

(Callsto—"Gazeta de Noticias", Rio.)

NA BOTICA MAIS PROXIMA



— O senhor tem aguardente allemã?

— | | | | |

(Raul—"D. Quixote", Rio).

CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG.: DOSMAN - CAIXA, 962

TELEPHONE, 4305

SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

INSTALAÇÃO DE LUZ FORÇA

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO do numero de Outubro: — Souza Bandeira, por **Mario de Alencar**, da Academia Brasileira; A Independencia do Brasil, conferencias, por **Armando Prado** e **Amadeu Amaral**; A morte do Sacy, conto, por **Sergio Espinola**; O "Salão" de 1917, com oito illustrações, por **Monteiro Lobato**; Livros..., por **Medeiros e Albuquerque**, da Academia Brasileira; Alguns novos do Rio Grande do Sul, por **Homero Prates**; Vida oclosa, romance, por **Godofredo Rangel**; A defesa nacional, por **Assis Brasil**; Dols sablos holandezes no Brasil, por **Juliano Moreira**; O saneamento do interior do palz, por **A. Amaral**; O movimento nacionalista, por **Matheus de Albuquerque**; A philosophia no Brasil, por **João Ribeiro**; O Norte literario, por **Xavier Marques**; Notas de sciencia; Bibliographia; Movimento artistico; Revistas e jornaes; As caricaturas do mez; etc.



Marchetti della Falchi

— *Prefiro o Chocolate Falchi.*



VOZES DA AMERICA



Uma muito forte e muitissimo mais pratica...
(Lutz—"Jornal do Brasil", Rio).

O PEIXE MORRE PELA BOCCA



'O Brasil espera que cada um cumpra o
seu dever".

("Caretta", Rio).

"LE MONDE MARCHE"



(Storni—"D. Quixote",
Rio de Janeiro).

Cortar e enviar o seguinte coupon:

Sr. Secretario-Gerente da "REVISTA DO BRASIL"

Caixa, 1373 - S. Paulo

Remetto-lhe a importancia de 15\$000 réis para a reforma de
minha assignatura até dezembro de 1918.

Nome

Localidade



5 Motivos porque V. S. nos deve dar ~~~~~ a sua preferencia: ~~~~~

1. O nosso "stock" é hoje sem rival em todo o Brasil.
2. Os nossos artigos são procedentes das melhores casas inglezas e francezas no seu genero e são de qualidade garantida.
3. A enorme variedade de artigos que apresentamos nos trinta departamentos da casa torna a sua escolha facil e agradavel.
4. Embora as nossas mercadorias sejam de qualidade fóra do common, os preços são relativamente bem modicos. Centenas dos nossos freguezes, conhecedores do artigo, attestam isso.
5. A nossa reputação lhe garante completa segurança em todos os seus negocios com a casa. Se qualquer artigo comprado não estiver de accôrdo com os seus desejos, acceitamos a devolução do mesmo, trocando-o ou restituindo a respectiva importancia.

MAPPIN STORES

S. PAULO

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscrito . . .	£ 2.000.000	Succursaes em: DAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000	RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000	ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

Wilson Sons & Co. Limited

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Teleg. "ANGLICUS"
SÃO PAULO

IMPORTADORES:

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke, etc.; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de flandres e ferragens; óleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para industrias; barro e tijolos refractarios, barrilha etc.

AGENTES DE:

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres
Seguros maritimos e contra fogo
J. B. White & Brothers, Londres
Cimento Portland "J. B. W."
Aberthaw & Rhose Portland Cement &
Lime Co. Ltd. Cimento marca "Mitra"
Read Brothers Limited, Londres
Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"
Curtis's & Harvey Ltd., Londres
Dynamite marca "Dragão"
Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres
Chá preto e verde marca "Bond"
William Pearson Ltd., Hull
Creolina, Pacolol e Pacofluido
Andrew Usher & Co., Edinburgo
Whisky "Liqueur"
J. Bollinger, Ay Champagne
Champagne "Bollinger"
P. Virabian & Cie., Marselha
Ladrilhos e Cimento
Holzapfels Ltd., New-Castle-on-Tyne
Tintas preparadas "Lagoline"

Accetam pedidos para importação directa mediante
modica commissão



ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FÁZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFE MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de
ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaes-
quer machinas, canos de fer-
ro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-6

SÃO PAULO

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"



REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

F. J. OLIVEIRA VIANNA	Psychologia das revoluções meridionaes	453
TRISTÃO DA CUNHA	Notas do tempo	469
MONTEIRO LOBATO	O Mata-pau (novella)	479
Joaquim LISBOA	Um livro prejudicial ao ensino	490
RODRIGO OCTAVIO FILHO	Mario Pederneiras	503
PORFIRIO SOARES NETTO	A concepção federal de Alberto Torres	514
GODOFREDO RANGEL	Vida Ociosa (romance)	524
COLLABORADORES	Resenha do mez	537

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 24 - ANNO II

VOL. VI

DEZEMBRO, 1917

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Brasil e Allemanha — Bibliothica — Exposição Chambelland (N.) — Edgard Degas — Notas de Sciencia: O mundo da Lua; O movimento da Terra; A cura do diabetes; Albert Dastre (M. P.) — Na Academia Brasileira — Nunes Machado e a "Praieira" — Brasil e Argentina — Recordações de Silva Jardim — O primeiro voador — As caixas economicas — O Brasil esquecido — Joaquim Nabuco — Os brasileiros e a lingua alleman — O nacionalismo de Ramalho Ortigão — Nietzsche e a Allemanha — Kerensky — Kornilof — O poeta das mulheres — Uma cruzada de creanças — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES — Mata-pau, por *Monteiro Lobato*; Mario Pederneiras, por *D. Cavalcanti*; Anchieta, Dia triste, Sol da tarde e Pau d'alho, quadros de *C. Chambelland*.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

Propriedade de uma
sociedade anonyma

L. P. BARRETTO

Directores: JULIO MESQUITA Redactor-chefe: Plinio Barreto
ALFREDO PUJOL Secretario-gerente: Pinheiro Junior

ASSIGNATURAS:

Anno	15\$000
Seis mezes	8\$000
Edição de luxo, anno	22\$000
Numero avulso	1\$500
Numero atrazado	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52
Caixa Postal, 1373 — Telephone, 4210

S. PAULO

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

Aos nossos Assignantes

pedimos encarecidamente que reformem as assignaturas no mais breve prazo possivel afim de não se prejudicar o serviço da remessa.

A pedido de numerosos assignantes, a **REVISTA DO BRASIL** resolveu tirar, desde o proximo numero, uma **EDIÇÃO DE LUXO**, em papel superior, enstaudado a assignatura: anno, 22\$000; semestre, 12\$000. Sendo uma tiragem especial e reduzida, a **EDIÇÃO DE LUXO** deve esgotar-se rapidamente. E' conveniente, pois, que as assignaturas sejam tomadas desde já, afim de que o assignante possa receber tambem o numero de Janeiro em papel de luxo.

Assignaturas para 1918:

Edição simples	15\$000
Edição de luxo	22\$000



FOR ROSKOPF 12-10-1917

It is the policy of the Government to provide for the education of the children of the United States who are born in this country and who are the children of alien parents.

The Department of Education is pleased to announce that it has received from the Department of State a list of the names of the children of alien parents who are entitled to the benefits of the Federal Education Act of 1917. The names of these children are as follows: [illegible names]

Respectfully,
[illegible signature]

12-10-17
[illegible]

[illegible]
[illegible]



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Palva).

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO—Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCOISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 508. End. Telegraph. **Condes.**

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rka Boa Vista, 52 (Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA—Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica **especialmente das crianças**—Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA—Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinaarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

GABRIEL MALHIANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323—Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-arquitecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA—Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Central) — Rua Aivares Pentendo — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107.—Rio: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 881. — S. Paulo: Rua Boa Vista, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. Telegrammas: "Belli", Genova (Italla), Piazza Scuole Pio X — Casella 1.459. End. tel. "Bellico".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emilio Rocco — Novidades em casemira inglesa. — Importação directá. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 5151 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, caufelas de casas de penhores e do Monte de Socorro de S. Paulo

— A CASA MARCELLINO compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

CAS APAULISTA, de Moysés Gandelhman — Moveis, camas de ferro esmaltado, colchões, tapetes, etc., a dinheiro e a prestações. Rua Barão de Itapetininga, 14-A — Tel. 3046 Central. S. Paulo.

Joailierie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes et Marbres d'Art — Sérvices en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

Cortar e enviar o seguinte coupon:

Sr. Secretario-Gerente da "REVISTA DO BRASIL"

Caixa, 1373 - S. Paulo

Remetto-lhe a importancia de 15\$000 réis para a reforma de
minha assignatura até dezembro de 1918.

Nome

Localidade

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Baneo tem correspondentes em todas as principais cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na ocasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abri-la por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaesquer eselarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Baneo fechará á 1 hora da tarde.

PSYCHOLOGIA DAS REVOLUÇÕES MERIDIONAES

(RIO; S. PAULO; MINAS)

V

(Conclusão)

Uma outra causa da brevidade das nossas revoluções meridionaes, e do seu character facilmente aborticio e transitorio, está tambem na especial psychologia dos homêns do centro-sul, cuja massa social penetrada de uma profunda convicção na incontrastabilidade e na omnipotencia do poder do Estado, carece de grandes tradições de lucta material contra a autoridade e o governo.

Realmente, o nosso povo, e especialmente o que habita a vasta região dos mattos, teme o governo; sente por elle um receio vago, diffuso, intimo, que é facil surprehender nessa funda crença, que o domina — da impossibilidade de qualquer reacção efficaz contra o arbitrio dos que governam. Para elle deliberação do alto é deliberação irrecratable. — Ha em discussão no parlamento um projecto, uma medida, uma lei perigosa, perturbadora, revolucionaria, lesiva da liberdade ou da propriedade privadas? uma lei de excepção, um tributo novo, uma obrigação odiosa, uma taxa extorsiva? — Pois bem; escutae, na sua surdina, a voz sussurrante dos campos e das cidades, dos máttos e dos littoraes: — o povo estremece; avassalla-o um receio, o receio que o attentado não se faça lei, que a monstruosidade, a vio-

lencia, a extorsão não se objective; do mais fundo da sua alma palpita, anciosa, uma esperança — a esperança no milagre de uma inspiração feliz, providencial, que demova desse intuito oppressor o parlamento. Em reagir é que não pensa!

— Este estado moral, esta especie de timidez politica, não tem existencia entre esses povos, que aprenderam, como o inglez, por exemplo, a fiscalisar e corrigir os actos do poder. Alli, o povo, que organisa conscientemente o poder, sabe, de tradição e de instincto, até onde lhe vae a competencia e a autoridade; não o teme. Se o poder exorbita, não se demora o protesto: os cidadãos reagem espontanea e naturalmente, brava e galhardamente — pelos comicios, pelas urnas, pelas armas. Porque entre elles o governo não é omnipotente, privilegiado, infallivel, providencial: emerge da vontade popular, que lhe traça, pela lei e pela tradição, os limites da sua iniciativa e discreção.

— Ha nessa timidez politica dos meridionaes do centro uma visivel reminiscencia colonial, que muito logicamente a justifica. Com effeito, estas opimas regiões dos nossos planaltos centraes, são a zona do paiz em que mais energicamente se exerceu a machina possante do poder colonial. Regiões dos grandes redditos da Córôa, porque regiões opulentas das minas de ouro e dos campos de diamantes, aqui a organização administrativa teve sempre por isso mesmo, uma complexidade, uma extensão, uma profundeza e uma efficiencia, que não teve nunca nem nas regiões do norte, nem nas do extremo sul. Pense-se neste governo de puro cazarismo, que foi a administração do antigo districto diamantino, com os seus regimentos implacaveis, a sua vigilancia ubiqua, as ferocidades do seu codigo philippino, as sobrerondas continuas dos seus dragões, e a magestade imponente dos velhos capitães — generaes (4) — e ver-se-á que tudo aqui se preparou admiravelmente para incutir no animo da população a convicção da omnipotencia do poder do Estado.

(4) — Cfr. Felício dos Santos — Memoria sobre o Districto Diamantino.

E' este um dos traços differenciaes por excellencia do typo social formado nas nossas regiões centro-meridionaes.

Nessas regiões aridas e ardentes do norte, a irrigação administrativa e policial sempre se fez, ao contrario, de forma morosa e insufficiente, principalmente depois do deslocamento da sede do governo geral da Bahia para o Rio; e, deficiente e morosa na faixa costeira, faltou inteiramente nessas vastas regiões dos altos sertões — centro formador do typo sertanejo, onde a população vive ainda sem tradições regulares de autoridade, em estado de franca anarchia.

Nos pampas do Sul opera-se phenomeno contrario ao do sertão, a autoridade alli se firma vigorosamente; mas ha que contar com a acção differenciadora das guerras platinas, que enrijam, e retemperam a fibra combativa da população — o que permite aos gauchos postar-se diante do Estado numa attitude muito diversa dos centro-meridionaes.

Estes, pelas causas já apontadas, veem no Estado uma entidade omnipotente, como no tempo dos capitães-generaes; contra as suas resoluções sentem-se moralmente desarmados. Pêa-lhes o velho costume colonial de considerar o governo cousa estranha á sociedade e superior a ella, e, por isso, incontrastavel. Feridos pelos agentes do poder, formulam um protesto, ou murmuram uma queixa; mas, renunciam á lucta, e obedecem sempre, resignados, conformados, stoicos.

E' assim, que, resmungões, mas sempre submissos, se deixam explorar amplamente pela classe dos politicos profissionaes, que, seguros dessa obediencia fundamental, os talam, em plena impunidade, com impostos e tributos de toda ordem, municipaes, estaduaes, federaes — n'um desfagado pilha-pilha tributario, verdadeira razzia dos agentes do poder sobre o territorio privado da propriedade e do trabalho. — "Sucia de comedores!" bradam, indignados, mas inertes, atirando á face dos seus exploradores o vitriolo de uma apostrophe causticante. Mas, não vão além; a tradição da autoridade tem nelles a acção paralyzante do *curare*: immobilisa-lhes os musculos, mantendo-lhes lucida e perfeita intelligencia. Alaga-os um estranho receio, um temor surdo, recondito, instinctivo, do poder, da autoridade — do "governo", emfim.

Dahi, dessa lucidez moral contrastando com essa inercia physica, a tortura do ideal politico, o confuso e indefinido desejo de "Sahir disto", a esperança messianica de um periodo melhor. Dahi a vocação prophetica de um "Salvador" de um "homem" que venha, alfim, acudir o povo, e o regenerar, e o libertar dos seus eternos exploradores...

Este é que é, com effeito, o typo do "personagem reinante" entre essas populações, tão profundamente competradas de estatismo. No pampa, o typo do grande homeni regional, do heróe local, é o homem de acção marcial, o caudilho da fronteira, aureolado pelo resplendor das grandes campanhas: Osorio, Bento Gonçalves, Gumercindo, Appario. Nos altos sertões septentrionaes, o heróe é o homem de coragem pessoal, de intrepidez material, de bravura physica, á maneira de Antonio Silvino ou do tradicional Manoel do Riachão, de que falam os descantes do folk-lore sertanejo. Os homens do centro-sul não comprehendem, nem o heroismo do caudilho, nem o heroismo do bandido; o seu "heróe", a personalidade magnetica e imperante, que centralisa a surda e silenciosa admiração das massas, é o homem de idéas e convicções, o reformador politico, que já realisou, ou em quem elles presentem, por instincto, capacidades para realisar, — de posse do poder do Estado — um grande programma de regeneração e moralidade publicas.

VI

Uma outra causa subtil attenua tambem consideravelmente a capacidade desses meridionaes para o facto material das revoluções armadas. E' essa inaptidão para a acção em conjuncto, esse espirito de insolidariedade, que é tambem um dos traços mais distinctivos da psychologia do homem do sul.

O grito de protesto de qualquer temperamento mais ardego e vibrante, mais audaz e impetuoso, não encontra echo no meio social dos mattos. O caudilho theatral e cavalheiresco, o homem dos grandes golpes e das grandes temeridades. do typo "libertador", á maneira gaúcha, debalde se agitará na sociedade matuta á procura de um sequito de



caudatarios: o espirito encolhido e timorato, incapaz de solidariedade, do homem da matta, deixal-o-á só, ridiculamente a bracejar no silencio e no vacuo.

Nas regiões septentrionaes das "caatingas", onde se funda e medalha o bronze do typo sertanejo, a massa rural é mais susceptivel de enthusiasmos e mais capaz de solidariedade no campo da lucta material. Ha alli com effeito ainda hoje, caudilhos possantes, capazes de mobilisar rapidamente em horda truculenta, alguns milhares de caboclos, e arremessal-os, intrepidamente, sem vascillações nem temores, em massa cega e compacta, contra as bayonetas do poder. E' conhecida a classica ameaça das opposições nor-tistas contra as olygarchias dominantes: a ameaça de "agitar os sertões". Porque, opposições e governos, todos sentem o temeroso dessa enorme reserva de instinctos aggressivos, que se occulta, minaz, no fundo dos carrascaes calcinados e bravios.

No sul, em Minas, no Rio de Janeiro, em São Paulo, uma ameaça destas sôaria como disparate e teria para acolhela a hilaridade geral. Ninguem aqui pensaria nunca em "agitar as mattas", ou "agitar os planaltos" contra o poder constituido; o que faria era fundar um jornal para "agitar a opinião".

VII

Esta ausencia systematica do povo rural é um outro traço typico das revoluções do centro-sul. Excepto no movimento da independencia, em que o interior matuto se faz evidentemente a base de apoio do Principe, de todos os outros movimentos revolucionarios, que aqui se operam ha quasi um seculo, o povo rural, a alta classe, como o pequeno povo, está sempre ausente; delles não participa, nem os comprehende. Essas idealisações afogueadas, essas sagradas indignações da minoria letrada não o abalam, e diante dellas mantem-se indifferente e impassivel. Paga para ficar quieto no seu recanto, operoso nas suas lavouras, feliz nas suas estancias e fazendas. Nisto differe da gente dos pampas e da gente dos sertões, donde não raro tem sahido serias insurreições populares.

No norte, ha sempre, nos fôcos classicos do Ceará e Pernambuco, uma visivel correspondencia, em todas os rebelliões alli irrompidas, entre as cidades da costa e as populações do alto sertão. E' sempre em região sertaneja — os Cariryys, por exemplo — o centro inicial do cyclone: dalli é que elle parte, movendo-se em marcha acelerada sobre os littoraes (5). No extremo sul, o pampeiro revolucionario se forma e produz os seus estragos sempre em zonas ruraes, inteiramente fóra do recinto da cidades. Todas as revoluções gauchas affectam um character essencialmente anti-urbano — justamente o contrario do que acontece nas regiões centro-meridionaes.

Nestas, esses complexos e extensos movimentos insurreccionaes não se operam nunca em zonas ruraes, excepto na revolução de 42 (que, aliás, é uma prova da pouca capacidade do matuto para organizar revoluções armadas).

Desta ausencia do povo rural resulta que só as cidades se fazem aqui centros exclusivos de movimentos de rebelião. Em regra, esses movimentos têm uma origem e um character militares; rebentam de subito, colhendo de surpresa os orgams do poder. Quando, porém, revestem um aspecto popular, quem realmente intervem, como elemento dinamico, para lhes dar esse aspecto, é a ralé, a populaça, e não o povo, nas suas expressões mais representativas da burguezia e do proletariado. Quer nos motins regenciaes; quer nos motins do segundo imperio; quer nos da republica como o formado contra a vaccinação obrigatoria, todas essas reacções populares affectam um character ochlocratico de arruaças e correrias. Sobre nenhuma dellas vê-se sobreparar a autoridade de chefes ostensivos, que representem elementos de prestigio do escól. Os verdadeiros *leaders* desses movimentos, os seus instigadores moraes, não apparecem nunca, ficam na sombra, e deixam a ralé desenfreiar-se li-

(5) — Considerando apenas o periodo republicano na sua phase mais recente. Lembrem-se as hordas de Floro Bartholomeu e do Padre Cicero, descendo até Fortaleza, e assedlando-a. E os jagunços de Curralinho, muito antes, ameaçando com egual descida a capital bahiana. E ainda a esplendida marcha dos 2.000 sertanejos da "legião libertadora", precipitando-se sobre Therezina, na ultima revolução do Piauhly, e forçando á renuncia o presidente.



vrememente na sua furia subversiva contra a legalidade e o poder.

E' cousa differente o que se passa nas bellas revoluções do extremo sul — as unicas que realmente merecem em nossa historia este nome. Não existe alli populaça — como observa Saint-Hilaire; o povo não surge nunca sosinho no campo da lucta; sempre apparece sob a chefia directa de *leaders* de prestigio: grandes chefes politicos, como em 92, ou velhas e bravas espadas das campanhas platinas, como em 35. Nos movimentos urbanos do centro-sul, o povo, laborioso e pacifico, dá-lhes, ás vezes, o seu apoio moral; mas, assiste, retrahido e esquivo, o desdobrar dos acontecimentos.

Sente-se que o pequeno escól militante, ao formular pela palavra ou pelas armas o seu protesto, não se faz interprete da indignação diffusa ou latente do povo, o seu expoente, o seu reflexo, a sua exteriorisação apreciavel; reflecte tão sómente as suas proprias emoções. Dahi o campo restricto da repercussão dos seus protestos. Estes não empolgam a massa do povo, e restringem-se a um circulo pequenissimo de sympathias. Não ha entre o escól e o povo essa especie de contagação moral electrizante, commum e normal naquellas sociedades, em que os escóes dirigentes e as maiorias dirigidas afinam o seu civismo pelo mesmo diapásão emotivo. A vibração dos cimos não se diffunde nos valles; e o protesto da maioria vibra sem echo, com a repercussão brevissima de uma onda sonora abalando ares rarefeitos.

Em synthese, o que distingue as revoluções civis nas zonas meridionaes é, de um lado, o seu character puramente doutrinario, a sua origem exotica, extra-nacional; de outro, a ausencia do povo. O povo, nos seus elementos realmente representativos, não participa dessas revoluções: *primo*, é diminuta a sua capacidade combativa; *secundo*, porque não lhes sente bem as razões e os fins; *tertio*, porque o seu manifesto estatismo o faz crente da omnipotencia do Estado. De modo que a minoria intellectual, que aqui é quem protesta e organisa a reacção, não podendo appellar para o



grosso da população, é obrigada a appellar para a ralé recorrendo á populaça dos motins. Ou então, á força armada: dahi o seu appello costumeiro aos quarteis.

Em regra, porém, esses recursos á violencia material, á reacção pelas armas, não é procurado. O homem do meio-dia, dentro da logica do seu temperamento, prefere os meios intellectuaes de reacção. Transmudando a sua combatividade num fogo de intelligiancia, busca nas agitações da pena e da palavra, ao contrario do sertanejo e do gaúcho, o desafogo contra a oppressão. Eis a razão do character habitualmente platonico das agitações liberaes ao sul, do seu tom sempre oratorio e doutrinario.

— Este contentar-se, nas suas reacções politicas, apenas com as expansões da rethorica e do verbalismo, esta preferencia pelas luctas da intelligencia, este desamor pelas brutalidades da lucta material: — taes, em summa as qualidades mestras do temperamento politico do homem meridional.

— Estas qualidades exercem, em nossa historia, uma função verdadeiramente providencial. São ellas, na verdade, que nos permitem realisemos, sem abalos violentos, sem luctas fraticidas, no meio da tranquillidade e da paz, a obra urgente da organização da nossa ordem legal e da fundação do nosso poder civil. Tarefa cyclopica, que os nossos irmãos latino-americanos só realisam atravez difficuldades infinitas, no meio das mais sangrentas e prolongadas commoções civis, entre o estrepito e o clarão das batalhas, e os horrores da anarchia e da guerra.

VIII

Realmente. — O estudo comparativo dessas novas sociedades com as velhas sociedades europeas, na sua historia, na sua estructura, nos factores que realisam a sua formação, mostra com evidencia quanto profunda é a differença organica entre esse typo social, que se forma no ecumeno americano, e o velho typo social, formado nos ecumenos de origem. Um e outro assentam-se sobre bases diver-



siíssimas, revelam cada qual uma organização específica, com uma economia absolutamente pessoal e uma psychologia, que reflecte em todas as suas manifestações o cunho dessas singularidades naturaes. Os problemas economicos, sociaes e politicos dessas novas sociedades exigem, por isso mesmo, nas formas do seu equacionamento, a ponderação de dados absolutamente novos, de que nem de longe os pensadores e estadistas occidentaes podiam, ou podem, suppor a existencia.

Entretanto, essas jovens nacionalidades costumam resolver os graves problemas, que interessam a sua propria organização, adoptando as soluções que lhes dão os velhos povos e as velhas civilizações do occidente. Erro funesto, erro colossal, que deriva da singular recalcitrancia dos seus escóes dirigentes em não quererem reconhecer a ordem de cousas inteiramente novas, que se crea com a trasladação da civilização europea para esses centros originalissimos de transmutação social, que são os novos continentes descobertos.

Dessa illusão e desse erro é expressivo exemplo a maneira por que esses escóes resolvem, na phase critica da emancipação colonial, os dous problemas centraes da organização do Estado: o problema da liberdade e o problema da autoridade.

No mundo europeo, o grande problema da organização da autoridade, que é para as nacionalidades americanas o problema supremo, antecede todos os outros, e é allí resolvido mais pela fatalidade das forças sociaes e historicas, em conjugação com os agentes ethnicos e geographicos, do que propriamente pela força racional do pensamento e da palavra. Esta se reserva para a solução do outro problema, posterior na ordem chronologica ao primeiro, mas mais seductor ao espirito das maiorias populares: o problema da organização da liberdade. Problema de origem philosophica, é somente depois de uma secular preparação dessas sociedades sob regimens da força e da autoridade, que surge e aflóra no seio dellas para ser estudado e resolvido. Trata-se de pôr limites effectivos a esta força organisadora, que se fizera tyrannica, e pôr ao alcance do povo esta autoridade,

que se fizera exclusivista e aristocratica. Dahi essa serie de instituições e franquias, que amparam os cidadãos contra os abusos do poder. Dahi as garantias do povo contra a usurpação aristocratica. Dahi as regalias do regimen parlamentar. Dahi o regimen representativo. Dahi o suffragio popular. Dahi a autonomia dos grupos locais, e o principio do *self-government*.

Estas aspirações pela liberdade e estes preconceitos contra a autoridade attingem no velho mundo o seu climax febril, na epoca justa em que as novas sociedades americanas, emancipadas do poder colonial, emprehendem a tarefa da sua propria organização politica.

Ora, reflectindo, de uma maneira automatica, estas idéas, que dominam por inteiro o pensamento europeu, os escóes americanos fazem do problema da organização da liberdade a questão primeira e basilar das suas edificações constitucionaes; e das aspirações europeas as suas aspirações; e dos odios europeus os seus proprios odios. Temem, como os europeus, a "autoridade" que procuram enfraquecer e embaraçar; quando tudo, nestas sociedades anarchisadas exige que a fortaleçam, e a enrigem, e a desembaracem. Temem "o poder central"; quando, nestas novas sociedades, este poder nunca foi oppressor e sempre, ao contrario, se fez força defensiva e protectora dos cidadãos contra as violencias e as usurpações da caudilhagem provincial. Temem as "organizações aristocraticas"; quando, nestas sociedades, falhas de educação democratica, estas organizações seriam uma força preciosa de cohesão, coordenação e governo. Temem a "preponderancia do poder nacional" e querem a "soberania local"; quando tudo mostra que, nestas sociedades, ainda dispersivas, fragmentarias, desunidas, a questão principal da sua politica nacional é uma questão de integração, de unificação e de synthese!

Contra os inconvenientes deste liberalismo excessivo as velhas nações européas tem, porém o correctivo dessas altas virtudes que lhes incute o longo periodo guerreiro porque passaram, e que lhes consolida, com o senso profundo da legalidade e da autoridade o sentimento superior e domi-



nante da unidade politica. De modo que essa hegemonia que dão ao principio da liberdade, não os perturba na ordem da sua vida interior, nem os desarticula na sua integridade nacional.

Despidas dessas vigorosas tradições moraes, as novas nacionalidades americanas não podiam offerecer igual resistencia a essas forças da dissolução e da desordem. Para ellas a adopção systematica e cega das instituições do liberalismo europeu importaria, como importou, seguramente, no sacrificio inevitavel desses dons principaes viciaes: o da autoridade, pela *anarchia interna*; o da unidade nacional, pelo *separatismo*.

Separatismo e anarchia: de um e de outra escapamos nós. Porque?

IX

Pela ausencia, na historia da nossa formação nacional, os agentes efficazes de integração social e de integração politica, o problema principal da nossa organização, no momento da independencia, é o mesmo das outras nacionalidades latino-americanas: de um lado — um problema de autoridade e disciplina; de outro — um problema de concentração e unidade. Dar consistencia, unidade, consciencia commum a uma vasta massa social, ainda em estado ganglionar, subdividida em quasi duas dezenas de nucleos provinciaes, inteiramente isoladas entre si material e moralmente — eis o primeiro objectivo. Realisar pela acção racional do Estado o milagre de dar a essa nacionalidade em formação uma subconsciencia juridica, criando-lhe a medulla da legalidade, os instinctos visceraes da obediencia (á autoridade e á lei, aquillo, emfim, que Ihering chama o “poder moral da idea do Estado”, (6) eis o segundo objectivo.

(6) — “Entendo por poder moral da idea do Estado todos os motivos psychologicos que militam em favor do Estado quando a lucta se estabelece entre elle e o povo: — a comprehensão da necessidade de manter a ordem social; consciencia do direito e da lei; o temor do perigo para as pessoas e para a propriedade que toda a perturbação da ordem inspira; o temor das penas.” (Ihering — *Evolução do Direito*, pg. 220; 174 ss.)

Problema, como se vê, de estruturação e ossificação de nacionalidade. Problema, pois, de condensação, de concentração, de unificação, — de synthese. Problema portanto, cuja solução somente seria possível pela acção consciente da força organizada. Quer dizer, pela instituição de um Estado centralizado, com um governo nacional poderoso, dominador, unitario, incontrastavel, provido de capacidades bastantes para realisar, na sua plenitude, seus dous grandes objectivos capitaes — a fundação da nacionalidade e a organização da sua ordem legal.

Esta solução racional, objectiva, organica, essencialmente americana — porque nella se reflectem todas as nossas necessidades nacionaes; esta solução pratica e concreta da nossa organização politica exige, porém, para a sua effectuação, temperas feitas para as grandes abnegações do patriotismo, isto é, capazes dessa coragem infinita: a de contravir ostensivamente a essas ideas de liberdade, que clareiam com a sua alvorada o horisonte da politica europea e que aqui são como que o proprio oxygenio da atmospherica mental, que todos soffregamente respiramos.

Dessa coragem infinita, dessa infinita abnegação só são capazes entre nós alguns temperamentos de eleição, calmos, frios, calculistas, nutridos de objectividade e feitos de sensatez, prudencia e equilibrio. Formam uma minoria diminutissima — uma minoria de refractarios, altiva, orgulhosa, desassombrada, com a energia moral sufficiente para se conservar sobria no meio da embriaguez geral.

Entre esses reaccionarios audazes estão as maiores figuras da nossa historia. Chamam-se Olinda, Feijó — o maior de todos — Bernardo de Vasconcellos, Evaristo, Paraná, Itaborahy, Eusebio, Uruguay, Caxias — a nossa maior espada. Rotulam-se sob o nome de conservadores extremados, conservadores moderados, progresistas e mesmo liberaes moderados. Todos sentem uniformemente, como Vasconcellos depois da sua heroica apostasia, o perigo que para a nossa joven nacionalidade ha na adopção incondicional e immediata desses grandes institutos liberaes, que formam o substractum do direito publico europeu, sendo, no fundo, tambem liberaes, porque homens do seu tempo, o que os

distingue dos verdadeiros e puros liberaes é que nelles o entusiasmo pela liberdade e pela democracia não chega a turvar nunca a clara consciencia, que teem, das nossas realidades e dos nossos destinos americanos. Tentam por isso, dar, e dão effectivamente, ao problema politico uma solução conciliatoria; organisam um governo monarchico, constitucional, unitario e parlamentar, com o principio semi-aristocratico da vitaliciedade do Senado e do Conselho do Estado. Porque comprehendem, com a mais lucida percepção das realidades, a differença profunda entre os fins do Estado nas novas nacionalidades americanas e os fins do Estado nessas velhas nações européas, já organisados e integrados sob a acção prolongada de um regimen multiseccular de autoridade religiosa, de autoridade aristocratica, de autoridade absolutista, de autoridade nacional.

Em torno delles e da sua serenidade, digna dos varões fortes das Escripturas, ruge, em unanimidade revolta, a opinião liberal do paiz. Esta, de accôrdo com os estadistas inglezes, teme o poder real e quer o parlamentarismo; de accôrdo com os convencionaes francezes, teme a aristocracia e quer a democracia e o liberalismo egualitario; de accôrdo com os publicistas americanos, pleiteia pela descentralisação e pela federação, isto é, pelo triumpho dos particularismos provinciaes. Contra esse pugilo de audazes, que intrepidamente a contem, a refreia, a contrabate, ella move e desencadeia rajadas de apostrophes, de apodos, de epigrammas, de anathemas fulminadores. São pampeiros vertiginosos, que sobem do sul. São tufões electrizados, que descem do norte, ardentes como o rescaldo das soalheiras. Revibram, clareiam, ozonizam a nossa atmosphera politica — porque carregam nas suas ondas, cheias de violencia e de brilho, as energias mais essenciaes e characteristics da intellectualidade da raça: e valem apenas por isto.

Estes pampeiros, estes tufões, estas rajadas, em cujo seio deflagram, como relampagos, as coleras do liberalismo, não atemorizam porém, nem abalam, na sua convicção da verdade, estes varões sobranceiros e fortes, que tomam aqui a missão heroica de dar, pela força rectificadora e organisadora, da autoridade, a essa nacionalidade amorpha

incohesa e dispersa: consistencia, massa, fibra, nervo, osafura, character. No meio dessas procellas de invectivas e apodos, estão calmos. No meio desse coriscar de epigrammas, e sarcasmos, estão tranquillos. No meio dessa fulminação de anathemas, estão seguros. De quando em quando, deixam cahir, implacaveis, com a espada e a estrategia de Caxias, sobre o tumulto liberal e os seus agentes, ao norte e ao sul, o peso disciplinar da mão de ferro da legalidade. Feito o que, proseguem, impassiveis, a grande obra constructora.

X

E' aqui que se começa a comprehender a função providencial dessas populações centro-meridionaes, o valor inestimavel das suas virtudes pacificas e ordeiras, dos seus instinctos de brandura e moderação, do seu horror de sangue e lucta. Estas populações são a força ponderadora da nossa vida politica. Estas populações concorrem com a maior porção na formação do escól dirigente. Estas populações exercem uma ascendencia immensa sobre os grupos de população, que lhes ficam ao sul e ao norte. No meio dellas está a cabeça do poder, o centro do governo nacional, a séde da realza e do parlamento. Nessa lucta entre as aspirações liberaes e o principio da autoridade, tivessem o liberalismo e a democracia, aqui, para auxilial-os como tiveram no norte e no extremo-sul, a lança do guerrilheiro ou o canção do jagunço, e a grande obra de organização nacional estaria contraminada e destruida.

São conhecidos os factores que determinam a fixação do governo nacional neste ponto do littoral do sul. Outra fôra a componencia dellês, e o centro do poder nacional se teria conservado no norte, ou deslocado mais para o sul e fixado no pampa, ou dentro da area da sua influencia regional. Fixada, porém, a séde do governo geral ao norte ou no extremo sul, este facto teria inquestionavelmente exercido uma acção consideravel sobre a nossa ulterior evolução politica. Considerando a capacidade combativa dos nossos bravos campeadores do sul, em cuja formação social e politica não são estranhos os tumultos da anarchia platina, e,

por outro lado, levando em conta a inexauribilidade desse fecundo viveiro de combatentes temíveis, que são os nossos sertões do noroeste, onde vivem, segundo Euclides da Cunha, os homens mais bravos e mais inúteis da terra; claro é que, vingada uma dessas duas hypotheses extremas, os politicos da escola conservadora não teriam tido para o seu grande programma organisador as facilidades de execução, que tiveram, nem nós nos havíamos beneficiado com a evolução, com que nos beneficiámos: sabia, commedida, equilibrada, conservadora, autoritaria, centralista, reflectindo toda ella a psychologia dos *leaders* do centro-sul. Teríamos tido, de certo, os excessos do liberalismo republicano, ou os delirios do theorismo democratico, o que equivaleria para a nacionalidade a anarchia, a desintegração e a morte.

Dessa catastrophie tremenda nos salva o espirito conservador, a tempera moderada e cáuta, a brandura de sentimentos das nossas populações meridionaes. Graças á morigeração e á mansuetude dos mineiros, dos fluminenses, dos paulistas, os Feijós, os Vasconcellos, os Itaborahys, os Paranás, os Eusebios, os Uruguays, encontram em derredór de si campo perfeitamente livre para o pleno desdobramento da sua acção legalisadora e centralista.

Pela ascendencia moral que essas populações possuem sobre toda a nação, o exemplo, que porventura dessem, de desobediencia, de rebellião, de contumacia na reacção contra essas medidas salutaes de centralisação e legalidade, teria sido infinitamente mais perigoso do que o dos grupos do norte e o do extremo-sul. Dada a sua especial situação de contiguidade com a séde do governo, elles se teriam constituido, com esta attitudo insurreccional, numa gravissima e permanente ameaça á estabilidade e á segurança do poder central. Mais do que isto: teriam naturalmente desencadeado, pela força contagiosa da imitação, a torrente, da revolução sobre todo o paiz. Mas, o exemplo da sua obediencia e do seu acatamento á politica desses grandes organisadores nacionaes, isola e neutralisa, ao contrario, nos seus fócios regionaes de irrupção, a rebeldia do norte e a rebeldia do sul; e, quando não as isola e neutralisa, as reduz, em muito, no seu poder de contagio e expansão.

Este conjuncto de causas favoraveis á acção constructora falha inteiramente entre as nacionalidades hispano-americanas — e é este um dos traços mais distinctivos entre ellas e nós. Os Sarmientos, os Rivadavias, os Portales, os Gurmans Blancos, ao contrario de nós, encontram diante de si apenas populações, em quem os instinctos da turbulencia e da lucta estão em permanente vibração. E' ingente, por isso, o esforço que dispendem para organizar entre ellas a construcção da ordem civil e fundar sobre bases estaveis o principio da autoridade.

Para os que, como nós, nunca conheceram os horrores da anarchia americana não é facil imaginar o titanismo dessa lucta formidavel entre esses possantes constructores de nações e o poder dos grandes caudilhos (7). Medite-se, porém, um momento, na animalidade desses prelios immensos; na perda incontavel de vidas e riquezas, que elles representam; nas suas devastações, nas suas assolações, nas suas mashorcas, na caudal de sangue, que dellas borbota e escorre — e ver-se-á então o beneficio precioso e inestimavel, que é para nós essa repugnancia natural á violencia, á carniceria e ao saque das nossas populações meridionaes. Mais do que ás circumstancias historicas e politicas, que cercam o berço da nossa independencia, e nos envolvem a existencia durante a nossa adolescencia sob o imperio, é a essas virtudes pacificas, a essa tempera doce e cordata, a esse espirito cauteloso e prudente, a esse innato desamor ás brutalidades da lucta armada, que devemos o termos podido ser, aos olhos das velhas dynastias e das grandes democracias europeas, o exemplo radioso e solitario da ordem, da estabilidade e da paz nesta parte do mundo, tão frequentemente sacudida pelo abalo das revoluções.

F. J. OLIVEIRA VIANNA.

(7) — V. Garcia Calderon — *Les democracies latines de l'Amérique*. E tambem a obra admiravel de Domingos Sarmiento — *Civilisation y barbarie*.

NOTAS DO TEMPO

Esta guerra fez mal ás intelligencias, assentadas na paz. O mundo entrou todo na acção, que é do reino da sensibilidade. A luz precaria do pensamento dança envolta e quasi apagada na onda do sentimento. Aos que não têm funcção no conflicto resta evitar que a luz se apague, e procurar entender os movimentos obscuros da humanidade. E é ainda um modo de cada um se buscar a si mesmo, na confusão dos valores acceitos.

Vim a compor estas notas, ao longo da calamidade grande e triste. Dellas recolho algumas, ao acaso. E' claro que a ultima já não vem do mesmo espirito que a primeira. Nem se sabe quando acabarão as mudanças. Uma cousa cuidoo que nos fica, e o beneficio della é bastante: a segurança de que a livre civilisação latina já não corre risco de ser escravizada por um caporalismo anachronico.

1914-1917

Nós podemos viver muitas vezes em estado de sitio, e nem saber porque, mas amamos a liberdade. Amamol-a até melhor, como um bem afastado, tanto mais precioso quanto mais remoto. Por isso a tentativa de prussianisação da Europa revoltou-nos a opinião. Não tendo ainda comsigo o thezouro excellento, ella o quer respeitado e inteiro em mão alheia, para que se não perca do mundo a imagem do seu desejo. E isto é um bom signal.



Os povos sul americanos temeram tambem por sua segurança. Ao arbitrio vigente nestes climas, periodico e desigual, muita vez excessivo, mas outras muitas divertido e pueril, e sempre entrecortado de liberdades infinitas, viriam talvez substituir-lhe uma constante e minuciosa tyrania, com aquelle supremo vicio da violencia tudisca: a gravidade pedagogica.

Houve, é certo, os que ingenuamente clamaram pela ordem teutonica, forte e irrespiravel, armadura solida mas tão pezada que suffoca o homem livre, ao mesmo passo que o protege. Esses não viam o preço da defesa.

Rivarol já ensinou que a disciplina deve pesar como um escudo, não como um jugo.

Caso extranho e raro: a opinião brasileira, que tanto depende da imprensa, desta vez se affirmou sem ella, e quasi contra ella.

A invasão da Belgica produziu uma revolta de consciencia universal. Mas foi menos uma questão de factos que de pessoas. O nosso espirito não detesta a ideia de submeter, mesmo sem consulta, regulos africanos ou ilhas das Indias Occidentaes, a uma tutela que, ao preço inevitavel da autonomia politica, lhes traga uma somma de beneficios que elles seriam ainda incapazes de obter por si. E' util e necessario impôr ás crianças a autoridade paterna ou magistral. Mas é inconcebivel querer extendel-a a homens maduros.

A Belgica tinha chegado a combinar cultura e civilização em grau que o Imperio allemão nunca vira. Tinha, como elle, ordem e prósperidade material. E, mais que elle, a liberdade individual. E Maeterlinck, Verhaeren, Constantin Meunier...

Brutalisar, destruir este modelo de nação policiada e livre é, mais que um crime, uma estupidez.



A unica superioridade da Allemanha sobre a Belgica, a do numero, é precaria. Os imponderaveis deviam arrastar consigo o numero tambem, forças extremamente ponderaveis e duras, como estamos vendo.

Esta guerra, que o eaporalismo prussiano preparou longamente, com o auxilio de um povo hypnotizado, vai-lhe revelando um defeito supremo, maior talvez que a ferocidade e a fraude, — a inintelligencia.

Falta de intelligencia, a falta de gosto, eis as duas fontes profundas de todos os crimes.

Recomeça a disputa de saber se o direito prefere á força. Mas o direito é a força, em modalidade de equilibrio social. E' a força contida pela força, é o fraco apoiando-se, contra o forte, a um terceiro mais forte. Na vida civil é o Estado, tambem o poder do habito, o qual acaba por dominar as sensibilidades, e se nomeia Moral. Na vida internacional, além das alliações, ha ainda as convenções, pouco solidas, mas solidas ao cabo, pois já tinham creado para as nações verdadeiros habitos de seusibilidade. Um tratado bem feito não é cousa commoda de evitar, e os mais finos diplomatas têm de applicar uisso o seu melhor sentido. O proprio Bethmann-Holweg entregou-se laboriosamente a estes exercicios, nos quaes, não sendo subtil, se atolou pesadamente.

Tudo prova que existe no mundo occidental um estado de espirito já inimigo de fraudes cruas e de violencias.

Para reduzir um tal espirito, a Allemanha calculou mal a força do adversario, que póde ir ao infinito.

Força, na ordem biologica, é o que domina. E' o toureiro vencendo o touro, o avião destruindo o Zeppelin, as

combinações da intelligencia governando a massa.

A Allemanha confundio a força com o pezo.

Dous elementos de calculo não fallharam aos Alle-
mães: o poder da mentira e a timidez dos neutros.

Entre os neutros não faltam partidarios ingenuos do
grupo allemão. A força apparatusa impressiona sempre
aos timidos.

E ha o gosto das phrases. Aquella nomenclatura con-
fusa e pomposa, inseparavel de tudo quanto é genuina-
mente germanico, leva um profundo assombro aos espiri-
tos simples, que vivem de discursos sonoros, e gostam de
complicar. E' um encontro de mentalidades primitivas.

E neste encontro entra tambem a alliança, bem tu-
desea, do sentimentalismo e da ferocidade.

Ha os que sympathisam indistinctamente com qual-
quer malfeitor, e que os matadores de mulheres acham
sempre dispostos á piedade.

E ha os que não querem ir com a maioria. Mas esses
devem de andar muito pobres de originalidade para se
verem reduzidos a buscal-a numa tal associação.

Foi dito que esta guerra é a fallencia do pacifismo.
Ella é a fallencia de muitas outras cousas, e, entre ellas,
do militarismo. A Allemanha, com um grande imperio
colonial, um lugar privilegiado na industria e navegação,
ia ter certamente o predominio no commercio, ajudada
nisso até dos seus defeitos, da sua compleição obediente
e accomodatícia, que praz ao freguez. Está em artigos
de perder tudo, graças ao seu militarismo.

Fallencia do militarismo, e talvez consagração da de-
fensiva, o que fará reflectir no futuro as nações amigas
de invadir. A França, mal preparada, resistio victoriosa-

mente ao assalto organizado durante longos annos. E os allemães rechassados, ha dois annos se defendem quasi na mesma linha.

E' que esta não é uma guerra de exercitos, á maneira classica, com um resultado convencional, porque acceito sem exgotamento effectivo de qualquer dos lados. E' uma guerra de nações, e a defensiva de um povo que não quer morrer é infinita. O tempo das nações é longo.

Depois, estamos no reinado das machinas, cujos movimentos não são os dos homens.

O melhor mestre do famoso Estado Maior Allemão pregava a offensiva estrategica e a defensiva tactica, a manobra para a occupação dos pontos favoraveis, e fazer se atacar ali pelo inimigo. Foi Joffre quem o realizou. O homem de genio derrotou os pedantes.

Nesta campanha de surpresas, as previsões militares que se cumpriram, é com impressionadora exactidão, foram as de philosophos e artistas: Jean de Bloch, Wells, Conan Doyle.

Don Quichote, por ter lido demais, perdeu a noção da realidade, e acabou mal. Não foi qualquer cousa assim que succedeu aos pesados doutores de Potsdam?

Aquella admiravel Elizabeth de Baviera lembrava finalmente a differença entre a cultura e a civilisação, que é o progresso material e exterior.

Ella conhecia bem o seu povo, que possui a civilisação, e ainda não sabe o que é a cultura, de que tanto fala.

A mentalidade alleman, certamente solida, é, não menos certamente, primitiva e tarda em relação ás outras.



Basta notar-lhe a puerilidade elementar da lingua, a um tempo *analytica* e confusa.

Para exprimir a ideia de grandeza, o Italiano, o Hespanhol e o Portuguez, dizem "grande", o Francez e o Inglez "grand", palavras diferenciadas. O Allemão ainda diz a tudo "gross".

Não é mais que pronunciar estes adjectivos, e temos uma lição de *psychologia*.

O alcool é o homem. O Italiano embriaga-se de vinho, pueril e divino, o Francez de absintho, com sua loucura subtil. O Inglez tem o aspero whisky, o Allemão a cerveja pesada.

Quando a Allemanha impoz ao mundo o regimen de paz armada, que já é ao cabo um estado de guerra, não observou que um exercito de 50 mil homens vale tanto como o de 1 milhão, desde que as forças do adversario cresçam proporcionalmente e mantenham a relação.

Os povos allemães, hypnotisados pelo seu militarismo, entregaram-lhe tudo quanto tinham de qualidades fortes e uteis, renunciando á liberdade, de que, sem a terem conhecido inteiramente, já andavam muito mais visinhos quando o individualismo vivia entre elles. E a producção intellectual soffreu logo desse regimen, irrespiravel ao espirito.

Dos quatro grandes allemães da segunda metade do seculo XIX, Heine, Schopenhauer e Nietzsche odiavam abertamente a Allemanha; e Wagner só poudo viver na Baviera num mundo inteiramente artificial.

E' curioso, e, para os amigos da cultura, consolador, vêr que são os povos mais requintados e policiados os que



mais fortemente conduzem esta manifestação primitiva de energia que é a guerra.

E o heroísmo destes combatentes é tanto mais notavel quanto não se nutre de illusões. E' o heroísmo total, absoluto. A patria estará salva, mas triste.

Esta guerra curará talvez os homens da illusão guerreira, e por isso é util.

A batalha ha muito que não era mais o espectaculo romantico, luminoso e global, visto do ceu. Fabrizio del Dongo foi o primeiro que notou a realidade, porque Stendhal escreveu o que vio.

Mas hoje nem é já aquelle canto de campo onde um grupo de cavalleiros passa, agita-se, espalha-se, deixando alguns mortos. E' uma armadilha da morte, que o homem espera passivamente durante mezes, mordido de frio e de horror; e quasi sempre espera em vão. E' um tédio pauroso.

Diminuiu-se a morte, tanto pela multiplicação como pela maneira. Foi-se o golpe cavalleiresco trocado com o adversario á luz do sol. Hoje é um accidente de bombardeio, mechanico, anonymo e banal como um encontro de trens.

Os que sabem tudo isso e marcham, homens de paz desabusados e scepticos, desprendidos da eternidade, esses o uso da morte os tornou sobre-humanos.

O homem teme o desconhecido, não o perigo. O perigo quotidiano é uma féra domesticada. Tantos correm a cada hora grandes riscos, de que não dão fé por costume. A vida está sempre ao pé da morte.

O desconhecido é o reino sombrio da imaginação, que é absoluto. Na realidade o homem reage.



Mas até entender e analysar a tremenda catastrophe desta guerra, que immenso prodigio de coragem, o que revelou subitamente o nosso tempo!

Eu penso que não existem palavras dignas d'estes homens. Só uma admiração calada e grande.

Pois houve quem lhes tentasse chicanar a gloria incomparavel, transferindo para Jeanne d'Arc, para milagres e aparições, este milagre de energia humana.

O espirite de sachristia tem tristes achados.

Mas nem todas as gentes da egreja andam nesse espirito: A universalidade do catholicismo está tambem em que nelle cabem modos varios, e até oppostos. Um dos curas de Cherbourg é a um tempo piedoso e precavidô. Tratando do modo por que a Allemanha preparou a invasão por mar ás costas da França, e de como a esquadra ingleza a impedio de chegar lá, escreve:

“Assim parece justo dizer que a nossa região foi poupada graças á protecção divina sem duvida, mas tambem á intervenção da Inglaterra.”

O bom cura me faz pensar naquelles santos marciaes do Velho Testamento, os quaes sabiam que o ceu preza as grandes esquadras, não menos que os grandes batalhões.

Os navalistas inglezes, sustentando que a esquadra bastava para a defesa do reino, não andavam talvez muito longe da verdade. Em setembro de 1914 a Allemanha teve uma occasião unica de invadir a Inglaterra. O pequeno exercito inglez estava todo em França. Um exercito entrando em Londres levava a victoria certa e prompta sobre o mundo. A Allemanha terá pensado nisso, e com que desejo! Mas nem o tentou.

Contam que o velho Moltke, homem de formação anterior ao delirio imperial, e assentado na realidade, declarava saber muitos modos de levar um exercito á Inglaterra, mas nenhum de o retirar de lá depois.



Esta esquadra ingleza nos está mantendo, a nós ribeirinhos do Atlantico, livres e commodos. Sem ella, a Allemanha passava-se para estes mares, e incorriamos todos na sorte da Belgica.

O interesse da Inglaterra no conflicto (todas as obras humanas estão ligadas a um interesse, material, sentimental ou esthetico) é a manutenção do equilibrio existente no mundo, equilibrio que o genio da sua raça ensinou, um maximo de liberdade na ordem. E' o interesse do grão-senhor elegante e moderado, contente do seu lugar. E' ao cabo o interesse de todos.

A Allemanha é o "nouveau-riche," tanto ou mais rico, porém deslumbrado da sua propria fortuna, e insatisfeito, querendo comprar titulos, como Isidore Lechat. Mas ha cousas que não se compram.

E, visto que ha de haver sempre hegemonia, é melhor termos a dos homens de gosto e a das nações discretas.

A Italia ainda não entrou propriamente na guerra. Mandou-lhe o seu exercito, mas a nação ainda continua como nos tempos em que a guerra era simplesmente um negocio de soldados, limitado ás zonas de operação. Ella terá que chegar oude chegaram a França e a Inglaterra, ao trabalho immenso, doloroso e grave, em que todos trabalham obscuramente.

Naquella terra luminosa os gestos são bellos. D'Annunzio venceu Giolitti, e que soberbo e symbolico espectáculo! Longe dos negocios e das intrigas politicas, vestidos de branco sobre as montanhas de neve pura, os soldados matam e morrem por um sonho, tendo a guial-os um grande poeta voando em pleno ceu.

Ah, *pianta latina!*

O acontecimento é tão grande que ainda não achou o seu chronista.

A literatura da guerra está trabalhando o detalhe. A dos escriptores academicos, desequilibrados pelo desastre, tem sido menos que mediocre. Com os melhores virá a ser bôa, quando começarem a entender a inspiração.

Mas ha a dos que viram o inferno. Esses viram cousas novas e extraordinarias. Ha H. Barbusse, Izabelle Rimbaud...

E ha principalmente os que a batalha formou, ou assinalou: uma enfermeira, alguns soldados e sobretudo Denis Thévenin, que nos vai dando as paginas do seu grandioso diario tragicó. Eu o tenho por um escriptor absolutamente admiravel.

O autor da Grande Illusão affirmou que não teriamos esta guerra, porque ella seria uma tal ruina para todos que todos recuariam á ultima hora. A verificação está mostrando que a prophécia era falsa, porém o raciocinio justo. A's vezes os factos não têm razão. Mas a humanidade acostumou-se a acreditar numa relação necessaria entre as previsões logicas e o acontecimento. A logica da vida é a falta de logica.

TRISTÃO DA CUNHA.



O MATA-PAU

Pincaros arriba e perambeiras abaixo, a serra do Palmital escurece de mattaria virgem, sombria e humida, tramada de taquarussu's, afestoada de pócas, com grandes arvores velhas por cujo tronco e galhaça atrepam cipós, escorre a barba de pau, e adherem musgos.

Quem sóbe da varzea, transpostas as capoeiras da raiz, ao embosear-se de chofre no frio tunnel vegetal que é ali a estrada, inevitavelmente espirra. E se é homem das cidades, desaffeito aos aspectos bravios do sertão, depois do espirro abre a bocca, pasmado da paulama. Extasia-se ante as copas graciosas dos samambainssu's, que na sua botanica analogica confunde com palmeiras, ante as borboletas, azues, ante as orchideas, os lichens, tudo.

Soffrea o animal sem o sentir; mas não pára. Vae parar adiante, na Volta Fria, onde um broto d'agua gelada, fluente por entremeio de pedras limosas, o tenta a sorver um gole por folha de caheté. Bebida a agua, e commentado que nas cidades não ha d'aquillo, leva-lhe a vista o soberbo mata-pau que abalisã o grotão.

— Que raio de arvore é esta? pergunta elle ao capataz, pasmado mais una vez.

E tem razão de parar, admirar e perguntar, porque é duvidoso existir naquella sertania exemplar mais truculento de gamelleiro.

Eu de mim confesso que fiz as duas coisas e perguntei ao camarada o nome da estranha arvore.

— Não vê que é um mata-pau.

— E que vem a ser o mata-pau?

— Não vê que é uma arvore que mata outra. Começa, quer ver como? — disse elle, escabichando as frondes com olhar agudo, em procura d'um exemplar typico — está ali um!

— Onde? perguntei eu, tonto.

— Aquelle um, aquelle fiapinho de planta ali no gancho do jacaré, continuou o cicerone, apontando com dedo e beijo uma parasita humilde, grudada na forquilha de um galho, com dois filamentos pendurados, oscillantes ás brisas.

— Começa "assimzinho", meia duzia de folhas piquiras; bóta p'ra baixo esse fio de barbante na tenção de pegar a terra. E vae indo, sempre n'aquillo, nem p'ra mais, nem p'ra menos, até que o fio alcança o chão. E vae então o fio vira raiz, e pega de beber a sustancia da terra. A parasita cria folego, e cresce que nem embau'va. O barbanzinho engrossa todo o dia, passa a cordel, passa a corda, passa a pau de caibro e acaba virando tronco de arvore e matando a mãe, como este guampudo, — concluiu dando com o cabo do relho no meu gamelleiro.

— Que bandido! exclamei. E a arvore deixa?

— Que é que ha de fazer? Não desconfia nada a boba.

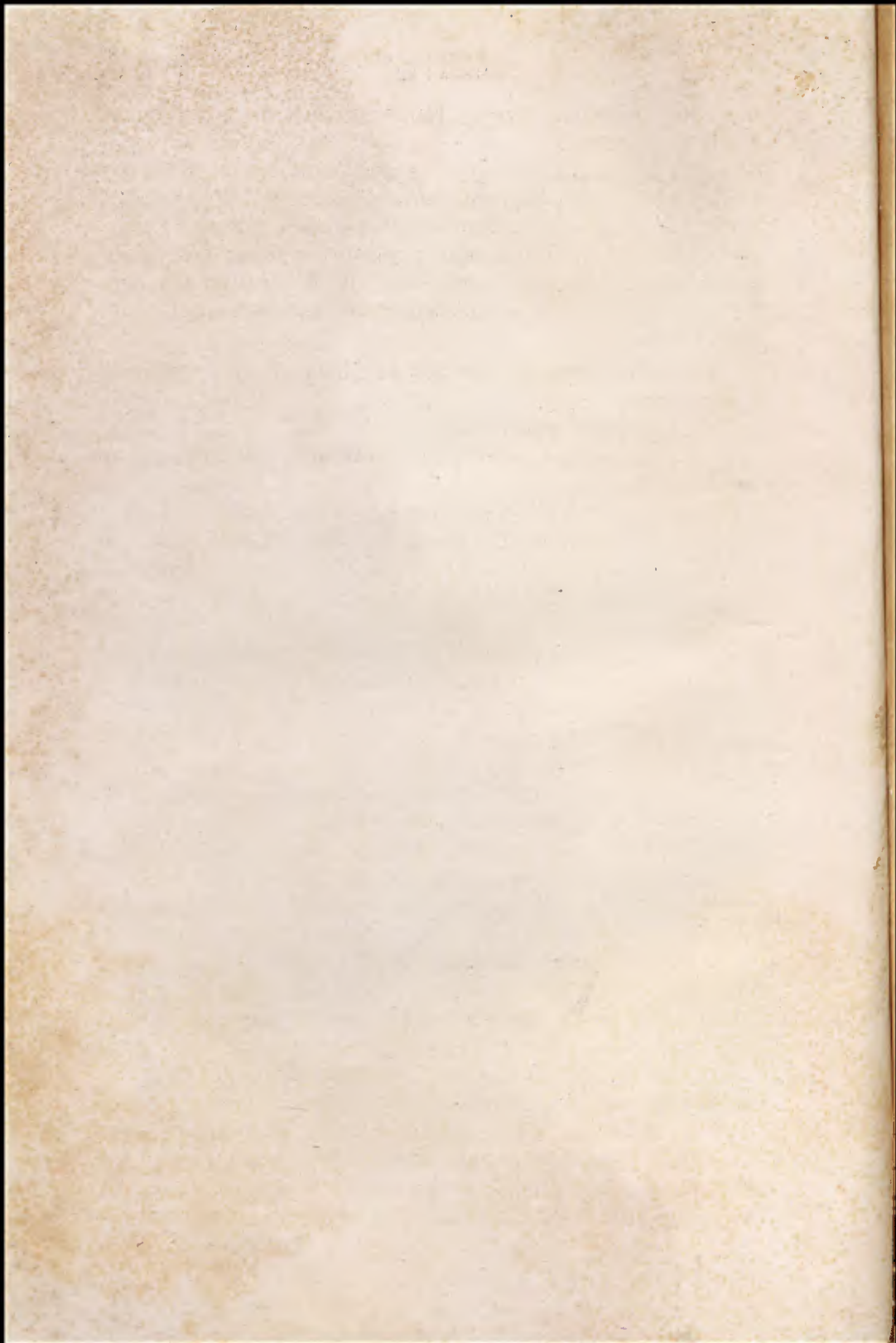
Quando vê no seu galho uma isca de quatro folhinhas imagina que é parasita, e não se precata. O fio pensa que é cipó. Quando a malvada ganha alento e garra de engrossar é que a arvore sente a dor dos apertos na casca. Mas é tarde. O poderoso d'ahi para diante é o mata-pau. A arvore morre e deixa a lenha podre dentro d'elle.

Era isso mesmo. O lenho gordo e viçoso da planta facinorosa envolvia um tronco morto, bichado, a desfazer-se em carcoma. Viam-se por elle acima, intervalados, os terribes cingulos que o estrangularam; hoje, inuteis, desempenhada já a sua missão constrictora, esses anneis jaziam frouxos e atrophiados.

Imaginação envenenada pela literatura, pensei logo nas serpentes de Laocoonte, na vibora aquecida no seio do homem da fabula, nas filhas do rei Lear, em todas as figuras classicas da ingratição. Pensei e calei, tanto o meu companheiro era creatura simples, pura dos vicios men-

MATA-PAU





taes que inoculam livros. Encavalgamos de novo e prosegui a viagem.

Não longe d'ali a serra se complana em rechan, e a matta mingôa em capoeira nova. No meio della, em terceiro descoivarado, entremostrava-se uma tapera. Esverdecia o melão de S. Caetano por sobre o tapume arruinado do quintalejo, onde laranjeiras hervadas e uma ou outra planta domestica se marasmavam agoniadas pelo matto suffocante.

— Antigo sitio do Elesbão do Queixo d'Anta, explicou o camarada.

— Largado? perguntei.

— Ha que annos! Des'que mataram o homem ficou assim.

Bacorejon-me historia como as quero.

— Mataram-n'o? Conte-me lá como foi isso.

O camarada contou a historia que para aqui traslado com a possivel fidelidade. O melhor della evaporou-se, a frescura, o correntio, a ingenuidade de um caso narrado por quem nunca aprendeu os pronomes e porisso narra melhor que quantos por ahi sorvem literaturas intêiras, e grammaticas, na ancia de adquirir o "doigté".

Grandes folhetinistas andam perdidos por esse mundo de Christo, entre a gente rude do campo, ingrammaticalissima, porém pittoresca no dizer como ninguem.

Elesbão morava com o pae no Queixo d'Anta, onde nascera. Quando a voz lhe engrossou, disse ao velho:

— Meu pae, eu quero casar.

O pae olhou para o filho pensativamente, e em seguida falou:

— Passarinho cria penna é para voar. Se você já é homem, case.

O rapaz pediu-lhe que puzesse em prova a sua virilidade.

O pae reflectiu e disse:

— Derrube o jataly da grotinha, sem tomar folego.

Elesbão afiou o machado, arregaçou as mangas e feriu o pau. Em toada de compasso bateu firme a manhã inteira. A' hora do almoço o "pan-pan", continuava sem esmorecimento.



Só quando o sol aprumou no pino é que a madeira gemeu o primeiro estalido.

— Está no chão, disse o pae, que se acercára do filho exausto mas victorioso. Póde casar. E' homem.

Elesbão trazia d'olho uma menina das cercanias, filha do balaieiro João Póca, a Rosinha, bilro sapiroquento de treze annos, feiosa como um rastolho.

— Meu pae, eu quero a Rosinha Póca.

— Case. Mas ouça o que eu digo: os Pócas não são boa gente. Os machos inda passam, o João é um coitado, o José não é má bisca; mas as saias nunca valeram nada. A mãe da Rosa é mal falada. Laranjeira azeda não dá laranja serra d'agua. Você pense.

— Meu pae, o futuro é de Deus. Eu quero casar com a Rosinha.

— Pois case .

Deliberado com tal firmeza, Elesbão tratou de sitiarse. Arrendou a rechan da tapera, roçou, derrubou, queimou, plantou e armou choça. Barreada esta, pediu a menina, e casaram.

Rosa só era rosa no nome. No corpo simples botão inverniço, desses que melam aos frios extemporaneos de Maio. Olhos eosidos e nariz rebitado, tal qual o da mãe. Feia, mas de feiura que o tempo ás vezes concerta. Talvez se fiasse nisso o noivo.

Elesbão, rijo no trabalho, prosperou. Aos tres annos de labuta já era sitiante de monjolo, escaroçador e cevadeira, com dois aggregados no cito.

Filhos até esse tempo nenhum, e isso entristecia a casa. Resignavam-se já ao vasio da esterilidade, quando, certa noite, ouviram choro de criança no terreiro. Não se conta o terror de ambos, que aquillo era na certa alma penada de criança morta pagan. Como, entretanto, a pobre alma berrasse com pulmões muito da terra, e cada vez mais, Elesbão duvidou do bruxedo, accendeu uma braçada de palha e lançou-a para fóra, atravez da janellá. O terreiro clareou até longe, e elles, pela fresta, viram, a pouca distancia, uma creaturinha de gatas a berrar com desespero de quem é deste mundo.



— E não é que é uma criança de verdade? exclamou elle saído de um assombro e entrado n'outro. E agora?

— Pois é recolhel-a, disse Rosinha, cujo instincto de mulher só via no caso um pobre enjeitadinho ao léu, reclamando conchego.

Recolheu-o Elesbão depondo o chorinecas no collo da esposa, que o estreitou ao seio, acalmando-o, de passo que "assentava" o marido, propondo:

— Se não apparecer a mãe, cria-se o menino. Faz tanta falta um chorinho nesta casa...

No dia seguinte bateram as vizinhanças em indagações, sem nada colherem explicativo do extranho caso. O pae de Elesbão, consultado, ponderou:

— Não presta criar filho alheio, e como o consultante armasse cara de vacillação, remendou philosophicamente o dito:

— Tambem não é caridade enjeitar um enjeitado, e ficou-se nisso.

Rosa conservou o pequeno, e deu com elle criado á força de leite de cabra e caldinhos. O menino, porém, á medida que medrava, punha a nu' a má indole congenial. Não promettia boa cousa, não.

— Eu bem avisei, recordou o velho, como Elesbão se queixasse um dia da ruim casta do recolhido.

— Meu pae disse tambem que não era caridade enjeitar um enjeitado...

— E' verdade, confirmou o philosopho sertanejo, calando-se.

Manoel Achado era o nome do rapazinho. Como tivesse olhos gateados, e cabellos louros de milho, denunciativos de origem estrangeira, appuzeram-lhe os vizinhos a alcunha de Ruço. Ganhou fama de madraço, e o era refinado, inimigo de enxada e foice, só attento a negociações, barganhas, expertezas. Amado pela Rosa como filho, livrava-o ella da sanha do marido escondendo suas malandragens, que Elesbão ameaçava sempre endireital-o a rabo de tatu'. Não endireitou coisa nenhuma. Com 18 annos o Ruço era a peste do bairro, atarantador dos pacificos, e traiçoeiro com os escoradores.

— E' ruim inteirado, dizia o povo.

Por esse tempo navegava Rosa na casa dos trinta. Como a não estragaram filhos, nem se estragou ella em grosseiros trabalhos de roça, valia muito mais do que em menina. O tempo curou-lhe a sapiroca, e a boa vida deralhe carnes. Concertou. Todo o mundo gabava o arranjo.

— Ninguem perca a esperança. Olhem a mulher do Elesbão, aquella Póquina sapiroquenta, como está chibante!

A sua boniteza residia na saude dos olhos e na gordura Na roça gordura é synonymo de belleza; gordura e olhos azues "que nem uma conta". Além disso Rosinha cuidava de si. Virou faceira. Sempre limpa, vestida de boas chitas da sua côr, cabellos bem alisados para traz onde os torcia em pericote lustroso á força de pomada de lima. Na serra, pimpona assim, nem moça de fazenda, com pae coronel.

Suas relações com o Ruço, maternas até ali, principiaran a mudar de rumo como se fosse espigando em homem o menino. Por fim degeneraram em namoro, medroso no começo, descarado ao cabo. A má casta dos Pócas, desmentida no decurso da primavera, reaffirmava-se afinal em plena sazão calmosa. O verão das Pócas! que quadra!

Tudo transpira. Transpirou nas redondezas a feia marmomba daquelles amorios. Boas linguas e más, boquejavam o quasi incesto. Quem de nada nunca suspeitou foi o honradissimo Elesbão, e como na porta dos seus ouvidos paravam os rumores do mundo, a vida das tres creaturas corria-lhes na toada mansa a que se dá o nome de felicidade.

Foi quando cahiu de cama o pae de Elesbão, doente de velhice. Mandou chamar o filho, e disse-lhe com voz de quem já é meio do outro mundo:

— Meu filho, abra os olhos com a Póca.

— Porque fala assim, meu pae?

O velho ouvira zunzum da má vida; vacillava, entretanto, em abrir os olhos ao feliz empulhado. Correu a mão tremula pela cabeça d'elle, afagou-a, e morreu sem mais palavras. Sempre fôra amigo de reticencias, o bom velho.



Elesbão regressou ao sitio com aquelle aviso a ver-rumar-lhe os miolos. Passou dias pensando nelle, e acastellando hypotheses, de cara amarrada.

Vendo o marido assim demudado, casmurro, de prazenteiro que era, Rosa cahiu em guarda. Chamou de parte o Ruço, e disse:

— Lesbão des'que o pae morreu anda a modo que hervado. Mas não é sentimento, não. Elle desconfia!... A's vezes pega de olhar para mim d'um geito exquesito que até me gêa no coração.

Manoel seguiu o queixo e reflectiu. Continuar naquella vida era arriscado. Ir-se, peor; nada possuir de seu, e trabalhar para outrem não era com elle. Se Elesbão morresse...

Não se sabe se houve concerto entre os amasios. Mas Elesbão morreu. E como! Certo dia em que fôra á villa proxima, ao voltar, ali pelo escurecer, caiu de borco na Volta Fria, foçado barbaramente na nuca. Descobriram o cadaver pela manliã, bem rente ao mata-pau. A justiça, coitadinha! apalpou d'aqui e d'ali, n'uma cegueira... Desconfiou-se do Ruço, mas que é das provas? O Ruço era mais fino que o delegado, o promotor, o juiz, mais até que o vigario da villa, um padre gozador da fama de enxergar atravez das paredes.

A viuva chorou como mamoeiro lanhado, fosse de sentimento, de remorso, ou para illudir aos outros — talvez sem calculo nenhum, pelos tres motivos.

Manoel, permaneceu na casa. Viviam como filho e mãe, dizia ella; como marido e mulher, resmungava o povo.

O sitio porém entrou logo a desmerecer. Comiam do plantado, sem lembrança de metter na terra novas sementes. O moço ambicionava vender as bemfeitorias para mergulhar no Oeste, e como Rosa reluctasse deu de maltratal-a. Estes amores serodios, entretanto, são como a vide, mais judiam com elles mais revicam. A's brutalidades do Ruço respondia a viuva com redobros de carinhos. Seu peito maduro, onde o verão em declinio annunciava a proxima invernia, chammejava em fogo bravo, desses

que roncam nas retrancas dos taquarussu's, por occasião das queimas. E isso vingava Elesbão, esse amor sem geito, sem conta, sem medida, duas vezes criminoso sobre sacrilego, e, o que era peor, aborrecido pelo facinora, já farto.

— Córóca! Sapieuá de defunto! Cangalha velha!

Não havia insulto, com o peão do veneno plantado na nota da velhice, que lhe elle não desfechasse, o bruto.

Rosa depereceu a galope. Adeus, gordura! Boniteza outoniça, adeus! Saias a rufar, tesas de gomma, pericote luzidio, rescendente a lima, quando mais?

Os vizinhos commentavam:

— O Ruço dá cabo della, como deu do marido, e é bem feito.

Voz do povo... Um dia o Ruço ameaçou de largal-se se não vendesse tudo já e já, e a pobre mulher deu ao bandido essa derradeira prova de amor. Vendeu por uma bagatella o que restava accumulado pelo trabalho do defunto, a moenda, o monjolo, a casa, o cannavial em soca... E combinaram para o outro dia o ambicionado mergulho na terra roxa.

Nessa noite, altas horas, Rosa despertou suffocada por fumaceira. A casa ardia. Salta como louca da enxerga e berra pelo Ruço. Ninguem responde. Atira-se contra a porta, e encontra-a fechada por fóra. O instineto fal-a agarrar o machado e romper o taboado fragil. Rola para o terreiro com as vestes em fogo; precipita-se no tanque, e, liberta das chammas, cae inerte para um lado, justamente onde, vinte annos atraz, vira o engeitadinho chorando ao relento...

Quando, de manliã, passantes a recolheram, estava d'olhos pasmados, e muda. Foi em maca para o hospital, onde sarou das queimaduras, mas nunca mais do juizo. Foi feliz, Rosa. Enlouqueceu no momento em que a vida ia tornar-se-lhe um puro inferno.

O Ruço... O Ruço abalou com o dinheiro. Dizem que corre o Oeste como ladrão de cavallos. Outros juram que já tem negocio, e prospera. Eu pendo para esta opinião, e inda hei de vel-o coronel, vereador, ou barão do papa. Parece-me sujeito de grandes destinos!



Ahi parava a historia do Elesbão, como a sabia o meu camarada. Só estas reflexões sobre o futuro do Ruço é que não são delle. Um crime vulgar como os ha na roça por dezenas, se a lembrança do mata-pau não se antolhasse como um symbolo.

— Não é só no matto que ha mata-paus!... disse eu philosophicamente á guiza de commentario.

O capataz entreparou um momento como quem não entende. Depois abriu na cara o ar de quem entendeu e gostou.

— Não é por gabar, mas vosmecê disse ahi uma palavra que merece escripta! E' tal e qual!

E' uso rematarem-se contos com uma caudinha chamada a "nota impressionista": — E um gavião riscou silenciosamente o azul — ou — Dentro da matta soou o pio triste do urutáo. Entretanto o impressionismo briga com a verdade. Brigou pelo menos no meu caso. Nem gavião, nem urutáo. Como era onze horas, e havia fome, apeamos na primeira agua para merendar o virado. E o historiador o que disse foi simplesmente esta phrase prosaica:

— Que pena não haver uma "branca" para rebater isto!

Nem sequer pude duvidar se "isto" se referia á tragedia ou ao feijão, porque tudo no meu homem propendia para o 'tutu'. Triste cousa, o naturalismo!...

MONTEIRO LOBATO.



UM LIVRO PREJUDICIAL AO ENSINO

Em elogiosas referencias á Geometria Pratica do Snr. Laudelino Freire, li que este autor é apologista da simplificação de nossos programmas de ensino.

Penso, ao contrario, que os programmas de mathematica elemental já são ridiculos pela insignificancia da materia exigida. Falo evidentemente dos programmas que se consideram officiaes para o Brasil inteiro — os do Collegio Pedro II. E, por isso, desejei lêr a Geometria Pratica, afim de vêr aquella opinião, que juizo absurda (pelo menos na parte relativa á mathematica), sustentada por um homem que se apresenta com as credenciaes de professor do Collegio Militar.

O prefacio da Geometria Pratica encheu-me logo de assombro! E, apoz rapida leitura, observada a futilidade do livro, pareceu-me dominado por um certo tom de injustificavel pretensão.

“Simplificar os nossos programmas de ensino, diz o Snr. Laudelino Freire, é hoje uma necessidade impescindivel. No estudo “principalmente da Geometria (!) verifica-se a inutilidade das demonstrações exhaustivas. No saber demonstrar theoremas, porém, “não está o necessario conhecimento da materia. Essa gymnastica “do espirito não traz resultados. Antes concorre para a confirmação de que os que mais sabem... demonstrar são, em via de regra, “os que menos aptos se revelam na vida pratica. São espiritos “des a extensões logicas, evidentemente incabiveis no momento em “que lhes seja necessario medir as grandezas geometricas.

“O estudo da Geometria elemental deve cingir-se á inteira “comprehensão e exacta applicação dos postulados indispensaveis “ao conseguimento do seu objecto. O mais... é demais”.

Quanta heresia! Será possivel que um professor de mathematica ouse proclamar a inutilidade das demonstrações, principalmente em Geometria?!.. Mas o verdadeiro caracteristico da Geometria é o seu methodo de demonstrações logicas! Fazer demons-

trações perfeitas é utilíssimo e nobre exercício do pensamento, e não, como escreve o Sr. Laudelino Freire, gymnastica do espirito que não traz resultados!

"Eu quero portanto, diz Pascal, mostrar o que é demonstração com o exemplo das que offerece a Geometria, a unica talvez das sciencias humanas que produz infalliveis, porque só ella observa o verdadeiro methodo, emquanto as outras estão, por necessidade natural, em uma especie de confusão que só geometras sabem extremamente discernir."

Newton achava os gregos admiraveis pelo gosto e peia forma de suas demonstrações geometricas. Entretanto, Newton foi, com Leibnitz, um dos creadores da Analyse Infinitesimal, a rival poderosa da Geometria pura; mas toda sua obra gigantesca está impregnada do espirito geometrico dos gregos, deste methodo fecundo de demonstrações exhaustivas de que o Sr. Laudelino Freire menoscaba!

Não contente com suas proprias palavras, ainda o Sr. Laudelino Freire transcreve as seguintes linhas do professor Cabrita:

"Ha em Geometria verdades intuitivas: uma vez enunciadas, são acceltas immediatamente, sem mais reflexão, nem esforço; entretanto, não são, para os geometras, axiomas."

"Demonstrai-as, porém, é obdocer ao espirito sophistico que ha seculos vem empannando, com profundas subtiliezas, o brilho de taes verdades."

"Pasmaños ficam quasi sempre os estudantes deante do professor quo lhes quer demonstrar o que elles estão vendo com os olhos da intelligencia e atravez da mais pura evidencia..."

"Com effeito, quem tiver nitida imagem do angulo recto, por exemplo, precisará quo se lho diga e quo se lhe demonstre que todos os angulos rectos são eguaes (4.º postulado do 1.º livro de Euclides)? Haverá quem, tendo noção clara de parallelismo, duvide que, por um ponto tomado fóra de uma recta, possa tirar-se uma parallela a está recta?..."

"Não. O que se diz aos alumnos é:

"Vamos demostrar que por um ponto se póde traçar uma parallela. E, para mais pasmai-os, accrescenta-se: não se póde traçar mais do uma, o que constitue om resumo o mais famoso dos postulados de Euclides, aquelle para o qual tem havido, desde prisca idade, innumeradas tentativas de demonstração."

Não sei onde o Dr. Cabrita, que tanto admiro e respeito, escreveu tão depioraveis pensamentos, incompativeis com sua educação mathematica.

Possuo, desde 1895, uma geometria do professor Cabrita. Neste livro (e não nas linhas que o Sr. Laudelino Freire transcreve), reconheço o mestre quando diz (pag. 55) que ha, em geome-

tria, "considerações dignas por si mesmas de reflexão, independentemente da utilidade que na pratica nos podem prestar", ou quando proclama "o prazer que naturalmente sente o nosso espirito por uma certa precisão rigorosa sem a qual nunca está satisfeito".

O professor Cabrita, que o Snr. Laudelino Freire cita, deve ser outro: uma especie de Schopenhauer vendo no methodo de Euclides apenas um absurdo.

Como pôde o professor Cabrita confundir o espirito sophistico e o rigor das demonstrações geometricas? Como pôde elle falar das coisas que se veem com os olhos da intelligencia e atravez da mais pura evidencia, sem se lembrar que é justamente a educação mathematica que melhor nos faz vêr com os olhos da intelligencia, e que, ella só, augmenta e aperfeiçoa esta visão? Sem o guia seguro da sciencia, ou nada se vê ou se vê falso, o que é immensamente peor.

A sciencia modifica tambem as noções que temos da evidencia. O sabio e o ignorante não consideram evidentes as mesmas coisas. E' evidente para o ignorante que, a temperatura de um corpo augmentando, sua quantidade de calor augmenta; mas, para o homem instruido, isso não é evidente, porque pôde ser falso. Para o homem illustrado, é evidente que machina alguma realiza o movimento perpetuo; mas o homem sem base scientifica procura talvez construir essa machina. A evidencia varía ainda no tempo; o que outr'ora era evidente pôde não o ser hoje, e vice-versa. Os exemplos são numerosos. Para que insistir?

E' impossivel que o professor Cabrita ponha em duvida a necessidade de se demonstrar que todos os angulos rectos são eguaes! Contestar esta necessidade seria ignorar o objectivo do theorema. Quando duas rectas se cortam formando angulos eguaes, diz-se das rectas que ellas são perpendiculares entre si, e dos angulos, que são rectos. E' evidente que estes angulos são eguaes por definição; não é evidente, porém, que outras duas rectas perpendiculares entre si formem angulos eguaes aos primeiros: é isso que se demonstra. E' só depois dessa demonstração que se tem a imagem nítida do angulo recto, como diz o Dr. Cabrita. Demonstrando esse theorema, apparece, pela primeira vez em Geometria, um angulo de valor fixo — o angulo recto — que vae servir de unidade para a medida de outros, até a Geometria encontrar recursos para determinar novas unidades de angulo.

"Haverá quem, tendo noção clara de parallelismo, pergunta o "Dr. Cabrita, duvide que, por um ponto tomado fóra de uma recta, "possa tirar-se uma paralleia a essa recta?"

Pensará o illustre mestre que a noção de parallelismo é de evidencia intuitiva? O alumno que inicia o estudo da Geometria não tem, absolutamente, noção exata de parallelismo. Mas todas es-



tas questões, a que se refere o professor Cabrita com tão inexplicavel desprezo, são os fundamentos da propria Geometria, são as fontes de importantissimos e difficeis problemas a que se dedicaram, com toda a força de seus genlos, os d'Alemberts, os Lagranges os Gauss, os Laplaces, os Bolyais, os Lobatschewskys, os Riemanns, os Helmholtz, nomes gloriosos e Immortaes, orgulho e honra do saber humano!

E que bellezas purissimas nesses estudos! Que maravilhas, quasi diria que mysterios, que magias nos mundos encantados de Beltrami, de Riemann, de Poincaré, ao lado dos quaes empallidecem as pobres fantaslas de Pöe ou de Wells!

Sem duvida, taes assumptos não podem ser expostos a principiantes; mas é ridiculo tratal-os com a irreverencia que se nota no prefacio do Sr. Laudelino Freire.

Outro erro, visivel neste prefacio, é se pensar que a utilidade da Geometria reside em suas applicações praticas immediatas. Grave erro, que dovemos combater sem temer o clamor dos Beccios, como diria Gauss! Admire-se o modo insolente pelo qual tão nocivo erro se manifesta no livro do Snr. Laudelino Freire: "os que mais sabem.. demonstrar são, em via de regra, os que menos aptos se revelam na vida pratica"!...

Que significam estas palavras? Que aptidão é esta, de que fala o Snr. Laudelino Freire? Será a que consiste em ganhar muito dinheiro? Mas aos que esperam da sciencia os meios de fazer fortuna, perguntemos, como Poincaré, para que serve tanto dinheiro, e se, para ter tempo de adquiril-o, vale a pena desprezar a Arte e a Sciencia, que, só ellas, fórman almas capazes de gozar as riquezas do mundo?

Só o amor desinteressado da sciencia conduz a fecundas applicações. Ella deve ser cultivada com o mesmo cuidado e perfeição com que o verdadeiro artista burila o marmore ou a phrase, combina as côres ou as harmonias. O pensamento do lucro material deturpa a obra. Para Platão, os egypcios eram indignos do nome de amigos da sciencia, porque suas descobertas e invenções tiveram um fim utilitario.

Estudemos a Geometria por seu proprio valor, pelo prazer Intellectual que nos dá, pelo exercicio continuo a que submete nosso esprito, que, assim, se desenvolve e apura. Estudemol-a tambem por ser um ramo importante da Mathematica, e a Mathematica é a unica lingua capaz de traduzir as leis que regem o Universo, "lingua, diz Fourier, que não tem signaes para exprimir noções confusas".

A sciencia não é, como esta Geometria do Sr. Laudelino Freire, um catalogo de factos; mas uma successão ininterrupta de raciocinios que nos revelam a ordem perfeita das coisas. Nesta seara ri-

quíssima, vêm o engenheiro, o physico, o chimico buscar os elementos indispensaveis a suas architecturas, a suas experiencias, a suas combinações, a todas essas maravilhosas applicações que fazem a vida suave e agradável.

Cedo esgotar-se-ia a fonte da Sciencia, se apenas a alimentassem idéas de utilidade immediata. Quando os gregos estudaram as secções conicas, certamente não previram seu admiravel emprego na Astronomia moderna. Os Principios de Newton são obra de pura Geometria; mas foi de lá que surgiram importantissimas applicações á navegação e á mecanica.

Quando os mathematicos crearam a theoria dos numeros imaginarios, nunca supuzeram que, mais tarde, o engenheiro electricista, sommando esses numeros, subtrahindo-os, multiplicando-os, dividindo-os, resolveria questões praticas de electricidade; porque, para elle, os numeros imaginarios são volts, amperes, watts; e examinando a corrente, ou voltagem, ou a potencia, que o imaginario representa, é, ás vczes, a parte real que interessa suas machinas e, outras vczes, a parte propriamente imaginaria: ambas são volts, ou amperes, ou watts, mas de qualidades differentes, embora de igual utilidade pratica.

Sem as theorias ainda mais abstractas dos quaternions de Hamilton ou das fórmulas geometricas de Grassmann, é impossivel chegar á solução de questões importantes de Physica, e meditar com proveito sobre as obras de Maxwell, que um verdadeiro electricista não deve desconhecer.

Da discussão theorica de integraes de uma equação de Fourier, tirou Lord Kelvin as regrãs utilizadas na telegraphia submarina.

Innumeros são os exemplos que poderia citar, e que nos mostram a sciencia conduzindo a pratica. Não é a pratica que illumina e guia a sciencia.

Solvay, sob cujos auspicios se reuniu o Conselho de Physica, em 1911, pensa que a ultima palavra de supremo esclarecimento deverá ser proferida pela philosophia e não pela experiencia, e o raciocinio antes da experiencia, diz elle, éngana menos do que o raciocinio depois da experiencia. Nas theorias da constituição da materia, acredita Solvay "que os diversos Neptunos infimos que falta descobrir para chegar á harmonia total deverão ser calculados á maneira de Le Verrier, em vez de observados pelo ultra-microscopio".

Causa pesar, francamente, vêr o Sr. Laudelino Freire proclamar, em livro para a mocidade, "que os que mais sabem... de mostrar são os que menos aptos se revelam na vida pratica"!

Como se o profundo Poncelet, a quem a Geometria pura deve aquellas theorias de rara belleza, nascidas nas prisões de Saratoff, não tivesse revolucionado a engenharia e a mecanica applicada, no dia em que lhes dedicou seu maravilhoso saber theorico!

Não esqueçamos Curabelle, que Chasles tirou do esquecimento para mostrar um exemplo dos falsos juízos que os homens da pratica formam dos homens da sciencia: Desargues, que Descartes, Fermat, Pascal consideravam geometra de grande merito, Desargues, que Poncelet chamava o Monge de seu secuio, e que foi um dos precursores da Geometria moderna, quiz applicar as theorias geometricas ás construcções e ás artes, regidas então por falsas e empiricas regras. E Desargues, com esse fim, escreveu sobre perspectiva, gnomonica, corte de pedras, empregando os methodos rigorosos da Geometria. Mas, conta-nos Chasles, a rotina e ignorancia disputaram o terreno palmo a palmo, chegando-se mesmo a prohibir ao celebre gravador Bosse que ensinasse, na Academia de Pintura, as praticas da perspectiva do sieur Desargues! Chefiados por Curabelle, triumphavam assim os inimigos de Desargues, que era comparado a esses "demi-savants, provinciaux contemptifs, non praticiens et peu communicables".

Hoje, as theorias de Desargues, estudadas em todas as escolas, são por todos applicadas, e de Curabelle só resta a lembrança do incompetente que ousou publicar o opusculo: "Faiblesse pitoyable de Mr. Desargues employée contre L'Examen fait de ses Oeuvres".

Sem duvida, a Geometria deve importantes theorias a questões suggeridas pela pratica. "Ella é, diz Darboux, como o gigante Anteo, que readquirira forças ao contacto da terra." Mas esse contacto é passageiro; não é seu estado normal.

Cultivemos a Sciencia pela Sciencia, e não pelos resultados materiaes que nos traz.

"Só pela Sciencia e pela Arte valem as civilisações, diz Poincaré. Admiraram-se desta divisa. A Sciencia pela Sciencia, e entretanto ella equivale perfeitamente á vida pela vida, se a vida é só miseria; e mesmo á felicidade pela felicidade, se não se acredita que todos os prazeres sejam da mesma qualidade, se não se quer admittir que o fim da civilisação seja o de fornecer alcool aos "que gostam de beber".

"Qualquer acção deve ter um objectivo. Devemos soffrer, devemos trabalhar, devemos pagar nosso logar no espectaculo, mas é para vêr, ou pelo menos para que um dia outros vejam."

"Tudo que não fôr pensamento é puro nada; pois não podemos pensar senão o pensamento, e todas as palavras de que dispomos para falar das coisas, não podem exprimir senão pensamentos; dizer que ha outra coisa além do pensamento, é portanto uma affirmacão que não pôde ter sentido."

"E entretanto — extranha contradicção para os que acreditam "no tempo — a historia geologica mostra-nos que a vida é apenas "um curto episodio entre duas eternidades de morte, e que, neste "mesmo episodio, o pensamento consciente não durou nem durará

“senão nm momento. O pensamento é apenas um relampago no
“meio de uma longa noite.”

“Mas este relampago é tudo.”

Criticando o livro do Sr. Laudefino Freire, não me anima nenhum baixo sentimento. Faço sobretudo como brasileiro, que vê um grave perigo no abastardamento da instrução, devido á incompetencia de uns, á fraqueza de outros, ao indifferentismo de muitos. A mocidade torna-se futil e conserva-se ignorante; mas a culpa não é deila. Entretanto, não devemos esquecer que os povos mais fortes são tambem s mais instruidos. Até no poder diabolico da destruição, a sciencia é insubstituivel.

Por isso, a leitura do livro do Sr Laudelino Freire encheu-me de tristeza.

Pertengo ao numero consideravel daquelles que nada inventaram em Geometria, nem sequer contribuíram talvez para sua divulgação, mas reconhecem o valor incontestavel da sciencia, e querem que seus filhos estudem de verdade, com muita perseverança e attento trabalho, para que tenham solida instrução e possam bem servir a Patria.

Protestemos portanto contra os livros superficiaes e errados, livro de falsa sciencia, cariçata e pretenciosa, inutil o detestavel. São livros perigosos, a cujo contacto se atrophiam as intelligencias que apenas desabrocham. No arduo caminho da sciencia, deve a mocidade ser guiada por livros perfectos, luminosos, livros que lhe inspirem o amor do estudo e o desejo insaciavel de conhecer cada vez mais o dominio infinito da Verdade. A vontade illimitada do saber é que conduz os homens e os povos ás mais gloriosas posições.

Cultivemos, na mocidade brasileira, essa nobre ambição: não lhe indiquemos a Sciencia como arido campo, onde não ha farta messe a recolher:

“Pareco-me, dizia Newton, que não fui senão uma creança “brincando á beira do mar e achando ora um seixo mais polido, “ora uma concha mais bella do que outras, enquanto o vasto oceano da Verdade se estendia inexplorado ante mim.”

O culto da sciencia deve começar pelo da Geometria, da qual não pretendo de certo fazer o elogio: philosophos e mathematicos já cantaram suas bellezas e mostraram suas vantagens. Seria ousadia minha querer dizer della algo de novo. Mal poderia talvez recordar os louvores que lhe elevaram homens eminentes de todos os tempos.

Para Platão, que mandou escrever no portico de sua Escoia a phrase tantas vezes lembrada quantas desobedecida — Não entre aqui quem não fór geometra — para Platão, diz Milhaud, só a Geometria devia alcançar as verdades eternas e as leis immutaveis de Deus, o eterno geometra.



Pascal affirma que só a Geometria conhece as verdadeiras regras do raciocínio e, entre espiritos eguaes, e em todas as outras coisas identicas, o que tem geometria vence e adquire novo vigor: *celui qui a de la Géométrie l'emporte.*

Santo Agostinho, Leonardo da Vinci, Alberto Dürer, Bacon, Voltaire, Diderot, Kant, e tantos outros que não deveram a immortalidade ás sciencias mathematicas, foram espiritos superiores qui avaiant de la Géométrie, como lembra Chasles. A historia mesma dos chefes de imperio, accrescenta este grande geometra, mostra quo foram justamente os que animaram a cultura das Mathematicas, fonte commum de todas as sciencias exactas, aquelles que tiveram mais brilhante reinado e gloria mais duradoura.

“As doutrinas da pura Geometria, diz ainda Chasles, apresentam tam muitas vezes, e em multiplas questões, aquelle caminho simples e natural que, penetrando até a origem das verdades, mostra a cadeia mysteriosa que as une e as torna conhecidas individualmente pelo modo mais luminoso e completo.”

E' na Geometria que se encontra a luz da razão, de que fala Descartes.

A Geometria — que Jacobi chamaria a honra do espirito humano — é a mais admiravel criação do genio grego, harmoniosa como um marmore de Phidias, vibrante como a poesia de Homero.

Modelo de simplicidade, de clareza, de perfeição, a Geometria é obra purissima, não só de sciencia, mas de fina arte, onde se alliam a belleza elegantissima da fórma e a eloquencia impecavel do raciocínio.

Ella des envolve a intelligencia o apura o gosto artistico. “Os Athenienses do seculo de Péricles, diz Milhaud, que tanto sabiam gozar a grandeza e o encanto de seus tragicos, as subtilezas comicas do Aristóphanes, a belleza serena do Parthenon, tiveram o espirito formado em parte pelo estudo da Geometria.”

“A Geometria, ensinava Platão, tem por objecto o conhecimento do que é sempre, e não do que nasce e parece. Ella atráe a alma para a verdade, forma em si este espirito philosophico que eleva nossos olhares para as coisas do céo, em vez de baixal-os, como se faz para as coisas da terra.”

Por todas estas razões, é que ousou trazer a publico a impressão desfavoravel que me deixou a leitura da Geometria Prática do Sr. Laudelino Freire.

Não encontro no livro do Sr. Laudelino Freire a mais simples demonstração de qualquer theorema. Eis algumas linhas, por onde se apreciará o rigor do raciocínio seguido em toda a obra. Estudam-se os casos de egualdade de triangulos. O autor enuncia o 1.º

caso — um lado egual, adjacente a dois angulos eguaes cada um a cada um — e, como demonstração, diz textualmente (1.º volume, pag. 48):

“Sejam os dois triangulos A B C e D E F.
Estes dois triangulos, tendo

$$\hat{A} = \hat{D}$$

$$\hat{C} = \hat{F}$$

$$\text{lado A C} = \text{lado D F.}$$

elles são eguaes, visto que coincidem em todas as suas partes.”

Será isto demonstração?!

Em seguida o autor enuncia o 2.º caso — um angulo egual formado por dois lados eguaes cada um a cada um — e, depois de pintar os dois triangulos, diz (textual, pag. 49):

“Elles tendo

$$\hat{A} = \hat{D},$$

$$\text{lado A B} = \text{lado D E,}$$

$$\text{lado A C} = \text{lado D F,}$$

são eguaes, visto que coincidem em todas as suas partes.”

Mas isto não é Geometria!

Para demonstrar o 3.º caso de egualdade, quando os triangulos têm os tres lados respectivamente eguaes, o autor diz apenas, em forma de demonstração (pag. 49):

“São eguaes, visto que coincidem em todas as suas partes.”

Eis o estribilho: visto que coincidem em todas as suas partes! Mas assim o autor poderá demonstrar até absurdos!

Outra tentativa de demonstração é a de que a somma dos angulos de um triangulo vale dois rectos (pag. 47). O raciocinio seria risivel, se não fosse triste pensar que o livro é destinado a alumnos do Collegio Militar.

Eis (pag. 48) um dos corollarios tirados desse theorema:

“Quando dois triangulos rectangulos têm entre si (!) dois angulos “agudos eguaes, os outros dois angulos agudos tambem são eguaes.”

Mas porque não dar logo aos alumnos o enunciado mais geral: em triangulos que têm dois angulos respectivamente eguaes, os terceiros angulos tambem o são?

O Sr. Laudelino Freire desconhece os proprios termos empregados em Geometria. Elle diz por exemplo: **ponto de secção** de duas circumferencias (1.º vol. pag. 22) em vez de pontos de intersecção; **angulos verticalmente oppostos**, (1.º vol. pag. 27. 2.º vol. pag. 9) em vez de angulos oppostos pelo vertice; **angulo rectilíneo de um diedro** (2.º vol. pag. 8) em vez de angulo plano de um diedro. A cada instante elle confunde **quadratura** com área, e **cubatura** com volume: quadratura e cubatura são as acções de quadrar eubar; isto é, de achar uma área ou um volume. Não se deve portanto dizer, como o Sr. Laudelino Freire faz sempre no 2.º volume a partir da pagina 42:

“a quadratura do tetraedro é quatro vezes a quadratura do “triangulo (pagina 42)”;

“a quadratura lateral (do prisma obliquo) é igual ao producto “do perimetro de uma acção recta pela aresta lateral (?) (pag. 43). “etc. Com a mesma errada significação, encontramos cubatura da “esphera, da pyramide etc., em vez de volume da esphera, da pyramide, etc. E tudo exposto sem a mais rudimentar demonstração!

O Sr. Laudelino Freire fala de “pyramide irregular truncada regularmente (!) (2.º volume pag. 51). ” cone truncado regularmente (pag. 53), etc. Elle refere-se ao eixo de uma pyramide (2.º vol. pag.3), como se todas as pyramides tivessem eixo.

No estudo (?) dos polyedros (2.º vol. pag. 16), lêmos que “a geometria só trata dos polyedros convexos”...

Definição de pyramide (2.º vol. pag. 22): “Pyramide é o polyedro irregular...” Assim, o tetraedro regular não é pyramide!

A’ pagina 25 do 2.º volume, encontramos o seguinte: “Cylindro de bases circulares é aquelle cuja directriz é uma circumferencia”. Póde não ser!

Algumas definições admiraveis:

“As differentes posições da directriz podem ser chamadas “lados (!) do cylindro” (2.º vol. pag. 27).

“Linha curva é a que se inclina sem dobrar” (1.º vol. pag. 12).

“Espiral é a linha curva que voltea em torno de um ponto fixo, “desviando-se sempre delle” (1.º vol. pag. 13).

A figura 49 (1.º volume, pagina 43) pretendo representar um polygono estrellado; mas aquilo está longe de ser polygono estrellado...

Eis uma curiosa classificação de Quadrilateros (1.º vol. pag. 51:

“Ha tres classes de quadrilateros, que são as de:

- a) quadrilateros propriamente ditos;
- b) trapezios e
- c) parallelogrammos.”

O autor accrescenta: "a dos quadrilateros propriamente ditos não offerecem nenhuma divisão." Mais abaixo, encontramos a seguinte elegante definição:

"Quadrilatero propriamente dito é aquelle cujos lados não são "entre si (!) paralelos."

Ficam os alumnos do Sr. Laudelino Freire sabendo que o parallelogrammo não é quadriatero propriamente dito!

Um modelo de definição (2.º vol. pag. 17): "Hexaedro regular ou cubo é o polyedro limitado por seis faces eguaes entre si e que são quadrados."

Tratando da linha curva, diz o Sr. Laudelino Freire (1.º vol. pag. 69):

"Procurou-se então medir uma curva reduzindo-a (!) a uma "recta, o que se conseguiu fazer substituindo a curva por uma recta que representasse a somma das cordas que successivamente "fossem ligando os seus pontos. Assim tem-se que essa linha recta, "denominada parametro (!), dá approximadamente o comprimento "da linha curva. Parametro é, portanto, a linha recta que determina o comprimento da linha curva."

Que idéa fará o Sr. Laudelino Freire do que seja parametro de uma parabolica? Como deverá ficar espantado se alguém lhe disser que ha curvas que têm muitos parametros!

Eis um trecho extraordinario, que transcrevo do 1.º vol. pagina 70:

"Conseguiu-se rectificar a circumferencia comparando-a com o "seu diametro, isto é, procurando-se vêr (!) quantas vezes o diametro de uma circumferencia nella se continha. O diametro não se "contendo (!) um certo numero de vezes exactamente (!!) na respectiva circumferencia, procurou-se conhecer qual a relação mais "approximada (!!!) da circumferencia para o diametro."

Estupendo! Francamente o Sr. Laudelino Freire exaggera a liberdade de ignorar o assumpto de que se diz professor!

O autor continua (pag. 70):

"Verificou-se (!) que a relação da circumferencia para o diametro é constante, isto é, que toda circumferencia contem o respectivo diametro o mesmo numero de vezes".

Falso! Falssissimo! Não se verificou: demonstrou-se! Demonstra-se mesmo que é impossivel verificar essa constancia: a relação entre a circumferencia e o seu diametro é um numero transcendente.

A' pagina 72, em letras garrafas, diz o autor ser

"o lado do triangulo equilatero igual ao raio do circulo circumscripto multiplicado pela raiz quadrada de 3, se fôr $R = 1$ "

Mas o theorema ainda é verdadeiro, se o raio fôr differente da unidade!.. Coisa curiosa: o autor manda em nota consultar F. Ca-

brita — Geometria. Porque será? O professor Cabrita não escreve aquillo! Pensará o autor da Geometria Pratica que o professor Cabrita é o descobridor do theorema que fornece o lado do triangulo equilatero em função do raio?

A' pagina 72, encontramos o seguinte:

"E' o angulo recto que tem sido escolhido para unidade angular."

Mas toda esta pagina 72 é admiravel! Lá, entre outros, recommendo este trecho:

"Isto é possível pela proporcionalidade existente entre os "angulos centraes e os arcos interceptados por seus lados, uma vez "que sempre se verifica (!) que, quando um angulo cresce ou diminue, da mesma fórmula (!) crescem ou diminuem os arcos respectivos."

Algumas definições:

"Distancia polar do circulo é a distancia, sobre a superficie da "esphera, que vae de qualquer dos pólos á circumferencia de um "circulo maximo (?)" — (2.º volume, pag. 33).

"Calota espherica é a parte da superficie espherica limitada "em parte (!) pela circumferencia de um plano secante" — (2.º volume pagina 35).

A' pagina 36 do 2.º volume, diz-nos o Sr. Laudelino Freire que a altura da calota "é a perpendicular baixada do polo ao centro (?)" do circulo da base, que é a parte do proprio raio (!)"

A' pagina 47, 2.º volume, depois de feita a correccão indicada na errata, lêmos:

"Cone obliquo — A quadratura (!) lateral é igual ao producto "do semi-perimetro da base pela semi-somma das posições (!) "maior e menor da geratriz."

Semi-somma das posições! Que será? Posições maior e menor! Fantastico...

Pagina 50, 2.º volume, diz o autor: "Por meio desta formula avaliam-se os volumes dos cinco polyedros regulares, os unicos que existem." E' falso: ha outros.

Quer o leitor mais citações do mesmo genero? Abra ao acaso qualquer dos dois volumes da "Geometria Pratica" do Sr. Laudelino Freire e transcreva á vontade o que lhe cair sob os olhos, desde a primeira pagina, em que o autor fala de corpos compridos da esquerda para a direita, largos de frente para traz, altos do cima para baixo, até o fim do 2.º volume.

Na "Geometria Pratica" do Sr. Laudelino Freire, o alumno não encontra a mais ligeira referencia a theorias importantes e utilissimas, como a da proporcionalidade das linhas, a das figuras semelhantes, etc. Felizes theorias!



Aliás, se o livro não tivesse os defeitos graves que apontei, seria, no máximo, um pequeno resumo de primeiras noções de geometria elementaríssima para escolas primárias. Geometria Prática para o Colégio Militar deve ser matéria muito diferente e bela, que só alumnos dos últimos annos de mathematica podem estudar. O assumpto da Geometria pratica é o que se encontra, por exemplo, na "Practical Geometry and Graphics Technical Students" por Bates & Charlesworth ou na "Practical Geometry and Graphics" por David Allan Low, professor da Universidade de Londres.

Parece-me, por todos estes motivos, que o Sr. Laudeino Freire não deve falar com tamanho desdém daquelles que sabem... demonstrar, porque esses sempre sabem alguma coisa...

JOAQUIM LISBOA.



MARIO PEDERNEIRAS

(A SUA SINCERIDADE EM ARTE)

A obra de um Poeta, quando sincera, deve ser a expressão suprema de sua vida; pois a Arte só é verdadeira, em suas variadas interpretações, quando o artista que a crêa, é



aquelle que, embalado pelo cantico mysterioso da natureza ou pela cadencia regular das horas da vida, manifesta a sinceridade das emoções na explosão luminosa do seu genio.

A sinceridade é tudo em Arte; e o artista só é sincero quando vive, humilde ou gloriosamente, o seu proprio destino.

O essencial é viver o seu destino, seguir a sua vida, sem a preocupação de querer calcar aos pés as pedras do caminho e afastar dos olhos as sombras que lhe surgirem pela frente.

A vida é caminho que nos está traçado e que devemos seguir sem vacillações.

Para uns a marcha é suave e é calma, para outros é cheia de ancias, de afflicções e a estrada chega a parecer sem fim...

E' preciso porém segui-la sempre, enfrentando a tristeza para melhor sentir a alegria; não receiar o tragico escuro das noites agoirentas, para melhor sentir as bellezas do dia claro; não fugir aos espinhos das plantas agrestes, para melhor sentir o perfume das rosas; amar sempre as horas presentes, para dellas sentir a saudade no futuro; não ter receio da morte para poder amar a vida; saber viver para saber morrer!

O Poeta, na significação sublime e real do termo, differenciá-se dos outros homens que, hombro a hombro com elle seguem pela vida a fora, porque elle é o peregrino que sabe sentir e realçar nos minimos contornos, tudo que lhe emociona a alma, fazendo bater mais forte o coração.

O homem vive apenas; o poeta interpreta a vida...

Se por acaso, a meio do caminho surge uma montanha, que é preciso subir para depois continuar, o homem sobe simplesmente, mas o Poeta ao chegar ao alto da montanha, volve os olhos, cheios de ancia e ardor para os horizontes longinquos e brumados e entôa o canto heroico, eternizando com palavras e com gestos quanto de bello viu e vê, immortalizando na memoria daquelles que o ouvem, o seu amor eterno pela eterna Belleza!

Amar a vida sobre todas as cousas, é a legenda magnifica do Poeta que crêa a sua arte sinceramente.

L'Art c'est toute la vie, disse Jules Laforgue.

E é a vida até o fim, até o tumulo. E a differença final entre o Poeta e os homens, seus companheiros de jornada, é que estes se contentam, quando a morte vier fria e fatal, com o repouso nos sete palmos de terra num recanto entristecido, mas o Poeta tem a mais a ambição sagrada, de pensar que a sua alma fica pairando nas regiões sublimes de uma gloria consoladora.

Mario Pederneiras foi um Poeta. A vida dedicou-a elle á Arte. Foi unico na sua feição e pode salientar-se originalmente de seus pares, porque a sua emoção, o seu sentimento, a sua sensibilidade esthetica, correspondiam a um horizonte novo e claro, a um largo avanço, sobre o versejamento corrente dos poetas de seu tempo.



A impressão de sua estreia se manifestou quasi em surdina pelos criticos e nos cochichos literarios das portas de livraria e de mesas de cafés; as opiniões boas ou más eram desencontradas, a respeito do novo poeta.

Mario Pederneiras era um original que surgia com a exuberancia do temperamento, explodindo no entusiasmo de formas e ideas novas; era o cavalleiro que sahia á lucta, com suas armaduras vivamente bellas, com a lança e o capacete reluzindo ao sol e cuja belleza dos gestos vivos e diferentes do vulgar, escandalisavam a turba boquiaberta deante da ousadia com que afrontava o campo.

Entre o poeta que com esse entusiasmo entrava pela vida artistica e o Poeta, simples e quasi humilde, que produziu o livro posthumo inedito a que adeante me vou referir, ha uma distancia notavel, uma evolução digna de estudo.

Sinto que o engenho me falhe para realçar as bellezas do livro *Outomno*.

Ha nelle versos magnificos que são evocações tristissimas de quem se sente morrer.

E foi de facto poucos dias antes de morrer, que Mario Pederneiras, o suavissimo poeta, escreveu o *Trecho-final*, ultimos versos do seu ultimo livro:

Mela tinta da côr dos Occasos do Outomno
 Sonho que uma illusão sobre a vida nos tece
 E perfume subtil do uma folha do trevo,
 São, de certo, a feição deste livro que escrevo
 Neste ambiente de silencio e de somno,
 Nesta indolencia de quem convalesce.

Meu livro é um jardim na doçura do Outomno
 E que a sombra amacia
 Do carinho e do affago
 Da luz serena do final do dia;
 E' um velho jardim dolente o triste
 Com um velho local de silencio e de somno
 Já sem luz de verão que o doir e tisne,
 Mas ondo ainda existe
 O orguiho de um cysno
 E a agua triste de um lago.

São estrophes sublimes que dão bem idea do livro — um calmo jardim na doçura do Outomno... Faz-nos evocar cousas idas e sentidas; velhas gravuras que nos mostraram em creança e cuja impressão nos ficou na memoria; fantasias de Dulac, pintadas em marfim, na luz de uma noite suave, illustradoras de velhas lendas, de velhos sonhos...

Mario Pederneiras foi um dos Poetas mais sinceros que eu conheci. Cada livro seu, representa uma phase de sua vida, uma tristeza de seu coração. *Agonia* e *Rondas Nocturnas*, seus primeiros livros, representam bem a bohemia despreocupada dos primeiros tempos em que Mario Pederneiras com Lima Campos e Gonzaga Duque, formaram incontestavelmente a companhia mais artistica da epoca.

Nestes dois livros, Mario é o Poeta que não tem receio de empregar um termo novo que a fantasia lhe dictava; é o artista que não mede os versos sinão pelo que lhe ensina a visão esthetica; é o Poeta que tem uma emoção nova e toda sua e que não repete o que já foi dito por outros. *Agonia* e *Rondas Nocturnas*, são no entanto dois livros, onde o talento poetico de Mario Pederneiras surgiu limpido como um dia claro.

O Poeta sempre falava do tempo em que os escrevera, com palavras cheias de saudade, com a emoção que sempre o dominava a se recordar do passado.

Foram livros de uma epoca feliz, em que a vida do rapaz artista, não tinha outro sentimento que não o de sua Arte e o seu espirito não tinha outro pensamento que não o de fazer vibrar em seus versos, toda a emoção que a Belleza lhe dava, ou a sua fantasia original lhe fazia crear. Hoje estes dois livros são quasi desconhecidos e o esquecimento já lançou sobre elles o seu doloroso manto... Mas isso é natural: o esquecimento é o mais commum dos sentimentos humanos...

Depois de *Agonia* e *Rondas Nocturnas*, Mario Pederneiras publicou um livro que deve ser tratado religiosamente, como um relicario; é um livro onde tudo é bom, suave e triste e que transporta nossa alma a um encanto mystico que tanto tem de divino quanto de humano.

Refiro-me ás *Historias do meu casal*. E' este o livro do contraste, da Felicidade e da Dôr. Tem duas partes: na pri-



meira, *No valle da ventura*, descreve o Poeta o tempo mais feliz de sua vida e ella nos commove meigamente. E' a linda canção de ventura, de sua vida de casal, de sua vida simples numa velha morada á sombra de arvores amigas, entre os filhos e com o mar em frente...

Abre-a, *Meu casal*, soneto bello e perfeito:

Fica distante da cidade e em frente
A' remansosa paz de uma enseada,
Esta dos meus romantica morada,
Que olha de cheio para o Sol nascente.

Arvores dão-lhe a sombra desejada
Pela calma feição de minha gente,
E ella toda se ajusta ao tom dolente
Das cantigas que o Mar lhe chora á entrada.

Lá dentro o teu olhar de calmos brilhos,
Todo o meu bem e todo o meu empenho
E a sonora alegria de meus filhos.

Outros que tenham com mais luxo o lar,
Que a mim me basta, Flôr, o que aqui tenho
Arvores, filhos, teu amor e o mar.

Escrepta esta parte, duas filhas lhe morreram, a vida lhe tinha mudado, e *No paiz da saudade* é a segunda parte deste livro, doloroso como um soluço, inconsolado como uma saudade, maravilhoso no seu desconforto:

Que esta suprema dôr que minh'alma envelhece,
Que tanto me acabrunha e tanto desalenta,
Que repelle a Illusão, como o Sonho afugenta,
Que não cede ao Clamor, como não cede á Prece;

Que esta Suprema Dôr que me prende e accorrenta
A' magua de esperar o que nunca apparece,
Que se entranha na Vida e se alarga e que cresce
E de encontro á Alegria, em lagrymas rebenta;

Seja o meu calmo abrigo, o meu sereno Asylo
Onde minh'alma vá toda branca e alquebrada,
Pedir Pouzo e Paz para um viver tranquillo.

E que exsurja da Terra em que agora ando immerso,
 Para eterna viver aqui — marmorizada —
 Na tristeza immortal da Lagryma e do Verso.

Em 1912 publicou um novo livro: *Ao léo do sonho e á mercê da vida*. Por esta ocasião parece que o Poeta deixava a vida seguir o seu rumo, ao abandono, ao acaso.

E' ainda um livro de saudade, saudade do tempo que passara, saudade dos filhos que morreram....

E' a desillusão que fala pela alma do Poeta:

Eras apenas uma Phantasia
 Meu lindo sonho de Felleidade

E' neste livro que se encontra um dos mais bellos sonetos de Mario Pederneiras, o Suave caminho:

Assim... Ambos assim, no mesmo passo,
 Iremos percorrendo a mesma estrada;
 Tu — no meu braço tremula amparada,
 Eu — amparado no teu lindo braço,

Ligados neste arrimo, embora escasso,
 Veneeremos as urzes da jornada...
 E tu — te sentirás menos cansada
 E eu — menos sentirei o meu cansaço.

E assim, ligados pelos bens supremos,
 Que para mim o teu carinho trouxe,
 Placidamente pela Vida iremos,

Calcando maguas, afastando espinhos,
 Como se a escarpa dessa Vida fosse
 O mais suave de todos os caminhos.

Mario Pederneiras na sua feição triste, foi um Poeta cuja tristeza foi sempre conformada, sem uma revolta contra o destino, sem uma palavra aspera, sem um gesto brusco, sem um grito! Foi um suave....

Tudo o que até agora se tem lido nestas ligeiras notas, é apenas para mostrar que Mario Pederneiras só escrevia o que sentia. E sua sensibilidade foi sempre muito humana

embora a emoção se traduzisse sempre numa phantasia nu-
blada e triste.

Certa vez em Lucerne, no Outomno de 1868, Richard Wagner disse a Villiers de L'Isle-Adam: — "*Mon art e'est ma prière: et croyez-moi, nul véritable artiste ne ehante que ce qu'il croit, ne parle que de ce qu'il aime, n'écrit que ce qu'il pense; car ceux-là qui mentent, se trahissent en leur oeuvre dès lors stérile et de peu de valeur, nul ne pouvant accomplir oeuvre d'Art-véritable sans désintéressement, sans sincérité.*"

A sinceridade é tudo em Arte, repito. E Mario Pederneiras, quando não fazia viver ou soffrer em versos preciosos a propria ventura ou desventura, a alegria dos filhos, a casa dos paes, a sombra do jardim, tudo emfim, que lhe era a vida, o encanto, inspirava-se no que era simples e calmo como os jardins publicos, as arvores da rua, as cigarras, o garoto, as ceáras, os campos...

Foi um Poeta simples e em toda a sua obra, não encontramos um só motivo que nos arrepie os nervos, que nos impressione mal. Foi suave a que publicou e suave é ainda o livro que deixou inedito.

Quiz o destino que eu o tivesse entre as mãos. Dizer o que elle é, não é difficil. Como os outros livros do Poeta reflecte o momento em que foi escripto.

Para quem conheceu Mario nos ultimos tempos da vida, é este seu livro mais triste. Elle sabia que era o seu ultimo livro. Era o *Canto do Cysne* como elle o chamava... *Outomno* é um mixto de saudade, soffrimento, esperança, a trindade sentimental que nos acompanha sempre...

Embora quasi todos os seus versos tenham sido compostos numa phase aguda da molestia que o matou, ha nelles uma certa despreocupação de espirito, anceios de vida e até um pouco de ambição...

Ao amor que foi um dos motivos de inspiração, que a alma de Mario Pederneiras sempre tratou muito de leve e delicadamente, é consagrada uma pagina de uma emotividade sublime.

Eis alguns versos:

Teu olhar é tão manso,
 Tão de ardências febris, desprevenido e leigo,
 Tão suave, tão bom, tão cheio de descanso;
 Tão sereno é teu beijo,
 Tão leve, tão subtil o teu proprio desejo;
 Tudo
 Em ti é tão meigo:
 Sentimentos e Carne, Olhar, Voz e Carinhos,
 Que muita vez sentindo,
 Junto de mim, o teu aspécto lindo,
 Que meu amor intenso,
 Indomito, açulado, espera e esprelta,
 Penso
 Que tu, Querida, tu és toda feita
 De arminhos
 E velludo,

.....

 Um lago,
 Sem rythmos agitados,
 De agua de brilho de aço,
 Clara, fresca, parada,
 Sob a seda de um Céu, á noite, em pleno Outomno;
 Um recanto de terra esteril, isolada,
 Cheia de suggestões, de socego e de somno.
 De distancia e de espaço,
 Não tem a penugem do afago,
 Deste afago normal dos teus olhos dourados.

.....

 Quanto mais para a terra o teu amor dirijo,
 Quero-o mais humano,
 E exijo
 Que dessedentes meu desejo humano
 Em caricias mais fortes e mais francas
 E te imploro
 O sabor aromal do teu beijo sonoro,
 Não me ficam nos labios
 Acidulos resabios
 Da ancia sensual de onde a Volupia espouca...

Só me fica na bocca
 A macia impressão de que beijo azas brancas...

São lindos na sua simplicidade, estes versos de amor sincero e suave, como todos os versos de amor que Mario escreveu.

Difficil é fazer versos de amor, sem cahir na banalidade de um namorico alambicado ou na vulgaridade de um sensualismo quasi sempre brutal.

O amor como inspiração poetica, sendo fertilissimo em motivos variados, é ingrato pela sua vulgaridade, e difficil pela sua delicadeza. Os versos de amor que Mario Pederneiras escreveu, são todos bem diferentes do que commumente se tem escripto, com notada predilecção, na poesia indigena: são simples sem serem banaes, e originaes sem serem escandalosos.

No conjuncto de sentimentos que formam a alma de puro artista de Mario Pederneiras e no estylo e maneira de versejar que fizeram o seu verso tão delicado e suggestivo, conseguiu o Poeta realisar a maxima simplicidade na arte de fazer versos, tão bem proclamada por Jean Dolent: *Dire les choses sans faire peiner-les mots.*

E essa simplicidade em dizer a sua emoção, attingida nos ultimos livros de Mario Pederneiras, é mais um reflexo da sinceridade de sua arte.

Nos seus primeiros livros, a originalidade da inspiração, o rebuscado do verso, a exquesitice da emoção, eram naturaes e sinceras, pela idade do Poeta, pelo entusiasmo de quem principia, pela anciedade de quem quer crear qualquer cousa de *novo*. Mais tarde, com o andar do tempo, com o avanço da idade, o espirito aristocratisou o pensamento, seleccionou as emoções, simplificou o phrasear. D'ahi, esta simplicidade encantadora dos seus ultimos versos.

E por essa razão não me contenho no desejo de transcrever mais alguns versos ineditos de Mario. *Alegria em surdina* pertence ao livro *Outomno*:

Abro a janella,
A saudosa janella do meu quarto...
Por ella
E' que me vem a Vida lá de fóra
E, manso e farto
Entra, de Maio, o Sol que não abrasa,

Parei no meio da descida
E agora
Torno de novo á minha Casa,
Volto a viver a minha Vida.
E meu olhar distraio
Revendo tudo que eu aqui deixára;

A mesma sinto a luz serena e clara,
O mesmo azul e do mesmo velludo,
O verde vegetal e o macio da aragem,
E no Mar e no Céu e na propria paisagem,
A suave impressão que deixa em tudo
A Alma biblica de Maio.

Maio passou na gloria plena
Do sol macio e pouco denso...
Passou... entre balladas de novena
E nuvens biblicas de incenso

Nos olhos trago
Uns somnambulos restos de cansaço
E de exigencias phisicas de somno,
Por isto, é que melhor eu sinto o affago
Que erra
No côr, no ar, na luz macia,
E abre no espaço
A aza de arminho da melancolia,
Ah! Como é bom convalescer no Outomno,
Quando parece
Que, como nós, tambem a Terra
Convalesce.

Revejo os meus e Tu, que és minha;
Volto de novo ao pequenino mundo
Onde da vida os bens concentro,
E outra vez sinto cá dentro,
Mais calmo, mais profundo,
Mais na minh'alma,
O longo beneficio desta calma
De que o Outomno toda a Vida arminha.

Lá fóra
Anda um Sol que mais abraza
Do que esse que encontrei no meio da descida.

E só agora
Torno de novo á minha Casa
Volto a viver a minha vida.

Para que continuar? Os que leram estas notas certamente guardarão na memoria, apenas os lindos versos de Mario Pederneiras e não os meus pallidos commentarios. E este será o meu maior prazer. Proclamar mais uma vez o talento peregrino de Mario Pederneiras foi o meu unico intento. Agradeço a mim mesmo esta intenção. E' preciso pois que os Poetas novos desta linda terra, tão cheia de azul e sol, leiam sempre os versos de Mario Pederneiras, Poeta que só foi triste porque a vida o quiz.

E' preciso ler e não esquecer, para desmentir o que foi dito, de que o esquecimento é o mais commum dos sentimentos humanos....

E para isso é preciso trazer sempre na memoria, as palavras sabias de Remy de Gourmont: *L'important est de n'avoir vides ni le coeur ni la tête....*

RODRIGO OCTAVIO FILHO.



A CONCEPÇÃO FEDERAL DE ALBERTO TORRES

Pensava com razão Balzac que numa obra de arte o essencial não era a photographia da realidade, senão que, abandonando-se embora, e até mesmo infringindo-se a perfeição do modelo, ficassem comtudo na obra algumas linhas ou traços geraes com tal genialidade de extravagancia que só por ellas sentisse o observador, a emoção da realidade coplada, com mais vida e mais belleza do que no proprio modelo original. Eis um conceito de applicação rigorosa a todo o trabalho intellectual onde pretenda alguém reviver em palavras a vida em suas multiplas manifestações, desde as mais simples e vulgares até a caricatura duma grande individualidade. Quem estuda um pensador como Alberto Torres cuja acção se fez sentir no livro, na imprensa e na tribuna, como visionario do seu paiz sob o aspecto politico, administrativo e social e finalmente como evangelista da paz, não consegue traçar-lhe o perfil, senão apenas dividi-lo em varios outros menores correspondentes ás multiplas modalidades por que já se manifestára. Quizesse alguém traçar-lhe a caricatura sem perder um só dos seus aspectos e, ou sahirla a obra enfadonha e desconnixa ou então um resumo em que detalhes de primeira ordem fossem sacrificados, salvando-se apenas uma synthese onde uma unica linha ideal sobresahisse — a centelha do caricaturado.

Alberto Torres, pioneiro da revisão constitucional é o melhor aspecto sob que se o pode apreclar, porque todas as suas obras, excepto as referentes ao pacifismo, tendem accentuadamente a abrir o caminho das reformas politicas. Dizia-nos elle numa das nossas ultimas palestras, e suas palavras tem incontestavelmente uma grande actualidade, que a constituição havia de ser a pelle do nosso corpo social. Ella não poderia ser uma roupagem de encomenda, nem mesmo uma bem acabada roupagem, senão uma pelle que se adaptasse com segurança e perfeição a um corpo anteriormente conhecido; dahi a sequen-



A DIRECTORIA DE MAPPIN
STORES DESEJA AGRADE-
CER AOS EXMOS. FREGUE-
ZES A PREFERENCIA QUE
POR ELLE DEMONSTRARAM
DURANTE O ANNO EXPI-
RANTE E APROVEITA O EN-
SEJO PARA DESEJAR-LHES
UM NOVO ANNO DE VENTU-
RAS E FELICIDADES.

MAPPIN STORES.

A Directoria.

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO DO N. 23 (Novembro): — Carlos Peixoto Filho, por **Mario de Alencar**, da Academia Brasileira; Psychologia das revoluções meridionaes, por **F. J. de Oliveira Vianna**; Palção e gloria de Castro Alves, por **Afraão Peixoto**, da Academia Brasileira; Padre José Mauricio, por **Julia Lopes de Almeida**; Poesias, por **Guilherme de Almeida**; Sobre a jornada republicana de 1817, por **Assis Chateaubriand**; Vocabulario analogico, por **Firmão Costa**; A "Carné", de Julio Ribeiro, por **Alfredo Pujol**, da Academia Brasileira; Brasil escreve-se com **m**, por **Assis Brasil**; A idéa de Justiça, por **Pedro Lessa**, da Academia Brasileira; O Culto do passado e o centenário da Independência, por **Adolpho Pinto**; O fundador da Republica, por **Paulo Pestana**; A Bandeira do Brasil, por **Eseragnole Dorla**; Alcoollismo, opilação e impaludismo, por **Belsario Penna**; Bibliographia, Movimento Artistico, Notas de sciencia, Revistas e Jornaes, Variedades. As caricaturas do mez, e varias illustrações fóra do texto.

SUMMARIO DO N.º 22 (Outubro) — Souza Bandeira, por **Mario de Alencar**, da Academia Brasileira; A Independência do Brasil, conferencias, por **Armando Prado** e **Amadeu Amaral**; A morte do Sacy, conto, por **Sergio Espinola**; O "Salão" de 1917, com oito illustrações, por **Monteiro Lobato**; Livros..., por **Medeiros e Albuquerque**, da Academia Brasileira; Alguns novos do Rio Grande do Sul, por **Homero Prates**; Vjda ociosa, romance, por **Godofredo Rangel**; A defesa nacional, por **Assis Brasil**; Dols sabios hollandezes no Brasil, por **Julliano Moreira**; O saneamento do interior do paiz, por **A. Amaral**; O movimento nacionalista, por **Mathcus de Albuquerque**; A philosophia no Brasil, por **João Ribeiro**; O Norte literario, por **Xavier Marques**; Notas de sciencia; Bibliographia; Movimento artistico; Revistas e jornaes; As caricaturas do mez; etc.

A nossa collaboração

No proximo numero iniciaremos a publicação de interessantissimos documentos

DO ARCHIVO DE JOSE' DE ALENCAR

(Cartas de Lamartine, Octaviano, Bocayuva, Gonçalves Dias, Castro Alves, J. Serra, L. Guimarães Junior, etc., etc.)

OUTROS TRABALHOS DE:

Alberto de Oliveira
Oliveira Lima
Medeiros e Albuquerque
Mario de Alencar
Olavo Bilac
Magalhães de Azeredo
Rodrigo Octavio
Pedro Lessa, e outros.



cia das suas duas obras: Problema nacional e Organização nacional. No programma revisionista observa-se logo a evidente superioridade do seu espirito. Enquanto no alto meio politico do Brasil as tendencias não passam da federação e centralização, parlamentarismo e presidencialismo, Alberto Torres sabe altaneiro deste ambiente de polemias sem brilho onde o estreito doutrinarianismo constitucional é apenas um ridiculo disfaree das divergencias politicas de logarejos, e até mesmo de ehauginismo academleo, e vae estudar a nação para depois lançar as bases da futura reforma.

Dentre as grandes difficuldades em que sempre temos esbarrado no caminho do problema constitucional, a maior é a que deriva da mais absoluta carencia de dados relativos ao nosso feito social e do apego ainda vigoroso á concepção academico-romanesca da politica. Ainda não temos um historiador dos nossos costumes, e muito menos um philosopho que os haja observado com paciencia afim de nos traçar o perfil social. Além disso, ou talvez por isso mesmo estudamos direito publico por tal forma que os planos constitucionaes tornam-se apenas a applicação philosophica do mesmo direito a uma sociedade que o não comporta. Tudo isto allás é aggravado pelo nosso temperamento romanesco: não apreciamos uma constituição, sem uma constituinte agitada e encandeida por discursos elaborados por imaginações adrede temperadas pela leitura das Hugonanas e pela audição da Marselhesa. Um exemplo basta para provar a verdade do que affirmamos. Reunia-se o povo do Rio de Janeiro no dia 21 de Abril de 1821 e, em assembléa deliberava mandar uma mensagem ao Príncipe Regente impondo-lhe o juramento da constituição de Hespanha e outra insinuando-lhe nomes de futuros ministros. Tendo alguem na assembléa observado que pela Carta Hespanhola não podia o povo escolher ministros, nem por isso foi attendida a observação, todavia, jurada a carta a assembléa que se havia reunido em attitude revolucionaria foi, após muita insolencia dissolvida a bayoneta. Este exemplo referido por Warnhagen na Historia da Independencia resume tudo o que achna expunhamos: irreflexão de quem quer ver jurada uma carta desconhecida, enthusiasmo academico por uma novidade em direito publico e enfim a agitação revolucionaria bém aquecida pela literatura e pela musica de 1789.

A individualidade politica de Alberto Torres marca pois uma era nova. Si por ventura não estudou, com a profundeza que seria para desejar, o nosso meio social, comtudo foi, que saibamos, o primeiro que, antes de pensar na revisão, pensou no ambiente social, começando pelo desenho do organismo e finalmente pelo traçado da sua vestimenta ou pelle. Si erros de ponto de vista são quigá encontrados no estudo do Brasil social, por seu turno a originalidade no modo de encarar o problema da revisão é o mais bello e util dos esforços feitos nesta materia e, ainda mais, é obra sua. Sob tal aspecto ca-

bem-lhe as honras e homenagens de verdadeiro triumphador, pois se não poderá negar que a novidade na applicação do methodo ao Brasil foi victoria ganha com independencia, com talento e com coragem.

Elle é antes de tudo um revisionista que conhecendo perfeitamente toda a theoria do direito publico, abre mão da sua competencia juridica e pretende eriar um programma que tendendo ora para a federação ora para o unitarismo não pertence rigorosamente a nenhum desses regimens mas cabe comtudo ao Brasil.

O artigo 6.º, moia central do federalismo, sem eujas attribuições só é possível a confederação, merece-lhe o maior cuidado.

Desde muito tivemos noticia que era pensamento intimo do saudoso Prudente de Moraes, a regulamentação do referido artigo. Pena é que se não saiba com certeza, a bem da historia politica, até onde teria por ventura influido na cooparticipação da Ideia do Presidente de então, a intlimidade quicá acentuada do seu Ministro do Interior!

Os bastidores da historia politica da Republica ainda constam de **dizem e parece**, assim pois não sabemos affirmar, todavia acreditamos estar certos de que tal ideia recebera de Campos Sales uma contradita em termos que significavam dizer que qualquer reforma no artigo 6.º seria uma punhalada no coração da Republica. Ou a phrase produzia o effeito desejado, ou a crise economica desviou a attenção do país para além da reforma constitucional. Agora porém, é Alberto Torres que, vendo, como fundamento essenelial daquelle artigo, a attribuição de patriótica tutela do governo federal sobre os estados, pretende alargal-o instituindo paragraphos referentes á manutenção da eitura patria e dos futuros principios constitucionaes. Segundo pensa, semelhantes itens devem ter um sentido tão lato que a União possa intervir não só como agora o faz, sinão ainda para derribar nos estados toda e quaiquer novidade contraria ás intimas tendencias da carta constitucional futura. Em summa, a intelligeneia dada ao referido artigo, longe de ser apenas a de uma attribuição do federalismo tornar-se-ha tambem patriótica e nacional, ou por outra, uma tutela e um zelo permanente sobre os estados onde os principios geraes da cultura patria ameacem perigar.

Em face do federalismo, ou os Estados se ligam por um tratado, como na America do Norte, ou este se subentende, como no Brasil, mas num e noutro exemplo a attribuição de intervir é um assumpto de tal relevancia que são medidas as paavras com que se exprime o direito de intervenção.

Sem tal prerogativa não ha verdadeiramente federalismo, nem tampouco pode o mesmo em rigor existir, si a sua algada é por demais ampla. Para isso e por isso é que, no direito federal americano, o congresso ou o presidente intervem quando o julga acertado, mas, si por ventura chega á suprema côrte um recurso sobre o caso, esta pode, querendo, exercer a sua prerogativa fiscalizadora para decla-

rar si houve ou não uma intervenção legal, sem afastamento das garantias implícitas ou explícitas da constituição referentes áquelle direito.

Alberto Torres porem, abre mão de todo o doutrinariismo scientifico e insinua-nos um projecto de reforma do artigo 6.º, mais viavel e mais patriótico.

E' principio basico do regimen federativo que o que não é conferido á União ou negado aos Estados pertence-lhes sempre; todavia opposto é o systema pseudo federal do Canadá onde o que se não cede a esses nem se nega áquelle cabe-lhe á ultima indubitavelmente.

Comtudo Alberto Torres rebella-se logo corajosamente contra o primeiro dos regimens que allás é o nosso, e onde ficam os Estados acima da nação, pois a seu ver a ultima é que deve apparecer em primeiro lugar. A ideia que deve sobresahir, pensa o jurista, não é que são os estados os autores da unidade como se dá em nossa lei magna, muito de accordo com a doutrina juridica verdadeira, mas que a União é quem gera os estados.

Parece não ser nada esta simples ideia sem entrada nos textos constitucionaes, não obstante é tudo como regra de interpretação futura e como pensamento dominante numa assembleia constituinte. A tal respeito ha em sua obra detalhes originalissimos: insiste em substituir a palavra — Estado — pela expressão — Provincia autonoma — e o titulo de — Republica dos Estados do Brasil — pelo de — Republica Federativa do Brasil.

Continuando, sob a influencia da mesma ideia dominante, propõe uma reforma ao artigo 4.º por onde caberá ao Congresso federal a iniciativa e autoridade para dividir ou reunir em uma só varias provincias autonomas e até mesmo para cassar-lhes a autonomia. Assim pois será visceralmente revogado o artigo vigente segundo o qual semelhantes operações politicas não vão até cassar esse direito e o congresso age apenas como ratificador ou referendarlo das assembleias loaes.

E' preciso incontestavelmente ter coragem para propôr semelhante reforma num meio politico em que a autonomia é o remedio aconselhado a todas as crises soclaes, mas não duvida que é ainda necessario conhecer muito bem o Brasil com todos os seus contrastes para ver essa verdade, clara como a luz meridiana.

O artigo 65 da Constituição vigente estatue que é facultado aos Estados — em geral todo e qualquer poder ou direito que lhes não fôr negado por clausula expressa ou implicitamente contida em clausulas expressas da constituição. Alberto Torres porém, aconselho que se acrescesente á expressão — clausulas expressas — outras — ou decorrentes do regimen republicano federativo, das instituições creadas pela constituição e de seu fim, objecto e meio de acção.

Afigura-se-nos immediatamente que a expressão — decorrentes do regimen republicano federativo — eria, para as provincias autonomas projectadas, o papel do Estado federal americano, mas uma tal intelligencia não é por fórma alguma cabivel porque o enunciado — regimen republicano federativo, — longe de se referir ao regimen doutrinarlo, relaciona-se apenas com o que se projecta, bem diverso allás do verdadeiro. Além disto, quando não bastasse a explicação dada, seria sufficiente a leitura do final do artigo em projecto onde á phrase alludida se seguem outras locuções interpretativas quaes sejam: — instituições criadas pela Constituição, e de seu fim, objecto e meio de acção. De maneira que enquanto pelo federalismo pertence aos Estados tudo o que não lhes é negado por clausulas expressas da Constituição, e pelo pseudo-federalismo do Canadá á União cabe todo e qualquer direito que lhe não fôr prohibido por clausula da mesma natureza, segundo o federalismo projectado para o Brasil, o regimen se approxima do primeiro em relação á sua essencia e se afasta de ambos no que diz respeito á fórma. Fica de pé, segundo o plano revisionista de Alberto Torres, o principio de caber ás provincias tudo o que lhes não fôr prohibido, mas na fórmula desta prohibição é que o revisionismo é radical. Não se faz questão, como no regimen vigente, de negar um direito aos Estados apenas mediante clausulas expressas ou principio implicitamente contido nas mesmas clausulas, mas alrda de que tal prohibição venha a resultar da analyse do espirito da lei com todas as suas tendencias e principios apparentemente occultos, apesar de evidentes. Em summa, o que agora é negado aos Estados por clausulas expressas ou principios nellas implicitamente contidos, sel-o-ha tambem por clausulas implicitas da carta constitucional; em outros termos, a interpretação dos casos em que um dado direito esteja fóra da alçada das provincias não se poderá fazer tão sómente á luz da sciencia juridica, mas acima de tudo, pela nova concepção dos fins e necessidades sociaes e politicas expressas na futura lei constitucional.

Quem lê pois a reforma proposta ao artigo 65 § 2 com a nova intelligencia que se lhe dá, mais nacional do que juridica, difficilmente contém um movimento de sincera e espontanea sympathia ante a nova manelra de apreclar o regimen federativo onde ha sobretudo muita coherencia com a idéa dominante de fazer dos Estados actuaes um accessorio politico em face do essencial, a nação.

Além da intelligencia intelramente nova, impressa ao artigo 65 § 2, ha na obra de Alberto Torres outras reformas de menor importancia pelas quaes não podemos passar sem referencias; nestes casos está por exemplo uma innovação proposta ao actual artigo 7.

Qualquer iniciado em direito publico sabe que, em systemas verdadeiramente federativos, cedem-se á União todas as prerogativas necessarias á manutenção da unidade politica e social. Ora, se esta

unidade não tem a importância visceral dos regimens centralizados é comtudo bem notavel e significa que a federação é uma aliança assignada entre Estados de vida interna propria que não obstante, alimentam a consciencia dum mesmo destino social e politico, em face das outras nações, em face da historia e de si proprios.

Vem de longe a campanha contra o imposto de exportação que tanto ha tollido a actividade do produtor. Cada Estado lança o imposto de exportação que lhe apraz, dahi a anarquia no ramo de maior interesse do systema tributario, porquanto é pela exportação que são que vem o ouro para o paiz. De fórma que no meio de encaminhar o ouro para a nossa casa não ha uniformidade de acção e muito menos um ponto de vista patriótico. Cada governo estadual necessitado de dinheiro para as suas despesas, lança maiores impostos, entre outros, sobre a exportação, mas disto resulta sempre o augmento do papel no thesouro publico difficultando a entrada do metal em todo o paiz. Outro inconveniente ainda provém da falta de uniformidade do mesmo imposto e este é o progresso da exportação num Estado em desharmonia com o regresso em outro, ou antes, a instabilidade do commercio do ouro que se encaminha ora para um, ora para outro ponto do territorio nacional. Pela reforma ideada por Alberto Torres todos esses inconvenientes, inclusive o de facilitar o artigo 7 os impostos interestaduais, desaparecem ante a transferencia para a União da faculdade de lançar impostos sobre a exportação para o estrangeiro.

Haverá incontestavelmente uma grande diminuição da renda das futuras províncias, o prejuizo porém, é inteiramente compensado pela passagem ás mesmas aconselhada do imposto de consumo, mais apropriado como campo de tributação local.

A concepção federal de Alberto Torres é antes de mais nada uma idéa profundamente patriótica, como se verá aliás no desenvolvimento do seu nacionalismo.

Chelo de estremeceito zelo pela nação brasileira procura evitar que ella venha a ser, com a affluencia do ouro estrangeiro, uma especie de feitoria colonial de banqueiros americanos e europeus que procurem esgotar as nossas riquezas trocadas depois por um ouro que para aquil não volta. Assim aconsella a nacionalisação de todas as estradas de ferro e outras quaesquer empresas relativas ao transporte maritimo ou fluvial, bem como de toda e qualquer industria exploradora de negocios de interesse vital para o paiz. E' seu pensamento não consentir a nenhuma companhia ou syndicato funcionar na industria ou commercio brasileiros sem no mesmo tempo sede no territorio nacional, ou, no pessoal e na administração, brasileiros e estrangeiros residentes e domiciliados no Brasil. Não bastando ainda tal imposição, aconsella a segurar, que nenhum estrangeiro, sem do-



micílio ou residencia entre nós, possa ser dono de bens de ralz ou explorar negocios ou empresas no territorio nacional.

Não ha duvida que parecemos caminhar, dada a affluencia do capital estrangeiro, para uma especie de feitoria colonial em que os donos de empresas que nella não residem, possuem comtudo fabricas e minas onde é explorada uma riqueza que no palz não fica senão em porcentagem relativamente insignificante. Esta é a dura verdade, todavia devemos refletir sobre os prós e os contras desta logica apresada. Se a hypothese acima não soffre contestação, por outro lado devemos convir em que o dono de empresas situadas no Brasil gasta em seu território, antes de qualquer lucro, um capital que vae circular entre brasileiros e valorisar a moeda nacional porquanto o papel com que se fizeram as primeiras despesas foi sempre trocado por ouro entrado no palz. Além disso ha no Brasil riquezas cuja exploração dá um lucro tão certo como infallivel é o phantastico da despesa antes de qualquer fruto. O caso por exemplo do manganez e do ferro cujo transporte sóbe a um preço de desanhar, não pôde ser resolvido ligemente pelo barateamento dos fretes porque as estradas, á vista das distancias e accidentes topographicos, vencidos, carecem naturalmente dum juro compensador; dahl pois conclulr-se que um negocio desta natureza só dará lucro certo e invejavel a um syndicato que possua ao mesmo tempo a mlua e a estrada de ferro.

Posta a questão nestes termos, resta saber o que é preferivel, se continuarmos pobres no meio da abastança, ou enriquecermos sem delzar comtudo de o permittir em proporção tres ou quatro vezes maior ao capitalista estrangeiro que leva o ouro para a patria.

E' possivel que o millionario industrial se sujeite ás prescrições legais aconselhadas, mas, se o contrario se der, havemos de nos resignar a viver pobres em meio de riquezas inexploradas.

Seja porém, como fôr, a proposta de Alberto Torres merece muita reflexão e deve até ser experimentada com cuidadosas adaptações.

Em sen nacionalismo ha dois aspectos brilhantes: o talento do detalhe e a coherencia philosophica. Todos nós brasileiros temos o presentimento instinctivo das nossas necessidades e dos nossos perigos, e esta qualidade que é, em ultima analyse, um dos mais significativos caracteres da raça, varia na razão inversa da capacidade de detalhar os meios de acção para conjurar o mal; e quando por acaso surgem os meios, é de improviso, por fôrma tosca e defeituosa apesar do heroismo de que sempre se revestem.

As nossas guerras por exemplo são sempre esperadas pela opinião nacional com uma segurança quasi prophetica, mas nem por isso tomam-se as precauções necessarias, de maneira que quando surge o perigo, surge tambem de improviso o remedio, tosco e deficiente, mas em todo o easo heroico.



Alberto Torres destaca-se dos seus contemporaneos por isso que, anteveendo como a maioria dos brasileiros, o assalto ao nosso nacionalismo, insinua logo o remedio com todos os detalhes necessarios.

Ha além disso, no projecto revisionista uma admiravel coherencia juridico-philosophica com o systema federativo Ideado que é de véras para apreciar num trabalho de tamanha complexidade. Caracterisando-se o federalismo de Alberto Torres pela Idéa dominante de ceder ás provincias todos os melos de progredir, sem não obstante deixar de estabelecer sobre ellas a hegemonia moral e politica da União, devemos convir que as leis nacionalisadoras por elle insinuadas são consequenelas immediatas desta Idéa central, pois ha nellás providenencias que difficultam, em nome da nossa unidade patria, a desnacionalisação de certos Estados, bem começada ante a cumplicidade lamentavel de alguns cabos electoraes.

Agora pois que havemos abandonado a analyse da sua obra no que diz respeito aos Estados ou provincias, como as denomina, somos insensivelmente levados a notar uma particularidade para nós da maior importancia: referimo-nos aos governadores das futuras circumscripções provinciaes que Alberto Torres consente sejam escolhidos como o determinarem as suas leis.

Para nós a electividade do governador de Estado é o maior flagello que já tem cahido sobre a politica brasileira pois como este, só conheciamos outro, felizmente já meio arredado — o suffragio universal.

Permittir a Estados na quasi sua maioria, sem ambiente, que allás só existe no conjuncto da nação é o mesmo que decretar o progresso e a cultura.

Não nos importaria, se outra houvesse sido a solução revisionista, a incoherencia entre o federalismo e a não electividade do governador da futura provincia imposta pela Constituição federal, pois só deverá preoccupar o espirito dos nossos estadistas, a escolha dum regimen que nos sirva.

O federalismo no Brasil tem apenas, como lado sympathico e razoavel, a divisão do trabalho administrativo, difficil quando é enfeixado em mãos do governo central e faeil quando transferido ás autoridades locais; todavia um tal principio não é absolutamente sacrificado, sendo outro o processo de escolha do governador.

Salvo em dois ou tres Estados actuaes, o governador, uma vez eleito, cuida immediatamente em organisar um partido do qual seja elle o "cacique môr", e, quando não o faz por lhe convir o que já encontra organizado, continua na obra do seu fortalecimento. A primeira victima é a magistratura, a segunda, diga-se á puridade, é o Thesouro. O magistrado altivo e incapaz de arranjos politicos, se não tem bons padrinhos e além disso muita sorte, deixa de ser recompensado nas promoções, quando não é perseguido; além disso criam-se

novos empregos publicos exclusivamente para cabos eleitoraes da confiança do partido. Em poucas palavras, enforca-se a justiça e sangra-se o Thesouro. Ainda não vimos o mal em toda a enormidade porque ainda não meditamos naquella grande verdade pronunçada por um juiz americano illustre que dizia: elejem-se representantes, nomeiam-se administradores.

Si um governador nomeado por autoridade federal, leva compromissos partidarios, não tem estes nunca a multiplicidade nem a intensidade dos que pesam sobre um magistrado que por acaso foi eleito; além disso, sabendo que não pôde com o eleitorado local influir directamente na escolha do successor, tem por isso mesmo menos necessidade de sacrificar a magistratura e o Thesouro. Escolhamos pois o menor dos males que em politica é a regra mais certa e a unica possível.

Um outro aspecto sob que se deve apreclar a escolha do governador, é o que diz respeito á importancia intrinseca do cargo: porque razão se ha de nomear um ministro plenipotenciario ou do Supremo Tribunal, sobre cujos hombros pesam as mais graves responsabilidades, e se ha de confiar á alma apalxonada dos cabos eleitoraes a escolha dum governador de Estado?

Ha medidas de caracter nacional que não podem ser tomadas sem um profundo golpe na influencia das facções politicas locais, mas é ao mesmo tempo imogavel que semelhantes providencias afiguraram-se impossiveis ante a electividade do governador.

O argumento da Constituição federal norte-americana não tem aquil logar, porque nos Estados Unidos onde a federação se conheceu pela primeira vez, não era possível a União sem que os Estados até então reunidos "sub conditione", isto é, confederados, aceitassem todas as clausulas da Constituição "ad referendum".

Sabemos nós do esforço dispendido por aquelle jornalista de verdadeiro genio que se chamou Hamilton e pelos seus illustres auxiliares, affin de verem aceita a Constituição federal pelo Congresso de Nova York. Comprehende-se que naquellas condições, houvesse a constituinte tido o maximo cuidado em deixar em mãos dos poderes federaes apenas as prerogativas indispensaveis a perpetuar a unidade da patria, deixando aos Estados todos os outros poderes. Mas aqui no Brasil semelhantes attitudes foram méras ficções, subentenderam-se apenas, de maneira que não havia em 1889, nem ha ainda hoje, difficuldade de ordem pratica em impôr-se a nomeação do governador. Na America do Norte ia-se pedir aos Estados que aceitassem a União, o que quer dizer que nas suas clausulas estavam apenas as imposições imprescindiveis, lá pois deixou-se aos Estados a liberdade na escolha do governador; mas no Brasil deu-se exactamente o contrario, pois a União foi quem abdicou e quem cedeu, e cedendo, felo demais.

Tambem se elege o presidente da Republica, todavia não é possível uma republica em que um antecessor nomeie o successor porque neste caso teremos voltado á monarchia ou erlado num mesmo regimen duas idéas que se contradizem; além disso não comprehendemos bem qual haverá sido a logica de sairmos de monarchia hereditaria para uma Republica testamentaria: não ha, pois, duvida a respeito, se estamos na Republica, o presidente só pôde ser electivo. Facil ainda é arguir que no regimen democratico o criterio tem de ser o da electividade dos funcionarios, inclusivé governadores regionaes, mas semelhante argumento por hypothese prova em excesso, prova por exemplo, que se devem eleger juizes e outros funcionarios civis ou militares, prova emfim que tanta democracia será Republica demals.

Se houvessemos reflectido maduramente sobre o passado, quando foi da assemblea constituinte, a electividade do governador não teria sido permittida, e, assim como em outros casos, a autonouia local haveria sido em boa hora soffreada, retirando-se aos Estados a infeliz liberdade de escolher o seu presidente.

Nenhum brasileiro ignora que se a Regencia foi uma das épocas de maior heroismo da nossa historia foi tambem por tal fórma revolvida de odios que a maioridade tornou-se a unica solução. Os odios que a agitaram eram méros furores da politica facciosa, porque todos os partidos queriam ganhar a eleição, todavia a verdade historica acha-se á frente de nós expondo as causas de tamanhas desgraças: o código de processo e o acto adicional. O primeiro cria a electividade da magistratura, o segundo, a confusão, entre as prerogativas do governo imperial e as das provincias, mais favoravel em certos pontos ás ultimas do que nos proprios regimens federativos.

A Republica fez quasi a mesma coisa quizá peor: deu aos Estados uma série de attribuições que ante qualquer duvida interpretativa augmenta em seu favor e autorisou-os a eleger o presidente com poderes para nomear e desgraçar magistrados.

No Imperio appareceram homens da estatura dum Alves Branco e dum Uruguay sendo que o ultimo conheceu da origem do mal e fez uso do remedio heroico, da Lei Interpretativa e de 3 de Dezembro, com que salvou o palz; e a Republica, já terá por acaso o seu novo Uruguay?

(Continúa)

PORFIRIO SOARES NETTO.

VIDA OCIOSA

XIX

A's nove horas senti fome. Foi quando me avizinhava da fazenda da Paineira, de sô Quim Capitão. Conhecia vagamente o velho, que vivia entrevado, com a sciatica. "Bom ponto de almoço", pensei. "E de repouso tambem, porque a cachoeira ainda dista uns tres quartos."

A fazenda era um casarão achamboado, com capacidade para aposentar um corpo de exercito. Circuitavam-na culturas em abandono, que se asselvajavam em capoeirinha. Ouvia-se o trapejar de agua a cair, e o rumor dum moinho trabalhando.

Ao ranger a porteira do curral, saiu afobado da fazenda um homem dum olho furado, que me veio ao encontro. Soube depois que se chamava Sontonho.

— Veio buscar o fubá do Totó? — gritou-me elle, a plenos pulmões, chegado a meio passo de distancia.

— Não senhor; eu...

— Você então é o camarada do Zaéca? — secundou semeliantemente, espichando o pescoço para reconhecer-me.

— Tambem não! Eu...

A esse ponto enxergou-me gravata e collarinho, e disse, descobrindo-se:

— O sr. desculpe, eu vejo pouco. Veio buscar fubá?

— Não! Desejava apenas, se não incommodo, descansar um pouco, e almoçar, sendo possivel.



— Decerto que hade ser possível! Uma quarta só?

— Como lhe dizia, não vim precisamente para isso...

Ahi Sontonho fez da mão porta-voz, e berrou-me na concha do ouvido:

— Meio alqueire?

Larguei a arreata e fugi para a mascara da fazenda.

— Trouxe sacco? gritou ainda elle, no ouvido do cavallo.

Não sei como findou o dialogo, que foi longo, pelos brados que soavam para os lados da porteira.

Bati e introduziram-me no quarto do velho. Sô Quim Capitão recostou-se na almofada para conversar. Estava escanifrado, de olhos fundos, muito nos cambitos, desenhando-se-lhe a ossatura accidentada sobre a colcha de retalhos. Um bentinho unctuoso aninhava-se entre as falripas do peito descarnado; e a cabelleira branca arrellada dava-lhe ares de Jehovah em furia, a deitar maldicção.

Depois que me identificou e reconheceu, pediu noticias do povo do Corrego Fundo e da cidade. Quiz saber da guerra, da crise, e abysmava-se de tudo, como se a fazenda fosse uma ilha deserta, e elle, Robinson. Detinha-se ás vezes, num esgar de dor, e contorcia-se no catre, onde seus ossos secos estralejavam, como varas dum feixe mal atado. Depois, acalmado de subito, pedia desculpas da pausa, e começava a "especulação". Fazia-me repetir as cousas duas, tres vezes, e dar de tudo explicações miudas. Era um aneio de saber, de inquirir, e um regalo das noticias sabidas, que por momentos esquecia os estortegões dos nervos gritadores.

Arrancaram-me do seu quarto para o almoço.

— Fique aqui hoje! disse. Viroca, manda as meninas desarrear o animal.

As "meninas" eram tres filhas bobas, cobertas de molambos, e com farrapos de saias até os joelhos. Mau grado meus protestos, passaram as tres para o curral.

O almoço já fumegava em terrinões claros, altos como monumentos, na meza da varanda. Espantava-me de tanta iguaria numa casa aparentemente despovoada, quando começaram a concorrer, de todos os commodos, os numerosos membros da familia. Eram uns homens barbaçudos, de

olhar palerma, ainda remelados de somno, e de andar desconjunctado; e eram bojudas figuras de mulheres, mais ou menos matronas, de ar atarefado de gallinhas chocadeiras a cuidar dos pintos. Não havia braço sem cria. Os ventres boleavam-lhes, em competencia de fetos; a primeira empinava o embigo, já nos nove mezes; na segunda espinoteava o filho já viavel; e em todas as proeminencias mais ou menos accentuadas, assignalavam as phases varias da gestação. E a essa vista acudia á gente estar na matriz inicial do orbe terrestre, ponto de diffusão das raças.

Cumprimentei a todos e a todas, aturdido de tanta cara nova. Só mais tarde consegui rotular cada uma com um nome, e destrinçar o mesclado parentesco. Havia alli um Tavoico, uma Zóca, Bié, Biella, Carrinho, Viroca, Bastião, Tintina, Cocota... Apareceu tambem Sontonho do olho furado, que se mostrou muito meu amigo, e que me convidou a sentar a seu lado.

— O fubá está prompto, avisou-me.

As tres bobas, de volta do curral, passaram para os fundos carregando os arreios. Essas serviam, e almoçavam depois na cozinha.

O pasto foi succulento, e o pantagruelismo generalizado dos convivas, dava-me por suggestão um appetite que raiava o esganamento. Comia-se muito e depressa. As tres bobas, atarantadas, nunca sabiam bem a quem acudir primeiro; e se não serviam presto, era uma saraivada de epithetos:

— O' saranga, a caçarola da fritada!

— Que pamonha! ha que tempo tou te pedindo o revirado!

Era incrível o que aquellas boccas, enormes como furnas, se embastiam de mantimento. Os homens não proseavam, com o tento nos terrinões, e a se vigiarem de esguelha, promptos para a offensiva, no caso de saque de algum bocado precioso. Se ia algum espostejar um frango, as queixadas paravam de mastigar, e os olhos convergiam terriveis para a travessa, a fiscalisar o operador; rateada a ave em quinhões equitativos, recomeçava em torno da mesa a mandibulação interrompida.



Cruzados os talheres após as repetições do estylo, foi cada um servido de uma pratarrada de leite com angú; ao cabo chupei os bigodes, como os demais, para acclimar-me aos novos costumes. Seguiu-se café com bolinhos. E eu já estava tão bem assimilado áquella campanha, que em seguida obliquei como todos um olhar inquisidor para os lados da cozinha, a ver se apontava ainda qualquer cousa. Após razoavel espera, convictos de que havia acabado a refeição, cada um de nós se apossou de alguns punhados dos bolinhos remanescentes, e dispersamo-nos. Os varões, refartos e bambos, retiravam-se, na maioria, para os seus aposentos.

Por desencargo de consciencia fui espiar meu animal. Vendo-o desarreado e comendo milho, invadiu-me um grande desanimo de continuar a viagem.

— Não tem nada que olhar para o cavallo — disse-me D. Viroca, que me observava; papae já disse que hoje o senhor fica aqui.

— Impossivel, minha senhora!

Demonstrei-lhe por mil razões, qual mais convincente, que instava seguir minha viagem; primeira — era juiz e não estava em férias; segunda — viera em animal alheio, que devia restituir á tarde; terceira... quarta... millesima...

Ella calou-se convencida, depois de oppor-se muito, e mui amavelmente; eu, porém, cedera apenas á mania dos considerandos, pois estava inclinado a bater pouso naquella mansão que me quadrava tão bem; por isso, foi com espanto que ella me ouviu pedir umas chinellas, quando esperava agradecimentos e despedida. Ordenei ás tres mudas que me apromptassem um banho com salmoura, requisitei um terno de brim do Totoca e uma camisa sem gomma do Sontonho, e espapacei-me por fim, regaladamente, na marquezia de voltas da sala de jantar. Extranhei sómente que apenas me dessem para companhia tres canzarrões de colmilhos brilhantes, Nemrod, Piquete e Danubio, cujas boas graças conquistei com um punhado dos bolinhos encelleirados, e que eu tivera cuidado de baldear aos bolsos do terno de brim. Extranhei — mas depois comprehendí que havia alli habitos arraigados a tolerar e respeitar.

— Porque não vae para o quarto de papae, dar uma prosa? disse-me D. Biella, passando.

Respondi-lhe que estava bem e deixei-me ficar. E as horas corriam nessa doce inacção. Quando o silencio me pesava, retinha ao pé de mim o primeiro transeunte pela sala, e fazia-lhe perguntas, inquirindo do pessoal e do parentesco, pedindo pormenores, como contagiado da inextinguivel curiosidade do velho paralytico, eu que sempre procurei desinteressar-me do que passa sobre este planeta tão pouco interessante. Talvez a esfrega do cavallo tivesse me ensinado uma vez por todas a não descurar das pequeninas cousas que convem saber, e a supersaturar-me da sciencia das insignificancias importantes. E só então começou a fazer-se luz em meu espirito, sobre a intrincada geneologia e correlatividade do pessoal da fazenda. Aprendi que sô Quim Capitão era pae do Carrinho, casado com a Sanninha. Estes geraram o Tavico, casado com a Tintina de olhos sapiroquentos. Carrinho, filho de sô Quim e pae do Tavico, tivera fazenda e terras. Quando casou o Tavico, poz-lhe negocio de generos na cidade. Em dois mezes o casal comeu o sortimento e o filho levou a mulher para a roça, aonde ia “ajudar” o pae. Ahi elle e a Tintina geraram uma porção de filhos e filhas. Na fazenda paterna já estavam outros filhos “ajudando” o Carrinho. O euphemismo encobria desemprego e dava recacho para enfrentar de cabeça alta os maldizentes. Em poucos annos todos de parceria comeram a fazenda e as terras, e foram para a Paineira “fazer companhia” ao velho entrevado. Chegando ahi o systema solar do Carrinho, composto de sol, planetas e satellites, já encontraram na fazenda outros systemas solares, que todos rodavam em torno de sô Quim, que era uma especie de ponto fixo desse novo universo. Tal união tornava-se edificante e levava os fazendeiros das cercanias a exclamar, apontando-os como exemplo:

— Familia unida como a de sô Quim, eu nunca vi!

Havia, sim, conagraçamento, e o mutuo desejo de prestar serviços. Se alli estava a familia da Cocota, era para esta fazer companhia a sá Tuda, perto das dores; quando a Tuda “desoccupasse”, seguraria a Cocota, que tambem es-



tava muito "pesada"; e, livres as duas, não podiam desamparar a Biella, que já tinha enjões e vágados; e nesse gangorrear de panças ia passando o tempo.

Mau grado tanta companhia, mirrava-se na soledade de seu quarto o venerando tronco daquella proliferação copiosa. D'alli mesmo, esteio solido da fazenda, administrava os pastos de aluguer, principal fonte de renda. Seu braço direito eram as tres bobas, "guerreiras" para o trabalho; trindade inseparavel, iam todo o dia, symetricas, para o eito; rôçavam, plantavam; e ainda cozinhavam, lavavam, com os tres pares de pernões em perpetua exhibição, sob os farrapos dos saiotes. Braço esquerdo era Sontonho do Olho Furado, que cuidava do fubá com uma dedicação sem egual; impaciente, numa freima de mania, viera da fazenda para o moinho e do moinho para a fazenda um pouco desperdiçadamente, porém, pois seus sentidos avariados lhe faziam andar um pouco mais do que o estrictamente necessario; tanto era, que, empurrasse uma creação a porteira do curral, lá sahia elle com a chave do moinho na mão, muito apressado, perguntando:

— E' p'ra mórde o fubá? Trouxe sacco?

E sem attentar mais, nem esperar resposta, enveredava diligentemente para a engenhoca.

Com excepção do Bié de barba comprida, phrases sentenciosas e musculos dignos do guatambú, que passava os dias no terreiro, capão da pintalhada, a fazer carrinhos para as creanças, os outros varões reservavam-se para a reproducção da especie, mister de mais nobre alcance. Viviam pelòs quartos, derreados da faina de procrear, a refocilar os orgãos trabalhados em interminaveis somnecas reparadoras. Apenas deixavam, extremunhados, os leitos prolificos, á hora das refeições.

Essa inercia geral ia-me ganhando, de sorte que eu não deixava o sofá de volutas da sala de jantar, o qual, á noite, me servia de leito. Aquella atmosphaera de langue despreocupação antolhava-se-me como summo bem e unico modo de vida razoavel. Quantos dias encalhei alli, como Annibal em Capua, integrado na familia de sô Quim Capitão na qualidade de satellite avulso? Nem sei. Em certas disposições de



animo devolve-se o tempo unido, como uma sombra que passa lentamente e sem fim, sem repartições de dias e de noites. Não era, todavia, totalmente feliz; acabrunhava-me a vaga consumpção dum Adão solitario, que boceja no meio da perfeição do seu Paraiso, sentindo pesarem-lhe varias costellas sobresalentes.

No meu sofá, saboreava-me do silencio e da penumbra do vasto salão de jantar. O mulhero atropellava-se ao longe, na cozinha, inventando quitutes; dahi vinha um afastado chiar de panellas, cascalhadas, exclamações jô-viaes. Em cabides de pau embutidos nas hobreiras, canos para o alto, pendiam espingardas presas pelas correias, e buzinas retortas, que sonorizavam o silencio com recordações de caçadas. O alto relógio secular contava os segundos, e de tempos a tempos batia nasaladamente horas frouxas. E naquella estagnação de sombra e mudez, produzia écos sonoros a tosse do velho, aos fundos, ou a carreira de um dos canzarrões de guarda, unicas almas vivas que a espaços a animavam, e que, em demanda da cozinha onde iam pedir os sobejos, levavam tempos a vencer o varandão, desesperando a gente de vel-os chegar ao cabo da immensa quadra. A intervallos, uma alegre alarida: são os quitutes que vêm em bandejas e travessas.

“ — Sr. dr., corá? Pipocas, sr. dr.?” E ás vezes milho ou batatas assadas, ou talhadas de moranga. Tomo ás mãos ambas meu quinhão, já espartado pelo appetite; e em seguida o bando esparcella-se pelos quartos, onde os machos, estrouvinhados, grangeam com os petiscos um precioso re-conforto para a substancia fatigada.

E os dias eram todos assim parecidos...

XX

Emquanto reino sobre meu sofá como unico e indisputavel senhor, a vida parece-me amavel; mas o velho peorou, e o curandeiro que o trata veio arraigar-se a meu lado, refugindo do enfermo, cuja loquela interrogativa não se compadece com sua veia philosophante. Se meu visinho fosse um ser inoffensivo, eu poderia toleral-o; mas o homem fala,



fala, fala... Procuo dispersar-me; numa fuga de atenção analyso-lhe a cabecinha ruiva de formiga, e orço-lhe trigonometricamente a proeminencia do nariz pontudo; minha atenção, porém, resvala para a perlenga ininterrupta, e eis-me de novo a ouvil-o:

— E' como lhe digo — sou carimbamba por muito fuçador e querer saber cousas que não me competem. Sou peneireiro, fazedor de pilão, de colher de pau e de gamella, e devia ficar só nisso, porque é como lá diz: "Quem é mão não faz pé; e quem nasceu p'ra cachorro hade morrer latindo". Pois eu, o senhor sabe, não tive principio nenhum; o pouquinho que aprendi foi escutando aqui e allí, e conversando com os entendidos, que eu, Deus louvado, sei pôr-me no meu lugar. A's vezes sou poeta e gosto de especular os medicos; foi assim, que, pedindo uma explicação a um d'elles, do que me disse comprehendí que a saluva é a graxa do estamo. Guspír é um vicio. Veja as criações que não gospem. A' proporção que a saluva vae merejando na bocca, a gente deve engulir, porque assim ella vae desenvolvendo p'ra dentro e não faz falta para a digestão. Creio que é por isso que meu estamo é bom. Aquillo que cahiu dentro d'elle, varã. Como de tudo. Só não gosto de caça de rabo, porque é parente de cachorro. E como, sempre que meu estamo pede. Numa comparação: um moinho, se tem milho na moega, vae moendo; se não tem, azanga. Assim tambem o estamo: é preciso ter nelle sempre alguma coisinha p'ra não trabalhar em secco.

Abundeí na mesma opinião, e o meu interlocutor proseguíu:

— Sou peneireiro e lavro madeira, mas não tenho mais tempo p'ra dar ao officio; são muitos os doentes, e vivo da casa deste p'ra daquelle. Ainda agora... ainda agora...

Veio esta repetição porque comeceí a abstrahir noutras cousas, e o homem o percebeu. Com o segundo "ainda agora" elle exigia que me fixasse na sua exposição. Concentrei-me a escutal-o, e elle continuou:

— Ainda agora venho de trás da serra, onde fui ver um compadre com um berne arruinado; e dei volta pelo Engenho, por causa duma esporada de mandy na mão do Zé Vicente. Ahi estão duas doencinhas que parecem de nada, e ameaçam levar os doentes. Dou mais por só Quim Capitão,

que não é homem de ir assim entregando a palha com a rapadura. Esse é dos antigos, a vida nelle está mais agarrada. Porque hoje, sr. doutor, com a descoberta desses vapor e desses automoveis, a gente anda mais depressa, mas tambem vive mais depressa. Tudo vem mais cedo, até a morte. (No meu tempo creança começava a adentar depois de um anno; hoje, com cinco, seis mezes... Antigamente as creancinhas nasciam de olhos fechados, feito cachorrinho; só os abriam no fim de oito dias; hoje tudo nasce arregaladinho e esperto, como se já entendessem as cousas. Só Quim é duro, não vae assim em dois arrancos. Se me attendesse, eu o punha bom, porque doença que entra com a friagem, cura-se pelo systema antigo, com tartaro em folha de laranja; se o estamo não acceita, a gente põe uma chave na mão, p'ra não vomitar; no dia seguinte, sangria, p'ra força da doença sair; depois, qualquer cordial cura. Emfim... emfim...

Soffreu de novo minha attenção erradia, proseguindo:

— Emfim, se faz bem ou mal não seguindo meus conselhos, só Deus sabe, porque tudo neste mundo é o destino. Eu na minha comprehensão, sr. doutor, acho que Deus creou o mundo com tudo o que é necessario para nós, e deu, a cada um, um destino. Veja, numa comparação, uma gata que acaba de parir. As mamiquinhas são umas coisas de nada, umas berruguinha que a gente custa a enxergar. Se der, cada uma, meia colher de leite por dia, é o mais. No entanto, os gatinhos, quando nascem, a mãe vae ficar deitada na posição, e elles vão fussando no pello da gata, até dar com as berruguinha. Durante dois mezes só vivem daquella miseria de leitê. E assim mesmo ficam gordos, lustrosos. Que é isso? E' o destino. Noutra comparação... noutra comparação, sr. doutor...

— Arreiem já meu cavallo! — ordenei ás tres mudas que passavam.

Arreado, despedi-me, montei e fugi.

E foi assim que um dia de sol quebrou o encanto, e pude despegar-me daquella deleitosa mansão.

Toca para a cachoeira. Receei recommençar experiencias para pôr o animal em andadura acceitavel; por seu lado,

tambem receoso, offereceu-me elle o accôrdo de um galope macio. Jubiloso, acceitei.

Carrascaes de candeias tortas bordejavam agora a estrada, interpoladas de asperas fructas de lobo. Não temesse eu melindrar a montada, apearia para colher gabiobinhas do campo, que rescendiam convidativamente da orla do caminho. O chão arenoso e declivado pouco empapara a agua caida nos ultimos dias, que decorreram num chuveiro pertinaz. A aragem era fresca e o sol era doce; e, contrastando a penumbra do meu prolongado encêrro, sorria-me a natureza o melhor de seus sorrisos.

Aqui e alli fugiam roscas do rio, que carregava aguas barrentas. A's suas margens multiplicara a vasante espraçados tranquilllos, que scintillavam ao sol. Já audível, o rumorejar da cachoeira encrespava-se a cada passo ávante; era uma cortina de sons que se erguia numa vesga do horizonte, e que em pouco, alastrandó, ganhava todo o circuito da paizagem, estrondejando compactamente.

Metto-me por um trilho que se desgarrá da estrada, em direitura da cachoeira. Cruzo pedestres, já de volta, com saccos e jacás atestados de peixe. Conversam gritando como surdos, para fazerem-se ouvir. Avisto porfim, constringidos entre paredões de rocha, os rolos d'agua despenhando-se. São muitos os degraus em que a torrente rabeia, fustigando o leito, como serpente assanhada a encrespar a cauda nervosa. Muita gente: homens nús, ou com tanga, ou só de calças, munidos de toda a sorte de utensilios de pesca — balaios ou coadôres na ponta de bambús, guarda-chuvas, balaios sustidos nas mãos, peneiras, redes ondeantes como bandeiras na extrema de varas longas.

A torrente despeja-se aos fluxos e refluxos. Quando a ondada passa, pulam os pêixes em cada poço, innumeraveis, projectando-se para o ar, a despedir chispas de prata dos corpos retorsos nervosamente enovelados e vibrateis. E aquelles aparelhados visam todos colhel-os no salto. Recrescê o rôlo liquido, aquietá-se o peixe um momento, esperando que passe, para em cada socalco, entre o esfervescer dos borbolhões tumultuosos, recommêçar o seu projectar incessante, que o caipira compara a pipocas arrebrandó. Abaixo da cachoeira, onde a caudal se rebalsa e retoma a

majestade de seu curso lento, a agua é torva, quasi negra; e ao olhar que lhe escruta a profundeza, essa negrura revela-se feita de cardumes de dorsos escuros, que esfervilham evolucionando processionalmente no bojo dos remansos, esperando o seu turno de lançar o salto. Lembram correição de formigas, faixas migratorias de gafanhotos perpassando innumeraveis. Lateralmente derivam fios escassos, delgadas fitas que traçam sinuosidades no lagedo, fazendo escala em caldeirões cavados na rocha. Esses filetes que mal humidecem a pedra, são o varadouro dos peixes infimos, dos embryões de pollegada para menos, que sobem, miniaturas de peixes, por aquellas miniaturas de rio. Nos caldeirões enxameiam aos milhares, negrejando em espiraes — simulacro de nebulosas moveiças, que são, em vez de formigamento de astros, um rebolir de germens. Sobem como vermes, reptando, e aos pequeninos arrancos; e, nas intercadencias dos éstos, que estancam os exiguos manadeiros, adherem ao limo, expectantes, em fórmãs glutinosas de sanguesugas.

Por toda a parte é a obsessão do peixe. O ambiente trestando a peixe podre. Ao andar, patinham os pés numa lama mucilaginosa de peixes esmagados. Nas mãos, nas vazilhas, aos montes na margem, ha o contorsionar epileptico de fórmãs prateadas. Só se vê e só se pensa em peixe. E' lueta sem trégoas declarada aos pobres viajeiros. Onde os esquece o homem, caçam-n'os siriemas, socós, marrecas, espécimens sem conto de parasitas do rio.

— Póde ser bello, mastiguei; mas monotono e repisado como uma descripção de Zola. Havendo satisfeito uma velha curiosidade, eis-me enfarado, com a saciedade da posse. Isto me confirma a commoda philosophia...

Está visto. Agora, rumo da cidade. Já mingúa ao longe o trapejar da cachoeira. Desobstruidos daquelle som e daquelle vista, meus sentidos se deixam impregnar da suavidade da hora. E' um dia precioso, tocado discretamente a ouro, e repassado do perfume do assapeixe branco, cujos capulhos rescendem ás margens da estrada. Meu animal chouta intelligentemente. Já diviso, espapaçada e immensa, a fazenda da Paineira, que dormita no silencio dos vastos campos, alheada da vida, num infindavel coma de gestação.

Quando fronteiro o curral, ouço berros, e a porteira rechina dando passagem a alguém, que nesse dia viu demais. E' Sontinho — do — olho — furado, com dois saccos na mão.

— Sô doutor Felix! grita estentoricamente.

Tive um arrepio de terror. Se a tentação vencia, e me ia esquecer de novo alli, outra temporada! Enrijei minha vontade com a evocação do curandeiro terrífico.

— Pois o fubá, dr. Felix! Não é que já ia sem elle?

— Ora, Sontinho! não é preciso... Até outro dia!

Piquei de esporão, ou mais propriamente de calcanhar, tentando fugir; mas, implacavel, meu amigo travou solidamente do freio.

— Neste sacco — disse e apontou — está sua encomenda: meio alqueire; neste outro, mais meio, que lhe dou como lembrança de amizade; porque, não é por estar em sua presença — fiquei gostando muito do senhor.

— Obrigado, Sontinho... Mas, co'os diabos! não hei de levar isto commigo.

— Puz em dois saccos para fazer um picoá — explicou a creatura.

E, mau grado minha reluctancia, depois de atar, uma na outra, as bocças dos saccos, atravessou-os na cabeçada dos arreios.

— Agora, boa viagem, se não quer portar — disse elle.

— Adeus, Sontinho.

E, dando dos calcanhares, afastei-me precipitadamente.

Agora já me não corria a viagem tão bem. Sentindo o accrescimo de peso, o animal resingava, soccando-me com um trote duro e ameaçando-me com várias acrobacias. Eu deixava-o ir, confrangendo-me na sella para evitar movimentos que irritassem o bucephalo. O que não parava, eram os saccos. Sacudidos d'aqui p'r'alli, batiã-m-me em compasso os joelhos, polvilhando-me de branco as calças. Tive a idéa de largal-os á beira da estrada; mas receei consequencias imprevistas, dado o genio incerto e esfogueteado da montaria, achei melhor deitar fatalismo. A viagem com aquelles saccos, já estava, por sem duvida, prevista na minha pagina

do Livro do Destino. Todavia, se assim me vissem a reco-
var fubá, eu, alta autoridade judiciaria do termo! — re-
ceei.

Se viram! Comecei a cruzar gente da cidade. O medico,
acudindo a um chamado. Os irmãos Faria. A familia Gon-
çalves. A familia Guimarães. Diabo! Todo o povoado se bal-
deava nesse dia para outra parte. Cruzou-me o meirinho,
um advogado. Santo Deus! Mais duas familias... Agora o
interminavel cortejo de um casamento: um cavalleiro, dois,
tres, vinte, trinta... Santa Barbara!

Uns cumprimentavam-me, todos observavam-me obli-
quamente, a maior parte ria-se sob capa, cochichando entre
si o quer que fosse. A face, esbrazeando, ardia-me. Suava.
E com o suor o corpo penicava-me, dando-me uma coceira
infernall, principalmente no fio da espinha, no ponto exacto
onde as mãos não alcançam.

Um estirão deserto — graças a Deus! e a fazenda do
Corrego Fundo.

Apeio, tiro os saccos, e entro pisando duro, para de-
semperrar as pernas...

— O' de casa!

— O dr. Felix! O homem sumido! exclamam os velhos.

— Sim, meus amigos! Mas que reaparece com uma
lembrança para siá Marciana!

Entrego-lhe a saccaria. E assim liberto-me, radiante,
do picoá de má morte.

(Continúa).

GODOFREDO RANGEL.



RESENHA DO MEZ

BRASIL-ALLEMANHA.

Ha muita gente que ainda se não convenceu, uns por defeito de raciocinio, outros de má fé, da necessidade vital em que estava o Brasil de entrar na guerra que a Allemanha armon contra o mundo inteiro.

O sr. Tobias Monteiro, em uma serie de artigos quo publicou ha pouco no *Estado de S. Paulo* mostrou o erro dessa gente.

Receiam uns que, triumphante a Allemanha, se volva ella um dia contra nós e tire uma desforra do nosso atrevimento.

Tristes receios! Já se não volveu ella contra nós afundando navios nossos em pleno periodo de uma neutralidade tão rigorosa que a muitos parecia germanophila?

E quo o fizesso! Seria honroso, para uma nação, affrontada em seus direitos o em seus brios, abaixar a cabeça resignada, para não irritar ainda mais e ainda mais enfurecer o seu deshumano aggressor? Traria sequer algumas vantagens de ordem material a suffocação cobarde de todos os sentimentos do revolta e indignação ante a offensa brutal? Seria uma cegueira acreditar-o.

"Se as nações fracas, escreveu muito bem o sr. Tobias Monteiro, se sujeitassem a padecer quantas humilhações as fortes lhe quizessem infligir, todas ellas acabariam por desaparecer. Justamente o sen heroísmo, a sua coragem de arcar com a prepotencia podem ás vezes despertar a uobrezza de alguns fortes, impellindo-os a um

movimento elevado de solidariedade humana e defesa do direito. E' erro imperdoavel recusar auxilio para derubar a Iniquidade, na esperança de que ella tenha contemplações com todos quantos a toleraram. Os fracos de toda a especie, sobretudo os fracos de animo, quando muito lhe serão instrumentos. O dever de quem condemna a brutalidade e a ella prefere o direito e a justiça, é pôr-se do lado destes, por menor que seja o concurso que possa trazer-lhes. No dia em que todas as grandes nações do mundo fossem vencidas pela Allemanha, ninguém se lhe poderia oppôr aos designios, onde ella se apresentasse".

Não é só. Ha outras razões, estas de ordem politica e social, que aconselhavam a nossa entrada na guerra ao lado dos alliados.

"O mais simples exame da indole e das instituições dos palzes em luta deixa bem clara a differença entre os dois grupos de belligerantes: de que lado está a liberdade ou o despotismo, de que lado está o direito ou a força. Todo o grupo, encabeçado pela Allemanha e sobre o qual ella exerce uma autoridade decisiva, é composto de nações onde o povo vale muito pouco e o poder do soberano e da casta militar vale quasi tudo. Na Turquia o povo é um rebanho e o sultão o sen senhor. Nenhuma dessas nações trouxe ao mundo a menor influencia, a menor lição de liberdade politica. Os seus exemplos são de tyrannia, de despotismo, de oppressão do pensamento, do crime de lesa-majestade, arvorado em pretexto de castigo contra todas as criticas feitas á acção dos soberanos, responsaveis reaes de toda a vida do Estado, vontade unica que escolhe a paz ou a guerra.

Tudo quanto temos entivado em materia de liberdade politica aprendemos nas lições da França e da Inglaterra, dos Estados Unidos e da Belgica. Foram a independencia americana

e a revolução franceza nos fins do século XVIII, que inspiraram os nossos primeiros movimentos de emancipação. A Inglaterra, a Belgica e a França foram as mestras do regimen parlamentar, que nos garantiu sob o Imperio o exercicio de uma verdadeira democracia. Os annos do nosso Parlamento estão cheios dos grandes nomes inglezes e francezes, cujos exemplos guiarão os nossos estadistas na pratica dessa Instituição liberal. Os dois Pitt e Robert Peel, Disraeli e Gladstone, Guizot e Thiers, foram os oráculos das nossas discussões na velha Camara e no velho Senado, como os grandes publicistas americanos são hoje os nossos guias na applicação do systema presidencial.

Da França e da Inglaterra, bem como da Italia, não sómente para nós mas para o mundo inteiro, partiam os mensageiros do Idealismo, afim de lutar pela independencia dos povos. Lafayette foi combater ao lado dos americanos do Norte, lord Byron foi morrer pela criação da nova Grecia, da mesma fórma que mais tarde Garibaldi serviu á liberdade no Brasil, no Uruguay e em França. Não ha em nenhum canto do mundo um só allemão que lá tenha levado esse exemplo admiravel de sacrificio.

Foram as duas grandes nações do Occidente que ensinaram a todas as monarchias o jogo do governo representativo, a collaboração decisiva dos povos nos negocios do Estado. Portugal, a Italia, a Grecia, o Japão, todos quantos hoje se batem ao seu lado, como outros que ainda se conservam neutros, colheram-lhes na historia os ensinamentos da transformação liberal. A nenhum delles, nem a Allemanha, nem a Austria, indicaram, por deficiencia propria, o caminho dessa evolução politica. As suas lições em cousas do Estado limitaram-se ao culto da força, ao desenvolvimento das instituições militares, ao predomínio do poder do imperador, á conservação das classes aristocraticas, interessadas na industria da guerra".

E' irrespondivel tudo isto. São factos: não são habilidades de dia-dectico.

A victoria da Allemanha seria a destruição de todo patrimonio liberal das nações modernas; o mundo, em consequencia della, cairia manietado aos pés do prussianismo duro, exigente, intolerante. Não haveria, na noite da escuridão que o envolveria, uma aberta por onde entrasse um raio de esperança e de allivio. A humanidade ver-se-ia arreada á abjecção de um carcere moral sob a vigilancia do prussiano em armas. A terra civilizada

passaria a ser uma vasta penitenciaria onde trabalharíamos todos, tristes e humilhados, para o gozo e triumpho dos senhores feudaes da Allemanha.

A victoria dos alliados entretanto nenhum perigo trará para o mundo. Os primeiros a quem beneficiará serão os proprios allemães. São elles, neste momento, as maiores victimas do prussianismo que o opprime, que o degrada e que o explora.

"Os filhos da America, que Imaginam admirar a Allemanha, nota com justeza o sr. Tobias Monteiro, não supportariam um só dia, o regimen ao qual vivem sujeitos os allemães. Essa admiração só pode ser considerada como uma enganadora preferença sportiva e simplesmente da parte dos que vêm nesta guerra apenas o aspecto militar, a brutalidade dos encontros, o primor dos engenhos de destruição e de morte, sem enxergar o que ella encerra de profundo, os seus intuitos, as causas inspiradoras de tanto sacrificio.

Malor que a admiração pela paciencia premeditadora de todos esses horrores, criados num mysterio infernal de quasi meio século, é o reconhecimento de todos os povos livres ás nações pacificas, colhidas de sobresalto pelo golpe da Allemanha, e que tiveram de improvisar em tres annos os meios dessa resistencia épica, dando tempo a quantas chegaram, e ainda cheguem mais tarde, para cooperar na victoria final, livrando a humanidade dos flagellos da guerra. Admiravel é o sacrificio da Belgica, a nobreza da Inglaterra, o desprendimento da Italia, de Portugal e da Rumania, a abnegação dos Estados Unidos, que se lançaram na luta afim de socorrer os aggredidos, proclamando ao mesmo tempo virem combater, no intuito de criar para as nações um regimen permanente de paz, por meio do desarmamento e do julzo arbitral".

Além de todas essas razões de ordem moral e politica que nos levaram naturalmente, para as fileiras dos alliados, outras ha, de ordem economica, que nos aconselhariam este movimento se acaso as fibras do nosso idealismo, gastas e frouxas já estivessem impossibilitadas de actuar sobre as oscillações da nossa vontade...

São estas, resumidas optimamente pelo sr. Tobias Monteiro:

"Os Estados Unidos são o nosso laço mais forte de política internacional. A Inglaterra e a França não foram somente as formadoras da nossa cultura intellectual e politica. Desde a Independencia, a cujas lutas se associou pela cooperação de lord Cochrane, no commando da nossa esquadra, a Inglaterra foi tambem a collaboradora fiel do nosso progresso material. A ella, nos ultimos annos, juntaram-se a França e a Belgica, fiando largamente do nosso credito. Todos os emprestimos do Estado, das provincias e municipalidades, quasi todos os portos, estradas de ferro, navegação, caris, telegrapho submarino e subfluvial, obras de saneamento, tudo enfim que representa o apparelhamento do nosso trabalho, tem sido criado com recursos vindos daquelles povos. A Italia e Portugal deram-nos os braços, que suppriram as deficiencias da nossa população escassa e acudiram-nos quando mais delles carecíamos, depois de abolida a escravidão. Na lista enorme destas operações que se contam por centenas de milhões esterlinos, encontramos a Alemanha emprestando apenas tres milhões a S. Paulo, com garantia hypothecaria da Sorocabana, e empregando duzentos contos de réis, como caução do contrato de arrendamento da estrada de ferro de Blumenau á colonia Hansa, instrumento de propaganda e dominação allemans.

No mais, o concurso allemão entre nós, é o trabalho agricola, por culpa nossa em nucleos isolados, de populações estranhas, até na descendencia, á nossa vida, á nossa historia, á nossa lingua, e é a expansão commercial, em proveito da sua industria, da sua marinha mercante, da sua organização bancaria, espalhando no paiz intelto agentes que enriquecem depressa e canalisam para a mãe patria, não só todos os seus ganhos, mas tambem ainda os filhos, nascidos por acaso aqui, criados e educados no culto da Allemanha".

E' possivel, depois disto, que ainda haja algum brasileiro a quem pareça um erro ou uma loucura o passo dado pelo Brasil em 24 de outubro ultimo. A má fé não se rende a argumentos; resiste até aos proprios factos...

Resignemo-nos. O Brasil não é mais privilegiado que os outros paises: na massa do seu povo hade haver, como na massa de todos os outros povos, ha espiritos que se delectam com a escravidão e corpos que aspiram á delicia do chicote.

O sadismo é uma aberração humana e tanto póde manifestar-se na ordem sexual como na ordem moral...

BIBLIOGRAPHIA

NESTOR VICTOR
— *Farias Brito*

Não temos, os brasileiros, o espirito muito inclinado á philosophia. Povo imaginativo, impressionista o vibratil, faltam-nos as aptidões naturaes para a especulação philosophica. Nem sequer gostamos de pensar. As reflexões longas apavorannos. Somos um povo de impulsivos. A nossa cultura, mais extensa que intensa, mais variada que profunda, retrata bem essa incapacidade nativa para as cogitações demoradas.

E' natural, portanto, que o sr. Farias Brito, philosopho authenticico, ou o sr. Alberto Torres, pensador real, brasileiros ambos, morressem ou ignorados ou zombados. Nenhum era do seu tempo e do seu meio.

Vê-se isto bem do livro, curto mas excellente, que ao primeiro consagrou o sr. Nestor Victor.

Não haverá, provavelmente, muitos curiosos que se proponham a ler a obra philosophica de Farias Brito. Aos que não sobrar coragem para tanto aconselhamos, ao menos, a leitura do trabalho do sr. Nestor Victor. Terão assim uma idéa do valor daquela obra. E' quasi certo mesmo que ficarão com o desejo de a conhecer inteiramente...

ALBERTO SEABRA
Os Versos aureos de Pythagoras.

O sr. Alberto Seabra reuniu em volume as interessantissimas conferencias que realisou nesta capital sobre os *Versos aureos de Pythagoras* o que a *Revista do Brasil* teve a satisfação de publicar.

O elogio desse trabalho está feito pela acceitação e applausos que mereceu a todos os letrados. Sabe-se, além disso, que o sr. Alberto Seabra, espirito muito lucido e muito culto, não ignora o segredo de fugir á trivialidade.

Os *Versos aureos*, obra de moralista e de erudito traçada com elegância e clareza, lêem-se com agrado e proveito, coisas que raro andam juntas...

ALBERTO SOUZA
Estudos demographicos — A população de S. Paulo no ultimo decennio.

Das cousas certas, a estatística é das mais incertas. Como a historia, nunca passará talvez, na phrase de Ronan, de uma simples sciencia conjectural. E' uma das herdieras modernas da theologia no que toea á produção das disputas... Não ha, dentro dos seus limites, no ter-reiro dos seus principios, chão sobre o qual não se possa armar litigio. E' uma fantasia architectada com algarismos.

Dahi talvez, da sua incerteza real disfarçada em apparencias scientificas, a seducção que exerce.

Pela nossa parte, confessamos humildemente que devoramos todas as estatísticas com o mesmo impeto que devoramos certos romances...

Dito isto está comprehendido que lemos com muito gosto o ensaio em que o sr. Alberto Souza proeouou determinar a população de S. Paulo no ultimo decennio.

O gosto, porém, não nos veiu apenas do assumpto em si; veiu tambem de maneira por que foi tratado...

ILDEFONSO ALBANO — *O secular problema do Nordeste.*

E' uma dolorosa pagina de patriotismo e humanidade a que o sr. Ildfonso Albano, deputado pelo Ceará, traçou neste discurso pronunciado em outubro ultimo na Camara a que pertence.

Se ainda existe algum brasileiro que ignore o que seja o horror de uma sêca no Ceará ou que, sabendo-o, não tenha noção exacta do seu dever para com os infelizes habitantes daquelle Estado, leia as palavras do sr. Ildfonso Albano.

Não são declamações; não são litteratura: são factos.

REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE S. CARLOS, numero especial com as conferencias civicas alli realisadas. Dezembro de 1917. S. Carlos, Estado de S. Paulo.

O corpo docente da Escola Normal de S. Carlos teve a feliz idéa de realizar naquelle estabelecimento uma serie de palestras civicas, em que se tratasse do Brasil sob varios aspectos. A idéa teve logo accettazione geral, e foi plenamente realisada, o que ainda é melhor. Aqui está para attestalo, o numero especial da *Revista da Escola Normal de S. Carlos* que temos á vista, comprehendendo nove conferencias da serie civica, e ainda outras, que, sobre o Brasil, foram pronunciadas no mesmo estabelecimento. Não diramos agora do valor de todas essas palestras, nem do valor de algumas dellas: o espaço é oxiguo, e teriamos, certamente, de commetter omissoes injustas. Mas, não se pode deixar de salientar o esforço louvabilissimo dos professores da Escola Normal de S. Carlos, realisando com tanto exito essas conferencias civicas. Conferencia civica aqui, não quer dizer allocução sobre qualquer data nacional brasileira, com mais ou menos eloquencia, mas sem idéas praticas, porque, desgraçadamente, são raros os discursos civicos de brasileiros que não nos façam lembrar a ironia de Hamlet: *Words... words... words...* As conferencias civicas da Escola Normal de São Carlos estão longe disso: são palestras, excellentemente documentadas sobre coisas do nosso paiz, revelando pontos de vista praticos, que, sem duvida, despertaram nos ouvintes, as mais nobres intenções de trabalhar pelo futuro do Brasil.

E' esta a relação das conferencias feitas: O sr. Ezequiel Leme occupou-se com as *bellezas naturacs do*

Brasil; o sr. Francisco Penteadó, com os desertos e climas, e devastação das mattas; o sr. Waldomiro Calciro, com os typos brasileiros e a alma nacional; o sr. Theodorico de Camargo, com o problema do urbanismo no Brasil e a volta aos campos; o sr. Astor de Andrade, com a medicina escolar e o futuro da nossa nacionalidade; o sr. Dagoberto Salles, com a vida de um brasileiro que é uma lição de civismo (Campos Salles); o sr. Carlos da Silveira, com a lingua patria e a unidade nacional; o sr. João de Toledo, com a escola brasileira; o sr. Atugasmim Medici, com os mestres e soldados.

Além dessas palestras, encontram-se neste volume da Revista as dos srs. Elisario de Araujo, Sebastião Pontes, Mario Natividade, Mariano de Oliveira, e Mannel de Toledo Silva, todos versando assumptos brasileiros.

MOVIMENTO ARTISTICO EXPOSIÇÃO CHAMBELLAND

O mez do dezembro ficou assinalado no movimento artistico de S. Paulo, pela exposição do pintor brasileiro Carlos Chambelland. Foi a primeira vez que o joven artista se poz em contacto com o publico de nossa capital. Desse encontro houve reciproca vantagem: o artista confirmou facilmente a reputação que o precedia e o publico teve a oportunidade do contemplar uma das mais formosas colleções de telas que um pintor aqui tenha apresentado.

Os quadros do sr. Chambelland interessam logo pela sinceridade que domina toda a sua obra e a tornam extremamente sympathica. Chambelland, cujo appellido de familia parecee denunciar origem franceza, é tambem um pintor francez pela escola sobria e discreta, rica de nuances e plena de harmonia. Não quer isto dizer que elle não saiba interpretar a natureza do Brasil e não a sinta como o melhor dos brasileiros.

Ha na sua exposição trechos de nossa paisagem reproduzidos com rara felicidade; percebe-se, porém, que o artista como que procura attenuar através de uma factura delicada e fina e de um estylo polido e aristocratico, os aspectos selvagens e, ás vezes, aggressivos da nossa natureza. Alias, na propria escolha dos assumptos já o vemos buscar do preferencia os pontos em que a paisagem é mais suave e até mais pobre, os sitios tranquilllos e desolados. Repugnam a este artista todas as violencias, quer na vida, quer na natureza, ou na interpretação de ambas. Nada dos arrojós coloristas dos hespanhoes, nem das scenas dramaticas tão ao sabor dos italianos, nem os fortes contrastes de luz e os vigorosos toques de certos impressionistas. A pintura de Chambelland desenvolve-se tão calmamente no desdobraimento da sua extensa gamma chromatica, que seria puramente academica se a não mareasse a nota pessoal do seu temperamento e a não envolvesse uma doce e melancolica poesia, a cuja emoção não pode fingir o observador dotado de algum senso estheticó.

Nas suas numerosas paisagens (algumas das quaes vão reproduzidas nesta revista) ha trabalhos dignos de todo o elogio pelo seu impecavel desenho, pela belleza de côr e pela factura que revela perfeita segurança technica. Uma dellas — Dia indeciso — de um côrte admiravel, está manchada com raro vigor e, embora de pequenas dimensões, offerece, graças á excellente disposição dos planos, a ampla perspectiva de uma vista panoramica.

A exposição Chambelland não é rica em figura. Das poucas existentes, apenas duas interessam particularmente: um pequenino estudo de ar livre (cabeça de menina num fundo de folhagens) pequenino mas precioso pela largueza e segurança de execução e pela exacta distribuição de luz, e o seu grande quadro "Anchieta". Neste encontramos todas as qualidades que tanto recomendam o talentoso artista patricio;

mas, parece-nos, falta-lhe alguma coisa para que possamos comprehender integralmente a intenção do autor.

Segundo a descripção impressa que corria na exposição, o pintor quiz reproduzir na tela o apostolo do Brasil quando oserevia na areia das nossas praias o seu famoso poema a Virgem.

O sr. Chambelland na composição do seu quadro apresenta-nos o fundador de S. Paulo na attitude de quem procura reter na memoria a estrophe escripta na areia. De pé, na praia, Anchieta tem os braços cruzados; numa das mãos segura a vara com que desenhou os caracteres na areia e na outra ampara o rosto, cuja expressão se concentra na leitura dos versos.

Estaria o trabalho completo como illustração da obra que nos narresse esse episodio. Mas, para que o quadro fallasse por si só, seriam necessarios mais espirito synthetico e poder de emoção mais intenso, que nos transportassem á época de mysticismo e de fé em que viveram os catechistas do estofa de Anchieta o nos fizesse penetrar um pouco na psychologia dessa extraordinaria figura de nossa historia. Não se lhe levaria a mal até, ao pintor, se elle fizesse participar um pouco dessa preocupação, o proprio ambiente em que collocou a personagem. E' claro que não lhe pediríamos desse ás nossas luminosas praias a tristeza das praias da Bretanha. Mas seria essa uma liberdade perfeitamente aceitavel, que tiraria á composição o seu caracter simplesmente anecdotico, dando-lhe a feição synthetica de uma evocação da esplendida figura do fundador de Piratininga e da sua obra incomparavel.

Devemos aaceital-o, porém, como um bello estudo para esse grandioso quadro que o mentoso artista certamente ainda fará.

O exito artistico da exposição Chambelland foi grande e merecido. Ella é a obra distincta e encantadora de um pintor de irreprehensivel probidade artistica. — N.

EDGARD DEGAS

Falleceu ha pouco em Paris, Edgard Degas — “o pintor das bailarinas”. Degas foi o mais profundo pintor dos costumes francezes do seu tempo. Já em 1876 dizia Huysmans, referindo-se a elle:

“Nascera um pintor da vida moderna, um pintor que não derivava de ninguem, que trazia um sabor de arte completamente novo e processos de execução inteiramente novos tambem. Engommadeiras a trabalhar, bailarinas durante o ensaio, cantoras de café-concerto, salas de theatro, cavallos de corridas, retratos de negociantes do algodão na America, mulheres sahindo do banho, aspectos do toucador ou do paleo... todos esses assumptos tão diversos, têm sido tratados por este artista, a quem não se concede, entretanto, outra fama senão a de haver pintado unicamente bailarinas.”

O que os naturalistas realisavam em suas novellas, Degas reflectia nos seus quadros e desenhos. Como Flaubert, os Goncourt e Zola se documentavam literariamente acerca dos costumes da França do fim do segundo imperio e começo da Republica, assim Degas ia tambem realisando, plasticamente, a documentação que hoje nos revelam as suas télas.

Quando chegou a Paris, ainda bem joven, Degas (quo nascera em Nova-Orleans, de paes francezes), tornou-so discipulo de Lamothe, isto é, indirectamente discipulo de Ingres. E' viva a sua admiração pelo mestre, e não descança emquanto, certo dia, não o vae vêr. Depois de lhe haver mostrado alguns dos seus trabalhos, Ingres lhe diz: “Traçe linhas, muitas linhas: é assim que se tornará um bom artista”. E nada mais lhe disse Ingres. Os grandes mestros antigos, entretanto, observa o sr. Arsène Alexandre num estudo recente, lho disseram muito mais. Degas os copiou e estudou assiduamente. Era tambem muito erudito sobre a arte antiga italiana. Foi muitas vezes á Italia, onde conhecia a fundo a lingua e a literatura italiana.

RESENHA DO MEZ



Chambelland: ANCHIETA



Chambelland: SOL DA TARDE

524



Chambelland: DIA TRISTE



Chambelland: PAU D'ALHO

A primeira obra que expôz, com 22 annos, foi, em 1857, um quadro — “Raparigas spartanas luctando com rapazes”, que offerece um mixto curioso do realismo e estylo. Por volta de 1865, entretanto, elle renunciou inteiramente á pintura historica, e em 1886 expôz o seu primeiro quadro de corridas. Desde então se succederam essas admiraveis scenas sobre os themas do sport, da dança e de certos typos populares, taes como as engommadeiras, as modistas, etc. Isso, além de numerosos retratos magistralmente pintados. As scenas dos bastidores, de dançarinas, de bailados, de ensaios, são, innegavelmente, os seus trabalhos mais celebres. Nelles se admiram não só o prodigioso “desenho do movimento”, como o modelado esculptural e outras maravilhas do colorido. Nada se conhecia igual a isso, do ponto de vista das qualidades plasticas e graphicas.

A celebridade lhe veiu sem que elle a cortejasse. Altivo e independente, nunea affectou, eomtudo, ares de revoltado. Expunha sempre na sua mocidade, mas as distincções llo vieram só mais tarde, quando o seu talento já era geralmente reconhecido e admirado. Afinal, Degas já era indifferente á gloria. E quando, em 1913, o seu quadro *Danceuses á lá barre* attingiu á bella somma de... 478.500 francos, foi quasi com amargura que ello recebeu a noticia. Um jornalista lhe pergunta:-

— Sois feliz, mestre, vendo vosso quadro attingir a um preço tão alto?

— Sim, sou muito feliz — como o cavallo que ganhou o Grande Premio...

NOTAS DE SCIENCIA

O MUNDO DA LUA

O sr. Scriven Bolton, em artigo publicado no *Popular Science* nos convida a contemplarmos a Lua. Sobre ella, diz o sr. Bolton, dada a

força dos nossos teleseopios, se podem vêr todos os objectos do tamanho de um elephante, porque, além do mais, não ha nada que obseureça a vista por não existir na Lua atmosphaera. E porque não ha atmosphaera na Lua? Porque a força de gravidade é lá pequenissima. Com effeito, em qualquer planeta, o peso de um objecto está em relação com a massa do proprio planeta. Em Jupiter, por exemplo, que é o maior de todos os planetas, so teria difficuldade em levantar um braço, e no Sol, para mover-se, seria preciso um guindaste a vapor. Em Marte, entretanto, poder-se-ia saltar uma casinha. Os planetas pequenos, entre os quaes se conta a Terra, vão pouco a pouco perdendo a sua atmosphaera, com tanta maior rapidez quanto menor fôr o seu volume. Ora, a Lua, que é muito pequena, ha muito tempo não tem atmosphaera. Dada essa falta do ar, erêm os astrónomos ser improvavel a presença da vida na Lua. Com o habito de examinar a lua por meio dos seus oculos de consideravel alcance, o astrónomo pode afinal considerar-se um habitante do planeta. Ora, vejamos que é que lá se observa.

O dia lunar é treze vezes mais longo do que o nosso. A aurora, com o sentido que nós damos a este vocabulo, é lá desconhecida, porque não existe atmosphaera para reflectir os raios solares quando o sol se acha ainda sob o horizonte. Não ha, pois, nenhuma attenuação da luz solar, fulgurante contra a obscuridade do eó, sempre tenebroso, ainda mesmo em pleno sol, como nas mais negras das nossas noites, o illuminado pelas estrellas e pelos planetas, muito mais luminosos lá do que aqui.

A Terra é, para o espectador lunar, um magnifico ponto no firmamento, pois, além de ser immovel, é treze vezes maior do que para nós é a Lua.

Observemos agora, do alto de uma montanha lunar, a paisagem de em torno, sobre a qual se espalha a maior desolação. As sombras negrissimas são impenetraveis ao

nosso olhar, por não haver a diffusão da luz produzida pela atmosphera. Os cones vulcanicos, com diametros de poucas centenas de pés ou de muitas milhas, cobrem toda a ampla extensão contemplada por nós, enquanto a umas quarenta milhas distantes podemos notar sobre o horizonte, com a mesma nitidez com que vemos as coisas vizinhas, as cristas de uma immensa cadeia de montes. E' difficil, para não dizer impossivel, avaliar as distancias, desde que não ha perspectiva aerea. A paisagem se compõe de collinas de lavas, de rochedos, precipicios sem fundo, abysmos profundos que apresentam traços de terriveis convulsões occorridas seculos antes da existencia do homem. Tudo isso jaz no mais absoluto silencio, e revela, não um estado de morte, mas um estado onde nunca appareceu a vida.

Nenhum elemento atmospherico alterou o aspecto primitivo de certos sitios, evidentemente mareados pelo fogo, e abundam os contrastes horribéis, produzidos pela luz violentamente dardejante, pelas sombras negrissimas, e pelo sol que respande no eó escuro.

E' pois, um espectaculo de triste o horriavel desolação, e ao mesmo tempo de sublime magestade.

Embora o sol espalhe o seu calor sobre a superficie lunar durante um dia que comprehende trezentos dos nossos dias, as rochas são frigidissimas. Por toda a parte reina um silencio do morte. Poder-se-iam disparar dez mil tiros, fazer tremor o solo — sem que nem assim se interrompesse o silencio!

Que impressão se tem, pois, desse mundo de mysterio e destruição? Segundo Carpenter, "depois que vemos o quo é a Lua, mais estimamos o nosso globo, porque acreditamos que nem todos os planetas são dignos de ser habitados por seres intelligentes". E é por isso que voltamos á Terra, inteiramente satisfeitos por ter conhecido o Mundo da Lua sómente atravez do telesepio...

O MOVIMENTO DA TERRA

Em junho do corrente anno foi recebido pela Academia Franceza o sr. Alfredo Capus, que pronunciou um discurso tratando de Henri Poincaré, sabio a quem o dramaturgo vinha substituir *sous la coupole*. Nesse discurso, o sr. Capus disse, entre outras coisas interessantes, isto: "Eis que, quatro seculos depois de Copernico, um sabio observa que no espaço não existe um logar, de onde se possa observar se realmente a Terra gira; e que, por consequencia, esta affirmação: "a Terra gira", não tem sentido, visto como nenhuma experiencia poderá verificá-la. Mas a descoberta de Copernico pode resumir-se nestas palavras: é mais commodo suppôr que a Terra gira, porque assim se exprimem as leis da Astronomia em linguagem mais simples".

Estas palavras, pronunciadas no Instituto de França, provocaram uma replica de Camillo Flammarion, que no jornal *L'Astronomie*, põe as coisas nos seus devidos termos.

Lendo o bello discurso de Capus, diz Flammarion, poder-se-ia suppôr que Poincaré tivesse duvida sobre a realidade do movimento da terra. Mas não é assim.

Admittir, mesmo a titulo de simples hypothese, a possibilidade de que o nosso planeta permaneça fixo, e que o Sol e todos os astros é que lhe giram em torno, equivale a admittir que o Sol, um milhão e trezentas mil vezes maior do que a Terra, e trezentas e trinta e duas mil vezes mais pesado, gire em torno della, ponto minuscuto, com a velocidade de nove mil kilometros por segundo.

A estrella mais proxima de nós deveria, para fazer o mesmo giro em 24 horas, correr com a velocidade de tres billhões de kilometros por segundo.

Cada estrella é um sol. Do mesmo modo que a Terra gira, nós vemos girarem outros planetas: Marte, em 24 horas, 37 minutos e 23 segundos; Jupiter, em 9 horas, 50

minutos e 30 segundos; Saturno, em 10 horas, 14 minutos e 24 segundos. A rotação já se acha muito demonstrada, e negal-a seria negar toda a astronomia e toda a mathematica celeste. Poincaré limitara-se a enunciar uma dissertação metaphysica sobre a "relatividade dos movimentos", e sobre a definição tecnica da palavra "facto", e pessoalmente se aborreceu quando viu que uma parte da imprensa fizera commentarios extravagantes ás suas idéas. Niuguem deve ter mais duvidas sobre o movimento da Terra. Seria um delicto de lesa majestade contra a soberania da sciencia, que libertou o homem do erro antigo.

A CURA DO DIABETÉS

Foi publicado ha pouco, na Italia, um livro muito interessante sobre a cura do diabetes. E' seu autor o dr. Antonio Rodella.

Essa molestia, diz o dr. Rodella, pode ficar ás vezes occulta por muito tempo. Produz complicações que logo se curam, mas se no doente não se encontram os seus symptomas mais conhecidos, taes como: sêde, appetite doentio, emagrecimento, fraqueza — só as complicações são medicadas e curadas, ao passo que o diabetes vai ficando por muito tempo occulto. Os doentes sentem-se nervosos e extenuados pelas fadigas corporaes e intellectuaes. Concedem-se, por isso, de quando em quando um pequeno repouso, fazem curas de aguas ou outras, mas não se sentem melhorar. Em geral, o medico faz a diagnoso de neurasthenia, dispepsia nervosa e semelhantes molestias. E' rarissimo que um diabetes possa ser descoberto desde o inicio. Sómente em pessoas habituadas a fazerem analysar a urina systematicamente, varias vezes por anno — é que essa doença pode ser logo notada. O autor conta o caso de um rapaz que se tinha na conta de muito sadio, e no entanto teve o desprazer de ouvir do medico de uma companhia de se-

guros que elle era diabetico. Foi então que me procurou, escreve o dr. Rodella, trazendo a sua urina da noite preecedente. Examinei-a, e não encontrei traços de assucar. Couvidei-o então a urinar durante o tempo da consulta, e a urina continha glicose em traços bem abundantes. Não tinha assucar na urina da noite, e tinha-o em grande quantidade na do dia". As creanças abaixo de dez annos, quando nellas se descobre o diabetes, raramente vivem mais dois annos. Entretanto, as pessoas que já tenham passado dos quarenta, ou mesmo dos quarenta e cinco, adoecendo de diabetes, podem viver ainda vinte, trinta ou mais annos, desde que não commettam extravagancias e não se deseuídem dos conselhos medicos.

A unica cura verdadeira e effeaz do diabetes consiste no methodo dietetico. Eis uma lista dos varios grupos alimentares, com a indicação dos alimentos que são permittidos e dos que são prejudiciaes ao diabetico:

Carnes e seus derivados — Permittidos: a sopa com queijo, com verdura, com miolos de ossos; a carne de qualquer especie. São prohibidos os recheios de carne feitos com pão ou farinha de trigo, assim como as fritadas de carne quando para frigrir se adopta a farinha de trigo. Todos os órgãos dos animaes são permittidos, excepto o figado, por causa do glicogeno que contem.

Peixes de toda especie são permittidos, sendo prohibidos as ostras e os molluscos porque ás vezes contêm muito glicogeno.

Ovos e alimentos gordos — Estes alimentos são muito recommendaveis pelo seu elevado poder nutritivo. Salsichas, salames, em geral, carnes suinas preparadas, são permittidas comtanto que na sua composição não entre saccharina. São tambem permittidos o presunto, erú ou cosido, as sardinhas e outros peixes que se vendem já preparados em oleo.

Leite e seus derivados — A nata ou creme de leite tem um forte poder nutritivo. Contem 3,8 por ceu-

to de assucar, ao passo que o leite contem 4,8 por cento, e dá 244 calorias, ao passo que o leite dá 67 apenas.

Assim, 100 grammas de nata por dia podem ser permittidas. São tambem recommendaveis os queijos gordos.

Legumes — São permittidos quasi todos. Prohibidos: as batatas, as lentilhas, os nabos, os feijões e as ervilhas. Em geral, convém ao diabetico não comer mais de 400 grammas de legumes por dia. E' preferivel que os cosinhe todos, lançando fóra a agua, em que os cosinhou.

Farinha e pão — Em geral, são prohibidos, mas o medico pode estabelecer a quantidade exacta que não faz mal ao doente comer.

Fructas — São prohibidas as fructas por causa do assucar que contém; mas permite-se uma quantidade de 100 grammas por dia, comtanto que o seu conteudo de assucar seja computado na quantidade diaria de hydratos de carbono concedida pelo medico. Mais aconselha-veis do que as outras fructas são as laranjas, os morangos, os melões.

Bebidas — São permittidas: o café o o chá (sem assucar; para adoçar-os pode-se empregar a saccharina, em quantidade de 20 centigrammas ao dia); o vinho de mesa, as aguas mineraes, o eognae, o rhum, a aguardente. São prohibidos: os vinhos doces, os vinhos espumantes, os lieores, a cerveja, o cacao, o chocolate.

ALBERT DASTRE

Morreu ha pouco tempo, em Paris, o conhecido scientista francez, Albert Dastre, successor de Paul Bert na cadeira de physiologia da Sorbonna.

Dastre ia á Academia de Medicina, quando passou um caminhão-automovel militar, em grande carreira. O vehiculo apanhou-o, quebrando-lhe uma perna e maltratando-o muito. Os euidados medicos de que se viu logo cercado não puderam livral-o da morte.

Morreu com 73 annos, deixando

uma obra das mais consideraveis da sciencia franceza.

Os trabalhos de physiologia de Dastre foram os mais variados. Estudou as substancias contidas nos ovos das aves, e que servem a alimentar o embrião; as gorduras, a sua digestão, origem e utilização no organismo; o papel dos amidos e das diversas especies de assucar na nutrição, esclarecendo diversos pontos obscuros dos phenomenos de nutrição e precisando o papel representado pelas glandulas digestivas nestas transformações e na produção das gorduras.

Fez numerosas investigações tambem sobre o systema nervoso, as circulações locaes, os nervos vaso-motores, o cerebro-espinhal.

Os seus estudos sobre a physiologia do coração completaram o que já se sabia sobre a causa do rythmo de suas palpitações, o suas investigações sobre o figado esclareceram a multiplicidade de funcções que desempenha este orgão, notadamente na fabricação das gorduras e na reserva de ferro necessario á formação dos globulos do sangue.

Era, além disso, um grande vulgarizador, sendo muito conhecidas, entre as suas obras — *A Vida e a Morte* e os *Anesthetics*.

M. P.

NA ACADEMIA BRASILEIRA

A 30 de Novembro ultimo realizou-se na Academia Brasileira de Letras uma sessão solenne extraordinaria, em que foi lido pelo secretario-geral, sr. Medeiros e Albuquerque, nosso illustrado collaborador, o relatorio do anno academico que findou.

Eis um largo trecho desse interessante trabalho:

"O anno academico que hoje termina foi um dos mais agitados da nossa corporação, de ordinario tão placida. Por um lado, tivemos que lamentar a perda de vidas preciosas de tres dos nossos mais illustres consocios. Por outro, uma fortuna inesperada deu-nos a possibilidade de alargar extraordinariamente o nosso circulo de acção. E

como a Academia, embora não seja uma corporação política, é antes de tudo uma corporação patriótica, não foi sem uma mistura de tristeza e de alegria que ella viu o Brasil lançado na mais formidável das guerras, que jámais houve no mundo. Tristeza, porque toda guerra é sempre triste. Alegria, porque tomámos o logar que nos competia, ao lado dos que se batem pelo Direito e pela Justiça.

Dos tres confrades que perdemos, o primeiro foi Lafayette Rodrigues Pereira. Quando a Republica se proclamou, elle já era uma figura consagrada quer como homem político, quer como jurista.

Foi Rio Branco que o fez apresentar sua candidatura á vaga de Machado de Assis. E entre outros titulos para essa substituição allegou muito o livro que elle escreveu, respondendo a Sylvio Romero, sobre o primeiro presidente da Academia. Esse livro não é, porém, o seu melhor titulo de gloria. Obra de polemica, elle visava talvez mais combater Sylvio do que defender Machado. Sylvio, de facto, atacára muito Lafayette na analyse dos oradores parlamentares do Imperio. Lafayette, parecendo agir desinteressadamente, tomava assim uma desforra facil, porque o livro de Sylvio foi talvez o menos feliz dos seus trabalhos.

Quando Lafayette foi eleito, houve um voto em branco. Isso em nada alterou o resultado, que foi muito honroso para elle. Rio Branco chegou no fim da sessão e perguntou a um de nós o que se passára. Alguem lho disse. Elle franziu o sobrolho, quando soube do voto em branco. Eu, que estava perto delle, accusei-me. O voto era meu. Expliquei-lhe porque o dára. Tratava-se de uma questão de fórma, a que eu ligo certa importancia. Rio Branco me replicou:

— Uma Academia, como a nossa, precisa de um certo numero de medalhões. Pelo menos tres. Ella já tem o Ruy. Já me tem a mim. Falta um terceiro; deve ser o Lafayette.

A fórma humoristica dessa phrase não encobre a apreciação de alto elogio, que nella havia. Um "medalhão", que podia ficar collocado entre o de Ruy Barbosa e o de Rio Branco estava no mais alto nível da mentalidade brasileira. E era esse o caso de Lafayette.

— O segundo morto do anno foi Oswaldo Cruz. Morreu em pleno vigor. Morreu justamente cercado das hençams do nosso povo, a quem elle livrou de um dos mais horribéis flagellos, que nos assolavam. No entanto, eu creio que ha um erro de apreciação, quando o elogiam como um extraordinario homem de

sciencia. A historia da sciencia pôde escrever-se sem o seu nome, que nella figura. Não existe delle nenhuma grande descoberta scientifica. Nada que o faça assemelhar-se a um "Pasteur", a um "Claude Bernard". O seu grande merito foi o de homem politico, de administrador. Não ha nesta affirmacão nenhuma tentativa de amesquinhaamento da sua obra immortal. O homem de sciencia que procura meios idoneos para descobrir as causas de uma molestia epidemica vale tanto como o administrador que acha tambem os meios idoneos para extinguir essa molestia. Em regra, a politica ou o que se chama com esse nome — nos parece uma miseria, porque se trata de pessoas mesquinhas, que visam mesquinhos fins por meios mesquinhos. Oswaldo Cruz não fez nenhuma descoberta a proposito nem da peste nem da febre amarella, nem do impudismo. Soube porém, achar os processos administrativos necessarios para pôr em pratica os meios scientificos e chegar ás victorias que alcançou. A politica que elle fez foi a mais nobre. Foi, para os casos de que elle se occupou, a que devia ser para todos os outros.

Poucos dias antes da sua morte elle escrevia a Agenor de Roure, lembrando que Agenor e eu tinhamos sido, quando elle comccou a sua campanha contra a febre amarella, os unicos a ousar defende-lo. Era o tempo, em que os jornaes o atacavam diariamente, chamando o Codigo Sanitario o Codigo de Torturas...

Houve, para a opposição popular ás medidas que Oswaldo Cruz tomou, um phenomeno interessante de psychologia collectiva. A luta essencial, no caso da febre amarella era contra o mosquito, que então se chamava o "Stegomyia fasciata" e hoje — até os mosquitos mudam de nome — hoje se chama "Stegofya calopus". Para extinguir os mosquitos formou-se todo um exercito de desinfectadores. Obras bem caras foram exigidas. Ora, o mosquito é um adversario ridiculo. O povo admite que se combata o microbio. O microbio graças á sua invisibilidade tem alguma coisa de mysterioso. Mysterioso e divino. E' temível e ubiquo. Está em toda parte. O mosquito não tem esse prestigio. E' bastante grande para ser visto; mas bastante pequeno para ser grotesco. Era um adversario que o povo não podia admittir que se tomasse ao sério, mobilisando contra elle o exercito que se mobilizou e exigindo as medidas de hygiene que Oswaldo Cruz fez applicar. E Oswaldo Cruz era admiravel na administração. Fino, gentilissi-

mo, de uma cortezia inexcedível, ouvia os pedidos mais absurdos dos homens influentes na politica; mas, acabando de ouvi-los, fazia o que queria, o que devia, sem se desviar da linha exacta do hem publico. De tudo, porém, que elle fez, o que mais lhe dava satisfação era o Instituto de Manguinhos, que depois tomou o seu nome. Ainda ahi, elle se revelou o grande administrador, o grande organisador. Criou no Brasil o primeiro estabelecimento de medicina experimental. Formou discipulos, gulou-os, fez com que apparecessem, velou carinhosamente pela gloria delles. Os politicos mediocres têm um ciuime extremo dos triumphos alheios. Os grandes politicos, os homens de merito superior, como Oswaldo Cruz, esforçam-se, ao contrario, para pôr em realce o que os outros fazem. Pessoalmente, elle não realisou no seu Instituto nenhuma grande descoberta; mas os seus discipulos já fizeram algumas. Fizeram e farão. E tudo o que sahir desse grande estabelecimento scientifico augmentará a gloria do homem que soube criar e organisar esse admiravel instrumento de trabalho.

— O terceiro dos nossos mortos foi Souza Bandeira. Era na nossa companhia um dos mais eruditos conhecedores de linguas e literaturas estrangeiras. Sabia bem a fundo, não só a nossa lingua como a franceza, a ingleza, a hespanhola, a italiana e a allemã. Falava todas ellas com perfeição. Conhecia-lhes as literaturas. Juntava á paixão pelos conhecimentos literarios a paixão pelos estudos historicos. Eram as suas duas principaes predilecções.

Quem o procurar apenas nos seus livros, saberá delle muito pouco. Era mais para ser tratado que para ser lido. Bom, simples, amavel, alegre, ninguém tinha mais do que elle a arte da conversa, arte fina o difficil, que todos praticam mas em que rarissimos excellen. Um dia, o governo se lembrou de nomealo para representar o Brasil em um congresso internacional contra a pornographia. Deu-se então um caso que provou como a sua erudição tinha falhas. Dissertava o senador Beranger sobre os jornaes pornographicos. O senador Beranger tinha uma vida singular. Tendo-se votado a combater a immoralidade sob todas as suas formas, precisava estudal-a. E elle a estudava a fundo. Possua a mais estu-penda collecção de publicações e objectos obscenos. Quando elle falou no jornalismo pornographico, Souza Bandeira disse que tal jornalismo não existia no Brasil. O senador Beranger teve um sobresalto. E

com uma erudição muito segura, sem nenhuma consulta a qualquer nota, citou logo a existencia de uma revista que se editava no Rio de Janeiro: o "Rio-Nu". Pediu então a um secretario que fosse buscar a publicação e mostrou-a a Souza Bandeira, que a via pela primeira vez. Felizmente a falha da sua erudição nesse caso não foi de molde a envergonhal-o...

Souza Bandeira era, sobretudo, um tradicionalista. Esse espirito sempre tão moço, tão vivo, tão alegre — era irresistivelmente atraído pela admiração do passado. Isso lhe vinha talvez do seu grande amor pelos estudos historicos. Quando se percorrem as suas narrações de viagem, sente-se como era grande o seu culto por todas as obras da arte classica. Isso, entretanto, não ia ao ponto de lhe obscurecer a necessidade de certas modificações na ordem actual de coisas. Precisamente um dos seus livros se intitula "Reformas". E esse titulo é, por si só, bastante significativo. Essas tendencias, de apparencia um tanto contradictoria, provam apenas o admiravel equilibrio desse espirito admiravel. Ninguém realisa a perfeição de estar justamente no ponto médio, em que se equilibram as forças que nos arrastam para o passado e as forças que nos atráem para o futuro. Em regra nossas tendencias se mostram excessivas ou em uma ou em outra direcção. Souza Bandeira, se tendia mais para o tradicionalismo, nem por isso deixava de olhar para o futuro. Era um nobre, era um grande, era um bello espirito.

Depois de enumerar os nossos mortos, cabe-me alludir ao Inesperado acontecimento que fez da Academia a herdeira universal do Francisco Alves. Francisco Alves foi um typo de trabalho. De trabalho e de honestidade. Infelizmente as praticas commerciaes em materia de livraria, são entre nós, até agora deploraveis. Não só o que cabe aos autores é minimo, como ainda esse minimo soffre frequentemente desfalques deshonestos.

Falta-nos uma legislação protectora dos autores, que lhes permitta examinar a escripturação dos editores sem que isso se considere um verdadeiro insulto. Emquanto durar esse estado de coisas, as edições de mil exemplares terão um numero indefinido de milheiros, multiplicar-se-ão miraculosamente. Francisco Alves foi um editor com quem isso nunca aconteceu. O que elle tratava era honestamente cumprido. Tendo, porém, enriquecido graças em grande parte ao trabalho dos autores que elle editava, pensou em fazer que esses ou outros

autores em iguaes circumstancias aproveitassem a fortuna que, pelo esforço delles, accumulára.

A Academia ainda não entrou na posse dessa herança e ainda por isso mesmo, não dellherou o destino que lhe dará. No entanto, desde já é certo que ella instituirá numerosos premios para produções literarias de todas as especies."

NUNES MACHADO E A "PRAIEIRA"

Julgamos interessante reproduzir aqui a seguinte carta do desembargador Joaquim Nunes Machado, pela qual se vê bem claramente qual foi a sua attitude na chamada revolução "Praieira", de Pernambuco. A carta era endereçada ao seu amigo Joaquim Claudio Monteiro:

"Meu Claudio — Rio, 8 de Junho de 1843 — Recebi a sua de 29 de Maio em a qual me communica o estado de nossas coisas ahi, e a cujo respeito tenho a dizer-lhe que concordo inteiramente com a attitude decidida o forte que tem tomado o nosso partido, augmentando suas publicações periodicas, cuja sustentação prova que a Provincia abraça nossa causa; entretanto não posso deixar de reprovar algumas idéas excessivas e perigosas que de envolta com muita coisa boa apparecem nos nossos periodicos, como sejam o appello para a resistencia armada, a qualificação de Presidente intruso, dada ao Baronete sem a precisa explicação, e a desobediencia ás leis, que estão em execução, que a Nação recebeu, e toda obedece; isso he querer comprometter o nosso partido tão bem montado, e apoiado pelas sympathias da melhor gente. Meu amigo, quando um governo de proposito feza os ouvidos aos clamores do povo, despreza e zomba de seus padecimentos, conservando caprixosamente a causa que os produz, esse povo tem todo o direito de gritar fortemente, e combater o governo que assim falta ás condições politicas de sua existencia; mas as armas para o combate são sómente as da intelligencia e do raciocinio, unicas proficuas, e que só lhe podem dar resultado feliz, em um systema como o nosso; e isto que assim he verdadeiro em geral, mais sobressahe em nossas circumstancias. O nosso fim não he nunca revolucionar a Provincia, examnar sobre ella todas as terriveis consequencias da guerra

civil, pondo em risco a liberdade, as nosas Instituições, e a Monarchia, que se antepõem ao systema de desordem, não; nós visamos um fim nobre e generoso, combater o poder que se desvalira, fazendo-o arrepiar a carreira de seus despropósitos, e para o conseguirmos são sufficientes os muitos meios constitucionaes, de cuja efficacia não podemos duvidar sem negar fé ás nosas instituições mesmas. E não acabamos de ter agora uma prova disto? Não acabão os Tribunaes do Paiz de nos dar o mais assignalado triumpho, a despeito da formidavel presença do Despota de Pernambuco? Que mister pois he recorrer a meios violentos e materiaes? Um rompimento agora, meu Claudio, do nosso lado seria uma loucura, seria um verdadeiro suicidio. Esse passo nos desacreditaria, arredaria de nós muitas sympathias, e dará ao Barão pretextos para perseguir-nos, e cahir sobre nosso partido e esmagar-nos, completamente. Longe de nós tão perigoso pensamento de rugas e desordens; isso he o que o Barão e o Governo he uma o a mesma coisa. Attento meu amigo para o que succedeu em São Paulo e Minas; de que serviu que essas provincias pegassem em armas? De comprometter, e inutilisar um partido, que tantos bens poderia fazer á Patria, se prudencia elle tivera: foi um sacrificio inutil que só deu o triste resultado de mais augmentar a força do circulo dominante, e perpetuado no poder; quando se combatido fosse pelas armas da razão e da intelligencia, de á muito que teria cahido, coherito das maldições do paiz.

Nada, nada, meu Amigo, por nenhuma maneira de desordem, que sacrifica inutilmente o nosso partido, que deve esforçar-se para conservar a sua existencia, da qual depende a defesa dos legitimos interesses de nossa Patria. Temos muito aonde combater o governo, e de modo a esmagal-o, as Eleições, ellas que nos batem á porta; as provincaes são este anno, e para 44 ahi vêem as geraes. Corramos pois a este campo constitucional e enviemos todas as forças da constancia, da união e da lealdade para vencermos. V. pois a quem os nossos amigos ouvem, e que he prudente, advirta-os, o com elles trate de preparar a opinião, de convencer ao povo que deve tomar effectiva parte nas eleições, e nomear Deputados livres e corajosos que não trepidem na defesa dos seus direitos com as carrancas do Poder. Si tivermos prudencia e tino, creio o triumpho será nosso; porém si ao contrario nos desmandarmos, e imprudentes sahirmos das trincheiras em que temos estado da justi-

ça e da moderação, então receio por nossa parte. Muita saude a V. e a familia lhe deseja o seu velho amigo e obrigado. — J. Nunes Machado."

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COISAS NACIONAES

BRASIL-ARGENTINA

Uma das maiores nações do mundo na extensão territorial, o Brasil possui 8.524.777 kilometros quadrados, dos quaes a metade constitue os Estados do Amazonas, Matto Grosso e Goyaz, cujos habitantes, reunidos, não chegam a um milhão. Quasi tres vezes menor, a Argentina tem 2.987.356 kilometros quadrados, mais regularmente povoados, embora no litoral se adense mais a população. Nesses territorios as populações das duas republicas têm crescido assim nos ultimos vinte annos:

	<i>Argentina</i>	<i>Brasil</i>
1896 . . .	4.071.438	16.082.123
1906 . . .	5.524.017	19.523.220
1916 . . .	8.388.387	23.257.276

Augmentando de 4 milhões de almas, a população argentina dobrou no vintennio. A brasileira, accrescida de 7 milhões, apenas foi reforçada com mais um terço dos algarismos assignalados para 1896. A causa principal desso importante phenomeno demographico encontra-se no immigração européa, mais volumosa no paiz platino do que entre nós. E' o que se vê pelas entradas annuaes de immigrants nos annos citados:

	<i>Argentina</i>	<i>Brasil</i>
1896 . . .	135.205	158.132
1906 . . .	302.249	73.672
1916 . . .	80.756	34.003

De 1890 a 1896, quando uma crise tremenda flagellou a Argentina, a corrente migratoria deu preferencia ao Brasil, sobretudo ao Estado de

S. Paulo. Mas depois canalizou-se novamente para a Argentina, por identico motivo: a crise brasileira a afugentou. Para perceber-se a influencia do elemento estrangeiro nas duas republicas, basta dizer que, de 1857 a 1916, entraram na Argentina 4.709.105 immigrants; enquanto que no Brasil, num periodo mais largo — de 1820 a 1916 — entraram sómente 3.481.950, cabendo a metade deste numero ao Estado de São Paulo.

Depois da immigração, é a viação ferrea que mais concorre para o progresso economico dos dois povos sul-americanos. Eis a extensão em trafego das respectivas rêdes, a começar de 1896:

	<i>Argentina</i>	<i>Brasil</i>
1896 . . .	14.116 kil.	12.967 kil.
1906 . . .	20.560 "	17.242 "
1916 . . .	34.794 "	27.090 "

Do tal arte, em 1896 a superioridade dos argentinos era unicamente de 1.149 kilometros de linhas ferreas o agora vae a 7.704. No ultimo decennio elles punham em trafego 14.234 kilometros, ao passo que nós conseguíamos apromptar só 9.848.

Incrementada pela verdadeira colonisação o dotada do meios do transportes baratos, a agricultura argentina se expandiu de modo maravilhoso: a área cultivada quadruplicou no vintennio. Desviados do igual criterio, não tivemos nós a mesma fortuna: só a nossa lavoura cafeeira se ampliou com rapidez no primeiro decennio, mas no segundo paralyson por falta de mercado. Reflectindo esse augmento da riqueza agricola, o commercio internacional das duas seguiu a marcha abaixo indicada, com os valores da importação reunidos aos da exportação, em libras esterlinas:

	<i>Argentina</i>	<i>Brasil</i>
1896 . .	lb. 45.793.121	47.666.800
1906 . .	lb. 112.444.870	86.263.521
1916 . .	lb. 152.151.031	95.379.715

Observe-se bem que em 1896 nosso commercio externo (importação e exportação reunidas) excedia ao argentino em quasi dois milhões esterlinos. Mas, não lograva duplicar em vinte annos, quando o dos nossos vizinhos triplicava. E, consequentemente em 1916 ficou inferior ao argentino em 56 milhões esterlinos! Desdo 1900 perdemos a supremacia commercial na America do Sul. Um paiz menor, com os seus cercaes, bateunos commercialmente, porque nossa produção exportavel é sobretudo do generos coloniacs. A elle não faltam mercados, quo para nós se restringem. Proportionalmente á população, o commercio da Argentina correspondia a 18 libras e 2 "shillings" "per capita", em 1916. No Brasil não foi além do 4 libras e 2 "shillings" — tres vezes menos. A circulação fiduciaria tambem revela o desigual desenvolvimento economico das duas nações. Em 1896 os argentinos tinham em circulação 295 milhões de pesos, papel, quasi sem garantia em ouro; decorridos dez annos, em 1906, já funcionando a Caixa de Conversão, possuíam 518 milhões; e em 1916 alcançavam a 1.013 milhões de pesos, com um "stock" ouro de 75 por cento desse valor. Os brasileiros, empapelados em 1896 com 789 mil contos em curso, reduziámos a 702 mil contos o meio circulante em 1906, para attingirmos a 1.217 mil contos em 1916, com a quasi totalidade do papel-moêda sem garantia e sujeito de novo ás oscillações do cambio. — (Paulo Pestana — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

RECORDAÇÕES DE SILVA JARDIM

Antonio da Silva Jardim, "o Jardim", como nós o chamavamos, syntheticamente... Tem so escripto muito a respeito dello o incontestavelmente é impossivel supprimir-lhe o nome quando se fâlar da propaganda e da implantação da Republica. Enecontrâmo-nos pela primeira vez nas areadas do Mosteiro de São Bento, onde os frades mantinham um externato gratuito. Professores excellentes, eram incentivos para as

aulas se encherem. Isto foi em 1876 ou em principios de 1877. Depois passamos para o Externato Jasper, onde comecei a conhecer mais o Jardim. Naquolla época — fins de 1876 ou principio de 1877 — tinha já a ferver-lho no sangue o microbio do revolucionarismo. Nos fundos do Externato Jasper elle descobriu uma sala, quo a certa hora da tarde não tinha aulas funcionando e arrebanhou uns companheiros, a quem lia longas porlengas mais ou menos incandescentes. Eu nunca fiz parte desse grupo: meu temperamento nunca se afinou pelo do Jardim — Eu o achava sempre "barulhento e implacante". Dovo dizer com franqueza o quo então sentia. Não mo agradava aquelle geito e portanto conservavame afastado, mas observando sempre com cautela e com desconfiança. Dava-me com Jardim, mas não lhe pertoneia ao grupo. Vivemos mais ou menos afastados um do outro o durante esse resto do anno de 1877, mas em 1878 encontramos de novo em S. Paulo cursando o primeiro anno juridico. Em 1879 Jardim publicou o incandescente folheto "A gente do Mosteiro", quo incendiou a Academia. Carioca, elle vivia na roda dos rio-grandenses, que em São Paulo eram muito retrahidos, muito exclusivistas, não se ligando com os academicos das outras provincias. Em regra talentosos e bons rapazes, mas gostavam de se conservar riograndenses, evitando se iminisenirem com os filhos das outras provincias. O Jardim, talvez por affinidades politicas ou intellectuaes, vivia com os rio-grandenses; eram então academicos Julio de Castilhos, Barros Cassal, Aleides Lima, Assis Brasil e outros e outros, depois proceres da Republica. Comprehende-se a tendencia approximadora...

Em 1882 bacharelamo-nos o nos separamos, indifferentes como sempre.

Durante todo nosso curso nunca fomos amigos e nem mesmo camaradas. Não eramos inimigos, porém entre nós havia a mais accentuada indifferença e talvez até antipathia. Nem olle durante os cinco annos em

que convivemos em São Paulo, procurou angariar minha amizade. Logo depois da proclamação da Republica Saldanha Marinho fez annos. Meu pae era amigo devéras de Saldanha e me ensinou a querer-lhe. Nunea vi homem tão carinhoso e tão meigo. Saldanha era presidente do Instituto dos Advogados. Elle e eu eramos assíduos ás sessões, o que dava occasião de confabular com elle todas as semanas. Era o Patriarcha da Republica e eu não era republicano. Antigo mais officioso que de criterio, sabendo dessa "minha devoção", aconsellou-me não ir nesse anno á festa de Saldanha. "Voçê estará ual collocado naquelle ambiente", ponderou-me. Não lhe segui o conselho e fui. Saldanha morava na Estrada da Tijuea. O Jardim estava lá, como era de prevêr. Por occasião dos brindes falou dando á festa um caracter essencialmente republicano.

— "E' a republica que está em teu lar, velho republicano. O coração da Republica está pulsando junto ao teu. Todos nos agrupamos em volta de ti e damos vivas á Republica."

Jardim, enquanto discursava não deixava de olhar-me com aquelle tom implicante, que me irritava desde o tempo do São Bento e do Jasper. A allusão era incisivamente clara e naquelle tempo eu ainda não sabia haver ás vezes necessidade de não comprehender e do não responder. Tomei o pão á unha e talvez até levianamente falei.

— "Em volta de Saldanha Marinho estão os amigos do seu coração, sem cogitações de natureza politica. Eu, por exemplo, quero que fique muito claro não ter significação politica minha presença nesta casa amiga e neste dia, porque se lh'a derem eu me retirarei immediatamente."

Jardim irritou-se e disse-me alguns desaforos asperos. Saldanha interveiu conciliador:

— "Meu coração alegre-se vendo em meu lar todos os meus amigos. Aqui não ha inimigos politicos e nem ha politicos: ha corações." — (João Marques — *A Razão*, Rio de Janeiro).

O PRIMEIRO VOADOR

Foi o padre Bartholomeu quem, primeiro, em corpo e alma, voou. Perseverando, dia e noite, na fé ardente de voar, levantava o jesuita todos os seus anhelos ao páramo azul... Queria que o Homem voasse... Um dia, finalmente, assistido da Graça Divina, estremeceu o padre de inexprimivel jubilo. Havia acertado eou a verdade. O sonho adquiria corpo, desbastado dos obstaculos de todos os sonhos. Eram desvanecidos os tropeços de se abeirar das agulhas das serras franjadas de fogo e do rutilante labyrintho que os astrologos semearam de chimeras... Não iria, até elles, na fragil barquinha da Fantasia, mas na concha de uma solida machina, *optimo instrumento para se andar pelo ar*", — assim rezava a Petição dirigida ao rei João V pelo padro Bartholomeu — "*da mesma sorte que pela terra e pelo mar, com muita mais brevidade, fazendo-se muitas vezes duzentas e mais leguas de caminho por dia, no qual instrumento se poderão levar os avisos de mais importancia aos exercitos e terras mais remotas, quasi no mesmo tempo em que se resolvem: no que interessa a Vossa Magestade muito mais que todos os outros Príncipes pela maior distancia dos seus Dominios: evitando-se d'esta sorte os desgovernos das Conquistas, que provêm em grande parte de chegar tarde a noticia d'elles: além de que, poderá Vossa Magestade mandar vir todo o preciso d'ellas muito mais brevemente e mais seguro: poderão os homens de negocio passar letras e cabedaes: as Praças sitiadas poderão ser soccorridas tanto de gente como de viveres e munições a todo o tempo: e tirarem-se d'ellas as pessoas que quizerem, sem que o inimigo o possa impedir."*

Mas tão conspicioo engenho havia de alvoroçar a superstieiosa gente daquella época: passou, por isso, a ser cumplice do diabo quem taes façanhas annunciava por meio de uma machina voadora! Foi accusado de bruxaria, de pernicioso com-

mercio com os magicos. Não obstante algumas merecês concedidas pela real munificencia, cahiu o padre Bartholomeu no desagrado da Inquisição, padecendo com isso os concomitantes tormentos. De todos os lados pullularam ataques ao Voador. Despenhou-se, sobre o seu engenho, a avalanche das zombarias. Não estava Sua Reverencia já satisfeito com as estradas, os sertões, os campos, os lagos e até os oceanos? Ainda porfiava em arrebatrar aos passaros os caminhos aereos? Os inimigos do Bartholomeu, que tantos eram quantos lhe invojavam as excellencias da descoberta, entraram de dar largas á jovialidade da Satyra:

Se ha hasbaques que creão de
[contado
Da volátil patranha o fundamento,
Eu tão leve não sou que do teu vento
Nem sequer fie o fumo dum telhado.

Mette esse invento aonde tens o sizo,
Vê se no vento que está nelle vòas,
Que outro voar, meu Lourencinho,
[é riso.

Que invento vaes fazer, baixo idiota,
Com que engenho te atreves,
[Brasileiro,
A voares no ar sendo pateiro,
Desejando aguia ser sem ar gaivota,

Esta morano eseondida,
Quo abala toda a cidade,
Esta mentira verdade
Oú esta duvida crida,
Esta exalação nascida
No portuguez firmamento,
Este nunea visto invento
Do padre Bartholomeu,
Assim fôra santo eu
Como elle é cousa de vento!

Na officina de Simão Thadeu Ferreira, e com licença da Real Mesa Censoria, appareceu por volta de 1774 uma nota impressa, na qual se reconhecia os talentos e capacidades do inventor da navegação aerea, com a declaração de que a machina voadora havia sido experimentada segundo o testemunho de alguns velhos de probidade, e apenas uma contradicta ás explicações dadas por Bartholomeu a respeito da virtude ascencional da sua *Passarola*, que elle attribuia ao iman escondido nos globos, sem falar no gaz que os mesmos levavam no bojo,

talvez por boas razões que para isso tivesse.

Effectivamente, o testemunho dos velhos era verdadeiro: o padro Bartholomeu subiu na sua machina a 8 de Janeiro de 1709, em presença do rei D. João V e de toda a sua luzida Córte, voando desde a torre da Casa da India até ao Terreiro do Paço, onde se apeou. A Inquisição perseguiu o descobridor, metendo-o numa das cadeias de Lisboa e condemnando-o a extremados e longos jejuns, até que o zelo de alguns jesuitas, compadecidos da sua sorte, de lá o soltaram despachando-o para terras do Hespanha, onde veio a fallecer de tristezas e desesporações, aelhando-se ainda os seus restos na cathedral de Toledo. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o primeiro homem que realmente viajou pelos ares, morreu quasi desamparado: mas não morreu a sua Tãca sinão continuou a voar através dos annos e dos seculos, com o impeto vigoroso das aguias, mantendo nas azuladas alturas a gloria do Brasil, — o qual foi o seu berço e ha de ser, com certeza, um dia o seu tumulo perpetuo — (Luiz Guimarães Filho — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

AS CAIXAS ECONOMICAS

O systema das nossas Caixas Economicas, estabelecido pela lei reaccionaria n. 1.083, de 22 de Agosto de 1860, tornou-as estabelecimentos publicos dependentes do Thesouro, que garante a restituição dos seus depositos e pôde empregar-os nas despezas ordinarias do Estado, na amortização da divida publica ou em emprestimos do Monte de Socorro. Esso systema está processado, julgado e condemnado. "Em primeiro lugar, dizia com muita razão o saudoso sr. dr. Alfredo Rocha; na sua magnifica obra "As Caixas Economicas e o Credito Agricola", em primeiro lugar é enorme e indefinida a responsabilidade do Estado garantindo a restituição dos depositos e o pagamento dos respectivos juros; cresce sempre na proporção do

augmento do numero e valor desses depositos. Anti-economica, esta responsabilidade sem limites, expõe as finanças publicas a perigos constantes. Póde vir um momento em que tenha de se tornar effectiva ou em que o Thesouro, por qualquer circumstancia imprevista, se veja na possibilidade de acudir de prompto á restituição dos depositos e então difficil será prever até onde chogarão os embarços do governo e a ruina da fortuna publica. São, portanto, as Caixas Economicas do Estado uma causa permanente de perturbação no nosso organismo economico, um perigo imminente, uma ameaça continua ás nossas finanças que urge desaparecer, antes que mais se agravem as suas consequências”.

Para se ter idéa do valor dessas palavras, basta considerar que o deposito das Caixas Economicas, parcolla da nossa divida fluctuante, importava a 31 de Dezembro do 1915 em 134.697:150\$226 e em 31 de Dezembro do 1916, apresentava o saldo de 146.432:489\$779. Esta somma foi toda consumida nas despesas ordinarias da administração: esterilizou assim a economia, determinando para o Estado uma situação, cuja gravidade não preciso encarecer. Aliás, o assumpto tem sido largamente o competentemente examinado. Para levar o Senado neste momento, que deve ser de realisações, a autorizar a reforma das Caixas Economicas não preciso mais do que invocar a autoridade do nosso eminente collega, o sr. Leopoldo do Bulhões, que sempre propugnou estas idéas como deputado, como senador e como ministro. No seu relatório de 1903, encontra-se um estudo completo dos vicios de organização das nossas Caixas Economicas e é a elle que peço estas palavras que me eximem de maior justificação o que expõem nos melhores termos o problema e sua conveniente solução:

“Do quanto acabo de expôr evidencia-so não só a importancia das caixas economicas como a necessidade de uma reforma, mas reforma capital, que, em uma lei especial, á

semelhança do que existe em outros paizes, sane os vicios, defeitos e perigos do regimen actual e reintegras no seu verdadeiro papel.

Não são menores do que os economicos e dos que affectam as finanças e o equilibrio orçamentario, os males de outra natureza que esso regimen acarreta.

Dois são os fins capitaes destas instituições; matar o vicio funesto do jogo e da dissipação, creando, estimulando e garantindo a virtude da economia e da capitalisação na massa popular, e com estes pequenos capitaes accumulados, desenvolver o auxiliar o aproveitamento das forças productoras da lavoura e da industria das localidades, em que olles se formaram. Assim em vez do canalisar para o centro, de drenar para o Thesouro Nacional, as economias de todas as procedencias recolhidas ás caixas economicas dos Estados o empregal-as, como recurso orçamentario, nas despesas ordinarias da União, a sua applicação deve ser encaaminhada ás necessidades das diversas zonas do paiz em que ellas se crearam, dando a cada Estado o beneficio correspondente á quota do depositos realisados em numerario.

Tres são os typos principaes de caixas economicas: o italiano, o allemão e o francez; o primeiro, em que a garantia dos depositos não está no governo ou no Thesouro, mas no fundo de reserva, na propria fortuna das caixas que têm ampla liberdade para collocação ou emprego de seus capitaes, para roglular os embolsos e entradas, fixar as taxas do juro, em summa, que gosam do ampla autonomia administrativa, subordinadas apenas á existencia de um fundo de reserva ou patrimonio de 3.000 liras, pelo menos. Sob este regimen tem as caixas italianas adquirido notavel incremento, multiplicando-se, creando succursacs e auxiliando não só por meio de emprestimos, hypothecas, emprestimos ás provincias e ás communas, adiantamento sob caução, obrigações industriaes, o desenvolvimento economico, agricola e industrial de todo o paiz, na proporção das forças, dos recur-

nos e das necessidades locais, como auxiliando instituições de caridade, de beneficência e empresas de utilidade pública.

O segundo, adoptado de preferencia na Allemanha e na Austria, dá também ás caixas economicas grande liberdade, menos ampla, porém, que a Italia. O Estado não intervem na sua gerencia interna; mas determina, embora com largueza, o emprego dos fundos, e limita-se, quanto á sua constituição, a verificar as condições de solvabilidade dos seus fundadores e as outras garantias que taes instituições devem offerecer, especialmente o fundo de reserva. Isto quanto ás privadas. As communas tem a liberdade de fundar e garantir caixas economicas, sob a condição, porém, de que sejam boas as suas finanças e os respectivos estatutos approvados pelo governo. Este typo é, com modificações que lho não alteram a essencia, o adoptado em Portugal, Rumania e outros paizes, e tem como traço caracteristico a decentralização, isto é, o estarem, em geral, sob a fiscalisação o responsabilidade das administrações locais, e não do centro.

O terceiro é o typo francez e belga, isto é, das caixas officiaes, dependencias do Thesouro, creadas, mantidas, fiscalisadas e administradas pelo governo que, por seu intermedio suga e monopolisa as economias do povo. São assim méros canaes por onde se drenam para o cofre geral os pequenos capitales formados em todos os angulos do paiz.

O Thesouro Nacional garante os depositos e delles dispõe á vontade, tendo-os como verba de receita, a que se soccorre em momentos de difficuldades ou que emprega em despesas ordinarias como um recurso normal e commum.

Semelhante regimen, negação completa dos anteriores, fraudação absoluta dos fins a que se destinam as caixas economicas, o mais atrasado, perigoso e prejudicial, foi entretanto, o que adoptamos. Um dos meus antecessores no relatório de 1899, reconhecendo a necessidade de interferencia do Estado no funcio-

namento das caixas economicas, condemnou, todavia este regimen, apontando-o como um dos factores das nossas perturbações financeiras.

As idéas que ahí ficam não são de hoje, já as sustentei em 1885, como deputado, e em 1899, como senador.

A pratica, a experiencia e o estudo, as têm cada vez mais fortalecido, pelo que as julgo dignas da attenção do Congresso. O problema, sob a apparencia modesta, é de summa importancia e reclama urgente e imperiosamente uma solução radical." — (Alcindo Guanabara — *Diario do Congresso Nacional*, Rio de Janeiro).

O BRASIL ESQUECIDO

Dizem os grandes luminares da sciencia medica: o Brasil interior é um hospital. E' bem que o digam, para que se apreste a medicina e a cura.

Realmente, as gentes do interior vivem enfraquecidas ou morrem, dizimadas por dooças curaveis: a malária, a doença de Chagas e outras miserias. Estou que a principal de todas é a miseria economica, ou resulta do escarneio e o desprezo da ladroagem politica pelas suas victimas. Esta é a grande dooça nacional. Nos mesmos paizes cultos, o combate á malária é uma conquista recente; e a doença de Chagas só se tornou evitavel graças a uma grande descoberta nossa, recentissima. E assim, a cura da *leishmaniose*, da *ankilostomiasse*...

São victorias dos nossos dias, e não é licito exaggerar um desamparo que em verdade foi sempre criminoso, e agora ainda mais se os nossos governos, preocupados da pillagem dos seus partidos, não derem ouvidos áquella reparação hoje possivel e indispensavel.

Não ha muito tempo, um dos nossos grandes homens de acção, lembrou a necessidade de realisar a grande estrada de ferro atravez do planalto de Pirapora a Bolém. As estradas levam tudo, mesmo a me-

rença, a praça da Magdalena vale todas as bellezas dormentes de Veneza... "Para renovar a minha curta faculdade de admirar e gozar da obra d'arte, preciso de longos intervallos de repouso, para dizer a verdade, de obtusão. Londres era essa penumbra que quadrava admiravelmente á minha fraca pupilla esthetica..."

E' sempre o gosto do mundo, a "impressão aristocratica" da vida que o dominam. Em nenhum paiz, esta impressão pode ser mais forte do que na Inglaterra. A flor e o orgulho da especie humana serão sempre a "élite" ingleza. Ninguém comprehenderá melhor a gloria, a nobreza, a dignidade do viver.

Francez, latino, pelo lado da intelligencia e da sensibilidade, Nabuco foi, pelo temperamento do homem de acção, pelas tendencias politicas, pelo liberalismo, pelo respeito das tradições e culto do passado, um estadista inglez. O campo de ideal que imagino para Nabuco é o da politica do Reino Unido, uma cadeira, por exemplo, na Camara dos Lords, defendendo com Gladstone o "homo rule", combatendo o imperialismo de Chamberlain, o esmagamento do Transwaal, ou uma embaixada ingleza numa côrte do Continente.

A paixão pela Inglaterra ficou-lhe toda a vida. Terá sempre como exemplo de organização politica a sociedade ingleza. Mais tarde quando conheceu a poderosa e ruidosa democracia norte-americana, o seu culto britannico não soffreu restricções. Antes aprumou-se mais pelo contraste que se lhe impunha entre uma sociedade disciplinada, polida e culta e uma sociedade no tumulto da formação, grosseira e aspera, e uma politica corrupta, entregue aos "lobbyistas" e "rings" de todos os matizes. O genio inglez descobriu a forma perfeita de governo. O que importa discutir é a vantagem do sua applicação a povos e paizes diversos. O Brasil, pensava Nabuco, teria continuado a sua obra serena de engrandecimento pacifico e honesto, dentro do regimen extinetto. O

levante de 15 de Novembro foi um erro, mais do que um erro — um crime. Quebramos violentamente a continuidade historica da nossa vida. Demos um salto nas trevas.

Para nós outros, que não conhecemos o Imperio, esta questão de formas de governo não tem sentido no Brasil. Não se nos apresenta, não existe. Não ha um dilemma. A restauração monarchica é uma utopia, a republica parlamentar, uma illusão perigosa. Ninguem crê que uma ou outra pudesse constituir a panacêa dos nossos males. Mas, no intimo, quem conhece a historia politica do Brasil, fugirá do um parallelo entro o antigo regimen e a actual ordem das cousas. Nenhum progresso material, nem todas as avenidas do mundo eompensarão a ordem, a perdida honestidade, a perdida dignidade dos costumes politicos de outros tempos. — (José Maria Bello. — *Diário de Pernambuco*, Recife).

OS BRASILEIROS E A LINGUA ALLEMAN

Comte jamais occultou as suas francas preferencias pela civilização latina. A seu ver, a França, a Italia, a Hespanha e Portugal apresentavam um typo de civilização imensamente superior ao da Alemanha. — Nós, seus discipulos, na impossibilidade do comprehender os motivos da sua opinião irreductivel a respeito, mais de uma vez commetemos a leviandade do attribuil-a tão sómente... a uma rabugieo propria da velhice!... Recordo-me que um dia (vae disto quasi 60 annos) interpelei em Paris o eminente juriseonsulto F. Foucart, junto do qual tive a honra de sentar-me em um festim commemorativo da Escola. Eis mais ou menos a explicação que me deu o illustro jurista, autor da famosa "Ode au positivismo: Citoyens de tous les pays, contemporains de tous les ages!" — Por frequentes vezes tenho discutido com Mr. Comte a proposito da sua opinião implacavel para com a Alemanha. Jamais conseguí fazelo modi-

fiear as suas convicções. Depois de muito reflectir, quer parecer-me que no sou modo de encerrar as coisas entra um "tant soit peu" de despeito. Mr. Comte conhece bem os grandes poetas e prosadores da Italia e da Hespanha por tel-os lido na lingua vernacula; os proprios "Lusíadas" de Camões, elle os leu em portuguez; jamais, entretanto, conseguiu elle ler Goethe ou Schiller em allemão. Mr. Comte nunca pode assenhorear-se da grammatica alleman. E' inveneivel a incompatibilidade entre o genio de Mr. Comte e o genio da lingua alleman".

Mesmo os discipulos mais chegados ao seio da escola positivista vacillavam em aceitar sem discussão as opiniões de Comte sobre a Allemanha. De nada valia o facto da quasi completa indifferença dos escriptores allemães para com as obras monumentaes do grande philosopho francez. Foi preciso que chegassemos ao anno de 1914, foi preciso que se amontoassem ás nossas vistas a mais horrendas e criminosas hecatombes, para comprehendermos que nós todos estavamos enganados e que só Comte, exclusivamente Comte estava com a inteira razão.

E' só hoje que nos estão entrando pelos olhos as irrecusaveis provas da tradicional barbarie teutonica. Os Hunos do outrora subsistem ainda hoje absolutamente os mesmos, apenas tendo de novo sobre a pelle uma mui leve camada de verniz latino.

A nossa mocidade estudiosa custou a perceber, mas, afinal, felizmente percebeu o immenso perigo, que ameaça toda a civilisação latina, se por desgraça a Allemanha sahir triumphante da luta. Está, hoje, bem claro que os allemães não experimentam o minimo escrupulo em estrangular brutalmente todas as nacionalidades, todas as literaturas e todas as linguas de origem neolatina. E' seu firme proposito exterminar em primeiro logar a França. E é com immenso gaudio que o prussianismo verá extinguir-se a lingua franceza! Os allemães moder-

nos não podem ainda conceber que a lingua franceza seja uma obra d'arte e que essa obra d'arte seja um primor, diante do qual toda a humanidade latina se inclina genuflexa. Está no programma pan-germanico que mais dias menos dias chegará a vez da Italia. E já está nos mappas da meninada das escolas allemans que uma boa naca do Brasil constitue a Allemanha austral. A lingua portugueza não está segura! O sossobro da nossa independencia marcará a hora da sua mortalha.

Diante do immisericordioso prospecto a nossa mocidade estudiosa não póde por mais tempo hesitar. E' preciso responder aos barbaros intellectuaes quo Comto e Herbert Spencer, que Shakespeare o Moliére, que Newton e Pasteur não conheceram a grammatica alleman o que, portanto, para o bem da Humanidade é absolutamente indifferente que exista ou não a "Kultura" germanica. Como precaução elementar de defesa e para a boa futura politica internacional, é de rigor que toda a nossa mocidade estudiosa se recuso de hoje em diante a estudar a lingua alleman. E' do simples bom senso, é do san razão que o espirito da nossa mocidade so emancipo de todos os prejuizos literarios até aqui inculcados e comprehenda a necessidade irrevogavel de uma completa exclusão da Allemanha do concerto das nações civilisadas do hoje em diante. A lingua alleman falada pelos nossos moços constitue uma das mais possantes armas na esphera do commercio. E' nessa esphera quo a Allemanha encontra a sua mais enriquecedora fonte. E' por essa mesma esphera que deve começar a punição dos seus crimes.

Ha 70 annos, morava em Paris um medico allemão bastante conhecido, que dizia ao professor Ricord, seu amigo: "Todas as manhans, ao levantar-me da cama, é meu primeiro cuidado erguer as mãos para o céu e agradecer a minha sorte por ter-me feito nascer na Allemanha". — Porque razão? perguntava Ricord. "Tendo nascido

na Allemanha aprendi com o leite e no collo de minha mãe a conhecer inconscientemente a lingua allemã sem perceber-lhe as difficuldades. Se eu fosse de outra nacionalidade e tivesse de aprendel-a depois de moço ou de homem feito, jamais teria conseguido desvencilhar-mo das inextricaveis complicações da sua grammatica. Não obstante ter-me forinado na Allemanha e ter sempre estudado nos livros allemães, não consigo ainda hoje ter uma idéa clara sobre qualquer assumpto medico sem recorrer a um outro dos expositores usuaes da medicina franceza”.

Não é facil estabelecer uma classificação das linguas neo-latinas para determinar qual dellas merece a precedencia. Nas nossas circumstancias, entretanto, criadas já pela pressão de todo o nosso passado historico, já pela magnitude dos interesses economicos e sociaes do presente e do futuro, não pode haver duvida quanto á necessidade organica de darmos o mais vigoroso impulso ao estudo da lingua portugueza.

A nossa lingua não só pode e deve ser patrioticamente conservada como tambem pode e devo ser estheticamente aperfeçoada. E o que nos resta a fazer para o aperfeçoamento do portuguez é muito menos difficil de realisar-se do que a operação profunda, que transformou fundamentalmente as outras linguas da mesma origem. Por estas mesmas columnas já tive a occasião, ha tres annos, de recordar que as primeiras obras de Corneillo foram editadas no francez antigo, ao passo que as suas ultimas publicações já appareceram scintillantes o trajadas do fresco no elegante francez moderno. Foi durante a vida de um homem que se operou a mais radical transformação. E devo igualmente lembrar que ainda hoje muitos membros notaveis da Academia Franceza trabalham esforçadamente para levar mais longe essa transformação corrigindo locuções e supprimindo idiotismos, vestigios da época da pedra não polida.

A lingua franceza, tal qual é falada no “Theatre Français”, de Pariz, é coisa muito differente do francez falado nas ruas e sobretudo nos departamentos meridionaes da França. O “Theatre Français” é a alta escola destinada ao ensino da pronuncia elegante; cada um dos seus membros é um eximio professor de declamação. O francez ahi falado é incontestavelmente a mais bella lingua do mundo. Com um pouco de insistencia, com alguma arte a pronuncia da lingua portugueza pode sem duvida approximar-se consideravelmente da belleza classica da pronuncia da lingua franceza.

As nossas Academias de Letras até aqui só se têm occupado activamente da questão orthographica. E’ um dever de honra para ellas a questão da pronuncia. Não nos faltam homens competentes nesta materia. A geração actual dos nossos homeus do letras não so lembra mais de Nise Floresta Brasileira Augusta, a insigne poetisa que encantou os salões dos primeiros tempos da Côte de Pedro II. Eu era bem criança, interno do collegio do sou illustro irmão, Joaquim Pinto Brasil, em Rezende, e ahi tive a occasião de ouvir-a recitar alguns trechos dos mais mimosos dos “Lusiadas”. Até hoje perdura nos meus ouvidos o eco da angelica doçura da sua pronuncia. Alguns annos mais tarde, tive a occasião de ouvir em Pariz Odorico Mendes recitar alguns trechos da sua estupenda traducção da “Eneida” de Virgilio. Que contraste com a suavidade da lingua da nossa poetisa!... mas, ao mesmo tempo, que extraordinaria belleza na energia masculina da lingua!...

Eu ora estudante de preparatorios aqui em S. Paulo, interno do João Carlos, quando tive a occasião de ouvir, no antigo Theatro S. José, Ferreira Vianna, estudante do 5.º anno, recitar a seguinte poesia, naturalmente da sua lavra:

Nessa Roma tribunicia
 Já não existe um Sciplão.
 Enterrou-se a liberdade
 No sepulchro de um Catão.

Liberdade! virgem pura, virgem linda,
Que nenhum mortal ainda gosou;
Eu te adoro, ó liberdade,
Como Deus ama a verdade,
Como Christo a Deus amou!

Essas palavras, gravadas de improviso em meus ouvidos, jámais se apagaram e até hoje perduram por causa da encantadora cadencia musical, que as acompanhava.

A intonação de voz na pronuncia do Ferreira Vianna era intermedia entre a de Nise Floresta e a de Odorico Mendes. Dahi tiro a irrefragavel conclusão: que a lingua portugueza presta-se a todos os estylos, a todos os modos imaginaveis de expressão da alma humana. Portanto, nenhuma hesitação mais, mocidade estudiosa! A completa exclusão da Allemanha é uma necessidade mundial. E' o unico meio de a fazermos expiar a sua longa sério de crimes. Eia, pois, avante! Cerrar fileiras sob a bandeira de Bilael — (Dr. L. P. Barretto. — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

O NACIONALISMO DE RAMALHO ORTIGÃO

Amar e incitar-nos a amar as nossas cousas não podia consistir para Ramalho Ortigão na dissertação documentada sobre as vicissitudes historicas das officinas e mestéres, ou sobre a trama dos tecidos, ou sobre a graça das nossas olarias e dos nossos trajes, ou sobre a qualidade e linha dos nossos moveis, ou sobre a architectura e harmonia dos nossos paços e choupaus; era usar e applicar esses tecidos, essas olarias, esses moveis, essas habitações, era restaurar esses mestéres, honral-o pelo contacto dos nossos sentidos e pelo prazer com que os entreteciamos em a nossa existencia, era trazel-os para a affeição e entendimento do nosso animo pelo afago, pela penetração da realidade concreta sobre o espirito antes de lhes

querermos pela acção do espirito sobre a realidade concreta. Não era uma these de doutorando; era a construção e a decoraçào do uma casa, expressão inicial das nossas affeições e de toda a nossa alma. O homem seria o que a sua pousada dissesse; ella traduziria, muito mais claramente do que longos discursos e palavras vãs, o caracter do seu coraçào e a natureza da sua intelligencia, toda a sua concepção da vida, daquillo para que ella nos serve e pode servir-nos, daquillo a que ella nos obriga o daquillo em quo ella nos prende e encanta.

Foi assim que Ramalho Ortigão procurou penetrar-nos do amor da nossa terra e da nossa gente. A belleza simples dum cobrejão do Alentejo ou dum chapeu braguez, o colorido e o desenho dum liteiro, o contorno dum cantaro beirão, as ramagens dum lenço saloio, encastrado dum poceiro vindimo, esses o infinitos outros estímulos congeneres iniciaram Ramalho Ortigão no amor da patria e no culto da sua formosura. Dessas innumeraveis riquezas artisticas, nascidas do sangue das raças como as arvores nascem da terra, sem a intervenção da nossa vontade consciente, desses bens accumulados no correr dos seculos e, não obstante a sua unção do antiguidade, ignorados, proscriptos e desprezados pela sentença de barbarie que lhes fôra lavrada por uma sociedade moral o intellectualmente anemica, guardando os restos do sua apagada energia para a obediencia a doutrinarismos safaros, dessas reliquias fez o missionario e gladiador um evangelho. Por ellas quiz prender-nos ao passado, por ellas pensou renovar-nos os costumes, inspirar-nos a robustez da continuidade, avigorar-nos o espirito e facultar-nos alegrias abundantes, com essa subtil e magica insinuação da essencia maravilhoza a que se dá o nome de *tradição*.

Um anno antes de morrer, conversando com um filho meu, dizia Ramalho Ortigão que "pelos cestos se podia fazer uma chorographia de Portugal". Assim definiu uma com-

preensão do paiz e desvendava o fundo mais romoto e firme do seu espirito. Os homens distinguir-se-iam pela feição externa dos seus labores. Os povos e as provincias estremavam-se, não pelas estradas e divisões politicas, ou pelas fortalezas e fronteiras traçadas a fio de espada, ou mesmo pelos rios o mares que o nosso engenho o audacia converteu do separações, que outrora foram, em laços do união, que hoje nos ligam; os povos e as provincias conheciam-se e classificavam-se pelas formas que conceberam o inventaram ou imitaram, pelas estruturas das cousas em que affeioaram ás suas criações as criações da natureza, em que sujeitaram ao seu conceito de ordem o belleza a ordem cosmica. Ramalho Ortigão encontrava a sua terra desnacionalisada o erradia, abandonada ao capricho de imitações estranhas, sem caracter seu nem desejo que o determinasse, rolando ao vento dos devaneios importados ao acaso das suas relações espirituas, verdadeiramente devastada das raizes que lhe firmavam o chão, o a adornavam com a sua verdura e a enriqueciam com os seus fructos.

Este "amor das nossas cousas", que foi o que subjugou Ramalho Ortigão e o que sem discrepancia se lho attribue e que elle servio e disseminou com muito efficaç dilligencia e esforço, será o mais perduravel dos trophcus do seu combate. Perante elle esmorecem todos os demais; até mesmo não raro se tornarão ephemeros os que na primeira hora mais deslumbraram o mais opulentos se mostraram. O amor na tradição e a fé no seu poder de regeneração — este é o grande legado e o mais fertil da sua dilatada jornada, esta a melhor semente da sua sementeira, a mais promettedora esperança que nos trouxe e o mais firme amparo que nos apontou em meio duma tormenta do instituições, de crenças e do costumes. — (Jayme de Magalhães Lima. — *Atlantida*, Lisboa).

NIETZSCHE E A ALLEMANHA

Nietzsche não escrevia para a Allemanha, que não comprehendia as suas concepções philosophicas. Nietzsche escrevia para a humanidade. Sua influencia sobre o mundo só começou quando o seu pensamento, traduzido em francez, se tornou accessivel aos que participam da civilisação franceza. O philosopho sabia-o bem. O pensamento allemão não tem irradição fóra da Allemanha, não tem influencia senão sobre cerebros allemães. Como elle queria, apesar disso, falar aos outros homens, mais de uma vez tentara fazer-se traduzir em francez. Não tinham outro fim as suas tentativas junto a Taine. Nietzsche só se tornou universal depois que as suas obras foram traduzidas em francez. O philosopho não teve participação alguma na grande loucura germanica. Elle sonhava acima do bem o do mal, e seus sonhos não eram sonhos allemães, mas sonhos de semi-deus.

Para medir a distancia que separa o seu pensamento do do Ostwald, chimico e philosopho, como Nietzsche era philologo e philosopho, é preciso comprehender que Nietzsche, theorista do super-homem, quer elevar o individuo acima das leis christans, ao passo que Ostwald, theorista da energia, quer desenvolver a energia da massa allemã, da dominação allemã. A idéa do Ostwald se oppõe á do Nietzsche como uma these politica se oppõe a uma concepção do espirito. Não se póde, pois situar Nietzsche na nova Allemanha. Por sua educação, pela foição do seu espirito, inteiramente especulativo, elle pertence francamente a um periodo allemão em que não havia ainda nascido o verdadeiro espirito allemão, do dominação o do egoismo nacional.

Podia-se ler Nietzsche sem mesmo perceber, a não ser pela maneira nebulosa do suas phrases; que era um allemão. Nietzsche era um europou, o elle mesmo se gabava disso. Uma das suas phrases favoritas era esta: "Nós outros, europous...". O philosopho está acima

da idéa nacional. E' lho precisa uma patria mais larga o sobretudo mais livre. Zarathustra precisa de uma patria romantica: opprimil-o-ia a que foi creada pelas novas idéas allemans, depois da victoria de 1870. Mas Nietzsche já tinha a sua rnção morta quando essas idéas começaram a ter um desenvolvimento inesperado, quando, abandonando a civilização européa os allemães entraram na prisão da sua cultura nacional. Elle já não escrevia mais, e nada do que escrevera anteriormente tem o estigma do egoismo allemão. E' tambem ello o ultimo allemão que pertence francamente á civilização européa.

Tem-se dito, um pouco inconsideradamente, que Nietzsche tinha sido um dos educadores de Guilherme II. Guilherme, nesse caso, aproveitou muito mal as lições, porque Nietzsche prégua aos homens, não a dominação sobre os seus semelhantes, mas a dominação sobre si mesmos. E' de lembrar-se o perfil que ello fez do verdadeiro philosopho, do philosopho dos novos tempos, de quem elle exige tamanha força d'alma e mesmo abnegação. E' isto que elle exige tambem dos que querem dominar seus irmãos, e nunca, mesmo em suas paginas mais brutaes, se encontra o elogio puro o simples da força. Do facto d'elle distinguir a moral dos senhores da moral dos escravos, não se deve concluir que elle reconheça o direito do ser senhor a quem não possui senão a força nua.

Esse admirador da Renascença sabia bem quaes são os elementos imponderaveis de um "condottiere", e que, para dominar os homeus é preciso mais alguma coisa além da fé na sua espada. Mas os directores da idéa allemã tomaram o habito de attrair a si todos os escriptores allemães antigos e modernos e de fazel-os dizer o que convém á sua these. E' bem possivel que Guilherme II tenha lido Nietzsche ás avessas, e que o conselho mystico: "Sêde duros!" Guilherme o tenha tomado ao pé da letra, como uma incitação á erveldade.

Para mim, entretanto, Nietzsche, longe de encarnar o imperialismo ou a cultura allemã, so lhe oppõe nitidamente. Elle representa outra forma da civilização, a quo parte dos gregos e vem ter aos francezes, ou melhor, aos europeus do seculo XIX. Pois, não se viu Nietzsche censurar essa mesma "Kultur", da qual se pretendo que elle seja um dos mestres? Elle, que ehorou com a noticia do bombardeamento de Paris, como ter-se a audacia do supôr que approvaria a destruição de Louvain? — (Remy de Gourmont. — *Mercur de France*, Paris).

KERENSKY

Na revolução russa, nenhuma figura talvez excite mais a curiosidade do quo a deste tribuno que durante mozes sustentou uma lucta formidavel contra o desaçaimar das mosmas paixões quo o lovaram ao poder. Alexandre Kerensky, que não tem mais de 36 annos, foi educado em Tchekent, o centro commercial do Turkestan, onde seu paç, quo tinha o titulo de general, era director do ensino. O paço do tribuno era um typo de fiol servidor do esar, ferozmente reaccionario de opiniões o autoritario no seu lar. Em compensação, a mão de Kerensky era do espirito liberal e do caracter amavel.

Detalho interessante: ella possuia sangue allemão nas veias, o quo não impedo que seu filho seja irreductivamente hostile ao germanismo. A infancia de Kerensky decorreu num meio religioso muito estreito o muito rigido. Aos domingos, esse que devia ser o chofo da Russia revolucionaria, prestava servicos na egreja do logar, despertando a admiração do todos os presentes. Já se mostrava com um raro dom de eloquencia, declamando poesias patrioticas o representando com successo, o principal papel de peças de Gogol. Quem sabe se não foi a obra do Gogol que orientou o seu espirito para as idéas revolucionarias?

Nesse tempo, Kerensky era um adolescente magro, alto, elegante, de physionomia regular e bella, muito requestrado pela boa sociedade de Tachkent, graças ás suas qualidades mundanas. Mas, desde que começou a viver em Petrogrado, ondo foi estudar direito, transformou-se radicalmente. Começando a frequentar os centros intellectuaes, Kerensky filiou-se logo ao partido revolucionario, em que a sua intelligencia e a sua eloquencia lhe deram consideravel influencia pessoal.

E' extraordinario o poder de trabalho de Kerensky. Era-lhe muito frequente trabalhar sem interrupção durante varios dias e noites, e ir depois a uma grande assembléa popular pronunciar um vibrante discurso — e tudo isso sem fadiga apparente.

Foi em Moscou que se fez a sua reputação de advogado: tomando parte em todos os grandes processos revolucionarios. Foi lá que elle se tornou o homem da revolução. Os que o conhecem definem assim a sua oloquencia: "Um vulcão que faz a sua erupção, e que irregularmente sem rythmo e sem logica na apparencia, jorra cascatas de um fogo devorador. Seu rosto, geralmente amarello e fatigado, se torna bello e conquista os ouvintes. O que encanta nelle, é, no meio das mais graves e asperas palavras, ter um sorriso quasi infantil e um brilho muito suave nos seus olhos vivos."

Subindo ao poder, a sua capacidade do trabalho ainda augmentou, e isso apesar da enfermidade que o rée aos poucos. Como certa pessoa lhe pedisse uma audiéncia, para tratar de assumpto urgente, Kerensky marcou-lhe, como a coisa mais natural deste mundo — as tres horas da madrugada. Alguem lhe perguntou certa vez se não se estabeleceria o dia das oito horas na Russia: "Não sei ainda, respondeu elle; mas una coisa eu sei: é que não se trata de trabalhar seis ou oito horas, mas vinte e quatro. E o que eu exijo de mim mesmo, exigirei de vós tambem".

Incontestavelmente, Kerensky é um caracter e uma força, um verdadeiro

chefe do povo. Mas a Russia de hoje será um povo ou apenas uma multidão? — (Jacques de Coussanges — *Le Correspondant*, Paris).

KORNILOF

Filho de um camponez cossaco e descendente do almirante Kornilof, o geueal Kornilof é um russo puro, apesar do caracter mongol que demonstrem o traço dos seus olhos e a magreza do rosto, de maçans salientes. Quando cursava a escola de artilharia, uma eigana lhe predisse que morreria com 63 annos. Fatalista como todos os homens da sua raça, essa predição lhe inspirou uma grande confiança no seu destino e lhe permittiu ser intrepido até á temeridade. E' assim que todo o soldado russo acredita na invulnerabilidade do general Kornilof. Citam-se varios casos, em que elle foi miraculosamente poupado pela morte. Durante o outomno de 1915, sendo já general, um shrapnell, rebentando a alguns passos delle, matou um official que o precedia o outro que vinha atrás. E elle não soffreu nada. Sua grande popularidade data do momento da sua ovasão de um campo de concentração austriaco.

Quando commandava a famosa divisão Souverof, Kornilof feriu-se, cahindo prisioneiro dos austriacos. Foi encerrado no castello de Esterhazy, primeiro, depois no hospital de Kersek, até que, conseguindo obter um uniforme de simples soldado, poudo fazer-se transportar para um campo de concentração de prisioneiros. Dahi elle se avadiu, com um soldado tcheque. Durante os primeiros dias viajaram em estrada de ferro, chegando a Budapesth, onde passaram uma noite num pateo cheio de soldados. Kornilof deitou-se ao lado de um soldado allemão, com quem conversou durante muito tempo. No dia seguinte arranjou vestes de paizano, e pôz-se de novo em marcha, sempre acompanhado do soldado teloque. Despertaram então suspeitas, fizeram fogo sobre elles, morrendo o soldado... Kornilof, porém,

escapou á perseguição. Andou assim durante vinte dias, através das matas, sem viveres e sem dinheiro para compral-os, chegando enfim á Transylvania, onde os camponezes rumenos, reconhecendo nelle um soldado russo, lhe franquearam as choupanas. E no dia 15 de Agosto de 1916, vestido de camponez, Kornilof transpunha a fronteira da Rumania. Estava salvo. A "aguia libertada", como o chamaram então na Russia, recebeu da Nicolau II o commando da "divisão selvagem", o mais famoso corpo do exercito russo. Foi desse posto que a revolução o tirou, para confiar-lhe o governo militar de Petrogrado, onde prestou muitos serviços preciosos, que por um momento fizeram suppôr que a Russia revolucionaria vencera a anarchia. Preferindo sempre a offensiva, Kornilof costuma dizer, para justificar a iniciativa do ataque: "Nós somos muito fracos para nos defendermos!"

O general Kornilof tem 47 annos. Se a cigana que lho mareou a morte para os 63 annos falou certo, restam-lhe ainda a viver dezeseis annos, tempo bastante a um soldado como elle. — (Marylie Marckovitch — *Revue des Deux Mondes*, Paris).

O POETA DAS MULHERES

Assim se pode chamar dom Ramon de Campoamor y Campoosorio, enjo centenário do nascimento a Hespanha festejou a 24 de Setembro do corrente anno.

Toda a obra de Campoamor parece destinada a curar as febres romanticas e os seus "anjos do lar", e as borracheiras naturalistas e os seus "demonios de perversão". Dir-se-ia que o poeta, magnificamente dotado para delirar e com sufficiente espiritalismo para permanecer terra a terra — inscreveu no seu escudo litterario, á guisa de moto, a divisa de Fontenelle, — "Nem céo, nem terra". Dahi provém as restricções que lhe fazem tanto os apaixonados como os frios. Para os romanticos, Campoamor é talvez demasiado naturalis-

ta; para os partidarios do naturalismo, ha do ser com certeza, demasiado romantico. Os versificadores não perdoam aos poetas essa rara qualidade humana, que se chama ponderação.—Depois, Campoamor, com vasto testemunho humano, nega que as mulheres sejam "anjos do lar". Nem anjos, nem demonios: serão apenas mulheres. E' esta, provavelmente, toda a sua philosophia, e mesmo toda a sua esthetica litteraria. A sagacidade feminina percebeu logo que um poeta tão sagaz, seria o seu melhor interprete. E as mulheres — que, ao contemplar-se nas cornucopias romanticas de Victor Hugo e de Alfredo de Musset, não podiam conter um mochoño ironico, e, ao fitar-se mais tarde nas luas zolzeas de Ná-ná, não podiam, tambem, reprimir um gesto de indignação — se viram copiadas no fidelissimo espelho campoamorino, nem como "anjos", nem como "demonios"; mas singela e humanamente como mulheres.

Nessa naturalidade poetica, que é o dom mais excelso de Campoamor, ha como um equilibrio do real e do ideal. Campoamor é o poeta das mulheres não só por conhecê-las, mas tambem por comprehendê-las. Uma das primeiras qualidades comprehensivas do poeta tão burguez, é precisamente a sua condição burgueza, o seu afastamento do aristocratismo como do plebeismo, e a sua equidistancia entre a affectação romantica e a affectação naturalista. Campoamor não inspira proselytismo beato nem proselytismo demagogico. Elle não canta, mas conversa. Não doutrina mas expõe. E quando canta, como no *Drama universal*, o povo, desde que o não comprehende, não o escuta. E quando procura doutrinar, como no *Personalismo* e no *Absoluto*, a burguezia, que o não comprehende, dá de hombros. Ao publico, que não é poeta profissional nem philosopho de livros porque sente a poesia dos homens e a philosophia da vida, Campoamor dá, com o seu instincto immortal, a poesia das *Doloras* e a philosophia das *Humoradas*. — (Cristóbal de Castro — *La Esfera*, Madrid).

UMA CRUZADA DE CREANÇAS

Em 1212, no tempo das Cruzadas, as creanças sentiram-se tomadas de enthusiasmo guerreiro, suggestionadas pelo rumor de armas que em torno dellas se fazia. E uma massa enorme de creanças seguiu para a Terra Santa afim de libertar o tumulo de Christo.

A formação de semelhante exercito, composto de creanças, dos dois sexos, pareceria incrível se não ajudasse a explicar-o o auxilio que a empreza recebeu de grande parte do povo, o qual esperava grandes coisas da singular Cruzada. Era tal a convicção de que os meninos cruzados tinham sido inspirados pelo Espirito Santo afim de que recuperassem só com a sua innocencia, o Santo Sepulcro, perdido pelos peccados dos antepassados, — que os progenitores que a isso se oppunham ou os sacerdotes que desaconselhavam a Cruzada das creanças, foram asperamente censurados pelos fanaticos.

A phalange infantil começou a formar-se em Vendôme, no Franco Condado, em seguida á propaganda de alguns jovens exaltados, e foi engrossando pouco a pouco, especialmente ao atravessar a Alsacia e a Borgonha. Só o contingente de Strasburgo reuniu áquelle exercito 1.800 pequenos guerreiros, fugidos das suas casas apesar das precauções pateruas. A turba infantil atravessou os Alpes, e, embora já immensamente reduzida pelas mortes occasionadas pelo cansaço, o mais ainda pelo desapparecimento de muitos que, pelas terras atravessadas, iam sendo tomados pelos camponezes, que os transformavam em servos, — assim mesmo chegaram a Genova nada menos de sete mil... cruzados! Destes, uns mil chegaram até Roma. Mas desta cidade nenhum passou. Tinham feito erêr ás pobres creanças que, atravessada a Italia, ellas poderiam transpôr o mar com os pés enxutos!

As mil creanças que chegaram até

Roma, lá tiveram a benção do Santo Padre, e muito provavelmente foram por elle ajudadas a repatriar, chegando todas a Marselha, sem outros incidentes. Em Marselha, porém, encontraram dois sujeitos que lhes deram a entender ser-lhes facil attingir a Palestina, sob a sua direcção. Os dois malandros fizeram embarear as creanças em sete navios, que logo se fizeram ao largo. Sobrevindo uma tempestade, tres desses navios foram bater nalguns rochedos da Sardonha, não se salvando nenhum dos naufragos. Alguns annos depois, no lugar onde foram encontrados e inhumados os cadaveres dos pobres naufragos, Gregório IX fez erigir uma capolla sob o titulo de *Novos Innocentes*. Os outros quatro navios foram ter á Africa, onde os meninos cruzados foram vendidos como escravos pelos dois sujeitos que os haviam conduzido. Muitos morreram na escravidão ou se fizeram musulmanos, e os pouquissimos que foram á sua terra, só o conseguiram graças á grande caridade de um chofe arabe que na sua mocidade, e trajando de padre, havia viajado muito pelos paizes christãos.

So essa cruzada de creanças fôsse exclusivamente legendaria, de certo a literatura já se teria aproveitado della, florindo-a e engrandecendo-a, para maior diffusão pelo povo. Mas não é apenas legendaria, pois encontram-se tambem referencias a ella em livros rarissimos, que só os ratos do bibliothecas podem descobrir, taes como a *Historia das Cruzadas* de Michaud, a *Historia Ecclesiastica* de Fleury, os *Annaes da Italia* de Muratori (anno 1212) e os *Grandes Annaes* de Strasburgo (de 1238). Michaud chega a dizer que pereceram nessa Cruzada nada menos de cincoenta mil creanças! Entre os pouquissimos cruzados que tornaram a vêr os seus paes havia algumas meninas, heereca das quaes diz a chronica: *florem pudicitiae suae amiserunt!* (Americo Searlatti — *Minerva*, Roma).

AS CARICATURAS DO MEZ



OS CRUZADOS GERMANICOS

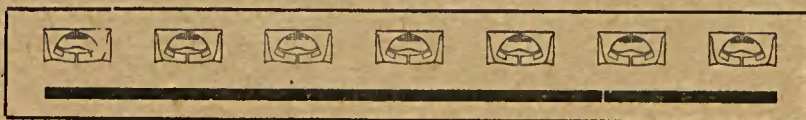
— A minha missão é pedir a Deus que o Brasil seja, um dia, a Terra de Santa Cruz... de Ferro!

(Jullão Machado -- "D. Quixote", Rio)



É O MELHOR PRESENTE DE NATAL

*Um verdadeiro regalo
para os paladares delicados!*



LIVROS NOVOS

A Dívida do Brasil (estudo retrospectivo), pelo sr. F. T. de Souza Reis (4\$000 — edição da "Revista do Commercio e Industria", S. Paulo) — E' um elegante volume, nitidamente impresso, com que se inicia a publicação de uma pequena bibliotheca sobre assumptos economicos e financeiros. Eis os titulos dos capitulos: Coloula e reino (1500-1822); Primeiro imperio; A convenção adicional e o emprestimo de 1823; A fundação da dívida publica; A dívida publica e o governo de d. Pedro I; Decennio regencial (1831-1840); O segundo imperio (1840-1850); O segundo imperio (1850-1871); A dívida interna — A dívida fluctuante; O segundo imperio (1871-1889). — E' um livro muito interessante, que devem adquirir todos quantos se interessam por estudos economicos.

Os Amores de Camões, por Theophilo Braga, edição da "Renasença Portuguesa" (2\$500 broch. na "Livreria Lealdade", S. Paulo, Rua S. Bento, 51). — O autor delta abaixo a lenda segundo a qual Camões amou apenas d. Catherina de Athayde; Camões amou d. Catherina, mas tambem amou sua prima Isabel Tavarés e d. Francisca de Aragão. O illustre dr. Theophilo Braga cita os mais bellos sonetos amorosos de Camões e conta factos interessantissimos das relações amorosas do poeta. Livro que todos devem ler, não só porque é agradabilissimo, como porque revela um aspecto novo da personalidade do poeta portuguez, tão grande e tão desgraçado.

O Enforcado, novellas pelo sr. Costa Macedo, edição da "Renasença Portuguesa" (dr. 3\$000, na Livreria Lealdade, S. Paulo, R. S. Bento, 51). — São oito bellos contos do conhecido escriptor portuguez, sr. Costa Macedo, illustrados por Corrêa Dias. Escriptas em portuguez de lei, essas novellas, de fantasia e realidade, são encantadoras, sobretudo a primeira, que dá o nome ao volume.

Theoria Geral do Processo ou Theoria das Acções, segundo o Codigo Civil de 1916, pelo dr. Almachio Diniz; edição da Livreria Francisco Alves, S. Paulo e Rio (preço 3\$000). — O sr. A. Diniz, cuja competencia é notoria, faz um estudo muito interessante da materia. Todos os advogados encontrarão neste livro noções excellentes sobre as acções, com a sua classificação, mechanismo, etc. O processo das acções é um dos capitulos mais interessantes, assim como o das provas e o dos recursos.

Theoria e Practica dos Contractos por instrumento particular no Direito brasileiro, pelo dr. Afonso Dionysio Gama (580 paginas, preço 23\$000, edição da Livreria Leite Ribeiro & Maurillo, Rio de Janeiro, R. S. Antonio, 3). — E' um bello volume em que o autor estuda minuciosamente o assumpto na Parte Theorica, e, na Parte Practica dá um formulario maguifico aos advogados. Eis os titulos dos principaes capitulos: Dos contractos em geral — Dos contractos que podem ser feitos por instrumento particular — Dos contractos em particular — Formula de contractos por instrumento particular, etc.

A APPARECER:

O Sacy-Pererê, por um Demologista amador. Livro de 300 paginas formato grande, abundantemente illustrado, onde se enfeixa o inquerito aberto ha tempos sobre esta interessante figura do nosso "folk-lore". A' venda em todas as livrerias, em principio de Janeiro. — Preço, 4\$000.

Dez mortes tragicas, contos por Monteiro Lobato, edição da "Revista do Brasil", a apparcer em Fevereiro ou Março.

A "REVISTA DO BRASIL" encarega-se de adquirir, por encomenda, em S. Paulo ou no Rio, quaesquer livros nacionaes ou estrangeiros, comtanto que os pedidos venham acompanhados da respectiva importancia.

Casa de Saude

Dr. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirfido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello. proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Calva do Correlo, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560

Grande Loteria de São Paulo

FIM DE ANNO

EM 28 DE DEZEMBRO

200 Contos em dois grandes
:: premios de

100:000\$ — 100:000\$

INTEIRO	9\$000
MEIO	4\$500
FRACÇÃO	\$900

Os bilhetes estão á
venda em toda a parte

Wilson Sons & Co. Limited

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Teleg. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES:

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke, etc.; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de flandres e ferragens; óleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para industrias; barro e tijolos refractarios, barrilha etc.

AGENTES DE:

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres
Seguros maritimos e contra fogo
J. B. White & Brothers, Londres
Cimento Portland "J. B. W."
Aberthaw & Rhose Portland Cement &
Lime Co. Ltd. Cimento marca "Mitra"
Read Brothers Limited, Londres
Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"
Curtis's & Harvey Ltd., Londres
Dynamite marca "Dragão"
Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres
Chá preto e verde marca "Bond"
William Pearson Ltd., Hull
Creolina, Pacolol e Pacofluido
Andrew Usher & Co., Edinburgo
Whisky "Liqueur"
J. Bollinger, Ay Champagne
Champagne "Bollinger"
P. Virabian & Cie., Marselha
Ladrilhos e Cimento
Holzapfels Ltd., New-Castle-on-Tyne
Tintas preparadas "Lagoline"

Acceptam pedidos para importação directa mediante
modica commissão



AMIDON



ESPLENDOR

Este é o verdadeiro amidon
brilhante, porque brilha como
:: nenhum outro ::

ooo

Industrias Reunidas
F. MATARAZZO
SÃO PAULO

ooo

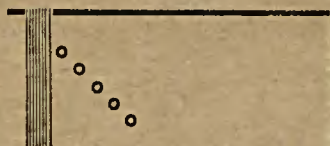
N. B. — As engommadeiras, quando não
quizerem dar brilho aos engommados, não devem
empregar o "AMIDON ESPLENDOR", porque
este amido é muito brilhante, e, por isso, pro-
prio para os engommados que requerem brilho.
Devem, nesse caso, usar outros amidos, de diver-
sas fabricas do paiz, que se encontram no mer-
cado com a denominação de AMIDO BRILHAN-
TE, — porque estes amidos são brilhantes só no
nome, e, aos engommados não communicam o
menor brilho.

ETABLISSEMENTS BLOCH

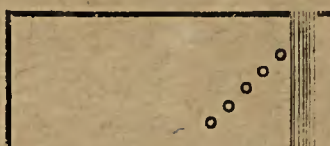
Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francs



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.



RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega



S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEDS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

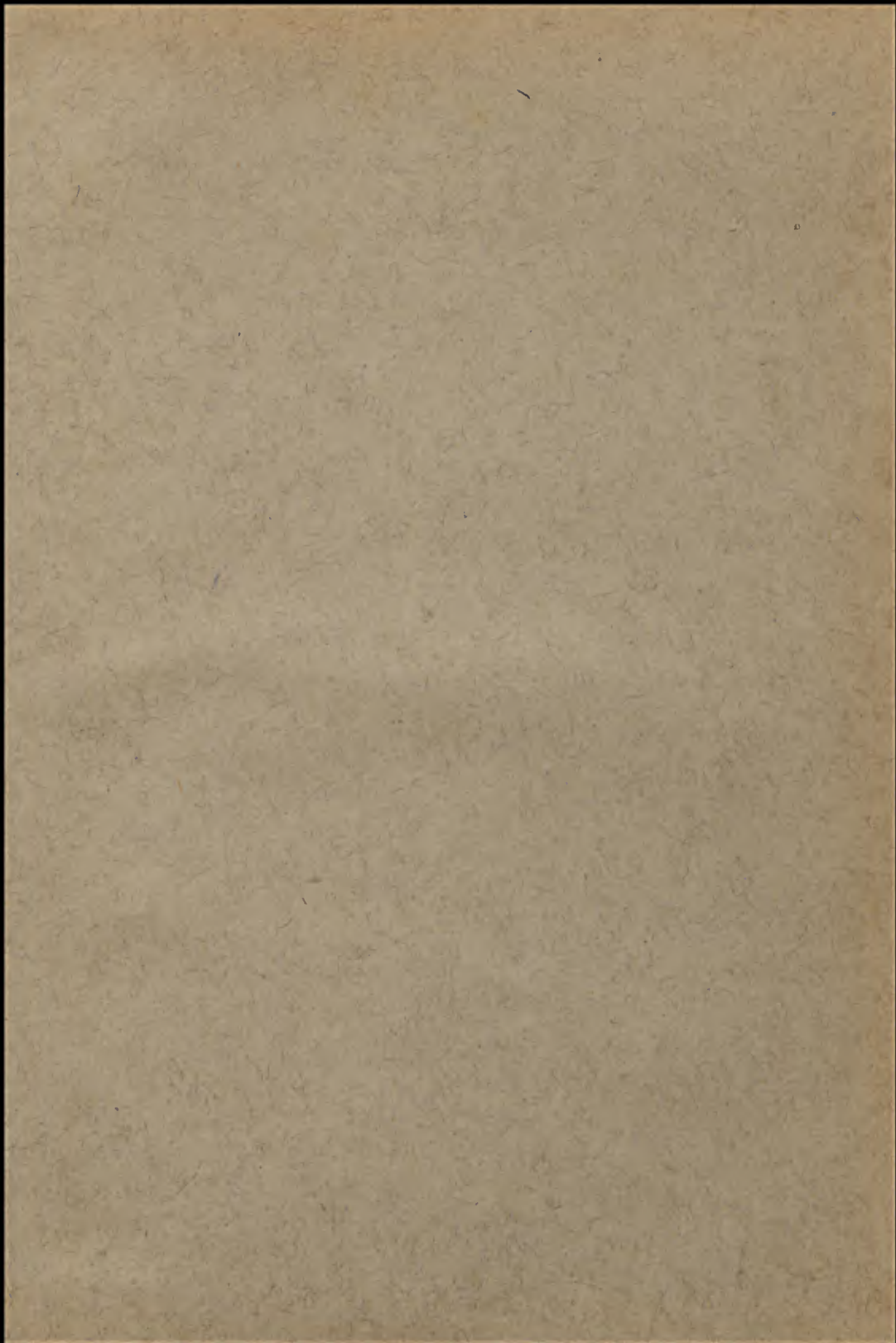
Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

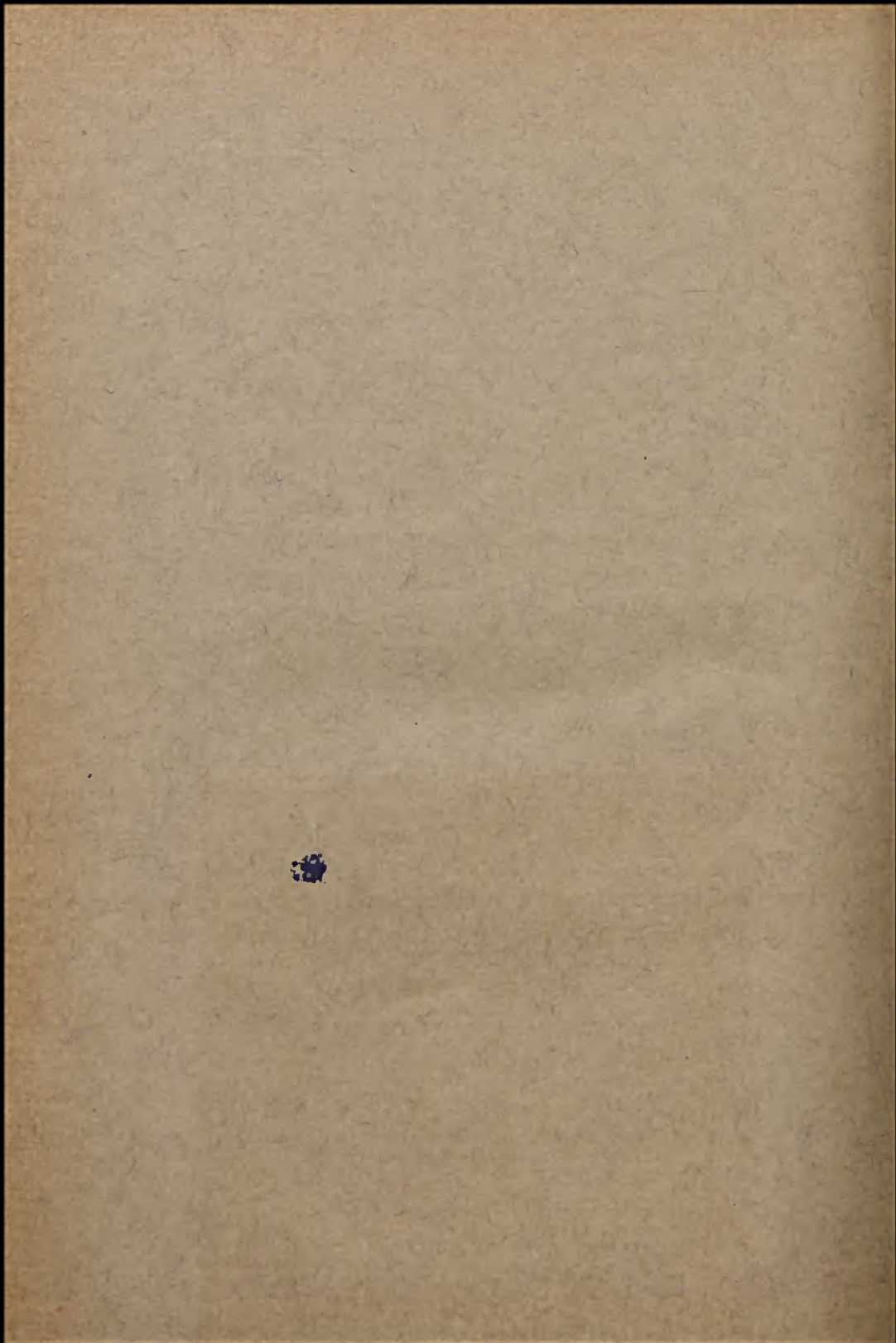
Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-6

SÃO PAULO

OFFICINAS DO "D ESTADO DE S. PAULO"





Esta publicidade deve ser devolvida na
última data marcada

02 MAI 1989		
09 SET 1989		
21 SET 1989		
20 OUT 1989		
03 NOV 1989		

20292	ANNO	1917
	DEVOLUÇÃO	08.06.1989
	VOL.	09-03-87 VOL. 6
	N.º	21-24
	CLASSIF.	OR050
		1502.91
		15-391
		30/9/82

TOMBO:

20292

INSTITUTO DE LETRAS, HISTÓRIA
E PSICOLOGIA DE ASSIS

BIBLIOTECA

PERIÓDICOS

ILHPA - Mod. SBD/62

